

Autor de *A Chave para Rebecca* e *O Homem de Sampetersburgo*

KEN FOLLETT

O TERCEIRO GÊMEO

Unidos pelo sangue, separados pelo crime

N.º 1 do *New York Times*



O TERCEIRO GÊMEO

Ken Follett

Tradução João Brito

Editorial Notícias — 1998

Aos meus enteados:

Jann Turner, Kim Turner e Adam Broer, com amor

SINOPSE

Jeannie Ferrami é uma brilhante pesquisadora universitária que quer provar que indivíduos geneticamente predispostos a atitudes agressivas podem sublimar essas características através de uma educação adequada.

Ela desenvolve suas pesquisas através de um software, capaz de identificar gêmeos idênticos criados separadamente.

Recorrendo às informações médicas de milhões de pessoas, contidas em bancos de dados, ela descobre um par ideal: um é criminoso e o outro, um cidadão exemplar.

Entretanto Jeannie se depara com uma situação impossível: os gêmeos são idênticos, mas nascidos de diferentes mães, em diferentes datas.

A descoberta deixa Jeannie em sérios apuros. Ela começa a enfrentar a perseguição de seu chefe, Berrington Jones, uma autoridade mundial em engenharia genética e sócio de uma companhia de manipulação genética, a Genetico Inc.

A empresa está prestes a ser vendida para uma companhia européia por US\$ 180 milhões, e a revelação dessa experiência pode colocar em risco a conclusão desse lucrativo negócio.

DOMINGO

1

Uma onda de calor cobria Baltimore como um sudário. Os subúrbios mais arborizados eram refrescados por milhares de regadores automáticos de relva, mas os habitantes endinheirados ficavam dentro de casa com o ar condicionado no máximo. Em North Avenue, inúmeras prostitutas procuravam as sombras e transpiravam sob as perucas, enquanto os miúdos de rua vendiam a droga que tiravam dos bolsos de calções largos. Estava-se no fim de Setembro, mas o Outono parecia encontrar-se ainda a léguas.

Um Datsun branco velho, com um dos faróis partido e remendado com fita isoladora, atravessou um bairro operário de brancos a norte do centro da cidade. O carro não possuía ar condicionado e o condutor abriu todas as janelas. Era um jovem bonito de vinte e dois anos, com calças de jeans, uma camiseta branca e um boné vermelho de basebol com a palavra "Segurança" escrita em letras brancas à frente. Sob as coxas, a napa do assento encontrava-se escorregadia do suor, mas ele parecia não se incomodar. Estava bem disposto. O rádio encontrava-se sintonizado na 92Q "Vinte seguidas sem parar!" No banco do passageiro via-se um dossiê aberto. O rapaz olhava de vez em quando para ele, tentando decorar uma página datilografada de termos técnicos para o teste do dia seguinte. Tinha facilidade em aprender, e após alguns minutos de estudo fixaria tudo.

Num semáforo vermelho, uma loura num Porsche conversível parou ao seu lado.

— Que belo carro! — elogiou ele, com um sorriso.

A mulher desviou o olhar sem dizer nada, mas o rapaz julgou detectar um sorriso nos cantos da sua boca. Levava óculos escuros e tinha provavelmente o dobro da idade dele: a maior parte das mulheres ao volante de Porsches tinha essa idade.

— Vamos fazer uma corrida até ao próximo semáforo — desafiou ele.

Ela deu uma gargalhada, um riso musical sedutor, e em seguida meteu a

primeira com mão muito elegante e arrancou como um foguete.

O rapaz encolheu os ombros. Estava só brincando.

Contornou o complexo universitário de Jones Falis, que tinha um aspecto muito mais pretensioso do que a universidade que ele frequentava. Quando passou junto aos imponentes portões, viu um grupo de oito ou nove mulheres suadas que corria em calções justos e tops. Era uma equipa feminina de hóquei em campo treinando, calculou ele, e a mais atlética, à frente, devia ser a capitã preparando-as para o novo campeonato.

Viraram para o complexo universitário e, de repente, foi dominado por uma fantasia tão forte e excitante que mal conseguia ver para guiar. Imaginou-as no vestiário: a mais rechonchuda a ensaboar-se na ducha, a ruiva a secar o cabelo comprido com uma toalha, a negra a vestir umas calcinhas brancas de renda, a capitã lésbica a passear nua exibindo os músculos, até que acontecia algo que as assustava. Subitamente, entravam todas em pânico, os olhos muito abertos de medo, gritavam e choravam quase à beira da histeria. Corriam em todas as direções, colidindo umas com as outras. A gorda caía e ficava ali chorando, impotente, enquanto as outras a pisavam, distraídas, tentando desesperadamente esconder-se, encontrar a porta ou fugir daquilo que as assustava.

O rapaz parou o carro junto ao meio-fio e pô-lo em ponto morto. Ofegava e sentia o coração a bater com força. Fora o melhor de todos. Mas faltava qualquer coisa na fantasia. O que as teria assustado? Vasculhou a sua imaginação fértil à procura e suspirou de prazer quando lhe ocorreu: um incêndio. O local estava a arder e elas ficavam aterrorizadas com as chamas. Tossiam e engasgavam-se devido a fumaça que as envolvia, enquanto corriam meio nuas e em pânico.

— Meu Deus — murmurou ele, olhando em frente e vendo a cena como um filme projetado do lado de dentro do pára-brisa do Datsun.

Passado algum tempo, acalmou-se. O seu desejo ainda era forte, mas a fantasia já não bastava: era como pensar numa cerveja quando se estava morrendo de sede. Levantou a parte de baixo da camiseta e limpou o suor do rosto. Sabia que devia tentar esquecer a fantasia e continuar a dirigir, mas ela era demasiado agradável. Seria incrivelmente perigoso... ficaria preso durante muitos anos se fosse apanhado; no entanto, o perigo nunca o impedira de fazer nada. Tentou resistir à tentação, mas apenas por um minuto.

— Não aguento mais — sussurrou, fazendo inversão de marcha e atravessando os imponentes portões que conduziam ao complexo universitário.

Já ali estivera antes. A universidade estendia-se por cem acres de relvados, jardins e bosques. A maior parte dos edifícios era feita de tijolo vermelho, mas havia algumas estruturas de cimento e vidro, todos ligados por estradas estreitas ladeadas por parquímetros.

A equipa de hóquei em campo tinha desaparecido, mas encontrou facilmente o ginásio: era um edifício baixo próximo de uma pista de atletismo, e em frente à entrada havia uma grande estátua de um discóbolo. Estacionou junto a um parquímetro, mas não meteu qualquer moeda na máquina. Nunca punha dinheiro nos parquímetros. A musculada capitã da equipa de hóquei encontrava-se nas escadas do ginásio falando com um rapaz de camiseta rasgada. Correu escadas acima, sorriu para a garota quando passou por ela e atravessou as portas do edifício.

O átrio estava cheio de jovens em calções e com fitas na cabeça que iam e vinham, de raquetes na mão e sacos desportivos ao ombro. Sem dúvida, a maior parte das equipas da faculdade treinava aos domingos. Havia um segurança atrás de uma secretária no átrio a verificar os cartões de estudante que lhe eram mostrados, mas, nesse momento, um grande grupo de atletas passou por ele correndo, alguns acenando-lhe com o cartão, outros esquecendo-se, e o segurança encolheu os ombros e continuou a ler *A Zona Morta**

* Romance de Stephen King (N.T.)

O desconhecido virou-se e olhou para um armário de vidro onde eram exibidas taças, troféus ganhos pelos alunos da Jones Falis. Pouco depois, entrou uma equipa de futebol, dez homens e uma mulher entroncada com chuteiras, e ele deslocou-se rapidamente para se lhes juntar. Atravessou o átrio no meio do grupo e desceu umas escadas largas que conduziam a cave. Os jovens falavam do jogo, sorrindo devido a um gol feliz e furiosos por causa de uma falta escandalosa, e não repararam nele.

O seu andar era descontraído, mas os olhos estavam atentos. Ao fundo das escadas havia um pequeno vestíbulo com uma máquina de Coca-Cola e

um telefone de moedas. O vestiário dos homens ficava logo a seguir ao vestíbulo. A mulher que entrara com os jogadores de futebol seguiu por um grande corredor, provavelmente em direção ao vestiário, que devia ter sido acrescentado a posteriori por um arquiteto que nunca imaginara que iria haver tantas mulheres na Jones Falis, nos tempos em que a educação feminina era considerada uma coisa supérflua.

O desconhecido levantou o auscultador e fingiu procurar uma moeda. Os homens entraram no vestiário. Viu uma mulher abrir uma porta e desaparecer.

"Ali deve ser o vestiário das mulheres. Estão todas lá dentro", pensou, excitado, "a despir-se, tomando ducha e a esfregarem-se com toalhas". Aquela proximidade fê-lo ficar em brasa. Limpou a testa com as costas da mão. Para completar a sua fantasia só lhe faltava pregar-lhes um susto de morte.

Acalmou-se. Não iria estragar tudo com a pressa. Precisava planejar as coisas durante alguns minutos.

Quando ficou sozinho, avançou pelo corredor atrás da mulher.

Havia três portas, uma de cada lado e outra ao fundo. A mulher seguira pela da direita. Foi abrir a do fundo e viu que dava para uma sala grande e empoeirada cheia de máquinas: caldeiras e filtros, calculou, para a piscina. Entrou e fechou a porta. Ouvia-se um ligeiro zumbido, provocado pela eletricidade. Visualizou uma garota apavorada, vestida apenas com a roupa interior (imaginou um soutien e umas calcinhas de flores), deitada no chão a olhar para ele com os olhos cheios de medo enquanto ele desapertava o cinto. Saboreou a visão durante mais algum tempo, sorrindo. Ela estava apenas a alguns metros. Naquele momento, poderia estar imaginando como iria ser a sua noite. Talvez tivesse um namorado e daí a algumas horas o deixasse fazer tudo o que ele quisesse; ou podia ser uma caloura, solitária e um pouco tímida, sem nenhum programa para o domingo à noite a não ser assistir a mais um episódio de Columbo; ou talvez tivesse de entregar um trabalho no dia seguinte e tencionasse fazer uma direta para acabá-lo. "Não vai ser nada disso, querida. Chegou a hora dos pesadelos".

Já anteriormente fizera aquilo, embora numa escala menor. Sempre gostara de assustar garotas. No liceu, nada lhe agradava mais do que apanhar uma garota sozinha, em algum lugar numa esquina, e ameaçá-la até ela

implorar misericórdia. Era por isso que andava sempre mudando de escola. Às vezes saía com garotas só para ser como os outros rapazes e ter alguém com quem pudesse entrar de braço dado no bar. Se pareciam receptivas ia para a cama com elas, mas isso nunca tivera graça.

Calculava que toda a gente tinha as suas fantasias; alguns homens gostavam de vestir roupa de mulher, outros de ter uma garota vestida de cabedal a passear sobre eles de saltos altos e pontiagudos. Um tipo que conhecia achava que a parte mais sensual das mulheres eram os pés, ficava com uma ereção quando ia às sapatarias e as via experimentar sapatos. A fantasia dele era o medo. O que o excitava era uma mulher a tremer de medo. Sem medo não havia excitação.

Ao olhar metodicamente em volta, reparou numa escada presa à parede que levava a um alçapão de ferro trancado por dentro. Subiu rapidamente a escada, abriu os fechos e empurrou o alçapão. Deparou com os pneus de um Chinler New Yorker no parque de estacionamento. Depois de se orientar, calculou que estava nos fundos do edifício. Fechou o alçapão e desceu.

Saiu da sala das máquinas. Ao percorrer o corredor, uma mulher que vinha em sentido contrário lançou-lhe um olhar hostil. Sentiu-se momentaneamente ansioso. Ela poderia perguntar-lhe o que raio fazia ali à porta do vestiário das mulheres. Uma alteração daquelas não estava no programa. Naquele momento, isso poderia arruinar os seus planos. Mas o olhar dela subiu até ao boné, leu a palavra "Segurança" e desviou-se. Pouco depois entrava no vestiário. Sorriu. Comprara o boné por nove dólares numa loja de recordações. No entanto, as pessoas estavam habituadas a ver guardas de calças de jeans nos concertos de música rock, detetives com aspecto de bandidos até exibirem os seus crachás, polícias de suéter nos aeroportos; dava demasiado trabalho pedir a identificação de todos os idiotas que diziam ser seguranças.

Experimentou a porta em frente ao vestiário. Dava para uma pequena arrecadação. Acendeu a luz e fechou a porta atrás de si.

À sua volta via-se equipamento de ginástica obsoleto: bolas pretas cheias de areia, colchões de borracha gastos, maçãs, luvas de boxe bolorentas e cadeiras desdobráveis de madeira cheia de lascas. Havia ainda um cavalo com a espuma a ver-se através da napa rasgada e com uma perna partida. A arrecadação cheirava a bafio. No teto havia um tubo prateado bastante largo,

que devia ventilar o vestiário do outro lado do corredor.

Esticou-se e experimentou os ferrolhos que prendiam o tubo ao que parecia ser uma ventoinha. Não conseguiu rodá-los com os dedos, mas tinha uma chave inglesa no porta-bagagens do Datsun. Se conseguisse soltar o tubo, a ventoinha puxaria o ar da arrecadação em vez do exterior do edifício.

Atearia o fogo debaixo da ventoinha. Iria arranjar uma lata de gasolina e verteria alguma para uma garrafa de água mineral que levaria até ali, juntamente com fósforos, um jornal para atear e a chave-inglesa.

A fogueira iria arder rapidamente e soltaria grandes nuvens de fumaça. Ele taparia a boca e o nariz com um pano molhado e esperaria até a arrecadação estar cheia de fumaça. Depois, soltaria o tubo de ventilação. A fumaça seria puxada para a conduta e sairia no vestiário das mulheres. A princípio ninguém daria por isso. Depois uma ou duas fungariam e perguntariam: "Está alguém fumando?" Ele abriria a porta da arrecadação e deixaria o corredor encher-se de fumaça. Quando as garotas se apercebessem de que algo de errado se passava, abririam a porta do vestiário e pensariam que todo o edifício estava a arder. Então entrariam em pânico.

Nessa altura, ele avançaria para o vestiário. Depararia com um mar de soutiens, meias, seios e pêlo púbico. Algumas sairiam a correr das duchas, nuas e molhadas, à procura das toalhas; outras tentariam vestir-se; a maior parte andaria a correr à procura da porta, meio cega pelo fumo. Haveria pânico, soluços e gritos de medo. Ele continuaria a fingir ser um segurança e gritar-lhes-ia ordens: "Não parem para se vestir! Isto é uma emergência! Saiam! O edifício está queimando! Corram, corram!" Daria palmadas nos traseiros nus, iria empurrá-las e apalpá-las e esconderia as suas roupas. Iriam desconfiar que havia algo de estranho naquilo tudo, mas a maior parte estaria demasiado assustada para perceber o que seria. Se a musculosa capitã da equipe de hóquei ainda lá se encontrasse, talvez tivesse presença de espírito suficiente para desafiá-lo, mas ele pô-la-ia a dormir com um soco.

Caminhando em volta, escolheria a sua vítima. Seria uma garota bonita, de aspecto vulnerável. Pegar-lhe-ia no braço e diria: "Venha por aqui, por favor, eu sou segurança". Levá-la-ia para o corredor, depois viraria na direção errada, na direção da sala das máquinas da piscina. Ali, quando ela pensasse que estava quase a salvo, dar-lhe-ia um soco e esmurrá-la-ia no estômago, atirando-a para o chão de cimento sujo. Vê-la-ia rolar até se sentar, de

respiração entrecortada, a soluçar e a olhá-lo aterrorizada.

Então ele sorriria e desapertaria o cinto.

2

—Quero ir para casa — disse Sra. Ferrami.

— Não se preocupe, mãe, vamos te tirar daqui mais depressa do que julga respondeu a sua filha Jeannie.

Patty, a irmã mais nova de Jeannie, lançou-lhe um olhar que parecia dizer: "Como raio acha que vamos fazer isso?"

O Lar Bella Vista Sunset era tudo o que o seguro da mãe podia pagar, e era miserável. O quarto tinha duas camas de hospital muito altas, dois roupeiros, um sofá e uma televisão. As paredes estavam pintadas de castanho-cogumelo e o chão era de azulejos de plástico creme com riscas cor de laranja. As janelas tinham grades, mas nada de cortinas, e davam para uma bomba de gasolina. A um canto havia um lavatório, e a casa de banho ficava ao fundo do corredor.

—Quero ir para casa — repetiu a mãe.

— Mas, mãe — contrapôs Patty, passa a vida a esquecer-te das coisas... já não consegue olhar por você.

— É claro que consigo! Não ouse falar comigo nesse tom! — Jeannie mordeu o lábio. Tinha vontade de chorar de cada vez que olhava para a ruína daquela que fora sua mãe. Esta tinha feições marcadas: sobrancelhas pretas, olhos escuros, um nariz aquilino, uma boca larga e um queixo bem delineado. Essas feições repetiam-se em Jeannie e Patty, embora a mãe fosse pequena e elas altas como o pai. Todas eram tão determinadas quanto o sugeria a sua aparência: "formidável" era a palavra geralmente utilizada para descrever as mulheres Ferrami. Mas a mãe nunca mais voltaria a ser formidável. Sofria da doença de Alzheimer.

Ainda não completara sessenta anos. Jeannie, com vinte e nove, e Patty, com vinte e seis, tinham esperado que ela conseguisse olhar por si própria durante mais alguns anos, mas essa esperança fora destruída às cinco horas daquela manhã, quando um polícia de Washington telefonara dizendo que encontrara a mãe delas na Rua Dezoito em camisola, a chorando e a dizer que não conseguia lembrar-se onde vivia.

Jeannie entrara no carro e fora para Washington, que ficava à uma hora

de Baltimore, numa manhã calma de domingo. Foi buscar a mãe à esquadra, levou-a para casa, lavou-a e vestiu-a e depois chamou Patty. As duas irmãs trataram de tudo para ela ser admitida no Bella Vista. Ficava em Colúmbia, entre Washington e Baltimore. A tia Rosa passara ali os seus últimos anos, pois tivera uma apólice igual à da mãe.

— Não gosto deste lugar — disse a mãe.

— Nós também não — garantiu Jeannie, mas agora não temos dinheiro para mais. Pretendera parecer razoável, mas as suas palavras foram ríspidas.

Patty olhou-a com uma expressão reprovadora.

— Vá lá, mãe — interveio, já vivemos em lugares piores. Era verdade. Depois de o pai ter ido para a prisão pela segunda vez, as duas garotas e a mãe haviam vivido num quarto com uma chapa elétrica sobre a cômoda e uma torneira no corredor. Sobreviveram nesses anos graças à Segurança Social. Porém, a mãe enfrentara a adversidade com unhas e dentes. Assim que Jeannie e Patty foram para a escola, arranjou uma mulher de confiança para olhar por elas quando chegassem a casa, procurou um emprego (havia sido cabeleireira, e ainda era boa, se bem que um tanto ou quanto antiquada) e mudaram-se para um pequeno apartamento de dois cômodos em Adams-Morgan, na altura um bairro operário respeitável.

Fazia fatias douradas ao café da manhã, mandava Jeannie e Patty para a escola com vestidos lavados, depois penteava-se e pintava-se (trabalhando num salão, tinha de estar sempre apresentável) e deixava sempre a cozinha imaculada, com um prato de biscoitos em cima da mesa para as filhas comerem mais tarde. Aos domingos, as três limpavam o apartamento e lavavam a roupa. A mãe sempre fora uma pessoa tão capaz, tão de confiança, tão incansável que fazia pena olhar para aquela mulher esquecida e lamecha ali na cama.

Ela imobilizou-se, como se estivesse intrigada.

— Jeannie — perguntou, por que é que tem um brinco no nariz?

Jeannie tocou ao de leve na delicada argola prateada e sorriu.

— Eu furei o nariz quando era menina, mãe. Não se lembra que ficou furiosa? Até julguei que ia expulsar-me de casa.

— Não posso lembrar-me de tudo — retorquiu a mãe.

—Eu lembro-me bem — interveio Patty. Achei isso espetacular. Mas nessa altura eu tinha onze anos e você catorze, e tudo o que fazia era para mim ousado, moderno e inteligente.

— E talvez fosse — disse Jeannie, fingindo-se vaidosa. Patty deu uma gargalhada.

— O mesmo não se pode dizer do casaco cor de laranja...

— Meu Deus, esse casaco! Acabou por queimá-lo depois de eu ter dormido com ele num prédio abandonado cheio de pulgas.

— Disso recordo-me — disse a mãe. Pulgas! Uma filha minha! Ainda parecia indignada, embora já se tivessem passado quinze anos.

A atmosfera ficou mais desanuviada. Aquelas recordações haviam-nas feito perceber que ainda continuavam muito chegadas. Era uma boa altura para se irem embora.

— É melhor ir andando — disse Jeannie, levantando-se.

— Eu também — secundou Patty. Tenho de fazer o jantar. Contudo, nenhuma das mulheres avançou em direção à porta.

Jeannie teve a sensação de estar abandonando a mãe, deixando-a sozinha numa altura daquelas. Ali, ninguém a amava. Devia ter alguém da família que olhasse por ela. Jeannie e Patty deviam ficar com a mãe, fazer-lhe a comida, engomar-lhe as camisolas e mudar a televisão para o seu canal preferido.

— Quando voltarei a vê-las? — perguntou a mãe.

Jeannie hesitou. Queria dizer: "Amanhã te trago o café da manhã e passo o dia contigo". Mas era impossível: tinha uma semana muito ocupada no emprego. Sentiu-se cheia de remorsos. "Como posso ser tão cruel?"

Patty salvou-a.

— Eu venho amanhã, e trago os meninos, se quiser.

Contudo, a mãe não iria deixar Jeannie escapar-se com tanta facilidade.

— Também vem, Jeannie? Esta mal conseguia falar.

— Assim que puder. Quase engasgada com o sofrimento, inclinou-se sobre a cama e beijou a mãe. Te amo muito, mamã. Não se esqueça disso.

Do lado de fora da porta, Patty desatou a chorar.

Jeannie teve vontade de fazer o mesmo, mas era a irmã mais velha e já há muito que tinha o hábito de controlar as suas emoções quando olhava por Patty. Colocou um braço sobre os ombros da irmã enquanto caminhavam pelo corredor anti-séptico. Patty não era fraca, mas mais sensível do que Jeannie, combativa e determinada. A mãe sempre a criticara, dizendo que ela deveria ser mais parecida com Patty.

— Gostaria muito de tê-la comigo lá em casa, mas não posso — lamentou-se Patty.

Jeannie concordou. Patty era casada com um carpinteiro chamado Zip. Viviam numa pequena casa com dois cômodos. O segundo quarto era partilhado pelos três filhos do casal: Davey tinha seis anos, Mel quatro e Tom dois. Não havia lugar para a avó.

Jeannie vivia sozinha. Enquanto professora assistente na Universidade Jones Falis, ganhava trinta mil dólares por ano, muito menos do que o marido de Patty, segundo calculava, e acabara de fazer a primeira hipoteca para comprar um apartamento de dois quartos que mobiliara a crédito. Tinha uma sala com uma pequena kitchenette e um quarto com um roupeiro e um pequeno banheiro. Se desse a sua cama à mãe teria de dormir todas as noites no sofá, e durante o dia não havia ninguém em casa para tomar conta de uma mulher com a doença de Alzheimer.

— Eu também não posso ficar com ela.

— Então por que lhe disse que vamos de tirá-la daqui? — perguntou, furiosa. Não podemos!

Saíram para o calor abrasador.

— Amanhã vou ao banco pedir um empréstimo — disse Jeannie. Colocamo-la num lugar melhor e eu aumento o seguro dela.

— Mas como é que vai depois conseguir pagar o empréstimo?

— Hei de ser promovida, depois me encomendam um livro e a seguir sou contratada como consultora por três multinacionais.

Patty sorriu através das lágrimas.

— Eu acredito em você, mas será que o banco também?

Patty sempre acreditara em Jeannie. Ela própria nunca fora ambiciosa. Na escola andara sempre abaixo da média, casara com dezenove anos e

preparara-se para criar filhos, aparentemente sem arrependimentos. Jeannie era o oposto. A melhor da aula e capitã de todas as equipes de desporto, fora campeã de tênis e frequentara a universidade com bolsas de estudo. Patty não duvidava das coisas que ela dizia que iria fazer.

No entanto, Patty tinha razão, o banco nunca concordaria com outro empréstimo depois de lhe ter concedido um para a compra do apartamento. E ainda há pouco começara a sua carreira de professora: só dali a três anos é que poderia ser promovida. Quando chegaram ao parque de estacionamento, Jeannie disse, desesperada:

— Okay, vou vender o carro.

Ela adorava-o. Era um Mercedes 230 C com vinte anos, vermelho, de duas portas e bancos pretos em couro. Comprara-o havia oito anos, com os cinco mil dólares que recebera por ter ganhado o Torneio de Tênis Mayfair Lites. E isso fora antes de ser considerado chique ter um Mercedes antigo.

— Provavelmente vale o dobro daquilo que paguei por ele.

— Mas teria de comprar outro carro — contrapôs Patty, mais realista.

— Tem razão — concordou Jeannie, com um suspiro. Bom, posso dar umas explicações. É contra as regras da universidade, mas sempre posso ganhar quarenta dólares à hora a ensinar estatística a alunos ricos que chumbaram nos exames de outras universidades. Talvez conseguisse sacar trezentos dólares por semana. Sem impostos, se não o declarar. Olhou a irmã nos olhos. Consegue poupar alguma coisa?

Patty desviou o olhar.

— Não sei.

— O Zip ganha mais do que eu.

— Ele mata-me se souber que eu disse isto, mas creio que talvez consigamos juntar setenta e cinco ou oitenta dólares por semana — respondeu Patty, por fim. Vou dizer-lhe para pedir um aumento. Ele tem vergonha de pedir essas coisas, mas sei que merece e o patrão gosta dele. Jeannie começou a ficar mais animada, embora a perspectiva de passar os domingos a dar explicações não lhe agradasse muito. Com mais cem dólares por semana, talvez consigamos pôr a mãe num quarto individual com banheiro privativo. E poderia ter mais das suas coisas com ela, alguns bibelôs e móveis do apartamento. Vamos investigar e saber se alguém conhece um

bom lar.

— Está bem. Patty continuava pensativa. A doença da mãe é hereditária, não é? Vi um programa na televisão sobre isso — Jeannie assentiu. Há um gene defeituoso, o AD três, que está ligado ao aparecimento prematuro da Alzheimer. Ficava no cromossomo 14q24.3, recordou-se Jeannie, mas isso nada significaria para Patty.

— Isso quer dizer que nós vamos acabar como a mãe?

— Quer dizer que há fortes probabilidades de que isso aconteça. Ficaram em silêncio durante alguns minutos. A possibilidade de perder a memória era demasiado aterradora para ser discutida. Ainda bem que tive os meus filhos cedo comentou Patty. Quando isso me acontecer já serão suficientemente crescidos para olharem por si. Jeannie percebeu a indireta. Tal como a mãe, Patty achava que havia algo de errado numa mulher com vinte e nove anos sem filhos.

— O fato de terem descoberto o gene é positivo e pode dar-nos alguma esperança — disse Jeannie. Quando tivermos a idade da mãe talvez consigam injetar-nos uma versão modificada do nosso DNA que não contenha o gene fatal. Falaram disso na televisão.

— Tecnologia do DNA recombinante, não é?

Jeannie sorriu — Exato. Está vendo, não sou assim tão estúpida.

— Nunca achei que fosses estúpida. Mas há uma questão, o DNA faz-nos ser aquilo que somos. Então, se mudar o meu DNA, será que me transformo numa pessoa diferente?

— Não é só o DNA que te faz ser o que és. É também a tua educação. É disso que trata o meu trabalho.

— E que tal vai ele?

— É empolgante. Esta é a minha grande oportunidade, Patty. Muita gente leu o meu artigo sobre criminalidade e sobre se ela está contida nos nossos genes. O artigo, publicado no ano anterior, quando ela frequentava ainda a Universidade de Minnesota, ostentava o nome do coordenador por cima do seu, embora tivesse sido ela a fazer todo o trabalho.

— Não consegui perceber se dizia que a criminalidade é ou não herdada.

— Identifiquei quatro características herdadas que conduzem ao

comportamento criminoso: impulsividade, intrepidez, agressão e hiperatividade, mas a minha grande teoria é que certas formas de educação contrapõem essas características e transformam potenciais criminosos em bons cidadãos.

— Como é que pode provar uma coisa dessas?

— Estudando gêmeos univitelinos criados separadamente. Esses gêmeos têm o mesmo DNA. E quando são adotados à nascença, ou separados por qualquer razão, são educados de maneira diferente. Por isso, procuro pares de gêmeos em que um seja um criminoso e o outro um indivíduo normal. Depois estudo a forma como foram educados e o que é que os pais fizeram de diferente.

— O teu trabalho é muito importante — disse Patty.

— Também acho.

— Temos de descobrir por que motivo tantos americanos são atualmente criminosos.

Jeannie assentiu. Resumidamente, era isso.

Patty virou-se para o seu carro, uma caminhonete Ford com carroçaria de madeira com a mala cheia de brinquedos: um triciclo, um carrinho de bebê desmontado, várias raquetes e bolas e um caminhão de plástico com o volante partido.

— Dá um beijinho nos meninos, está bem? — disse Jeannie.

— Obrigada. Telefono-te amanhã depois de ir visitar a mãe. Jeannie tirou as chaves da mala, hesitou, depois se aproximou de Patty e abraçou-a.

— Amo-te, mana.

— Eu também te amo.

Jeannie entrou no carro e arrancou. Sentia-se desnorteada e inquieta, com sentimentos indefinidos em relação à mãe, a Patty e ao pai, que não estava presente. Entrou na 1-70 e seguiu a grande velocidade, ziguezagueando por entre os carros. Perguntava a si própria o que ia fazer durante o resto do dia, depois se lembrou de que tinha combinado ir jogar ténis às seis e em seguida comer uma pizza com um grupo de alunos do último ano e alguns professores do departamento de psicologia da Jones Falls. Apeteceu-lhe cancelar tudo, mas não estava com vontade de passar a noite pensando na morte da

bezerra. Decidiu ir jogar tênis. O exercício faria com que se sentisse melhor. Depois iria ao Bar Andy's, ficaria lá cerca de uma hora e iria cedo para a cama Mas as coisas não correram dessa forma O seu adversário no tênis era Jack Budgen, o bibliotecário principal da universidade. Já jogara em Wimbledon e, embora agora fosse careca e tivesse cinquenta anos, ainda se mantinha em forma e não perdera a perícia. Jeannie nunca fora a Wimbledon. O ponto mais alto da sua carreira fora um lugar na equipe olímpica de tênis enquanto estudante Mas era mais forte e rápida do que Jack Jogaram num dos courts de terra batida do complexo universitário. Eram dois antagonistas à altura um do outro e o jogo atraiu alguns espectadores. Não havia uma norma rígida em relação ao equipamento, mas, por hábito, Jeannie levava sempre calções brancos e uma pólo da mesma cor. Tinha cabelo escuro comprido, não sedoso e liso como o de Patty, mas encaracolado e indomável, por isso prendeu-o debaixo do boné O serviço de Jeannie era dinamite e o slash oblíquo poderosíssimo. Jack não pôde fazer muito quanto ao serviço, mas depois dos primeiros lançamentos certificou-se de que ela não tinha muitas oportunidades de utilizar o... oblíquo. Fez um jogo de astúcia, poupando as energias e deixando Jeannie cometer os erros. Ela jogava com agressividade, falhando nos serviços e correndo para a rede demasiado cedo. Num dia normal, pensou ela, poderia ganhar dele, mas hoje não conseguia concentrar-se nem adivinhar que jogo ele faria. Cada um ganhou uma partida, depois a terceira chegou aos 5-4 a favor dele e ela teve de servir para continuar a jogar.

O jogo prosseguiu com dois empates, depois Jack ganhou um ponto e ficou em vantagem. Jeannie serviu para a rede e a audiência soltou um ah! de espanto. Em vez de um segundo serviço normal, mais lento, ela mandou a precaução às urtigas e tornou a fazer o serviço como se fosse o primeiro. Jack chegou a custo à bola e devolveu-a com um golpe oblíquo. Ela acertou-lhe e correu para a rede. Mas Jack não estava tão desequilibrado como fizera crer e devolveu-lhe uma bola alta perfeita, que lhe passou por cima da cabeça e foi cair na linha de fundo, dando-lhe a vitória.

Jeannie ficou olhando para a bola, com as mãos nos quadris, furiosa consigo mesma. Embora já há alguns anos não jogasse a sério, ainda encarava aquilo como uma competição e era-lhe difícil aceitar a derrota. Depois acalmou-se e sorriu, virando-se.

— Boa jogada! — exclamou.

Aproximou-se da rede e apertou-lhe a mão. Os espectadores aplaudiram. Um jovem aproximou-se dela.

— Foi um grande jogo! exclamou ele com um enorme sorriso. Jeannie avaliou-o com um único olhar. Era um borracho: alto, atlético, cabelo louro encaracolado bastante curto e bonitos olhos azuis. Naquele momento estava a atirar-se para ela com todo o gás. Não se sentia com disposição.

— Obrigada — respondeu lacônica.

Ele tornou a sorrir, um sorriso descontraído e confiante, que dizia que a maior parte das garotas ficava feliz quando ele lhes dirigia a palavra, independentemente de fazer ou não sentido.

— Eu também jogo um pouco de ténis, e estava pensando...

— Se só joga um pouco de ténis, provavelmente joga pior do que eu — ripostou Jeannie, passando por ele.

Ouviu-o responder bem humorado:

— Então devo pressupor que um jantar romântico seguido de uma noite de amor está fora de questão?

Ela não conseguiu evitar sorrir, pelo menos pela sua insistência, e reconheceu que fora mais ríspida do que o necessário. Virou a cabeça e falou por cima do ombro, sem se deter:

— Sim, mas obrigada pelo convite.

Saiu do court e dirigiu-se aos balneários. Interrogou-se sobre o que estaria a mãe fazendo naquele momento. Já devia ter jantado. Eram sete e meia e nos lares serviam sempre cedo as refeições. Provavelmente estaria vendo televisão na sala comum. Talvez arranjasse uma amiga, uma mulher da sua idade que tolerasse os seus esquecimentos e se interessasse pelas fotografias dos netos. A mãe já tivera muitos amigos, as outras mulheres do salão de cabeleireiro, algumas das clientes vizinhas, pessoas que conhecera durante vinte e cinco anos, mas era difícil conservar essas amizades quando todo o tempo se esquecia de quem eram as pessoas. Quando passou pelo campo de hóquei deparou com Lisa Hoxton. Lisa era a única amiga que ela fizera desde que chegara à Jones Falis, havia um mês. Era técnica no laboratório de psicologia. Formara-se em Ciências, mas não queria seguir a carreira académica tal como Jeannie, era oriunda de famílias pobres e sentia-

se intimidada pelo prestígio da Jones Falis. Haviam simpatizado imediatamente uma com a outra.

— Um menino acabou de tentar paquerar-me — disse Jeannie com um sorriso.

— Como é que ele era?

— Parecido com o Brad Pitt, só que mais alto.

— Disse-lhe que tinha uma amiga quase da idade dele? — perguntou Lisa, que tinha vinte e quatro anos.

— Não. Jeannie olhou por cima do ombro, mas o homem não estava à vista.

— Não pare, para o caso de ele me seguir.

— Achou assim tão mau?

— Anda daí Jeannie, tem é que fugir dos feios.

— Pára com isso.

— Podia ter-lhe dado o meu número de telefone.

— Devia era ter-lhe dado o número do teu soutien, e não seria preciso mais nada Lisa deteve-se.

Por um momento, Jeannie pensou que tinha ido demasiado longe e que ofendera Lisa. Começou procurar de uma desculpa.

— Que boa ideia. — exclamou Lisa, então "Sou uma trinta e seis D. Para mais informação, contate este número.

— É também muito subtil.

— Eu tenho é inveja. Sempre quis ser mamalhuda — disse Jeannie, e riram-se ambas. Mas a verdade é que rezei para ter mamãs.

— Fui a última garota da turma a ter o período, o que foi um pouco embaraçoso.

— Chegou mesmo a pedir de joelhos, ao lado da cama, "Meu Deus, por favor, faz com que as minhas mamãs cresçam".

— Por acaso rezei à Virgem Maria. Achei que era um assunto mais próprio de mulheres. E não disse "mamãs", é claro.

— Então o que disse, "seios"?

— Não, achei que não podia dizer "seios" à Virgem.

— Então o que lhe chamou?

— "Boazinhas".

Lisa desatou a rir.

Não sei onde é que ouvi a palavra, com certeza nalguma conversa de homens. Achei que era um bom eufemismo. Nunca contei isto a ninguém.

Lisa olhou para trás.

— Bom, não vejo nenhum rapaz bem parecido atrás de nós. Creio que despistamos o Brad Pitt.

— Ainda bem. Ele era mesmo o meu gênero: bonito, sexy, cheio de autoconfiança, mas de pouca confiança.

— Como é que sabe que não pode confiar nele? Só o viu durante vinte segundos!

— Não se pode confiar em nenhum homem.

— Se calhar tem razão. Vais logo ao Andy's?

— Sim, mas só por uma hora. Primeiro tenho de tomar ducha. Tinha a pólo encharcada em suor.

— Eu também. Lisa trazia calções e tênis. Estive treinando com a equipe de hóquei. Mas porquê só por uma hora?

— Tive um dia difícil. O jogo distraía-a um pouco, mas naquele momento fez uma careta quando se lembrou de tudo. Tive de colocar a minha mãe num lar.

— Oh! Jeannie, lamento.

Jeannie contou-lhe a história enquanto entravam no edifício do ginásio e desciam as escadas até à cave. No vestiário, viu a sua imagem e a da amiga ao espelho. Eram completamente diferentes fisicamente. Lisa era mais baixa do que a média e Jeannie tinha quase um metro e oitenta. Lisa era loura e voluptuosa, ao passo que Jeannie era morena e atlética. Lisa tinha um rosto bonito, com algumas sardas, um narizinho arrebitado e lábios grossos. A maior parte das pessoas dizia que Jeannie era vistosa, alguns homens consideravam-na engraçada, mas nunca ninguém lhe chamara bonita.

— E o teu pai? — perguntou Lisa, enquanto tiravam a roupa suada. Não falou nele.

Jeannie suspirou. Aprendera a temer aquela pergunta desde pequena, mas ela acabava invariavelmente por surgir, mais cedo ou mais tarde. Mentira durante muitos anos, dizendo que o pai morrera, ou que tinha desaparecido, ou que tornara a casar e fora trabalhar para a Arábia Saudita, mas nos últimos tempos começara a dizer a verdade.

— O meu pai está preso.

— Oh!, meu Deus! Não devia ter perguntado.

— Não faz mal. Esteve preso quase toda a minha vida. É ladrão. Já é a terceira pena que cumpre.

— De quanto tempo é esta?

— Não me lembro, mas também não interessa. Quando sair, não servirá para nada. Nunca tomou conta de nós e não é agora que vai começar.

— Nunca teve um emprego regular?

— Só quando queria assaltar algum lugar. Trabalhava lá como zelador, porteiro ou segurança durante uma semana ou duas antes de roubá-lo.

— É por isso que estás tão interessada na genética dos criminosos? — perguntou Lisa.

— Talvez.

— Provavelmente, não — retorquiu Lisa com um gesto, a afastar o assunto. Seja como for, detesto amadorismo na psicanálise.

Foram para as duchas. Jeannie demorou mais tempo, pois lavou a cabeça. Sentia-se grata pela amizade de Lisa. Esta já estava em Jones Falis havia um ano e fizera as honras da casa a Jeannie quando ela chegara no princípio do semestre. Jeannie gostava de trabalhar com Lisa no laboratório, porque ela era uma pessoa de grande confiança, e gostava de sair com ela depois do trabalho, porque sentia que podia dizer o que lhe viesse à cabeça sem ter medo de chocá-la.

Estava a pôr o condicionador no cabelo quando começou a ouvir ruídos estranhos. Imobilizou-se e escutou. Pareciam gritos de medo. Um arrepio de ansiedade percorreu-a, fazendo-a tremer. De repente, sentiu-se vulnerável:

nua, molhada, ali debaixo da terra. Hesitou, depois enxaguou rapidamente o cabelo antes de sair da ducha para ver o que estava a passar-se.

Sentiu o cheiro a queimado assim que fechou a água. Não via fogo, mas havia nuvens espessas de fumaça negro e cinzento junto ao teto. Parecia sair dos ventiladores.

Sentiu medo. Nunca estivera num incêndio.

As garotas mais calmas pegavam as bolsas e dirigiam-se para a porta. Outras estavam histéricas, gritando umas às outras com vozes assustadas e correndo de um lado para o outro. Um segurança idiota, com uma bandaria a cobrir a boca e o nariz, assustava-as ainda mais, andando por ali a gritar ordens.

Jeannie sabia que não devia perder tempo a vestir-se, mas não tinha coragem de sair nua do edifício. O medo corria nas suas veias como água gelada, mas ela obrigou-se a ter calma. Encontrou o seu armário. Não viu Lisa em lado nenhum. Agarrou na roupa, vestiu as calças de jeans e enfiou a camiseta, demorou apenas alguns segundos, mas durante esse tempo o vestiário ficara vazio de pessoas e enchera-se de fumaça. Já não conseguia ver a porta e começou a tossir. Assustou-se ao pensar que não conseguiria respirar. "Sei onde é a porta e só tenho de manter a calma", disse a si própria. Tinha as chaves e o dinheiro no bolso das calças. Pegou na raqueta de tênis. Sustendo a respiração, passou pelos cacifos em direção à saída.

O corredor estava cheio de fumaça e os olhos começaram a lacrimejar, pelo que quase ficou cega. Desejou ter saído nua, ganhando assim alguns segundos preciosos. As calças não a ajudavam a ver melhor o caminho ou a respirar através do fumo. E não fazia mal estar nua se já estivesse morta.

Apoiou a mão trêmula à parede para se orientar e correu pelo corredor, ainda a sustentar a respiração. Pensou que talvez colidisse com outras garotas, mas parecia todas terem saído antes. Quando a parede acabou, soube que estava no pequeno vestíbulo, embora só conseguisse ver nuvens de fumaça. As escadas deviam ser em frente. Atravessou o átrio e esbarrou na máquina de Coca-Cola. As escadas seriam à esquerda ou à direita? "À esquerda", pensou. Seguiu nessa direção, depois bateu na porta do vestiário dos homens e apercebeu-se de que errara.

Já não conseguia sustentar a respiração. Com um gemido, inspirou. Era quase só fumaça e tossiu. Recuou a cambalear até à parede, ainda a tossir, as

narinas a arder, os olhos lacrimejantes, mal conseguindo ver as próprias mãos. Desejou com todas as forças do seu ser inspirar uma lufada do ar que tomara como certo durante vinte e nove anos. Seguiu a parede até à máquina de Coca-Cola e contornou-a. Soube que encontrara as escadas quando tropeçou no último degrau. Deixou cair a raqueta, que deslizou para fora do seu raio de visão. Era especial, ganhara o Torneio Mayfair Lites com ela, mas deixou-a para trás e subiu as escadas de gatas.

O fumo ficou menos espesso quando chegou ao espaçoso átrio do rés-do-chão. Viu as portas abertas. Junto a elas encontrava-se um segurança.

— Vá lá, despacha-te! — gritou o homem.

Jeannie atravessou o átrio a cambalear e a tossir e saiu para o abençoado ar puro.

Ficou junto aos degraus durante dois ou três minutos, dobrada, inspirando e expelindo o fumo dos pulmões. Quando a respiração estava quase normal, ouviu uma sirena à distância. Olhou em volta à procura de Lisa, mas não a viu.

Estaria ela ainda lá dentro? Abalada, Jeannie avançou por entre a multidão, olhando os rostos. Agora que estavam fora de perigo, havia muitos risos nervosos. A maior parte das alunas encontrava-se mais ou menos despida, pelo que havia uma curiosa atmosfera de intimidade. As que tinham conseguido levar as bolsas emprestavam roupa às menos afortunadas. As garotas nuas agradeciam as camisetas sujas e transpiradas das amigas. Havia muitas apenas cobertas com toalhas.

Lisa não estava entre elas. Cada vez mais ansiosa Jeannie tornou a aproximar-se do segurança junto à porta.

— Acho que a minha amiga ainda está lá em baixo — disse, ouvindo o tremor na sua própria voz.

— Eu não vou à procura dela — retorquiu ele rapidamente.

— Que homem tão corajoso! — escarneceu Jeannie. Não sabia bem o que esperava que ele fizesse, mas não contava que fosse completamente inútil.

Ele ficou ressentido.

— Isso é trabalho — deles disse, apontando para o carro de bombeiros

que se aproximava.

Jeannie começou a temer pela vida de Lisa, mas não sabia o que fazer. Viu, impaciente e impotente, os bombeiros a descer do carro e a colocar as máscaras de oxigênio. Parecia mexerem-se tão devagar que sentiu vontade de gritar-lhes: "Despachem-se, despachem-se!" Chegou outro carro de bombeiros, depois um carro-patrolha com a risca azul e prateada da Polícia de Baltimore.

Quando os bombeiros arrastaram uma mangueira para o edifício, um bombeiro deteve o segurança e perguntou-lhe:

— Onde acha que o fogo começou?

— No vestiário das mulheres — respondeu o segurança.

— E onde fica isso?

— Na cave, ao fundo.

— Quantas saídas há na cave?

— Apenas uma, as escadas que vêm dar aqui ao átrio.

Um homem da manutenção que se encontrava perto corrigiu-o.

— Há uma escada na sala das máquinas da piscina que dá para um alçapão nos fundos do edifício.

— Acho que a minha amiga ainda deve estar lá dentro — disse Jeannie ao bombeiro.

— Como é que ela é?

— Baixinha, loura, com vinte e quatro anos.

— Se ainda lá estiver, havemos de encontrá-la.

Jeannie sentiu-se mais tranquila. Depois percebeu que ele não prometera encontrá-la viva.

O segurança que estivera no vestiário não se encontrava à vista.

— Havia outro segurança lá em baixo — disse ela ao bombeiro. Não o vejo aqui. Era alto.

— Não há mais nenhum segurança no edifício — retorquiu o do átrio.

— Bem, ele tinha um boné com a palavra "Segurança" e disse-nos para

sairmos do edifício.

— Não me interessa o que ele tinha escrito no chapéu...

— Oh!, por amor de Deus, deixe-se de discussões! — gritou Jeannie. Talvez eu o tenha imaginado, mas, se não foi esse o caso, a vida dele pode estar em perigo!

A ouvi-los estava uma garota com calças de caqui.

— Eu vi esse tipo. É um patife — disse ela. Apalpou-me.

— Tenham calma, havemos de encontrar todos — disse o bombeiro. Obrigado pela sua ajuda. E afastou-se Jeannie lançou um olhar irado ao segurança. Pensava que o bombeiro a achara uma histérica por ter gritado ao homem. Virou-lhe as costas, triste. O que iria fazer agora? Os bombeiros entraram a correr no edifício com capacetes e botas. Ela estava descalça e de camiseta. Se tentasse entrar com eles seria mandada embora. Cerrou os punhos, furiosa. "Pensa, pensa! Onde mais pode a Lisa estar" O ginásio ficava ao lado do Edifício de Psicologia Ruth W. Acorn, que recebera o nome da mulher de um dos benfeitores, mas era mais conhecido por "Manicômio". Poderia Lisa ter ido para lá? As portas deviam estar fechadas, pois era domingo, mas provavelmente ela tinha uma chave. Talvez tivesse corrido para lá à procura de uma bata para se tapar ou para se sentar à secretária e se recuperar. Jeannie decidiu ir ver. Qualquer coisa era melhor do que ficar ali sem fazer nada.

Atravessou o relvado a correr em direção ao "Manicômio" e espreitou através dos vidros. Não havia ninguém no átrio. Tirou do bolso o cartão de plástico que servia de chave e enfiou-o na ranhura. A porta abriu-se. Jeannie subiu as escadas a correr.

— Lisa. Está aí? — chamou.

O laboratório encontrava-se deserto. A cadeira de Lisa estava encostada à secretária e no monitor do computador nada se via. Jeannie experimentou o banheiro ao fundo do corredor. Nada.

— Raios! — exclamou, em pânico. Onde está você?

Ofegante, correu para fora. Decidiu dar a volta ao ginásio, não fosse Lisa estar sentada em algum lugar na relva recuperando o fôlego. Percorreu um dos lados do edifício passando por uma zona cheia de contentores de lixo enormes. Nos fundos havia um pequeno parque de estacionamento. Viu um

vulto correndo, afastando-se. Era demasiado alto para ser Lisa, e ela tinha a certeza de que era um homem. Pensou que talvez fosse o segurança desaparecido, mas evaporou-se na esquina da associação de estudantes antes de ela poder ter certeza.

Continuou a contornar o edifício. No lado mais afastado havia uma pista de atletismo, agora vazia. Completando a volta, chegou à frente do ginásio.

A multidão agigantara-se e havia mais carros de bombeiros e carros-patrolha, mas não conseguiu ver Lisa. Tinha quase certeza de que ela ainda se encontrava no interior do edifício. Pressentiu uma fatalidade, mas esforçou-se por não pensar nisso. "Não pode permitir que isto aconteça!"

Avistou o bombeiro com quem falara anteriormente. Agarrou-lhe no braço.

— Tenho quase a certeza de que a Lisa Hoxton está lá dentro — disse, num tom aflito. Já a procurei em toda a parte.

O homem observou-a com um olhar frio e pareceu decidir que ela era de confiança. Sem lhe responder, levou o walkie-talkie à boca.

— Procurem uma jovem branca que deve estar dentro do edifício. Chama-se Lisa, repito, Lisa.

— Obrigada — agradeceu Jeannie.

Ele acenou com a cabeça e afastou-se a passos largos.

Jeannie sentiu-se satisfeita por ele lhe ter dado ouvidos, mas não ficou mais descansada. Lisa poderia estar presa algures, trancada num banheiro ou encurralada pelas chamas, gritando por ajuda sem que ninguém a ouvisse; ou podia ter caído, batido com a cabeça e desmaiado, ou sucumbira a fumaça e estava inconsciente, no chão, enquanto as chamas se aproximavam a cada segundo.

Jeannie lembrou-se que o homem da manutenção tinha dito que havia outra entrada para a cave. Não a vira quando dera a volta ao ginásio. Decidiu ir procurar de novo. Regressou às traseiras do edifício.

Viu-a de imediato. O alçapão ficava rente ao edifício e estava parcialmente escondido por um Chrysler New Yorker cinzento. O alçapão estava aberto, a tampa, de aço, encostada à parede. Jeannie ajoelhou-se junto ao buraco quadrado e inclinou-se para espreitar.

Uma escada conduzia a uma sala suja iluminada por lâmpadas fluorescentes. Viu máquinas e muitos tubos. Havia alguma fumaça no ar, mas nada de nuvens espessas: não devia ter ligação com o resto da cave. No entanto, o cheiro de fumaça fê-la lembrar-se de como tossira enquanto procurava as escadas, e o seu coração bateu mais depressa.

— Tem alguém aí? — perguntou.

Julgou ter ouvido um ruído, mas não teve a certeza. Gritou com mais força.

— Tem alguém aí? Não obteve resposta.

Hesitou. O mais sensato era regressar à parte da frente do edifício e ir chamar um bombeiro, mas isso poderia demorar muito, especialmente se o bombeiro decidisse fazer-lhe perguntas. A alternativa era descer as escadas e dar uma olhadela.

A hipótese de voltar a entrar no edifício deixou-lhe as pernas trêmulas. O seu peito ainda doía devido aos espasmos da tosse provocada pela fumaça, mas Lisa podia estar lá em baixo, ferida e incapaz de se mexer, ou encurralada por um pedaço de madeira caída, ou apenas desmaiada. Tinha de ir ver.

Acalmou os nervos e apoiou um pé na escada. Não tinha muita força nos joelhos e quase caiu. Hesitou. Passado um momento sentiu-se mais forte e desceu um degrau. Depois, uma nuvem de fumaça entrou-lhe pela garganta, fazendo-a tossir, e tornou a subir.

Quando deixou de tossir, voltou a tentar.

Desceu um degrau, depois dois. "Se a fumaça me fizer tossir, saio outra vez", disse a si mesma. O terceiro degrau foi mais fácil, e depois desceu rapidamente os restantes, saltando o último firmando os pés no chão de cimento.

Viu-se numa enorme sala cheia de bombas e filtros, presumivelmente para a piscina. O cheiro de fumaça era intenso, mas conseguia respirar normalmente.

Viu Lisa imediatamente, e o seu aspecto deixou-a boquiaberta.

Estava deitada de lado, na posição fetal, nua. Tinha uma mancha na coxa que parecia ser de sangue. Não se mexia.

Durante momentos, Jeannie ficou imóvel devido ao medo.

Tentou controlar-se.

— Lisa! — gritou. Apercebeu-se da histeria na sua voz e inspirou para manter a calma. "Por favor, meu Deus, faz com que ela esteja bem". Atravessou a sala, através do emaranhado de tubos, e ajoelhou-se ao lado da amiga. Lisa?

Lisa abriu os olhos.

— Graças a Deus! — exclamou Jeannie. Pensei que estava morta.

Lisa sentou-se, devagar. Não olhou para Jeannie. Tinha os lábios inchados.

— Ele... ele violou-me — sussurrou.

O alívio que Jeannie sentira por tê-la encontrado viva foi substituído por uma sensação de horror.

— Meu Deus! Aqui? Lisa assentiu.

— Disse que a saída era por aqui.

Jeannie fechou os olhos. Sentiu a dor e a humilhação de Lisa, a sensação de ser invadida, violada e conspurcada. Vieram-lhe lágrimas aos olhos, mas conseguiu reprimi-las. Durante um momento, sentiu-se demasiado fraca e nauseada para dizer fosse o que fosse.

Depois tentou controlar-se.

— Quem era ele?

— Um segurança.

— Com uma bandaria na cara?

— Tirou-a. Lisa virou o rosto. Estava sempre a sorrir. Era de esperar. A garota das calças de caqui dissera que o homem a apalpara. O segurança do átrio afirmara que não havia mais colegas seus no edifício.

— Ele não era segurança — disse Jeannie.

Ainda há uns minutos o vira afastar-se a correr. Uma onda de fúria inundou-a ao imaginar o que ele fizera ali, no complexo universitário, no edifício do ginásio, onde todas elas se sentiam em segurança para poder tirar a roupa e tomar ducha. As suas mãos tremiam, e teve vontade de ir atrás dele

e estrangulá-lo.

Ouviu barulho: homens gritando, passos e água a correr. Os bombeiros estavam a utilizar as mangueiras.

— Olha, aqui estamos em perigo disse, num tom urgente. Temos de sair do edifício.

— Não tenho roupa — retorquiu Lisa, sem entoação. "Podemos morrer aqui!"

— Não se preocupe com a roupa, lá fora metade das pessoas está nua. Jeannie olhou em volta rapidamente e viu o soutien e as calcinhas vermelhas de Lisa atrás de um tanque, cheios de pó. Foi buscá-los. Veste isto. Está sujo mas é melhor do que nada.

Lisa continuou sentada no chão, com o olhar vazio.

Jeannie esforçou-se por não entrar em pânico. O que poderia fazer se Lisa recusasse sair dali? Poderia pegar-lhe ao colo, mas conseguiria carregá-la escada acima?

— Vá lá, levanta-te! — exclamou. Agarrando nas mãos da amiga, puxou-a até ela ficar de pé.

Por fim, Lisa olhou para ela.

— Foi horrível, Jeannie — disse. Jeannie abraçou-a com força.

— Lamento, Lisa, lamento muito.

A fumaça era cada vez mais densa, apesar da porta pesada. O medo substituiu a piedade no seu coração.

— Temos de sair daqui... isto está tudo a arder. Veste isto, por amor de Deus!

Lisa começou então a mexer-se. Enfiou as calcinhas e apertou o soutien. Jeannie pegou-lhe na mão, conduziu-a até à escada na parede e fê-la subir primeiro. Quando Jeannie a seguiu, a porta abriu-se e um bombeiro entrou, envolto numa nuvem de fumo. A água fazia remoinhos à volta das suas botas. Ficou admirado ao vê-las.

— Estamos bem, vamos sair por aqui! — gritou-lhe Jeannie. Em seguida, seguiu Lisa escada acima.

Pouco depois, estavam lá fora respirando o ar puro.

Jeannie sentia-se fraca de tanto alívio: tirara Lisa do incêndio. Mas agora a amiga precisava de ajuda. Pôs-lhe um braço à volta dos ombros e conduziu-a até à parte da frente do edifício. Nos acostamentos havia carros de bombeiros e carros-patrulha. A maior parte das garotas na multidão já encontrara algo com que tapar a nudez e Lisa dava nas vistas com a sua roupa íntima vermelha.

— Alguém tem um par de calças a mais, ou qualquer outra coisa? — perguntou Jeannie, enquanto abriam caminho por entre a multidão. Já ninguém tinha mais nada. Jeannie teria dado a sua camiseta à amiga, mas não trazia soutien.

Por fim, um negro alto tirou a camisa e estendeu-a a Lisa.

— Depois quero-a de volta, é Ralph Lauren — disse ele. Chamo-me Mitchell Waterfield e sou do departamento de matemática.

— Não me esqueço — afirmou Jeannie, grata.

Lisa vestiu a camisa. Como era baixa, ela chegava-lhe aos joelhos.

Jeannie achou que estava a conseguir controlar o pesadelo. Conduziu Lisa até junto de três polícias encostados a um carro-patrulha, de braços cruzados. Dirigiu-se ao mais velho, um gordo de bigode cinzento.

— Esta mulher chama-se Lisa Hoxton. Foi violada. Esperava que ficassem eletrizados com a notícia de que fora cometido um grande crime, mas a reação deles foi banal. Levaram alguns segundos a digerir a informação, e Jeannie estava já para gritar com eles quando o do bigode se desencostou do carro.

— Onde é que foi isso? — perguntou.

— Na cave do edifício que está a arder, na sala das máquinas da piscina. Fica nos fundos.

Um dos outros, um jovem negro, interveio:

— Neste momento, os bombeiros devem andar à mangueirada a destruir as provas, sargento.

— Tens razão — concordou o mais velho. É melhor ir até lá abaixo, Lenny, salvar a cena do crime. Lenny afastou-se correndo. O sargento virou-se para Lisa. Conhecia o homem que a violou, Miss Hoxton?

Lisa abanou a cabeça.

— É um tipo alto, branco, com um boné vermelho a dizer "Segurança" à frente. Entrou no vestiário das mulheres pouco depois de o incêndio ter deflagrado e acho que o vi a correr para fora da universidade pouco antes de ter encontrado a Lisa.

O polícia aproximou-se do carro e puxou o microfone do rádio. Disse algumas palavras e depois voltou a pendurá-lo.

— Se for suficientemente idiota para continuar com o boné, devemos apanhá-lo declarou. Depois dirigiu-se ao terceiro polícia. McHenty, leva a vítima para o hospital.

McHenty era um jovem de óculos.

— Quer ir à frente ou atrás? — perguntou ele a Lisa. Lisa não respondeu, mas ficou apreensiva.

— Vai à frente, senão parece que vai detida.

— Não vem comigo? — perguntou Lisa, aterrorizada.

— Vou, se quiser. Ou posso ir buscar alguma roupa a casa e encontrar-me contigo no hospital.

Lisa lançou a McHenty um olhar preocupado.

— Agora estás em segurança — tranquilizou-a Jeannie. McHenty abriu a porta do carro-patrolha e Lisa entrou.

— Para que hospital vai? — perguntou Jeannie.

— Santa Teresa — respondeu o homem, entrando no carro.

— Estarei lá daqui a uns minutos — gritou ela quando o carro se afastou.

Correu até ao parque de estacionamento da faculdade, já arrependida de não ter ido com Lisa. A amiga parecera muito assustada e abalada. É claro que precisava de roupa lavada, mas talvez tivesse mais necessidade da presença de outra mulher, de alguém que a acompanhasse, lhe agarrasse na mão e a tranquilizasse. Provavelmente, a última coisa que queria era ficar sozinha com um machão armado. Quando entrou no carro, Jeannie sentiu que tinha feito asneira.

— Bolas, que dia! — exclamou, saindo do parque de estacionamento a toda a velocidade.

Vivia perto do complexo universitário e o seu apartamento situava-se no primeiro andar de uma pequena vivenda. Estacionou em fila dupla e correu para casa.

Lavou rapidamente as mãos e o rosto e depois vestiu roupas lavadas. Perguntou-se que roupas suas serviriam a Lisa, mais baixa e forte. Pegou numa pólo larga e num par de calças do traje de treino com cintura de elástico. A roupa íntima era mais problemática. Achou que um par de cuecas de homem lhe deveriam servir, mas os seus soutiens eram muito pequenos. Juntou uns sapatos, meteu tudo num saco e saiu de novo correndo.

Enquanto seguia para o hospital, a sua disposição mudou. Desde que o incêndio deflagrara, estivera apenas concentrada no que tinha de fazer, agora começava a ficar furiosa. Lisa era uma garota alegre e tagarela, mas o choque e o horror daquilo que lhe acontecera transformara-a num zumbi, com medo até de entrar sozinha num carro da Polícia.

Numa rua cheia de lojas. Jeannie começou a procurar o tipo do boné vermelho, imaginando que se o visse subiria o passeio com o carro e o atropelaria, mas a verdade é que seria incapaz de reconhecê-lo. Ele devia ter tirado o lenço e provavelmente também o boné. O que mais tinha vestido? Ficou chocada ao verificar que não se lembrava. Uma camiseta qualquer, pensou, um par de calças de jeans azuis, ou talvez calções. Fosse como fosse, já podia ter mudado de roupa, tal como ela.

De fato, podia ser qualquer dos homens altos que se viam na rua: o rapaz de casaco vermelho que entregava pizzas; o careca que ia para a igreja com a mulher, de missal debaixo do braço; o homem de barba com o estojo de uma guitarra; até o policial que falava com um vadio à porta de uma loja de bebidas. Jeannie nada podia fazer com a sua fúria e limitou-se a agarrar com força o volante até os nós dos dedos ficarem brancos.

Santa Teresa era um grande hospital suburbano na zona limítrofe a norte da cidade. Jeannie deixou o carro no parque de estacionamento e procurou a emergência. Lisa já se encontrava numa cama, tendo vestida uma bata do hospital, e olhava para o vazio. Um televisor sem som mostrava a cerimônia de entrega dos Emmys: centenas de celebridades de Hollywood em traje de cerimônia bebendo champanhe e a felicitar-se. McHenty estava sentado ao lado da cama com o bloco de apontamentos sobre o joelho.

Jeannie pousou a bolsa.

— Aqui estão as tuas roupas. O que se passa?

Lisa continuava apática e silenciosa. Jeannie calculou que ainda se encontrava em choque. Estava a reprimir os seus sentimentos, esforçando-se por não se descontrolar, mas, mais tarde, acabaria por soltar a sua ira. Tinha de haver uma explosão, mais cedo ou mais tarde.

— Tenho de tomar nota dos principais pormenores do caso, Senhorita — disse McHenty. Deixa-nos sozinhos durante mais alguns minutos?

— Oh!, com certeza — desculpou-se Jeannie. Depois viu Lisa a olhar para si e hesitou. Ainda há poucos minutos se amaldiçoara por ter deixado a amiga sozinha com um homem. Agora estava prestes a fazer a mesma coisa. Por outro lado — disse, talvez a Lisa prefira que eu fique. O seu instinto foi confirmado quando Lisa acenou imperceptivelmente. Jeannie sentou-se na cama e pegou-lhe na mão.

McHenty não parecia muito satisfeito, mas não discutiu.

— Estava perguntando a Senhorita Hoxton de que forma é que ela resistiu à agressão explicou. Gritou, Senhorita Hoxton?

— Uma vez, quando ele me atirou para o chão — respondeu ela em voz baixa. Depois, puxou de uma navalha.

McHenty parecia muito descontraído e olhava para o bloco enquanto falava.

— Tentou lutar?

Lisa abanou a cabeça.

— Tive medo que ele me cortasse.

— Então não ofereceu nenhuma resistência, para além desse primeiro grito?

Ela abanou a cabeça e começou a chorar. Jeannie apertou-lhe a mão. Tinha vontade de perguntar a McHenty: "O que raio queria que ela fizesse?", mas ficou calada. Naquele dia já fora mal educada com um rapaz parecido com Brad Pitt, fizera um comentário grosseiro sobre os seios de Lisa e gritara com o segurança da entrada. Sabia que não era boa de lidar com a autoridade e estava determinada a não transformar aquele policial em seu inimigo. Afinal, o homem estava só a fazer o seu trabalho.

McHenty prosseguiu.

— Ele abriu-lhe as pernas à força antes de penetrá-la?

Jeannie fez uma careta. Não deveria ser uma mulher policial a fazer aquelas perguntas?

— Tocou-me na coxa com a ponta da navalha — respondeu Lisa.

— Cortou-a?

— Não.

— Então abriu as pernas voluntariamente.

— Se um suspeito aponta uma arma a um policial, vocês costumam logo atirar nele, não é? Chama a isso "voluntário"?

McHenty dirigiu-lhe um olhar furibundo.

— Deixe isto comigo, por favor. Virou-se para Lisa. Tem alguns ferimentos?

— Estou sangrando.

— Isso foi resultante da penetração forçada?

— Sim.

— Onde é que está a ferida?

Jeannie não foi capaz de aguentar mais.

— Porque não deixa o médico determinar isso? O policial olhou-a como se ela fosse estúpida.

— Tenho de fazer um relatório preliminar.

— Então escreva que ela tem ferimentos internos resultantes da violação.

— Sou eu que estou fazendo as perguntas.

— E eu digo-lhe para acabar com elas — retorquiu Jeannie, controlando-se para não gritar. A minha amiga está perturbada e não me parece que ela precise de lhe descrever os seus ferimentos, uma vez que daqui a pouco vai ser observada pelo médico. McHenty estava furioso, mas prosseguiu.

— Reparei que tinha roupa íntima vermelha, de renda. Acha que isso pode ter provocado o que aconteceu?

Lisa desviou o olhar, quase a chorar.

— Se eu me queixasse de que o meu Mercedes foi roubado, você perguntava-me se eu provoquei o furto por conduzir um carro tão vistoso?

McHenty ignorou-a.

— Julga já ter visto o violador antes, Lisa?

— Não.

— Mas a fumaça não lhe deve ter permitido vê-lo bem. E ele tinha a cara tapada com um lenço.

— A princípio eu estava quase cega. Mas não havia muito fumo na sala onde... ele fez aquilo. Vi-o bem. Assentiu. Vi-o bem.

— Seria capaz de reconhecê-lo se o visse? Lisa estremeceu.

— Oh! Sim!

— Mas nunca o viu antes, num bar ou noutro sítio?

— Não.

— Costuma ir a bares, Lisa?

— Sim.

— Bares de solteiros, ou desse gênero?

— Que raio de pergunta é essa? — explodiu Jeannie.

— Uma pergunta que os advogados de defesa costumam fazer — respondeu McHenty.

— A Lisa não está sendo julgada... ela não é a arguida, mas sim a vítima!

— É virgem. Lisa? Jeannie levantou-se.

— Muito bem, já chega. Não acredito que isto deva ser assim. Não tem o direito de fazer essas perguntas íntimas.

McHenty elevou a voz:

— Estou tentando descobrir se ela tem credibilidade.

— Uma hora depois de ter sido violada? Esqueça!

— Estou fazendo o meu trabalho...

— Não me parece que saiba qual é o seu trabalho. Acho que você não sabe nada, McHenty!

Antes de ele poder responder, um médico entrou sem bater. Era novo e parecia apoquentado e cansado.

— Isto é que é a violação?

— Isto... é Senhorita Lisa Hoxton — respondeu Jeannie com voz gelada. Sim, foi violada.

— Preciso de um esfregaço vaginal.

O médico não era nada simpático, mas pelo menos dava-lhes uma boa desculpa para se verem livres de McHenty. Jeannie olhou para o policial. Não se mexeu, como se julgasse que iria assistir à recolha de um esfregaço.

— Antes de fazer isso, senhor doutor, talvez o agente McHenty não se importe de nos deixar sozinhos.

O médico fez uma pausa e olhou para McHenty. Este encolheu os ombros e saiu.

O médico levantou o lençol que cobria Lisa com um gesto abrupto.

— Levante a bata e abra as pernas disse ele. Lisa começou a chorar.

Jeannie não podia acreditar naquilo. O que teria dado àqueles homens?

— Dá-me licença? — interveio ela. O homem olhou-a, impaciente.

— O que é que foi?

— Importa-se de ser um pouco mais bem educado? Ele corou.

— Este hospital está cheio de feridos graves e doentes em estado crítico — retorquiu. Neste momento, encontram-se três crianças na urgência vítimas de um acidente de viação e vão todas morrer. E vem você queixar-se de que eu não estou a ser educado com uma garota que foi para a cama com o homem errado?

Jeannie ficou estupefata.

— Que foi para a cama com o homem errado? Lisa endireitou-se. Quero ir para casa — disse.

— Parece-me muito boa ideia — concordou Jeannie. Abriu a bolsa e colocou a roupa em cima da cama.

O médico ficou atordoado durante uns momentos.

— Faça como quiser — disse ele, irritado, e saiu. As garotas entreolharam-se.

— Não posso acreditar que isto aconteceu — comentou Jeannie.

— Ainda bem que se foram embora — disse Lisa, levantando-se. Jeannie ajudou-a a despir a bata e ela enfiou rapidamente a roupa limpa e calçou os sapatos.

— Eu te levo para casa — disse Jeannie.

— Importa-se de dormir no meu apartamento? Não quero ficar sozinha esta noite.

— Claro que não me importo.

McHenty esperava lá fora. Parecia menos confiante. Talvez soubesse que conduziu a entrevista de forma incorreta.

— Ainda tenho mais algumas perguntas a fazer — disse.

— Vamo-nos embora — retorquiu Jeannie, calmamente. A Lisa está demasiado perturbada para poder responder seja ao que for.

Ele pareceu assustado.

— Mas tem de responder. Fez uma queixa.

— Eu não fui violada interveio Lisa. Foi tudo um erro. Agora só quero ir para casa.

— Sabe que é crime apresentar uma queixa falsa?

— Esta mulher não é uma criminosa — disse Jeannie, furiosa. É a vítima de um crime. Se o seu chefe perguntar por que é que ela retirou a queixa, diga-lhe que foi brutalmente importunada pelo agente McHenty da Polícia de Baltimore. Agora vou levá-la a casa. Com licença. Pôs um braço sobre os ombros de Lisa e dirigiram-se para a saída.

Quando passaram pelo policial, ouviram-no murmurar:

— Mas o que é que eu fiz?

3

Berrington Jones olhou para os seus dois melhores amigos Não posso acreditar. Estamos os três perto dos sessenta. Nunca nenhum de nós ganhou mais de algumas centenas de milhar de dólares por ano. Agora, oferecem a cada um sessenta milhões e estamos para aqui a falar em recusar a oferta.

—Nunca andamos nisto por dinheiro — retorquiu Preston Barck.

— Continuo sem perceber, interveio o senador Proust. Se sou dono de um terço de uma companhia que vale cento e oitenta milhões de dólares, como é que tenho um Oovt Victoria de três anos?

Os três homens possuíam uma pequena companhia privada de biotecnologia, Genético. Inc Preston ocupava-se dos negócios diários, Jim estava na política e Berrington era um acadêmico. Mas a venda era obra de Berrington. A bordo de um avião para São Francisco conhecera o diretor executivo da Landsmann, um conglomerado farmacêutico alemão, e interessara o homem ao ponto de levá-lo a fazer uma oferta. Agora tinha de persuadir os sócios a aceitá-la. Estava sendo mais difícil do que ele esperara Encontravam-se no escritório de uma casa em Roland Park, um subúrbio elegante de Baltimore. A casa era propriedade da Universidade Jones Falis e emprestada a professores de fora. Berrington, para além de Jones Falis dava aulas em Berkeley, na Califórnia, e em Harvard, utilizava a casa durante as seis semanas que permanecia em Baltimore. Havia muito pouco de seu naquele aposento um computador portátil, uma fotografia da ex-mulher e do filho e uma pilha de exemplares do seu novo livro: *Para Herdar o Futuro: Como a Engenharia Genética Irá Transformar a América*. Uma televisão com o som no mínimo mostrava a cerimônia de entrega dos Emmys.

Preston era um homem magro e sério. Embora fosse um dos mais brilhantes cientistas da sua geração, parecia um contabilista. "As clínicas sempre deram dinheiro", costumava dizer. A Genético era dona de três clínicas de fertilidade especializadas na concepção in vitro, "bebês-proveta", uma técnica tornada possível graças à investigação pioneira de Preston nos anos 70.

A fertilidade é a área de maior crescimento na medicina americana. A Genético permitirá à Landsmann entrar nos grandes mercados. Querem que

abramos cinco novas clínicas durante os próximos dez anos.

Jim Proust era um homem careca, bronzeado, com um grande nariz e óculos de aros grossos. O seu rosto feio e poderoso agradava muito aos cartunistas políticos. Berrington e ele eram amigos e colegas já há vinte e cinco anos.

— E por que motivo nunca vimos dinheiro? — perguntou ele.

— Gastamo-lo sempre na investigação. A Genético tinha os seus próprios laboratórios e fazia contratos com os departamentos de biologia e psicologia das universidades. Berrington tratava da ligação da companhia ao mundo acadêmico.

— Não percebo como é que vocês os dois não conseguem ver que esta é a nossa grande oportunidade — disse Berrington, exasperado.

Jim apontou para a televisão.

— Aumenta o volume, Berry... Está no ar.

Os Emmys haviam dado lugar ao programa Larry King Live e Berrington era o convidado. Detestava Larry King, na sua opinião um liberal com simpatias comunistas, mas o programa era uma oportunidade para falar a milhões de americanos.

Observou a sua imagem e gostou do que viu. Era um homem baixo, mas a televisão punha toda as pessoas do mesmo tamanho. O seu traje azul-escuro era de bom corte, a camisa azul-celeste combinava com os seus olhos e a gravata era vermelho-escura, não dando muito nas vistas na televisão. Como era bastante crítico, achou que o seu cabelo prateado estava demasiado penteado, quase armado: por pouco não se parecia com um dos evangelistas da televisão.

King, que tinha, como sempre, os suspensórios que eram a sua imagem de marca, estava um bocado agressivo e a sua voz grave era desafiadora.

— Professor, o senhor voltou a criar uma certa controvérsia com o seu último livro, mas algumas pessoas são de opinião que ele não trata de ciência, mas sim de política. O que tem a dizer?

Berrington ficou satisfeito ao ver que respondera numa voz suave e calma.

— As decisões políticas deviam ser baseadas na ciência pura, Larry. A

Natureza, deixada sozinha, favorece os bons genes e mata os maus. A nossa política social vai contra a seleção natural. É assim que estamos a alimentar uma geração de americanos de segunda categoria.

Jim bebeu um gole de uísque.

— Foi uma boa frase — comentou. Uma geração de americanos de segunda categoria. Pode vir a ser muito citada.

Na televisão, Larry King voltou a falar.

— Se conseguir o que quer, o que acontece aos filhos dos pobres? Morrem à fome, não é?

O rosto de Berrington assumiu uma expressão solene na tela.

— O meu pai morreu em 1942, quando o porta-aviões Wasp foi afundado por um submarino japonês, em Guadalcanal. Nessa altura, eu tinha seis anos. A minha mãe teve muitas dificuldades em criar-me e mandar-me para a escola. Larry, eu sou um filho dos pobres.

E não estava muito longe da verdade. O pai, engenheiro brilhante, deixara à mãe um pequeno rendimento, mas que era suficiente para ela não ter de trabalhar ou de voltar a casar. Mandara Berrington para colégios caros e depois para Harvard... mas fora difícil.

— Está com bom aspecto, Berry — comentou Preston, com exceção, talvez, do penteado à rancheiro.

Barck, o mais novo do trio, de cinquenta e cinco anos, tinha cabelo preto curto, que se colava à cabeça como um boné.

Berrington resmungou, irritado. Já tinha pensado a mesma coisa, mas aborrecia-o ouvi-la da boca de outro. Serviu-se de mais um pouco de uísque. Bebiu Springbank, um bom malte.

Na tela, Larry King dizia:

— Falando em termos filosóficos, acha que as suas opiniões diferem das dos nazis, por exemplo?

Berrington carregou no comando da televisão e desligou o aparelho.

— Já há dez anos que faço isto disse. Depois de três livros e um milhão de talks shows ordinários, qual é a diferença? Nenhuma.

— Tem de haver uma diferença — contrapôs Preston. Tornaste a

genética e a raça num assunto importante. Começa é a ficar impaciente.

— Impaciente? — repetiu Berrington, irritado. Podes crer que estou impaciente! Daqui a quinze dias faço sessenta. Estamos todos ficando velhos. Já não nos sobra muito tempo!

— Ele tem razão, Preston — disse Jim. Não se lembra de como eram as coisas quando éramos novos? Olhávamos à volta e víamos a América a ser destruída: direitos cívicos para os negros, a entrada de muitos mexicanos, as melhores escolas frequentadas pelos filhos dos judeus comunistas, os nossos filhos a fumar droga e a fugir à guerra. E tínhamos razão! Vê o que aconteceu desde então! Nem nos nossos piores pesadelos imaginamos que as drogas ilegais se tornariam uma das maiores indústrias da América e que um terço dos bebês nasceriam de mães doentes. E somos as únicas pessoas com coragem para enfrentar os problemas... nós e alguns indivíduos parecidos conosco. Os restantes fecham os olhos e esperam que aconteça o melhor.

Não tinham mudado, pensou Berrington. Preston sempre fora cuidadoso e receoso, Jim demasiado seguro de si. Conhecia-os há tanto tempo que as suas falhas já não o incomodavam e fazia por ignorá-las a maior parte das vezes. Estava habituado ao seu papel de moderador, que os conduzia para um meio termo.

— Em que pé estão as coisas com os alemães, Preston? — perguntou. Põe-nos a par da situação.

— Estamos muito perto de uma conclusão — respondeu Preston. Querem anunciar a compra numa conferência de imprensa de amanhã a oito dias.

— De amanhã a oito dias? — repetiu Berrington, animado. Isso é ótimo! Preston abanou a cabeça.

— Eu continuo com algumas dúvidas. Berrington soprou, exasperado.

— Revelamos os nossos segredos — continuou Preston. Temos de mostrar os nossos livros aos contabilistas da Landsmann e falar-lhes de tudo o que possa afetar resultados futuros, tal como devedores quase a ir à falência ou processos pendentes.

— Não temos nada disso, pois não? — perguntou Jim. Preston lançou-lhe um olhar mal humorado.

— Todos sabemos que esta empresa tem segredos. Houve um momento de silêncio no escritório.

— Ora, isso já foi há muito tempo — comentou Jim.

— E depois? A prova do que fizemos anda aí por fora.

— Mas é impossível a Landsmann descobrir o que quer que seja... especialmente numa semana.

Preston encolheu os ombros, como que a dizer: “Quem sabe?”.

— Temos de correr esse risco — retorquiu Berrington com firmeza. A injeção de capital que iremos receber da Landsmann vai permitir-nos acelerar o nosso programa de investigação. Daqui a alguns anos seremos capazes de oferecer um bebê geneticamente perfeito aos americanos brancos ricos que forem à nossa clínica.

— Mas que diferença fará isso? — perguntou Preston. Os pobres continuarão a reproduzir-se mais depressa do que os ricos.

— Está esquecendo-se da plataforma política do Jim — interveio Berrington.

— Um imposto de renda estável de dez por cento e injeções anticoncepcionais obrigatórias para as mulheres sustentadas pela Segurança Social — declarou Jim.

— Pensa nisso, Preston — disse Berrington. Bebês perfeitos para a classe média e a esterilização dos pobres. Podíamos voltar a acertar o equilíbrio racial da América. Sempre foi o que quisemos, já desde o início.

— Nessa altura éramos muito idealistas — comentou Preston.

— Mas estávamos certos! — insistiu Berrington.

— Sim, estávamos certos. Mas, à medida que vou envelhecendo, começo a pensar que o mundo irá provavelmente conseguir progredir, embora de modo atabalhado, mesmo que eu não consiga fazer tudo o que planejei quando tinha vinte e cinco anos.

Aquele tipo de conversa era susceptível de sabotar grandes empreendimentos.

— Mas podemos conseguir aquilo que planejamos — interveio Berrington. Agora, tudo aquilo por que trabalhamos nos últimos trinta anos

está ao nosso alcance. Os riscos que corremos inicialmente, todos esses anos de investigação, o dinheiro que gastamos... por fim está tudo a chegar às nossas mãos. Não se ponha com ataques de nervos nesta altura do campeonato, Preston!

— Os meus nervos estão bons, mas estou apontando problemas reais e práticos — retorquiu Preston, impaciente. O Jim pode propor a sua plataforma política, mas tal não significa que isso vá acontecer.

— É aí que intervém a Landsmann — disse Jim. O dinheiro que vamos receber pelas nossas ações irá permitir-nos conseguir obter o melhor de tudo.

— O que é que está para dizendo? — perguntou Preston, intrigado, mas Berrington sabia o que vinha aí e sorriu.

— A Casa Branca — respondeu Jim. Vou candidatar-me à presidência.

4

Alguns minutos antes da meia-noite, Steve Logan estacionou o seu velho Datsun velho na Rua Lexington, no bairro denominado Hollins Market, a oeste da Baixa de Baltimore. Ia passar a noite em casa do primo Ricky Menzies, que estudava Medicina na Universidade de Maryland, também em Baltimore. O lar de Ricky era um quarto numa grande casa antiga alugada por estudantes.

Ricky era o maior arruaceiro que Steve conhecia. Gostava muito de beber, de dançar e de ir a festas, e os amigos eram iguais. Steve andava desejoso de passar a noite com Ricky, mas o grande problema dos arruaceiros era que eles não eram de confiança. No último minuto, Ricky combinara sair com uma garota e cancelara o encontro com Steve, que tivera de passar sozinho a noite.

Saiu do carro, levando na mão uma mala de desporto com roupa lavada para o dia seguinte. A noite estava quente. Trancou o carro e dirigiu-se até à esquina. Um grupo de jovens, quatro ou cinco rapazes e uma garota, todos de cor, estavam à porta de um clube de vídeo a fumar. Steve não se sentia nervoso, embora fosse branco: aparentava ser ali do bairro, com o seu velho carro e as calças de jeans desbotadas; para além disso, era vários centímetros mais alto do que qualquer dos jovens. Quando passou por eles, perguntaram-lhe:

— Queres marijuana ou crackl. Steve abanou a cabeça, sem abrandar o passo.

Na sua direção caminhava uma negra muito alta, vestida para matar, com uma minissaia, sapatos de salto, o cabelo penteado para cima, batom vermelho e sombra azul nos olhos. Não conseguiu deixar de olhar para ela.

— Olá, borracho — disse ela com uma voz masculina quando se aproximou.

Steve apercebeu-se de que era um homem. Sorriu e continuou a andar.

Ouviu os jovens da esquina cumprimentar o travesti com uma certa familiaridade.

— Olá, Dorothy!

— Olá, meninos.

Pouco depois ouviu pneus a chiar e olhou para trás. Um carro-patrolha com agentes brancos parara na esquina. Alguns dos jovens desapareceram em ruas escuras; outros ficaram. Os dois agentes saíram, sem pressa. Steve virou-se para observar a cena. Ao ver o homem chamado Dorothy, um dos agentes cuspiu, acertando na ponta do sapato de salto alto vermelho.

Steve ficou chocado. Aquele gesto fora tão gratuito e desnecessário! No entanto, Dorothy mal abrandou o passo.

— Vai-te foder, cabrão — murmurou.

O comentário foi feito em voz baixa, mas o polícia tinha bom ouvido. Agarrou no braço de Dorothy e encostou-o com força contra a montra da loja. Dorothy vacilou em cima dos saltos.

— Não voltes a falar comigo nesse tom — rosnou o policial. Na mente de Steve começou a soar um alarme. "Não se meta em confusões, Steve".

O outro policial observava a cena encostado ao carro, com uma expressão neutra.

— O que se passa, pá? — perguntou Dorothy num tom sedutor. Será que eu te incomodo?

O policial socou-o no estômago. Era um homem corpulento, e o soco foi dado com balanço. Dorothy dobrou-se, sem fôlego.

— Que se lixe — murmurou Steve, dirigindo-se para a esquina. "O que está fazendo, Steve?"

Dorothy continuava dobrado, mal conseguindo respirar.

— Boa noite, senhor guarda — disse Steve. O policial olhou para ele.

— Desaparece, cabrão!

— Não — retorquiu Steve.

— O que disse?

— Disse "não", senhor guarda. Deixe esse homem em paz. "Vai-te embora, Steve, seu idiota, vai-te embora".

O seu desafio fez os jovens ficarem atrevidos.

— É assim mesmo — disse um rapaz alto, de cabeça rapada. Não tem

nada que chatear o Dorothy, ele não infringiu a lei.

O polícia apontou um dedo agressivo para o rapaz.

— Se quer que te prenda por posse de droga, continua a falar assim.

O rapaz baixou os olhos.

— Mas ele tem razão — disse Steve. O Dorothy não está infringindo qualquer lei.

O polícia aproximou-se de Steve.

"Não lhe bata. Faça o que fizer, não lhe toque. Lembra-te do Tip Hendricks".

— É cego? — perguntou o polícia.

— O que quer dizer com isso?

— Vá lá, Lenny, o que é que interessa? — interveio o outro agente, pouco à vontade. Vamo-nos embora.

Lenny ignorou-o e dirigiu-se a Steve.

— Não percebe? É o único branco aqui. O teu lugar não é este.

— Mas acabei de presenciar um crime.

O policial aproximou-se de Steve, demasiado.

— Quer ir até à esquadra? — perguntou. Ou quer desaparecer daqui já?

Steve não queria ir à esquadra. Era muito fácil para os agentes colocarem um pouco de droga nos seus bolsos, ou espancá-lo, dizendo que resistira à voz de prisão. Steve andava a estudar Direito: se fosse condenado nunca poderia exercer. Desejou não ter tomado aquela posição. Não valia a pena arruinar toda a sua carreira só porque um polícia estava a incomodar um travesti.

Mas estava errado. Agora havia duas pessoas a serem incomodadas, Dorothy e Steve. Era o polícia que estava a infringir a lei. Steve não podia afastar-se. Mas falou num tom conciliador:

— Não quero confusão, Lenny — disse. Deixe ir o Dorothy e eu esqueço-me que o vi agredi-lo.

— Está a ameaçar-me, estupor?

"Um murro no estômago e um gancho à cabeça. O polícia havia de cair como um cavalo com uma pata partida".

— Estou apenas a fazer uma sugestão amigável.

O policial parecia querer confusão. Steve não via maneira de se esquivar a um confronto. Rezou para que Dorothy se afastasse discretamente, enquanto Lenny estava de costas para ele, mas o travesti não saiu dali e observava a cena, enquanto passava devagar com a mão pelo estômago, saboreando a fúria do policial.

A sorte interveio. O rádio do carro-patrolha ganhou vida. Ambos os polícias se imobilizaram, à escuta. Steve não percebeu nada da torrente de palavras e dos códigos, mas o colega de Lenny disse:

— Agente em apuros. Vamos embora.

Lenny hesitou, ainda a olhar para Steve, mas este julgou ver alívio nos olhos do homem. Talvez também ele tivesse sido salvo de uma situação delicada. Mas, quando falou, o seu tom era cruel.

— Lembra-te de mim — disse a Steve, porque eu hei-de lembrar-me de ti. Dito isto, entrou no carro, fechou a porta com força e o veículo arrancou.

Os meninos bateram palmas e assobiaram.

— Bolas — suspirou Steve. Foi por pouco.

"E foi também uma parvoíce. Sabe onde podia ter chegado. Sabes como é".

Nesse momento apareceu Ricky, o seu primo.

— O que se passa? — perguntou, vendo o carro-patrolha a afastar-se.

Dorothy aproximou-se e pousou as mãos nos ombros de Steve.

— Meu herói! — exclamou, com ar coquete. John Wayne. Steve ficou atropalhado.

— Ora...

— Quando quiseres conhecer o lado escuro da vida, John Wayne, vem ter comigo. É grátis.

— Obrigado na mesma...

— Dava-te um beijo, mas já percebi que é tímido, por isso, adeus.

Acenou-lhe, exibindo unhas vermelhas, e afastou-se.

— Adeus, Dorothy.

Ricky e Steve seguiram na direção oposta.

— Estou vendo que já fez amigos aqui no bairro — observou Ricky.

Steve riu-se, essencialmente de alívio.

— Quase me meti em sarilhos — disse. O estúpido de um policial começou a bater naquele gajo de saia e eu fui suficientemente idiota para o mandar parar.

Ricky ficou admirado.

— Tem sorte em estar aqui.

— Eu sei.

Chegaram a casa de Ricky e entraram. Cheirava a queijo, ou talvez fosse leite azedo. Havia graffiti nas paredes verdes. Contornaram as bicicletas presas com correntes ao vestíbulo de entrada e subiram as escadas.

— Fico furioso — disse Steve. Por que teria o Dorothy de levar um murro no estômago? Ele gosta de usar minissaias e de se pintar; quem se importa com isso?

— Tem razão.

— E por que haveria o Lenny de fazer o que bem lhe apetece só porque anda fardado? Os polícias deviam ter um comportamento melhor, devido à sua situação privilegiada.

— Não queria mais nada!...

— É por isso que quero ser advogado. Para impedir que estas merdas aconteçam. Tem algum herói, alguém que gostaria de ser?

— Talvez o Casanova.

— O meu ídolo é o Ralph Nader, um advogado. Lutou contra as empresas mais poderosas da América e ganhou!

Ricky riu-se e pousou um braço nos ombros do primo quando entraram no seu quarto.

— O meu primo, o idealista.

— Ora...

— Quer café?

— Sim.

O quarto de Ricky era pequeno e estava mobiliado com velharias. Tinha uma cama de solteiro, uma secretária antiga, um sofá roto e uma televisão grande. Na parede via-se o pôster de uma mulher nua com a indicação de cada osso do ser humano, desde o parietal, na cabeça, às falanges dos pés. Havia ainda um aparelho de ar condicionado, que devia estar avariado.

Steve sentou-se no sofá.

— Que tal a tua companhia?

— Não tão escaldante como prometera — respondeu Ricky, pondo a chaleira no fogo. A Melissa é maluca, mas eu ainda não teria chegado a casa se ela estivesse tão louca por mim quanto eu julgava. E você?

— Fui dar uma volta pelo complexo universitário de Jones Falis. Tem muita pinta. Também conheci uma garota — disse, animando-se. Vi-a jogar tênis. Era espantosa... Alta, musculosa, com uma excelente preparação. Tinha um serviço que fazia lembrar uma bazuca.

— Nunca ouvi dizer que alguém se apaixonasse por uma garota por causa da maneira como ela jogava tênis — retorquiu Ricky com um sorriso. É gira?

— Tinha feições muito marcadas — disse Steve, visualizando-a. Olhos castanho-escuros, sobrancelhas pretas, uma grande cabeleira escura... e uma argolinha de prata na narina esquerda.

— A sério? É fora do vulgar, não acha?

— Você é que o diz.

— Como é que se chama?

— Não sei — respondeu ele, sorrindo, pesaroso. Deu-me uma tampa sem sequer abrandar o passo. Provavelmente nunca mais a vejo.

Ricky serviu os cafés.

— Talvez seja o melhor... Tem uma namorada firme, não tem?

— Mais ou menos. Steve sentia muitos remorsos por ter gostado tanto da tenista. Chama-se Celine informou. Andamos no mesmo curso. A

faculdade de Steve era em Washington, DC.

— Vai para a cama com ela?

— Não.

— Porquê?

— A nossa relação não é assim tão forte. Ricky ficou admirado.

— É completamente diferente de mim. Quer dizer que precisa ter uma relação forte com uma gaja antes de a foderes?

— É o que eu sinto — respondeu Steve, atrapalhado.

— Sempre sentiu a mesma coisa?

— Não. Quando andava no colegial fazia o que as garotas me deixavam fazer, era como uma espécie de concurso... deitava-me com aquela que tirava as calcinhas... mas isso foi antes, e isto é agora, e já não sou um menino. Acho eu.

— Que idade tem? Vinte e dois?

— Sim.

— Eu tenho vinte e cinco, mas não me acho tão adulto como você. Steve apercebeu-se de um certo ressentimento.

— Olha lá, eu não estava te criticando!

— Está bem — disse Ricky, não parecendo muito ofendido. Então o que fez depois de ela te ter dado tampa?

— Fui a um bar em Charles Village, bebi umas cervejas e comi um hambúrguer.

— A propósito... tenho fome. Quer comer alguma coisa?

— O que é que há? Ricky abriu o armário.

— Muesli, Rice Krispies e Choco Crisps.

— Os Choco Crisps parecem-me boa ideia.

Ricky colocou leite e umas tigelas sobre a mesa e começaram a comer.

Depois de terem terminado, lavaram as tigelas e prepararam-se para ir para a cama. Steve ficou no sofá, em cuecas: estava demasiado calor para precisar de cobertor. Ricky ocupou a cama.

— Então o que vai fazer em Jones Falis? — perguntou Ricky.

— Convidaram-me para tomar parte num estudo. Vou ter de fazer testes psicotécnicos e coisas do gênero.

— Porquê você?

— Não sei. Disseram que eu era um caso especial e que me explicavam tudo quando lá chegasse.

— Por que aceitou? Parece-me uma perda de tempo.

Steve tinha uma razão, mas não a revelou a Ricky. Respondeu-lhe com parte da verdade.

— Acho que por curiosidade. Quero dizer, às vezes não faz perguntas sobre si próprio? Que tipo de pessoa é e o que quer fazer na vida?

— Quero ser um grande cirurgião e ganhar milhões de dólares a fazer implantes nas mamas das mulheres. Acho que sou uma alma simples.

— Não se pergunta para quê tudo isso? Ricky soltou uma gargalhada.

— Não, Steve. Mas você pergunta. Sempre foi um grande pensador. Já quando éramos meninos se interrogava sobre Deus e outras coisas.

— Era verdade. Steve atravessara uma fase religiosa aos treze anos. Visitara diferentes igrejas, uma sinagoga e uma mesquita e interrogara vários religiosos sobre os seus credos. Os pais haviam ficado preocupados, pois eram agnósticos.

— Mas sempre foi um pouco diferente — prosseguiu Ricky. Nunca conheci ninguém que tirasse tão boas notas sem se esforçar.

— Isso também era verdade. Steve sempre tivera facilidade em aprender, e fora o primeiro da turma com a maior das facilidades, exceto quando os colegas troçavam dele e errava de propósito para dar menos nas vistas.

Contudo, havia outro motivo que o levava a sentir-se curioso acerca da sua personalidade. Ricky desconhecia-o. Ninguém o conhecia. Só os pais.

Steve quase matara uma pessoa.

Na altura tinha quinze anos; já era alto, mas magro. Era capitão da equipe de basebol. Naquele ano, o Liceu Hillsfield chegara à meia final do campeonato da cidade. Jogaram contra uma equipe de arruaceiros de uma

escola reles de Washington. Um jogador adversário, Tip Hendricks, cometeu falta sobre Steve durante todo o jogo. Tip era bom, mas nunca fazia jogo limpo. E, de cada vez que cometia uma falta, sorria, como se dissesse: "Enganei-te outra vez, parvalhão." Steve ficou furibundo, mas teve de engolir a sua fúria. No entanto, jogou mal e a sua equipa perdeu.

Para azar, Steve encontrou Tip no parque de estacionamento, onde os ônibus esperavam as equipas. Um dos condutores estava a mudar um pneu e tinha uma caixa de ferramentas aberta no chão.

Steve ignorou Tip, mas este atirou-lhe a beata, que acertou no blusão.

Aquele blusão era muito importante para Steve. Poupara o dinheiro que ganhara aos sábados a trabalhar no McDonald's e comprara-o no dia anterior. Era de cabedal cor de manteiga e agora estava queimado no peito, bem à vista. Estragado. Por isso, Steve bateu-lhe.

Tip ripostou com vigor, dando pontapés e cabeçadas, mas a raiva de Steve deixou-o dormente e ele mal sentiu as pancadas. O rosto de Tip já estava cheio de sangue quando ele viu o estojo das ferramentas e pegou numa barra de ferro. Bateu com ela na cara de Steve duas vezes. Aquilo doeu bastante e Steve ficou cego de raiva. Arrancou a barra das mãos de Tip... e não se lembrava de nada depois disso, até estar sobre o corpo de Tip, com a barra de ferro coberta de sangue na mão, e ouvir alguém dizer: "Meu Deus, acho que ele está morto".

Tip não estava morto, morreu dois anos mais tarde, às mãos de um importador de marijuana jamaicano a quem devia oitenta e cinco dólares. Mas Steve quisera matá-lo, tentara matá-lo. Não tinha desculpa: dera o primeiro murro e, embora tivesse sido Tip a pegar na barra de ferro, Steve usara-a selvaticamente.

Foi condenado a seis meses de prisão, mas a pena ficou suspensa. Depois do julgamento mudou de escola e passou a todas as disciplinas, como era hábito. Uma vez que ainda era menor na altura da luta, o seu registro criminal não podia ser revelado a ninguém, por isso não o impediu de entrar na Faculdade de Direito. Os pais encaravam o assunto como um pesadelo passado. Steve, porém, tinha as suas dúvidas. Sabia que fora apenas a sorte e a capacidade de resistência do corpo humano que o haviam salvo de ser condenado por homicídio. Tip Hendricks era um ser humano e Steve quase o matara por causa de um blusão. Acordado, a ouvir a respiração regular de

Ricky, perguntou a si próprio: "O que sou eu?"

SEGUNDA-FEIRA

5

— Alguma vez conheceu um homem com quem quisesse casar? — perguntou Lisa.

Estavam sentadas à mesa no andar de Lisa, bebendo café solúvel. Tudo na casa era bonito, como a dona: gravuras de flores, bibelôs de porcelana e um urso com um laço de bolinhas.

Lisa ficaria em casa nesse dia, mas Jeannie já estava vestida para o trabalho, com uma saia azul-escura e uma blusa de algodão branca. Era um dia importante e ela sentia-se tensa. O primeiro dos candidatos iria ao laboratório fazer testes. Encaixar-se-ia na sua teoria ou não? No final dessa tarde, ou se sentiria vingada ou estaria refazendo todas as suas ideias.

No entanto, queria sair dali o mais tarde possível. Lisa ainda estava muito debilitada. Jeannie calculava que a melhor coisa a fazer era falar-lhe de homens e de sexo tal como sempre haviam feito, ajudá-la a regressar à normalidade. Gostaria de poder ficar ali toda a manhã, mas era impossível. Lamentava que Lisa não estivesse no laboratório para poder ajudá-la naquele dia, mas isso estava fora de questão.

— Sim, um respondeu Jeannie. Houve um tipo com o qual eu não me importava de ter casado. Chamava-se Will Temple. Era antropólogo. Ainda é. Conseguiu imaginá-lo: alto, de barba loura, com calças de jeans e camisa de flanela de quadrados, transportando a bicicleta de dez velocidades através dos corredores da universidade.

— Já me falou nele antes — disse Lisa. Como é que ele era?

— Espetacular. Jeannie suspirou. Fazia-me rir, cuidava de mim quando eu adoecia, passava as camisas dele a ferro e adorava sexo.

Lisa não sorriu.

— O que é que correu mal?

Jeannie estava na brincadeira, mas era doloroso recordar.

— Trocou-me pela Georgina Tinkerton Ross. E acrescentou, à laia de explicação: Dos Tinkerton Ross de Pittsburgh.

— Como era ela?

A última coisa de que Jeannie se queria lembrar era de Georgina. No entanto, aquela conversa impedia Lisa de pensar na violação, por isso obrigou-se a recordar.

— Era perfeita respondeu, detestando o sarcasmo cheio de amargura que ouviu na sua voz. Loura, escultural, muito bom gosto em camisolas de caxemira e sapatos em pele de crocodilo. Não tinha cérebro, mas era muito rica.

— Quando é que isso aconteceu?

— Eu e o Will vivemos juntos durante um ano, enquanto eu fazia o doutoramento. Haviam sido os dias mais felizes da sua vida. Abandonou-me quando eu estava escrevendo o meu artigo acerca da existência de criminalidade na genética. "Foi numa altura muito oportuna, Will. Quem me dera poder odiar-te ainda mais". Depois o Berrington convidou-me para trabalhar em Jones Falis e eu aceitei.

— Os homens são uns patifes!

— O Will não é bem um patife. É um tipo espetacular. Mas apaixonou-se por outra, é tudo. Acho que ele fez uma péssima escolha. Mas nós não éramos casados, ele não quebrou quaisquer promessas. Nunca me foi infiel, exceto talvez uma ou duas vezes antes de me contar. Jeannie apercebeu-se de que estava a repetir a justificativa de Will. Não sei, se calhar ele era mesmo um patife.

— Talvez devêssemos regressar à era vitoriana, quando um homem que beijava uma garota se considerava comprometido com ela. Pelo menos as garotas sabiam em que pé se encontravam.

Naquele momento, a opinião de Lisa sobre relações amorosas era bastante drástica, mas Jeannie não lho disse.

— E você? — perguntou, em vez disso. Já conheceu alguém com quem quisesse casar?

— Nunca. Nem um.

— Somos muito esquisitas. Não te preocupe. Quando o homem certo

aparecer, vai ser maravilhoso.

A campainha tocou, assustando-as. Lisa deu um salto e bateu na mesa. Uma jarra de porcelana caiu e estilhaçou-se.

Raios partam isto! Ainda estava muito tensa.

— Eu apanho os cacos — disse Jeannie, numa voz calma. Vai ver quem é.

Lisa pegou no intercomunicador. Uma ruga de preocupação surgiu-lhe no rosto enquanto estudava a imagem no tela.

— Não há problema, acho eu disse, em tom de dúvida, apertando no botão para abrir a porta.

— Quem é? — perguntou Jeannie.

— Uma detetive.

Jeannie calculara que iriam mandar alguém para tentar convencê-la a colaborar na investigação. Estava decidida a impedi-los. A última coisa de que Lisa precisava naquele momento era de mais perguntas indiscretas.

— Por que não a mandaste foder?

— Talvez por ela ser negra.

— A sério? Lisa assentiu.

"Que inteligentes", pensou Jeannie, apanhando os pedaços de porcelana do chão. Os policiais sabiam que ela e Lisa eram hostis. Se tivesse mandado um homem, este não passaria da porta, por isso, tinham enviado uma negra, sabendo que duas garotas brancas da classe média seriam capazes de lhe fazer uma vênia. "Bom, se ela tentar forçar a Lisa, eu expulso-a daqui na mesma".

A mulher era corpulenta e tinha cerca de quarenta anos. Vestia uma blusa creme com um lenço de seda colorido e, na mão, uma pasta.

— Sou a sargento Michelle Delaware — apresentou-se. Costumam tratar-me por Mish.

Jeannie perguntou a si própria o que estaria naquela pasta. Normalmente, os detetives andavam com armas, não com papéis.

— Eu sou a doutora Jean Ferrami — disse Jeannie. Usava sempre o título académico quando achava que ia discutir com alguém. E esta é a Lisa Hoxton.

— Miss Hoxton, quero que saiba que lamento o que lhe aconteceu ontem. A minha unidade lida, em média, com uma violação por dia, e cada uma é uma tragédia terrível e um trauma para a vítima. Sei que está sofrendo e compreendo-a.

"Uau", pensou Jeannie, "isto já é diferente de ontem".

— Estou tentando esquecer tudo — disse Lisa, esforçando-se por parecer forte, mas as lágrimas vieram-lhe aos olhos, traindo-a.

— Posso sentar-me?

— Claro.

— A detetive sentou-se à mesa da cozinha. Jeannie estudou-a.

— A sua atitude é diferente da do policial de ontem comentou. Mish assentiu.

— Também lamento imenso a forma como o McHenty a tratou. Tal como todos os agentes, ele foi treinado para saber lidar com vítimas de violações, mas parece ter esquecido o que lhe ensinaram. Todo o departamento é da minha opinião.

— Foi como ser violada de novo — disse Lisa, chorando.

— Isso nunca mais voltará a acontecer — declarou Mish, deixando escapar na voz uma certa ira. É por isso que tantos dossiês sobre casos de violações acabam numa gaveta com a etiqueta "Infundados". E não é porque as mulheres mintam sobre a violação. É porque o sistema judicial as ameaça de forma tão brutal que elas retiram a queixa.

— Acredito — comentou Jeannie, pensando: "A Mish pode falar como uma das nossas, mas continua a ser polícia".

Mish tirou da carteira um cartão.

— Aqui está o número de um centro de voluntárias para vítimas de violação e abuso de menores — disse. Mais cedo ou mais tarde, todas as vítimas precisam de conselhos.

Lisa pegou no cartão.

— Neste momento só preciso esquecer que aquilo aconteceu disse.

Mish assentiu.

— Mas siga o meu conselho: meta o cartão numa gaveta. Os seus sentimentos vão mudando e provavelmente chegará uma altura em que estará preparada para procurar ajuda.

— Está bem.

Jeannie achou que Mish merecia algo mais.

— Quer um café? — perguntou.

— Gostaria muito.

— Vou prepará-lo — disse. Levantou-se e encheu a cafeteira.

— Trabalham juntas? — perguntou Mish.

— Sim respondeu Jeannie. Estudamos gêmeos.

— Gêmeos?

— Avaliamos as suas semelhanças e diferenças e tentamos descobrir quanto foi herdado e quanto foi devido à forma como foram educados.

— Qual é o seu papel nisso, Lisa?

— A minha tarefa é encontrar os gêmeos para os cientistas poderem estudá-los.

— E como faz isso?

— Começo pelas certidões de nascimento, que, na maior parte dos Estados, são acessíveis ao público. A probabilidade de haver gêmeos é de um por cento em cada cem partos, por isso arranjo um par deles em cada cem certidões. A certidão dá-nos a data e o local de nascimento. Fazemos uma fotocópia e depois vamos à procura dos gêmeos.

— Como?

— Temos todas as listas telefônicas americanas em CD-ROM. Podemos também recorrer à Direção-Geral de Viação e às agências de crédito.

— Encontram sempre os gêmeos?

— Credo, não! A nossa taxa de sucesso depende da idade deles. Detectamos noventa por cento dos gêmeos com dez anos, mas só cinquenta por cento dos octogenários. Os mais idosos mudaram de casa algumas vezes, alteraram o nome ou morreram.

Mish olhou então para Jeannie.

— E depois você estuda-os.

— Concentro-me mais em gêmeos univitelinos que tenham sido criados separadamente. Estes são muito mais difíceis de encontrar. Colocou a cafeteira sobre a mesa e encheu uma chávena para Mish. Se a detetive tencionava pressionar Lisa, não tinha pressa.

Mish bebeu um gole e olhou para Lisa.

— Tomou alguma coisa no hospital?

— Não, não estive lá muito tempo.

— Deviam-lhe ter dado um comprimido para interromper uma eventual gravidez. Não lhe deve interessar estar grávida.

Lisa estremeceu.

— Claro que não. Já estava farta de perguntar a mim própria o que deveria fazer.

— Vá ao seu médico. Ele dá-lhe o comprimido, a menos que a sua religião o impeça de tal... Alguns médicos católicos não gostam de fazê-lo. Nesse caso, o centro de voluntárias recomendar-lhe-á outro.

— É bom falar com alguém que sabe tudo isso.

— O incêndio não foi accidental — prosseguiu Mish. Falei com o comandante dos bombeiros. Alguém fez fogo numa despensa junto aos vestiários, e depois desenroscou os tubos da ventilação, para ter a certeza de que a fumaça era puxada para o vestiário. Ora, os violadores não estão realmente interessados no sexo: é o medo que os excita, por isso, creio que o incêndio fazia parte da sua nojenta fantasia.

Jeannie não pensara nessa possibilidade.

— Achei que o violador tinha sido um oportunista que se aproveitara do incêndio.

Mish abanou a cabeça.

— A violação de alguém conhecido é outra coisa: o rapaz apercebe-se de que a garota está demasiado drogada ou bêbeda para repeli-lo. Mas os homens que violam desconhecidas são diferentes. Fazem muitos planos. Fantasiam o acontecimento, depois arranjam a melhor maneira de torná-lo real. Por vezes são bastante inteligentes. Isso os torna ainda mais perigosos.

Jeannie ficou furiosa.

— Quase morri naquele maldito incêndio! — exclamou.

— Estarei certa em pensar que nunca tinha visto o homem antes? — perguntou Mish a Lisa.

— Creio que o vi uma hora antes — respondeu ela. Quando estava correndo com a equipe de hóquei em campo, um carro abrandou e o condutor olhou para nós. Tenho um pressentimento de que era ele.

— Que tipo de carro?

— Era antigo, disso estou certa. Branco, muito velho. Talvez um Dutsun.

Jeannie estava à espera que Mish tomasse nota, mas ela continuou a falar: — Tenho a sensação de que o indivíduo é inteligente e implacável e que fará tudo o que for preciso para satisfazer os seus desejos.

— Devia ser metido na prisão para o resto da vida comentou Jeannie com amargura.

Mish jogou o seu trunfo.

— Mas isso não vai acontecer. Está livre E voltará a atacar.

— Como pode ter a certeza disso? — perguntou Jeannie com cepticismo.

— A maior parte dos violadores é persistente, ataca em série. A única exceção é o rapaz oportunista que referi anteriormente: esse pode atacar só uma vez. Mas os homens que violam desconhecidas fazem-no uma e outra vez.. até serem apanhados. Mish dirigiu um olhar duro a Lisa. Daqui a sete ou dez dias, o homem que a violou irá submeter outra mulher à mesma tortura... a menos que o apanhemos primeiro.

— Oh, meu Deus! — exclamou Lisa. Jeannie conseguia ver onde Mish queria chegar. Como calculara, a detetive iria tentar convencer Lisa a colaborar na investigação. Jeannie ainda estava determinada a não permitir que Mish perturbasse ou pressionasse Lisa, mas era difícil objetar às coisas que ela dizia naquele momento.

— Precisamos de uma amostra do DNA dele disse Mish.

Lisa fez uma careta.

— Do esperma dele, quer a senhora dizer Sim.

Lisa abanou a cabeça.

— Tomei um ducha, um banho de imersão, e fiz uma irrigação com um desinfetante. Espero que já não haja nada dele dentro de mim. Mish foi persistente.

— Os vestígios permanecem no corpo até quarenta e oito ou setenta e duas horas depois. Precisamos de um esfregaço vaginal, de uma análise dos pêlos púbicos e de uma amostra de sangue.

— O médico que a viu ontem no Santa Teresa era um idiota — comentou Jeannie.

Mish assentiu.

— Os médicos detestam lidar com as vítimas de violações. Se tiverem de ir a tribunal, perdem tempo e dinheiro. Mas a Lisa nunca deveria ter sido levada para o Santa Teresa. Esse foi outro dos muitos erros do McHenty. Há três hospitais na zona mais indicados.

— A qual quer que eu vá?

— O Hospital Mercy tem uma unidade de observação de mulheres violadas, a EFAS, Exame Forense de Abusos Sexuais.

Jeannie assentiu. O Mercy era um grande hospital na zona central da cidade.

— Vai ser observada por uma enfermeira especializada: sempre uma mulher. Ela sabe como lidar com as vítimas e recolher as provas, ao contrário do médico de ontem... Mesmo que lhe tivesse tocado, teria estragado tudo.

Era evidente que Mish não tinha grande respeito pelos médicos.

Ela abriu a pasta. Jeannie esticou o pescoço, curiosa. Lá dentro estava um computador portátil. Mish levantou a tampa e ligou-o.

Temos um programa chamado "TIFE", que quer dizer "Técnica de Identificação Facial Eletrônica". Gostamos de acrônimos — disse ela, com um sorriso seco. Por acaso, foi criado por um detetive da Scotland Yard. Permite-nos arranjar um retrato-robô do criminoso, sem precisarmos da ajuda de um desenhista — declarou, olhando, expectante, para Lisa.

Esta fitou Jeannie.

— O que acha?

— Não quero que se sinta pressionada. Pensa em você. Tem direito a isso. Faz o que te apetecer.

Mish dirigiu-lhe um olhar hostil, depois virou-se para Lisa.

— Não estou a pressioná-la. Se quiser que eu me vá embora é só dizer. Mas fiz-lhe um pedido. Quero apanhar este violador, e preciso da sua ajuda. Sem a senhora, não tenho a mínima hipótese.

Jeannie sentiu uma grande admiração por aquela mulher. Mish dominara e dirigira a conversa desde que entrara ali, mas fizera-o sem forçar nem manipular. Sabia do que estava a falar e aquilo que queria.

— Não sei — respondeu Lisa.

— Por que não dá uma olhadela a este programa de computador? — sugeriu a detetive. Paramos, caso se sinta perturbada. Se não, pelo menos saberei qual é o aspecto do homem que persigo. Depois, quando tivermos terminado, pode decidir se quer ou não ir ao Mercy.

Lisa tornou a hesitar.

— Está bem concordou, por fim.

— Lembre-se de que pode parar quando te apetecer — interveio Jeannie.

Lisa assentiu.

— Para começar, vamos buscar uma cara. Não vai ser parecida com a dele, mas é uma base. Depois, apuramos os pormenores. Preciso que se concentre no rosto do violador e depois me faça uma descrição geral. Leve o tempo que for preciso.

Lisa fechou os olhos.

— Era branco e tinha mais ou menos a minha idade. Cabelo curto, sem nenhuma cor específica. Olhos claros, creio que azuis. Nariz aquilino...

Mish mexia no mouse. Jeannie levantou-se e foi colocar-se atrás da detetive, de forma a poder ver a tela. Era um programa do Windows. No canto superior estava um rosto dividido em oito partes. À medida que Lisa ia fazendo a descrição, Mish carregava nessa zona da cara, puxava um menu, depois selecionava os elementos do menu com base no que Lisa dizia: cabelo

curto, olhos claros, nariz aquilino.

Lisa prosseguiu:

— Queixo mais ou menos quadrado, sem barba ou bigode... que tal estou indo?

Mish carregou outra vez no mouse e na tela surgiu o rosto de um homem. Este aparentava cerca de trinta anos, possuía feições regulares e podia ser qualquer um de mil indivíduos. Mish virou o computador para que Lisa pudesse ver o tela.

— Agora, vamos mudar a cara dele aos poucos. Primeiro, mostro-lhe esta cara com várias testas e diferentes contornos do couro cabeludo. Diga sim, não ou talvez. Está pronta?

— Sim.

Mish apertou o mouse. O rosto no tela alterou-se e a testa ficou com umas grandes entradas.

— Não — disse Lisa.

Tornou a apertar. Desta vez, a cara tinha uma franja parecida com a dos Beatles.

— Não.

O penteado seguinte era ondulado.

— Já está mais parecido — disse Lisa. Mas creio que ele tinha um risco.

O seguinte era encaracolado.

— Melhor. Este é melhor do que o outro. Mas o cabelo continua muito escuro.

— Depois de termos visto todos, voltamos para aqueles que escolheu — disse Mish. Quando tivermos o rosto completo, podemos fazer uns últimos retoques; pôr o cabelo mais escuro ou mais claro, mudar o risco, tornar o rosto mais jovem ou mais velho.

Jeannie estava fascinada, mas aquilo iria demorar uma hora, ou mais, e ela precisava ir trabalhar.

— Tenho de ir-me embora. Fica bem, Lisa?

— Ótima — respondeu Lisa, e Jeannie viu que era verdade. Talvez fosse

melhor ela distrair-se com a caça ao homem. Olhou para Mish e viu uma expressão de triunfo.

"Ter-me-ei enganado", pensou, "quando fui hostil para a Mish e quis proteger a Lisa?" Mish era simpática. Tinha as palavras certas. Mesmo assim, a sua prioridade não era ajudar Lisa, mas sim apanhar o violador. Lisa continuava a precisar de uma amiga, alguém cuja principal preocupação fosse ela.

— Ligo-te mais logo — disse Jeannie. Lisa abraçou-a Muito obrigada por ter ficado comigo. Mish estendeu-lhe a mão.

— Prazer em conhecê-la. Jeannie apertou-lha.

— Boa sorte. Espero que o apanhe.

— Eu também — retorquiu Mish.

6

Steve deixou o carro no enorme parque de estacionamento dos alunos na extremidade sudoeste do complexo de Jones Falis. Faltavam alguns minutos para as dez e viam-se bastantes alunos com roupas leves de Verão a caminho da primeira aula do dia. Enquanto atravessava o complexo pensou na tenista. Sabia ter poucas probabilidades de voltar a encontrá-la, mas mesmo assim não conseguiu impedir-se de olhar para todas as morenas altas, para ver se tinham uma argola no nariz.

O Edifício de Psicologia Ruth W. Acorn era uma estrutura moderna de três andares, coberto com o mesmo tijolo vermelho dos outros edifícios mais antigos e tradicionais da universidade. Steve deu o seu nome no átrio e foi enviado para o laboratório.

Durante as três horas seguintes foi submetido a mais testes do que aqueles que imaginara serem possíveis. Pesaram-no, mediram-no e tiraram-lhe as impressões digitais. Cientistas, técnicos e alunos fotografaram-lhe as orelhas, testaram a força do seu aperto de mão e avaliaram a sua capacidade de reação, mostrando-lhe fotografias de vítimas de incêndios e corpos mutilados. Respondeu às perguntas sobre os seus tempos livres, as suas crenças religiosas, as suas namoradas e aspirações profissionais. Teve de dizer se sabia arranjar uma campainha, se pensava que tinha bom aspecto, se bateria nos filhos e se algumas músicas lhe faziam lembrar imagens ou várias cores. No entanto, ninguém lhe explicou por que motivo fora selecionado para aquele trabalho.

Não era o único a ser estudado. No laboratório encontravam-se também duas meninas e um homem de meia idade com botas à cowboy, calças de jeans e uma camisa com franjas. A meio do dia, juntaram-se numa sala com sofás e uma televisão e almoçaram pizza e Coca-Cola. Foi nessa altura que Steve se apercebeu de que na realidade havia dois homens de meia idade: eram gêmeos e tinham roupa igual.

Ele apresentou-se e ficou sabendo que os cowboys se chamavam Benny e Arnold e as meninas Sue e Elizabeth.

— Vocês vestem-se sempre da mesma maneira? — perguntou Steve aos homens enquanto comiam.

Eles entreolharam-se.

— Não sei — respondeu Benny. Acabamos de nos conhecer.

— São gêmeos e acabaram de se conhecer?

— Fomos adotados quando éramos bebê... por famílias diferentes.

— E por acaso vestem-se da mesma forma?

— Assim parece.

— E somos ambos carpinteiros — acrescentou Arnold, fumamos Camel Lightx e temos dois filhos cada um, um rapaz e uma garota.

— As garotas chamam-se Caroline, mas o meu filho chama-se John e o dele Richard disse Benny.

— Eu quis batizar o meu de John, mas a minha mulher insistiu em Richard explicou Arnold.

— Uau! — exclamou Steve. Mas não podem ter herdado o gosto por Camel Lights.

— Quem sabe?

— Onde está o teu irmão gêmeo? — perguntou Elizabeth a Steve.

— Não tenho nenhum — respondeu. É isso que se estuda aqui, gêmeos?

— Sim — acrescentou, orgulhosa: Eu e a Sue somos bivitelinas.

Steve franziu o sobrolho. A garota parecia ter cerca de onze anos.

— Não conheço essa palavra — retorquiu ele com gravidade. O que quer dizer?

— Que não somos iguais. Apontou para Benny e Arnold. Eles são univitelinos. Têm o mesmo DNA. É por isso que são tão parecidos.

— Parece entender muito do assunto — comentou Steve. Estou impressionado.

— Já aqui viemos antes.

A porta atrás de Steve abriu-se e Elizabeth olhou para lá.

— Olá, doutora Ferrami — cumprimentou. Steve virou-se e viu a tenista.

O seu corpo musculoso encontrava-se oculto sob uma bata branca pelo

joelho, mas ela movia-se pela sala como uma atleta. Tinha a mesma expressão concentrada que tanto o impressionara no court. Ficou a olhá-la, mal podendo acreditar na sua sorte.

Ela cumprimentou as garotas e apresentou-se aos restantes. Quando apertou a mão de Steve olhou-o de relance uma segunda vez.

— Então você é o Steve Logan! — exclamou.

— Jogou uma boa partida de tênis — comentou ele.

— Mas perdi. Ela sentou-se. Tinha o cabelo forte e escuro solto e Steve reparou, à luz impiedosa do laboratório, que tinha alguns cabelos brancos. Em vez da argola prateada tinha uma pequena bola de ouro no nariz. Estava pintada e a base fazia os seus olhos escuros parecerem ainda mais hipnóticos.

Agradeceu a todos a sua disponibilidade para estarem ali a bem da ciência e perguntou se as pizzas eram saborosas. Depois de mais algumas trivialidades pediu às garotas e aos cowboys que fossem começar os testes da tarde.

Estava sentada junto a Steve, e ele teve a sensação de que ela se sentia atrapalhada. Parecia que ia dar-lhe más notícias.

— Já deve ter perguntado a si próprio para que é tudo isto disse.

— Calculo que fui escolhido por ter boas notas.

— Não — retorquiu ela. É verdade que teve muito boas notas em todos os testes intelectuais. As suas notas na escola são mais baixas do que deviam ser. O seu QI é muito acima da média. Provavelmente foi sempre o melhor da turma sem ter de se esforçar muito, não é verdade?

— Sim. Mas não é por isso que aqui estou?

— Não. O nosso projeto é saber até que ponto a vida das pessoas é predeterminada pela sua herança genética. O embaraço foi desaparecendo à medida que se ia embrenhando no assunto. Será o DNA que determina que sejamos inteligentes, agressivos, românticos, atléticos? Ou será a nossa educação? Se ambos têm influência, de que forma interagem?

— Isso é uma polémica muito antiga comentou Steve. Tivera filosofia na escola e sentira-se fascinado por aquele tema. Sou o que sou porque nasci assim? Ou serei um produto da minha educação e da sociedade em que fui criado? Lembrou-se de uma frase que resumia tudo: Natureza ou educação?

Ela assentiu com a cabeça, e o seu cabelo comprido agitou-se um pouco, como o oceano. Steve perguntou a si próprio o que sentiria ao tocá-lo.

— Mas estamos tentando arranjar uma resposta estritamente científica — disse ela. Os gêmeos univitelinos têm os mesmos genes... exatamente os mesmos. Os bivitelinos não, mas são normalmente criados no mesmo ambiente. Estudamos os dois tipos e comparamo-los com os gêmeos univitelinos criados separadamente, medindo as suas semelhanças.

Steve questionou-se sobre em que é que aquilo o afetaria. Também se interrogou sobre a idade de Jeannie. Quando a vira a jogar tênis na véspera, com o cabelo escondido sob o boné, julgara que ela era da sua idade; agora apercebia-se de que devia estar perto dos trinta. Isso não modificou o que sentia por ela, mas nunca antes se sentira atraído por uma pessoa tão mais velha.

— Se o ambiente fosse o mais importante — prosseguiu ela, os gêmeos criados juntos seriam muito parecidos e os gêmeos criados separadamente bastante diferentes, independentemente de serem univitelinos ou bivitelinos. Na realidade, descobrimos que é precisamente o contrário. Os gêmeos univitelinos são parecidos, ainda que criados por pessoas diferentes. Os gêmeos univitelinos criados separadamente são mais parecidos do que os gêmeos bivitelinos criados juntos.

— Como o Benny e o Arnold?

— Exato. Reparou, com certeza, como eles são parecidos, embora tenham sido criados em lares diferentes. Isso é comum. Este departamento já estudou mais de cem pares de gêmeos univitelinos educados separadamente. Dessas duzentas pessoas, duas eram poetas de renome, e univitelinas. Duas lidavam profissionalmente com animais de estimação... uma treinava cães e outra era criadora. E eram univitelinas. Tivemos dois músicos: um professor de piano e um guitarrista... igualmente univitelinos. Mas estes são apenas os exemplos mais flagrantes. Como viu esta manhã, fazemos medições científicas da personalidade, do QI e de vários aspectos físicos, e essas medições apresentam muitas vezes o mesmo padrão: os gêmeos univitelinos são muito parecidos, independentemente da sua educação.

— Ao passo que a Sue e a Elizabeth parecem ser bastante diferentes.

— Exato. No entanto, têm os mesmos pais, a mesma casa, frequentam a mesma escola, comeram a mesma coisa durante toda a vida, e assim por

diante. Calculo que a Sue tenha estado calada durante o almoço e que Elizabeth lhe contou a história da sua vida.

— Por acaso, ela explicou-me o que queria dizer "univitelino". A Dra. Ferrami riu-se, mostrando dentes brancos e uma ponta da língua rosada, e Steve ficou estranhamente satisfeito por tê-la divertido.

— Mas ainda não explicou qual é o meu envolvimento. Ela pareceu de novo atrapalhada.

— É um pouco difícil. Isto nunca aconteceu antes.

De súbito, compreendeu. Era evidente, mas tão espantoso que só agora adivinhara.

— Acham que eu tenho um irmão gêmeo que desconheço? — perguntou ele com ar incrédulo.

— Não me ocorre nenhuma forma mais suave de lhe dizer isso — respondeu ela, atrapalhada. Sim, achamos.

— Uau! exclamou ele. Estava atordoado: era difícil digerir aquela informação.

— Lamento muito.

— Não tem de pedir desculpa, acho eu.

— Mas claro que sim. Normalmente, as pessoas sabem que têm gêmeos antes de virem para cá. No entanto, eu arranjei uma nova forma de recrutar pessoas para este estudo, e você é o primeiro. Por acaso, o fato de não saber que tem um irmão gêmeo é ainda melhor. Mas não me ocorreu que podíamos dar às pessoas notícias chocantes.

— Eu sempre quis ter um irmão — disse Steve. Era filho único e nascera quando os seus pais estavam quase nos quarenta. É um irmão?

— Sim. E são univitelinos.

— Um irmão gêmeo univitelino — murmurou Steve. Mas como pôde isso acontecer sem eu saber?

Ela ficou mortificada.

— Espere lá, acho que consigo descobrir. Eu podia ter sido adotado.

Jeannie assentiu.

Aquilo era ainda mais chocante: a mãe e o pai podiam não ser os seus pais.

— Ou o meu gêmeo podia ter sido adotado.

— Sim.

— Ou podemos ter sido os dois adotados, como o Benny e o Arnold.

— Exato — confirmou ela com ar solene. Fitava-o intensamente com os seus olhos escuros. Apesar da confusão que reinava no seu espírito, Steve não pôde impedir-se de pensar que ela era encantadora. Desejou que o olhasse para sempre daquela forma.

— Na minha experiência — disse Jeannie, mesmo que uma pessoa desconheça que tem um gêmeo, sabe normalmente que foi adotada. Ainda assim, eu devia ter calculado que você era diferente.

— Não acredito que os meus pais guardassem segredo da adoção — disse Steve, triste. Não é nada o gênero deles.

— Fale-me dos seus pais.

Sabia que ela queria fazê-lo falar para que esquecesse o choque, mas não se importou. Ordenou as ideias.

— A minha mãe é excepcional. Já ouviu, com certeza, falar dela: chama-se Lorraine Logan.

— A colunista dos corações solitários?

— Sim. Publicada em quatrocentos jornais, autora de seis bestsellers sobre a saúde das mulheres. É rica e famosa, e merece-o.

— Por que diz isso?

— Porque ela se preocupa bastante com as pessoas que lhe escrevem. Responde a milhares de cartas. Na sua maioria, as pessoas querem que ela agite a sua varinha mágica... que faça desaparecer as suas gravidezes indesejadas, tire os seus filhos da droga, transforme os maridos brutos em indivíduos meigos e atenciosos. Ela dá-lhes sempre a informação de que precisam e diz-lhes que a decisão lhes cabe, que devem confiar nos seus sentimentos e não permitir que ninguém abuse delas. É uma boa filosofia.

— E o seu pai?

— É bastante vulgar, acho eu. É coronel, trabalha no Pentágono. Está

nas relações públicas, escreve os discursos para os generais, esse gênero de coisas.

— É adepto da disciplina? — Steve sorriu.

— Tem um grande sentido do dever, mas não é um homem violento. Viu-se em algumas alhadas na Ásia, antes de eu nascer, mas nunca falou disso em casa.

— Você precisou ser disciplinado? — Steve riu-se.

— Eu fui sempre o mais mal comportado da turma. Estava sempre metido em confusões.

— Porquê?

— Por infringir as regras. Por correr nos corredores. Por usar meias vermelhas. Por mascar pastilha nas aulas. Por beijar a Wendy Prasker na biblioteca, atrás da prateleira dos livros de biologia, quando tinha treze anos.

— Porquê?

— Porque ela era muito bonita. — Jeannie riu-se.

— Queria referir-me ao motivo que o fez infringir as outras regras.

Ele abanou a cabeça.

— Não conseguia ser obediente. Fazia o que me apetecia. As regras pareciam estúpidas e eu aborrecia-me. Podiam ter-me expulsado da escola, mas eu sempre tive boas notas e era geralmente o capitão de uma equipe, quer de futebol, de basquetebol, de basebol ou de atletismo. Não me compreendo. Serei esquisito?

— Toda a gente é esquisita.

— Acho que sim. Por que é que tem um brinco no nariz?

Ela ergueu as sobrancelhas escuras, como se dissesse: "Eu é que faço as perguntas", mas respondeu-lhe:

— Atravessei uma fase punk quando tinha catorze anos: cabelo verde, colantes rotos, tudo. O nariz furado também fazia parte disso.

— Se você quisesse, o buraco já podia ter fechado.

— Eu sei. Creio que continuo com ele por achar que a respeitabilidade completa é uma chateação.

Steve sorriu. "Meu Deus, gosto desta mulher", pensou, "embora ela seja demasiado velha para mim". Depois os seus pensamentos concentraram-se no que ela dissera.

— Por que é que está tão certa de que tenho um irmão gêmeo?

— Criei um programa de computador que procura pares nos registos médicos e noutras bases de dados. Os gêmeos univitelinos têm ondas cerebrais, eletrocardiogramas, impressões digitais e dentes semelhantes. Investiguei uma grande base de dados de radiografias dentárias feitas por uma companhia de seguros de saúde e descobri uma pessoa que tem os dentes e o formato da arcada muito parecidos com os seus.

— Isso não é conclusivo.

— Talvez não, embora ele tenha cavidades nos mesmos lugares que você.

— Então quem é o rapaz?

— Chama-se Dennis Pinker.

— E onde está agora?

— Em Richmond, na Virgínia.

— Já o viu?

— Vou amanhã a Richmond. Irei fazer-lhe grande parte dos mesmos testes e recolher uma amostra de sangue para comparar o DNA dele com o seu. Nessa altura, teremos certeza.

Steve franziu o sobrolho.

— Há alguma área específica em que esteja interessada no campo da genética?

— Sim. A minha especialidade é a criminalidade e se ela é hereditária.

Steve assentiu.

— Já percebi. O que fez ele?

— Desculpe?

— O que fez o Dennis Pinker?

— Não percebo o que quer dizer.

— Vai visitá-lo em vez de lhe pedir que venha cá, por isso é evidente que ele está preso.

Ela corou ligeiramente, como se tivesse sido apanhada mentindo. Ficava ainda mais sexy com as faces ruborizadas.

— Sim, tem razão — disse.

— Por que crime está ele na cadeia? — Ela hesitou.

— Homicídio.

— Credo! Steve desviou o olhar do dela, tentando digerir a informação. Não só fico sabendo que tenho um irmão univitelino, como também que ele é um criminoso! Deus do Céu!

— Desculpe — disse ela. Conduzi isto muito mal. Você é a primeira pessoa assim que estudo.

— Caramba! Vim aqui à espera de aprender qualquer coisa a respeito de mim próprio, mas fiquei sabendo mais do que desejava!

Jeannie não sabia, nem nunca iria saber, que Steve quase matara um rapaz chamado Tip Hendricks.

— Vocês são muito importantes para mim — disse ela.

— Como?

— A questão é saber se a criminalidade é hereditária. Publiquei um trabalho onde defendi que um certo tipo de personalidade é hereditária... uma mistura de impulsividade, ousadia, agressão e hiperatividade, mas depende da forma como os pais lidam com essas pessoas se elas se transformam ou não em criminosas. Para provar a minha teoria, tenho de descobrir um par de gêmeos univitelinos em que um seja um criminoso e o outro um cidadão respeitável. Você e o Dennis são o meu primeiro par, e são perfeitos: ele está na prisão e você, perdoe-me a expressão, é o rapaz americano ideal. Para lhe dizer a verdade, sinto-me tão excitada que mal consigo estar quieta.

Imaginar que aquela mulher se sentia demasiado excitada para estar quieta deixou Steve perturbado. Desviou o olhar do dela, com receio que o desejo fosse visível no seu rosto. Mas o que ela lhe dissera era bastante perturbador. Tinha o mesmo DNA de um assassino. Isso transformava-o em quê?

Atrás de Steve, a porta abriu-se e ela olhou para cima.

— Olá, Berry — cumprimentou Jeannie. Steve, quero que conheça o professor Berrington Jones, o diretor do estudo de gêmeos da Universidade Jones Falis.

O professor era um homem baixo, que andava perto dos sessenta anos, bem parecido e com cabelo grisalho. Vestia um terno de muito bom corte em tweed verde irlandês e, no lugar da gravata, um fio de couro vermelho com as extremidades brancas. Tinha um ar tão perfeito que parecia ter acabado de sair de uma loja. Steve vira-o algumas vezes na televisão a falar da forma como a América estava sendo destruída. Não gostava das ideias dele, mas, como a sua educação o mandava ser delicado, levantou-se e estendeu-lhe a mão.

Berrington Jones olhou para ele e pareceu ter visto um fantasma.

— Meu Deus! — exclamou, empalidecendo.

— O que foi, Berry? — perguntou a Dra. Ferrami.

— Fiz alguma coisa? — indagou Steve.

O professor ficou calado durante algum tempo. Depois pareceu controlar-se.

— Desculpem, não foi nada disse, mas parecendo ainda abalado. É que me lembrei de repente de uma coisa... uma coisa de que me esqueci, um erro muito grave. Por favor, dêem-me licença. Dirigiu-se para a porta, ainda a murmurar: As minhas desculpas. Saiu.

Steve olhou para a Dra. Ferrami.

Ela encolheu os ombros e levantou as mãos, num gesto de impotência.

— Não faço a mínima ideia — disse.

7

Berrington sentou-se à secretária, respirando com custo.

Tinha um gabinete num dos cantos do edifício, mas, tirando as paredes de vidro e a bela vista, o seu aspecto era monástico: chão de plástico, paredes brancas, arquivos, prateleiras baratas. Não se esperava que os acadêmicos tivessem gabinetes luxuosos. O screensaver do seu monitor mostrava uma espiral de DNA em rotação, na conhecida forma da dupla hélice. Na secretária viam-se fotografias dele próprio com Geraldo Rivera, Newt Gingrich e Rush Limbaugh. A janela dava para o ginásio, fechado devido ao incêndio da véspera. Do outro lado da estrada, dois rapazes jogavam tênis no court, apesar do calor.

Berrington esfregou os olhos.

— Raios, raios, raios! — exclamou.

Convencera Jeannie Ferrami a trabalhar ali. O artigo que ela publicara sobre criminalidade abria novos rumos ao centrar-se nos componentes da personalidade criminosa. Isso era crucial para o projeto da Genético. Quisera que ela continuasse a trabalhar sob a sua proteção. Conseguira arranjar-lhe emprego na faculdade e financiar a sua investigação com uma bolsa da Genético.

Com a sua ajuda, ela poderia fazer coisas grandiosas, e o fato de ser de origem humilde realçava ainda mais o que atingira. As suas primeiras quatro semanas em Jones Falis tinham confirmado a opinião dele. Começara em grande força e o seu projeto avançara rapidamente. A maior parte das pessoas gostava dela, embora por vezes pudesse ser muito ríspida: um técnico do laboratório, um rapaz com rabo-de-cavalo que pensava poder continuar a ser o desleixado do costume, ouviu uma violenta reprimenda no segundo dia de trabalho de Jeannie.

O próprio Berry estava enamorado. Ela era física e intelectualmente deslumbrante. Sentia-se dividido entre uma necessidade paternal de encorajá-la e guiá-la e o forte desejo de seduzi-la.

E agora aquilo!

Quando recuperou o fôlego, pegou no telefone e ligou a Preston Barck.

Preston era o seu melhor amigo: tinham-se conhecido no MIT* durante os anos 60, quando Berry andava tirando o seu doutoramento em Psicologia e Preston era um notável embriólogo. Com os seus cabelos curtos e fatos de tweed, ambos eram considerados estranhos naquela época de estilos de vida extravagantes. Haviam logo descoberto que tinham a mesma opinião sobre diversas coisas: o jazz moderno era uma fraude, a marijuana era o primeiro passo para o consumo da heroína, o único político honesto da América era Barry Goldwater. A amizade durara mais do que os seus casamentos. Berrington já não pensava se gostava ou não de Preston: este estava ali, como o Canadá.

* Massachusetts Institute of Technology (N.T.)

Naquele momento, Preston devia encontrar-se no quartel-general da Genético, um aglomerado de edifícios baixos com vista para um campo de golfe no município de Baltimore, a norte da cidade. A secretária de Preston informou-o de que ele estava numa reunião, e Berrington pediu para passar na mesma a chamada.

— Bom dia, Berry. O que se passa?

— Quem é que está aí?

— Lee Ho, um dos contabilistas da Landsmann. Estamos discutindo os últimos pormenores do contrato.

— Manda-o já dar uma volta!

A voz de Preston ficou mais baixa quando ele afastou a cara do auscultador.

— Desculpe, Lee, isto vai demorar ainda algum tempo. Falo com você mais tarde. Houve uma pausa, e depois voltou a falar para o bocal. Agora a sua voz era impaciente. Acabei de mandar embora o braço direito do Michael Madigan. O Madigan é o diretor executivo da Landsmann, para o caso de ter esquecido. Se ainda está tão interessado neste negócio como ontem à noite, é melhor não...

A paciência de Berrington esgotou-se.

— O Steve Logan está aqui — interrompeu ele. Houve um momento de silêncio.

— Em Jones Falis? — perguntou Preston, atordoado.

— Aqui, no edifício de psicologia.

Preston esqueceu-se imediatamente de Lee Ho.

— Deus do Céu! A que propósito?

— Está fazendo uns testes no laboratório. A voz de Preston subiu uma oitava.

— Como diabo é que isso aconteceu?

— Não sei. Vi-o há uns cinco minutos. Imagina a minha surpresa.

— Reconheceste-o?

— É claro que o reconheci.

— Por que está ele fazendo testes?

— Por causa do nosso estudo dos gêmeos.

— Gêmeos? — gritou Preston. Gêmeos! Quem raio é o outro gêmeo?

— Ainda não sei. Era de esperar que uma coisa destas acontecesse, mais cedo ou mais tarde.

— Mas agora? Vamos ter de cancelar o negócio com a Landsmann.

— Bolas, não! Não vou permitir que faça disto uma desculpa para anular tudo, Preston. Neste momento Berrington desejava não ter feito o telefonema, mas precisara de partilhar o choque com alguém. Só temos de arranjar maneira de controlar a situação.

— Quem é que chamou o Steve Logan?

— A nova professora que contratamos, a doutora Ferrami.

— A que escreveu aquele magnífico trabalho sobre criminalidade?

— Sim. Para além de inteligente, é também muito bonita...

— Não me interessa que ela seja a Sharon Stone...

— Calculo que tenha recrutado o Steve para o projeto. Estava com ele quando o vi. Vou verificar.

— Isso é fundamental, Berry. Preston começara já a acalmar-se e a pensar na solução, não no problema. Descobre como é que ele foi recrutado. Depois já podemos calcular o perigo.

— Vou mandá-la vir já aqui ao gabinete.

— Depois me telefona, está bem?

— Claro — disse Berrington, desligando.

No entanto, não ligou imediatamente a Jeannie. Em vez disso, ordenou as suas ideias.

Na sua secretária havia uma fotografia a preto e branco do seu pai, um segundo-tenente, resplandecente no uniforme da marinha. Berrington tinha seis anos quando o Wasp fora ao fundo. Tal como todos os rapazinhos na América, ele odiava os Japoneses e nos seus jogos matava-os à dúzia. E o seu paizinho fora um herói invencível, alto e bem parecido, corajoso, forte e conquistador. Ainda sentia a fúria que o dominara quando descobrira que os Japoneses tinham morto o seu paizinho. Rezara a Deus para que a guerra continuasse até ele ser adulto, poder entrar para a marinha e matar um milhão de japoneses para se vingar.

Nunca matara ninguém. Mas nunca contratara um trabalhador japonês, nunca admitira um aluno japonês nem aceitara psicólogos japoneses para o laboratório.

Muitos homens, quando deparados com um problema, perguntavam a si próprios o que faria o seu pai na mesma situação. Os amigos haviam-lhe dito que ele nunca teria esse privilégio. Não conhecera bem o pai, porque não passava de uma criança. Não tinha a mais pequena ideia de como reagiria o tenente Jones numa situação de crise. Nunca tivera realmente um pai, apenas um super-herói.

Perguntaria a Jeannie Ferrami qual havia sido o seu método de recrutamento. Depois, decidiu, convidá-la-ia para jantar.

Ligou para o número de telefone interno de Jeannie. Ela levantou de imediato o auscultador. Ele baixou a voz e falou num tom a que a sua ex-mulher costumava chamar "meloso".

— Jeannie, é o Berry.

Ela foi tipicamente direta.

— O que raio está se passando?

— Dá-me um minuto, por favor?

— Claro.

— Importa-se de vir até ao meu escritório?

— Vou já para aí — disse ela, desligando.

Enquanto esperava que ela chegasse, interrogou-se sobre com quantas mulheres já teria ido para a cama. Demoraria algum tempo a recordar-se de todas, uma a uma, mas poderia fazer uma estimativa. Fora mais do que uma, mais do que dez, certamente. Teriam sido mais de cem? Isso corresponderia a dois ponto cinco desde que fizera dezenove anos: certamente haviam sido mais. Mil? Vinte e cinco por ano, uma nova mulher em cada duas semanas, durante quarenta anos? Não, não se saíra assim tão bem. Durante os dez anos em que fora casado com Vivvie Ellington, provavelmente não tivera mais de quinze ou vinte relações adúlteras. Mas depois disso compensara. Então, haviam sido entre cem e mil mulheres. Mas não iria levar Jeannie para a cama. Iria descobrir como raio é que ela entrara em contato com Steve Logan.

Jeannie bateu à porta e entrou. Sobre a saia e a blusa trazia a bata branca do laboratório. Berrington gostava que as jovens usassem as batas como vestidos, tendo por baixo exclusivamente a roupa íntima. Achava isso bastante sedutor.

— Obrigado por ter passado por aqui — disse. Puxou uma cadeira para ela e depois empurrou a sua para o outro lado da secretária, por forma a não haver barreiras entre os dois.

A primeira tarefa seria apresentar a Jeannie uma explicação plausível para o seu comportamento quando fora apresentado a Steve Logan. Não iria ser fácil enganá-la. Desejou ter pensado nisso em vez de ter estado a contabilizar as suas conquistas.

Sentou-se e dirigiu-lhe o seu sorriso mais desarmante.

— Quero pedir desculpas pelo meu comportamento estranho declarou. Estive a copiar para o computador alguns fichários da Universidade de Sydney. Apontou para o computador. Quando me apresentaste aquele jovem lembrei-me de que tinha deixado o computador ligado e me esquecera de sair da linha. Senti-me um pouco idiota, é tudo, mas fui bastante grosseiro.

A explicação não era muito boa, mas ela pareceu aceitá-la.

— Ainda bem — disse Jeannie, candidamente. Julguei que tinha feito algo que te houvesse ofendido.

Até ali, tudo bem.

— Ia falar com você a respeito do teu trabalho — prosseguiu ele, calmamente. Começou a todo o vapor. Só está aqui há quatro semanas e o teu projeto já vai bem lançado. Parabéns.

Ela assentiu.

— Conversei bastante com o Herb e o Frank durante o Verão, antes de começar oficialmente — explicou ela. Herb Dickson era o chefe do departamento e Frank Demidenko um dos professores. Estabelecemos logo o método de trabalho.

— Fala-me um pouco mais disso. Surgiram alguns problemas? Posso ser útil em alguma coisa?

— O recrutamento é o meu maior problema — respondeu ela, porque as pessoas que estudamos são voluntárias, na sua maior parte como o Steve Logan, americanos respeitáveis da classe média que acreditam que um bom cidadão tem o dever de contribuir para o avanço científico. Não aparecem muitos chulos nem traficantes de droga.

— Um aspecto que os nossos críticos liberais não deixaram de focar.

— Por outro lado, não é possível descobrir mais coisas sobre a agressão e a criminalidade ao estudar famílias cumpridoras da lei. Por isso, era crucial que eu resolvesse o problema do recrutamento.

— E resolveu?

— Creio que sim. Lembrei-me de que está hoje em dia disponível em bases de dados de companhias de seguros e agências governamentais muita informação médica sobre milhões de pessoas. Isso inclui o tipo de dados que utilizamos para determinar se os gêmeos são univitelinos ou bivitelinos: ondas cerebrais, eletrocardiogramas, e assim por diante. Se pudéssemos procurar pares de eletrocardiogramas parecidos, por exemplo, poderíamos identificar gêmeos. E, se a base de dados fosse suficientemente grande, alguns desses pares teriam sido criados separadamente. E agora vem o mais excitante: alguns deles podem nem saber que têm irmãos gêmeos.

— Isso é extraordinário — observou Berrington. Simples, mas original e engenhoso. E não estava mentindo. Os gêmeos univitelinos criados separadamente eram muito importantes para a investigação genética, e os cientistas faziam quase tudo para recrutá-los. Até à data, a forma mais eficaz

de os localizar era através de publicidade: liam artigos de revistas sobre o estudo de pares de gêmeos e ofereciam-se para participar neles. Como Jeannie dissera, esse processo permitia-lhes estudar essencialmente pessoas da classe média, o que era uma desvantagem em geral e dificultava o estudo da criminalidade.

Mas para ele, pessoalmente, era uma desgraça. Olhou-a nos olhos e tentou ocultar a sua consternação. Aquilo era pior do que ele temera. Ainda na noite anterior Preston Barck dissera que ninguém poderia descobri-los. Não contara com Jeannie Ferrami.

Berrington fez outra tentativa Encontrar entradas semelhantes nas bases de dados não é tão fácil como parece É verdade. As imagens gráficas ocupam muitos megabytes de memória. Vasculhar esses registros é bastante mais difícil do que mandar o computador fazer a revisão ortográfica de uma tese de doutoramento.

— Acho que é um grande problema na concepção do software. Então o que é que fez?

— Criei o meu próprio software. Berrington ficou admirado.

— Criou?

— Claro. Como sabe, fiz o mestrado em Informática em Princeton quando estive em Minnesota, trabalhei com o meu orientador num software específico para o reconhecimento de padrões.

Seria ela assim tão inteligente?

— Como é que isso funciona?

— Serve-se de lógica para acelerar o processo de reconhecimento de padrões. Os pares que procuramos são semelhantes, mas não completamente idênticos. Por exemplo, as radiografias de dentes iguais tiradas por médicos diferentes em máquinas diferentes não são exatamente iguais. Mas o olho humano consegue aperceber-se da sua semelhança e, quando as radiografias são analisadas, digitalizadas e armazenadas eletronicamente, um computador preparado para isso consegue reconhecê-las como um par.

— Calculo que precisou de um computador do tamanho do Empire State Building..

— Descobri uma maneira de encurtar o processo de identificação de

pares observando apenas uma parte da imagem digitalizada. Imagina o seguinte: para reconhecer um amigo, não precisa olhar para todo o seu corpo. Basta o rosto dele. Os entusiastas de automóveis conseguem identificar a maior parte dos carros comuns apenas olhando para um farol. A minha irmã diz-te o nome de qualquer canção da Madonna depois de a ouvir dez segundos.

— Isso é falível.

Ela encolheu os ombros.

— Quando não analisamos a imagem completa arriscamo-nos a deixar passar algumas semelhanças. Descobri uma maneira de reduzir drasticamente o processo de busca apenas com uma pequena margem de erro. É uma questão de estatística e probabilidades.

É claro que todos os psicólogos estudavam estatística.

— Mas como é que o mesmo programa consegue analisar radiografias, eletrocardiogramas e impressões digitais?

— Reconhece padrões eletrônicos. Não se importa com o que eles representam.

— E o teu programa funciona?

— Parece que sim. Consegui uma autorização para o experimentar numa base de dados de registros dentários de uma grande companhia de seguros médicos. Mas é claro que estou apenas interessada em gêmeos criados separadamente.

— Como é que os descobre?

— Eliminei todos os pares com o mesmo sobrenome e todas as mulheres casadas, uma vez que a maior parte delas tem o sobrenome dos maridos. O que resta são gêmeos sem razão aparente para terem sobrenomes diferentes.

"Engenhoso", pensou Berrington. Estava dividido entre a admiração que sentia por Jeannie e o medo daquilo que ela pudesse vir a descobrir.

— Quantos te restaram?

— Três pares... o que, em certa medida, foi uma decepção. Estava contando com mais. Num dos casos, um dos gêmeos mudou de sobrenome por motivos religiosos: tornou-se muçulmano e adotou um nome árabe. Outro par desapareceu sem deixar rasto. Felizmente, o terceiro par era precisamente

daquilo que eu andava à procura: Steve Logan é um cidadão cumpridor da lei e Dennis Pinker um assassino.

Berrington sabia disso. Uma noite, Dennis Pinker cortara a luz de um cinema no meio da exibição do filme Sexta-Feira, 13. No pânico que se gerou, atacara várias mulheres. Parece que uma tentara fazer-lhe frente e ele matou-a.

Então Jeannie tinha descoberto Dennis. "Credo", pensou, "ela é perigosa". Poderia dar cabo de tudo: do negócio com a Landsmann, da carreira política de Jim, da Genético e até da reputação acadêmica de Berrington. O medo enfureceu-o. Como é que tudo aquilo por que ele lutara poderia estar ameaçado por uma das suas protegidas? Mas fora-lhe impossível prever o que poderia acontecer Jeannie tinha sorte por estar ali em Jones Falis, na medida em que ele já sabia o que ela tencionava fazer. Contudo, não via saída possível. Se ao menos os fichários dela pudessem ser destruídos num incêndio ou morresse num acidente. Mas tal não passava de fantasia Seria possível minar a confiança dela no software.

— O Steve Logan sabia que era adotado? — perguntou ele, com uma certa malícia

— Não — respondeu Jeannie, franzindo o sobrolho de preocupação. Sabemos que algumas famílias mentem muitas vezes a respeito da adoção, mas ele acha que a mãe lhe teria dito a verdade. No entanto, pode haver outra explicação. Imagina que não conseguiram adotá-lo através dos canais normais, por uma razão qualquer e compraram um bebê. Poderiam mentir a respeito de uma coisa dessas.

— Ou o teu sistema pode ter-se enganado — sugeriu Berrington. Só porque dois rapazes têm dentes iguais não significa que tenham necessariamente de ser gêmeos.

— Não creio que o meu sistema tenha se enganado — retorquiu Jeannie com brusquidão. Mas preocupa me dizer a dezenas de pessoas que talvez tenham sido adotadas. Nem sequer sei se tenho o direito de invadir as suas vidas dessa forma. Só agora me apercebi da magnitude do problema Ele olhou para o relógio. Estou com uma certa pressa, mas gostaria de continuar a falar deste assunto contigo. Posso convidar te para jantar?

— Esta noite?

— Sim. Viu-a hesitar. Já uma vez tinham jantado juntos, no Congresso Internacional de Estudos de Gêmeos, onde se haviam conhecido. Desde que ela entrara para a Universidade Jones Falis, haviam bebido uns copos juntos uma vez, no bar do clube da faculdade. Num sábado à noite, tinham-se encontrado por acaso numa rua cheia de lojas em Charles Village, e Berrington levava-a ao museu de arte. Não estava apaixonada por ele, longe disso, mas Berry sabia que ela gostara da sua companhia nessas três ocasiões. Para além disso, era o seu mentor; era difícil recusar a companhia dele.

— Claro — respondeu Jeannie.

— Vamos ao Hamptons, no Hotel Harbor Court? Acho que é o melhor restaurante de Baltimore. Pelo menos era o mais pretensioso.

— Muito bem — disse ela, levantando-se.

— Posso ir buscar-te às oito?

— Sim.

Quando ela lhe virou as costas, Berrington teve subitamente uma visão das suas costas nuas, macias e musculosas, do seu rabo e das suas pernas longas, longas; por um momento, a garganta ficou seca de desejo. Depois, ela fechou a porta.

Berrington abanou a cabeça para se livrar da fantasia lasciva, depois tornou a telefonar a Preston.

— É pior do que julgávamos — disse, sem preâmbulos. Ela criou um programa de computador que vasculha bases de dados médicas até encontrar pares de gêmeos. Da primeira vez que experimentou, encontrou logo o Steve e o Dennis.

— Merda!

— Temos de dizer ao Jim.

— Devemos reunir-nos os três e decidir o que raio havemos de fazer. Que tal hoje à noite?

— Convidei a Jeannie para jantar.

— Acha que isso pode resolver o problema?

— Mal não faz...

— Continuo a achar que vamos ter de acabar por desistir do negócio

com a Landsmann.

— Não concordo — contrapôs Berrington. Ela é bastante inteligente, mas nenhuma garota é capaz de descobrir toda a história numa semana.

Contudo, assim que desligou perguntou a si próprio se deveria ter tantas certeza.

8

Os alunos que assistiam à aula de Biologia Humana estavam irrequietos. Tinham dificuldade em concentrar-se e pareciam nervosos. Jeannie sabia porquê. Também ela estava nervosa. Por causa do incêndio e da violação. O pequeno e confortável mundo acadêmico fora desestabilizado. A atenção dos alunos dispersava-se à medida que a sua mente se ia recordando do que acontecera.

As variações observadas na inteligência dos seres humanos podem ser explicadas por três fatores disse Jeannie. Primeiro: por genes diferentes. Segundo: um ambiente diferente. Terceiro: erro na medição. Fez uma pausa e os alunos tomaram nota das suas palavras nos cadernos de apontamentos.

Ela reparara naquele efeito. Sempre que apresentava uma lista numerada, os alunos passavam-na para o caderno. Se tivesse dito simplesmente "genes diferentes, ambientes diferentes e erro experimental", ninguém teria escrito nada. Assim que detectara aquela síndrome, incluía o máximo possível de listas numeradas nas suas aulas.

Era boa professora, para sua própria surpresa. Geralmente, achava que as suas capacidades eram bastante limitadas. Era impaciente, conseguia ser abrasiva, tal como naquela manhã com a sargento Delaware. Mas era uma boa comunicadora, clara e precisa, e gostava de explicar coisas. Não havia nada melhor do que ver o rosto de um aluno iluminar-se após uma explicação.

— Podemos apresentar isto sob a forma de equação prosseguiu ela, virando-se e escrevendo no quadro com um pedaço de giz: $V_t = V_g + V_a + V_m$. W é a variação total, V_g o componente genético, V_a o ambiental e V_m o erro de medição. Todos escreveram a equação. O mesmo pode aplicar-se a qualquer diferença mensurável entre seres humanos, desde a altura ao peso, passando pela sua tendência para acreditar em Deus. Alguém consegue descobrir uma falha nisto? Ninguém respondeu, por isso Jeannie deu-lhes uma pista. A soma pode ser maior do que as parcelas. Mas porquê?

Um dos rapazes falou. Eram geralmente os homens: as mulheres pareciam incrivelmente tímidas.

— Porque os genes e o ambiente interagem para multiplicar os efeitos?

— Exato. Os seus genes conduzem-nos para determinadas experiências ambientais e afastam-nos de outras. Os bebês com temperamentos diferentes exigem um tratamento diferente dos pais. Aqueles que começam a andar têm experiências diferentes daqueles mais sedentários, ainda que na mesma casa. Os adolescentes mais rebeldes ingerem mais drogas do que os meninos de cor da mesma cidade. Temos de acrescentar ao lado direito da equação o termo CGA, ou seja, co-variação gene-ambiente. Escreveu-a no quadro e depois olhou para o relógio de pulso. Faltavam cinco minutos para a hora. Há alguma pergunta?

Foi uma mulher quem falou, para variar. Chamava-se Donna-Manne Dickson, era enfermeira e voltara a estudar com trinta anos. Era muito inteligente, mas bastante tímida.

— E os Osmonds? — perguntou. A turma riu e ela corou.

— Explica o que quer dizer, Donna-Manne — pediu Jeannie com suavidade. Alguns dos seus colegas devem ser demasiado novos para se lembrarem dos Osmonds.

— Eram um grupo pop dos anos setenta, constituído por irmãos e irmãs. Na família Osmonds todos eram músicos. Mas não tinham os mesmos genes, não eram gêmeos. Parece ter sido o ambiente familiar a transformá-los em músicos. O mesmo se passou com os Jackson Five. Os outros, quase todos mais novos, tornaram a rir. Ela sorriu, envergonhada, e acrescentou: Isto só serviu para dizer que sou velha.

— A Senhorita Dickson levantou um problema importante, e admira-me que mais ninguém tenha pensado nisso — disse Jeannie. Não estava nada admirada, mas Donna-Mane precisava de receber um voto de confiança. Os pais carismáticos e dedicados podem fazer com que todos os seus filhos se conformem a um certo ideal, independentemente dos seus genes, tal como os pais violentos podem transformar todos os membros da família em esquizofrênicos. Mas estes casos são extremos. Uma criança mal nutrida pode ser baixa, mesmo que os pais e os avós sejam altos. Uma criança excessivamente nutrida será gorda, mesmo que tenha antepassados magros. No entanto, cada novo estudo tende a mostrar de forma mais conclusiva do que o anterior que aquilo que determina a natureza da criança é predominantemente a herança genética, e não o ambiente ou o tipo de educação. Fez uma pausa. Se não houver mais perguntas, leiam, por favor,

antes da próxima segunda-feira, o livro Stieme, de Bouchard et ali., de 12 de Outubro de 1990. Jeannie pegou nos seus papéis.

Os alunos começaram a guardar os livros. Ela ficou por ali mais algum tempo, a fim de dar aos alunos tímidos de mais para fazerem perguntas em frente à turma oportunidade de a abordarem em particular. Os introvertidos davam muitas vezes grandes cientistas.

Foi Donna-Mane quem se aproximou. Tinha um rosto redondo e cabelo louro encaracolado. Jeannie calculou que ela devia ter sido uma boa enfermeira, calma e eficiente.

— Lamento muito o que aconteceu à Lisa — disse Donna-Mane. Que coisa mais horrível!

— E a Polícia tornou tudo ainda pior — comentou Jeannie. O agente que a levou para o hospital era um idiota completo.

— Isso foi azar. Mas talvez apanhem o culpado. Andam a espalhar folhas com o retrato falado dele por toda a universidade.

— Ótimo! As folhas de que Donna-Mane estava a falar deviam ter sido produzidas pelo programa de Mish Delaware. Esta manhã, quando saí de casa, a Lisa estava trabalhando no retrato com uma detetive.

— Como é que ela se sente?

— Ainda um pouco entorpecida... mas nervosa. Donna-Mane assentiu.

— Passam por várias fases. Já antes vi casos assim. A primeira fase é a negação. Dizem que querem deitar tudo para trás das costas e continuar com a vida. Mas nunca é assim tão fácil.

— Ela devia falar com você. Se soubesse o que pode esperar talvez se sentisse melhor.

— Quando quiserem — disse Donna-Mane.

Jeannie atravessou o complexo universitário, dirigindo-se ao "Manicômio". Ainda estava calor. Deu consigo a olhar em volta, vigilante, como um cowboy nervoso num western, à espera que alguém surgisse detrás de uma esquina da residência dos calouros e a atacasse. Até ali, o complexo universitário de Jones Falis parecia-lhe um oásis de antiquada tranquilidade no deserto de uma cidade americana moderna. Na verdade, a Universidade Jones Falis era como uma pequena cidade, com as suas lojas e bancos,

campos de jogos e parquímetros, bares e restaurantes, escritórios e casas. Tinha uma população de cinco mil pessoas, metade das quais vivia no complexo universitário. Mas tudo aquilo se transformara numa zona perigosa. "O gajo não tem o direito de fazer isto", pensou Jeannie com amargura, "fazer-me sentir medo no local onde trabalho". Talvez um crime tivesse sempre aquele efeito, fazendo com que a terra firme parecesse agitar-se debaixo dos pés.

Quando entrou no seu gabinete começou a pensar em Berrington Jones. Era um homem atraente, muito atencioso para com as mulheres. Gostara dos poucos momentos que passara com ele. Para além disso, sentia que lhe devia muito, pois fora Berrington quem lhe dera aquele trabalho.

Por outro lado, o homem era um bocado untuoso. Ela desconfiava que a sua atitude para com as mulheres devia ser manipuladora. Fazia-a sempre pensar naquela anedota do homem que diz para a mulher: "Fale-me de você. O que pensa, por exemplo, de mim?".

Em alguns aspectos, não parecia um académico. Mas Jeannie vira que os notáveis do mundo universitário raramente tinham o ar vago e impotente do estereotipado professor distraído. Berrington parecia e agia como um homem poderoso. Já há alguns anos que não fazia trabalho científico de grande importância, mas isso era normal: as brilhantes descobertas originais, tal como a da dupla hélice, eram normalmente feitas por pessoas com menos de trinta e cinco anos. À medida que os cientistas iam envelhecendo, usavam a sua experiência e o seu instinto para ajudar e conduzir as mentes mais jovens e frescas. Berrington fazia isso bem, lecionando três disciplinas e desempenhando o papel de gestor do dinheiro da Genética destinado à investigação. No entanto, não era tão respeitado como poderia ser, porque os outros cientistas não apreciavam o seu envolvimento na política. Jeannie era de opinião que a ciência dele era boa e a sua política uma porcaria.

A princípio, acreditara prontamente na história de Berrington sobre a gravação de arquivos da Austrália, mas, depois de ter pensado um pouco, não ficou assim tão certa. Quando Berry olhara para Steve Logan vira um fantasma, não uma conta telefônica.

Muitas famílias tinham segredos de paternidade. Uma mulher casada poderia ter um amante, e só ela saberia quem era o verdadeiro pai do seu filho. Uma adolescente poderia ter um filho e dá-lo à mãe, desempenhando o

papel de irmã mais velha, enquanto toda a família conspirava para guardar o segredo. As crianças eram adotadas por vizinhos, familiares e amigos, que escondiam a verdade. Lorraine Logan poderia não ser o gênero de mulher que ocultasse uma adoção legal, contudo podia ter dezenas de outros motivos para mentir a Steve a respeito das suas origens. Mas de que forma estaria Berrington envolvido? Poderia ele ser o verdadeiro pai de Steve? Essa ideia fez Jeannie sorrir. Berry era bem parecido, mas tinha, no mínimo, quinze centímetros a menos do que Steve. Embora qualquer coisa fosse possível, essa explicação não parecia muito provável.

Incomodava-a aquele mistério. Em todos os restantes aspectos, Steve Logan representava para ela um triunfo. Era um cidadão respeitador da lei com um irmão gêmeo que, por sua vez, era um criminoso violento. Steve provaria que o seu programa de computador funcionava na perfeição e confirmava a sua teoria sobre a criminalidade. É claro que iria precisar de mais cem pares de gêmeos como Steve e Dennis antes de poder falar de provas. Mesmo assim, não podia ter começado melhor a sua investigação.

No dia seguinte iria visitar Dennis. Se ele fosse um anão moreno, Jeannie saberia que algo correria mal. Mas se tivesse razão, ele seria o sócio de Steve Logan.

Ficara admirada ao saber que o rapaz não fazia ideia de que fora adotado. Iria ter de arranjar uma forma qualquer de lidar com aquele problema. De futuro, entraria em contato com os pais e verificaria o quanto eles haviam contado antes de abordar os gêmeos. Isso iria abrandar o seu trabalho, mas teria de ser feito; não poderia ser ela a revelar segredos de família.

O problema era solucionável, mas tal não a impedia de estar ansiosa devido às perguntas cétricas de Berrington e à incredulidade de Logan, e começou a pensar na fase seguinte do projeto. Esperava conseguir utilizar o seu software no arquivo de impressões digitais do FBI.

Era a perfeita fonte para ela. Dos vinte e dois milhões de pessoas contidos no arquivo, muitas haviam sido acusadas de crimes ou condenadas por eles. Se o seu programa funcionasse, revelaria centenas de gêmeos, incluindo muitos pares criados separadamente. Poderia ser um salto de gigante para a sua investigação. Mas primeiro teria de obter autorização do FBI.

Na escola, a sua melhor amiga fora Ghita Sumra, um gênio matemático de ascendência asiático-indiana que agora dirigia o setor de tecnologia da informação no FBI. Trabalhava em Washington, DC, mas vivia em Baltimore. Ghita já concordara em pedir aos seus chefes que cooperassem com Jeannie. Prometera transmitir-lhe a sua decisão até ao final da semana, mas naquele momento Jeannie tinha vontade de apressá-la. Digitou o número dela.

Ghita nascera em Washington, mas a sua voz ainda fazia lembrar a Índia, devido à sua doçura e à forma como arredondava as vogais.

— Olá, Jeannie, que tal foi o seu fim-de-semana? — perguntou.

— Horrível. A minha mãe passou-se completamente e tive de interná-la num lar.

— Lamento saber isso. O que fez ela?

— Esqueceu-se de que estava a meio da noite, levantou-se, esqueceu-se de vestir a roupa, saiu para comprar um pacote de leite e esqueceu-se onde morava.

— E o que aconteceu?

— A Polícia encontrou-a. Felizmente ela tinha na carteira um cheque meu e conseguiram localizar-me.

— Como é que se sente?

Era uma pergunta de mulheres. Os homens Jack Budgen, Berrington Jones tinham-lhe perguntado o que iria fazer. Era preciso uma mulher para lhe perguntar como se sentia.

— Mal — respondeu. Se eu tiver de tomar conta da minha mãe, quem irá tomar conta de mim? Sabe?

— Em que tipo de lugar está ela?

— Num lar barato. O seguro não dá para mais. Tenho de tirá-la de lá assim que arranjar dinheiro para pagar uma coisa melhor. Ouviu um silêncio comprometido do outro lado da linha e percebeu que Ghita pensara que ela estava a pedir-lhe dinheiro. Vou dar explicações aos fins-de-semana — acrescentou rapidamente. Já falou com o seu chefe sobre a minha proposta?

— Por acaso já.

Jeannie susteve a respiração.

— Aqui estão todos muito interessados no teu software — disse Ghita.

Aquilo não era nem um sim nem um não.

— Não têm sistemas de busca?

— Sim, mas o teu é muito mais rápido do que os que temos. Já falaram em comprar-te o programa.

— Uau! Afinal, talvez não precise de dar explicações aos fins-de-semana.

Ghita riu-se.

— Antes de abrires o champanhe, é melhor certificarmo-nos de que o programa trabalha mesmo.

— Quando poderemos fazer isso?

— Vamos pô-lo a correr à noite, para não interferir muito com a utilização normal da base de dados. Terei de esperar por uma noite calma. Talvez consiga daqui a uma semana, duas, no máximo.

— Não pode ser antes?

— Há alguma pressa?

Havia, mas Jeannie tinha certa relutância em contar a Ghita as suas preocupações.

— Estou impaciente respondeu ela.

— Farei o que puder, não se preocupe. Pode enviar-me o programa por modem?

— Claro. Mas não acha que eu devia estar presente quando puser o programa para rodar?

— Não, Jeannie, não acho — retorquiu Ghita com um sorriso.

— Claro, entende mais destas coisas do que eu.

— Pode mandá-lo para aqui. Ghita leu-lhe o endereço do seu E-mail e Jeannie tomou nota. Envio-te os resultados da mesma forma.

— Obrigada. Ghita?

— O que é?

— Acha que vou ter de arranjar um subterfúgio para fugir aos impostos?

— Desaparece! — exclamou Ghita com uma gargalhada, desligando o telefone.

Jeannie acessou à Internet. Enquanto enviava o seu programa para o FBI, bateram à porta e Steve Logan entrou.

Ela olhou-o com admiração. O rapaz recebera notícias perturbadoras, e isso era visível no seu rosto, mas era jovem, recuperava rapidamente e o choque não o deitara abaixo. Era um indivíduo psicologicamente bastante estável. Se fosse do tipo criminoso, como o seu irmão Dennis devia ser, já teria arranjado confusões com alguém.

— Como é que vai isso? — perguntou Jeannie. Ele fechou a porta com um calcanhar.

— Já estou despachado — respondeu ele. Fiz todos os testes e preenchi todos os questionários inventados pelo engenho da humanidade.

— Então está livre para ir para casa.

— Pensei em ficar esta noite em Baltimore. Por acaso, lembrei-me de a convidar para jantar.

Ela ficou admirada.

— Para quê? — perguntou, de forma pouco cortês. A pergunta apanhou-o de surpresa.

— Bem, hum... para ficar sabendo mais um pouco acerca da sua investigação.

— Ah! Bem, infelizmente, já tenho um compromisso para esta noite.

Ele ficou bastante desiludido.

— Acha-me demasiado novo?

— Para quê?

— Para convidá-la para sair?

Foi nessa altura que ela compreendeu.

— Não percebi que me tinha convidado para um jantar romântico — disse ela.

Steve ficou atrapalhado.

— Você é um bocado lenta a perceber as coisas.

— Desculpe. Estava mesmo sendo lenta. Ele abordara-a na véspera, junto ao campo de tênis, mas Jeannie passara o dia a pensar nele como um alvo do seu estudo. No entanto, agora que pensava nisso, ele era demasiado novo para convidá-la para sair. Tinha vinte e dois anos, era estudante; ela tinha mais sete. Era um grande fosso.

— Que idade tem o homem com quem vai sair?

— Cinquenta e nove ou sessenta.

— Uau! Gosta mesmo de homens velhos!

Jeannie teve pena dele. Achou que lhe devia algo depois daquilo por que o fizera passar. O computador emitiu o som de uma campainha, indicando que acabara de enviar o programa.

— Hoje já não trabalho mais — disse ela. Quer ir beber qualquer coisa ao clube?

Ele alegrou-se imediatamente.

— Claro. Gostaria muito. Estou bem vestido?

Tinha umas calças verdes e uma camisa de linho azul.

— Melhor do que a maior parte dos professores. Jeannie saiu da Internet e desligou o computador.

— Telefonei à minha mãe e falei-lhe da sua teoria — disse Steve.

— Ela ficou zangada?

— Riu. Disse que eu não tinha sido adotado e que não tive nenhum irmão gêmeo.

— Estranho. Para Jeannie era um alívio verificar que a família Logan estava aceitar bem as coisas. Por outro lado, o ceticismo deles fê-la pensar que talvez Steve e Dennis não fossem gêmeos. Sabe... Hesitou. Já lhe dissera coisas suficientemente chocantes naquele dia. Há outra possibilidade de você e o Dennis serem gêmeos.

— Já sei no que está pensando. Bebês trocados no hospital.

Ele era muito rápido. Naquela manhã ela reparara mais do que uma vez na rapidez com que ele resolvia os problemas.

— É verdade — anuiu. A mãe número um teve gêmeos, as mães dois e três tiveram cada uma um rapaz. Os gêmeos são dados às mães dois e três, e os bebês destas são criados pela mãe número um. À medida que as crianças crescem, a mãe número um conclui que teve gêmeos bivitelinos, pois os filhos são muito pouco parecidos.

E se as mães dois e três não se conhecerem, ninguém notará a semelhança extraordinária entre os bebês dois e três.

— É uma história muito usada pelos romancistas — admitiu ela. Mas não é impossível.

— Há algum livro sobre gêmeos? — perguntou Steve. Gostaria de saber mais sobre o assunto.

— Sim, eu tenho um... Olhou para a prateleira. Não, está em casa.

— Onde é que mora?

— Aqui perto.

— Podia levar-me a sua casa para a tal bebida.

Ela hesitou. "Este é o gêmeo normal", pensou ela, "não o psicopata".

— Hoje ficou sabendo muito sobre mim — insistiu ele. Tenho uma certa curiosidade a seu respeito. Gostaria de ver a sua casa.

Jeannie encolheu os ombros.

— Claro, por que não? Venha.

Eram cinco da tarde e, quando saíram do "Manicômio", o tempo começara a arrefecer. Steve assobiou quando viu o Mercedes vermelho.

— Que carro tão legal!

— Comprei-o há oito anos. Adoro-o.

— O meu está no parque de estacionamento. Vou buscá-lo e depois faço-lhe sinais de luzes.

Afastou-se. Jeannie entrou no Mercedes e ligou o motor. Pouco depois, viu os faróis dele no espelho retrovisor. Afastou-se da guia e seguiu.

Quando saiu do complexo universitário reparou que um carro-patrolha ia atrás do carro de Steve. Olhou para o velocímetro e reduziu para cinquenta.

Parecia que Steve Logan estava enamorado dela. Embora Jeannie não

sentisse o mesmo, isso agradava-lhe. Era lisonjeador ter conquistado o coração de um jovem tão bem parecido.

Ele foi colado a ela durante todo o caminho. Jeannie parou em frente à sua casa e ele estacionou atrás dela.

Como em muitas das velhas ruas de Baltimore, havia um alpendre comum da largura das casas onde os vizinhos se sentavam para apanhar a brisa fresca antes da invenção do ar condicionado. Jeannie atravessou o alpendre e parou junto à porta, tirando as chaves da mala.

Os dois polícias saíram rapidamente do carro-patrolha de armas em punho. Puseram-se em posição de atirador, os braços estendidos, os revólveres apontados diretamente para Jeannie e Steve.

O coração de Jeannie quase parou.

Que merda!... começou Steve.

— Polícia! Não se mexam! — gritou um dos agentes. Jeannie e Steve puseram as mãos no ar.

Mas os polícias não ficaram mais descansados.

— Já para o chão, filho da puta! gritou um deles. A cara para baixo e as mãos atrás das costas!

Jeannie e Steve deitaram-se os dois de cara para baixo. Os polícias aproximaram-se com tanto cuidado que até parecia que cada um deles era uma bomba-relógio.

— Não acham melhor dizer-nos o que vem a ser isto? — perguntou Jeannie.

— A senhora pode levantar-se — disse um deles.

— Bolas, obrigada. Pôs-se de pé. O seu coração batia muito depressa, mas parecia evidente que os polícias se tinham enganado. Agora que me pregaram um susto de morte, importam-se de me explicar o que se passa?

Os homens continuaram sem responder. Mantinham as armas apontadas para Steve. Um deles ajoelhou-se ao lado do rapaz e, com um gesto rápido e preciso, algemou-o.

— Está preso, cabrão — disse o polícia.

— Sou uma mulher de espírito aberto — interveio Jeannie, mas será que

todo esse arrazoado de palavras é realmente necessário? Ninguém lhe ligou. Ela insistiu. O que é que acham que ele fez?

Um Dodge Colt azul-claro parou atrás do carro-patrolha com um grande chiar de pneus e saíram de lá duas pessoas. Uma era Mish Delaware, a detetive da Unidade de Crimes de Natureza Sexual. Tinha a mesma blusa e a mesma saia daquela manhã, mas levava um casaco de linho que lhe ocultava parcialmente o coldre à cintura.

— Chegou depressa — comentou um dos polícias.

— Estava aqui perto — retorquiu ela. Olhou para Steve, deitado no chão. Levantem-no! ordenou.

O polícia agarrou em Steve pelo braço e ajudou-o a levantar-se.

— É mesmo ele — disse Mish. O tipo que violou Lisa Hoxton.

— O Steve? — perguntou Jeannie, com ar incrédulo. "Meu Deus, e eu que ia levá-lo para o meu apartamento!"

— Violei? — perguntou Steve.

— Os agentes viram o carro dele saindo da universidade — disse Mish.

Jeannie reparou pela primeira vez no carro de Steve. Era um Datsun castanho com cerca de quinze anos. Lisa julgara que vira o violador ao volante de um Datsun branco.

O choque e o medo iniciais começaram a dar lugar a um pensamento racional. A Polícia suspeitava dele, mas isso não o tornava culpado. Onde estavam as provas?

Se vão prender todos os homens com um Datsun...

Mish entregou-lhe um papel. Tinha uma fotografia computadorizada a preto e branco de um homem. Jeannie observou-a. Era algo parecida com Steve.

— Pode ser ele, mas pode também não ser comentou.

— O que estava fazendo com ele?

— Hoje fizemos-lhe alguns testes no laboratório. Não posso acreditar que ele seja o violador! Os resultados dos testes haviam demonstrado que Steve tinha a personalidade herdada de um potencial criminoso, mas também provavam que ele não se transformara num verdadeiro criminoso.

— Pode dizer-nos onde esteve ontem entre as sete e as oito e meia? — perguntou Mish a Steve.

— Bem, estive na Universidade Jones Falis — respondeu ele.

— Fazendo o quê?

— Nada de especial. Devia ter ido dar uma volta com o meu primo Ricky, mas ele cancelou a nossa saída. Vim para cá para ficar sabendo onde devia dirigir-me esta manhã. Não tinha mais nada para fazer.

Parecia uma desculpa fraca, até aos ouvidos de Jeannie. "Talvez Steve fosse o violador", pensou ela, abalada. Mas se fosse, toda a sua teoria ia por água abaixo.

— Como é que passou o tempo?

— Assisti a um jogo de ténis. Depois fui a um bar em Charles Village e fiquei lá algumas horas. Perdi o incêndio.

— Alguém pode confirmar o que acabou de dizer?

— Bem, falei com a doutora Ferrami, embora nessa altura ainda não soubesse quem ela era.

Mish virou-se para Jeannie. Esta viu hostilidade nos seus olhos e lembrou-se da troca de palavras pouco amigável travada naquela manhã, quando Mish tentava convencer Lisa a colaborar.

— Foi a seguir ao meu jogo de ténis, alguns minutos antes de o incêndio — eclodir afirmou Jeannie.

— Então não pode dizer-nos onde ele estava quando ocorreu a violação.

— Não, mas posso dizer-lhe outra coisa. Passei o dia todo fazendo exames neste homem e ele não tem o perfil psicológico de um violador.

— Isso não serve de prova — observou Mish com desdém. Jeannie ainda tinha na mão a folha de papel.

— E creio que isto também não. Enrolou-o numa bola e atirou-o para o passeio.

Mish virou a cabeça na direção dos polícia.

— Vamos embora.

— Esperem — disse Steve, numa voz clara e calma. Eles hesitaram.

— Jeannie, estou pouco me lixando para estes gajos, mas quero que saiba que não fiz isso, nem nunca faria nada do gênero.

Ela acreditou, perguntando a si própria porquê. Seria porque precisava que ele fosse inocente para provar a sua teoria? Não: tinha os testes para comprovar que ele não possuía nenhuma das características associadas aos criminosos. Mas havia ainda outra coisa: a sua intuição. Sentia-se segura com ele. Não lhe dera quaisquer sinais errados. Escutava-a quando ela falava, não tentara forçá-la a nada, não lhe tocara de forma inadequada nem se mostrara zangado nem hostil. Gostava de mulheres e respeitava-as. Não era um violador.

— Quer que eu telefone a alguém? Aos seus pais?

— Não — respondeu ele com firmeza. Eles ficavam preocupados. E daqui a algumas horas tudo terá acabado. Nessa altura falo com eles.

— Estão contando com você esta noite?

— Disse-lhes que talvez ficasse outra vez com o Ricky.

— Bom, se quer assim...

— Quero.

— Vamos — disse Mish, impaciente.

— Para quê tanta pressa? — retorquiu Jeannie. Tem mais inocentes para prender?

Mish lançou-lhe um olhar furioso.

— Tem mais alguma coisa a dizer-me?

— O que vai acontecer a seguir?

— Vamos reunir alguns indivíduos e pedir à Lisa que tente identificar atrás de um espelho o homem que a violou. Depois, acrescentou com falsa deferência: Tem alguma coisa a objetar, doutora Ferrami?

— Não, nada — respondeu Jeannie.

9

Levaram Steve para a parte traseira do Dodge Colt azul-claro. A detetive foi ao volante e o colega, um homem branco robusto de bigode, ia sentado ao seu lado, parecendo demasiado apertado no habitáculo. Ninguém falou.

Steve fervilhava, cheio de ressentimentos. Por que raio deveria ele ir ali naquele carro desconfortável, de pulsos algemados, em vez de estar no apartamento de Jeannie Ferrami com uma bebida gelada na mão? Era melhor que despachassem aquilo o mais rapidamente possível.

A delegacia era um edifício de granito cor-de-rosa construído no bairro de prostituição de Baltimore, entre os bares de topless e as lojas de aluguel de vídeos pornográficos. Subiram uma rampa e estacionaram na garagem interna. Estava cheia de carros-patrolha e de outros baratuchos, como o Colt.

Levaram Steve num elevador e deixaram-no numa sala sem janelas, com as paredes pintadas de amarelo. Tiraram-lhe as algemas e ficou sozinho. Calculou que tivessem trancado a porta: não foi verificar.

Havia uma mesa e duas cadeiras de plástico. Sobre a mesa encontrava-se um cinzeiro com duas bitucas, ambas com filtro, uma delas com batom. Embutida na porta estava uma pequena janela de vidro opaco: Steve não podia ver para fora, mas desconfiava que podiam ver para dentro.

Olhou para o cinzeiro e lamentou não fumar. Pelo menos estaria fazendo alguma coisa ali naquela cela amarela. Em vez disso, pôs-se a andar de um lado para o outro.

Disse a si próprio que não podia encontrar-se metido em confusões. Conseguira ver a fotografia do papel e, embora fosse mais ou menos parecida com ele, não era ele. Era, sem dúvida, parecido com o violador, mas, quando seguisse para a identificação juntamente com outros indivíduos altos, a vítima não iria escolhê-lo. Afinal de contas, a pobre mulher devia ter tido oportunidade de olhar bem para o estupor que a violara: o rosto dele estaria gravado na sua memória. Ela não se enganaria.

Mas os policiais não tinham o direito de o manter ali preso. Okay, precisavam de eliminar um suspeito, mas não era necessário demorarem toda a noite. Ele era um cidadão cumpridor da lei.

Tentou olhar para o lado alegre da coisa. Tinha a oportunidade de ver de perto o sistema de justiça americano. Mais tarde seria um dos seus advogados: ali estava uma boa maneira de ganhar prática. No futuro, quando representasse um cliente acusado de crime, saberia o que essa pessoa estaria passando detida pela autoridade.

Já uma vez vira o interior de uma delegacia, mas a sensação fora bastante diferente. Na altura tinha apenas dezesseis anos. Fora à Polícia com um dos seus professores. Admitira imediatamente o crime, e contara, muito cândido, aos agentes tudo o que acontecera. Eles puderam ver as suas feridas: era evidente que não fora apenas um a agredir. Os pais tinham ido buscá-lo.

Nunca se sentira tão envergonhado como naquele momento. Quando o pai e a mãe entraram na cela, desejou morrer. O pai estava mortificado, como se tivesse sofrido uma grande humilhação; a expressão da mãe denotava pesar. Pareciam ambos atordoados e magoados. Na altura, tudo o que ele pudera fazer fora desatar a chorar, e ainda sentia um nó na garganta de cada vez que se lembrava disso.

Mas agora era diferente. Agora ele estava inocente.

A detetive apareceu com uma pasta de cartão na mão. Tirara o casaco, mas continuava com a arma à cintura. Era uma negra bonita com cerca de quarenta anos, um pouco forte, com um ar mandão.

Steve olhou para ela, aliviado.

— Graças a Deus! — disse.

— Por quê?

— Por estar acontecendo alguma coisa. Não quero passar aqui o resto da noite.

— Importa-se de se sentar, por favor? Steve obedeceu.

— Sou a sargento Michelle Delaware. Tirou uma folha de papel da pasta e pousou-a sobre a mesa. O seu nome completo e endereço?

Ele disse-lhe, e Michelle tomou nota.

— Idade?

— Vinte e dois.

— Habilitações?

— Freqüento o curso de Direito.

Ela continuou a escrever no formulário e depois virou-o na direção dele. Tinha o seguinte cabeçalho:

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA BALTIMORE (MARYLAND)

EXPLICAÇÃO DE DIREITOS

Formulário n.º69.

Leia, por favor, as cinco frases do formulário e em seguida escreva as suas iniciais nos espaços ao lado de cada frase. Estendeu-lhe uma caneta.

Ele leu o formulário e começou a escrever as iniciais.

— Tem de ler em voz alta — disse ela. Steve pensou durante algum tempo.

— Para ter a certeza de que eu sei ler? — perguntou.

— Não. Para mais tarde você não poder fingir que é analfabeto e alegar que não o informaram dos seus direitos.

Não ensinavam aquelas coisas no curso de Direito.

"Fica agora notificado de que: primeiro, tem todo o direito de não prestar declarações" leu ele. Escreveu "SL" no espaço no final da linha, depois prosseguiu a leitura, repetindo o processo no fim de cada frase. "Segundo, tudo o que disser ou escrever pode ser usado contra si em tribunal. Terceiro, tem o direito de falar com um advogado em qualquer altura, antes de ser interrogado, antes de responder a perguntas ou durante um interrogatório. Quarto, se desejar um advogado e não tiver dinheiro, não lhe serão feitas quaisquer perguntas e pedir-se-á ao tribunal que designe um defensor público. Quinto, se concordar em responder às perguntas, pode parar a qualquer momento e pedir a presença de um advogado, e não lhe serão feitas mais perguntas."

— Agora assine, por favor. Ela apontou para o formulário. Aqui e aqui.

O primeiro espaço para assinar ficava sob a frase:

LI A ANTERIOR EXPLICAÇÃO DOS MEUS DIREITOS E

COMPREENDO-A PERFEITAMENTE.

(Assinatura)

Steve assinou.

E logo a seguir disse a detetive.

— Estou disposto a responder a perguntas, e não desejo a presença de um advogado nesta altura. A minha decisão de responder a perguntas sem a presença de um advogado é livre e voluntária.

(Assinatura) Ele assinou.

— Como raio é que conseguem que os culpados assinem uma coisa destas? perguntou.

Ela não respondeu. Escreveu o seu nome em maiúsculas e depois assinou o formulário.

Guardou-o na pasta e olhou para ele.

— Está metido num grande confusão, Steve — disse. Mas parece um tipo vulgar. Por que não me conta o que aconteceu?

— Não posso respondeu ele. Não estava lá. Acho que sou apenas parecido com o idiota que o fez.

Ela encostou-se, cruzou as pernas e dirigiu-lhe um sorriso amistoso.

— Eu conheço os homens — disse, num tom de intimidade. Têm certas necessidades.

"Se eu não soubesse", pensou Steve, "olharia para a sua linguagem corporal e diria que ela está a atirar-se a mim".

— Deixe-me expor-lhe o que penso — prosseguiu a detetive. Você é um homem atraente e ela olhou para si com ar apreciador.

— Nunca vi a mulher, sargento.

Ela ignorou-o. Inclinando-se sobre a mesa, cobriu a mão dele com a sua.

— Acho que ela o provocou.

Steve olhou para a mão dela. Tinha boas unhas, tratadas pela manicura, não demasiado compridas, com um esmalte claro. Mas a mão era um pouco engelhada: ela tinha mais de quarenta anos, talvez quarenta e cinco.

A mulher prosseguiu num tom de conspiração, como se dissesse: "Isto é apenas entre nós".

— Ela estava pedindo, por isso você deu-lhe o que ela queria. Estou certa?

— Por que raio pensa uma coisa dessas? — perguntou Steve, irritado.

— Eu sei como são as garotas. Ela provocou-o e, no último minuto, mudou de ideias. Mas era tarde de mais. Um homem não pode parar assim, sem mais nem menos, não um verdadeiro homem.

— Oh! Espere, já percebi — disse Steve. O suspeito concorda consigo, pensando que está a fazer boa figura, mas, na realidade, admitiu que a relação sexual teve lugar e metade do seu trabalho está feita.

A sargento Delaware encostou-se, com um ar aborrecido, e Steve calculou que acertara. Ela levantou-se.

— Muito bem, espertinho, venha comigo.

— Aonde vamos?

— Para a cela.

— Espere lá. Quando é que é a identificação?

— Assim que entrarmos em contato com a vítima e a trouxermos até cá.

— Não pode deter-me indefinidamente sem autorização do tribunal.

— Podemos detê-lo durante vinte e quatro horas sem nenhuma autorização, por isso cale a boca e venha daí.

Ela levou-o para baixo no elevador e, depois de passarem por uma porta, chegaram a um vestíbulo pintado de laranja-acastanhado. Uma folha na parede lembrava os agentes de que deviam manter os suspeitos algemados, enquanto os revistavam. O carcereiro, um polícia negro com cerca de cinquenta anos, estava atrás de um balcão alto.

— Ei, Spike — disse a sargento, tenho aqui um estudante universitário muito espertinho para ti.

O polícia sorriu.

— Se ele é assim tão esperto, como é que veio aqui parar? Riram-se ambos. Steve tomou mentalmente nota de, no futuro, não dizer a um polícia que adivinhara as suas intenções. Era uma das suas fraquezas: antagonizara

os seus professores da mesma forma. Ninguém gostava de um tipo armado em esperto.

O polícia chamado Spike era pequeno e magro, com cabelo grisalho e um bigodinho. Tinha um ar empertigado, mas nos olhos uma expressão fria. Abriu uma porta de aço.

— Vai entrar na cela, Mish? — perguntou ele. Se assim for, tenho de pedir-te que entregue a tua arma.

— Não, por agora já acabei — respondeu ela. Mais tarde vai ser identificado. Virou costas e afastou-se.

— Por aqui, rapaz — disse o carcereiro a Steve. Passaram pela porta.

Encontravam-se junto à cela. As paredes e o chão tinham a mesma cor lamacenta. Steve ficara com a impressão de que os elevadores tinham parado no segundo andar, mas não havia janelas e parecia-lhe estar numa gruta bem abaixo do solo. Iria levar bastante tempo a subir até à superfície.

Numa pequena antessala havia uma secretária e uma máquina fotográfica num tripé. Spike pegou num formulário. Lendo-o de pernas para o ar, Steve viu que o cabeçalho era o seguinte:

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA

BALTIMORE (MARYLAND)

RELATÓRIO DA ACTIVIDADE DO PRISIONEIRO

Formulário n.º 92/12

O homem tirou a tampa a uma esferográfica e começou a preencher o formulário.

Quando terminou, apontou para uma mancha no chão e disse:

— Vai para ali.

Steve ficou de frente para a máquina fotográfica; Spike apertou num botão e viu-se o clarão de um flash.

— Vire-se de lado. Houve outro flash.

Em seguida, Spike agarrou num quadrado de cartão com letras cor-de-rosa, onde se lia:

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION
DEPARTAMENTO DE JUSTIÇA DOS ESTADOS UNIDOS
WASHINGTON, DC, 20537

Spike encostou os dedos de Steve a uma almofada de tinta, depois os pressionou nos quadrados do cartão com a indicação: 1. Polegar Direito, 2. Índice Direito, e assim por diante. Steve reparou que Spike, embora fosse um homem baixo, tinha mãos grandes com veias salientes.

— Na prisão de Greemont Avenue há um computador que recolhe as impressões digitais sem precisar de tinta — disse Spike durante a tarefa. É como uma máquina de fotocópias: basta encostar as mãos ao vidro. Mas nós aqui em baixo ainda utilizamos o velho método.

Steve percebeu que começava a sentir vergonha, embora não tivesse cometido qualquer crime. Em parte era devido às instalações sombrias, mas essencialmente à sensação de impotência. Desde o momento em que os policiais tinham saído correndo do carro-patrolha em frente à casa de Jeannie que Steve era empurrado de um lado para o outro como um pedaço de carne, sem qualquer controle sobre si mesmo. Isso deitava abaixo qualquer ego.

Depois de ter tirado as impressões digitais, deixaram-no lavar as mãos.

— Permita-me que o conduza à sua suíte — disse Spike jovialmente.

Conduziu Steve através de um corredor com celas à esquerda e à direita. Cada cela era mais ou menos quadrada. No lado que dava para o corredor não havia parede, apenas grades, de forma que cada centímetro da cela fosse perfeitamente visível do lado de fora. Através das grades, Steve viu que cada cela tinha um catre de metal preso à parede, um sanitário de aço inoxidável e um lavatório. As paredes e os catres eram laranja-acastanhados e estavam cobertos de graffiti. Os sanitários não tinham tampas. Em três ou quatro celas viam-se homens apáticos deitados nos catres, mas a maior parte estava vazia.

— As segundas-feiras são sempre calmas aqui no Holiday Inn da Lafayette Street — brincou Spike.

Steve foi incapaz de rir.

Spike parou junto de uma cela vazia. Steve olhou lá para dentro

enquanto o policial abria a porta. Não havia a mínima privacidade. Steve apercebeu-se de que se tivesse de usar o sanitário teria de fazê-lo à frente de toda a gente, homem ou mulher, que nesse momento passasse no corredor. Isso era o mais humilhante de tudo.

Spike abriu a porta de grades e encaminhou Steve lá para dentro. A porta fechou-se e Spike trancou-a.

Steve sentou-se no catre.

— Deus do Céu, que lugar! — comentou ele.

— Há-de habituar-se — animou-o Spike, afastando-se. Pouco depois apareceu com uma embalagem de plástico.

— Sobrou-me um jantar. É frango frito. Quer?

Steve olhou para a embalagem, depois para o sanitário aberto, e abanou a cabeça.

— Obrigado, mas acho que não tenho fome.

10

Berrington pediu champanhe.

Jeannie teria preferido um bom gole de vodca Stolichnaya com gelo depois do dia atribulado que tivera, mas ingerir bebidas duras não era a melhor forma de impressionar positivamente um patrão, por isso decidiu guardar o desejo para si.

Champanhe significava romance. Nas ocasiões em que se haviam encontrado anteriormente, ele fora encantador, não romântico. Estaria agora tentando atirar-se a ela? Isso deixava-a pouco à vontade. Nunca conhecera um homem que aceitasse de bom grado uma resposta negativa. E aquele homem era o seu patrão.

Também não lhe falou de Steve. Esteve prestes a fazê-lo várias vezes antes do jantar, mas algo a impediu. Se, ao contrário do que esperava, Steve fosse mesmo um criminoso, a sua teoria começaria a parecer muito falível. Mas Jeannie não gostava de antecipar más notícias. Não levantaria dúvidas antes de o caso estar provado. E estava certa de que tudo era um enorme erro.

Falara com Lisa.

— Prenderam o Brad Pitt! — dissera ela. Lisa ficara horrorizada ao pensar que o homem passara o dia inteiro no "Manicômio", o local de trabalho da amiga, e que esta estivera prestes a levá-lo para casa. Jeannie explicara-lhe que tinha a certeza de que Steve não era o criminoso. Mais tarde, apercebeu-se de que talvez não devesse ter feito o telefonema: poderia ser entendido como manipulação da testemunha. Não que isso fosse fazer muita diferença. Lisa olharia para vários homens brancos, e veria ou não aquele que a tinha violado. Não era o gênero de coisa acerca da qual se pudesse enganar.

Jeannie também falara com a mãe. Patty fora naquele dia ao lar, com os três filhos, e a mãe contara-lhe, muito animada, que os rapazes tinham andado correndo pelos corredores. Felizmente, parecia ter-se esquecido de que fora apenas na véspera que se mudara para Bela Vista. Falara como se morasse ali há anos e repreendeu Jeannie por não a visitar mais vezes. Depois da conversa, Jeannie sentiu-se um pouco melhor a respeito da mãe.

— Que tal estava a perca? — perguntou Berrington, interrompendo-lhe a cadeia de pensamentos.

— Deliciosa.

Ele alisou as sobrancelhas com a ponta do indicador direito. Jeannie achou o gesto típico de alguém que estava satisfeito consigo próprio.

— Agora vou fazer-te uma pergunta e gostaria que respondesses com toda a sinceridade. Sorriu, para que ela não o levasse muito a sério.

— Okay.

— Quer sobremesa?

— Sim. Acha que eu sou daquelas que costuma fingir a respeito dessas coisas?

Ele abanou a cabeça.

— Acho que finge a respeito de muito pouco.

— Se calhar. Já me disseram que não tinha o mínimo tato.

— Será uma das tuas maiores falhas?

— Talvez me saísse melhor se pensasse mais no assunto. Qual é a tua pior falha?

— Apaixonar-me — respondeu Berrington, sem hesitar.

— Isso é uma falha?

— Sim, se acontecer demasiadas vezes.

— Ou por mais do que uma pessoa ao mesmo tempo.

— Talvez deva escrever à Lorraine Logan pedindo conselho. Jeannie riu. Não queria que a conversa fosse parar em Steve.

— Qual é o teu pintor preferido? — perguntou.

— Vê se consegue adivinhar.

Berrington era bastante patriota, por isso devia igualmente ser um sentimentalista.

— Norman Rockwell?

— Claro que não! — exclamou ele, parecendo verdadeiramente horrorizado. Não passa de um ilustrador vulgar. Se eu tivesse dinheiro para

coleccionar quadros, compraria os impressionistas americanos. As paisagens de Inverno de John Henry Twachtman. Adoraria ser dono do The White Bridge. E você?

— Agora você tem de adivinhar.

Ele pensou durante algum tempo.

— Joan Miró.

— Porquê?

— Calculo que gostes de manchas coloridas ousadas. Ela assentiu.

— É verdade. Mas errou. O Miró é demasiado confuso. Prefiro o Mondrian.

— Ah, sim, claro. As linhas retas.

— Exatamente. É muito bom nisto. — Berrington encolheu os ombros e ela calculou que ele já tentara adivinhar muita coisa a respeito de várias mulheres Jeannie mergulhou a colher no sorvete de manga. Aquilo não era um jantar de negócios. Em breve teria de decidir que tipo de relação iria ter com Berrington.

Já havia um ano e meio que não beijava um homem. Desde que Will Temple saíra da sua vida não andara com mais ninguém. Não queria manter-se fiel a Will, já não o amava. Mas estava cansada.

No entanto, começava a ficar doida com aquela vida de reclusão. Sentia saudades de ter alguém peludo na cama, sentia falta dos odores masculinos, óleo de bicicleta, camisetas suadas e uísque e, acima de tudo, sentia falta de sexo. Quando as feministas radicais vinham dizer que o pênis era o inimigo, Jeanie tinha vontade de lhes responder. Fale por você, pá!”

Levantou o olhar para Berrington, que comia delicadamente maçãs caramelizadas. Gostava do homem, apesar de discordar das suas tendências políticas. Era inteligente, (os seus homens tinham de ser inteligentes) e possuía modos cativantes. Respeitava-o pelo seu trabalho científico. Era elegante e parecia em forma; provavelmente seria um amante hábil e cheio de experiência e tinha uns belos olhos azuis Mesmo assim, era demasiado velho. Ela gostava de homens maduros, mas não tão maduros.

Como poderia rejeitá-lo sem destruir a sua carreira? O melhor seria fingir que considerava as suas atenções apenas amáveis e paternais. Dessa

forma, evitaria dizer-lhe "não" frontalmente.

Bebeu um gole de champanhe. O empregado estava sempre a encher-lhe o copo e ela já não sabia ao certo quanto tinha bebido; ainda bem que não precisava dirigir.

Veio o café. Jeannie pediu um duplo, para ver se ficava mais sóbria. Quando Berrington pagou a conta, apanharam o elevador para o estacionamento e entraram no Lincoln Town Car prateado dele.

Berrington seguiu junto ao porto e entrou na via rápida de Jones Falis.

— Ali fica a prisão — disse ele, apontando para um edifício semelhante a uma fortaleza que ocupava todo um quarteirão. A escumalha da terra encontra-se lá.

"Talvez o Steve também lá esteja", pensou Jeannie.

Como pudera ela imaginar alguma vez ir para a cama com Berrington? Não sentia por ele o mínimo afeto. Tinha vergonha de haver sequer pensado numa coisa dessas. Quando ele parou junto à sua casa, Jeannie disse:

— Bom, Berry, obrigada pela agradável noite. Iria ele apertar-lhe a mão, perguntou-se, ou tentaria beijá-la? Se assim fosse, ela oferecer-lhe-ia o rosto.

Mas ele não fez nem uma coisa nem outra.

— O meu telefone de casa está avariado e preciso fazer um telefonema antes de ir para a cama disse. Importa-se que use o seu?

Não teve coragem para lhe dizer: "Sim, importo. Por que não usa uma cabina?" Parecia condenada a ter de lidar com um atiradiço decidido.

— Claro que não — respondeu, suprimindo um suspiro. Anda. Perguntou a si própria se poderia esquivar-se a oferecer-lhe um café.

Saiu do carro e foi à frente até à porta. Esta dava para um pequeno vestíbulo com mais duas portas. Uma conduzia ao apartamento do rés-do-chão, ocupado por Sr. Oliver, estivador reformado, a outra, a de Jeannie, dava para as escadas que conduziavam ao seu apartamento, no primeiro andar.

Franziu o sobrolho, intrigada. A sua porta estava aberta.

Entrou e subiu as escadas. Lá em cima a luz estava acesa. Curioso: quando saíra ainda era de dia.

As escadas terminavam na sala de estar. Jeannie entrou e deu um grito.

Ele estava junto ao frigorífico, com uma garrafa de vodca na mão. Tinha um ar desganhado e a barba por fazer e parecia ligeiramente embriagado.

— O que se passa? — perguntou Berrington, atrás dela.

— Isto não tem segurança nenhuma, Jeannie — disse o intruso. Abri as tuas fechaduras em cerca de dez segundos.

— Quem raio é ele? perguntou Berrington.

— Quando é que saiu da prisão, pai? — perguntou, por sua vez, Jeannie, chocada.

11

A sala da identificação ficava no mesmo andar das celas. Na antessala encontravam-se outros seis homens da idade de Steve e com a mesma constituição. Ele calculou que eram policiais. Não lhe falaram e evitaram o seu olhar. Tratavam-no como um criminoso. Teve vontade de dizer: "Ei, pessoal, eu estou do vosso lado, não sou um violador, sou inocente".

Tiraram todos os relógios de pulso e os anéis e fios e puseram-nos dentro de sobrescritos brancos sobre a roupa. Enquanto se preparavam, apareceu um homem vestido à civil.

— Qual de vocês é o suspeito? — perguntou.

— Eu — respondeu Steve.

— Eu sou Lew Tanner, defensor público esclareceu o homem. Estou aqui para ver se a identificação é feita de forma correta. Tem alguma pergunta?

— A que horas posso sair daqui? — perguntou Steve.

— Se não for identificado, daqui a duas horas.

— Duas horas! — exclamou Steve, indignado. Tenho de regressar àquela maldita cela?

— Sim.

— Deus do Céu!

— Vou pedir que tratem da sua libertação o mais depressa possível — disse Lew. Mais alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Muito bem. Saiu.

Um carcereiro conduziu os sete homens através de uma porta até um estrado. Na parede atrás havia uma escala que indicava a altura deles e locais numerados de um a dez. Uma luz forte iluminava-os e um vidro dividia o estrado do resto da sala. Os homens não conseguiam ver através do vidro, mas podiam ouvir o que se dizia atrás dele.

Durante algum tempo, houve apenas passos e vozes baixas, todas

masculinas. Em seguida, Steve ouviu o som inconfundível dos passos de uma mulher. Pouco depois, falou um homem, que parecia estar lendo ou repetindo algo que já sabia de cor.

— À sua frente estão sete pessoas. Irá identificá-las pelos números. Se algum destes indivíduos lhe fez alguma coisa, ou fez algo na sua presença, quero que diga o número dele, apenas o número. Se quiser que algum deles fale, que diga qualquer coisa específica, mandá-lo-emos falar. Se quiser que algum deles se vire ou se ponha de lado, fá-lo-ão todos. Reconhece aquele que lhe fez alguma coisa ou fez algo na sua presença?

Silêncio. Os nervos de Steve estavam retesados como as cordas de uma guitarra, embora tivesse a certeza de que não iria ser escolhido.

— Ele tinha um chapéu — disse uma voz de mulher baixinho. Parecia uma jovem da classe média, da mesma idade que ele, pensou Steve.

— Temos chapéus — disse o homem. Quer que eles ponham chapéus?

— Era mais um boné. Um boné de basebol.

Steve ouviu a ansiedade e a tensão na voz da garota, mas também a determinação. Não havia a mínima falsidade. Ela parecia ser o tipo de mulher que dizia a verdade, mesmo quando perturbada. Sentiu-se um pouco melhor.

— Dave, vê se temos sete bonés de basebol nesse armário. Houve uma pausa de vários minutos. Steve rangeu os dentes, impaciente.

— Caramba murmurou uma voz, não sabia que tínhamos estas coisas todas... óculos, bigodes...

— Nada de conversas, por favor, Dave — disse o primeiro homem. Isto é uma identificação.

Por fim, um detetive foi ao estrado e entregou um boné a cada um dos homens. Colocaram os bonés e o detetive saiu.

Do outro lado do vidro ouviu-se uma mulher a chorar. A voz masculina repetiu o que tinha dito anteriormente:

— Reconhece aquele que lhe fez alguma coisa ou fez algo na sua presença? Se assim é, quero que diga o número dele, apenas o número.

— Número quatro — disse a mulher com um soluço. Steve virou-se e olhou para o seu número.

Era o número quatro.

— Não! gritou. Não pode ser! Não fui eu!

— Ouviu isto, número quatro? — perguntou uma voz de homem.

— Claro que ouvi, mas não fui eu!

Os outros rapazes começaram a sair do estrado.

— Por amor de Deus! Steve olhou para o vidro, os braços abertos, a implorar. Como é que pôde escolher-me? Nem sequer sei como você é!

— Não diga nada, minha senhora ouviu-se a voz de homem. Muito obrigado pela sua colaboração. A saída é por aqui.

— Há qualquer coisa errada, não percebe? — gritou Steve. O carcereiro Spike apareceu.

— Acabou-se tudo, filho, vamos embora disse.

Steve olhou para ele. Por um momento sentiu-se tentado a dar um murro nos dentes do homenzinho.

Spike viu a expressão dos olhos dele e o seu rosto endureceu.

— Nada de problemas. Não tem para onde fugir. Agarrou o braço de Steve e apertou-o como um torno. Era inútil protestar.

Steve sentiu-se como se tivesse sido agredido pelas costas. Aquilo fora inesperado. Deixou descair os ombros e foi invadido por uma fúria imensa.

— Como é que isto aconteceu? — perguntou. Como é que isto aconteceu?

12

— Pai?! — repetiu Berrington.

Jeannie teve vontade de morder a língua. Fora a coisa mais estúpida que podia ter dito: "Quando é que saíste da prisão, pai?" Ainda há minutos Berrington chamara aos presos a escumalha da terra.

Sentia-se mortificada. Já era mau o padrão descobrir que o seu pai era um assaltante profissional. Que ele o conhecesse era ainda pior. O pai tinha uma mancha escura no rosto devido a uma queda e uma barba de vários dias. As suas roupas estavam sujas e tinham um odor vago, mas desagradável. Sentia-se tão envergonhada que era incapaz de olhar para Berrington.

Houvera uma altura, há muitos anos, em que não tivera vergonha dele. Fora precisamente o contrário: ele fazia com que os pais das outras garotas parecessem maçantes e enfadonhos. Fora um homem bonito e fácil de amar, e chegava sempre a casa com um traje novo e os bolsos cheios de dinheiro. Depois havia cinema, vestidos novos e enormes gelados, e a mãe comprava uma camisola bonita e começava a fazer dieta. Mas ele acabava sempre por desaparecer e, quando tinha nove anos, Jeannie descobrira porquê. Tammy Fontaine contara-lhe. Nunca iria esquecer aquela conversa.

"O teu fato de treino é horroroso", dissera Tammy.

"O teu nariz é horroroso", retorquira Jeannie, e as outras garotas tinham-se afastado.

"A tua mãe compra-te roupas que são mesmo asquerosas".

"A tua mãe é gorda".

"O teu pai está na prisão".

"Não está nada".

"Está sim".

"Não está NADA!"

"Ouvi o meu pai contar à minha mãe. Estava lendo o jornal. "Parece que o velho Pete Ferrami está de novo preso"", disse ele.

"Sua mentirosa!", retorquira Jeannie, mas, no seu íntimo, acreditava em

Tammy. Aquilo explicava tudo: a riqueza súbita, os desaparecimentos igualmente súbitos, as longas ausências.

Jeannie nunca mais voltou a ter uma daquelas atormentadoras conversas de colegas. Qualquer pessoa podia calá-la ao falar no pai. Com nove anos, era como se tivesse ficado aleijada para o resto da vida. Sempre que alguma coisa desaparecia na escola, ela sentia que todos lhe lançavam olhares acusadores. Nunca conseguiu afastar o sentimento de culpa. Se outra mulher abrisse a carteira e exclamasse: "Raios, julguei que tinha aqui uma nota de dez dólares!", Jeannie corava até à raiz dos cabelos. Tornou-se obsessivamente honesta: era capaz de andar quase dois quilômetros para devolver uma esferográfica barata, com receio de que o proprietário dissesse que ela era uma ladra como o pai.

Agora ali estava ele, em frente ao patrão dela, sujo e com a barba por fazer e, provavelmente, sem dinheiro.

— Este é o professor Berrington Jones — apresentou Jeannie. Berry, apresento-te o meu pai, Pete Ferrami.

Berrington mostrou-se afável. Apertou a mão do homem.

— Prazer em conhecê-lo, Senhor Ferrami — disse. A sua filha é uma mulher muito especial.

— Lá isso é verdade anuiu o pai com um sorriso satisfeito.

— Bem, Berry, agora ficou sabendo o segredo da família — declarou Jeannie num tom resignado. O meu pai foi preso pela terceira vez no dia em que me formei summa ciun laude em Princeton. Esteve preso durante os últimos oito anos.

— E podiam ter sido quinze interveio o pai. Usamos armas no servicinho.

— Obrigada por nos dizer isso, pai. O meu patrão vai ficar muito bem impressionado.

O pai pareceu magoado e desconcertado, e ela sentiu pena dele, apesar do seu ressentimento. A fraqueza de Pete magoava-o tanto como magoava a família. Ele era um dos fracassos da Natureza. O sistema fabuloso que produzia a raça humana, o mecanismo profundamente complexo do DNA que Jeannie estudava, estava programado para fazer cada indivíduo ligeiramente diferente do anterior. Às vezes o resultado era bom: um Einstein, um Louis

Armstrong, um Andrew Carnegie. E outras vezes era um Pete Ferrami.

Jeannie tinha de livrar-se rapidamente de Berrington.

— Se quiser fazer a tal chamada, Berry, pode usar o telefone do quarto.

— Hum, não é preciso respondeu ele.

"Graças a Deus".

— Bem, obrigada por esta noite especial — disse, estendendo a mão.

— Foi um prazer. Boa noite. Berry apertou-lhe a mão desajeitadamente e saiu.

Jeannie virou-se para o pai.

— O que aconteceu?

— Saí por bom comportamento. Estou livre. E é claro que a primeira coisa que fiz foi ver a minha filhinha.

Depois de ter passado três dias completamente bêbedo. Ele era tão pouco sincero que até magoava. Sentiu a habitual fúria crescer. Por que não podia ter um pai como o das outras pessoas?

— Vá lá, não seja antipática — disse ele.

A fúria transformou-se em pena. Nunca tivera um verdadeiro pai, nem teria.

— Dá-me essa garrafa — pediu. Vou fazer café.

Com relutância, ele entregou-lhe a garrafa de vodca e Jeannie voltou a guardá-la no frigorífico. Pôs água na máquina de café e ligou-a.

— Envelheceu — comentou o pai. Já tem alguns cabelos brancos.

— Eh, obrigada. Colocou canecas, natas e açúcar em cima da mesa.

— A tua mãe também teve cabelos brancos muito cedo.

— Sempre pensei que a causa era você.

— Fui a casa dela — disse ele algo indignado. Já lá não vive.

— Agora está em Bella Vista.

— Foi o que me disse a vizinha. Senhorita Mendoza. Deu-me o teu endereço. Não me agrada que a tua mãe esteja num lugar daqueles.

— Então, tira-a de lá! — gritou Jeannie, indignada. Ainda é a tua mulher. Arranja um emprego e um apartamento decente e começa a olhar por ela.

— Sabe que não posso fazer isso. Nunca pude.

— Então não me critique por não o fazer. O tom dele tornou-se conciliador.

— Não estava falando de você, querida. Só disse que não gosto de ver a tua mãe num lar, mais nada.

— Eu também não gosto, nem a Patty. Vamos tentar arranjar dinheiro para a tirar dali. Jeannie sentiu-se emocionada e teve de reprimir as lágrimas. Bolas, pai, isto já é suficientemente difícil sem que esteja para aí a queixar-se.

— Okay, okay — disse ele.

Jeannie engoliu em seco. "Não devia permitir que ele me afetasse desta maneira". Mudou de assunto.

— O que vai fazer agora? Tem alguns planos?

— Vou procurar umas coisas.

Isso significava que iria procurar um local para assaltar. Jeannie não disse nada. Era um ladrão e ela não podia mudá-lo. O pai tossiu.

— Talvez possa me dispensar alguns dólares para eu começar. Isso tornou a enfurecê-la.

— Já te digo o que vou fazer — retorquiu, bastante tensa. Vou deixar-te tomar banho e fazer a barba, enquanto lavo a tua roupa. Se não tocar nessa garrafa de vodca, preparo-te uns ovos e umas torradas. Empristo-te um pijama e pode dormir no sofá, mas não vou dar-te dinheiro. Ando tentando juntar algum para colocar a mãe num lugar onde a tratem como um ser humano e não te posso dispensar nada.

— Está bem, querida — disse ele com ar de mártir. Eu compreendo.

Jeannie fitou-o. Por fim, quando o turbilhão de vergonha, ira e piedade diminuiu, tudo o que sentiu foi ansiedade. Desejava de todo o coração que ele pudesse tomar conta de si próprio, conseguisse ficar num local mais do que apenas algumas semanas, arranjasse um emprego normal, pudesse dar-lhes amor, apoio e estabilidade.

Ansiava por um pai que fosse um pai. E sabia que nunca iria ver esse desejo cumprido. No seu coração havia espaço para um pai, e esse espaço estaria sempre vazio. O telefone tocou.

— Sim — disse Jeannie.

Era Lisa e parecia perturbada.

— Jeannie, era ele!

— Quem, o quê?

— O tipo que foi preso contigo. Hoje fui à identificação. Foi ele quem me violou. O Steve Logan.

— Ele é o violador? — perguntou Jeannie com ar incrédulo. Tem certeza?

— Não há dúvida, Jeannie — respondeu Lisa. Oh! meu Deus, foi horrível voltar a ver a cara dele. A princípio não disse nada, porque parecia diferente sem o boné. Depois o detetive obrigou-os a pôr bonés de basebol e foi aí que tive a certeza.

— Lisa, não pode ser ele — retorquiu Jeannie.

— O que quer dizer?

— Os testes que fez não se encaixam. E passei bastante tempo com ele, tenho um pressentimento.

— Mas eu reconheci-o. Lisa parecia aborrecida.

— Estou espantada. Não consigo compreender.

— Isso dá cabo da tua teoria, não é? Queria que um dos gêmeos fosse bom e o outro mau.

— Sim. Mas um exemplo contrário não desacredita a teoria.

— Lamento que ache que o teu projeto está ameaçado por isto.

— Não é por esse motivo que digo que não é ele. Jeannie suspirou. Raios, talvez seja. Já não sei mais nada. Onde está agora?

— Em casa.

— Sente-se bem?

— Sim, agora que ele se encontra preso.

— Parece um tipo tão simpático...

— Esses são os piores, pelo que me disse a Mish. Os que parecem ser perfeitamente normais à superfície são os mais inteligentes e implacáveis, e gostam de fazer sofrer as mulheres.

— Meu Deus!

— Vou-me deitar, estou exausta. Só queria que soubesse. Que tal foi a tua noite?

— Mais ou menos. Amanhã te conto.

— Ainda quero ir a Richmond com você.

Jeannie tencionara levar Lisa para esta a ajudar a entrevistar Dennis Pinker.

— Acha que estás em condições?

— Sim. Quero continuar a viver uma vida normal. Não estou doente, por isso não preciso de um período de convalescença.

— O Dennis Pinker deve ser igualzinho ao Steve Logan.

— Eu sei. Consigo aguentar.

— Se acha que sim...

— Ligo-te amanhã de manhã.

— Okay. Boa noite.

Jeannie sentou-se pesadamente. Poderia o encanto de Steve Logan não passar de uma máscara? "Eu devo ser péssima a julgar as pessoas", pensou. "E talvez também uma péssima cientista: talvez todos os gêmeos univitelinos sejam igualmente criminosos". Suspirou.

O seu progenitor criminoso estava sentado ao seu lado.

— Esse professor é um sujeito bem parecido, mas deve ser mais velho do que eu! — exclamou. Tem algum caso com ele, ou quê?

Jeannie franziu o nariz.

— O banheiro é logo ali, pai — retorquiu.

13

Steve estava de novo na sala de interrogatórios com as paredes amarelas. No cinzeiro encontravam-se as mesmas bitucas. A sala não mudara, mas ele sim. Há três horas atrás era um cidadão cumpridor da lei, inocente de qualquer crime pior do que excesso de velocidade. Agora era um violador, preso e identificado pela vítima, e acusado. Encontrava-se no interior da máquina da justiça, na correia da produção em série. Era um criminoso. Apesar de se recordar constantemente de que não fizera nada de errado, não conseguia livrar-se da sensação de inutilidade e ignomínia.

Algum tempo antes falara com a detetive, a sargento Delaware. Agora o outro detetive, um homem, entrou, trazendo também uma pasta azul. O polícia era da altura de Steve, mas mais largo e pesado, com cabelo curto cinzento e bigode hirsuto. Sentou-se e puxou de um maço de cigarros. Sem dizer uma palavra, bateu o cigarro na mesa, acendeu-o e deitou o fósforo no cinzeiro. Então abriu a pasta. Lá dentro encontrava-se outro formulário. Este tinha o seguinte cabeçalho:

TRIBUNAL DISTRITAL DE MARYLAND PARA...
(CIDADE/ESTADO)

A metade superior estava dividida em duas colunas: QUEIXOSO e ARGUIDO.

Mais abaixo:

ACUSAÇÕES

O detetive começou a preencher o formulário, continuando sem falar. Depois de ter escrito algumas palavras levantou a primeira folha branca e verificou as quatro cópias: verde, amarela, cor-de-rosa e castanha.

Com a folha invertida, Steve conseguiu ver que a vítima se chamava Lisa Margaret Hoxton.

— Como é que ela é? — perguntou.

O detetive olhou para ele.

— Cala a boca! — respondeu. Puxou uma baforada do cigarro e continuou a escrever.

Steve sentiu-se humilhado. O homem estava sendo grosseiro e ele nada podia fazer. Era mais uma forma de o humilharem, obrigando-o a sentir-se insignificante e impotente. "Cabrão", pensou, "gostaria muito de te encontrar fora deste edifício, desarmado".

O detetive começou a escrever as acusações. Na caixa número um escreveu a data de domingo, depois "no ginásio da Universidade Jones Falis, Baltimore, Maryland". Por baixo escreveu: "Violação". Na caixa seguinte tornou a anotar o local e a data, depois "ofensa à integridade física".

Pegou na folha de continuação e acrescentou mais duas acusações: fraude sexual e coito anal.

— Coito anal? — perguntou Steve, surpreendido.

— Cala a boca!

Steve estava disposto a socá-lo. "Isto é de propósito", pensou. "O tipo quer provocar-me. Se eu lhe der um murro, tem uma desculpa para chamar outros três polícias para me segurarem enquanto ele me dá uma surra. Não faça nada, não faça nada".

Quando acabou de escrever, o detetive virou os dois formulários ao contrário e empurrou-os na direção de Steve.

— Está metido numa grande confusão, Steve. Espancou, violou e sodomizou uma garota...

— Não fiz nada disso.

— Cala a boca!

Steve mordeu o lábio e ficou calado.

— É escumalha. É merda. As pessoas decentes nem sequer querem estar na mesma sala que você. Espancou, violou e sodomizou uma garota. Sei que não é a primeira vez. Já há algum tempo que o faz. É esperto e planeja as coisas e até agora sempre conseguiu escapar. Mas desta vez foi apanhado. A sua vítima identificou-te. Há testemunhas que te viram perto do local. Daqui a cerca de uma hora, assim que a sargento Delaware conseguir um mandado de busca ou de captura do juiz, vamos levar-te ao Hospital Mercy para te

fazer uma análise ao sangue e examinar os teus pêlos púbicos, a fim de provarmos que o teu DNA é igual ao que encontramos na vagina da vítima.

— Quanto tempo é que demora... o teste ao DNA?

— Cale-se. Está feito, Steve. Sabe o que vai te acontecer?

Steve não respondeu.

— A pena para violação é prisão perpétua. Vai para a prisão e sabe o que vai te acontecer lá? Vai provar aquilo que tem andado a distribuir. Um rapaz tão bem parecido como você? Não há problema. Vai ser espancado, violado e sodomizado. Vai ficar sabendo aquilo que a Lisa sentiu. Só que no teu caso será durante anos e anos.

Fez uma pausa, pegou no maço de cigarros e ofereceu um a Steve.

Admirado, este abanou a cabeça.

— A propósito, sou o detetive Brian Allaston. Acendeu um cigarro. Não sei bem por que motivo estou te dizendo isto, mas há uma maneira de conseguir melhorar as coisas.

Steve franziu o sobrolho, curioso. O que viria a seguir?

O detetive Allaston levantou-se, contornou a mesa e sentou-se na beira, com um pé apoiado no chão, muito próximo de Steve. Inclinou-se para frente e falou em voz baixa.

— Deixa-me te explicar as coisas. A violação é uma cópula em que há o uso da força, ou a ameaça de força, contra a vontade ou sem o consentimento da vítima. Na fraude sexual, uma pessoa aproveita-se do erro da sua identidade para copular com a vítima. As penas para a fraude sexual são mais baixas. Agora, se conseguir me persuadir de que aquilo que fizeste foi apenas esta segunda, pode melhorar as coisas para o teu lado.

Steve ficou calado.

— Queres contar-me como tudo aconteceu?

— Cale a boca — disse Steve, por fim.

Allaston mexeu-se muito depressa. Levantou-se, agarrou na parte da frente da camisa de Steve, levantou-o da cadeira e encostou-o à parede. A cabeça de Steve bateu na parede, e a pancada foi dolorosa.

Ele imobilizou-se, de punhos cerrados. "Não faça nada", disse a si

próprio, "não lhe dê troco". Era difícil. O detetive Allaston tinha peso a mais e Steve sabia que podia pô-lo a dormir em menos de nada. Mas tinha de se controlar. A sua única esperança era insistir na inocência. Se espancasse um polícia, apesar de ter sido provocado, seria culpado de um crime. Nessa altura, mais valia desistir. Perderia a esperança se não sentisse aquela indignação justa para animá-lo. Por isso ficou imóvel, rígido, de dentes cerrados, enquanto Allaston o fazia bater na parede mais duas, três, quatro vezes.

— Não volte a falar comigo assim, estupor — disse Allaston. Steve sentiu a sua raiva esmorecer. Allaston nem sequer estava a magoá-lo. "É tudo teatro", pensou. Allaston estava representando um papel, e por sinal bastante mal. Ele era o polícia mau e Mish a polícia boa. Dali a pouco entraria na sala e oferecer-lhe-ia café, fingindo ser sua amiga. Mas teria o mesmo objetivo que Allaston: persuadir Steve a confessar a violação de uma mulher que ele nunca vira, chamada Lisa Margaret Hoxton.

— Vamos acabar com as tretas, detetive — disse. Sei que o senhor é um durão, com pêlos a saírem-lhe das narinas, e sabe que se estivéssemos noutro local e o senhor não tivesse essa pistola à cintura eu lhe dava uma surra. Por isso é melhor deixarmos de armar aos cucos...

Allaston ficou admirado. Sem dúvida esperara que Steve estivesse demasiado assustado para falar. Largou a camisa do rapaz e foi até à porta.

— Tinham-me dito que era um espertalhão — prosseguiu. Bom, então me deixe te dizer como tenciono contribuir para a tua educação. Vai voltar para a cela durante mais um tempo, mas desta vez terá companhia. As quarenta e uma celas que temos aqui estão um pouco cheias, por isso vai partilhar uma com um tipo chamado Rupert Butcher, conhecido por "Porky". Acha que é muito grande? Pois ele é ainda maior. Está se recuperando de uma festa de crack que durou três dias, por isso tem dores de cabeça. A noite passada, por volta da altura em que deitava fogo ao ginásio e enfiava a tua pixa nojenta na pobre Lisa Hoxton, o Porky Butcher estava matando o amante com um ancinho. Deviam gostar da companhia um do outro. Anda daí.

Steve ficou assustado. Toda a sua coragem desapareceu como se tivesse tirado a tomada da ficha e sentiu-se indefeso e derrotado. O detetive humilhara-o sem ameaçar magoá-lo, mas uma noite com um psicopata era

bastante perigosa. Aquele tal Butcher já matara uma pessoa e, se conseguisse pensar, sabia que pouco tinha a perder se matasse outra.

— Espere aí — disse Steve com voz trêmula. Allaston virou-se, lentamente.

— Então?

— Se eu confessar, fico sozinho numa cela? O detetive fez uma expressão de alívio.

— Claro — respondeu, num tom de voz subitamente amigável. A mudança de tom encheu Steve de medo.

— Mas, se não confessar, sou morto pelo Porky Butcher. Allaston levantou as mãos num gesto de impotência. Steve sentiu o seu medo transformar-se em ódio.

— Nesse caso, detetive, vá-se foder!

Allaston ficou surpreso.

— Estupor! — exclamou. Vamos ver se daqui a duas horas continua tão agressivo. Anda.

Levou Steve até ao elevador e acompanhou-o às celas. Spike ainda estava lá.

— Mete este estupor com o Porky — disse Allaston. Spike levantou as sobrancelhas.

— É assim tão mau, hem?

— Sim. E a propósito, o Steve tem pesadelos.

— Assim, se o ouvir gritar, não se preocupe. É só um sonho.

— Entendido — disse Spike.

Allaston afastou-se e Spike levou Steve para a cela.

Porky estava deitado no catre. Era mais ou menos da altura de Steve, mas muito mais robusto. Parecia um culturista acabado de sofrer um acidente: a camiseta ensanguentada retesava-se sobre os músculos protuberantes. Dormia de costas, a cabeça virada para o fundo da cela, os pés pendurados na extremidade do catre. Abriu os olhos quando Spike abriu a porta e fez Steve entrar. A porta fechou-se com um estrondo e Spike trancou-a.

Porky tornou a abrir os olhos e olhou para Steve.

Este susteve o olhar durante uns momentos.

— Bons sonhos — disse.

Porky tornou a fechar os olhos.

Steve sentou-se no chão, de costas para a parede, e observou Porky a dormir.

14

Berrington Jones dirigiu devagar até casa. Sentia-se simultaneamente desiludido e aliviado. Como uma pessoa que faz dieta e luta contra a tentação durante o caminho até à geladeira e depois a encontra fechada, Berry fora salvo de uma coisa que sabia não dever fazer.

Contudo, não estava mais próximo de solucionar o problema causado pelo projeto de Jeannie e por aquilo que ela pudesse vir a descobrir. Talvez devesse ter passado mais tempo fazendo-lhe perguntas e menos se divertindo. Franziu o sobrolho, perplexo, enquanto estacionava e entrava em casa.

O local estava calmo. Marianne, a governanta, já devia ter ido deitar-se. Foi até ao escritório e verificou a secretária eletrônica. Havia uma mensagem.

— Professor, fala a sargento Delaware, da Unidade de Crimes de Natureza Sexual. É segunda-feira à noite. Agradeço a sua colaboração de hoje. Berrington encolheu os ombros. Pouco mais fizera do que confirmar que Lisa Hoxton trabalhava no "Manicômio". Ela prosseguiu: Como é o patrão da Senhorita Hoxton e a violação teve lugar no complexo universitário, achei que devia dizer-lhe que prendemos um homem esta tarde. Aliás, ele foi alvo de estudo hoje no seu laboratório. Chama-se Steve Logan.

— Jesus! — exclamou Berrington.

— A vítima identificou-o, por isso estamos certos de que o DNA irá confirmar que ele é o culpado. Por favor, transmita esta informação a outras pessoas da faculdade. Obrigada.

— Não! — gritou Berrington. Sentou-se pesadamente. Não — repetiu em voz mais baixa. Depois começou a chorar. Passado algum tempo levantou-se, ainda a chorar, e fechou a porta do escritório, com receio de que a governanta pudesse entrar. Depois regressou à secretária e ocultou o rosto nas mãos.

Ficou assim durante algum tempo.

Quando, por fim, as lágrimas secaram, pegou no telefone e discou o número que já sabia de cor.

— Por favor, meu Deus, não quero a secretária eletrônica pediu, em voz alta, enquanto aguardava.

Atendeu um jovem.

— Sim?

— Sou eu — disse Berrington.

— Então, como está?

— Desolado.

— Oh! — O tom era de culpa.

Se Berrington tivera dúvidas, aquele tom fizera-as desaparecer.

— Sabe por que te telefonei, não sabe?

— Diz lá.

— Não brinque comigo, por favor. Estou falando de domingo à tarde.

O jovem suspirou.

— Okay.

— Seu idiota! Foi ao complexo universitário, não foi? Você... —
Percebeu que não devia dizer muita coisa ao telefone. Voltaste a fazê-lo.

— Lamento...

— Lamenta!

— Como é que soube?

— A princípio não desconfiei de você. Pensei que tinha saído da cidade.
Depois prenderam uma pessoa igualzinha a você.

— Uau! Isso significa que...

— Estás safo.

— Uau. Que "fezada". Olha...

— O quê?

— Não dize nada, pois não? Nem à Polícia nem a ninguém.

— Não, não digo nada — respondeu Berrington, com um peso no coração. Pode confiar em mim.

TERÇA-FEIRA

15

A cidade de Richmond tinha um ar de grandeza perdida e Jeannie achou que os pais de Dennis Pinker se encaixavam perfeitamente ali. Charlotte Pinker, uma ruiva sardenta com um vestido de seda sussurrante, tinha a aura de uma grande dama da Virgínia, embora vivesse numa casa pequena num lote estreito. Disse que tinha cinquenta e cinco anos, mas Jeannie calculou que já devesse estar mais perto dos sessenta. O marido, a quem se referia como "o major", tinha sensivelmente a mesma idade, mas possuía o aspecto descuidado e o ar tranquilo de alguém há muito reformado. Piscou o olho a Jeannie e a Lisa:

— As meninas gostariam de um cocktail — perguntou.

A mulher tinha um forte sotaque do Sul e falava um pouco alto de mais, como se estivesse constantemente a dirigir uma reunião.

— Por amor de Deus, major, são dez da manhã! Ele encolheu os ombros.

— Estava apenas a esforçar-me para que a festa começasse bem.

— Isto não é nenhuma festa. Estas senhoras estão aqui para nos estudarem. Isto porque o nosso filho é um assassino.

Chamou-lhe "nosso filho", reparou Jeannie, mas isso não significava muito. Podia ter sido adotado. Estava ansiosa por perguntar quem eram os verdadeiros progenitores de Dennis Pinker. Se os Pinker admitissem que ele fora adotado, isso resolveria o quebra-cabeças, mas tinha de ter cuidado. Era uma pergunta delicada. Se a fizesse de forma demasiado abrupta, o mais provável seria mentirem. Obrigou-se a esperar pelo momento oportuno.

Também sentia certo nervosismo relativamente ao aspecto de Dennis. Seria ele um sósia de Steve Logan ou não? Olhou ansiosa para as fotografias nas molduras baratas que se viam na pequena sala de estar. Havia sido todas tiradas há alguns anos. Via-se o pequeno Dennis num carrinho de bebê, num triciclo, equipado para jogar basebol e apertando a mão do Mickey na

Disneylândia. Não havia fotografias dele como adulto. Sem dúvida, os pais queriam recordar o rapaz inocente que ele fora antes de se tornar um assassino. Por conseguinte, Jeannie não ficou sabendo nada pelas fotografias. A criança loura de doze anos podia ser agora muito parecida com Steve Logan, mas poderia também ter ficado moreno e feio.

Charlotte e o major já haviam preenchido vários questionários, e agora tinham de ser entrevistados durante uma hora cada um. Lisa levou o major para a cozinha e Jeannie entrevistou Charlotte.

Teve dificuldade em concentrar-se nas perguntas rotineiras. A sua mente continuava a divagar para Steve, na prisão. Ainda achava impossível acreditar que ele era um violador. Não apenas porque isso arruinaria a sua teoria. Gostava do rapaz: era inteligente e cativante e parecia bondoso. Também tinha um lado vulnerável: o seu espanto e perturbação quando soubera que tinha um irmão gêmeo psicopata haviam feito Jeannie ter vontade de abraçá-lo e confortar.

Quando perguntou a Charlotte se outros membros da família já haviam tido problemas com a lei, aquela virou o olhar imperioso na sua direção.

— Os homens da minha família sempre foram muito violentos. Inspirou pelas narinas muito abertas. Sou uma Marlowe de nascimento, e sempre fervemos em pouca água.

Isso sugeria que Dennis não fora adotado ou que a sua adoção não era reconhecida. Jeannie escondeu a desilusão. Iria Charlotte negar que Dennis podia ter um irmão gêmeo?

A pergunta tinha de ser feita.

— Senhora Pinker, há alguma possibilidade de o Dennis ter um irmão gêmeo?

— Não.

A resposta foi monocórdica: sem indignação, irada, apenas factual.

— Tem certeza?

Charlotte riu-se.

— Minha querida, isso é uma das coisas acerca da qual uma mãe não pode enganar-se!

— Não foi adotado.

— Carreguei o rapaz no ventre, que Deus me perdoe. Jeannie ficou muito desanimada. Charlotte Pinker seria capaz de mentir mais prontamente do que Lorraine Logan, calculou ela, mas, mesmo assim, era estranho e preocupante o fato de ambas negarem que os seus filhos eram gêmeos.

Sentia-se bastante pessimista quando saíram de casa dos Pinker. Tinha o pressentimento de que quando visse Dennis o acharia muito diferente de Steve.

O Ford Aspire que haviam alugado encontrava-se lá fora. O dia estava muito quente. Jeannie levava um vestido sem mangas com um casaco por cima, para ter um aspecto mais profissional. O ar condicionado do Ford gemeu e libertou ar morno. Tirou os collants e pendurou o casaco no gancho por cima do banco de trás.

Entraram na auto-estrada rumo à prisão, com Jeannie ao volante.

— Incomoda-me bastante que pense que eu escolhi a pessoa errada — comentou Lisa.

— Também me incomoda — disse Jeannie. Mas sei que não o teria feito se não tivesses certeza.

— Como é que pode ter certeza de que me enganei?

— Não tenho certeza de nada. Sinto um forte pressentimento a respeito do Steve Logan.

— Parece-me que devia tentar descobrir por que motivo desconfia da opinião das testemunhas.

— Eu sei. Mas já alguma vez viste aquele programa do Alfred Hitchcock? É a preto e branco, às vezes passam-no na televisão por cabo.

— Já sei o que vai dizer. Aquele episódio onde quatro pessoas testemunham um acidente de viação e cada uma vê uma coisa diferente.

— Ficou ofendida? — Lisa suspirou.

— Devia ter ficado, mas gosto demasiado de você para me zangar. Jeannie inclinou-se e apertou a mão de Lisa.

— Obrigada.

Houve um longo silêncio, interrompido por Lisa:

— Detesto que as pessoas pensem que sou fraca. Jeannie franziu o

sobrolho.

— Não acho que seja fraca.

— Mas acha a maior parte das pessoas. Provavelmente porque sou baixa, tenho um nariz pequeno e sardas.

— Bom, é verdade que não parece muito forte.

— Mas sou. Vivo sozinha, tomo conta de mim, tenho um emprego e ninguém me incomoda. Pelo menos era o que eu pensava até domingo. Agora sinto que as pessoas têm razão: sou fraca. Não consigo olhar por mim! Qualquer psicopata que ande na rua pode apanhar-me, encostar-me uma faca à cara, fazer o que bem entender com o meu corpo e deixar o seu esperma dentro de mim.

Jeannie olhou para ela. Lisa estava muito pálida. Só esperava que lhe fizesse bem desabafar aquilo.

— Não é fraca — disse.

— Você é forte — retorquiu Lisa.

— Tenho o problema oposto: as pessoas pensam que sou invulnerável. Como tenho um metro e oitenta, uma argola no nariz e cara de poucos amigos, imaginam que não posso ser magoada.

— Não tens cara de poucos amigos.

— Devo estar enfraquecendo.

— Quem é que te julga invulnerável? Eu não.

— A mulher que dirige Bella Vista, o lar onde a minha mãe está internada. Disse-me, sem mais nem menos: "A sua mãe não chegará aos sessenta e cinco". Sem mais nem menos. "Sei que prefere que eu seja sincera". Tive vontade de lhe dizer que lá por ter uma argola no nariz não significa que não tenha sentimentos.

— A Mish Delaware diz que os violadores não estão realmente interessados no sexo. Do que gostam é de ter poder sobre uma mulher, de dominá-la, de assustá-la e de magoá-la. O tipo escolheu uma pessoa com ar de ser facilmente assustada.

— Quem é que não teria medo?

— Mas não foi você que ele escolheu. Provavelmente tinha-lo

arrumado.

— Gostaria de ter essa oportunidade.

— Seja como for, teria dado mais luta do que eu, não teria se sentido impotente e apavorada. Foi por isso que ele não te escolheu.

Jeannie compreendeu onde a amiga queria chegar.

— Lisa, isso pode ser verdade, mas não te torna culpada pela violação, está bem? Não é culpada. Teve um acidente: podia ter acontecido a qualquer pessoa.

— Tem razão — disse Lisa.

Afastaram-se dezesseis quilômetros da cidade e viraram para uma estrada secundária com uma tabuleta que indicava "Penitenciária de Greenwood". Era uma prisão antiquada, um aglomerado de edifícios de pedra cinzenta rodeados por muros elevados e arame farpado. Deixaram o carro à sombra de uma árvore no estacionamento dos visitantes. Jeannie voltou a vestir o casaco, mas deixou os collants no carro.

— Está pronta para isto? — perguntou Jeannie. O Dennis deve ser igualzinho ao tipo que te violou, a menos que a minha metodologia esteja errada.

Lisa assentiu com ar taciturno.

— Estou pronta.

O portão principal abriu-se para deixar sair uma caminhonete de entregas, e elas entraram sem que ninguém as incomodasse. A segurança não devia ser apertada, concluiu Jeannie, apesar do arame farpado. Já as esperavam. Um guarda verificou a sua identificação e acompanhou-as através de um átrio muito quente, onde alguns jovens negros de uniforme prisional jogavam basquete.

O edifício da administração tinha ar condicionado. Levaram-nas ao gabinete do diretor, John Temoigne. Vestia uma camisa de manga curta e gravata e no cinzeiro viam-se pontas de charuto. Jeannie apertou-lhe a mão.

— Sou a doutora Jean Ferrami, da Universidade Jones Falis.

— Muito prazer, JohnTemoigne era obviamente um daqueles homens que achavam difícil tratar uma mulher pelo sobrenome. Propositadamente, Jeannie não lhe disse o primeiro nome de Lisa e apresentou-a como sua

assistente.

— Esta é a Senhorita Hoxton.

— Olá, querida.

— Expliquei-lhe qual era o nosso trabalho quando lhe escrevi, senhor diretor, mas, se tiver mais perguntas, terei muito gosto em responder-lhe. Jeannie tinha de dizer aquilo, muito embora estivesse ansiosa por ver Dennis Pinker.

— Têm de observar se o Pinker é um homem violento e perigoso — disse Temoigne. Sabem os pormenores do crime?

— Creio que ele tentou violar uma mulher no cinema e que a matou quando ela lhe fez frente.

— Não está longe da verdade. Foi no velho Cinema Eldorado, em Greensburg. Estavam vendo um filme de terror. O Pinker foi à cave e cortou a corrente elétrica. Então, quando as pessoas entraram em pânico no escuro, ele começou a apalpar as garotas.

Jeannie olhou, admirada, para Lisa. Era tudo tão parecido com o que acontecera no domingo na Universidade Jones Falis! Uma diversão criara confusão e pânico e dera ao perpetrador a sua oportunidade. E nos dois cenários havia uma vaga sugestão de fantasia adolescente: apalpar garotas no cinema escuro e ver mulheres a correr nuas para fora do vestiário. Se Steve Logan fosse o gêmeo univitelino de Dennis, aparentava terem cometido vários crimes semelhantes.

Temoigne prosseguiu:

— Uma mulher pouco sensata tentou resistir-lhe e ele estrangulou-a.

Jeannie olhou-o com desprezo.

— Se ele o tivesse apalpado a si, senhor diretor, o senhor teria a pouca sensatez de lhe resistir?

— Eu não sou uma mulher — contrapôs Temoigne com o ar de quem acaba de jogar um trunfo.

— Cheia de tato, Lisa interveio.

— Era melhor começarmos, doutora Ferrami... Temos muito trabalho a fazer.

— Tem razão.

— Normalmente entrevista-se o prisioneiro através de um gradeamento. Vocês pediram especialmente para estar na mesma sala que ele e recebi ordens superiores para permiti-lo. Mesmo assim, peço que reconsiderem. Ele é um criminoso violento e perigoso.

Jeannie sentiu um tremor de ansiedade, mas, por fora, manteve-se muito calma.

— Haverá um guarda armado na sala enquanto estivermos com o Dennis?

— Claro que sim. Mas eu ficaria mais à vontade se entre vocês e o prisioneiro houvesse uma rede de aço. Esboçou um sorriso nojento. Não é preciso um homem ser psicopata para se sentir tentado por duas jovens tão bonitas. Jeannie levantou-se abruptamente.

— Agradeço a sua preocupação, senhor diretor, mas temos de fazer determinadas coisas, como recolher sangue, fotografar o indivíduo, e assim por diante, e tal não seria possível através das grades. Para além disso, algumas partes da nossa entrevista são pessoais e sentimos que estaríamos a comprometer os resultados se houvesse uma barreira artificial entre nós e o indivíduo.

Ele encolheu os ombros.

— Bem, acho que não vão ter problemas. Levantou-se. Acompanho-as até às celas.

Saíram do gabinete e atravessaram um pátio de terra batida em direção a um bloco de dois andares. No interior estava tanto calor como lá fora.

— A partir de agora, o Robinson irá cuidar de vocês — disse Temoigne. Se precisarem de alguma coisa, gritem.

— Obrigada pela sua colaboração, senhor diretor — agradeceu Jeannie.

Robinson era um negro alto com cerca de trinta anos, com um ar bastante tranquilizador. No coldre tinha uma pistola e do outro lado um cassetete de aspecto intimidante. Levou-as até uma pequena sala com uma mesa e meia dúzia de cadeiras empilhadas. Na mesa havia um cinzeiro e a um canto uma máquina de refrigeração de água. O chão era de plástico cinzento e as paredes encontravam-se pintadas num tom semelhante. Não havia janelas.

— O Pinker estará aqui dentro de minutos — disse Robinson, ajudando Jeannie e Lisa a preparar a mesa e as cadeiras. Elas sentaram-se.

Pouco depois a porta abriu-se.

16

Berrington Jones encontrou-se com Jim Proust e Preston Barck no Monocle, um restaurante junto ao edifício do Senado, em Washington. Era um local bastante bem frequentado e encontrava-se repleto de pessoas suas conhecidas: congressistas, consultores políticos, jornalistas, assessores. Berrington achava que não valia a pena tentarem ser discretos. Eram todos bastante conhecidos, em especial o senador Proust, com a sua careca e o enorme nariz. Se se tivessem encontrado num local obscuro, algum repórter tê-los-ia certamente avistado e perguntar-lhes-ia publicamente por que motivo tinham reuniões secretas. Seria melhor irem para um local onde fossem logo reconhecidos e se julgasse que estavam tendo uma conversa de rotina acerca dos seus legítimos interesses comuns.

O objetivo de Berrington era manter o negócio com a Landsmann. Sempre fora uma venda arriscada, e Jeannie Ferrami tornara-a bastante perigosa, mas a alternativa seria desistirem dos seus sonhos. Só haveria uma forma de mudar a América e voltar a pô-la na rota da integridade racial. Ainda não era demasiado tarde. A visão de uma América cumpridora da lei, religiosa e cheia de valores familiares poderia ser transformada em realidade. Mas todos eles tinham cerca de sessenta anos: não disporiam de outra oportunidade.

Jim Proust era a grande personalidade, muito espalhafatoso, mas, embora aborrecesse várias vezes Berrington, geralmente podia ser persuadido. Preston, de falinhas mansas e muito mais agradável, era também teimoso.

Berrington tinha más notícias para ambos e transmitiu-as assim que fizeram o pedido à empregada.

— A Jeannie Ferrami está hoje em Richmond, visitando o Dennis Pinker.

Jim sorriu com desdém.

— Por que raio não a impediu? Tinha a voz grave e áspera devido a vários anos passados dando ordens.

Como sempre, os modos arrogantes de Jim irritaram Berrington.

— O que eu podia fazer, amarrá-la?

— É o patrão dela, não é?

— Aquilo é uma universidade, Jim, não a merda do exército.

— É melhor falarmos baixo — interveio Preston, cheio de nervosismo. Tinha óculos estreitos de armações pretas; usava aquele gênero de óculos desde 1959, e Berrington reparara que agora tinham voltado a ser moda. Já sabíamos que isto poderia acontecer a qualquer altura. Sugiro que tomemos a iniciativa e confessemos tudo de imediato.

— Confessemos? — repetiu Jim com ar incrédulo. Será que fizemos algo de errado?

— Depende da forma como as pessoas encararem as coisas...

— Permite-me recordar-te que quando a CIA apresentou o relatório que iniciou tudo isto, o Desenvolvimento da ciência soviética, o próprio presidente Nixon disse que eram as notícias mais alarmantes provenientes de Moscou desde que os Soviéticos dividiram o átomo.

— O relatório podia não ser verdadeiro — disse Preston.

— Mas nós achamos que era. Mais importante ainda, o nosso presidente acreditou nele. Não se lembra de como as coisas eram assustadoras na altura?

Claro que Berrington se lembrava. Os Soviéticos tinham um programa para criar seres humanos, segundo dissera a CIA. Planejavam produzir cientistas perfeitos, jogadores de xadrez perfeitos, atletas perfeitos... e soldados perfeitos. Nixon ordenara ao Comando de Investigação Médica do Exército, como na altura se chamava, que criasse um programa paralelo e arranjasse maneira de criar soldados americanos perfeitos. Jim Proust fora encarregado de tornar isso realidade.

Fora logo pedir ajuda a Berrington. Alguns anos antes, este chocara todas as pessoas, especialmente a mulher, Vivvie, ao juntar-se ao exército precisamente na altura em que o sentimento antibélico fervilhava na maior parte dos americanos da sua idade. Fora trabalhar para Fort Detrick, em Frederick, Maryland, e estudava a fadiga nos soldados. No início dos anos 70 tornara-se um dos maiores peritos mundiais no estudo da hereditariedade das características combativas, como a agressividade e o vigor. Enquanto isso, Preston, que ficara em Harvard, conseguira excelentes avanços na fertilização humana. Berrington convencera-o a deixar a universidade e a fazer parte da

grande experiência com ele e Proust. Fora o momento de maior sucesso de Berrington.

— Também me lembro de como era excitante — disse ele. Estávamos na vanguarda da ciência, começávamos a dirigir a América para o rumo certo e o nosso presidente pedira-nos que fizéssemos este trabalho para ele.

Preston brincava com a salada.

— Os tempos mudaram. Já não serve de desculpa dizer: "Fi-lo porque o presidente dos Estados Unidos me pediu". Já foram algumas pessoas para a prisão por terem feito aquilo que o presidente lhes mandou.

— E o que tinha aquilo de errado? — perguntou Jim, irritado. Era segredo, claro. Mas o que há para confessar, por amor de Deus?

— Camuflamos as nossas atividades — interveio Preston. Jim corou sob o bronzeado.

— Transferimos o nosso projeto para o setor privado.

Aquilo era sofisticada, pensou Berrington, embora não antagonizasse Jim dizendo-o. Aqueles palhaços da comissão de reeleição do presidente haviam sido apanhados em flagrante no Hotel Watergate e toda a cidade de Washington tremera de medo. Preston criara a Genético como uma empresa privada limitada e Jim dera-lhe suficientes contratos militares importantes para torná-la financeiramente viável. Passado algum tempo, as clínicas de fertilidade tornaram-se tão rentáveis que os seus lucros pagavam o programa de investigação sem ser necessária a ajuda dos militares. Berrington regressara ao mundo acadêmico e Jim fora diretamente do exército para a CIA e depois para o Senado.

— Não quero dizer que estivéssemos errados — afirmou Preston, embora algumas das coisas que fizemos no passado tenham sido contra a lei.

Berrington não desejava que ambos tomassem posições opostas. Interveio calmamente.

— A ironia de tudo é que já provamos ser possível criar americanos perfeitos. Todo o projeto estava na pista errada. A criação natural era demasiado inexata. Mas fomos suficientemente inteligentes para ver as possibilidades da engenharia genética.

— Na altura ainda ninguém tinha ouvido essas malditas palavras —

grunhiu Jim enquanto cortava o bife.

Berrington assentiu.

— O Jim tem razão, Preston. Devíamos sentir-nos orgulhosos daquilo que fizemos, não envergonhados. Se pensar bem, verá que foi um milagre. Tivemos a tarefa de descobrir se certas características, como a inteligência e a agressão, são genéticas. Depois, identificar os genes responsáveis por essas características. E, finalmente, inoculá-los em embriões dentro de tubos de ensaio... e estamos prestes a ser bem sucedidos!

Preston encolheu os ombros.

— Toda a comunidade científica tem andado trabalhando no mesmo...

— Não exatamente. Nós estávamos mais concentrados e fizemos as nossas apostas com bastante cuidado.

— É verdade.

De modos diferentes, os dois amigos de Berrington tinham libertado a tensão. Eram tão previsíveis, pensou ele com um sorriso; talvez os velhos amigos o fossem sempre. Jim explodira e Preston lamuriara-se. Agora talvez já estivessem suficientemente calmos para analisar friamente a situação.

— Isso traz-nos de volta à Jeannie Ferrami — disse Berrington. Daqui a um ano ou dois ela poderá dizer-nos como fazer as pessoas agressivas sem as transformar em criminosos. As últimas peças do quebra-cabeças começam a arrumar-se. O negócio com a Landsmann oferece-nos a oportunidade de acelerar todo o programa e levar o Jim até à Casa Branca. Não é altura para recuar.

— Isso é tudo muito bonito — observou Preston, mas o que vamos fazer? Como sabem, a Landsmann tem a sua ética.

Berrington engoliu uma resposta torta.

— A primeira coisa que temos de entender é que não estamos de braços com uma crise, apenas com um problema. E o problema não é a Landsmann. Os contabilistas deles não hão-de descobrir a verdade nem que passem cem anos a olhar para os nossos livros. O nosso problema é a Jeannie Ferrami. Temos de impedi-la de saber mais, pelo menos até à próxima segunda-feira, quando fecharmos o negócio.

— Mas não pode dar-lhe ordens — disse Jim com sarcasmo, porque está

numa universidade... não na merda do exército.

Berrington assentiu. Conseguira finalmente levá-los a pensar como queria.

— É verdade — concordou, calmamente. Não posso dar-lhe ordens. Mas há maneiras mais sutis de manipular as pessoas do que aquelas utilizadas pelos militares, Jim. Se deixarem o problema comigo, eu resolvo tudo.

Preston não parecia satisfeito.

— Como?

Já há algum tempo que Berrington tentava arranjar uma resposta para isso. Não tinha um plano, mas tinha uma ideia.

— Acho que há um problema qualquer no fato de ela utilizar as bases de dados médicas. Levanta problemas éticos. Acho que conseguirei obrigá-la a parar.

— Deve ter tomado certas precauções.

— Não preciso de uma razão válida, apenas de um pretexto.

— Como é a garota? — perguntou Jim.

— Tem cerca de trinta anos. É alta e muito atlética. Tem cabelo escuro, uma argola no nariz e um velho Mercedes vermelho. Durante algum tempo tive muito boa opinião sobre ela. Ontem à noite descobri que na família corre sangue mau. O pai é um criminoso. Mas ela é inteligente, agressiva e teimosa.

— Casada, divorciada?

— Solteira, sem namorado.

— Um cão?

— Não. Mas é difícil manipulá-la. Jim assentiu, pensativo.

— Ainda temos muitos amigos leais nos serviços secretos. Não seria assim tão difícil fazer desaparecer uma garota dessas.

Preston pareceu assustado.

— Nada de violência, Jim, por favor.

O empregado levantou os pratos e ficaram em silêncio até ele se afastar. Berrington sabia que tinha de contar-lhes o recado da noite anterior deixado

pela sargento Delaware.

— Há outra coisa que precisam saber — disse ele, pesaroso. No domingo à tarde foi violada uma garota no ginásio. A Polícia prendeu o Steve Logan. A vítima identificou-o.

— E foi ele? — perguntou Jim.

— Não.

— Sabe quem foi? — Berrington olhou-o nos olhos.

— Sim, Jim, sei.

— Oh! Merda! — exclamou Preston.

— Talvez devêssemos desaparecer com os rapazes — interveio Jim.

Berrington sentiu um aperto na garganta, como se estivesse a sufocar, e apercebeu-se de que começava a corar. Inclinou-se sobre a mesa e apontou um dedo ao rosto de Jim.

— Não quero voltar a ouvir você dizer uma coisa dessas! — exclamou, brandindo o dedo tão perto dos olhos de Jim que este os piscou e se encolheu, embora fosse muito mais corpulento.

— Parem com isso, olhem as pessoas! — sibilou Preston. Berrington baixou o dedo, mas ainda não terminara. Se não estivessem num local público teria deitado as mãos ao pescoço de Jim. Em vez disso, agarrou-lhe na lapela.

— Demos vida àqueles rapazes. Trouxemo-los ao mundo. Bons ou maus, são da nossa responsabilidade.

— Está bem, está bem! — disse Jim.

— Então vê se entende. Se algum deles se machucar, rebento-te com a cabeça, Jim!

Aproximou-se um empregado.

— Os senhores vão querer sobremesa? Berrington largou a lapela de Jim.

Este alisou o casaco com gestos bruscos.

— Raios partam! murmurou Berrington. Raios partam!

— Traga-me a conta, por favor — pediu Preston ao empregado.

Steve Logan não pregara olho durante toda a noite.

Porky Butcher dormira como um bebê, e de vez em quando ressonara um pouco. Steve sentou-se no chão olhando para ele, observando a medo cada movimento, cada tremura, pensando no que poderia acontecer se o homem acordasse. Iria Porky lutar com ele? Tentaria violá-lo? Espancá-lo?

Tinha bons motivos para tremer. Na prisão, os homens estavam sempre sendo espancados. Muitos eram feridos, alguns mortos. Lá fora, a opinião pública não se importava muito, pois se os bandidos se mutilassem e matassem uns aos outros teriam mais dificuldade em roubar e matar os cidadãos cumpridores da lei.

Steve passou o tempo todo a dizer a si próprio que deveria tentar a todo o custo não parecer uma vítima. Sabia que era fácil as pessoas interpretarem-no mal. Tip Hendricks cometera esse erro. Steve tinha um ar simpático. Embora fosse grande, parecia não ser capaz de fazer mal a uma mosca.

Agora tinha de parecer apto a ripostar, embora sem ser provocador. Acima de tudo, tinha de impedir que Porky o julgasse um menino da universidade. Isso o tornaria o alvo perfeito para insultos, golpes casuais e, por fim, uma tarefa. Tinha de assemelhar-se a um criminoso calejado, se possível. Se tal falhasse, tentaria confundir Porky emitindo sinais estranhos.

E se nada disso resultasse?

Porky era mais alto e mais pesado do que Steve e podia ser um lutador de rua. Steve estava em melhor forma e provavelmente conseguiria mexer-se mais depressa, mas já havia sete anos que não batia em ninguém por se sentir furioso. Num espaço maior, Steve poderia arrumar Porky com certa rapidez e safar-se sem grandes ferimentos, mas ali na cela seria um combate sangrento e qualquer deles poderia ganhar. Se o detetive Allaston tivesse dito a verdade, Porky provaria nas últimas vinte e quatro horas que tinha o instinto de um assassino. "Será que eu tenho o instinto de um assassino? Quase matei o Tip Hendricks. Isso torna-me igual ao Porky?"

Quando pensou no que significaria vencer a luta com Porky, Steve estremeceu. Imaginou o grandalhão deitado no chão da cela, sangrando, e ele

em pé junto dele, como estivera junto de Tip Hendricks, e Spike, o carcereiro, dizendo: "Deus do Céu, acho que ele está morto". Preferia ser espancado.

Talvez devesse mostrar-se passivo. Talvez fosse mais seguro enroscar-se deitado no chão e deixar que Porky o espancasse até se faltar. Mas Steve não sabia se era capaz de fazer isso, por conseguinte, ficou sentado, com a garganta seca e o coração aos pulos, olhando para o psicopata adormecido, travando combates na sua imaginação, combates em que perdia sempre.

Calculou que era um truque muito utilizado pelos policiais. O carcereiro Spike pareceu não achar isso fora do comum. Se calhar, em vez de espancarem os suspeitos nas salas de interrogatórios para obrigá-los a confessar, deixavam que os outros suspeitos lhes fizessem o servicinho. Steve perguntou-se quantos teriam confessado crimes que não haviam cometido apenas para evitar passar a noite numa cela com um indivíduo como Porky.

Jurou que nunca iria esquecer-se daquilo. Quando fosse advogado, defendendo pessoas acusadas de crimes, nunca consideraria a confissão uma prova. Imaginou-se perante um júri.

"Fui outrora acusado de um crime que não cometi, mas estive quase a confessá-lo", diria. "Estive lá, sei como é".

Depois lembrou-se de que se fosse condenado por aquele crime seria expulso da Faculdade de Direito e nunca poderia defender ninguém.

Repetiu uma e outra vez que não iria ser condenado. Os testes ao DNA iriam ilibá-lo. Por volta da meia-noite, tiraram-no da cela, algemado, e levaram-no ao Hospital Mercy, que distava apenas alguns quarteirões da esquadra. Aí retiraram uma amostra de sangue, a partir da qual poderiam obter o seu DNA. Perguntou à enfermeira quanto tempo demoraria o teste e ficou abalado quando soube que os resultados estariam prontos apenas daí a três dias. Regressou à cela muito desanimado. Voltaram a juntá-lo a Porky, que, felizmente, continuava a dormir.

Calculou que conseguiria ficar acordado durante vinte e quatro horas. Isso era o máximo que poderiam mantê-lo detido sem autorização do tribunal. Fora preso às seis da tarde, portanto, teria de ficar ali até à mesma hora daquele dia. Então, se não antes, perguntar-lhe-iam se queria pagar uma caução. Seria a sua oportunidade de poder sair.

Esforçou-se por recordar a aula sobre cauções.

"A única questão que o tribunal poderá considerar é se o acusado aparecerá no julgamento", dissera o professor Rexam. Na altura, aquilo parecera tão monótono como um sermão; agora significava tudo. Os pormenores começaram a surgir na sua mente. Eram levados em conta dois fatores. Um era a possível sentença. Se a acusação fosse grave, era mais arriscado conceder a acertar o pagamento da caução: seria mais provável um indivíduo fugir de uma acusação de violação do que de uma de furto. O mesmo se passaria se ele tivesse cadastro e, conseqüentemente, enfrentava uma longa pena. Steve não tinha cadastro; embora uma vez houvesse sido condenado por ofensa à integridade física, ainda não tinha na altura dezoito anos e não poderiam utilizar isso contra ele. Iria a tribunal com uma folha limpa. No entanto, as acusações que enfrentava eram muito graves.

O segundo fator, recordou, eram os "laços comunitários" do prisioneiro: família, lar e trabalho. Um homem que tivesse vivido com a mulher e os filhos no mesmo endereço durante mais de cinco anos e trabalhasse ao virar da esquina teria direito a uma caução, ao passo que aquele que não tivesse família na cidade, ocupasse o seu apartamento havia seis meses e dissesse que a sua profissão era músico desempregado não sairia sob caução. Naquele aspecto, Steve sentia-se confiante. Vivia com os pais e estava no segundo ano da faculdade: tinha muito a perder se quisesse fugir.

Os tribunais não deveriam considerar se o acusado era um perigo para a comunidade. Isso seria subentender a sua culpabilidade.

No entanto, era o que faziam na prática. Não oficialmente, um homem envolvido numa discussão violenta teria menos probabilidades de poder pagar a caução do que um que ofendera a integridade física de alguém. Se Steve tivesse sido acusado de várias violações, em vez de um único acidente isolado, as suas hipóteses de poder pagar a caução seriam praticamente nulas.

No pé em que as coisas estavam podiam acontecer ambas as coisas, e, enquanto observava Porky, ensaiava discursos eloquentes para o juiz.

Continuava determinado a ser o seu próprio advogado. Não fizera o telefonema a que tinha direito. Queria desesperadamente ocultar aquilo dos pais até poder dizer que fora ilibado. Dizer-lhes que estava preso seria demasiado: ficariam muito chocados e abalados. Seria reconfortante partilhar com eles o sofrimento, mas de cada vez que se sentia tentado a fazê-lo recordava-se dos rostos deles quando tinham entrado na esquadra havia sete

anos depois da luta com Tip Hendricks. Sabia que contar-lhes o que acontecera os magoaria mais do que Porky Butcher poderia magoá-lo.

Durante a noite foram levados mais homens para as celas. Alguns estavam apáticos e submissos, outros protestavam ruidosamente a sua inocência e um lutou com os polícias e foi espancado.

As coisas acalmaram por volta das cinco da manhã. Cerca das oito, o substituto de Spike trouxe-lhes o café da manhã em recipientes de plástico de um restaurante chamado Mother Hubbard's. A chegada da comida animou os ocupantes das outras celas e o barulho acordou Porky.

Steve ficou onde estava, sentado no chão, a olhar vagamente para o vazio, mas observando Porky atentamente pelo canto do olho. A simpatia poderia ser vista como um sinal de fraqueza, calculou. A hostilidade passiva seria a atitude a tomar.

Porky sentou-se no catre, segurando a cabeça e olhando para Steve, mas não falou. Steve calculou que o homem estava a avaliá-lo.

Passado um ou dois minutos, perguntou:

— Que raio está fazendo aqui?

Steve exibiu uma expressão de ressentimento, depois o seu olhar deslizou até se cruzar com o de Porky. Fixaram-se durante algum tempo. Porky era bem parecido, com um rosto carnudo de feições agressivas. Olhou especulativamente para Steve com olhos raiados de sangue. Steve avaliou-o como um delinquente, um perdedor, mas perigoso. Desviou o olhar, fingindo indiferença. Não respondeu à pergunta. Quanto mais tempo Porky demorasse a avaliá-lo, mais seguro estaria.

Quando o carcereiro empurrou a comida através do espaço entre as grades, Steve ignorou-o.

Porky pegou num tabuleiro. Comeu todo o bacon, os ovos e as torradas, bebeu o café, depois utilizou o sanitário fazendo bastante barulho, sem qualquer acanhamento.

Quando terminou, puxou as calças para cima, sentou-se no catre, olhou para Steve e perguntou.

— Está dentro por quê?

Aquele era o momento de maior perigo. Porky estava a avaliá-lo, a tirar-

lhe as medidas. Agora Steve tinha de fingir ser tudo menos aquilo que era, um estudante vulnerável da classe média que não lutava desde menino.

Virou a cabeça e olhou para Porky, como se o visse pela primeira vez. Fitou-o durante bastante tempo antes de responder.

— Um cabrão começou a chatear-me, por isso arrumei-o de vez — retorquiu, comendo um pouco as palavras.

Porky não desviou o olhar. Steve não percebeu se ele acreditara ou não.

— Homicídio? — perguntou, passado algum tempo.

— Pode crer.

— Eu também.

Parecia que Porky tinha acreditado na história de Steve. Este acrescentou:

— Agora o cabrão nunca mais há-de chatear-me.

— Sim — anuiu Porky.

Houve um longo silêncio. Porky parecia que estava pensando. Acabou por perguntar:

— Por que é que nos puseram juntos?

— Não têm provas contra mim — respondeu Steve. Acharam que se eu te matasse aqui me lixavam.

O orgulho de Porky ficou ferido.

— E se eu te matasse? — Steve encolheu os ombros.

Então lixavam-te.

Porky assentiu devagar.

— Sim — disse. Faz sentido.

Parecia não ter mais assunto. Passado algum tempo, voltou a deitar-se.

Steve esperou. Estaria tudo acabado?

Minutos depois, Porky parecia ter voltado a adormecer.

Quando o ouviu rressonar, Steve encostou-se à parede, fraco de tanto alívio.

Depois disso, nada mais aconteceu durante várias horas.

Ninguém foi falar com Steve, ninguém lhe disse o que estava se passando. Não havia nenhum balcão de informações onde pudesse dirigir-se. Gostaria de saber quando teria oportunidade de pedir o pagamento da caução, mas ninguém lhe disse. Tentou falar com o novo carcereiro, mas o homem ignorou-o.

Porky ainda estava dormindo quando o carcereiro apareceu e abriu a porta da cela. Algemou Steve e prendeu-lhe os pés com correntes, depois acordou Porky e fez-lhe o mesmo. Foram presos a outros dois homens, levados para a extremidade do corredor e metidos num pequeno gabinete.

Lá dentro havia duas secretárias, cada uma com um computador e uma impressora laser. Em frente às secretárias encontrava-se uma fila de cadeiras. Uma das secretárias estava ocupada por uma negra bem vestida com cerca de trinta anos. Levantou os olhos para eles.

— Sentem-se, por favor — disse, continuando a trabalhar, escrevendo no teclado com dedos bem tratados.

Os homens avançaram ao longo das cadeiras e sentaram-se. Steve olhou em volta. Era um gabinete vulgar, com arquivos de aço, quadros de cortiça, um extintor e um cofre antiquado. Depois das celas, parecia lindo.

Porky fechou os olhos e pareceu voltar a adormecer. Um dos outros homens olhou com ar descrente para a sua perna direita, envolta em gesso, ao passo que o outro sorria para o vazio, obviamente sem fazer ideia do local onde se encontrava, parecendo completamente pedrado ou atrasado mental, ou ambas as coisas.

Por fim, a mulher afastou-se do computador.

— Diga-me o seu nome.

Como Steve era o primeiro da fila, respondeu:

— Steve Logan.

— Senhor Logan, sou a delegada Williams.

Claro: era uma delegada do tribunal. Recordou-se das aulas sobre direito criminal. Um delegado era um oficial do tribunal, mas bastante inferior a um juiz. Lidava com mandados de captura e outros assuntos menores. Tinha poderes para conceder uma caução, recordou-se ele; ficou mais animado.

Talvez estivesse quase saindo dali.

— Estou aqui para informá-lo daquilo de que é acusado — prosseguiu ela, da data do seu julgamento, hora e local, se poderá pagar caução ou se será libertado à sua responsabilidade e, se for libertado, sob que condições. Falava muito depressa, mas Steve apanhou a referência à caução, que veio confirmar as suas suspeitas. Tinha de convencer aquela mulher de que, se libertado, compareceria a tribunal.

— Encontra-se aqui acusado de violação, ofensa à integridade física, fraude sexual e coito anal. O seu rosto redondo continuava impassível ao enumerar os crimes horríveis de que ele era acusado. Continuou, dizendo-lhe que o julgamento teria lugar dali a três semanas, e ele recordou-se de que os julgamentos não deviam distar mais de trinta dias.

— Pela acusação de violação, sujeita-se a apanhar prisão perpétua. Pela de ofensa à integridade física, de dois a quinze anos. Ambos são delitos graves.

Steve sabia o que era um delito grave, mas saberia Porky Butcher?

O violador também incendiara o ginásio, recordou-se. Por que não fora acusado de ter provocado incêndio de relevo? Talvez porque a Polícia não tinha provas que o ligassem diretamente ao incêndio.

Ela entregou-lhe duas folhas de papel. Uma declarava que ele havia sido informado do seu direito a ser representado, a segunda explicava-lhe como entrar em contato com um defensor oficioso. Teve de assinar cópias de ambas.

Ela fez-lhe uma série de perguntas rápidas e escreveu as respostas no computador.

— Diga-me o seu nome completo. Onde mora? E o seu número de telefone. Há quanto tempo mora lá? Onde viveu antes disso?

Steve começou a ficar mais esperançado à medida que ia dizendo à delegada que vivia com os pais, que estava no segundo ano de Direito e que não tinha cadastro. Ela perguntou-lhe se bebia ou se se drogava e ele respondeu que não. Perguntou a si próprio se teria oportunidade de dizer qualquer coisa que facilitasse concederem-lhe a caução, mas ela falava depressa e parecia ter de seguir um roteiro.

— Não há causa provável para a acusação de coito anal — disse ela.

Afastou o olhar do monitor e pousou-o em Steve. Isso não quer dizer que não tenha cometido o delito, mas sim que não há aqui, na declaração de causa provável feita pelo detetive, informação suficiente para confirmar a acusação.

Steve interrogou-se sobre o motivo que teria levado os detetives a acrescentar aquela acusação. Talvez esperassem que ele a negasse, indignado, e se denunciasse, dizendo: "Isso é nojento. Fodi-a, mas não a enrabei. O que é que pensam que sou?"

A delegada prosseguiu:

— Mas vai ter de ir a tribunal por causa da acusação.

Steve estava confuso. De que valia ela descobrir se ele tinha de ir a tribunal? E se ele, um estudante de Direito, achava aquilo difícil de engolir, o que pensaria uma pessoa vulgar?

— Tem alguma pergunta? — inquiriu a delegada. Steve inspirou com força.

— Desejava poder pagar uma caução começou. Estou inocente...

Ela interrompeu-o.

— Senhor Logan, o senhor encontra-se aqui acusado de delitos graves, o que significa que eu, como delegada, não posso conceder-lhe uma fiança. Só um juiz o poderá fazer.

Foi como se levasse um murro na cara. Steve ficou tão desiludido que se sentiu mal. Olhou-a com ar descrente.

— Então para que serve toda esta farsa? — perguntou, irritado.

— Neste momento encontra-se retido sem direito a caução. Ele levantou a voz.

— Então por que me fez todas estas perguntas e aumentou as minhas esperanças? Julguei que podia ir-me embora daqui!

Ela não se demoveu.

— As informações que me deu acerca do seu endereço e o resto serão confirmadas por um agente de investigação criminal, que transmitirá ao tribunal as suas conclusões — retorquiu, calmamente. Amanhã será revista a sua caução, e o juiz decidirá se lha concede ou não.

— Meteram-me numa cela com ele! — exclamou Steve, apontando para

Porky, que dormia.

— As celas não são da minha responsabilidade.

— O tipo é um assassino! Só ainda não me matou porque não consegue estar acordado! Faço-lhe formalmente queixa, como oficial do tribunal, de que estou a ser psiquicamente torturado e que a minha vida se encontra em perigo.

— Quando as celas estão cheias, é preciso partilhar...

— As celas não estão cheias, espreite aqui à porta e verá. A maior parte está vazia. Meteram-me com ele para que me espancasse. E se isso acontecer, acusá-la-ei pessoalmente, delegada Williams, por ter permitido a situação.

Ela abrandou um pouco.

— Verei o que posso fazer. Agora, vou dar-lhe alguns papéis. Entregou-lhe o resumo das acusações, a declaração de causa provável e várias outras folhas. Por favor, assine cada uma delas e fique com uma cópia.

Frustrado e abatido, Steve pegou na esferográfica que ela lhe estendia e assinou os papéis. Enquanto o fazia, o carcereiro abanou Porky e acordou-o. Steve entregou os papéis à delegada. Ela colocou-os numa pasta.

Depois virou-se para Porky.

— Diga-me o seu nome.

Steve escondeu o rosto entre as mãos.

Jeannie olhou para a porta da sala quando esta se abriu lentamente.

O homem que entrou era o sócia de Steve Logan.

Ao seu lado, Lisa susteve a respiração.

18

Dennis Pinker era tão igual a Steve que Jeannie não conseguiria distingui-los.

O sistema funcionava, pensou ela com ar triunfante. Estava vingada. Embora os pais negassem com veemência que qualquer daqueles rapazes tinha um irmão gêmeo, eles eram tão iguais como as duas mãos dela.

O cabelo louro encaracolado tinha o mesmo corte: curto, com risco. Dennis enrolava as mangas da camisa do uniforme da mesma maneira que Steve enrolava as da sua camisa azul de linho. Dennis fechou a porta atrás de si com o calcanhar, tal como Steve fizera quando entrara no gabinete de Jeannie no "Manicômio". Quando se sentou, dirigiu-lhe um sorriso cativante e arrapazado, tal como Steve. Ela mal podia acreditar que aquele rapaz não era Steve.

Olhou para Lisa. Esta fitava-o com os olhos muito abertos, o rosto pálido de medo.

— É ele — sussurrou. Dennis olhou para Jeannie.

— Vai-me dar a sua calcinha — pronunciou ele.

Jeannie ficou gelada ao aperceber-se da confiança calma que emanava do rapaz, mas sentiu-se também intelectualmente excitada. Steve nunca diria uma coisa daquelas. Ali estava, o mesmo material genético transformado em dois indivíduos completamente diferentes: um deles, um estudante encantador, o outro, um psicopata. Mas seria a diferença meramente superficial?

— Agora se porte bem e seja simpático, Pinker, senão, se mete em confusões — disse suavemente Robinson, o guarda.

Dennis voltou a esboçar o sorriso arrapazado, mas as suas palavras foram assustadoras.

— O Robinson nem sequer se vai aperceber, mas você o fará — disse ele a Jeannie. Vai sair daqui com o vento a soprar no teu rabo nu.

Jeannie tentou acalmar-se. Aquilo não passava de bazófia. Ela era inteligente e forte; Dennis não acharia fácil atacá-la, mesmo que estivesse

sozinha. Com um guarda prisional alto e armado ali mesmo ao lado, sentia-se completamente segura.

— Está bem? — perguntou ela a Lisa.

Esta estava pálida, mas a sua boca formava uma linha determinada.

— Sim — respondeu, taciturna.

Tal como os pais, Dennis preencheria já vários formulários. Naquele momento, Lisa começou com os questionários mais complexos, que não podiam apenas ser preenchidos com cruzes. Enquanto trabalhavam, Jeannie viu os resultados e comparou Dennis a Steve. As semelhanças eram espantosas: perfil psicológico, interesses e passatempos, gostos, capacidades físicas: tudo igual. Dennis tinha também o mesmo QI elevado de Steve.

"Que desperdício", pensou ela. "Este jovem podia ser um cientista, um cirurgião, um engenheiro, um criador de software. Em vez disso, está para aqui vegetando".

A grande diferença entre Dennis e Steve era a socialização. Steve era um homem maduro com capacidades sociais acima da média: sentia-se à vontade ao conhecer pessoas novas, estava preparado para aceitar a autoridade legítima, estava à vontade com os amigos e gostava de fazer parte de uma equipe. Dennis tinha as capacidades interpessoais de uma criança de três anos: pegava em tudo o que queria, tinha dificuldade em partilhar, sentia medo de pessoas estranhas e, se não conseguisse levar a sua vontade avante, descontrolava-se e tornava-se violento.

Jeannie lembrava-se de ter três anos. Era das primeiras recordações que tinha. Viu-se inclinada sobre o berço onde dormia a sua irmãzinha. Patty estava com um macacãozinho cor-de-rosa com flores azul-claras bordadas na gola. Jeannie ainda conseguia sentir o ódio que a invadira ao olhar para o pequeno rosto. Patty roubara-lhe a mãe e o pai. Jeannie desejava com todas as suas forças matar aquela intrusa, que tomara para si tanto do amor e da atenção que antes só a ela eram dedicados. A tia Rosa perguntara: "Gosta muito da tua irmãzinha, não gosta?", e Jeannie respondera: "Odeio-a, quero que ela morra." A tia Rosa dera-lhe uma bofetada e Jeannie sentira-se duplamente maltratada.

Jeannie crescera, tal como Steve, mas não Dennis. Por que seria Steve diferente de Dennis? Teria ele sido salvo pela forma como fora educado? Ou

pareceria apenas diferente? Seriam as suas capacidades sociais apenas uma máscara para o psicopata que se encontrava por baixo?

Enquanto via e escutava, Jeannie percebeu que havia outra diferença. Tinha medo de Dennis. Não era capaz de apontar a causa exata, mas à volta dele o ar parecia cheio de ameaças. Pressentia que ele faria aquilo que lhe viesse à cabeça, independentemente das consequências. Steve nunca a fizera sentir isso.

Jeannie fotografou Dennis, e em especial as suas orelhas. Nos gêmeos univitelinos, as orelhas eram normalmente muito semelhantes, sobretudo a ligação aos lobos.

Quando estavam quase no fim, Lisa recolheu uma amostra de sangue de Dennis, uma coisa a que já estava habituada. Jeannie estava ansiosa por comparar o DNA. Tinha certeza de que Steve e Dennis tinham os mesmos genes. Isso provaria que eram gêmeos univitelinos.

Lisa selou o frasco e assinou a etiqueta, depois foi pô-lo na geladeira que se encontrava no porta-bagagens do carro, deixando Jeannie a terminar sozinha a entrevista.

Quando acabou o último grupo de perguntas, desejou poder juntar Steve e Dennis no laboratório durante uma semana. Mas isso não seria possível para muitos pares de gêmeos univitelinos. Quando estudava criminosos, deparava muitas vezes com a dificuldade de os seus objetos de estudo se encontrarem presos. Os testes mais sofisticados, que envolviam maquinaria de laboratório, não poderiam ser feitos em Dennis enquanto ele não saísse da prisão, se é que sairia. Teria de conformar-se e trabalhar os outros dados.

Terminou o último questionário.

— Obrigada pela sua paciência, Senhor Pinker — disse ela.

— Ainda não me deu a sua calcinha — retorquiu ele friamente.

— Vá lá, Pinker, portou-se bem toda a tarde, não estrague agora as coisas — interveio Robinson.

Dennis lançou ao guarda um olhar de desprezo.

— Sabia que o Robinson tem medo de ratazanas, psicóloga? De súbito, Jeannie sentiu-se ansiosa. Estava passando-se qualquer coisa que ela não entendia. Começou a arrumar os papéis cheia de pressa.

Robinson parecia atrapalhado.

— Detesto ratazanas, é verdade, mas não tenho medo delas.

— Nem sequer daquela cinzenta grandalhona no canto? perguntou Dennis, apontando.

Robinson girou sobre si mesmo. Não havia ratazana nenhuma no canto, mas quando Robinson ficou de costas para Dennis, este levou a mão ao bolso e tirou de lá um embrulho. Mexeu-se tão depressa que Jeannie não adivinhou o que ele iria fazer até ser tarde de mais. Abriu um lenço azul e branco, revelando uma gorda ratazana cinzenta com uma comprida cauda cor-de-rosa. Jeannie estremeceu. Não era medroso, mas havia algo de profundamente assustador na visão da ratazana amorosamente contida naquelas mãos que tinham estrangulado uma mulher.

Antes que Robinson pudesse voltar-se, Dennis soltou a ratazana.

Esta atravessou a sala.

— Além, Robinson, além! — exclamou Dennis. Robinson virou-se, viu a ratazana e empalideceu.

— Merda — resmungou, puxando do cassetete.

A ratazana correu pelo chão, procurando um lugar para se esconder. Robinson foi atrás dela, brandindo o cassetete. Deixou uma série de marcas pretas na parede, mas não acertou no bicho.

Jeannie observou Robinson, enquanto na sua cabeça começava a soar um alarme. Ali havia qualquer coisa errada, qualquer coisa que não fazia sentido. Tratava-se de uma brincadeira. Dennis não era um comediante, era um tarado sexual e um assassino. O que ele fizera não era normal. A menos, pensou ela com medo, que aquilo fosse uma manobra de diversão e Dennis tivesse outro objetivo...

Sentiu algo a tocar-lhe o cabelo. Virou-se na cadeira e o seu coração parou.

Dennis mexera-se e estava de pé junto dela. Segurava junto à sua cara uma faca artesanal: era uma colher de latão com a concha achatada e afiada na ponta.

Jeannie quis gritar, mas sentiu-se sufocar. Ainda há um segundo julgara-se em segurança: agora estava a ser ameaçada por um assassino com uma

faca. Como poderia aquilo ter acontecido tão depressa? O sangue parecia ter-se esvaído da sua cabeça e ela mal conseguia pensar.

Dennis agarrou-lhe o cabelo com a mão esquerda e aproximou tanto o gume da faca do olho de Jeannie que ela não conseguiu focá-lo. Ele inclinou-se e falou-lhe ao ouvido. O seu hálito era quente junto ao rosto dela e o rapaz cheirava a suor. Falou tão baixo que ela mal conseguiu ouvi-lo por causa do barulho que Robinson estava fazendo.

— Faz o que te digo, senão corto-te as órbitas! Ela ficou aterrorizada.

— Oh! meu Deus, não, não me cegue! — implorou.

Ouvir a sua voz falar num tom tão estranho de rendição fê-la recompor-se um pouco. Tentou desesperadamente acalmar-se e pensar. Robinson continuava a perseguir a ratazana: não imaginava o que Dennis estava fazendo. Jeannie mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Encontravam-se no centro de uma prisão estadual e ela tinha consigo um guarda armado; no entanto, estava à mercê de Dennis. Como fora presunçosa ao pensar, ainda há algumas horas, que o faria passar um mau bocado se ele a atacasse! Começou a tremer de medo.

Dennis puxava-lhe o cabelo com toda a força, e ela levantou-se de um salto.

— Por favor! — disse. Ao falar, odiou-se por implorar de forma tão humilhante, mas estava demasiado apavorada para parar. Faço qualquer coisa!

Sentiu os lábios dele na orelha.

— Tira a calcinha — murmurou ele.

Jeannie imobilizou-se. Estava disposta a fazer o que ele quisesse, por muito vergonhoso que fosse, para conseguir escapar, mas tirar a calcinha podia ser tão perigoso como desafiá-lo. Não sabia o que fazer. Tentou vislumbrar Robinson. Ele estava fora do seu campo de visão, atrás dela, e Jeannie não ousou virar a cabeça por causa da faca junto ao seu olho. No entanto, conseguia ouvi-lo a amaldiçoar a ratazana e a tentar acertar-lhe com o cassetete. Era evidente que ainda não vira o que Dennis estava fazendo.

— Não tenho muito tempo — murmurou Dennis numa voz que parecia uma brisa gelada. Se não conseguir o que quero, nunca mais há-de voltar a ver o sol.

Ela acreditou. Terminara três horas de testes psicotécnicos e conhecia-o. Não tinha consciência: era incapaz de sentir culpa ou remorso. Se não satisfizesse o seu desejo, ele mutilá-la-ia sem a mínima hesitação.

"Mas o que faria depois de ela ter tirado a calcinha?", pensou, desesperada. Ficaria satisfeito e afastaria a faca de seu rosto? Ou queria mais qualquer coisa?

Por que não conseguia Robinson matar a maldita ratazana?

— Depressa! — sibilou Dennis.

O que podia ser pior que a cegueira?

— Está bem — gemeu ela.

Inclinou-se, com Dennis a puxar-lhe o cabelo e a apontar-lhe a faca. Desajeitada, levantou a parte de baixo do vestido e baixou a calcinha de algodão branca. Dennis grunhiu como um urso quando a calcinha chegou aos tornozelos de Jeannie. Ela sentiu-se envergonhada, embora a razão lhe dissesse que a culpa não era sua. Rapidamente, baixou o vestido, para tapar a nudez. Depois desenvencilhou-se da calcinha e atirou-a com um pontapé para o chão cinzento de plástico.

Sentia-se muito vulnerável.

Dennis soltou-a, agarrou a calcinha e encostou-as à cara, inspirando, os olhos fechados em êxtase.

Jeannie observou-o, horrorizada com aquela intimidade forçada. Embora ele não estivesse a tocar-lhe, estremeceu de nojo.

O que faria ele a seguir?

O cassetete de Robinson esmagou algo com um som horrendo. Jeannie virou-se e viu que finalmente o homem acertara na ratazana. O cassetete esmagara a metade traseira do seu corpo gordo e havia um rasto vermelho no chão. O animal já não podia correr, mas continuava vivo, de olhos abertos e a respirar. Robinson tornou a atingi-lo, esmagando-lhe a cabeça. Deixou de se mexer e uma substância verde viscosa escapou-se do crânio.

Jeannie tornou a olhar para Dennis. Para sua surpresa, estava sentado à mesa, tal como estivera toda a tarde, parecendo não se ter mexido. Tinha um ar inocente. A faca e a calcinha dela haviam desaparecido.

Estaria Jeannie fora de perigo? Teria tudo terminado?

Robinson ofegava de cansaço. Dirigiu a Dennis um olhar suspeito e perguntou:

— Não trouxe para cá aquele verme, pois não, Pinker?

— Não, senhor — respondeu Dennis, presunçoso. Jeannie pensou: "Trouxe, sim!", mas não ousou dizê-lo.

— Porque se eu julgasse que fizeste uma coisa destas, eu... prosseguiu o guarda, olhando de lado para Jeannie e achando melhor calar-se. Creio que sabe que faria com que te arrependesses.

— Sim, senhor.

Jeannie percebeu que estava a salvo. Mas o alívio foi imediatamente seguido de raiva. Olhou para Dennis, furiosa. Iria ele fingir que nada acontecera?

— Bom, pode ir buscar um balde com água e limpar imediatamente esta porcaria.

— É para já, senhor.

— Isto é, se a doutora Ferrami já não quiser mais nada de ti. Jeannie tentou dizer: "Enquanto andava atrás da ratazana, o Dennis roubou-me a calcinha", mas as palavras não saíam. Pareciam idiotas. E podia imaginar as consequências. Ficaria ali retida durante mais uma hora enquanto a sua alegação fosse investigada. Dennis seria revistado e iriam encontrar a sua calcinha. Teriam de ser mostradas ao diretor Temoigne. Imaginou-o a observar a prova, mexendo na calcinha e virando-a do avesso, com uma expressão estranha...

Não. Não diria nada.

Sentiu-se culpada. Sempre desdenhara das mulheres que eram atacadas e nada diziam, permitindo que o criminoso ficasse impune. Agora estava fazendo o mesmo.

Apercebeu-se de que Dennis contava com isso. Previra o que ela iria sentir e calculara que iria poder safar-se. Isso indignou-a tanto que, por momentos, considerou a possibilidade de aguentar o vexame só para o prejudicar. Depois imaginou Temoigne e Robinson e todos os outros homens da prisão olhando para ela e pensando: "Ela não está de calcinha", e percebeu que seria demasiado humilhante.

Como Dennis era inteligente: tão inteligente como o homem que incendiara o ginásio e violara Lisa, tão esperto como Steve...

— Parece um pouco abalada — disse-lhe Robinson. Calculo que goste tanto de ratazanas como eu.

Ela dominou-se. Acabara tudo. Sobrevivera sem perder a vista. "O que acontecera assim de tão mau?", perguntou a si própria. "Eu podia ter sido mutilada ou violada. Em vez disso, só fiquei sem a roupa íntima. Tenho de estar grata".

— Estou bem, obrigada — retorquiu.

— Nesse caso, acompanho-a até lá fora. Saíram os três da sala.

À porta, Robinson virou-se.

— Vai buscar um esfregão, Pinker.

Dennis dirigiu a Jeannie um sorriso longo e íntimo, como se fossem dois amantes que tivessem passado a tarde juntos na cama. Depois desapareceu no interior da prisão. Jeannie viu-o afastar-se com grande alívio, mas enojada, pois ele tinha a sua roupa íntima no bolso. Iria dormir com a calcinha encostadas no rosto, tal como uma criança com o seu urso de pelúcia? Ou enrolá-las-ia à volta do pênis enquanto se masturbava, fingindo que estava a fodê-la? O que quer que fosse, ela sentiu-se uma participante forçada, a sua privacidade violada e a sua liberdade comprometida.

Robinson acompanhou-a até ao portão principal e apertou-lhe a mão. Ela atravessou o estacionamento quente até chegar ao Ford, pensando: "Estou desejosa de sair daqui". Tinha uma amostra do DNA de Dennis, o que era o mais importante.

Lisa estava ao volante e tinha o ar condicionado ligado para refrescar o carro. Jeannie atirou-se para o banco do passageiro.

— Parece arrasada — observou Lisa, arrancando.

— Pare no primeiro centro comercial — pediu Jeannie.

— Claro. Do que é que precisa?

— Já te digo — respondeu Jeannie. Mas não vai acreditar.

Depois do almoço Berrington foi até um bar calmo do seu bairro e pediu um Martini.

A casual sugestão de assassinio feita por Jim Proust abalara-o. Berrington fizera figura de parvo ao agarrar na lapela de Jim e ao gritar. Mas não estava arrependido. Pelo menos podia ter certeza de que Jim sabia qual era a sua opinião.

Não era a primeira vez que discutiam por causa daquilo. Recordou-se da primeira crise, no início dos anos 70, quando eclodira o escândalo de Watergate. Foi um momento terrível: o conservadorismo estava desacreditado, os políticos não passavam de uns corruptos e qualquer atividade clandestina, apesar de bem intencionada, era subitamente considerada uma conspiração inconstitucional. Preston Barck ficara apavorado e quisera abandonar tudo. Jim Proust chamara-lhe covarde, argumentando, furioso, que não havia perigo e sugerindo que o projeto passasse a ser conjuntamente do exército e da CIA, com segurança reforçada. Sem dúvida estaria pronto a matar qualquer jornalista que tentasse descobrir o que andavam fazendo. Fora Berrington quem sugerira a criação de uma empresa privada, de forma que se distanciassem do Governo. Agora, cabia-lhe de novo descobrir uma maneira de livrá-los de apuros.

O local era escuro e fresco. Sobre o balcão, uma televisão exibia uma comédia, mas sem som. A bebida fresca acalmou Berrington. A sua irritação em relação a Jim evaporou-se gradualmente e ele concentrou-se em Jeannie Ferrami.

O medo levara-o a fazer uma promessa precipitada. Dissera a Jim e a Preston que trataria de Jeannie. Agora tinha de cumprir. Precisava de impedi-la de fazer perguntas sobre Steve Logan e Dennis Pinker.

Era enlouquecedoramente difícil. Embora tivesse sido ele a contratá-la, não podia dar-lhe ordens: como dissera a Jim, a universidade não era o exército. Ela trabalhava para a Universidade Jones Falis, e a Genético já pagara antecipadamente o subsídio para aquele ano. A longo prazo, é claro que poderia mandá-la embora; mas isso não bastava. Ela tinha de ser imediatamente detida, naquele dia ou no outro, antes que descobrisse algo

que pudesse destruí-los.

"Acalma-te", pensou, "acalma-te".

O ponto fraco dela era a utilização de bases de dados médicas sem a autorização dos doentes. Era o tipo de coisa que os jornais poderiam transformar num escândalo, apesar de a privacidade dos visados não ter sido genuinamente invadida. E as universidades tinham muito medo de um escândalo: isso dificultava-lhes a tarefa de arranjar subsídios.

Era uma tragédia destruir um projeto científico tão promissor. Ia contra tudo aquilo em que Berrington acreditava. Encorajara Jeannie, e agora tinha de demovê-la. Ficaria arrasada, e com razão. Disse a si próprio que ela tinha genes maus e que, mais tarde ou mais cedo, se meteria em apuros, mas, ainda assim, desejou não ser a causa da sua queda.

Tentou não pensar no corpo dela. As mulheres sempre tinham sido o seu ponto fraco. Nenhum outro vício o tentava: bebia com moderação, nunca jogava a dinheiro e não percebia por que motivo as pessoas se drogavam. Amara a sua mulher, Vivvie, mas nem nessa altura conseguira resistir à tentação de ter outras mulheres. Vivvie acabara por deixá-lo por causa das suas escapadelas. Agora, quando pensava em Jeannie, imaginava-a a passar os dedos pelo seu cabelo e a dizer: "Foi tão bom para mim, te devo tanto, como poderei agradecer-te?"

Aqueles pensamentos envergonhavam-no. Ele devia ser o seu patrono e mentor, não um sedutor.

Com o desejo, sentiu também ressentimento. Ela era apenas uma menina, por amor de Deus; como poderia constituir uma ameaça tão grande? Como poderia uma menina com um brinco no nariz pô-lo em perigo, e a Preston e Jim, quando estavam prestes a conseguir a ambição de toda uma vida? Era impensável que alguém os detivesse agora: a ideia deixava-o tonto de pânico. Quando não se imaginava fazendo amor com Jeannie, fantasiava estar estrangulando-a.

Mesmo assim, sentia-se relutante em iniciar uma campanha contra ela. Era difícil controlar a imprensa. Havia a possibilidade de os jornalistas começarem a investigar Jeannie e acabarem a investigá-lo a ele. Era uma estratégia perigosa. Mas não conseguia pensar noutra, para além da sugestão feita por Jim.

Despejou o copo. O barman ofereceu-lhe outro Martini, mas ele recusou. Olhou em volta e viu um telefone público junto ao banheiro dos homens. Enfiou no aparelho o seu cartão American Express e ligou para o gabinete de Jim. Atendeu um dos seus jovens acólitos.

— Gabinete do senador Proust.

— Fala Berrington Jones...

— Neste momento o senador está numa reunião.

"O homem devia ensinar os seus assistentes a serem um pouco mais simpáticos", pensou Berrington.

— Então vamos ver se evitamos interrompê-lo — disse. Ele tem algum encontro com a imprensa marcado para esta tarde?

— Não sei bem. Posso perguntar por que deseja saber, senhor?

— Não, meu jovem, não pode — respondeu Berrington, exasperado. Aqueles assistentes que se davam ares importantes eram a maldição de Capitol Hill. Pode responder à minha pergunta, pode passar a chamada ao Jim Proust ou pode perder o seu emprego. Qual das três escolhe?

— Aguarde só um minuto.

Houve uma longa pausa. Berrington pensou que desejar que Jim ensinasse os seus assistentes a serem mais simpáticos era como esperar que um chimpanzé ensinasse os filhotes a sentarem-se à mesa. O estilo do chefe transmitia-se aos subalternos: uma pessoa mal humorada tinha sempre empregados malcriados.

Uma voz nova veio ao telefone.

— Professor Jones, daqui a quinze minutos o senador vai assistir a uma conferência de imprensa para lançar o novo livro do congressista Dinkey, intitulado Nova Esperança para a América.

Aquilo vinha mesmo a calhar.

— Onde?

— No Hotel Watergate.

— Diga ao Jim que eu vou para lá e certifique-se de que o meu nome aparece na lista de convidados, por favor. Berrington desligou sem esperar pela resposta.

Saiu do bar e apanhou um táxi para o hotel. O assunto tinha de ser tratado com delicadeza. Manipular a imprensa era perigoso: um bom repórter podia ignorar a história mais óbvia e começar a perguntar por que motivo ela fora contada. Mas, de cada vez que pensava nos riscos, lembrava-se das recompensas e dominava os nervos.

Descobriu a sala onde iria ter lugar a conferência de imprensa. O seu nome não estava na lista; os assistentes presunçosos nunca eram eficientes, mas o editor reconheceu-o e viu nele uma atração adicional para as câmaras. Ficou satisfeito por ter vestido a camisa Turnbull e Asser às riscas, que ficava sempre tão distinta nas fotografias.

Pegou num copo de Perrier e olhou em volta. Havia um pequeno átrio em frente a uma ampliação da capa do livro e uma pilha de comunicados numa mesa. As equipes de televisão começavam a montar a iluminação. Berrington viu um ou dois jornalistas conhecidos, mas nenhum em quem realmente confiasse.

No entanto, estavam sempre chegando mais. Deu uma volta pela sala, mantendo o olhar fixo na porta. A maior parte dos jornalistas conhecia-o: ele era uma pequena celebridade. Não lera o livro, mas Dinkey defendia teorias tradicionalistas de direita, algo semelhantes às que Berrington partilhava com Jim e Preston, mas mais suaves, por isso, pôde dizer aos jornalistas que estava de acordo com a mensagem do livro.

Alguns minutos depois das três, Jim chegou com Dinkey. Logo atrás vinha Hank Stone, um dos jornalistas mais antigos do New York Times. Careca, de nariz vermelho, barriga proeminente, colarinho aberto, gravata larga, sapatos puídos, devia ser o jornalista com pior aspecto do corpo de imprensa da Casa Branca.

Berrington perguntou a si próprio se Hank serviria.

Hank não tinha convicções políticas conhecidas. Berrington conhecera-o quando o homem fizera uma reportagem sobre a Genética, havia quinze ou vinte anos. Desde que fora trabalhar para Washington, escrevera uma ou duas vezes a respeito das ideias de Berrington e várias vezes sobre Jim Proust. Tratava-os de forma sensacionalista, e não intelectual, como a maior parte dos outros jornais, mas nunca moralizara, como faziam os jornalistas liberais.

Hank encarava as coisas pelo seu devido valor: se pensava que a história era boa, escrevê-la-ia. Mas poderia confiar nele para que não vasculhasse

mais? Berrington não sabia.

Cumprimentou Jim e apertou a mão a Dinkey. Falaram durante alguns minutos, enquanto Berrington procurava um jornalista mais adequado. Mas nenhum se aproximou, e a conferência de imprensa teve início.

Berrington sentou-se durante os discursos, restando a impaciência. Não havia tempo suficiente. Se dispusesse de mais alguns dias, poderia encontrar alguém melhor do que Hank, mas não dispunha de dias, apenas de algumas horas. E um encontro aparentemente fortuito como aquele levantaria muito menos suspeitas do que marcar uma reunião e convidar o jornalista para almoçar.

Quando os discursos terminaram, continuava a não haver ninguém melhor do que Hank.

Depois de os jornalistas dispersarem, Berrington aproximou-se dele.

— Hank, ainda bem que o encontrei. Talvez tenha uma história para você.

— Ótimo!

— É acerca da má utilização de informação médica contida em bases de dados.

Ele fez uma careta.

— Não é bem o meu gênero, mas continue, Berry. Berrington gemeu interiormente: Hank não parecia muito receptivo. Mas continuou, fazendo valer o seu charme.

— Creio que é o seu gênero, porque verá um bom potencial onde um jornalista vulgar não veria nada.

— Bom, diga lá.

— Primeiro, não estamos tendo esta conversa.

— Isso já promete mais...

— Segundo, pode interrogar-se sobre o motivo por que eu lhe dei a história, mas nunca me fará a pergunta.

— Está cada vez melhor — disse Hank, mas sem fazer qualquer promessa.

Berrington decidiu não insistir mais.

— Na Universidade Jones Falis, no departamento de psicologia, há uma jovem cientista chamada Jean Ferrami. Para procurar objetos de estudo, pesquisa várias bases de dados médicas sem a autorização das pessoas cujos dados se encontram nos arquivos.

Hank apertou o nariz vermelho.

— Isso é uma história sobre computadores ou sobre ética científica?

— Não sei, você é que é o jornalista. Ele não parecia muito entusiasmado.

— Isso não é um grande furo.

"Não comece a fazer-se difícil, estupor". Berrington tocou no braço de Hank num gesto amigável.

— Faça-me um favor e comece a investigar — disse, em tom persuasivo. Ligue ao presidente da universidade. Chama-se Maurice Obell. Ligue à doutora Ferrami. Diga-lhes que é uma boa história e veja o que lhe respondem. Creio que surgirão algumas reações interessantes.

— Não sei...

Prometo-lhe, Hank, que vai valer a pena. "Diz que sim, filho da mãe, diz que sim!"

Hank hesitou.

— Okay, vou dar uma vista de olhos — disse, depois. Berrington tentou ocultar a sua satisfação atrás de uma expressão grave, mas não pôde evitar um sorriso de triunfo.

Hank viu-o e ficou desconfiado.

— Não está tentando me usar, pois não, Berry? Talvez para assustar alguém, não?

Berrington passou um braço sobre os ombros do jornalista.

— Hank — disse, confie em mim.

20

Jeannie comprou um pacote com três calcinhas brancas de algodão num Walgreen, num centro comercial logo à saída de Richmond. Vestiu uma no banheiro de um Burger King ali perto. Depois ficou melhor.

Era estranho como se sentira indefesa sem roupa íntima. Quase não conseguira pensar noutra coisa. Contudo, quando estava apaixonada por Will Temple, gostava de andar sem calcinha durante o dia. Fazia-a sentir-se mais sexy. Sentada na biblioteca, trabalhando no laboratório ou caminhando na rua, imaginava que Will apareceria inesperadamente, possuído pela paixão, que lhe dizia "Não disponho de muito tempo, mas tenho que te possuir agora, aqui", e estava pronta para ele. Mas sem um homem na sua vida precisava da roupa íntima tal como precisava de sapatos.

De novo vestida, regressou ao carro. Lisa conduziu até ao Aeroporto Richmond-Williamsburg, onde entregaram o carro alugado e apanharam o avião de regresso a Baltimore.

A chave do mistério devia encontrar-se no hospital onde Dennis e Steve tinham nascido, pensou Jeannie quando levantaram voo. De alguma forma, os gêmeos tinham acabado por ir parar a mães diferentes. Era um cenário fantasista, mas devia ter sido isso que acontecera.

Vasculhou os papéis da pasta e verificou a informação sobre o nascimento dos dois rapazes. O aniversário de Steve era a 25 de Agosto. Para seu horror, viu que o de Dennis era 7 de Setembro, quase duas semanas mais tarde.

Deve haver algum engano disse. Não sei por que não verifiquei isto antes, mostrou a Lisa os documentos contraditórios.

— Podemos verificar novamente sugeriu Lisa.

— Os nossos formulários perguntam em que hospital nasceram as pessoas?

Lisa soltou uma gargalhada pesarosa.

— Acho que não incluímos — essa pergunta.

Neste caso, deve ter sido num hospital militar. O coronel Logan está no

exército e, presumivelmente, o major" era soldado quando Dennis nasceu.

— Havemos de verificar.

Lisa não estava tão impaciente como Jeannie. Para ela era apenas mais uma pesquisa. Para Jeannie era tudo.

— Gostaria de telefonar imediatamente — declarou. Há algum telefone no avião?

Lisa franziu o sobrolho.

— Está pensando em ligar à mãe do Steve?

Lisa notou o tom de reprovação na voz da amiga.

— Sim. Por que não?

— Ela sabe que ele está preso?

— Boa pergunta. Não sei. Raios! Não devia ser eu a dar-lhe a má notícia.

— Talvez ele já tenha ligado para casa.

— É melhor eu ir ver o Steve à prisão. É permitido, não é?

— Creio que sim. Mas talvez tenham um horário para visitas, como os hospitais.

— Vou até lá, e logo vejo o que me dizem. Seja como for, posso ligar aos Pinker. Acenou à aeromoça. Há algum telefone a bordo?

— Não, lamento.

— É pena.

A aeromoça sorriu.

— Não se lembra de mim, Jeannie?

Jeannie olhou para ela pela primeira vez e reconheceu-a de imediato.

— Penny Watermeadow! — exclamou. Penny doutorara-se em Inglês na Universidade de Minnesota, tal como Jeannie. Como está?

— Ótima. E você, o que faz?

— Estou em Jones Falis, trabalhando num projeto que já começou a dar problemas. Pensei que queria seguir a carreira acadêmica.

— E queria, mas não consegui.

Jeannie sentiu-se atrapalhada por ter tido sucesso onde a colega falhara.

— É pena.

— Agora estou mais satisfeita. Gosto deste trabalho e pagam-me mais do que algumas universidades.

Jeannie não acreditou. Chocava-a ver uma garota com um doutoramento trabalhando como comissária de bordo.

— Sempre achei que seria uma ótima professora.

— Dei aulas durante algum tempo. Fui esfaqueada por um aluno que discordou de mim por causa do Macbeth. Perguntei a mim própria por que estaria fazendo aquilo, a arriscar a minha vida por ensinar Shakespeare a meninos desejosos de voltar para a rua e roubar para comprar crack.

Jeannie lembrou-se do nome do marido de Penny.

— Como vai o Danny?

— Ótimo. Agora é diretor de vendas, o que significa que viaja muito. Mas compensa.

— Bem, foi bom voltar a te ver. Mora em Baltimore?

— Em Washington, DC.

— Dá-me o teu número de telefone, que eu depois ligo. Jeannie estendeu a Penny uma esferográfica e ela escreveu o número de telefone numa das pastas de Jeannie.

— Iremos almoçar — disse Penny. Vai ser divertido.

— Pode crer. Penny afastou-se.

— Parece uma pessoa esperta — comentou Lisa.

— É muito inteligente. Estou horrorizada. Não há nada de mal em ser comissária, mas é desperdiçar vinte e cinco anos de estudo.

— Vai telefonar-lhe?

— Bolas, não! Ela está numa de negar as coisas. Acabei de lembrar-lhe aquilo com que sonhara. Iria ser desagradável.

— Acho que sim. Tenho pena dela.

— Também eu.

Assim que aterrissaram, Jeannie dirigiu-se a uma cabina e ligou para os Pinker, em Richmond, mas estava impedido.

— Raios! — exclamou, em tom de queixume.

Esperou cinco minutos e tornou a tentar, mas continuava na mesma.

— A Charlotte deve estar contando à sua violenta família que tal foi a nossa visita disse. Tento mais tarde.

O carro de Lisa encontrava-se no estacionamento. Dirigiram-se à cidade e Lisa deixou Jeannie em casa. Antes de sair do carro, esta perguntou:

— Posso pedir-te um grande favor?

— Claro. Mas isso não quer dizer que o faça — retorquiu Lisa com um sorriso.

— Começa hoje a extração do DNA. O sorriso desvaneceu-se.

— Oh!, Jeannie, passamos todo o dia fora. Tenho de fazer compras para o jantar...

— Eu sei. E eu tenho de ir à prisão. E se nos encontrássemos no laboratório pelas nove horas?

— Okay — anuiu Lisa, sorrindo. Estou curiosa para saber o resultado dos testes.

— Se começarmos esta noite, teremos os resultados depois de amanhã.

Lisa parecia ter dúvidas.

— Só se tomarmos alguns atalhos.

— Assim é que é! Saiu do carro e Lisa afastou-se. Jeannie gostaria de se ter metido logo no seu carro e seguido para a prisão, mas achou melhor ver primeiro que tal estava o pai, por isso, foi a casa.

— Ele estava vendo A Roda da Sorte na televisão.

— Olá, Jeannie cumprimentou. Hoje veio tarde.

— Estive trabalhando e ainda não terminei — disse ela. Que tal foi o teu dia?

— Aborrecido, sempre sozinho aqui.

Sentiu pena dele. O pai parecia não ter amigos. No entanto, estava com melhor aspecto do que na noite anterior. Tomara banho, fizera a barba e descansara. Tirara uma pizza do congelador e aquecera-a para o almoço: a louça suja encontrava-se na bancada da cozinha. Jeannie esteve quase para lhe perguntar quem é que ele julgava que iria pôr a louça na máquina, mas absteve-se.

Pousou a pasta e começou a arrumar as coisas. Ele não desligou a televisão.

— Estive em Richmond, na Virgínia.

— Que bom, filha. O que é o jantar?

"Não", pensou ela, "isto não pode continuar. Ele não vai tratar-me como tratava a mãe".

— Por que não faz qualquer coisa? — retorquiu ela. Aquilo desviou-lhe a atenção. Desligou o televisor e olhou para ela.

— Eu não sei cozinhar!

— Eu também não, pai.

Ele franziu o sobrolho e depois sorriu.

— Então vamos comer fora!

A expressão no rosto dele era perturbadoramente familiar. Jeannie recuou vinte anos. Ela e Patty vestiam calças de tecido iguais. Viu o pai de cabelo preto e costeletas a dizer: "Vamos à feira popular! Que tal se comermos algodão-doce? Entrem no carro!" Fora o homem mais maravilhoso do mundo. Depois as suas recordações avançaram dez anos. Ela estava com calças pretas e botas Doe Marten's, o cabelo do pai era mais curto e grisalho, e ele dizia: "Te levo a Boston mais às suas coisas, alugo uma caminhonete, assim podemos passar algum tempo juntos, comemos uns hamburgueres à beira da estrada e divertimo-nos muito! Está pronta às dez!" Ela esperara todo o dia, mas ele não chegara a aparecer e, no dia seguinte, Jeannie apanhara um ônibus.

Agora, ao ver outra vez o brilho da diversão nos olhos do pai, desejou de todo o coração poder voltar a ter nove anos e acreditar em todas as suas palavras. Mas agora já era adulta, por isso, perguntou:

— Quanto dinheiro tem? Ele ficou carrancudo.

— Nenhum, já te disse.

— Eu também não, por isso não podemos comer fora. Abriu o frigorífico. Tinha uma alface, uma maçaroca, um limão, uma embalagem de costeletas de borrego, um tomate e meia caixa de arroz Uncle Ben's. Pegou nas coisas e pô-las em cima da bancada.

— Já sei disse. Comemos milho com manteiga derretida como entrada, seguido de costeletas de borrego com limão acompanhadas por salada e arroz e para sobremesa, gelado.

— Bom, isso me parece ótimo.

— Então começa a fazer as coisas enquanto eu estiver fora. Ele levantou-se e olhou para a comida.

Ela pegou na pasta.

— Volto pouco depois das dez.

— Não sei cozinhar isto! — exclamou ele, pegando na maçaroca, Jeannie tirou de cima do frigorífico um livro de culinária e entregou-lho.

— Procura disse. Deu-lhe um beijo e saiu. Quando entrou no carro e se dirigiu à cidade, perguntou a si própria se teria sido demasiado cruel. Ele pertencia a outra geração, as regras haviam sido diferentes quando era novo. Mesmo assim, não podia ser governanta dele, ainda que o quisesse, tinha um emprego. Ao dar-lhe uma casa onde podia dormir, já estava fazendo mais do que aquilo que ele fizera por ela. Mesmo assim, desejou tê-lo deixado mais satisfeito. Não era perfeito, mas era o único pai que tinha.

Arrumou o carro num estacionamento subterrâneo e foi a pé até à esquadra. Deparou com um átrio ostentoso com bancos de mármore e um mural com cenas da história de Baltimore. Disse ao guarda de serviço que queria ver Steve Logan, um dos detidos. Estava à espera de ter de insistir, mas alguns minutos depois uma mulher de farda acompanhou-a até um elevador.

Deixaram-na numa sala do tamanho de um roupeiro. Era incaracterística, tirando uma pequena janela ao nível do rosto e um painel de som abaixo dela. A janela dava para outra sala semelhante. Não havia forma de passar algo de uma sala para a outra sem fazer um buraco na parede.

Jeannie olhou pela janela. Cinco minutos depois, trouxeram Steve.

Quando entrou na sala, ela reparou que estava algemado e que tinha os pés acorrentados, como se fosse perigoso. Aproximou-se do vidro e espreitou. Quando a reconheceu, esboçou um largo sorriso.

— Que surpresa tão agradável! — exclamou. Aliás, foi a única coisa agradável que me aconteceu desde que aqui cheguei.

Apesar dos seus modos animados, estava com má cara: tenso e cansado.

— Como se sente?

— Mais ou menos. Meteram-me numa cela com um tipo que está de ressaca por causa do crack. Tenho medo de adormecer.

Jeannie sentiu uma enorme pena dele. Recordou-se de que fora aparentemente aquele rapaz que violara Lisa. Mas não podia acreditar.

— Quanto tempo acha que vai aqui ficar?

— Amanhã um juiz vai rever a minha fiança. Se isso não resultar, terei de continuar aqui até surgirem os resultados do teste ao DNA. Parece que isso demora três dias.

A referência ao DNA lembrou-a por que motivo ali fora.

— Hoje vi o seu gêmeo.

— E então?

— Não há dúvida. É igualzinho a você.

— Talvez ele tenha violado a Lisa Hoxton. Jeannie abanou a cabeça.

— Só se tivesse fugido da prisão no fim-de-semana. Mas ainda lá está.

— Acha que ele pode ter fugido e depois regressado? Para arranjar um álibi?

— Isso é que é imaginação! Se o Dennis fugisse da prisão, nada o faria voltar.

— Acho que tem razão — disse Steve, triste.

— Tenho algumas perguntas a fazer-lhe.

Força.

— Primeiro, preciso confirmar a data do seu nascimento.

— Vinte e cinco de Agosto.

Fora isso que Jeannie escrevera. Talvez se tivesse enganado a registrar o aniversário de Dennis.

— E sabe, por acaso, onde nasceu?

— Sim. Na época, o meu pai estava destacado em Fort Lee, na Virgínia, e eu nasci no hospital militar local.

— Tem certeza?

— Absoluta. A minha mãe fala disso no seu livro *Ter Um Filho*. Semicerrou os olhos e arvorou uma expressão que começava a ser familiar para Jeannie. Significava que ele estava a adivinhar o raciocínio dela. Onde nasceu o Dennis?

— Ainda não sei.

— Mas foi no mesmo dia.

— Infelizmente, ele diz que foi em 7 de Setembro. Mas pode ser engano. Vou verificar. Liguei à mãe dele assim que chegar ao meu gabinete. Já falou com os seus pais?

— Não.

— Quer que eu ligue?

— Não! Por favor. Não quero que saibam até eu poder dizer-lhes que fui ilibado.

Ela franziu o sobrolho.

— Por aquilo que me contou, eles parecem ser pessoas bastante compreensivas.

— E são. Mas não quero atormentá-los nem fazê-los sofrer.

— É claro que seria doloroso, mas talvez preferissem saber, para poderem ajudá-lo.

— Não. Por favor, não telefone.

Jeannie encolheu os ombros. Steve estava a ocultar-lhe algo. Mas a decisão era dele.

— Jeannie... como era ele?

— O Dennis? Superficialmente, igual a você.

— Tem cabelo comprido ou curto? Bigode, unhas sujas, acne, coxeia?

— O cabelo é como o seu, não tem barba, tem as mãos limpas e a pele também. Podia ser você.

— Credo! — Steve parecia muito pouco à vontade.

— A maior diferença é o comportamento. Ele não sabe se dar com o resto da raça humana.

— Isso é estranho.

— Não acho. Aliás, confirma a minha teoria. Quando nasceram, eram ambos aquilo a que eu chamo "crianças selvagens". Roubei a expressão de um filme francês. Utilizo-a para identificar o tipo de criança destemida, incontrolável, hiperativa. É difícil para essas crianças viverem em sociedade. A Charlotte Pinker e o marido falharam em relação ao Dennis. Os seus pais foram bem sucedidos consigo.

Isso não o tranquilizou.

— Mas, no fundo, eu e o Dennis somos iguais.

— Nasceram ambos selvagens.

— Mas eu tenho o verniz fino da civilização. Ela apercebeu-se da sua perturbação.

— Por que razão isso o incomoda tanto?

— Gostaria de considerar-me um ser humano, não um gorila amestrado.

Ela riu-se, apesar da expressão solene do rapaz.

— Os gorilas também têm de viver em sociedade. Tal como todos os animais que vivem em grupo. É daí que vem o crime.

Ele pareceu interessado.

— De viverem em grupo?

— Claro. O crime é a violação de uma importante regra social. Os animais solitários não têm regras. Um urso destrói a gruta de outro, rouba a sua comida e mata as suas crias. Os lobos não fazem essas coisas: se tal acontecesse, não poderiam viver em alcateias. Os lobos são monogâmicos, tomam conta das crias uns dos outros e respeitam o espaço pessoal de cada indivíduo. Se um deles viola uma regra, castigam-no: se ele insistir, expulsam-no ou matam-no.

— E se violarem regras sociais pouco importantes?

— Tal como dar... um peido num elevador? Chamamos-lhe falta de educação. O único castigo é a desaprovação dos outros. Mas é espantoso verificar o quanto é eficaz.

— Por que está tão interessada nas pessoas que violam as regras?

Pensou no pai. Não sabia se ela própria tinha genes criminosos ou não. Talvez Steve ficasse mais consolado se soubesse que também ela estava preocupada com a sua herança genética. Contudo, mentira a respeito do pai durante tanto tempo que só dificilmente conseguia referir-se-lhe.

— É um grande problema — respondeu ela de forma evasiva. Toda as pessoas estão interessadas no crime.

A porta abriu-se atrás deles e a jovem guarda entrou.

— Acabou o tempo, doutora Ferrami.

— Okay — disse ela por cima do ombro. Steve, sabia que a Lisa Hoxton é a minha melhor amiga aqui em Baltimore?

— Não.

— Trabalhamos juntas. Ela é técnica.

— E que tal é?

— Não é o tipo de pessoa capaz de fazer uma acusação leviana. Ele assentiu.

— Mesmo assim, quero que saiba que não acredito que tenha sido o culpado.

Durante um momento, julgou que ele iria chorar.

— Obrigado — respondeu, com voz rouca. Não sabe o que isso significa para mim.

— Telefone-me quando sair. Disse-lhe o número do telefone.

— Consegue decorá-lo?

— Claro.

Jeannie estava relutante em ir-se embora. Dirigiu-lhe um sorriso que esperava fosse encorajador.

— Boa sorte.

— Obrigado. Bem preciso. Ela virou-se e saiu.

A guarda acompanhou-a até ao átrio. Quando regressou ao estacionamento, a noite começara a cair. Entrou na via rápida de Jones Falis e acendeu os faróis do velho Mercedes. Rumou para norte a grande velocidade, ansiosa por chegar à universidade. Andava sempre muito depressa. Era boa condutora, embora por vezes um pouco imprudente, sabia-o. Mas não tinha paciência para andar a noventa quilômetros à hora.

O Honda Accord branco de Lisa já se encontrava estacionado junto ao "Manicômio". Jeannie deixou o seu ao lado do dela e entrou. Lisa estava acendendo as luzes do laboratório. A geladeira com o sangue de Dennis Pinker encontrava-se em cima de um banco.

O gabinete de Jeannie ficava mesmo do outro lado do corredor. Destrancou a porta, passando o cartão plástico pela ranhura do leitor de cartões, e entrou. Sentou-se à secretária e marcou o número dos Pinker, em Richmond.

— Finalmente! exclamou, quando ouviu o sinal de chamada. Foi Charlotte quem atendeu.

— Como está o meu filho? — perguntou.

— De boa saúde — respondeu Jeannie. "Mal parecia um psicopata", pensou ela, "até ter-me encostado uma faca e roubado a minha calcinha". Tentou pensar em qualquer coisa boa para dizer.

— Colaborou bastante.

— Sempre foi muito bem educado — disse Charlotte com o sotaque arrastado do Sul que utilizava para proferir as maiores barbaridades.

— Senhora Pinker, importa-se de me dizer novamente em que dia ele nasceu?

— Nasceu em 7 de Setembro. Como se devesse ser feriado. Não era a resposta de que Jeannie estava à espera.

— E em que hospital?

— Na época estávamos em Fort Bragg, na Carolina do Norte. Jeannie reprimiu uma praga.

— O major estava treinando recrutas para o Vietnam — disse Charlotte, muito orgulhosa. O Comando Médico do Exército tinha um grande hospital em Bragg. Foi aí que o Dennis veio ao mundo.

Jeannie não conseguia pensar em mais nada para dizer. O mistério era cada vez maior.

— Senhora Pinker, mais uma vez, obrigada pela sua colaboração.

— De nada.

Regressou ao laboratório.

— Parece que o Steve e o Dennis nasceram com treze dias de diferença em estados diferentes — disse a Lisa. Não consigo entender.

Lisa abriu uma caixa de tubos de ensaio.

— Bom, há um teste incontestável. Se tiverem o mesmo DNA, são gêmeos univitelinos, independentemente do que disseram a respeito do seu nascimento. Tirou dois tubos pequenos. Tinham alguns centímetros de comprimento. O seu fundo era cônico e tinham também uma tampa. Abriu uma caixa de etiquetas, escreveu "Dennis Pinker" numa e "Steve Logan" na outra, depois colou-as aos tubos de ensaio e colocou-os num suporte.

Quebrou o selo do frasco onde se encontrava a amostra de sangue de Dennis e colocou uma única gota num dos tubos de ensaio. Depois, retirou da câmara frigorífica um frasco do sangue de Steve e fez o mesmo.

Usando uma pipeta, um tubo com um bolbo na extremidade, acrescentou uma pequena quantidade de clorofórmio a cada um dos tubos de ensaio. Depois, pegou numa pipeta limpa e acrescentou uma quantidade exatamente idêntica de fenol.

Fechou os dois tubos e colocou-os no agitador durante alguns segundos. O clorofórmio dissolveria as gorduras e o fenol quebraria as proteínas, mas as moléculas de ácido desoxirribonucleico espiraladas permaneceriam intactas.

Lisa voltou a colocar os tubos no suporte.

— É tudo o que podemos fazer durante as próximas horas — disse.

O fenol dissolvido na água iria separar-se lentamente do clorofórmio. Na extremidade do tubo formar-se-ia um menisco. O DNA estaria na parte aquosa e poderia ser retirado com uma pipeta para a fase seguinte do teste. Mas isso só poderia ser feito na manhã seguinte.

Tocou um telefone em algum lugar. Jeannie franziu o sobrolho: o som parecia vir do seu gabinete. Atravessou o corredor e foi atender.

— Sim?

— É a doutora Ferrami?

Jeannie detestava as pessoas que ligavam e exigiam saber o nome do interlocutor sem se identificarem. Era como bater à porta de alguém e perguntar: "Quem raio é você?" Absteve-se de dar uma resposta sarcástica.

— Sim, sou a Jeannie Ferrami. Com quem estou falando, por favor?

— Naomi Freeland, do New York Times. Parecia ser uma grande fumadora com cerca de cinquenta anos. Gostaria de fazer-lhe algumas perguntas.

— A esta hora da noite?

— Trabalho a qualquer hora. Parece que a senhora também.

— Por que me ligou?

— Estou escrevendo um artigo sobre ética científica.

— Oh! — Jeannie pensou imediatamente no fato de Steve não saber que fora adotado. Era um problema ético, embora solucionável... mas com certeza o Times não estava a par disso. E qual é o seu interesse?

— Constou-me que analisava bases de dados médicas à procura de pessoas adequadas para o seu trabalho.

— Oh, okay. Jeannie ficou mais descontraída. Bem, criei um programa de busca que analisa os dados computadorizados e procura pares coincidentes. O meu objetivo é encontrar gêmeos univitelinos. Pode ser utilizado em qualquer base de dados.

— Mas teve acesso a registros médicos para poder utilizar o seu programa.

— É importante definir o que entende por acesso. Tive o cuidado de não devassar a vida privada das pessoas. Nunca vi a ficha médica de ninguém. O programa não imprime os registros.

— O que imprime então?

— Os nomes dos dois indivíduos, os seus endereços e números de telefone.

— Mas imprime os nomes aos pares.

— Claro, o objetivo é esse.

— Então se o usasse numa base de dados de, por exemplo, eletroencefalogramas, ele dir-lhe-ia que as ondas cerebrais de fulano são iguais às de sicrano.

— Iguais ou parecidas. Mas não me diria mais nada a respeito do estado de saúde da pessoa.

— No entanto, se soubesse previamente que fulano era esquizofrênico, poderia concluir que sicrano também o era.

— Nunca saberíamos uma coisa dessas.

— Podia conhecer o fulano.

— Como?

— Ele podia ser o seu porteiro, ou qualquer outra coisa.

— Ora, vá lá!

— É possível.

— A sua história vai ser essa?

— Talvez.

— Okay, é teoricamente possível, mas a probabilidade é tão mínima que qualquer pessoa a poria de parte.

— Isso é discutível.

A jornalista parecia decidida a ver uma devassa da vida privada, independentemente dos fatos, pensou Jeannie, e começou a ficar preocupada. Já tinha problemas suficientes sem precisar que os malditos jornais a chateassem.

— Isto é mesmo real? — perguntou. Descobriu alguém que achou que a sua vida privada tinha sido devassada?

— Estou interessada no potencial. Jeannie lembrou-se de uma coisa.

— Mas quem é que lhe disse para me telefonar?

— Por que pergunta?

— Pela mesma razão por que me fez perguntas. Gostaria de saber a

verdade.

— Não posso dizer-lhe.

— Isso é interessante — comentou Jeannie. Falei-lhe consideravelmente da minha investigação e dos meus métodos. Não tenho nada a esconder. Mas a senhora não pode dizer o mesmo. Parece-me que está... bom, envergonhada. Tem vergonha de me dizer como é que descobriu o meu projeto?

— Não tenho vergonha de nada — retorquiu a jornalista. Jeannie começou a ficar zangada. Quem pensava aquela mulher que era?

— Bom, então alguém tem vergonha. Senão, por que me esconde a identidade dele? Ou dela?

— Tenho de proteger as minhas fontes.

— Do quê? — Jeannie sabia que devia calar-se. Não ganhava nada em antagonizar a imprensa, mas a atitude da mulher era insuportável. Como já expliquei, não há nada de errado nos meus métodos e eles não ameaçam a vida privada de ninguém. Então por que haveria o seu informante de ser tão misterioso?

— As pessoas têm motivos...

— Parece que o seu informante fez tudo com má intenção, não é? Ao fazer a pergunta, pensava: "Por que quereria alguém fazer-me isto?"

— Não comento isso.

— Não comenta, hein? — repetiu, com sarcasmo. Tenho de lembrar-me de utilizar essa frase mais vezes.

— Doutora Ferrami, gostaria de agradecer a sua colaboração.

— Ora essa — disse Jeannie, desligando.

Ficou olhando para o telefone durante um longo momento.

— Mas que raio era aquilo tudo? — perguntou.

Berrington Jones dormiu mal.

QUARTA-FEIRA

21

Passou a noite com Pippa Harpenden. Pippa era secretária no departamento de física e já inúmeros professores a tinham convidado para sair, incluindo vários homens casados, mas Berrington era o único com quem saía. Vestira-se muito bem, levava-a a um restaurante romântico e encomendara um excelente vinho. Recebera o olhar invejoso dos homens da sua idade que jantavam com as suas horríveis mulheres velhas. Depois, levava-a para casa, acendera velas, vestira um pijama de seda e fizera amor muito devagar, até ela gemer de prazer.

Porém, acordou às quatro da manhã e pensou em todas as coisas que poderiam correr mal no seu plano. Na véspera, à tarde, Hank Stone havia bebido o vinho barato oferecido pela editora: podia ter-se esquecido da conversa com Berrington. Se se lembrasse dela, os editores do New York Times talvez decidissem não continuar a vasculhar a história. Podiam fazer algumas perguntas e chegar à conclusão de que não havia nada de errado naquilo que Jeannie andava fazendo. Ou podiam simplesmente andar devagar e começar a investigar apenas na semana seguinte, quando já fosse demasiado tarde.

Depois de ter andado às voltas durante algum tempo, Pippa murmurou, com sono:

— Está bem, Berrington?

Ele acariciou-lhe o belo cabelo comprido louro e ela emitiu alguns sons encorajadores. Fazer amor com uma mulher bonita era normalmente um consolo para qualquer tipo de problema, mas ele pressentia que daquela vez não iria dar resultado. Tinha demasiadas coisas em que pensar. Teria sido um alívio falar com Pippa sobre os seus problemas (ela era inteligente e mostrar-se-ia compreensiva), mas Berrington não podia revelar a ninguém os seus segredos.

Passado algum tempo, levantou-se e foi correr. Quando regressou ela tinha-se ido embora, deixando um bilhete a dizer "obrigada" preso numa meia

preta de nylon.

A governanta chegou alguns minutos depois das oito e fez-lhe uma omelete. Marianne era uma rapariga magra e nervosa, da Martinica. Falava pouco inglês e tinha um medo de morte de que a mandassem para casa. o que a tornava muito dócil. Era bonita, e Berrington calculava que se a mandasse fazer sexo oral ela consideraria isso parte das suas funções. É claro que ele não fazia isso: dormir com as empregadas não era o seu estilo.

Tomou uma ducha, fez a barba e vestiu-se de forma a deixar transparecer autoridade: um traje cinzento-escuro às riscas brancas, camisa branca e gravata preta com pequenos pontos vermelhos. Colocou abotoaduras em ouro com monograma, um lenço branco de linho dobrado no bolso do peito e engraxou os sapatos pretos até brilharem.

Dirigiu-se ao complexo universitário, subiu ao seu gabinete e ligou o computador. Tal como a maioria dos académicos vedetas, dava muito poucas aulas. Ali, em Jones Falis, fazia uma preleção por ano. A sua função era dirigir e supervisionar a investigação dos cientistas do departamento e acrescentar o seu prestigiado nome aos ensaios que eles escreviam. Mas naquela manhã não conseguia concentrar-se em nada, por isso, olhou pela janela e viu quatro alunos a disputar um animado jogo de ténis em pares, enquanto aguardava que o telefone tocasse.

Não teve de esperar muito.

Às nove e meia, Maurice Obell, presidente da Universidade Jones Falis, telefonou.

— Temos um problema — disse. Berrington ficou tenso.

— O que se passa, Maurice?

— Uma mulher do New York Times acabou de me ligar. Disse que alguém do teu departamento anda devassando a vida privada das pessoas. Uma tal doutora Ferrami.

"Graças a Deus", pensou Berrington, eufórico, "o Hank Stone fez o que tinha a fazer!" Falou numa voz muito solene:

— Receava que acontecesse uma coisa dessas — disse. Vai acabar imediatamente.

Desligou e não se mexeu durante algum tempo, pensando. Era ainda

demasiado cedo para cantar vitória. Estava apenas no começo. Agora tinha de pôr Maurice e Jeannie fazendo o que ele queria.

Maurice parecera preocupado. Isso era um bom começo. Berrington iria certificar-se de que ele permaneceria assim. Precisava que Maurice sentisse que seria uma catástrofe Jeannie não deixar imediatamente de utilizar o seu programa de investigação de bases de dados. Assim que Maurice resolvesse tomar medidas, Berrington teria de garantir que não mudava de opinião.

Acima de tudo, era necessário evitar qualquer espécie de compromisso. Jeannie não era muito de fazer compromissos, como ele bem sabia, mas talvez que, com o seu futuro em risco, pudesse tentar qualquer coisa. Ele teria de alimentar a sua ira e mantê-la combativa.

E deveria fazer tudo enquanto tentava mostrar-se bem intencionado. Se se tornasse evidente que era ele quem prejudicava Jeannie, Maurice poderia começar a desconfiar. Tinha de fingir defendê-la.

Saiu do "Manicômio" e atravessou o complexo universitário, passando pelo Teatro Barrymore e pela Faculdade de Belas-Artes, rumo a Hillside Hall. Outrora a mansão do benfeitor da universidade, era agora o edifício da administração. O gabinete do presidente da universidade era a magnífica sala de estar da velha casa. Berrington acenou com a cabeça à secretária do Dr. Obell.

— Ele está à minha espera — comunicou-lhe.

— Faça favor de entrar, professor — respondeu ela. Maurice estava sentado na janela de sacada com vista para o relvado. Era um homem baixo e entroncado, que regressara do Vietnam numa cadeira de rodas, paralisado da cintura para baixo. Berrington dera-se facilmente com ele porque tinham ambos o mesmo passado militar. Também partilhavam a paixão pela música de Mahler.

Maurice tinha muitas vezes um ar apoquentado. Para manter a Universidade Jones Falis em funcionamento necessitava de obter dez milhões de dólares por ano junto de benfeitores e empresas e, conseqüentemente, temia a publicidade desagradável. Virou a cadeira e dirigiu-se para a secretária.

— Estão preparando um grande artigo sobre ética científica — disse ele. Berry, não posso permitir que a Jones Falis seja mencionada num artigo

como exemplo de falta de ética. Metade dos nossos doadores nunca mais nos daria nada. Temos de fazer qualquer coisa.

— Quem é ela?

Maurice consultou um bloco.

— Naomi Freeland. É a editora de ética. Sabia que os jornais tinham editores de ética? Eu não.

— Não me admira que o New York Times tenha um.

— Isso não os impede de agirem como a maldita Gestapo. Estão prestes a publicar este artigo, segundo dizem, mas ontem receberam uma dica sobre a tua doutora Ferrami.

— De onde terá vindo a dica? — perguntou Berrington.

— Há sempre pessoas muito desleais.

— Pois é. Maurice suspirou.

— Diz-me que não é verdade, Berry. Diz-me que ela não devassa a vida privada dos doentes!

Berrington cruzou as pernas, tentando parecer descontraído, mas no seu íntimo estava muito tenso. Era ali que tinha de caminhar na corda bamba.

— Não acredito que ela esteja fazendo nada de mal — respondeu. Analisa bases de dados médicas e encontra pessoas que não sabem que têm gêmeos. É muito inteligente, por acaso...

— Ela vê os registos médicos das pessoas sem a sua autorização?

Berrington fingiu uma certa relutância.

— Bem... mais ou menos.

— Então vai ter de parar.

— O problema é que precisa mesmo dessa informação para o projeto.

— Talvez possamos oferecer-lhe alguma compensação. Berrington não se lembrara de a subornar. Duvidava que isso funcionasse, mas não fazia mal tentar.

— Boa ideia.

— Já é efetiva?

— Começou aqui este semestre, como professora assistente. Faltam-lhe, no mínimo, seis anos para ficar efetiva. Mas podíamos aumentá-la. Sei que precisa de dinheiro, pois foi ela quem me disse.

— Quanto é que ganha agora?

— Trinta mil dólares por ano.

— Quanto acha que devíamos oferecer-lhe?

— Uma importância substancial. Mais oito ou dez mil.

— E quem iria custear isso? — Berrington sorriu.

— Acho que conseguiria persuadir a Genético.

— Então é o que vamos fazer. Telefona-lhe agora, Berry. Se ela estiver no complexo universitário, manda-a vir para cá imediatamente. Vamos resolver esta questão antes que a tal comissão de ética volte a ligar.

Berrington pegou no telefone de Maurice e ligou para o gabinete de Jeannie. Esta atendeu imediatamente.

— Jeannie Ferrami.

— Fala Berrington.

— Bom dia. Parecia aborrecida. Teria pressentido o seu desejo de seduzi-la na segunda-feira à noite? Talvez desconfiasse que ele queria tentar de novo. Ou talvez já lhe tivesse chegado aos ouvidos o problema do New York Times.

— Posso falar com você pessoalmente?

— No teu gabinete?

— Estou no do Dr. Obell, em Hillside Hall. Ela emitiu um suspiro exasperado.

— É por causa de uma mulher chamada Naomi Freeland?

— Sim.

— São tudo tretas, como bem sabe.

— Pois sei, mas temos de resolver o problema.

— Vou já para aí. Berrington desligou.

— Ela vem já para cá — disse ele a Maurice. Parece que já teve notícias

do Times.

Os minutos seguintes iriam ser cruciais. Se Jeannie se defendesse bem, Maurice poderia decidir mudar de estratégia. Berrington tinha de manter Maurice firme sem hostilizar Jeannie. Ela era uma garota temperamental, agressiva, não do tipo conciliatório, em especial quando julgava ter a razão do seu lado. Provavelmente, faria de Maurice um inimigo sem a ajuda de Berrington, mas, para o caso de se mostrar muito doce e persuasiva, ele precisava de um segundo plano. Com um rasgo de inspiração, sugeriu:

— Enquanto esperamos, podíamos rascunhar uma declaração para enviar à imprensa.

— Boa ideia.

Berrington pegou no bloco e começou a escrever. Precisava de algo com que Jeannie não concordasse, algo que ferisse o seu orgulho e a enfurecesse. Escreveu que a Universidade Jones Falis admitia terem sido cometidos alguns erros. A universidade pedia desculpa àqueles cuja vida privada fora devassada. E garantia que o programa havia sido imediatamente suspenso.

Entregou a sua obra à secretária de Maurice e pediu-lhe para bater aquilo no computador.

Jeannie chegou bastante indignada. Trazia vestida uma camiseta larga verde-esmeralda, calças justas e umas botas antigamente chamadas "botas de engenheiro", mas que estavam agora muito na moda. No nariz tinha uma argola de prata e prendera o cabelo escuro. Berrington achou-a maluca, mas a sua indumentária não iria impressionar o presidente da universidade. Este achá-la-ia uma professora irresponsável, capaz de meter a Universidade Jones Falis em confusões.

Maurice convidou-a a sentar-se e falou-lhe do telefonema do jornal. Os seus modos eram rígidos. "Sentia-se à vontade com homens maduros", pensou Berrington, "mas as mulheres jovens com calças justas pareciam-lhe extraterrestres".

— Recebi um telefonema da mesma mulher — disse Jeannie com irritação. Isto é um absurdo!

— Mas a senhora tem acesso a bases de dados médicos.

— Eu não vejo as bases de dados, o computador é que vê. Nenhum ser humano vê os registros médicos. O meu programa elabora uma lista de

nomes e endereços, agrupados em pares.

— Mesmo isso...

— Não fazemos mais nada sem primeiro pedir a autorização do potencial objeto de estudo. Nem sequer lhes dizemos que são gêmeos até concordarem em participar. Então, que vida privada é devassada?

Berrington fingiu apoiá-la.

— Eu te disse, Maurice. O Times entendeu tudo ao contrário.

— Mas a jornalista não é dessa opinião. E eu tenho de pensar na reputação da universidade.

— Acredite que o meu trabalho vai ajudar a cimentar essa reputação — interveio Jeannie. Inclinou-se para a frente e Berrington ouviu na sua voz a paixão pelo conhecimento que impelia todos os bons cientistas: Este projeto é da máxima importância. Sou a única pessoa que descobriu como estudar a genética da criminalidade. Quando publicarmos os resultados causaremos sensação.

— Ela tem razão, observou Berrington. Era verdade. O seu estudo teria sido fascinante. Era devastador ter de destruí-lo, mas não lhe restava alternativa.

Maurice abanou a cabeça.

— É meu dever proteger a universidade do escândalo.

— Também é seu dever defender a liberdade acadêmica — contrapôs Jeannie, imprudente.

Ela não devia enveredar por aquele caminho. Outrora, sem dúvida, os presidentes das universidades haviam lutado pelo direito ao avanço livre do conhecimento, mas esses dias tinham acabado. Agora não passavam de homens que reuniam fundos. Só iria ofender Maurice se falasse da liberdade acadêmica.

Ele olhou-a furioso.

— Não preciso que me dê um sermão sobre os meus deveres, minha senhora — retorquiu, muito rígido.

Jeannie não entendeu a indireta, para gáudio de Berrington.

— Ai não? — redarguiu ela, cada vez mais acalorada. Há aqui um

conflito direto. De um lado, um jornal que aparentemente insiste numa história falsa, de outro, um cientista em busca da verdade. Se um presidente universitário vacila sob este tipo de pressão, que esperança poderá haver?

Berrington sentiu-se exultante. Jeannie estava linda, corada e de olhos brilhantes, mas começara a cavar a sua própria sepultura. Maurice estava prestes a explodir.

Depois, Jeannie pareceu entender o que tinha feito, pois mudou imediatamente de tática.

— Por outro lado, nenhum de nós quer má publicidade para a universidade — disse, num tom de voz mais suave. Entendo perfeitamente a sua preocupação, Dr. Obell.

Maurice acalmou-se imediatamente, para desgosto de Berrington.

— Percebo que isto a coloca numa posição muito difícil — disse. A universidade está disposta a oferecer-lhe uma compensação, na forma de um aumento de dez mil dólares por ano.

Jeannie ficou perplexa.

— Isso deverá permitir que tire a tua mãe daquele lugar horrível — disse Berrington.

Jeannie hesitou apenas por segundos.

— Ficaria muito grata — respondeu, mas isso não resolveria o problema. Continuarei a precisar de gêmeos delinquentes para a minha investigação. De outra forma, não terei nada que estudar.

Berrington calculara que ela não podia ser subornada.

Com certeza haverá outra forma de encontrar pessoas indicadas para o seu estudo.

— Não há. Preciso de gêmeos univitelinos, criados separadamente, e que pelo menos um deles seja criminoso. Isso é pedir muito. O meu computador localiza pessoas que nem sequer sabem que têm irmãos gêmeos. Não há outra forma de fazer isto.

— Não tinha percebido — comentou Maurice.

O tom da conversa estava a tornar-se perigosamente amigável. Depois, entrou a secretária de Maurice e entregou-lhe uma folha. Era a comunicação

redigida por Berrington. Maurice mostrou-a a Jeannie.

— Precisamos publicar ainda hoje uma coisa destas, se queremos acabar com a história declarou.

Ela leu-a rapidamente e a sua ira regressou.

— Mas isto são tretas! — explodiu. Não foram cometidos quaisquer erros. Ninguém invadiu a privacidade de ninguém. Nenhuma pessoa se queixou!

Berrington ocultou a sua satisfação. Era paradoxal ela ser tão temperamental e ter paciência e perseverança para fazer trabalho de investigação bastante moroso e entediante. Já a vira a trabalhar com os pares de gêmeos: nunca pareciam irritá-la ou cansá-la, mesmo quando faziam batota nos testes. Considerava o mau comportamento deles tão interessante como o bom. Limitava-se a tomar nota do que diziam e agradecer-lhes com sinceridade no fim. Contudo, fora do laboratório explodia à mínima provocação. Ele desempenhou o papel de conciliador preocupado.

— Mas, Jeannie, o Dr. Obell acha que a declaração tem de ser firme.

— Não podem dizer que foi suspensa a utilização do meu programa de computador! — exclamou. Isso seria o mesmo que cancelar todo o projeto!

A expressão de Maurice endureceu.

— Não posso permitir que o New York Times publique um artigo onde se diz que os cientistas da Jones Falis devassam a vida privada das pessoas — declarou. Isso custar-nos-ia milhões de dólares em donativos.

— Descubra uma saída intermédia — implorou Jeannie. Diga que estamos a analisar o problema. Crie uma comissão. Se necessário, desenvolveremos mais medidas de segurança.

"Oh!, não", pensou Berrington. Aquilo era um assunto bastante delicado.

— É claro que temos uma comissão de ética — disse ele, tentando ganhar tempo. É uma subcomissão do senado. O senado era o conselho dirigente, constituído por todos os professores efetivos, mas o trabalho era feito por comissões e conselhos. Podia anunciar que o assunto lhe foi entregue.

— Isso de nada serviria — retorquiu Maurice, abruptamente. Todos perceberiam que tentamos apenas ganhar tempo.

— Não vê que ao insistir numa medida imediata está praticamente impedindo qualquer discussão racional?

Era altura de concluir a reunião, pensou Berrington. Aqueles dois estavam em forte desacordo, ambos entrincheirados nas suas posições. Devia pôr-lhe termo antes que começassem a pensar de novo num compromisso.

— Tem razão, Jeannie — interveio Berrington. Deixa-me fazer-te uma proposta... se é que me permites, Maurice.

— Claro.

— Temos dois problemas distintos. Um é descobrir uma forma de continuar a investigação da Jeannie sem arranjar um escândalo para a universidade. Isso é algo que eu e a Jeannie temos de imaginar e discutir demoradamente, mais tarde. O segundo problema é de que forma irão a universidade e o departamento apresentar isto ao mundo. Disso temos de falar nós dois, Maurice. Este pareceu aliviado.

— Acho razoável — observou.

— Obrigado por ter vindo falar conosco, Jeannie.

Percebeu que estavam a mandá-la embora. Levantou-se com uma expressão intrigada no rosto. Sabia que alguém a enganara, mas ainda não descobrira como.

— Telefonas-me? — perguntou a Berry.

— Claro.

— Está bem. Hesitou e depois saiu.

— Que mulher difícil — comentou Maurice.

Berrington inclinou-se para a frente, juntando as mãos, e olhou para baixo, numa atitude de humildade.

— Sinto que estou em falta, Maurice. Este abanou a cabeça, mas Berrington prosseguiu: Eu contratei a Jeannie Ferrami. É claro que não fazia ideia de que ela descobriria este método de trabalho... mas, mesmo assim, a responsabilidade é minha e creio que devo libertar-te do problema.

— O que sugere?

— Não posso te pedir que não mande esse comunicado à imprensa. Não tenho esse direito. Percebo que não pode colocar um projeto de investigação

à frente do bem-estar de toda a universidade. Olhou para cima.

Maurice hesitou. Durante uma fração de segundos, Berrington perguntou-se, assustado, se ele suspeitaria de que fora encurralado, mas os seus receios não duraram muito tempo.

— Agradeço as suas palavras, Berry, mas o que vai fazer a respeito da Jeannie?

Berrington descontraíu-se. Parecia ter conseguido.

— Acho que o problema é meu respondeu. Deixe-a comigo.

Steve adormeceu às primeiras horas de quarta-feira.

A prisão estava silenciosa, Porky ressonava e Steve não pregava olho há quarenta e duas horas. Tentou permanecer acordado, ensaiando o discurso que iria fazer no dia seguinte ao juiz por causa da sua caução, mas estava sempre tendo o mesmo sonho acordado: o juiz sorria-lhe com benevolência e dizia "A caução foi concedida, deixem este homem sair em liberdade", e ele saía do tribunal para uma rua cheia de sol. Sentado no chão da cela na posição habitual, de costas para a parede, reparou que começara a dormir e tentou várias vezes ficar acordado. Por fim, a Natureza dominou-o.

Estava dormindo a sono solto quando foi brutalmente acordado por uma pancada dolorosa nas costelas. Ofegou e abriu os olhos. Porky pontapeara-o e estava naquele momento debruçado sobre ele, os olhos muito abertos.

— Roubou-me a droga, cabrão! — gritava. Onde é que escondeu, onde?

Steve reagiu sem pensar. Levantou-se do chão como uma mola, o braço direito estendido, e enfiou dois dedos nos olhos de Porky. Este gritou de dor e recuou. Steve seguiu-o, tentando enfiar os dedos pelo cérebro de Porky. Em algum lugar ao longe ouvia uma voz bastante parecida com a sua gritando asneiras.

Porky recuou outro passo e sentou-se pesadamente no sanitário, cobrindo os olhos com as mãos.

Steve colocou ambas as mãos atrás do pescoço de Porky, puxou-lhe a cabeça para a frente e deu-lhe uma joelhada na cara.

O sangue jorrou da boca de Porky. Steve agarrou-o pela camisa, puxou-o, fazendo-o levantar-se do sanitário, e atirou-o para o chão. Estava prestes a pontapeá-lo quando a sua sanidade regressou. Hesitou, baixando o olhar para Porky no chão, sangrando, e a névoa vermelha da ira dissipou-se.

— Oh! não! — exclamou. O que fiz eu?

A porta da cela abriu-se e entraram dois polícias brandindo cassetetes.

Steve levantou os braços.

— Acalme-se — disse um dos polícias.

— Eu estou calmo — respondeu Steve.

Os policiais algemaram-no e tiraram-no da cela. Um socou-o no estômago com toda a força. Ele dobrou-se, sem conseguir respirar.

— Isto foi para não pensar em arranjar mais confusões — disse o policial.

Ouviu a porta da cela sendo fechada com força e a voz de Spike, o carcereiro, com o seu habitual humor.

— Precisa de cuidados médicos, Porky? — perguntou Spike. Há um veterinário em East Baltimore Street. Riu-se da própria piada.

Steve endireitou-se, já quase recuperado do soco. Ainda lhe doía, mas já conseguia respirar. Através das grades, olhou para Porky. Este estava sentado e esfregava os olhos.

— Vai-te foder, cabrão — disse ele a Spike com os lábios ensanguentados.

Steve sentiu-se aliviado: Porky não parecia muito ferido.

— Também já estava na hora de tirar-te dali, rapaz — disse Spike. Estes cavalheiros vieram buscar-te para te levarem ao tribunal. Consultou uma folha de papel. Deixa-me ver... quem mais é que vai para o tribunal da zona norte? Mister Robert Sandilands, mais conhecido por "Sniff"... Tirou das celas três outros homens e acorrentou-os, prendendo-os a Steve. Depois os dois polícias levaram-nos para a garagem subterrânea e meteram-nos num ônibus.

Steve esperou nunca mais voltar a ver aquele lugar.

Lá fora estava escuro. Calculou que fossem umas seis da manhã. Os tribunais só entravam em funcionamento às nove ou dez, por isso a espera seria longa. Viajaram pela cidade durante quinze ou vinte minutos e em seguida entraram na garagem de um tribunal. Saíram do ônibus e desceram até à cave.

Havia oito recintos com grades em volta de uma zona central aberta. Cada recinto tinha um banco e um banheiro, mas eram maiores do que as celas da esquadra, e introduziram os quatro prisioneiros num recinto onde já se encontravam seis homens. As correntes foram tiradas e pousadas em cima de uma mesa no meio do aposento. Havia vários carcereiros, chefiados por

uma mulher negra alta com uniforme de sargento e cara de poucos amigos.

Durante a hora seguinte chegaram mais cerca de trinta prisioneiros. Em cada recinto foram enfiados doze. Houve gritos e assobios quando um pequeno grupo de mulheres foi levado. Colocaram-nas num recanto, à ponta.

Depois disso, quase nada aconteceu durante várias horas. Foi-lhes levado o café da manhã, mas Steve recusou-se de novo a comer: não conseguia habituar-se à ideia de comer no banheiro. Alguns prisioneiros falavam ruidosamente, mas a maior parte mostrava-se taciturna. Muitos parecia estarem de ressaca. A troca de palavras entre prisioneiros e guardas não era tão desagradável como no outro lugar em que estivera, e Steve perguntou a si próprio se seria porque ali havia uma mulher a comandar.

As prisões não eram nada como o que se via na televisão, pensou. Os programas televisivos e os filmes faziam as prisões parecer hotéis de baixa categoria: nunca mostravam as sanitários expostas, os abusos verbais ou as tarefas dadas aos que se portavam mal.

Aquele podia ser o último dia que passava na prisão. Se acreditasse em Deus, teria rezado de todo o coração.

Calculou que devia ser meio-dia quando começaram a tirar os prisioneiros das celas.

Steve seguiu no segundo lote. Foram de novo algemados e dez homens acorrentados. Depois subiram até ao tribunal.

A sala de audiências parecia uma capela metodista. As paredes estavam pintadas de verde até uma linha preta mais ou menos à altura da cintura e daí para cima em creme. Havia uma tapete verde no chão e nove filas de bancos de madeira clara, semelhantes aos das igrejas.

Na última fila encontravam-se os pais de Steve.

Este ficou sem fôlego, do choque.

O pai envergava o seu uniforme de coronel e tinha o boné debaixo do braço. Estava sentado de costas muito direitas, como que em sentido. Tinha olhos azuis e cabelo escuro como os Celtas e a sombra de uma barba cerrada nas faces barbeadas. A sua expressão era neutra, mas deixava adivinhar muita emoção reprimida. A mãe estava a seu lado, pequena e roliça, o belo rosto redondo inchado de tanto chorar.

Steve desejou poder sumir-se por um buraco no chão. Estaria disposto a voltar para a mesma cela de Porky só para fugir àquele momento. Parou, retendo a fila de prisioneiros, e olhou cheio de dor para os pais, até que o carcereiro lhe deu um empurrão e ele cambaleou até ao banco dianteiro.

Uma funcionária estava sentada de frente para os prisioneiros. Um carcereiro guardava a porta. O outro oficial presente era um negro de óculos com cerca de quarenta anos, de blazer, gravata e calças de jeans. Perguntou os nomes aos prisioneiros e confirmou-os na lista em seu poder.

Steve olhou por cima do ombro para trás. Não havia mais ninguém nos bancos excetuando os pais. Sentiu-se grato por ter família que se importava o suficiente com ele para estar presente: nenhum dos outros prisioneiros se podia gabar do mesmo. Mesmo assim, teria preferido passar por aquela humilhação sem testemunhas.

O pai levantou-se e aproximou-se. O homem de calças jeans dirigiu-se-lhe num tom oficioso.

— Sim, senhor?

— Sou o pai do Steve Logan, gostaria de falar com ele — disse, numa voz cheia de autoridade. Posso saber quem o senhor é?

— David Purdy. Sou o agente de investigação criminal. Liguei-lhe esta manhã.

Fora então assim que os pais tinham tomado conhecimento, pensou Steve. Devia ter calculado. A outra funcionária dissera-lhe que um agente de investigação criminal iria verificar os seus dados. A maneira mais fácil de conseguir era ligar aos pais. Fez um esgar ao imaginar o telefonema. O que teria dito o agente? "Preciso confirmar o endereço de Steve Logan, que se encontra detido em Baltimore, acusado de violação. A senhora é a mãe dele?"

O pai apertou a mão do homem.

— Prazer em conhecê-lo, Senhor Purdy — afirmou. Mas Steve percebeu que o pai o detestava.

— Pode falar com o seu filho, não há problema — disse Purdy. O pai acenou. Sentou-se atrás de Steve, no outro banco. Pousou a mão no ombro do filho e apertou-o devagar. As lágrimas afloraram aos olhos de Steve.

— Não fui eu, pai — disse.

— Eu sei, Steve — respondeu o pai.

A sua fé era demasiada para Steve, e ele começou a chorar. Depois de começar não conseguiu parar. Estava fraco devido à fome e à falta de repouso. Toda a tensão e sofrimento dos últimos dois dias haviam-no deixado arrasado, e as lágrimas correram livremente. Engoliu em seco e deu pequenas pancadas no rosto com as mãos manietadas.

— Queríamos arranjar-te um advogado, mas não conseguimos disse o pai. Mal tivemos tempo de cá chegar.

Steve assentiu. Seria o seu próprio advogado se conseguisse controlar-se.

Entraram na sala duas garotas trazidas por uma carcereira. Não estavam algemadas. Sentaram-se, dando pequenas gargalhadas. Parecia terem cerca de dezoito anos.

— Como raio é que isto aconteceu? — perguntou o pai a Steve. A tentativa de responder à pergunta ajudou Steve a deixar de chorar.

— Devo ser parecido com o culpado — respondeu. Fungou e engoliu. A vítima identificou-me na esquadra. Na altura eu encontrava-me por aquelas bandas, e foi o que disse à Polícia. O teste do DNA vai ilibar-me, mas demora três dias a estar pronto. Espero conseguir sair daqui hoje mediante o pagamento de uma caução.

— Diz ao juiz que estamos aqui — disse o pai. Talvez isso ajude.

Steve sentiu-se uma criança a ser confortada pelo pai. Trouxe-lhe à memória a recordação agri-doce do dia em que recebera a sua primeira bicicleta. Devia ter sido no seu quinto aniversário. A bicicleta tinha umas rodinhas estabilizadoras atrás para o impedir de cair. A casa deles possuía um enorme jardim com dois degraus que conduziam a um pátio.

"Contorna o relvado e afasta-te dos degraus", dissera o pai, mas a primeira coisa que o pequeno Stevie fizera fora descer os degraus de bicicleta. Caiu, amolgou a bicicleta e magoou-se, e estava à espera que o pai se enfurecesse com ele por ter desobedecido à sua ordem. O pai pegara-lhe ao colo, lavara-lhe as feridas com cuidado, arranjava a bicicleta e, embora Stevie estivesse à espera de uma explosão, ela não surgiu. O pai nunca disse: "Eu avisei-te". Acontecesse o que acontecesse, os pais de Steve estavam sempre do seu lado.

A juíza entrou.

Era uma mulher atraente, branca, com cerca de cinquenta anos, muito pequena e bonita. Trazia vestida uma túnica preta e na mão uma lata de Diet Coke, que pousou na secretária quando se sentou.

Steve tentou ler o seu rosto. Seria ela cruel ou bondosa? Estaria de bom humor ou aborrecida? Seria uma mulher terna, liberal, ou uma amante obsessiva da disciplina, que secretamente desejava poder mandá-los todos para a cadeira elétrica? Olhou para os olhos azuis da juíza, para o seu nariz adunco, para o seu cabelo grisalho. Teria um marido com uma barriga de cerveja, um filho crescido com quem se preocupasse, um neto querido com quem brincava na alcatifa? Ou viveria sozinha num apartamento caro cheio de mobiliário moderno de arestas marcadas? As aulas a que Steve assistira haviam-lhe ensinado algumas das razões teóricas que levavam um juiz a conceder ou a recusar o pagamento de uma caução, mas agora elas pareciam quase irrelevantes. Tudo o que interessava era se aquela mulher era bondosa ou não.

Ela olhou para os prisioneiros.

— Boa tarde — pronunciou. Esta é a audiência para a atribuição da vossa caução.

A sua voz era baixa mas clara, a sua dicção precisa. Tudo nela parecia exato e arrumado, exceto a lata de Coca-Cola, um toque de humanidade que deu a Steve uma certa esperança.

— Todos receberam a lista das vossas acusações?

Todos tinham recebido. Ela prosseguiu, lendo-lhes os seus direitos e como haveriam de arranjar um advogado. Depois disso, acrescentou:

— Quando forem chamados, levantem, por favor, o braço direito. Ian Thompson.

Um prisioneiro levantou a mão.

Ela leu as acusações e as penas a que ele estava sujeito. Parece que Ian Thompson assaltara três casas no bairro elegante de Roland Park. Era um jovem hispânico com o braço ligado e não demonstrou o mínimo interesse pelo seu destino. Parecia que tudo aquilo o aborrecia.

Quando a juíza lhe disse que ele tinha direito a uma audiência preliminar

e a um julgamento com júri, Steve aguardou, ansioso, para ver se o outro poderia pagar a caução.

O agente de investigação criminal levantou-se. Falando muito depressa, disse que Thompson vivia no mesmo endereço já há um ano e que tinha mulher e filho, mas estava desempregado. Também era viciado em heroína e tinha cadastro. Steve não devolveria um homem daqueles à rua. No entanto, a juíza atribuiu-lhe o pagamento de uma caução de vinte e cinco mil dólares. Steve sentiu-se encorajado. Sabia que o acusado teria de entregar apenas dez por cento do valor em dinheiro, por isso Thompson sairia em liberdade se tivesse dois mil e quinhentos dólares. Isso revelava uma certa indulgência.

Seguiu-se uma das garotas. Envolvera-se numa rixa com outra garota e era acusada de ofensa à integridade física. O investigador disse à juíza que ela vivia com os pais e trabalhava na caixa de um supermercado das redondezas. Parecia pouco perigosa, e a juíza atribuiu-lhe uma caução à sua responsabilidade, o que significava que nada tinha a pagar.

Foi outra decisão suave e Steve ficou bastante animado.

A arguida também recebeu ordens para não se aproximar do endereço onde vivia a garota com quem lutara. Talvez ele devesse oferecer-se para se manter afastado de Lisa Hoxton. Não fazia a mínima ideia onde ela vivia nem qual o seu aspecto, mas estava disposto a dizer qualquer coisa que o ajudasse a sair da prisão.

O acusado seguinte era um branco de meia idade que exibira o pênis a senhoras que andavam a fazer compras na secção de higiene feminina de um drugstore. Tinha já um longo cadastro de crimes semelhantes. Vivia sozinho e no mesmo endereço havia já cinco anos. Para surpresa e desagrado de Steve, a juíza não o deixou pagar uma caução.

O homem era pequeno e magro. Steve achou que era um louco inofensivo. Mas talvez aquela juíza, como mulher, fosse particularmente dura nos crimes de natureza sexual.

Ela olhou para a folha e chamou:

— Steve Charles Logan.

Steve levantou o braço. "Por favor, tira-me daqui, por favor".

— É acusado de violação, o que implica uma possível pena de prisão perpétua.

Lá atrás, Steve ouviu a mãe sustar a respiração.

A juíza continuou a ler as outras acusações e penas, e depois o agente de investigação criminal levantou-se. Disse a idade de Steve, o seu endereço e ocupação, e acrescentou que ele não tinha cadastro nem vícios. Steve achou que parecia um cidadão modelo quando comparado à maior parte dos outros acusados. Com certeza a juíza teria reparado nisso.

Quando Purdy terminou, Steve interveio:

— Posso falar, Meritíssima?

— Sim, mas lembre-se de que pode não ser benéfico para si falar-me do crime.

Ele levantou-se.

— Estou inocente, Meritíssima, mas aparentemente tenho umas certas parecenças com o violador, por isso, se me atribuir o pagamento de uma caução, prometo não me aproximar da vítima, se fizesse disso condição.

Com certeza que faria.

Quis pedir-lhe a liberdade, mas todos os discursos eloquentes que fizera na cela foram esquecidos naquele momento, e não se lembrou de nada para dizer. Frustrado, sentou-se.

Atrás dele, o pai levantou-se.

— Meritíssima, sou o pai de Steve, o coronel Charles Logan. Terei todo o gosto em responder às perguntas que quiser fazer-me.

Ela dirigiu-lhe um olhar gelado.

— Isso não será necessário.

Steve perguntou a si mesmo por que motivo não teria a juíza gostado da intervenção do pai. Talvez quisesse apenas deixar bem claro que não ficara impressionada pelo seu posto militar. Talvez quisesse dizer: "Todos são iguais no meu tribunal, independentemente da sua respeitabilidade ou condição social".

O pai voltou a sentar-se. A juíza olhou para Steve.

— Senhor Logan, conhecia a mulher antes de o suposto crime ter ocorrido?

— Nunca nos conhecemos — respondeu Steve.

— Já a vira antes?

Steve calculou que ela desejava saber se ele tinha seguido Lisa Hoxton durante algum tempo antes de a atacar.

— Não posso responder, pois não sei como ela é — retorquiu. A juíza pareceu refletir naquilo durante alguns segundos. Steve teve a sensação de estar pendurado num parapeito apenas pelas pontas dos dedos. Uma palavra sua seria o bastante para o salvar, mas se ela recusasse conceder-lhe a fiança, seria o mesmo que cair no abismo.

Por fim ela falou.

— É-lhe atribuído o pagamento de uma caução de duzentos mil dólares.

Steve foi inundado por uma forte sensação de alívio e todo o seu corpo se descontraíu.

— Graças a Deus — murmurou.

— Não pode aproximar-se de Lisa Hoxton nem ir ao número 1321 de Vine Avenue.

Steve sentiu de novo o pai a apertar-lhe o ombro. Levantou as mãos manietadas e tocou nos dedos ossudos dele.

Sabia que demoraria ainda quase duas horas a ser libertado, mas não se importava muito, agora que tinha a certeza de sair em liberdade. Comería seis Big Meks e dormiria vinte e quatro horas. Queria voltar a dar-se com pessoas que não diziam a palavra "cabrão" em cada frase.

E, para sua surpresa, percebeu que o que mais desejava era telefonar a Jeannie Ferrami.

Quando regressou ao seu gabinete, Jeannie estava furiosa. Maurice Obell era um covarde. Uma jornalista agressiva fizera algumas acusações inexatas, era tudo, mas o homem tremera. E Berrington fora demasiado fraco para a defender com eficácia.

O programa de busca era o seu maior feito. Começara a desenvolvê-lo quando se apercebera de que a investigação da criminalidade não iria longe se não arranjasse maneira de encontrar pessoas para estudar. Demorara três anos a prepará-lo. Era o seu maior feito, sem contar com os torneios de ténis. Se tinha algum talento intelectual específico, era para esse tipo de quebra-cabeças lógico. Embora estudasse a psicologia dos seres humanos imprevisíveis e irracionais, fazia-o através da manipulação de muitos dados em centenas de milhares de indivíduos: o trabalho era estatístico e matemático. "Se o seu programa de busca não prestasse, ela própria não teria o mínimo valor", pensava. "Mais valia desistir e tornar-se hospedeira, como Penny Watermeadow".

Ficou admirada ao ver Annette Bigelow à espera junto ao seu gabinete. Annette era uma aluna do último ano, cujo trabalho Jeannie supervisionava, como parte das suas funções de professora. Agora recordava-se de que na semana anterior Annette lhe entregara a sua proposta de trabalho para o ano letivo, e naquela manhã iria ter uma reunião para discutir o assunto. Jeannie decidiu cancelar a reunião; tinha coisas mais importantes para fazer. Depois viu a expressão ansiosa da jovem e lembrou-se de como aquelas reuniões eram importantes para um aluno; obrigou-se a sorrir.

— Desculpe ter feito esperar — disse. Vamos começar já. Felizmente, lera cuidadosamente a proposta e tomara notas.

Annette pretendia seguir os dados existentes sobre os gêmeos e tentar descobrir se havia correlações nas áreas das opiniões políticas e atitudes morais. Era um aspecto interessante e o seu plano apresentava-se cientificamente lógico. Jeannie sugeriu algumas melhorias e deu-lhe a sua aprovação.

Quando Annette ia saindo, Ted Ransome espreitou à porta.

— Está com cara de quem vai cortar os tomates a alguém! — comentou.

— Fique descansado que não são os teus — retorquiu Jeannie com um sorriso. Entra e bebe um café.

Handwme Ransome era o seu favorito no departamento, um professor que estudava psicologia da percepção, tinha um casamento feliz e dois filhos pequenos. Jeannie sabia que ele a achava bonita, mas o colega nada fazia. Havia um agradável frisson de tensão sexual entre ambos, que nunca ameaçara tornar-se um problema.

Ela ligou a máquina do café ao lado da secretária e falou-lhe do New York Times e de Maurice Obell.

— Mas falta a grande pergunta — terminou. Quem alertou o Times?

— Só pode ter sido a Sophie — respondeu ele.

Sophie Chapple era a outra mulher do departamento de psicologia. Embora estivesse perto dos cinquenta anos, encarava Jeannie como uma rival e demonstrara ter bastante ciúmes desde o início do semestre, queixando-se de tudo, desde as minissaias de Jeannie à maneira como estacionava o carro.

— Ela faria uma coisa dessas? — perguntou Jeannie.

— Num abrir e fechar de olhos.

— Creio que tem razão. Jeannie nunca deixava de se admirar com a mesquinhez dos melhores cientistas. Vira uma vez um grande matemático socar o mais brilhante físico da América só porque ele lhe passara à frente na fila da cafeteria. Talvez lhe pergunte.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Ela irá mentir.

— Mas terá um ar culpado.

— Haverá uma discussão.

— Já há uma discussão.

O telefone tocou. Jeannie atendeu e fez sinal a Ted para servir o café.

— Sim?

— Fala Naomi Freeland. Jeannie hesitou.

— Não sei se devo falar com você.

— Creio que já deixou de utilizar as bases de dados médicas na sua

investigação.

— Não.

— O que quer dizer?

— Que não deixei. Os seus telefonemas suscitarão algumas discussões, mas não foram tomadas quaisquer decisões.

— Recebi um fax do presidente da Jones Falis. A universidade pede desculpa às pessoas cuja vida privada foi devassada e garante que o programa foi suspenso.

Jeannie ficou perplexa.

— Eles publicaram isso?

— Não sabia?

— Vi um rascunho e não concordei com ele.

— Parece que cancelaram o seu programa sem lhe dizerem nada.

— Não podem.

— O que quer dizer?

— Tenho um contrato com esta universidade. Não podem fazer o que muito bem lhes apetece.

— E está-me dizendo que vai continuar, desafiando os seus superiores?

— Aqui não há nenhum desafio. Não têm poder para mandar em mim. Jeannie olhou para Ted. Ele levantou a mão e fez um gesto de negação. "Tinha razão", pensou Jeannie, "aquilo não era maneira de falar com a imprensa". Mudou de tática. Ouça — disse, numa voz mais razoável, você própria afirmou que, neste caso, a devassa da vida privada é potencial.

— Sim...

— E não conseguiu encontrar ninguém disposto a queixar-se do meu programa. No entanto, não lhe faz diferença nenhuma cancelar este projeto.

— Eu não julgo, relato os fatos.

— Sabe do que trata a minha investigação? Estou tentando descobrir o que torna os indivíduos criminosos. Fui a primeira pessoa a lembrar-se de uma maneira prometedora de estudar este problema. Se tudo correr bem, aquilo que eu descobrir fará da América um local melhor para os seus netos

crescerem.

— Não tenho netos.

— É essa a sua desculpa?

— Não preciso de desculpas...

— Talvez não, mas não faria melhor se procurasse um caso de devassa da vida privada pelo qual alguém se interesse verdadeiramente? Isso não seria uma história melhor para o seu jornal?

— Eu é que decido.

Jeannie suspirou. Fizera o melhor que sabia. Cerrando os dentes, tentou terminar a conversa de forma simpática.

— Bom, então boa sorte.

— Obrigada pela sua colaboração, doutora Ferrami.

— Adeus. Jeannie desligou e exclamou: Puta! Ted entregou-lhe uma caneca de café.

— Deduzo que anunciaram que o teu programa foi suspenso.

— Não percebo. O Berrington disse que iríamos discutir as medidas a tomar.

Ted baixou a voz.

— Não conhece o Berry tão bem como eu. Ele é uma víbora, acredita. Eu não o perdia de vista.

— Talvez tenha sido um engano — disse Jeannie, procurando outra possibilidade. Talvez a secretária do Dr. Obell tenha enviado o fax por engano.

— Possivelmente — concordou Ted. Mas aposto tudo na teoria da víbora.

— Acha que devo ligar para o Times e dizer que o meu telefone foi atendido por uma impostora?

Ele riu-se.

— Acho que devia ir ao gabinete do Berry perguntar-lhe se ele quis mesmo mandar o fax antes de falar contigo.

— Boa ideia. Jeannie engoliu o café e levantou-se. Ted aproximou-se da porta.

— Boa sorte. Fico torcendo por você.

— Obrigada. Pensou em beijá-lo no rosto, mas decidiu não o fazer.

Percorreu o corredor e subiu um lance de escadas até ao gabinete de Berrington. A porta estava trancada. Foi ao gabinete da secretária que trabalhava para todos os professores.

— Olá, Julie. Onde está o Berry?

— Hoje não vem, mas pediu-me para marcar uma reunião com você para amanhã.

Raios, o estupor andava a evitá-la. A teoria de Ted estava certa.

— A que horas?

— Que tal às nove e meia?

— Aqui estarei.

Desceu até ao seu andar e entrou no laboratório. Lisa estava junto à bancada, verificando a concentração de DNA de Steve e Dennis nos tubos de ensaio. Misturara dois microlitros de cada amostra com dois mililitros de corante fluorescente. A tinta brilhou em contato com o DNA, e a quantidade de DNA foi indicada pela intensidade do brilho medida pelo fluorômetro, com um mostrador que apresentava o resultado em nanogramas de DNA por microlitro de amostra.

— Como está? — perguntou Jeannie.

— Bem.

Jeannie observou atentamente o rosto da amiga. Ainda estava na fase de negação. A sua expressão era impassiva enquanto se concentrava no trabalho.

— Já falou com a sua mãe?

Os pais de Lisa viviam em Pittsburgh.

— Não quero preocupá-la.

— É para isso que ela lá está. Ligue-lhe.

— Talvez logo à noite.

Jeannie contou-lhe a história da jornalista do New York Times. Lisa ia trabalhando; misturou as amostras de DNA com uma enzima chamada "endonuclease de restrição". Aquelas enzimas destruíam o DNA estranho que podia entrar no corpo. Faziam-no quebrando a molécula longa de DNA em milhares de fragmentos mais pequenos. Aquilo que as tornava de grande utilidade para os engenheiros genéticos era o fato de a endonuclease cortar sempre o DNA no mesmo ponto específico. Dessa forma, podiam comparar-se os fragmentos de duas amostras de sangue. Se fossem condizentes, o sangue era do mesmo indivíduo ou de gêmeos univitelinos. Se os fragmentos fossem diferentes, tinham de vir de indivíduos distintos.

Era como cortar um centímetro na fita de uma cassete com ópera. Fazia-se um corte de cinco minutos em duas cassetes diferentes: se a música em ambos os pedaços de fita fosse um dueto chamado "Si a caso Madama", ambos eram de uma cassete com a gravação de As Bodas de Fígaro. Para evitar que duas óperas diferentes tivessem a mesma sequência de notas num determinado ponto, era necessário comparar diversos fragmentos, não apenas um.

O processo de fragmentação levava várias horas e não podia ser apressado: se o DNA não fosse completamente fragmentado, o teste não resultaria.

Lisa ficou chocada com a história que Jeannie lhe contou, mas não teve a reação que esta esperara. Talvez isso fosse devido a ter sofrido um grande trauma três dias antes, pelo que a crise de Jeannie parecia de muito menor importância, quando comparada.

— Se tiver que abandonar o teu projeto, o que vai estudar? — perguntou Lisa.

— Não faço ideia — respondeu Jeannie. Não me imagino a largar isto.

Compreendeu que Lisa não era capaz de entender o desejo de conhecimento que impelia um cientista. Para ela, uma técnica, um projeto de investigação era praticamente igual a outro.

Jeannie regressou ao seu gabinete e ligou para o Lar Bella Vista Sunset. Com tudo o que se passara na sua vida, tinha-se desleixado em telefonar à mãe.

— Posso falar com a Senhora Ferrami, por favor? A resposta foi

abrupta.

— Estão almoçando. Jeannie hesitou.

— Okay. Então lhe diga que a filha Jeannie telefonou e que eu volto a ligar mais tarde.

— Sim.

Jeannie teve a impressão de que a mulher não estava a tomar nota.

— É J-E-A-N-N-I-E insistiu. A filha.

— Sim, okay.

— Obrigada pela sua atenção.

— Claro.

Jeannie desligou. Tinha de tirar a mãe dali. Ainda não fizera nada para conseguir arranjar explicações para os fins-de-semana.

Olhou para o relógio: passava pouco do meio-dia. Pousou a mão sobre o mouse e olhou para o monitor, mas parecia-lhe que não valia a pena trabalhar numa altura em que o seu projeto podia ser suspenso. Irritada e impotente, decidiu não fazer mais nada naquele dia.

Desligou o computador, trancou a porta do gabinete e saiu do edifício. Ainda tinha o seu Mercedes vermelho. Sentou-se no banco e acariciou o volante com uma reconfortante sensação de familiaridade.

Tentou animar-se. Tinha um pai, o que era um privilégio raro. Talvez devesse passar algum tempo com ele, saborear a novidade. Poderiam ir até ao porto e dar uma volta juntos. Ela poderia comprar-lhe um casaco novo no Brooks Brothers. Não tinha dinheiro, mas pagaria com cartão de crédito. Que se lixasse, a vida era curta!

Sentindo-se melhor, conduziu até casa e estacionou em frente à porta.

— Pai, já cheguei! — gritou, enquanto subia as escadas. Ao entrar na sala, reparou que algo estava diferente. Passado algum tempo, percebeu de que a televisão não estava no lugar. Talvez ele a tivesse levado para o quarto. Foi ver, mas o pai não se encontrava lá. Regressou à sala.

— Oh!, não! — exclamou. O vídeo também desaparecera. Pai, não é possível! A aparelhagem desaparecera e o computador não estava na secretária. Não... não posso acreditar! Correu até ao quarto e abriu a caixa de

jóias. O diamante de um quilate que Will Temple lhe dera tinha desaparecido.

O telefone tocou e ela atendeu-o automaticamente.

— É o Steve Logan — disse a voz do outro lado. Como está?

— Hoje é o pior dia da minha vida — respondeu ela, desatando a chorar.

Steve Logan desligou.

Tomara ducha, fizera a barba, vestira roupa lavada e tinha a barriga cheia com a lasanha que a mãe fizera. Contara aos pais cada pormenor da sua odisseia. Eles haviam insistido para que arranjasse um advogado, embora Steve lhes dissesse que a queixa deveria ser retirada assim que os resultados do teste de DNA saíssem e que iria falar com um advogado na manhã seguinte. Dormira durante o trajeto de Baltimore a Washington no banco de trás do Lincoln Mark VIII do pai, e, embora o sono não compensasse o tempo em que ficara acordado, sentia-se melhor.

E queria ver Jeannie.

Sentira isso antes de lhe telefonar. Agora que sabia em que problemas ela se encontrava metida, estava ainda mais ansioso por vê-la. Queria abraçá-la e dizer-lhe que tudo haveria de resolver-se.

Sentia igualmente que devia haver uma ligação entre os seus problemas e os dela. Tudo começara a correr mal para ambos desde que ela o apresentara ao patrão e Berrington entrara em pânico.

Queria saber mais sobre o mistério das suas origens. Não contara essa parte aos pais. Era demasiado estranha e perturbadora. Mas precisava falar com Jeannie a respeito disso.

Voltou a pegar no telefone para lhe ligar de novo, mas mudou de ideias. Ela iria afirmar que não desejava companhia. As pessoas deprimidas diziam normalmente isso, mesmo quando precisavam de um ombro onde chorar. Talvez devesse aparecer à porta dela e dizer: "Vamos tentar animar-nos".

Foi até à cozinha. A mãe estava lavando a travessa da lasanha com um esfregão de arame. O pai fora ao Pentágono, mas regressaria daí a uma hora. Steve começou a meter a louça suja na máquina.

— Mãe, sei que isto te vai parecer um pouco estranho, mas...

— Vais ver uma garota — disse ela. Steve sorriu.

— Como é que sabe?

— Sou tua mãe, tenho poderes telepáticos. Como é que ela se chama.

— Jeannie Ferrami. Doutora Ferrami.

— Acha que eu sou uma mãe judia? Que devia ficar impressionada por ela ser médica?

— Ela é cientista, não é médica.

— Se já fez o doutoramento, deve ser mais velha do que você.

— Tem vinte e nove.

— Hum. E como é ela?

— Bem, dá nas vistas, sabe, é alta e muito atlética... É uma excelente jogadora de tênis, tem uma grande cabeleira, olhos escuros e um furo no nariz, onde usa uma argola de prata muito fininha, e é... bem, forte, diz aquilo que quer, de forma bastante direta, mas também ri muito, eu já a fiz rir algumas vezes. Mas acima de tudo é... — Procurou a palavra. Tem uma enorme presença. Quando ela está perto, não conseguimos olhar para mais lado nenhum...

A mãe fitou-o durante algum tempo.

— Bola, deu-te forte! — exclamou.

— Bem, não necessariamente... — interrompeu-se. Sim, tem razão, estou louco por ela.

— E ela sente o mesmo?

— Ainda não.

A mãe sorriu com ternura.

— Vai lá, vai vê-la. Espero que ela te mereça. Ele beijou-a.

— Como é que consegue ser tão boa pessoa?

— Prático muito — respondeu a mãe.

O carro de Steve estava estacionado à porta; tinham ido buscá-lo ao complexo universitário de Jones Falis e a mãe fora a conduzi-lo até Washington. Entrou na 1-95 rumo a Baltimore.

Jeannie precisava ser mimada. Dissera-lhe ao telefone que o pai a roubara e que o presidente da universidade a traíra. Precisava de alguém que a animasse, e ele sentia-se apto para fazê-lo.

Enquanto conduzia, imaginou-a sentada no sofá ao seu lado, a rir-se e a

dizer coisas como: "Ainda bem que apareceu, já me sinto muito melhor. Por que não nos despimos e vamos para a cama?"

Parou num centro comercial no Bairro Mount Washington e comprou uma pizza de frutos do mar, uma garrafa de Chardonnay que lhe custou dez dólares, uma caixa de sorvete Ben & Jerry com sabor de frutos tropicais e dez cravos amarelos. A primeira página do Wall Street Journal chamou a sua atenção, por causa de uma caixa sobre a Genético, Inc. Era a empresa que custeava a pesquisa de Jeannie, recordou ele. Parecia que iam ser comprados pela Landsmann, um consórcio alemão. Levou o jornal.

As suas agradáveis fantasias foram toldadas pelo pensamento perturbador de que ela podia ter saído depois do telefonema. Ou que podia estar em casa e não abrir a porta. Ou que tinha visitas.

Ficou satisfeito ao ver o Mercedes 280 C vermelho estacionado junto à porta: ela devia estar em casa. Depois se lembrou de que podia ter saído a pé. Ou de táxi. Ou no carro de um amigo.

Ela tinha um intercomunicador. Steve tocou à campainha e olhou para o bocal, ansioso por ouvir barulho. Não aconteceu nada. Tornou a tocar. Ouviu uns estalidos. O seu coração bateu mais depressa.

— Quem é? — perguntou uma voz irritada.

— O Steve Logan. Vim animá-la. Houve uma longa pausa.

— Steve, não estou com paciência para visitas.

— Pelo menos me deixe dar-lhe estas flores.

Jeannie não respondeu. "Estava com medo", pensou ele, sentindo-se desiludido. Ela dissera que acreditava na sua inocência, mas isso fora quando ele estava atrás das grades. Agora que se encontrava ali à sua porta e ela estava sozinha, não era assim tão fácil.

— Não mudou de ideias a meu respeito, pois não? — perguntou ele. Ainda acha que eu sou inocente? Senão, vou-me embora.

O trinco da porta abriu-se e ele entrou.

Jeannie não conseguia resistir a um desafio, pensou Steve.

Encontrou-se no pequeno vestíbulo com mais duas portas. Uma estava aberta e dava para um lance de escadas. Lá em cima estava Jeannie, com uma camiseta verde-vivo. Acho que é melhor subir disse ela. Não era a mais

entusiástica das boas-vindas, mas sorriu e subiu os degraus, levando as prendas num saco de papel. Foram para uma pequena sala de estar com kitchenete. Notou que ela gostava de preto e branco com algumas cores fortes misturadas. Tinha um sofá preto com almofadas cor de laranja, um relógio azulão numa parede branca, abajours em amarelo-vivo e uma bancada branca na cozinha com canecas vermelhas.

Pousou o saco no balcão da cozinha.

— Olhe, precisa comer qualquer coisa para se sentir melhor — disse, tirando a pizza. E de um copo de vinho para aliviar a tensão. Depois, quando estiver com disposição para se paparicar, pode comer este sorvete mesmo da caixa, não precisa de pô-lo num prato. E, depois de a comida e de a bebida terem desaparecido, ainda fica com as flores. Está vendo?

Ela olhou-o como se ele fosse um marciano.

— E, para além disso — prosseguiu Steve, calculei que precisava de alguém que viesse dizer-lhe que é uma pessoa maravilhosa e especial.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Vá-se foder! — exclamou. Eu nunca choro.

Steve pousou as mãos nos seus ombros. Era a primeira vez que lhe tocava. Devagar, puxou-a para si. Ela não resistiu. Mal conseguindo acreditar na sua sorte, Steve abraçou-a. Ela era quase tão alta como ele. Jeannie encostou a cabeça ao ombro dele e o seu corpo foi percorrido por soluços. Steve fez-lhe festas no cabelo. Era macio e pesado. Ficou com uma ereção e afastou-se ligeiramente, esperando que ela não reparasse.

— Vai ficar tudo bem — disse. Você há-de resolver tudo. Ela continuou nos seus braços durante um longo e delicioso momento. Steve sentiu o calor do seu corpo e inalou o seu cheiro. Perguntou a si próprio se haveria de beijá-la. Hesitou, receando que ela o rejeitasse por causa da pressa. Depois o momento passou e ela afastou-se. Limpou o nariz à bainha da camiseta larga, deixando-o entrever um estômago liso, bronzeado.

— Obrigada — disse ela. Estava precisando de um ombro onde chorar.

Ele ficou desapontado pelo tom casual que ela empregara. Para ele fora um momento muito intenso; para ela, fora apenas o libertar da tensão.

— Faz tudo parte do serviço — retorquiu ele na brincadeira,

arrependendo-se logo de ter falado.

Jeannie abriu um armário e tirou dois pratos.

— Já me sinto melhor. Vamos comer.

Steve empoleirou-se num banco junto ao balcão. Jeannie cortou a pizza e abriu a garrafa. Ele gostou de vê-la mover-se pela casa, de vê-la fechar uma gaveta com a anca, de vê-la a observar o copo de olhos semicerrados para verificar se estava limpo, de vê-la pegar na rolha com dedos compridos e hábeis. Recordou-se da primeira garota por quem se tinha apaixonado. Chamava-se Bonnie e tinha sete anos, a mesma idade que Steve; ele contemplara os seus caracóis louros e os seus olhos verdes e pensara que era um milagre existir alguém tão perfeito ali na escola primária de Spillar Road. Durante algum tempo, fantasiara que ela podia mesmo ser um anjo.

Não achava que Jeannie fosse um anjo, mas possuía certa graciosidade física que o deixava igualmente perturbado.

— Você recupera muito depressa — comentou ela. Da última vez que o vi estava com muito má cara. Foi apenas há vinte e quatro horas, mas parece que já recuperou totalmente.

— Saí-me bem. Tenho um galo na cabeça, porque o detetive Allaston me bateu com ela na parede, e uma grande nódoa negra junto às costelas, onde o Porky Butcher me deu um pontapé hoje às cinco da manhã, mas hei-de ficar bem, desde que não tenha de voltar para aquela maldita prisão. Afastou esse pensamento. Não iria voltar: o teste ao DNA iria eliminá-lo da lista dos suspeitos.

Olhou para os livros dela. Tinha muitos não ficcionais, biografias de Darwin, Einstem e Francis Bacon; algumas escritoras que ele não lera, Eriça Jong e Joyce Carol Oates; cinco ou seis livros de Edith Wharton; alguns clássicos contemporâneos.

— Ei, você tem o meu romance preferido! — exclamou.

— Deixe-me adivinhar: Não Matem a Cotovia. Ele ficou perplexo.

— Como é que soube?

— Ora! O herói é um advogado que desafia o preconceito social para defender um homem inocente. Não é esse o seu sonho? Para além disso, não achei que escolhesse The Women's Roam.

Ele abanou a cabeça, resignado.

— Sabe tanto a meu respeito. Isso perturba-me...

— Qual acha que é o meu livro preferido?

— Isto é um teste?

— Pode crer.

— Oh... hum, o Middlemarch.

— Porquê?

— Tem uma heroína forte e independente.

— Mas ela não faz nada! Não, o livro em que estou pensando não é um romance. Tente outra vez.

Ele abanou a cabeça.

— Um livro... não de ficção. Depois teve um rasgo de inspiração. Já sei. A história de uma descoberta científica brilhante que explica algo de muito importante sobre a vida humana. Aposto que é A Dupla Hélice.

— Muito bem!

Começaram a comer. A pizza ainda estava quente. Jeannie manteve-se em silêncio durante algum tempo, pensativa.

— Hoje meti os pés pelas mãos — afirmou ela. Agora é que vejo. Não devia ter tomado nenhuma posição drástica. Precisava ter dito: "Bom, talvez possamos discutir o assunto, não tomemos decisões precipitadas". Em vez disso, desafiei a universidade e depois piorei as coisas contando à imprensa.

— Você não é mulher para transigir. Ela assentiu.

— Há intransigente e há estúpida. Ele mostrou-lhe o Wall Street Journal.

— Talvez isto explique por que razão o seu departamento é tão sensível à publicidade negativa neste momento. O seu patrocinador vai ser comprado.

Ela olhou para o primeiro parágrafo.

— Cento e oitenta milhões de dólares. Uau! Continuou a ler enquanto comia a pizza. Quando terminou a leitura abanou a cabeça. A sua teoria é interessante, mas não sou da mesma opinião.

— Porquê?

— Era o Maurice Obell que estava contra mim, não o Berrington. Embora ele possa ser traiçoeiro, como já ouvi dizer. Seja como for, não sou assim tão importante. Represento uma pequena fração da investigação que a Genético patrocina. Mesmo que o meu trabalho devassasse a vida privada das pessoas, isso não bastaria para um escândalo que ameaçasse uma venda de milhões de dólares.

Steve limpou os dedos em um guardanapo e pegou na fotografia de uma mulher com um bebê. A mulher tinha cabelo liso e era parecida com Jeannie.

— É sua irmã? — perguntou.

— Sim. A Patty. Já tem três filhos... todos rapazes.

— Eu não tenho irmãos — disse ele. Depois lembrou-se. A menos que conte com Dennis Pinker. O rosto de Jeannie alterou-se e ele comentou: Está a observar-me como se eu fosse um espécime.

— Desculpe. Quer experimentar o sorvete?

— Claro.

Jeannie pôs a caixa em cima da mesa e tirou duas colheres. Isso agradou a Steve. Comer do mesmo prato que ela era um passo na direção de um beijo. Ela comeu com prazer. Ele perguntou a si próprio se faria amor com o mesmo entusiasmo.

Engoliu uma colherada de sorvete.

— Ainda bem que acredita em mim — declarou ele. Os polícias não são da mesma opinião.

— Se você for um violador, a minha teoria vai por água abaixo.

— Mesmo assim, poucas mulheres me teriam deixado entrar em casa esta noite. Especialmente se acreditam que eu tenho os mesmos genes que o Dennis Pinker.

— Hesitei — retorquiu ela, mas você provou que eu estava certa.

— Como?

Ela apontou para os restos do jantar.

Quando o Dennis Pinker se sente atraído por uma mulher, puxa da faca e manda-lhe tirar a calcinha. Você leva-lhe pizza.

Steve riu-se.

— Pode parecer engraçado — disse Jeannie, mas há uma grande diferença.

— Há uma coisa que tem de saber a meu respeito — declarou Steve. Um segredo.

Ela pousou a colher.

— O quê?

— Uma vez, quase matei uma pessoa.

— Como?

Contou-lhe a história da luta com Tip Hendricks.

— É por isso que estou tão preocupado com as minhas origens — concluiu. Não sabe como fiquei quando me disse que os meus pais podem não ser os meus verdadeiros pais. E se o meu verdadeiro pai for um assassino?

Jeannie abanou a cabeça.

— Isso foi uma luta de meninos que deu para o torto. Não faz de si um psicopata. E o outro rapaz? O Tip?

— Foi morto alguns anos mais tarde. Nessa altura vendia droga. Discutiu com o fornecedor e o tipo deu-lhe um tiro na cabeça.

— Ele é que era o psicopata — disse Jeannie. É isso que lhes acontece. Não conseguem viver sem se meter em confusões. Um menino grande e forte como você pode colidir com a lei uma vez, mas sobrevive ao incidente e segue uma vida normal, ao passo que o Dennis vai andar fora e dentro da prisão até alguém o matar.

— Que idade tem, Jeannie?

— Não gostou que eu lhe tenha chamado menino grande e forte.

— Tenho vinte e dois anos.

— E eu vinte e nove. É uma grande diferença.

— Acha que eu sou um menino?

— Olhe, não sei, provavelmente um homem de trinta anos não vinha de Washington até aqui para me trazer uma pizza. Isso foi impulsivo.

— E não gostou?

— Gostei. Ela tocou-lhe na mão. Estou muito contente. Steve continuava sem perceber em que pé estava a relação entre ambos. Mas Jeannie chorara no seu ombro. "Não se chora no ombro de um menino", pensou.

— Quando é que sabe quais são os meus genes? — perguntou. Ela olhou para o relógio.

— A separação já deve estar concluída. A Lisa fará a película de manhã.

— Quer dizer que o teste está pronto?

— Sim.

— Não podíamos ir agora ver os resultados? Estou ansioso por saber se tenho os mesmos genes que o Dennis Pinker.

— Acho que sim — concordou Jeannie. Eu também estou muito curiosa.

— Então, de que estamos esperando?

Berrington Jones tinha um cartão de plástico que abria todas as portas do "Manicômio".

Ninguém sabia. Até os outros professores imaginavam que os seus gabinetes eram seguros. Sabiam que as senhoras da limpeza tinham chaves mestras. E também os seguranças do complexo universitário. Mas nunca ocorrera a ninguém que podia não ser muito difícil obter uma chave que era até dada ao pessoal da limpeza.

Mesmo assim, Berrington nunca se servira da sua chave mestra. A bisbilhotice não era uma coisa digna: não era o seu estilo. Pete Watlington tinha provavelmente fotografias de rapazes nus na gaveta da secretária, Ted Ransorne devia ter escondido algures um pouco de marijuana, Sophie Chapple talvez tivesse um vibrador para aquelas longas e solitárias tardes, mas Berrington não estava interessado em saber essas coisas. A chave mestra era apenas para emergências. E isto era uma emergência.

A universidade ordenara a Jeannie que deixasse de utilizar o seu programa de busca e tinha anunciado ao mundo que ele havia sido suspenso, mas como poderia ele ter a certeza de que isso era verdade? Não conseguia ver as mensagens eletrônicas que passavam pelas linhas telefônicas de um terminal para outro. Durante o dia, incomodara-o a hipótese de ela poder estar a vasculhar outra base de dados. E ninguém podia prever o que iria encontrar.

Por conseguinte, Berrington regressara ao seu gabinete e agora estava sentado à secretária, enquanto o crepúsculo quente ia baixando sobre os edifícios de tijolo vermelho da universidade, batendo ao de leve com o cartão de plástico no mouse e preparando-se para fazer algo que ia contra todos os seus instintos.

A sua dignidade era preciosa. Desenvolvera-a bastante cedo. Quando era o menino mais pequeno da turma, sem um pai que o ensinasse a lidar com os rufiões, a mãe demasiado preocupada em fazer esticar o dinheiro para se incomodar com a felicidade dele, Berrington criara lentamente um ar de superioridade, uma antipatia que o protegia. Em Harvard, estudara furtivamente um colega oriundo de uma família de dinheiro, absorvendo os pormenores dos seus cintos de couro e lenços de linho, dos trajes de tweed e

lenços de caxemira; vira como ele abria o guardanapo e puxava a cadeira às senhoras; admirara-se com o misto de à vontade e deferência com que tratava os professores, o encanto superficial e a frieza subjacente das suas relações com os socialmente inferiores. Na altura em que Berrington começara a tirar o mestrado, toda a gente pensava que ele próprio era da alta burguesia.

E o manto de dignidade era difícil de tirar. Alguns professores eram capazes de despir os casacos e participar num jogo de futebol com um grupo de alunos, mas não Berrington. Os alunos nunca lhe contavam anedotas nem o convidavam para as suas festas, mas também não gracejavam com ele, não falavam durante as suas aulas, nem tão-pouco questionavam as suas notas.

De certa forma, desde a criação da Genético, toda a sua vida fora uma farsa, mas ele ostentara-a com ousadia e bravata. No entanto, não havia nenhuma maneira airosa de entrar no gabinete de outra pessoa e revistá-lo.

Olhou para o relógio. O laboratório já devia estar fechado. A maior parte dos colegas fora-se embora, rumo aos seus lares suburbanos ou ao bar do clube da faculdade. Aquela altura era tão boa como outra qualquer. O edifício nunca estava vazio: os cientistas trabalhavam quando lhes dava a vontade. Se fosse visto, teria de forjar uma boa desculpa.

Saiu do seu gabinete, desceu as escadas e percorreu o corredor até à porta do gabinete de Jeannie. Não havia ali ninguém. Passou o cartão na fenda da máquina e a porta abriu-se. Entrou, acendeu as luzes e fechou a porta atrás de si.

Era o gabinete mais pequeno do edifício. Anteriormente, fora um depósito, mas Sophie insistira maldosamente para que fizessem dele o gabinete de Jeannie, argumentando que era necessária uma sala maior para guardar as caixas com os questionários que o departamento utilizava. Era uma sala estreita com uma pequena janela. No entanto, Jeannie alegrara o espaço com duas cadeiras de madeira pintadas de vermelho, uma pequena palmeira num vaso e uma reprodução de uma gravura de Picasso, uma tourada com tons vivos de amarelo e cor de laranja.

Pegou na fotografia emoldurada que se encontrava na secretária. Era a preto e branco e nela viam-se um homem bem parecido com costeletas e uma gravata larga e uma jovem mulher com uma expressão determinada: os pais de Jeannie nos anos 70, calculou ele. Não havia mais nada em cima da secretária. Era muito arrumada.

Sentou-se e ligou o computador. Enquanto o sistema operativo era carregado, Berrington inspecionou as gavetas. A de cima tinha esferográficas e alguns blocos. Noutra descobriu uma caixa de tampões e um par de meias finas ainda por abrir. Berrington detestava meias finas. Guardava da sua adolescência boas recordações de cintos de ligas e meias com costura. As meias finas também não eram saudáveis, tal como os calções de ciclista em nylon. Se o presidente Proust lhe desse o cargo de diretor nacional de saúde, Berrington tencionava prevenir os cidadãos contra o uso de meias finas. Na outra gaveta havia um espelho de mão e uma escova com alguns dos compridos cabelos de Jeannie nas cerdas; na última encontrava-se um dicionário de bolso e um livro de capa mole chamado "A Thousand Acre". Até ali não havia segredos.

O menu apareceu na tela. Berrington pegou no rato e carregou em "Calendário". As suas reuniões eram previsíveis: preleções e aulas, tempo no laboratório, partidas de ténis, saídas para beber uns copos e ir ao cinema. No sábado iria ao Oriole Park de Camden Yards assistir a um jogo de futebol; Ted Ransome e a mulher recebiam-na para almoçar no domingo; o carro iria para a oficina na segunda. Não havia nenhuma entrada a dizer: "Analisar arquivos médicos". A sua lista de atividades era bastante mundana: "Comprar vitaminas, ligar à Ghita, comprar o presente de aniversário da Lisa, verificar o modem".

Saiu do diário e começou a vasculhar os arquivos. Jeannie guardara milhares de estatísticas em folhas de cálculo. Os arquivos de texto eram mais pequenos: alguma correspondência, modelos de questionários, o rascunho de um artigo. Recorrendo ao "Find", Berrington percorreu todos os arquivos de texto à procura das palavras "Base de dados". Ela surgiu várias vezes no artigo e de novo em três cartas, mas nenhuma lhe dizia onde Jeannie tencionava pôr o seu programa a funcionar.

— Vá lá — disse ele em voz alta, tem de haver qualquer coisa, por amor de Deus!

Jeannie tinha um arquivo, mas lá dentro havia pouca coisa: só ali trabalhava há algumas semanas. Dali a um ano ou dois, estaria repleto de questionários preenchidos, a matéria-prima da investigação psicológica. Num dos arquivos havia algumas cartas recebidas, memorandos noutro, fotocópias de artigos num terceiro.

Num armário vazio encontrou, virada para baixo, uma fotografia emoldurada de Jeannie com um homem alto de barba, ambos em bicicletas junto a um lago. Berrington deduziu que o romance já tinha acabado.

Começava a sentir-se mais preocupado. Estava na sala de uma pessoa organizada, de alguém que planejava as coisas com antecedência. Arquivava as cartas recebidas e guardava cópia de tudo o que enviava. Deveria haver em qualquer sítio algo que indicasse o que pretendia fazer a seguir. Não tinha motivos para guardar segredo disso: até àquele dia, nunca se dissera que ela deveria envergonhar-se de algo. Deveria estar prestes a analisar outra base de dados. A única explicação possível para a ausência de pistas era talvez ela combinar as coisas pelo telefone ou pessoalmente com algum amigo chegado, e, se fosse esse o caso, talvez não encontrasse nada importante na sala.

Ouviu passos no corredor e retraiu-se. Em seguida, ouviu-se um clique quando o cartão foi lido. Berrington olhou, impotente, para a porta. Não podia fazer nada: fora apanhado em flagrante, sentado à secretária dela, com o computador ligado. Não podia fingir que entrara ali por acidente.

A porta abriu-se. Esperou ver Jeannie, mas afinal era o segurança.

O homem conhecia-o.

— Oh!, olá, professor — cumprimentou o guarda. Vi a luz acesa e achei melhor verificar: a doutora Ferrami costuma deixar a porta aberta quando aqui está.

Berrington esforçou-se por não corar.

— Não tem importância — disse. "Nunca peças desculpa, nunca te expliques." Não me esqueço de fechar a porta quando sair.

— Ótimo.

O segurança ficou ali especado, à espera de uma explicação. Berrington continuou de bico calado.

— Bem, então boa noite, professor — disse finalmente o homem.

— Boa noite.

O guarda foi-se embora.

Berrington descontraíu-se. "Não há problema".

Verificou se o modem estava ligado e depois entrou na América On-line

e na caixa de correio eletrônico de Jeannie. O terminal estava programado para dar de imediato a senha dela. Tinha três cartas. Berrington verificou-as todas. A primeira era um aviso sobre o aumento de preços na utilização da Internet. A segunda provinha da Universidade de Minnesota e dizia:

"Vou estar em Baltimore na sexta-feira e gostaria de beber um copo contigo, em memória dos bons velhos tempos. Beijos, Will".

Berrington perguntou a si próprio se Will seria o homem de barba na fotografia, em cima da bicicleta. Fechou a carta e abriu a terceira.

Sentiu um arrepio.

"Vai gostar de saber que esta noite estou correndo o teu programa no arquivo das impressões digitais. Liga-me. Ghita".

Era do FBI.

Filha da mãe sussurrou Berrington. Isto vai dar cabo de nós.

Berrington teve medo de falar ao telefone sobre Jeannie e o arquivo de impressões digitais do FBI. Muitas chamadas eram gravadas pelos serviços secretos. Atualmente, a vigilância era feita por computadores programados para escutar determinadas palavras-chave e expressões. Se alguém dissesse "plutônio", "heroína" ou "matar o presidente", o computador gravava a conversa e alertaria um ouvinte humano. A última coisa que Berrington desejava era que algum bisbilhoteiro da CIA se perguntasse por que motivo o senador Proust estaria tão interessado nos arquivos de impressões digitais do FBI.

Por conseguinte, meteu-se no Lincoln Town Car prateado e percorreu o percurso entre Baltimore e Washington a cento e quarenta. Andava muitas vezes em excesso de velocidade. Na verdade, sentia-se impaciente perante todos os tipos de regras. Isso era uma contradição, como muito bem reconhecia. Odiava manifestantes, toxico-dependentes, homossexuais, feministas, músicos de rock e todos os não-conformistas que zombavam das tradições americanas. No entanto, e simultaneamente, não suportava que lhe dissessem onde podia estacionar o carro, quanto devia pagar aos empregados ou quantos extintores deveria ter no laboratório.

Enquanto conduzia, perguntou-se como estariam os contactos de Jim Proust com a comunidade de serviços secretos. Seria apenas um grupo de velhos soldados que se sentavam a contar histórias acerca de como tinham feito chantagem com os protestantes antibélicos ou haviam assassinado presidentes sul-americanos? Ou estariam em boa forma? Continuariam a ajudar-se, tal como na Máfia, encarando a retribuição de um favor quase como uma obrigação religiosa? Ou teriam esses dias acabado? Já há muito que Jim saíra da CIA; talvez ele próprio não soubesse.

Era tarde, mas Jim esperava por Berrington no seu gabinete do Capitólio.

— O que raio se passou que não podia me contar ao telefone? — perguntou ele.

Ela está prestes a fazer correr o programa de computador no arquivo de impressões digitais do FBI.

Jim empalideceu.

— E isso resultará?

— Se resultou nos registros dentários, por que não havia de resultar nas impressões digitais?

— Deus do Céu! — exclamou Jim, acalorado.

— Quantas impressões digitais há no arquivo?

— Mais de vinte milhões de pares, se não me falha a memória. Não podem ser todos criminosos. Haverá assim tantos na América?

— Não sei, talvez tenhamos também as impressões digitais dos mortos. Concentra-te, Jim, por amor de Deus. Podes impedir que isto aconteça?

— Quem é o contato dela no FBI?

Berrington entregou-lhe a folha onde imprimira o E-mail de Jeannie. Enquanto Jim o lia, Berrington olhou em volta. Nas paredes do gabinete, Jim tinha fotografias suas com todos os presidentes americanos desde Kennedy. Havia um capitão Proust uniformizado ao lado de Lyndon Johnson; um major Proust, ainda com a cabeça cheia de cabelo louro liso, a apertar a mão a Dick Nixon; um coronel Proust olhando funestamente para Jimmy Cárter; um general Proust a partilhar uma piada com Ronald Reagan, ambos a rir a bandeiras despregadas; Proust de terno e gravata, diretor da CIA, embrenhado numa conversa com George Bush; e o senador Proust, já careca e de óculos, a apontar o dedo para Bill Clinton. Também fora fotografado dançando com Margaret Thatcher, a jogar golfe com Bob Dole e a andar a cavalo com Ross Perot. Berrington tinha algumas fotografias, mas Jim possuía uma galeria completa. Quem tentaria ele impressionar? A si próprio, provavelmente. Ver-se na companhia dos homens mais poderosos do mundo dizia a Jim que ele era importante.

— Nunca ouvi falar na Ghita Sumra — disse Jim. Não deve ter um grande cargo.

— Quem é que conhece no FBI? — retorquiu Berrington, impaciente.

— Já ouviu falar nos Creane? David e Hilary? — Berrington abanou a cabeça.

— Ele é diretor-adjunto e ela uma alcoólica em recuperação. Têm cerca de cinquenta anos. Há dez anos, quando eu era diretor da CIA, o David

trabalhou para mim na Direção Diplomática, pondo sob escuta todas as embaixadas e secções de espionagem. Gostei dele. Bom, uma tarde, a Hilary embebedou-se e foi passear no seu Honda Civic, matando uma menina negra de seis anos em Beulah Road, em Springfield. Ela não se deteve, parou mais tarde num centro comercial e ligou para Dave, que estava em Langley. Ele foi buscá-la no Thunderbird, levou-a para casa e depois informou a Polícia de que o Honda tinha sido roubado.

— Mas algo correu mal.

— Uma testemunha do atropelamento estava certa de que o carro era conduzido por uma mulher de meia-idade e um detetive teimoso sabia que as mulheres não costumam roubar carros. A testemunha identificou Hilary e ela acabou por confessar.

— O que aconteceu?

— Fui falar com o promotor público. Ele queria prendê-los. Garanti-lhe que era um assunto de segurança nacional e persuadi-o a retirar a queixa. A Hilary começou a ir aos Alcoólicos Anônimos e não voltou a beber.

— E o Dave foi para o FBI e saiu-se muito bem.

— E pode crer que é a mim que o deve.

— Será que ele pode travar essa Ghita?

— É um dos nove diretores-adjuntos que reporta ao diretor-geral. Não manda na divisão das impressões digitais, mas é uma pessoa poderosa.

— Mas será ele capaz?

— Não sei! Vou perguntar, okay, Se puder ser, ele fá-lo-á por mim.

— Está bem, Jim — disse Berrington. Pega no telefone e pergunta-lhe.

Jeannie acendeu as luzes do laboratório de psicologia, entrou e Steve seguiu-a.

— A linguagem genética tem quatro letras — disse ela. A, C, G e T.

— Por que essas quatro?

— Adenina, citosina, guanina e timina. São os compostos químicos ligados aos filamentos centrais mais compridos da molécula do ADN. Formam palavras e frases, tais como "coloca cinco dedos nos pés".

— Mas o DNA de toda pessoa deve dizer "coloca cinco dedos nos pés".

— Boa questão. O seu DNA é parecido com o meu e com o de quase toda pessoa no mundo. Temos muito em comum com os animais, porque eles são feitos das mesmas proteínas que nós.

— Então como é que consegue saber a diferença entre o meu ADN e o do Dennis?

— Entre as palavras há pedaços que nada significam, são apenas conversa fiada. São como os espaços numa frase. Chamam-se "nucleotídeos". No entanto, entre "cinco" e "dedos", pode encontrar-se um nucleotídeo como TATAGAGACCCC repetido.

— Toda pessoa tem TATAGAGACCCC?

— Sim, mas o número de repetições varia. Onde você tem trinta e um nucleotídeos TATAGAGACCCC entre "cinco" e "dedos", eu posso ter duzentos e oitenta e sete. Não importa quantos você tem, porque o nucleotídeo nada significa.

— Como é que compara os meus nucleotídeos aos do Dennis? Ela mostrou-lhe uma placa retangular com o tamanho e a forma de um livro.

— Através da eletroforese. Cobrimos esta placa com gel, abrimos algumas fendas na parte de cima e colocamos algumas gotas do seu ADN e do de Dennis nas fendas. Depois pomos a placa aqui. Na bancada havia um pequeno tanque de vidro. Passamos corrente elétrica pelo gel durante algumas horas. Isso faz com que os fragmentos de ADN escorram pelo gel em linhas retas. Mas os fragmentos pequenos escorrem mais depressa do que

os maiores, por isso o seu fragmento, com trinta e um nucleotídeos, irá chegar lá abaixo mais depressa do que o meu, com duzentos e oitenta e sete.

— Como consegue ver a distância que eles percorreram?

— Usamos didesoxinucleótidos. Eles ligam-se a determinados nucleotídeos, mas impedem a continuação da cadeia. Imagine que temos um nucleotídeo que atrai o TATAGAGACCCC. Mostrou-lhe um farrapo semelhante a um pano da louça. Pegamos numa membrana de nylon encharcada em brometo de etídio e pousamo-la sobre o gel, de modo que esborrate os fragmentos. O brometo também é fluorescente sob luz ultravioleta, por isso aparece nas películas fotográficas. Olhou para outro tanque. Estou vendo que a Lisa já colocou o nylon sobre as películas. Observou o trabalho. Creio que já se formou um padrão. Só precisamos é fixar a película.

Steve tentou ver a imagem na película enquanto ela a lavava numa taça com um produto químico e a enxaguava na torneira. A sua história estava escrita naquela página, mas ele apenas conseguia ver no plástico um padrão semelhante a umas escadas. Por fim ela secou-o e prendeu-o a uma caixa com luz, semelhante às que serviam para ver radiografias.

Steve observou a película. O filme tinha riscos direitos de alto a baixo, cada um com cerca de quatro milímetros, semelhantes a bandas cinzentas. As bandas estavam numeradas na parte de baixo da película de um a dezoito. No interior das bandas havia pequenos traços pretos semelhantes a hífen. Aquilo nada significava para ele.

— Os traços pretos indicam a distância que os seus fragmentos percorreram ao longo das bandas — disse Jeannie.

— Mas há dois traços pretos em cada banda.

— Isso é porque você tem dois segmentos de DNA, um do seu pai e outro da sua mãe.

— Claro. A dupla hélice.

— Exato. E os seus pais tem nucleotídeos diferentes. Consultou uma folha com apontamentos e depois olhou para ele. Tem a certeza de que está pronto para isto... independentemente do resultado?

— Sim.

— Okay. Ela voltou a olhar para baixo. A banda três é o seu sangue.

Havia dois traços separados cerca de dois centímetros a meio da película.

— A banda quatro serve de controle. Provavelmente é do meu sangue ou do da Lisa. Os traços devem estar numa posição completamente diferente.

— E estão. Encontravam-se muito juntos, mesmo ao fundo da película, perto dos números.

— A banda cinco é do Dennis Pinker. Os traços estão na mesma posição dos seus ou numa diferente?

— Na mesma — respondeu Steve. São igualzinhos.

— Steve — disse ela, olhando-o, vocês são gêmeos. Ele não queria acreditar.

— Há alguma hipótese de erro?

— Claro — respondeu Jeannie. Há uma possibilidade em cem de dois indivíduos não relacionados poderem ter um fragmento idêntico de DNA materno ou paterno. Normalmente, testamos quatro fragmentos diferentes, utilizando nucleotídeos distintos. Isso reduz a hipótese para um em cem milhões. A Lisa vai fazer mais três testes: cada um demora meio dia. Mas eu sei qual vai ser o resultado. E você também, não é verdade?

— Acho que sim — respondeu Steve com um suspiro. Parece-me melhor começar a acreditar nisto. De onde raio vim?

Jeannie ficou pensativa.

— Você disse uma coisa que eu não esqueci: "Não tenho irmãos nem irmãs". Por aquilo que me disse dos seus pais, eles parecem do gênero de ter a casa cheia de filhos, três ou quatro.

— Tem razão — disse Steve. Mas a minha mãe teve dificuldade em engravidar. Tinha trinta e três anos e já estava casada com o meu pai há dez quando eu nasci. Escreveu um livro sobre isso: O Que Fazer Quando não Consegue Engravidar. Foi o primeiro best-seller dela. Com o dinheiro, comprou uma casa de Verão na Virgínia.

— A Charlotte Pinker tinha trinta e nove quando o Dennis nasceu. Aposto que também teve dificuldade em engravidar. Será que isso é importante?

— Como?

— Não sei. A sua mãe fez algum tratamento especial?

— Nunca li o livro. Quer que lhe telefone?

— Importa-se?

— Também já está na altura de lhes perguntar que mistério é este.

Jeannie apontou para uma secretária.

— Use o telefone da Lisa.

Ele ligou para casa. A mãe atendeu.

— Olá, mãe.

— Ela ficou contente por te ver?

— A princípio não, mas ainda estou com ela.

— Então não te odeia. Steve olhou para Jeannie.

— Não me odeia, mãe, mas acha que eu sou muito novo.

— Ela está ouvindo?

— Sim, e acho que estou a deixá-la pouco à vontade pela primeira vez. Mãe, estamos no laboratório e temos aqui um quebra-cabeças. Parece que o meu DNA é igual ao do outro rapaz que ela está estudando, um tipo chamado Dennis Pinker.

— Não pode ser o mesmo... para isso teriam de ser gêmeos verdadeiros.

— E isso só seria possível se eu tivesse sido adotado.

— Steve, não foi adotado, se é o que está pensando. E não teve nenhum irmão gêmeo. Só Deus sabe se eu teria aguentado outro igual a você.

— Não fez nenhum tratamento de fertilidade antes de eu nascer?

— Sim, fiz. O médico recomendou-me um local em Filadélfia onde várias mulheres de outros oficiais também já tinham ido. Chamava-se Clínica Aventine. Fiz um tratamento hormonal.

Steve repetiu a informação a Jeannie e ela tomou nota num bloco de recados.

— O tratamento resultou — prosseguiu a mãe, e aí está você, o fruto de todo esse esforço, em Baltimore, a chatear uma mulher bonita que é sete anos

mais velha do que você, em vez de estar aqui em Washington a tomar conta da tua velha mãe cheia de cabelos brancos.

Steve riu-se.

— Obrigado, mãe.

— Steve?

— Ainda aqui estou.

— Não venha tarde. Amanhã de manhã tem de falar com um advogado. Havemos de te tirar desta embrulhada antes de começar a preocupar-se com o teu DNA.

— Não vou tarde. Até logo. Desligou.

— Vou ligar à Charlotte Pinker — disse Jeannie. Espero que ela não esteja já na cama. Folheou a agenda circular Rolodex de Lisa e marcou o número. Passado algum tempo começou a falar. Olá, Senhorita Pinker, fala a doutora Ferrami, da Universidade Jones Falis. Estou bem, obrigada, e a senhora? Espero que não se importe com mais uma pergunta... Bem, isso é muito simpático da sua parte. Sim... Antes de ficar grávida do Dennis, fez algum tratamento de fertilidade? Houve uma longa pausa, depois o rosto de Jeannie iluminou-se de excitação. Em Filadélfia? Sim, já ouvi falar. Tratamento hormonal. Isso é muito interessante e deu-me uma grande ajuda. Mais uma vez, obrigada. Adeus. Pousou o auscultador no descanso. Bingo! A Charlotte foi à mesma clínica.

— Isso é fantástico — comentou Steve. Mas o que significa?

— Não faço ideia — respondeu Jeannie. Tornou a pegar no telefone e ligou o 411. Boa noite, como é que posso saber um número de Filadélfia? Obrigada. Tornou a marcar. Queria o número de telefone da Clínica Aventine, por favor. Houve uma pausa. Ela olhou para Steve e disse: Provavelmente já fechou há muitos anos.

Ele fitou-a, hipnotizado. O seu rosto irradiava entusiasmo e a sua mente galopava. Estava linda. Steve desejou poder fazer mais para a ajudar.

De súbito, ela pegou num lápis e tomou nota de um número.

— Obrigada! — disse para o bocal. Desligou. Ainda existe! Steve ficou animado. O mistério dos seus genes podia estar prestes a ser resolvido.

— Registros — disse. A clínica deve ter registros. Talvez lá haja alguma

pista.

— Tenho de lá ir — declarou Jeannie. Franzio o sobrolho, pensativa. Tenho uma autorização assinada pela Charlotte Pinker... Pedimos a todos os entrevistados que o façam... Autorização que me permite ver os registros médicos. Acha que a sua mãe me assina uma esta noite e ma envia por fax para a Universidade Jones Falis?

— Claro.

Ela tornou a discar, apertando as teclas com impaciência.

— Boa noite, é da Clínica Aventine? Tem algum gerente da noite de serviço? Obrigada.

Mais uma longa pausa. Jeannie batia, impaciente, com o lápis na mesa. Steve observava-a com uma expressão de adoração. No que lhe dizia respeito, aquilo podia durar a noite toda.

— Boa noite, Senhor Ringwood, fala a doutora Ferrami, do departamento de psicologia da Universidade Jones Falis. Dois dos casos que estou estudando são de pessoas que foram à sua clínica há vinte e três anos e seria uma grande ajuda se eu pudesse ver as suas fichas médicas. Disponho das suas autorizações, e posso enviar-lhas previamente por fax... Isso seria uma ajuda preciosa. Amanhã seria cedo de mais? Que tal pelas duas da tarde?... Foi muito amável. Obrigada. Boa noite.

— Clínica de fertilidade — disse Steve, pensativo. Por acaso não terei lido, naquele artigo do Wall Street Journal, que a Genético é dona de clínicas de fertilidade?

Jeannie olhou para ele, boquiaberta.

— Oh!, meu Deus — murmurou. É claro que sim.

— Haverá alguma ligação?

— Aposto que sim — respondeu Jeannie.

— Se houver, então...

— Então o Berrington Jones deve saber muito mais a seu respeito e a respeito do Dennis do que aquilo que dá a entender.

"Fora um dia terrível, mas acabara bem", pensou Berrington enquanto saía da ducha.

Olhou-se ao espelho. Estava em excelente forma para cinquenta e nove anos: elegante, direito, com a pele ligeiramente bronzeada e um estômago quase liso. Os seus pêlos púbicos eram escuros, mas isso era porque ele os tingia para se ver livre dos incômodos grisalhos. Era importante poder tirar a roupa em frente de uma mulher sem apagar as luzes.

Começara o dia a pensar que já tinha arrumado Jeannie Ferrami, mas ela mostrara-se mais dura do que ele julgara. "Não voltarei a subestimá-la", pensou.

Quando regressava de Washington, passara pela casa de Preston Barck, a fim de pô-lo ao corrente dos últimos acontecimentos. Como habitualmente, Preston mostrara-se ainda mais preocupado e pessimista do que a situação exigia. Afetado pela disposição de Preston, Berrington seguira para casa bastante taciturno, mas quando lá chegara, o telefone estava tocando e Jim, falando num código improvisado, confirmara que David Creane impediria o FBI de colaborar com Jeannie. Prometera fazer os telefonemas necessários naquela noite.

Berrington limpou-se a uma toalha e vestiu um pijama de algodão azul e um roupão branco às riscas azuis. Marianne, a governanta, tinha folga nessa noite, mas havia um guisado na geladeira: frango à provençal, de acordo com o bilhete que ela escrevera na sua letra cuidada e infantil. Colocou-o no forno e serviu-se de um copo de uísque de malte Springbank. Quando bebeu o primeiro gole, o telefone tocou.

Era a sua ex-mulher, Vivvie.

— O Wall Street Journal diz que vai ficar rico — comentou ela. Ele imaginou-a, uma loura elegante de sessenta anos, sentada no jardim da sua casa da Califórnia, vendo o Sol a pôr-se no Oceano Pacífico.

— Presumo que queira voltar para mim...

— Pensei nisso, Berry. Pensei seriamente nisso durante os últimos dez segundos. Depois percebi que cento e oitenta milhões de dólares não eram

suficientes.

Aquilo fê-lo rir-se.

— A sério, Berry, sinto-me feliz por ti.

Sabia que ela estava sendo sincera. A ex-mulher era abastada. Depois de deixá-lo, entrara no negócio imobiliário em Santa Bárbara e dera-se bem.

— Obrigado.

— O que vai fazer com o dinheiro? Deixá-lo ao rapaz? O filho de ambos andava a estudar contabilidade.

— Ele não vai precisar, pois irá fazer fortuna como contabilista. Talvez dê algum ao Jim Proust. Ele vai candidatar-se a presidente.

— E o que receberá em troca? Quer ser o embaixador americano em Paris?

— Não, mas diretor nacional de saúde não me desagradaria.

— Bolas, Berry, estás mesmo falando a sério! No entanto, acho que não devia dizer muita coisa ao telefone.

— É verdade.

— Tenho de desligar, o meu namorado acabou de tocar à campainha. Até a uma, Montezuma! Era uma velha piada da família.

Ele deu a resposta:

— Não demoro, comodoro. Desligou o telefone.

Achou um pouco deprimente o fato de Vivvie ir sair com um namorado (não fazia a mínima ideia de quem seria) enquanto ele ficava sozinho em casa com o seu uísque. Para além da morte do pai, o outro maior desgosto da sua vida fora quando Vivvie o abandonara. Não a culpava por isso: ele fora-lhe bastantes vezes infiel. Mas amara-a, e ainda sentia a sua falta, treze anos após o divórcio. O fato de a culpa ser sua deixava-o ainda mais triste.

Aquela conversa telefônica recordara-o do quanto se tinham divertido nos bons velhos tempos.

Ligou a televisão e assistiu a Prime Time Live enquanto aquecia o jantar. A cozinha encheu-se com a fragrância das ervas que Marianne usava. Era uma excelente cozinheira. Talvez isso se devesse ao fato de a Martinica ter sido uma colônia francesa.

Quando estava tirando a comida do forno, o telefone voltou a tocar. Daquela vez era Preston Barck. Parecia abalado.

— Acabei de falar com o Dick Minsky, de Filadélfia — disse. A Jeannie Ferrami combinou com ele ir à Clínica Aventine amanhã.

Berrington sentou-se pesadamente.

— Deus do Céu! Como raio é que ela descobriu a clínica?

— Não sei. O Dick não estava lá e o gerente da noite é que tomou nota do recado. Mas parece que ela disse que algumas das pessoas que andava estudando tinham feito tratamentos lá já há alguns anos e que desejava ver as suas fichas médicas. Prometeu enviar por fax as autorizações e disse que iria aparecer às duas da tarde de amanhã. Ainda bem que o Dick se lembrou de telefonar por causa de outra coisa qualquer e o gerente comentou o assunto com ele.

Dick Minsky fora uma das primeiras pessoas que a Genético contratara, nos anos 70. Na altura, trabalhara na sala de correios; agora era diretor-geral das clínicas. Nunca pertencera ao círculo fechado (só Jim, Preston e Berrington poderiam pertencer a esse clube), mas tinha conhecimento de que o passado da companhia ocultava alguns segredos. A discrição fazia parte das suas funções.

— O que disse ao Dick para fazer?

— Cancelar a reunião, é claro. E se, mesmo assim, ela aparecer, deverá mandá-la embora. Dizer-lhe que não pode ver as fichas.

Berrington abanou a cabeça.

— Isso não chega.

— Porquê?

— Porque vai deixá-la ainda mais curiosa. Tentará arranjar outra forma de chegar às fichas.

— Como?

Berrington suspirou. Às vezes, Preston não tinha a mínima imaginação.

— Bom, se eu fosse ela, ligaria para a Landsmann, falaria com a secretária do Michael Madigan e sugeriria que ele desse uma olhadela às fichas de há vinte e três anos da Clínica Aventine antes de fechar negócio.

Isso iria pô-lo a fazer perguntas, não acha?

— Então, o que sugere? — perguntou Preston, mal humorado.

— Acho que vamos ter de rasgar todas as fichas dos anos setenta.

Houve um momento de silêncio.

— Berry, aqueles registros são únicos. Cientificamente, não têm preço...

— Acha que eu não sei isso? — retorquiu Berrington.

— Tem de haver outra forma.

— Berrington suspirou. Sentia-se tão relutante como Preston. Imaginara que um dia, dali a muitos anos, alguém iria escrever a história das suas experiências pioneiras e a sua ousadia e brilhantismo científico seriam revelados ao mundo. Ficaria com o coração destroçado ao ver as provas históricas serem eliminadas daquela forma culpada e furtiva. Mas agora era inevitável.

— As fichas serão uma ameaça enquanto existirem. Têm de ser destruídas. E é melhor que o sejam imediatamente.

— O que diremos aos empregados?

— Eu sei lá, Preston, que merda! Inventa qualquer coisa, por amor de Deus! Diz que é a nova estratégia empresarial de tratamento de documentos. Desde que eles comecem logo a rasgá-los de manhã, não me interessa o que lhes disseres.

— Acho que tem razão. Okay, vou já ligar ao Dick. Telefona ao Jim para informá-lo?

— Claro.

— Adeus.

Berrington discou o número de casa de Jim Proust. A esposa, uma mulher delicada com ar oprimido, atendeu e passou a chamada a Jim.

— Já estou na cama, Berry. O que raio aconteceu agora? Começavam os três a ficar muito resmungões.

Berrington contou-lhe o que Preston dissera e as medidas que haviam decidido tomar.

— Boa jogada — comentou Jim. Mas não chega. Essa Ferrami pode

descobrir-nos de outras formas.

Berrington sentiu um espasmo de irritação. Nunca nada chegava para Jim. Independentemente do que se propusesse, ele havia sempre de querer medidas mais drásticas, mais extremas. Depois, reprimiu a sua irritação. "Daquela vez, Jim tinha razão", pensou. "Jeannie demonstrara ter o faro de um perdigueiro, sem parada na perseguição de um odor. Um percalço não bastaria para detê-la".

— Concordo — disse ele a Jim. E o Steve Logan já saiu da prisão, pelo que me disseram hoje. Por isso, ela não está completamente sozinha. Temos de demovê-la.

— É preciso pregar-lhe um valente susto.

— Jim, por amor de Deus...

— Eu sei que fraqueja sempre perante estas coisas, mas elas têm de ser feitas.

— Esquece.

— Olha...

— Tenho uma ideia melhor, Jim, se me der um minuto da tua atenção.

— Okay, estou ouvindo.

— Vou despedi-la.

Jim pensou durante algum tempo.

— Não sei... Acha que isso chega?

— Claro. Olha, ela imagina que deparou com uma anomalia biológica. É o tipo de coisa que pode fazer a carreira de um jovem cientista. Ela não tem a mínima ideia do que está por trás de tudo: acha que a universidade tem medo da publicidade negativa. Se perder o emprego, não terá como prosseguir a investigação nem motivo para continuá-la. Para além disso, andará muito ocupada à procura de emprego. Eu sei que precisa de dinheiro.

— Talvez tenha razão.

Berrington ficou desconfiado. Jim concordara demasiado depressa.

— Não pretende fazer nada, pois não? — perguntou. Jim fugiu à pergunta.

— Consegue fazer isso, despedi-la?

— Claro.

— Mas na terça-feira disse-me que aquilo é uma universidade, não o exército.

— É verdade, não basta gritar às pessoas para elas fazerem o que quer, mas já estou no mundo acadêmico há quarenta anos e sei como funciona a engrenagem. Quando é necessário, posso livrar-me de um professor assistente sem o menor esforço.

— Okay.

Berrington franziu o sobrolho.

— Estamos juntos nisto, não é verdade, Jim?

— É.

— Okay. Dorme bem.

— Boa noite.

Berrington desligou. O frango à provençal já estava frio; jogou-o no caixote do lixo e foi-se deitar.

Ficou acordado durante bastante tempo, a pensar em Jeannie Ferrami. Às duas da manhã levantou-se e tomou um Dalmane. Por fim, conseguiu adormecer.

29

Estava uma noite quente em Filadélfia. No prédio, todas as portas e janelas se encontravam abertas: nenhum dos apartamentos tinha ar condicionado. Os sons da rua subiam até ao apartamento 5-A, no último andar: buzinas, risos, excertos de música. Sobre uma mesa de pinho barata, riscada e com queimadelas de cigarro, o telefone tocava.

Ele atendeu.

— É o Jim — disse uma voz semelhante a um latido.

— Olá, tio Jim, como vai isso?

— Estou preocupado com você.

— Então porquê?

— Sei o que aconteceu no domingo à noite. Ele hesitou, sem saber o que responder.

— Prenderam outra pessoa.

— Mas a namorada dele acha-o inocente.

— E então?

— Amanhã ela vai a Filadélfia.

— Para quê?

— Não sei bem. Mas acho que ela é um perigo.

— Merda!

— Pode querer fazer-lhe qualquer coisa.

— O quê?

— É contigo.

— Como é que a encontro?

— Conhece a Clínica Aventine? Fica no teu bairro.

— Claro, é na Chestnut, passo lá todos os dias.

— Ela estará lá amanhã às duas da tarde.

— Como é ela?

— Alta, cabelo escuro, uma argola no nariz, com cerca de trinta anos.

— Há muitas mulheres assim.

— Provavelmente vai num velho Mercedes vermelho.

— Isso já reduz as probabilidades.

— Agora, não se esqueça de que o outro tipo saiu por ter pago a caução. Ele franziu o sobrolho.

— E então?

— Então, se ela tiver um acidente, depois de ter sido vista contigo...

— Já percebi. Vão pensar que foi ele.

— Sempre foi muito rápido de raciocínio, meu rapaz. Ele soltou uma gargalhada.

— E você sempre foi muito maldoso, tio.

— Só mais uma coisa.

— Estou a ouvir.

— Ela é linda. Por isso, aproveita.

— Adeus, tio Jim. E obrigado.

QUINTA-FEIRA

30

Jeannie voltou a sonhar com o Thunderbird.

A primeira parte do sonho era algo que realmente acontecera, quando tinha nove anos e a irmã seis, e o pai estava, por pouco tempo, vivendo com elas. Naquela altura, tinha muito dinheiro (só mais tarde é que Jeannie percebeu que ele o devia ter obtido num assalto). Levou para casa um Ford Thunderbird novo, azul-turquesa, com bancos da mesma cor, o carro mais bonito que uma criança de nove anos podia imaginar. Foram todos dar um passeio, Jeannie e Patty à frente entre os pais. Quando seguiam pelo George Washington Memorial Parkway, o pai pusera Jeannie ao colo e deixara-a pegar no volante.

Na vida real, ela metera o carro na faixa da esquerda e assustara-se quando um carro que tentava ultrapassar apitou ruidosamente. O pai voltara a encostar o Thunderbird à direita. Mas no sonho o pai não estava lá, ela conduzia sem ajuda, a mãe e Patty estavam imperturbáveis ao seu lado, apesar de saberem que ela não conseguia ver para lá do painel, e Jeannie apertava o volante cada vez com mais força, à espera de uma colisão, enquanto os outros carros buzonavam cada vez mais.

Jeannie acordou com as unhas enterradas nas palmas das mãos e com o ruído insistente da campainha nos ouvidos. Eram seis da manhã. Ficou imóvel durante algum tempo, saboreando o alívio que a invadia ao aperceber-se de que aquilo não passara de um sonho. Depois levantou-se e pegou no telefone do intercomunicador.

— Quem é?

— A Ghita. Acorda e deixa-me entrar.

Ghita vivia em Baltimore e trabalhava na sede do FBI em Washington. Devia ir a caminho, pensou Jeannie. Apertou o botão do trinco.

Vestiu uma camiseta enorme que lhe chegava aos joelhos: era suficientemente decente para uma amiga. Ghita subiu as escadas: era a

imagem de uma jovem executiva em ascensão, com um traje de linho azul-escuro, o cabelo preto apanhado, pequenos brincos, enormes óculos e o New York Times debaixo do braço.

— O que raio se passa? — perguntou ela sem preâmbulos.

— Não sei — respondeu Jeannie, acabei de acordar. Iria receber más notícias, por aquilo que estava vendo.

— O meu chefe ligou-me ontem à noite para casa e proibiu-me de ter alguma coisa a ver contigo.

— Não! Precisava dos resultados do FBI para provar que o seu método resultava, apesar do quebra-cabeças de Steve e Dennis. Raios! E ele explicou porquê?

— Afirma que os teus métodos devassam a vida privada das pessoas.

— Não é nada normal o FBI preocupar-se com esse tipo de coisas.

— Parece que o New York Times é da mesma opinião. Ghita estendeu o jornal a Jeannie. Na primeira página havia um artigo intitulado: "Ética de investigação genética: dúvidas, medos e uma contenda".

Jeannie desconfiou que a "contenda" fosse uma alusão à sua situação, e não se enganou.

"Jean Ferrami é uma jovem determinada. Contra a vontade dos seus colegas professores e do presidente da Universidade Jones Falis, em Baltimore, Maryland, ela insiste teimosamente em continuar a vasculhar registos médicos, à procura de gêmeos.

"Eu tenho um contrato", disse ela. "Não podem dar-me ordens". E as dúvidas acerca da ética do seu trabalho não a demovem".

Jeannie sentiu um aperto no estômago.

— Meu Deus, isto é horrível!

A notícia saltava para outro assunto, a pesquisa feita com embriões humanos, e teve de virar para a página dezenove até encontrar outra referência à sua pessoa.

"Surgiu uma nova dor de cabeça para a administração universitária provocada pelo caso da Dr^a. Jean Ferrami, do departamento de psicologia da Jones Falis. Embora o presidente da universidade, o Dr. Maurice Obell, e o

principal psicólogo, o Prof. Berrington, concordem que o trabalho dela é pouco ético, Ferrami recusa-se a parar... e talvez nada possam fazer para detê-la".

Jeannie leu até ao fim, mas o jornal não referia o fato de ela insistir que o seu trabalho nada tinha de eticamente incorreto. A questão central era o drama do seu desafio.

Era chocante e doloroso ser atacado daquela forma. Sentiu-se simultaneamente magoada e furiosa, da mesma forma que se sentira quando um ladrão a deitara ao chão e lhe roubara a carteira num supermercado de Minneapolis, havia muitos anos. Embora soubesse que a jornalista tinha poucos escrúpulos e más intenções, sentiu-se envergonhada, como se tivesse feito algo de errado. E sentia-se igualmente exposta, alvo do desdém da nação.

Agora não deve ser fácil encontrar alguém que me deixe analisar uma base de dados disse, desanimada.

— Quer um café? Preciso de qualquer coisa para me animar. São poucos os dias que começam tão mal como este.

— Lamento, Jeannie, mas eu também estou em sarilhos por ter envolvido o FBI.

Enquanto ligava a máquina do café, Jeannie lembrou-se de algo.

— Este artigo é injusto, mas se o teu chefe falou contigo ontem à noite, não pode ter sido o artigo a desencadear o telefonema.

— Talvez ele soubesse que o artigo iria ser publicado.

— Quem o terá informado?

— Não explicou, mas disse-me que recebera um telefonema de Capitol Hill.

Jeannie franziu o sobrolho.

— Parece que isto mete política. Por que raio haveria um congressista ou um senador de estar interessado naquilo que eu faço e de dizer ao FBI para não colaborar comigo?

— Talvez tenha sido um aviso bem intencionado de alguém que sabia do artigo.

Jeannie abanou a cabeça.

— O artigo não fala no FBI. Mais ninguém sabe que estou trabalhando nos vossos arquivos. Nem sequer o disse ao Berrington...

— Vou tentar descobrir de onde veio o telefonema. Jeannie abriu o frigorífico.

— Já tomou o café da manhã? Tenho bolos de canela.

— Não, obrigada.

— Eu também não tenho muita fome. Fechou a porta da geladeira. Começava a se desesperar. Não poderia fazer nada? Ghita, será que não podias correr o meu programa sem que o teu chefe soubesse?

Não esperava que Ghita concordasse, mas a resposta dela surpreendeu-a. Ghita franziu o sobrolho.

— Ontem não recebeste o meu E-mail?

— Saí cedo. O que é que dizia?

— Que ia correr o teu programa ontem à noite.

— E correste?

— Sim. Foi por isso que vim ver-te. Fi-lo ontem à noite, antes de ele me telefonar.

De súbito, Jeannie voltou a sentir uma certa esperança.

— O quê? E tens os resultados?

— Mandeï-tos por E-mail. Jeannie ficou encantada.

— Mas isso é ótimo! E deu uma olhadela? Havia muitos gêmeos?

— Bastante, uns vinte ou trinta pares.

— Ótimo! Isso significa que o sistema funciona!

— Mas eu disse ao meu chefe que não o tinha corrido. Tive medo e menti.

Jeannie franziu o sobrolho.

— Isso é chato. Quero dizer, e se ele descobre, um dia destes?

— Exato. Jeannie, tem de destruir aquela lista.

— O quê?

— Se ele descobre que ela existe estou feita.

— Mas não posso destruí-la! Não, se ela provar que estou certa! O rosto de Ghita exibía uma expressão determinada.

— Tem de fazê-lo!

— Isso é horrível! — disse Jeannie muito triste. Como é que posso destruir uma coisa que talvez me salve?

— Eu meti-me nisto para te fazer um favor — contrapôs Ghita, agitando um dedo no ar. Tem de me safar!

Jeannie não achava que a culpa fosse toda sua.

— Não te mandei mentir ao teu patrão — disse com alguma aspereza.

Isso irritou Ghita.

— Tive medo!

— Espera aí — disse Jeannie. Vamos manter a calma. Deitou o café nas canecas e deu uma a Ghita. Imagina que vai trabalhar hoje e diz ao teu patrão que houve um mal entendido. Deste instruções para que o programa não fosse corrido, mas mais tarde viste que isso já tinha sido feito e os resultados enviados por E-mail.

Ghita pegou na caneca, mas não bebeu o café. Parecia estar à beira das lágrimas.

— Imagina o que é trabalhar no FBI? Tenho de enfrentar a maior parte dos machos da zona centro deste país. E eles estão apenas à procura de uma desculpa para dizer que as mulheres são umas incompetentes.

— Mas não será despedida.

— Puseste-me numa situação bastante difícil.

Era verdade, mas não havia nada que Ghita pudesse dizer que forçasse Jeannie.

— Vá lá — disse esta, as coisas não são bem assim. Ghita não cedeu.

— São, sim. Estou te pedindo que destrua a lista.

— Não posso.

— Então não há mais nada a dizer. Dirigiu-se para a porta.

— Não vá embora assim — pediu Jeannie. Somos amigas já há muito tempo.

Ghita foi-se embora.

— Merda! — exclamou Jeannie. Merda! A porta da rua fechou-se com força.

"Será que acabei de perder uma das minhas melhores amigas?", pensou.

Ghita desiludira-a. Ela compreendia as razões: havia muita pressão sobre uma jovem que tentava fazer carreira. Mesmo assim, era Jeannie que estava a ser atacada, não Ghita. A sua amizade não sobrevivera ao teste da crise.

Jeannie perguntou a si própria se as outras amigas desapareceriam da mesma forma.

Sentindo-se infeliz, tomou uma ducha rápida e vestiu a primeira coisa que encontrou. Depois, obrigou-se a parar e a pensar. Ia para a batalha: era melhor vestir-se de maneira adequada. Tirou as calças de brim pretas e a camiseta vermelha e começou de novo. Lavou e secou o cabelo. Pintou-se com cuidado: base, pó, rímel e batom. Depois vestiu um traje preto e uma camisa cinzenta, mini meias e sapatos de cabedal com salto. Trocou a argola do nariz por uma bolinha.

Estudou a sua imagem no espelho. Sentia-se perigosa e estava deslumbrante.

— Mata, Jeannie, mata — murmurou. Depois saiu.

31

Jeannie pensou em Steve Logan durante o caminho para a Universidade Jones Falis. Chamara-lhe menino grande e forte, mas, na realidade, ele tinha mais maturidade do que a que alguns homens viriam a ter. Chorara no ombro dele, por isso deveria tratá-lo com um mínimo de consideração. Gostara do seu cheiro, semelhante ao do tabaco antes de ser queimado. Apesar da perturbação, não pudera deixar de reparar na sua ereção, embora se tivesse esforçado para que ela nada notasse. Era lisonjeador o fato de ele ficar excitado só de abraçá-la, e sorriu ao recordar a cena. Era pena ele não ter mais dez ou quinze anos.

Steve fazia-lhe lembrar o seu primeiro amor, Bobby Springfield. Ela tinha treze, ele quinze. Não sabia quase nada de amor nem de sexo, mas ele era igualmente ignorante, e juntos haviam embarcado numa viagem de descoberta. Corou ao recordar-se das coisas que tinham feito na última fila do cinema, aos sábados à noite. O mais excitante em Bobby, tal como em Steve, era a sensação de paixão reprimida. Bobby desejara-a tanto, ficara tão excitado por lhe acariciar os mamilos e lhe tocar nas calcinhas que ela se sentira muito poderosa. Durante algum tempo, abusara desse poder, fazendo-o ficar cheio de calores e perturbado só para provar que era capaz disso. Mas cedo se apercebeu, ainda com treze anos, de que era um jogo idiota. Mesmo assim, nunca perdera a noção de risco, do prazer obtido a brincar com um gigante acorrentado. E sentia isso com Steve.

Ele era a única coisa boa no seu horizonte. Estava metida em sarilhos. Naquele momento, não podia demitir-se do seu posto ali na Jones Falis. Depois de o New York Times a ter tornado famosa por haver desafiado os seus superiores, Jeannie teria dificuldade em encontrar outro trabalho semelhante. "Se eu fosse professor, não contratava uma pessoa que causasse tantos problemas", pensou.

Contudo, era demasiado tarde para tomar uma posição mais cautelosa. A sua única esperança era continuar a insistir com teimosia, utilizando os dados do FBI e apresentando resultados científicos tão convincentes que as pessoas olhariam de novo para a sua metodologia e debateriam seriamente a sua ética.

Eram nove horas quando parou o carro no seu lugar do parque de

estacionamento. Enquanto trancava o carro e seguia para o Manicômio, sentiu certa acidez no estômago: demasiada tensão e nenhuma comida.

Assim que entrou no gabinete, notou que alguém lá havia estado.

Não tinha sido o pessoal da limpeza, pois estava familiarizada com as alterações que faziam: as cadeiras desviadas um ou dois centímetros, as manchas de café limpas, o cesto dos papéis do lado errado da secretária. Aquilo era diferente. Alguém se sentara na secretária e mexera no seu computador. O teclado estava num ângulo errado: o intruso deslocara-o inconscientemente para a posição a que estava habituado. O mouse fora deixado a meio da almofada, enquanto ela o deixava sempre encostado à esquerda, rente ao teclado. Ao olhar em volta, reparou que uma das portas do armário estava entreaberta e se via um bocado de uma folha a sair de um dos arquivos.

O gabinete fora revistado.

"Pelo menos, fora revistado por um amador", pensou. "Não era a CIA que andava atrás dela". Mesmo assim, sentiu-se muito pouco à vontade e tinha o estômago às voltas quando se sentou e ligou o computador. Quem teria ali estado? Um professor? Um aluno? Um segurança subornado? Alguém de fora? E porquê?

Fora metido um sobrescrito por baixo da sua porta. Continha uma autorização assinada por Lorraine Logan e enviada por fax para o Manicômio por Steve. Jeannie tirou a autorização de Charlotte Pinker de um dossiê e colocou-a na sua pasta. Iria mandá-las por fax para a Clínica Aventine.

Sentou-se à secretária e foi ver o E-mail. Havia apenas uma mensagem: os resultados da pesquisa aos arquivos do FBI.

— Aleluia! — exclamou.

Fez o download da lista de nomes e endereços com um profundo alívio. Sentiu-se vingada: a busca tinha realmente descoberto pares de gêmeos. Mal podia esperar para os analisar e ver se havia mais anomalias semelhantes às de Steve e Dennis.

Ghita mandara-lhe na véspera outro E-mail dizendo que iria correr o programa, lembrou-se Jeannie. O que teria acontecido a esse E-mail? Calculou que tivesse sido apagado pelo bisbilhoteiro da véspera. Isso explicaria o telefonema de pânico feito ao chefe de Ghita.

Estava prestes a ver quais os nomes da lista quando o telefone tocou. Era o presidente da universidade.

— Fala Maurice Obell. Acho melhor conversarmos sobre este artigo do New York Times, não lhe parece?

O estômago de Jeannie apertou-se. "Aqui vamos nós", pensou, apreensiva. "Já começou".

— Claro — respondeu. A que horas prefere?

— Que tal se vier já ao meu gabinete?

— Estarei aí dentro de cinco minutos.

Copiou os resultados da análise aos arquivos do FBI para um disquete e depois saiu da Internet. Tirou a disquete da drive e pegou numa caneta. Pensou durante alguns segundos, depois escreveu "COMPRAS.LST" na etiqueta. Com certeza não iria ser necessária mais nenhuma precaução, mas sentiu-se melhor assim.

Meteu o disquete numa caixa com os back-ups dos outros arquivos e saiu.

O dia já começara a aquecer. Enquanto atravessava o complexo universitário, perguntou a si própria o que sairia daquela reunião com Obell. O seu único objetivo era conseguir autorização para prosseguir a investigação. Precisava ser firme e de deixar bem claro que não iria ser intimidada, mas, de preferência, deveria acalmar a ira dos dirigentes universitários e diminuir o conflito.

Ficou satisfeita por ter usado o traje preto, embora estivesse transpirando: fazia-a parecer mais velha e ter um ar mais autoritário. Os saltos batiam nas lajes enquanto se aproximava de Hillside Hall. Foi imediatamente encaminhada para o gabinete faustoso do presidente.

Berrington Jones encontrava-se presente, com um exemplar do New York Times na mão. Ela sorriu-lhe, contente por ter um aliado. Ele acenou-lhe com frieza.

— Bom dia, Jeannie — disse.

Maurice Obell estava na cadeira de rodas atrás da sua enorme secretária.

— A universidade não pode tolerar uma coisa destas, doutora Ferrami — começou ele com os seus habituais modos abruptos.

Não a convidou a sentar-se, mas ela não tencionava ser espezinhada como uma colegial, por isso, escolheu uma cadeira, puxou-a, sentou-se e cruzou as pernas.

— Foi uma pena o senhor haver dito à imprensa que tinha suspenso o meu projeto antes de verificar se tinha o direito legal de o fazer — disse ela, o mais friamente que pôde. Concorde que tudo isto não contribuiu para a boa imagem da faculdade.

Ele olhou-a com desdém.

— Não fui eu quem nos obrigou a fazer esta figura.

"Bastava de se armar em durona", pensou ela; "chegara o momento de dizer-lhe que estavam ambos do mesmo lado". Descruzou as pernas.

— É claro que não declarou. A verdade é que fomos ambos um pouco precipitados, e a imprensa aproveitou-se de nós.

— Os estragos já estão feitos — interveio Berrington, não vale a pena pedir desculpa.

— Eu não estava a pedir desculpa — ripostou ela. Virou-se para Obell e sorriu. No entanto, acho que devíamos parar de nos agredir.

É demasiado tarde para isso tornou Berrington a intervir.

— Tenho certeza de que não é — disse. Interrogou-se sobre o motivo por que Berrington teria dito aquilo. Deveria querer uma reconciliação: não lhe interessava nada arranjar discussões. Jeannie manteve o olhar e o sorriso virados para o presidente. Somos pessoas racionais. Devemos ser capazes de encontrar um compromisso que me permita continuar o meu trabalho e preservar a dignidade da universidade.

Obell gostou da ideia, embora tenha franzido o sobrolho e dito:

— Não estou bem a ver como...

— Isto é uma pura perda de tempo — comentou Berrington, impaciente.

Já era a terceira vez que se manifestava de forma desagradável. Jeannie engoliu outra resposta mordaz. Por que estaria fazendo aquilo? Seria que desejava que ela suspendesse a investigação, arranjasse problemas com a universidade e fosse desacreditada? Começava a parecer isso. Teria sido Berrington quem entrara furtivamente no seu gabinete, vira o seu E-mail e informara o FBI? Poderia ainda ter sido ele a avisar o New York Times e a

começar toda aquela confusão. Ficou tão atordoada com a lógica daquela ideia que se manteve em silêncio.

— Já decidimos que medidas irão ser tomadas pela universidade — disse Berrington Jeannie apercebeu-se de que tinha avaliado mal a estrutura de poder naquele gabinete. Berrington é que mandava, não Obell. Berrington era o canal dos milhões da Genético de que Obell precisava. Berrington nada tinha a recear de Obell; era precisamente o contrário. Ela estivera a observar o macaco em vez do tocador de órgão Berrington deixou de fingir que era o presidente da universidade quem mandava.

— Não te chamamos aqui para pedir a tua opinião — disse.

— Então para que foi? — perguntou Jeannie.

— Para te despedir — respondeu ele.

Ela ficou atordoada. Já esperava a ameaça da demissão, mas não a demissão em si. Mal conseguia assimilar aquilo.

— O que quer dizer? — perguntou, estupidamente.

— Que está despedida — disse Berrington. Alisou as sobrancelhas com a ponta do indicador direito, sinal de que se sentia satisfeito consigo próprio.

Jeannie teve a impressão de que levara um murro. "Não posso ser despedida", pensou. Só aqui estou há algumas semanas. Estava indo tão bem, trabalhando tanto. Pensei que todos gostassem de mim, tirando a Sophie Chapple. Como é que aconteceu tudo tão depressa?"

Tentou ordenar as ideias.

— Não podem despedir-me — disse.

— Acabamos de fazê-lo.

— Não. À medida que ia ultrapassando o choque inicial, começou a ficar zangada. Os senhores aqui não são chefes tribais. É preciso seguir as normas. As universidades não podiam despedir professores sem uma espécie de audiência. Isso constava do seu contrato, mas nunca se dera ao trabalho de verificar os pormenores. De súbito, eles haviam-se tornado muito importantes. Maurice Obell forneceu-lhe a informação necessária.

— Irá haver uma audiência perante o conselho disciplinar do senado da universidade, é claro — disse ele. Normalmente, é necessário um aviso prévio de quatro semanas, mas, levando em conta a publicidade negativa que

rodeia este caso, eu, como presidente, convoquei uma reunião extraordinária e a audiência terá lugar amanhã de manhã.

Jeannie ficou pasmada com a rapidez com que eles haviam atuado. O conselho disciplinar? Reunião extraordinária? Amanhã de manhã? Aquilo não era uma discussão. Era como ser presa. Quase esperava que Obell lhe lesse os seus direitos.

Ele fez algo semelhante. Empurrou uma pasta sobre a secretária na sua direção.

— Aqui encontrará as normas de atuação do conselho. A senhora pode fazer-se representar por um advogado, desde que notifique previamente o presidente do conselho.

Por fim, Jeannie conseguiu fazer uma pergunta razoável.

— E quem é o presidente?

— Jack Budgen — respondeu Obell. Berrington levantou rapidamente os olhos.

— Isso já foi decidido?

— O presidente é nomeado anualmente — respondeu Obell. O Jack tomou posse no início do semestre.

— Não sabia. Berrington parecia aborrecido, e Jeannie sabia porquê. Jack Budgen era o seu parceiro de tênis. Isso parecia encorajador: pelo menos devia ser justo com ela. Nem tudo estava perdido. Teria a oportunidade de se defender e de defender os seus métodos de investigação perante um grupo de académicos. Haveria uma discussão séria, não apenas as superficialidades do New York Times.

E tinha os resultados da busca efetuada aos arquivos do FBI. Começou a pensar no que iria utilizar em sua defesa. Mostraria ao conselho os dados do FBI. Com sorte, haveria um ou dois pares que desconheciam ser gêmeos. Isso seria impressionante. Depois explicaria as precauções que tomara para proteger a vida privada das pessoas...

— Acho que é tudo — disse Maurice Obell. Jeannie estava a ser mandada embora. Levantou-se.

— É pena que as coisas tenham chegado a este ponto — comentou.

— Você é que é a culpada — disse Berrington rispidamente. Parecia

uma criança rabugenta. Jeannie não tinha paciência para acusações inúteis. Dirigiu-lhe um olhar de desdém e saiu do gabinete.

Enquanto atravessava o complexo universitário, pensou, pesarosa, que não conseguira atingir os seus objetivos. Desejava ter negociado um acordo e, em vez disso, travara uma luta de gladiadores. Mas Berrington e Obell haviam tomado a sua decisão antes de ela entrar no gabinete. A reunião fora uma mera formalidade.

Regressou ao Manicômio. Ao aproximar-se do gabinete, reparou, com irritação, que o pessoal da limpeza deixara um saco de lixo preto à sua porta. Iria chamá-los imediatamente, mas, quando tentou abrir a porta, esta parecia estar encravada. Passou várias vezes o cartão na máquina, mas a porta não se abriu. Estava quase a ir até à recepção chamar alguém da manutenção quando lhe ocorreu uma ideia terrível.

Espreitou para dentro do saco. Não estava cheio de papéis nem de copos de papel. A primeira coisa que viu foi a sua pasta. No saco estava também a caixa de lenços de papel, um exemplar de capa mole do livro *A Thousand Acres*, de Jane Smiley, duas fotografias emolduradas e a sua escova.

Tinham limpo a sua secretária e trancado a porta do seu gabinete.

Ficou arrasada. Aquilo era pior do que o que acontecera no gabinete de Maurice Obell. Lá haviam sido apenas palavras. Aquilo privava-a de uma grande parte da sua vida. "Este é o meu gabinete", pensou. "Como é que podem fechar-me a porta?"

— Grandes cabrões! — disse em voz alta.

Os seguranças deviam lá ter ido enquanto ela se encontrava no gabinete de Obell. É claro que não a haviam prevenido: isso ter-lhe-ia permitido levar tudo o que precisava. De novo ficou surpreendida pelos seus métodos implacáveis.

Era como uma amputação. Tinham-lhe tirado a sua ciência, o seu trabalho. Jeannie não sabia que fazer nem para onde ir. Já havia onze anos que era cientista, primeiro como aluna, depois como professora. Agora, de repente, não era nada.

Quando ficou desesperada, lembrou-se do disquete com os arquivos do FBI. Vasculhou o saco preto, mas lá não havia vestígio de disquetes. Os seus resultados, o elemento crucial da sua defesa, estavam trancados no gabinete.

Bateu inutilmente na porta com o punho. Um dos seus alunos de Estatística apareceu e olhou-a, perplexo.

— Posso ajudá-la, professora? Ela recordou-se do nome dele.

— Olá, Ben. Podia arrombar esta porta? Ele observou a porta, com ar duvidoso.

— Estava a brincar — disse Jeannie. Estou bem, obrigada. Ele encolheu os ombros e afastou-se.

Não valia a pena ficar ali a olhar para a porta vazia. Pegou no saco de plástico e dirigiu-se ao laboratório. Lisa estava à secretária, a introduzir dados no computador.

— Fui despedida — anunciou Jeannie.

— O quê! perguntou Lisa, olhando para ela.

— Trancaram o meu gabinete e puseram as minhas coisas neste maldito saco do lixo.

— Não posso crer!

Jeannie tirou a pasta do saco e lá de dentro o New York Times.

— É por causa disto.

Lisa leu os dois primeiros parágrafos.

— Mas isto são tretas! exclamou. Jeannie sentou-se.

— Eu sei. Então por que é que o Berrington finge que as leva a sério?

— Acha que ele está fingindo?

— Tenho certeza. É demasiado esperto para se deixar iludir por este tipo de coisas. Deve andar a tramar alguma. Jeannie bateu com os pés no chão, impotente e frustrada. Está disposto a fazer algo e sente-se ameaçado... Há qualquer coisa em jogo muito importante para ele. Talvez encontrasse as respostas nas fichas médicas da Clínica Aventine, em Filadélfia. Olhou para o relógio. Tinha de lá estar às duas da tarde; era melhor ir andando.

Lisa ainda não conseguira assimilar a notícia.

— Não podem despedir-te sem mais nem menos — disse, indignada.

— Amanhã de manhã vai haver uma audiência disciplinar.

— Meu Deus, estão mesmo falando a sério!

— É verdade!

— Posso fazer alguma coisa?

— Podia, — mas Jeannie tinha medo de pedir. Olhou apreciativamente para Lisa. Esta usava uma blusa de gola alta e uma camisola larga por cima, apesar do calor: estava cobrindo o seu corpo, sem dúvida em reação à violação. Ainda tinha um ar solene, como se lhe tivesse morrido alguém.

Seria a amizade de ambas tão frágil como a dela e a de Ghita? Jeannie ficou com medo de saber a resposta. Se Lisa a abandonasse, quem lhe restaria? Mas tinha de testá-la, embora aquela altura não fosse a melhor.

— Podia tentar entrar no meu gabinete — disse ela, hesitante. Os resultados do FBI estão lá.

Lisa não respondeu logo.

— Mudaram-te a fechadura ou qualquer coisa do gênero?

— É mais fácil do que isso. Alteraram eletronicamente o código, para que o cartão já não funcione. Também não poderia entrar no edifício fora das horas normais de funcionamento, aposto.

— É difícil digerir isto, aconteceu tão depressa.

Jeannie detestava pressionar Lisa a correr riscos. Tentou arranjar uma saída airosa.

— Talvez eu consiga lá entrar. Uma das mulheres da limpeza pode abrir-me a porta, embora eu duvide que o cartão delas a abra. Se eu lá não estiver, também não precisam de limpá-lo. Mas os seguranças devem poder entrar.

— Eles não irão te ajudar. Sabem que o acesso te foi negado.

— É verdade, mas talvez te deixem entrar. Podia dizer que precisava tirar de lá uma coisa.

Lisa ficou pensativa.

— Detesto pedir-te isto — disse Jeannie. Então a expressão de Lisa mudou.

— Bolas, claro que sim — disse, por fim. É claro que vou tentar.

Jeannie ficou comovida.

— Obrigada agradeceu, mordendo o lábio. É uma grande amiga. Inclinou-se sobre a secretária e apertou a mão de Lisa.

Esta ficou atrapalhada com a comoção dela.

— Em que lugar do teu gabinete está a lista do FBI? — perguntou num tom bastante prático.

— A informação está num disquete com a etiqueta “COMPRA. LST”, dentro de uma caixa de disquetes na gaveta da minha secretária.

— Entendido. Lisa franziu o sobrolho. Não entendo por que motivo estão contra ti.

— Começou tudo com o Steve Logan — disse Jeannie. Desde que o Berrington o viu aqui, nunca mais tive descanso. Mas creio que devo estar prestes a descobrir o motivo. Levantou-se.

— Aonde vais agora?

— A Filadélfia.

Berrington olhava pela janela do gabinete. Naquela manhã, ninguém estava utilizando o court de tênis. A sua imaginação colocou Jeannie ali. Vira-a no primeiro ou segundo dia do semestre, a correr pelo court na sua minissaia, pernas castanhas em esforço, tênis brancos a reluzir... Fora nessa altura que se sentira atraído por ela. Franziu o sobrolho, perguntando a si próprio por que motivo haveria de ter ficado tão impressionado pela sua capacidade atlética. Ver mulheres a praticar desporto não era nada que o excitasse por aí além. Nunca assistia ao programa Gladiadores Americanos, ao contrário do professor Gormley, de Egiptologia, que tinha todos gravados em vídeo e os revia, segundo as más línguas, à noite, no escritório da sua casa. Mas, quando Jeannie jogava tênis, adquiria uma graciosidade especial. Era quase como ver um leão correndo num filme sobre a vida selvagem: os músculos moviam-se sob a pele, o cabelo esvoaçava num turbilhão, o corpo movimentava-se, parava, virava-se e tornava a movimentar-se com uma rapidez surpreendente e sobrenatural. Era hipnotizante assistir, e ele sentira-se cativado. Agora Jeannie ameaçava tudo aquilo por que Berrington trabalhara durante a vida, mas, mesmo assim, ele gostaria de vê-la jogar tênis mais uma ou duas vezes.

Enlouquecia-o o fato de não poder simplesmente despedi-la, apesar de grande parte do seu ordenado ser pago por ele. O patrão de Jeannie era a Universidade Jones Falis e a Genético já lhe dera o dinheiro. Uma universidade não podia despedir um professor da mesma forma que um restaurante despedia um empregado incompetente. Fora por esse motivo que se dera a todo aquele trabalho.

— Raios a partam! exclamou, regressando à secretária.

A reunião da manhã correria bem, até ele saber que Jack Budgen era o presidente do conselho. Berrington espicazara Maurice previamente e soubera muito bem evitar qualquer reaproximação, mas vinha estragar tudo o fato de o presidente do conselho disciplinar ser o parceiro de tênis de Jeannie. Esquecera-se de verificar isso antes: julgara que iria ter alguma influência na escolha do presidente do conselho e ficara abalado ao verificar que o cargo já fora atribuído.

Havia o grave perigo de Jack ver o lado de Jeannie na história.

Coçou a cabeça, preocupado. Berrington não se dava socialmente com os colegas; preferia a companhia mais fascinante dos políticos e das pessoas famosas. Mas conhecia o passado de Jack Budgen. Retirara-se do tênis profissional com trinta anos e regressara à faculdade para fazer o doutoramento. Já demasiado velho para começar a sua carreira em Química, a sua área, tornara-se um administrador. Dirigir o complexo de bibliotecas da universidade e contrabalançar as exigências de departamentos rivais exigia uma natureza cheia de tato e condescendente, e Jack desempenhava bem o seu cargo.

Como poderia ele ser influenciado? Não era um homem desonesto, antes pelo contrário, a sua natureza fácil coexistia com certa ingenuidade. Ficaria ofendido se Berrington fizesse abertamente pressão junto de si ou lhe oferecesse qualquer tipo de suborno. Porém, talvez fosse possível influenciá-lo discretamente.

O próprio Berrington já uma vez aceitara um suborno. Ainda sentia um aperto no estômago quando pensava nisso. Acontecera no início da sua carreira, antes de se tornar professor catedrático. Uma aluna fora apanhada colando: pagara a alguns colegas para lhe fazerem o exame. Chamava-se Judy Gilmore e era muito bonita. Devia ter sido expulsa da universidade, mas o coordenador do departamento podia impor um castigo menos forte. Judy fora ao gabinete de Berrington para "falar sobre o problema". Cruzara e descruzara as pernas, olhara muito triste para ele e inclinara-se para frente, para que ele pudesse espreitar-lhe pelo decote e vislumbrar um soutien de renda. Ele tivera pena e prometera interceder por ela. Judy chorara e agradecera-lhe, depois pegara-lhe na mão, beijara-o nos lábios e abriu-lhe o fecho das calças.

Nunca sugerira um acordo. Não lhe oferecera sexo antes de ele ter concordado em ajudá-la, e depois de terem tido relações sexuais no chão, vestira-se calmamente, penteara-se, beijara-o e saíra. Mas no dia seguinte ele convencera o coordenador do departamento a fazer-lhe apenas uma reprimenda.

Ele aceitara o suborno porque fizera crer a si próprio que não fora um suborno. Judy pedira-lhe ajuda, ele concordara, ela deixara-se seduzir pelo seu encanto e haviam feito amor. À medida que o tempo fora passando, ele

viu que aquilo não era mais do que pura sofística. A oferta de sexo estivera implícita nos modos da garota e, quando ele prometera fazer o que era pedido, ela selara astutamente o acordo. Berrington gostava de se julgar um homem de princípios e acabara por fazer uma coisa absolutamente vergonhosa.

Subornar uma pessoa era quase tão grave como aceitar um suborno. Mesmo assim, iria subornar Jack Budgen, se pudesse. A ideia fê-lo esboçar uma careta enojada, mas tinha de ser posta em prática. Estava desesperado.

Pensou durante mais alguns minutos, depois pegou no telefone e ligou a Jack.

— Obrigado por me ter mandado uma cópia do seu memorando acerca da extensão da biblioteca de biofísica — começou.

Do outro lado houve uma pausa de surpresa.

— Ah!, sim. Isso já foi há bastante tempo, mas ainda bem que teve oportunidade de lê-lo.

Berrington mal olhara para o documento.

— Acho que a sua proposta tem bastante mérito. Telefonei apenas para lhe dizer que o apoiarei quando ela for levada à comissão de compras.

— Obrigado pelo seu gesto.

— Aliás, talvez consiga convencer a Genético a entrar com parte do dinheiro.

Jack recebeu a ideia com entusiasmo.

— Podíamos chamar-lhe "Biblioteca de Biofísica Genético".

— Boa ideia. Vou falar com os outros responsáveis. Berrington queria que Jack abordasse o assunto de Jeannie. Talvez o conseguisse se falasse de tênis. Que tal foi o seu Verão? — perguntou. Foi a Wimbledon?

— Este ano, não. Tive demasiado trabalho.

— É pena. Nervoso, fingiu que ia desligar. Bom, então conversamos mais tarde.

Tal como esperara, Jack deteve-o.

— Hum, Berry, o que acha de todos aqueles disparates no jornal? Sobre a Jeannie?

Berrington disfarçou o seu alívio e respondeu vagamente:

— Oh!, isso... uma tempestade num copo de água.

— Já tentei contatá-la, mas ela não está no gabinete.

— Não se preocupe com a Genético — disse Berrington, embora Jack não tivesse falado na empresa. Eles não ligam a isto. Felizmente, o Maurice Obell agiu rapidamente.

— Está referindo-se à audiência disciplinar?

— Imagino que seja uma mera formalidade. Ela é um incômodo para a universidade, recusou-se a suspender a investigação e falou com a imprensa. Duvido que se dê sequer ao trabalho de se defender. Já disse aos responsáveis da Genético que temos a situação controlada. De momento, a relação da empresa com a universidade não está em perigo.

— Ainda bem.

— É claro que se o conselho tomar o partido da Jeannie contra Maurice estaremos metidos num sarilho. Mas não me parece que isso seja muito provável. E você? — Berrington susteve a respiração.

— Sabe que sou o presidente do conselho? — Jack fugira à pergunta. Raios!

— Sim, e fico satisfeito por estar uma pessoa calma à frente de tudo. Se o Malcolm Barnet fosse o presidente, só Deus sabe o que podia ter acontecido — disse ele, referindo-se a um professor de Filosofia que usava a cabeça rapada.

Jack soltou uma gargalhada.

— O senado tem os pés bem assentes. Não poriam o Malcolm à frente de nenhum conselho. Tentaria fazer dele um instrumento de transformação social.

— Mas, consigo à frente, calculo que o conselho apoie o presidente.

De novo a resposta de Jack foi perturbadoramente vaga.

— Nem todos os membros do conselho são previsíveis. "Filho da mãe, por que continuas a atormentar-me?"

— Mas tenho certeza de que o presidente do conselho disciplinar não é um inconsciente que põe em perigo os esforços ou o bem-estar de outras

pessoas. Berrington limpou uma gota de suor da testa.

Houve uma pausa.

— Berry, não seria correto da minha parte fazer um juízo prévio do assunto...

"Raios te partam!"

—... mas acho que posso dizer que a Genético não precisa preocupar-se com isto.

"Finalmente!"

— Obrigado, Jack.

— Isto fica apenas entre nós, é claro.

— Naturalmente.

— Então, até amanhã.

— Adeus. Berrington desligou. "Deus do Céu, esta foi difícil!" Saberia Jack que acabara de ser subornado? Tentaria enganar-se? Ou compreenderia perfeitamente, mas fingiria que não?

Não interessava, desde que manipulasse o conselho disciplinar.

É claro que aquilo podia não ser o fim do problema. A decisão do conselho disciplinar teria de ser ratificada por uma reunião de todo o senado. A certa altura, Jeannie poderia contratar um advogado famoso e começar a processar a universidade por tudo e mais alguma coisa. O caso poderia arrastar-se durante anos. Mas a investigação dela seria suspensa e isso era só o que importava.

No entanto, a decisão do conselho ainda não devia ser tida como certa. Se as coisas corressem mal na manhã seguinte, Jeannie regressaria ao seu gabinete ao meio-dia e continuaria a farejar o rasto dos segredos da Genético. Berrington estremeceu: "Que Deus não permita tal coisa!" Agarrou num bloco e anotou os nomes dos membros do conselho disciplinar:

Jack Budgen – Biblioteca; Tenniel Biddenham — História da Arte; Milton Powers – Matemática; Mark Trader – Antropologia; Jane Edelsborough – Física. Biddenham, Powers e Trader eram indivíduos convencionais, professores antigos, cujas carreiras estavam ligadas a Jones Falis e ao seu prestígio e prosperidade. Podia esperar-se que apoiariam o

presidente da universidade, pensou Berrington. A ovelha ronhosa era a mulher, Jane Edelsborough.

Trataria dela a seguir.

33

A caminho de Filadélfia pela 1-95, Jeannie se pegou pensando de novo em Steve Logan.

Ele dera-lhe um beijo de boa-noite na véspera, no estacionamento para visitantes de Jones Falis. Lamentou que o beijo tivesse sido tão fugaz. Os lábios dele eram cheios e secos, a sua pele quente. Agradava-lhe a ideia de repetir a cena.

Por que teria tantos preconceitos em relação à idade dele? O que havia de especial nos homens mais velhos? Will Temple, com trinta e nove, trocara-a por uma riqueza de cabeça oca. Seria isso a maturidade?

Apertou no botão de busca do rádio, à procura de um bom posto, e apanhou os Nirvana a tocar Come as You Are. Sempre que pensava em namorar com um homem da sua idade, ou mais novo, sentia um certo receio, um pouco como o frisson de perigo que existia numa canção dos Nirvana. Os homens mais velhos deixavam-na calma, pois sabiam o que faziam.

"Serei eu a culpada?", interrogou-se. "Jeannie Ferrami, a mulher que faz o que bem lhe apetece e manda o mundo ir dar uma volta? Precisarei ser acalmada? Ora!"

No entanto, era verdade. Talvez se devesse ao pai. Depois dele, nunca mais quisera um homem irresponsável na sua vida. Por outro lado, o pai era a prova de que os homens mais velhos conseguiam ser tão irresponsáveis como os mais novos.

Calculou que o pai devesse estar num hotel barato de Baltimore. Bebera e jogara o dinheiro que conseguira fazer com a venda do seu computador e da sua televisão, e que não haveria de durar muito, não tardando a roubar mais qualquer coisa ou a entregar-se à mercê da filha mais nova, Patty. Jeannie odiava-o por ele lhe ter roubado as coisas. No entanto, o incidente permitira-lhe conhecer o melhor lado de Steve Logan. Ele fora um príncipe. "Que se lixe!", pensou. "Da próxima vez que o vir, vou beijá-lo, mas beijá-lo como deve ser".

Foi ficando cada vez mais tensa à medida que se ia embrenhando no tráfego intenso do centro de Filadélfia. Aquilo poderia ser a sua grande

oportunidade. Talvez estivesse prestes a encontrar a solução para o quebra-cabeças de Steve e Dennis.

A Clínica Aventine ficava na cidade universitária, um bairro de edifícios pertencentes à universidade e de apartamentos de alunos, a oeste do rio Shuylkill. A clínica era um edifício baixo bastante agradável dos anos 50, rodeado por árvores. Jeannie estacionou junto a um parquímetro e entrou.

Havia quatro pessoas no vestíbulo da entrada: um jovem casal, a mulher com um ar tenso e o homem nervoso, e mais duas outras mulheres da idade de Jeannie, todos sentados em sofás baixos, olhando para revistas. Uma recepcionista jovial pediu a Jeannie para aguardar e ela pegou numa brochura sobre a Genético, Inc. Segurou-a aberta no regaço sem a ler: em vez disso, olhou para a arte abstrata nas paredes do vestíbulo e, impaciente, bateu com os pés na alcatifa.

Odiava hospitais. Só estivera internada uma vez. Com vinte e três anos fizera um aborto. O pai da criança era um diretor de cinema no início de carreira. Ela deixara de tomar a pílula porque se tinham zangado, mas ele regressara alguns dias depois, houvera uma agradável reconciliação, haviam feito amor sem tomar precauções e engravidara. O aborto correra sem complicações, mas Jeannie chorara durante vários dias e perdera todo o afeto pelo diretor, embora ele lhe tivesse dado bastante apoio.

Acabara de fazer o seu primeiro filme em Hollywood, uma película de ação. Jeannie fora vê-lo sozinha ao Charles Cinema de Baltimore. O único toque de humanismo numa história mecânica de homens aos tiros uns aos outros fora quando a namorada do herói tivera uma depressão depois de um aborto e o mandara embora. O homem, um detetive da Polícia, ficara espantado e destroçado. Jeannie chorara muito.

Aquela recordação ainda a magoava. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Um minuto mais tarde, apareceu um homem vindo do fundo do vestíbulo.

— Doutora Ferrami — disse. Era um homem bem disposto, com cerca de cinquenta anos, com uma tonsura e uma franja de monge ruiva. Olá, olá, ainda bem que veio — disse ele com um entusiasmo injustificado.

Jeannie apertou-lhe a mão.

— Ontem à noite falei com Senhor Ringwood.

— Sim, sim! Sou colega dele, chamo-me Dick Minsky. Muito prazer. Dick tinha um tique nervoso que o fazia pestanejar violentamente de vez em quando; Jeannie sentiu pena dele.

Dick conduziu-a por umas escadas.

— Posso perguntar o que a levou a vir até aqui?

— Um mistério médico — explicou ela. As duas mulheres têm filhos que parecem ser gêmeos univitelinos, no entanto, nada têm a ver um com o outro. A única ligação que descobri é que ambas foram tratadas aqui antes de engravidarem.

— Ai sim? — perguntou ele, como se não estivesse a prestar-lhe atenção. Jeannie admirou-se: esperava que ele tivesse ficado intrigado.

Entraram num gabinete de canto.

— Todos os nossos registros podem ser consultados por computador, desde que se tenha o código de acesso — disse ele, sentando-se em frente ao computador. Bom, e quais são as doentes em que está interessada?

— Charlotte Pinker e Lorraine Logan.

— Isto é rápido. Escreveu os nomes no teclado.

Jeannie conteve a impaciência. Aqueles registros podiam nada revelar. Olhou em volta. O gabinete era demasiado grande e elegante para um mero funcionário. "Dick devia ser mais do que um "colega" de Sr. Ringwood", pensou.

— Qual é o seu cargo aqui na clínica, Dick?

— Sou o diretor-geral.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas ele não desviou o olhar do teclado. "Por que teria sido recebida por uma pessoa tão importante?", perguntou a si própria, e começou a ficar pouco à vontade.

Dick franziu o sobrolho.

— Que estranho. O computador diz que não há registro de nenhum dos nomes.

A desconfiança de Jeannie aumentou. "Está prestes a dizer uma mentira", pensou. A possibilidade de encontrar a solução do quebra-cabeças afastou-se de novo. Jeannie sentiu-se arrasada.

Ele virou o monitor para que ela pudesse ver o que lá estava escrito.

— Escrevi bem os nomes?

— Sim.

— Quando acha que essas mulheres estiveram aqui?

— Mais ou menos há vinte e três anos. Dick olhou para ela.

— Oh!, diabo — disse, tornando a pestanejar com força. Então acho que a senhora fez a viagem em vão.

— Porquê?

— Não guardamos registros tão antigos. É a nova estratégia empresarial de tratamento de documentos.

Jeannie semicerrou os olhos.

— Os senhores deitam fora os registros mais antigos?

— Rasgamos os cartões, sim, vinte anos depois, a menos que o doente tenha voltado a ser internado e, nesse caso, o registro é introduzido no computador.

Era uma enorme decepção e uma perda do tempo precioso de que precisava para preparar a sua defesa no dia seguinte.

— É estranho que o Senhor Ringwood não me tenha dito nada ontem à noite — disse ela com amargura.

— Devia tê-lo feito. Talvez a senhora não tenha falado nas datas.

— Estou certa de lhe ter dito que as duas mulheres haviam sido tratadas aqui há vinte e três anos. Jeannie lembrara-se de acrescentar um ano à idade de Steve para obter o tempo exato.

— Então, é difícil de entender.

De certa forma, Jeannie não ficou muito surpreendida com o rumo que as coisas tinham tomado. Dick Minsky, com a sua simpatia exagerada e tique nervoso, era a caricatura de um homem com a consciência pesada.

Ele virou o monitor para a posição original. Com um ar pesaroso, acrescentou:

— Acho que não posso fazer mais nada por você.

— Será possível chamar o Senhor Ringwood e perguntar-lhe por que motivo não me disse que as fichas tinham sido destruídas?

— O Peter hoje não veio, está doente.

— Que coincidência extraordinária.

Ele tentou parecer ofendido, mas o resultado foi anedótico.

— Espero que não esteja a sugerir que andamos a esconder-lhe coisas.

— Por que haveria eu de pensar isso?

— Não faço ideia. Levantou-se. Bom, e agora já não disponho de mais tempo.

Jeannie foi à frente dele até à porta. Desceram as escadas e detiveram-se no vestíbulo da entrada.

— Muito bom dia — despediu-se ele.

— Adeus respondeu ela.

Na rua, deteve-se. Estava com vontade de lutar. Sentia-se tentada a provocá-los, para lhes mostrar que não a podiam manipular totalmente. Decidiu ir bisbilhotar um pouco.

O estacionamento estava repleto com os carros dos médicos, Cadillac último modelo e BMW. Deu a volta ao edifício. Um negro de barba branca apanhava lixo do chão com um aspirador ruidoso. Ali não havia nada de extraordinário nem de interessante. Foi dar a um beco sem saída e voltou para trás.

Pela porta de vidro viu Dick Minsky ainda no vestíbulo, falando com a secretária jovial. Olhou para Jeannie com um ar ansioso quando ela passou pela porta.

Contornando o edifício na outra direção, chegou à zona dos contentores. Três homens com luvas grossas metiam lixo num caminhão. Aquilo era idiota, decidiu Jeannie. Estava a comportar-se como um detetive num policial de meia tigela. Estava prestes a virar-lhes as costas quando lhe ocorreu uma ideia. Os homens levantavam enormes sacos de plástico castanhos sem fazer o mínimo esforço, como se pesassem muito pouco. O que poderia uma clínica deitar fora que fosse tão volumoso e tão leve? Papel rasgado?

Ouviu a voz de Dick Minsky. Parecia assustado.

— Por favor, vá-se embora, doutora Ferrami!

Jeannie virou-se. Ele acabara de contornar o edifício e vinha acompanhado de um homem com o uniforme de segurança. Jeannie avançou rapidamente até à pilha de sacos.

— Ei! gritou Dick Minsky.

Os homens do lixo olharam para ela, mas ela ignorou-os. Fez um buraco num dos sacos, meteu o braço lá dentro e trouxe uma mão-cheia do conteúdo.

Segurava tiras de papel fino castanho. Quando as observou com mais atenção, apercebeu-se de que haviam sido escritas, algumas à mão e outras à máquina. Eram fichas de hospital cortadas às tiras.

Só podia haver uma razão para estarem a ser deitados fora naquela manhã tantos sacos. Tinham destruído as fichas naquela manhã... horas depois de ela ter telefonado.

Largou as tiras no chão e afastou-se. Um dos homens do lixo gritou-lhe, indignado, mas ela ignorou-o.

Agora não havia dúvidas.

Parou em frente de Dick Minsky, com as mãos nas ancas. Ele mentira-lhe e era por isso que estava tão nervoso.

— Vocês têm aqui um segredo vergonhoso, não é verdade? — gritou. Algo que estão tentando esconder destruindo as fichas?

Ele ficou apavorado.

— É claro que não — conseguiu dizer. E, a propósito, a sugestão é ofensiva.

— É claro que é — disse Jeannie. Estava completamente descontrolada. Apontou para ele com a brochura da Genético, que enrolara em forma de canudo. Mas esta investigação é muito importante para mim, e pode crer que aquele que me mentir há-de estar tramado, mas bem tramado, quando eu acabar.

— Por favor, vá-se embora — disse ele.

O segurança agarrou-a pelo cotovelo esquerdo.

— Já estou de abalada — respondeu Jeannie. Não é preciso agarrar.

— Por aqui, se faz favor.

Era um homem de meia idade, com cabelos grisalhos e uma grande barriga. Furiosa como estava, Jeannie não iria permitir que ele a agredisse. Com a mão direita agarrou no braço que a segurava. Os músculos do antebraço eram flácidos.

— Largue-me, por favor — disse, apertando-o. As suas mãos eram fortes e o seu aperto mais poderoso do que o de muitos homens. O guarda tentou não a largar, mas a dor foi demasiado forte e, passado algum tempo, soltou-a.

— Obrigada — disse Jeannie.

Afastou-se.

Sentia-se melhor. Estivera certa ao pensar que havia uma pista ali naquela clínica. Os esforços feitos para tentarem impedi-la de saber algo eram a melhor confirmação de que tinham um segredo. A solução do mistério estava ligada àquele local. Mas onde é que isso a levava?

Regressou para junto do carro, mas não entrou. Eram duas e meia e ainda não almoçara. Estava demasiado excitada para comer, mas precisava de um café. Do outro lado da rua havia um barzinho junto a uma igreja. Parecia barato e limpo. Atravessou a rua e entrou.

A ameaça a Dick Minsky não passara de um blefe: nada poderia fazer para o prejudicar. Não conseguira coisa alguma ao irritar-se com o homem. Na verdade, dissera mais do que devia, ao fazê-lo entender que sabia que estavam a mentir-lhe. Agora iriam ficar de sobreaviso.

O café era calmo e só ali havia alguns estudantes a acabar de almoçar. Jeannie pediu um café e uma salada. Enquanto estava à espera abriu a brochura que trouxera do vestíbulo e leu:

"A Clínica Aventine foi fundada em 1972 pela Genético, Inc., como centro pioneiro para a investigação e desenvolvimento da fertilização humana in vitro, a criação daquilo a que os jornais chamam "bebês-proveta".

E, de súbito, tudo ficou claro.

Jane Edelsborough era uma viúva com cerca de cinquenta anos. Sendo uma mulher escultural mas desleixada, vestia normalmente roupas exóticas largas e sandálias. Era bastante inteligente, mas ninguém o adivinharia olhando para ela. Berrington achava essas pessoas surpreendentes. "Se alguém era inteligente", pensava, "por que motivo haveria de se disfarçar de idiota vestindo-se mal?" No entanto, as universidades estavam cheias de pessoas dessas; na verdade, ele é que era a exceção por se preocupar com a sua aparência.

Naquele dia estava especialmente elegante, com um casaco azul-escuro de linho, colete igual e calças de xadrez pied-de-poule. Observou a sua imagem no espelho atrás da porta antes de sair do gabinete para ir falar com Jane.

Dirigiu-se ao edifício da associação de estudantes. Os professores raramente ali comiam. Berrington nunca lá entrara, mas Jane fora almoçar mais tarde, como lhe dissera a tagarela secretária do departamento de física.

O átrio do edifício estava cheio de alunos de calções fazendo fila para o multibanco. Entrou na cafeteria e olhou em volta. Ela estava a um canto, lendo o jornal e comendo batatas fritas com as mãos.

O local assemelhava-se às zonas de restaurantes dos aeroportos e centros comerciais, com uma Pizza Hut, uma sorveteria e um Burger King, bem como uma cafeteria normal. Berrington pegou num tabuleiro e dirigiu-se à seção da cafeteria. Dentro de um balcão frigorífico havia alguns sanduíches e bolos com um aspecto pouco convidativo. Estremeceu: em circunstâncias normais seria capaz de dirigir até ao estado mais próximo só para não comer ali.

Aquilo iria ser difícil. Jane não era o seu tipo de mulher. Isso tornava ainda mais provável a possibilidade de ela se inclinar na direção errada durante a audiência disciplinar. Tinha de fazer amizade com ela num espaço de tempo reduzido. Isso iria requerer todo o seu charme.

Comprou uma fatia de cheesecake e um café e dirigiu-se para a mesa de Jane. Sentia-se nervoso, mas obrigou-se a parecer descontraído.

— Jane, que surpresa agradável — disse. Importa-se que me sente na sua mesa?

— Claro que não — respondeu ela, afastando o jornal. Tirou os óculos, revelando olhos castanhos com rugas de divertimento à volta, mas a sua aparência era um desastre: tinha o cabelo comprido e grisalho amarrado com um trapo qualquer e vestia uma camisa cinzento-esverdeada com marcas de transpiração debaixo dos braços.

— Acho que nunca o vi aqui — observou ela.

— Nunca estive aqui. Mas na nossa idade é importante variar um pouco os hábitos, não acha?

— Eu sou mais nova do que você — disse ela suavemente, embora ninguém seja dessa opinião.

— Que disparate! Meteu à boca uma garfada do cheesecake. A base era dura como cartão e a cobertura sabia a espuma de barbear com aroma de limão. Engoliu com esforço. O que acha da proposta do Jack Budgen para a biblioteca de biofísica?

— Foi por isso que veio falar comigo?

— Eu não vim falar consigo, vim à procura de comida, e quem me dera não o ter feito! Isto é horrível. Como é que consegue comer aqui?

Ela meteu uma colher numa espécie de sobremesa.

— Não reparo naquilo que como, Berry, porque estou pensando no meu acelerador de partículas. Fale-me da nova biblioteca.

Berrington já fora como ela, obcecado pelo trabalho, há muito tempo. Nunca se permitira parecer um espantalho por causa disso, mas, mesmo assim, enquanto jovem cientista, vivera para a emoção da descoberta. No entanto, a sua vida tomara um rumo diferente. Os seus livros eram generalizações do trabalho de outros: já não escrevia um original há quinze ou vinte anos. Por momentos, perguntou a si próprio se não teria sido mais feliz se tivesse feito uma escolha diferente. A mal vestida Jane, ingerindo comida barata enquanto meditava sobre problemas da física nuclear, tinha um ar de calma e contentamento que Berrington nunca possuía. E não estava conseguindo agradar-lhe. Era demasiado inteligente. Talvez devesse elogiá-la intelectualmente.

— Creio que você devia ter um papel mais importante. É a professora de Física mais antiga da universidade, uma das melhores cientistas da Universidade Jones Falis... Devia envolver-se nesta biblioteca.

— Será que ela vai mesmo ser real?

— Creio que a Genético irá financiá-la.

— Bem, isso são boas notícias. Mas qual é o seu interesse?

— Há trinta anos fiz nome quando comecei a perguntar que características humanas são herdadas e quais são aprendidas. Graças ao meu trabalho, e ao trabalho de outros como eu, sabemos agora que a herança genética de um indivíduo é mais importante do que a sua educação e do que o meio ambiente em que vive na determinação dos seus traços psicológicos.

— Natureza, não educação.

— Exato. Provei que um ser humano é o seu DNA. A nova geração está interessada em descobrir como funciona o processo. Qual é o mecanismo através do qual uma combinação de substâncias químicas me deu olhos azuis e outra combinação lhe deu olhos de um castanho-escuro e profundo, quase da cor do chocolate?

— Berry — exclamou ela com um sorriso de esguelha. Se eu fosse uma secretária empertigada de trinta anos com seios espetados, poderia imaginar que está flertando comigo.

"Isto já é melhor", pensou ele. Conseguira pô-la mais meiga.

— Empertigada? — repetiu ele com um sorriso. Olhou deliberadamente para o peito dela, depois de novo para o rosto. Creio que somos tão empertigados como nos sentimos.

Ela riu, mas Berrington percebeu que se sentia satisfeita. Pelo menos estava conseguindo qualquer coisa.

— Tenho de ir-me embora — disse ela então.

"Raios!" Não podia controlar aquela troca de palavras. Tinha de conseguir rapidamente a atenção dela. Levantou-se, fazendo menção de a acompanhar.

— Irá provavelmente haver uma comissão para supervisionar a criação da nova biblioteca — disse ele enquanto saíam da cafeteria. Gostaria de saber quem, segundo você, deveria fazer parte dela.

— Credo, teria de pensar no assunto. Agora tenho de ir dar uma aula sobre antimatéria.

"Raios, estou a perdê-la", pensou Berrington.

— Podemos falar mais tarde? — perguntou ela então. Berrington agarrou a oportunidade.

— Que tal ao jantar? Ela pareceu admirada.

— Está bem — anuiu.

— Esta noite?

Jane tinha uma expressão divertida.

— Por que não?

— Pelo menos teria outra oportunidade.

— Vou buscá-la as oito disse.

— Okay. Ela deu-lhe o endereço e ele tomou nota num pequeno bloco.

— De que tipo de comida gosta? — perguntou Berrington. Oh!, não me diga, já me lembrei: você pensa no acelerador de partículas. Saíram para o sol quente. Ele apertou-lhe o braço levemente. Então, até logo.

— Berry, você não anda atrás de nada, pois não? Ele piscou-lhe o olho.

— O que tem para me dar? Ela riu-se e afastou-se.

Bebês de proveta. Fertilização in vitro. A ligação era essa. Jeannie percebeu tudo.

Charlotte Pinker e Lorraine Logan haviam sido submetidas a um tratamento de fertilidade na Clínica Aventine. A clínica fora pioneira na fertilização in vitro: o processo através do qual o espermatozoide do pai e um óvulo da mãe são unidos em laboratório e depois o embrião daí resultante é implantado no útero da mulher.

Os gêmeos univitelinos surgem quando um embrião se divide ao meio, no útero, transformando-se em dois indivíduos. Isso podia ter acontecido na proveta. Depois os gêmeos da proveta podiam ter sido implantados em duas mulheres diferentes. Era dessa forma que podiam nascer gêmeos univitelinos em mulheres diferentes. Bingo!

A empregada trouxe a salada de Jeannie, mas esta estava demasiado excitada para comer.

Os bebês de proveta não passavam de teoria no início dos anos 70, disso tinha ela a certeza. Mas era evidente que a Genética estivera muito adiantada na sua investigação.

Lorraine e Charlotte disseram ter recebido tratamento hormonal. Parecia que a clínica lhes mentira a respeito do tratamento.

Isso já era suficientemente mau, mas, à medida que Jeannie analisava as implicações, foi-se apercebendo de algo pior. O embrião que se dividia podia ser o filho biológico de Lorraine e Charles, ou de Charlotte e do major... mas apenas de um dos casais. Um deles fora implantado junto do filho de outro casal.

Jeannie sentiu horror e nojo ao perceber que ambas as mulheres podiam ter filhos de estranhos.

Perguntou-se por que motivo a Genética enganara os seus clientes daquela forma. A técnica ainda não fora experimentada: talvez ainda precisassem de cobaias humanas. Talvez tivessem pedido autorização e esta lhes houvesse sido recusada. Ou talvez tivessem outro motivo para manter o segredo.

Fosse qual fosse à razão que os levara a mentir às mulheres, Jeannie percebia agora por que ficara a Genético tão assustada com a sua investigação. Colocar um embrião estranho numa mulher sem o seu consentimento era o que de menos ético podia haver. Não era de admirar que estivessem tão desesperados para abafar a situação. Se Lorraine Logan viesse a descobrir o que lhe fora feito, iria exigir uma enorme indenização.

Bebeu um gole de café. Afinal, a viagem até Filadélfia não fora completamente desperdiçada. Ainda não tinha todas as respostas, mas resolvera o quebra-cabeças central. Era bastante satisfatório.

Levantou a cabeça e ficou pasmada ao ver Steve entrar.

Pestanejou e olhou para ele. Vestia calças de caqui e uma camisa azul. Depois de entrar, fechou a porta com o calcanhar.

Ela esboçou um grande sorriso e levantou-se para o cumprimentar.

— Steve! — exclamou, encantada. Lembrando-se da sua resolução, lançou os braços ao seu pescoço e beijou-o nos lábios. Ele tinha um cheiro diferente, menos de tabaco e mais de especiarias. Steve abraçou-a e retribuiu o beijo. Jeannie ouviu uma mulher mais velha dizer:

— Meu Deus, lembro-me de já ter sentido isso!

Várias pessoas riram. Ela soltou-o.

— Senta-te. Quer comer alguma coisa? Podemos dividir a salada. O que estás fazendo aqui? Não posso acreditar. Deve ter-me seguido. Não, não, sabia o nome da clínica e decidiste vir.

— Tive vontade de falar contigo. Alisou as sobrancelhas com o dedo indicador direito.

Algo naquele gesto incomodou Jeannie: "Quem é que eu já vi a fazer isto?" Afastou o pensamento para longe.

— Vai ter uma grande surpresa.

Ele pareceu tenso.

— Ai sim?

— Gosta de aparecer inesperadamente, não gosta?

— Acho que sim. Ela sorriu-lhe.

— Hoje parece um pouco estranho. Em que estás pensando?

— Olha, já me puseste a transpirar — disse ele. Não podemos ir lá para fora?

— Claro. Jeannie pôs uma nota de cinco dólares em cima do balcão e levantou-se. Onde está o teu carro? — perguntou já lá fora.

— Vamos no teu.

Entraram no Mercedes vermelho. Ela apertou o cinto, mas ele não. Assim que arrancaram, ele aproximou-se, levantou-lhe o cabelo e começou a beijá-la no pescoço. Ela gostou, mas sentiu-se pouco à vontade.

— Acho que já somos um pouco velhos para fazermos isto no carro.

— Okay — concordou ele. Deteve-se e ficou a olhar para frente, mas deixou o braço sobre os ombros dela. Jeannie seguia para leste, na Chestnut. Ao chegarem à ponte, ele disse: Apanha a via rápida, quero mostrar-te uma coisa.

Seguindo as placas, ela virou à direita para Shuylkill Avenue e parou num semáforo.

A mão sobre o seu ombro baixou e começou a acariciar-lhe o seio. Ela sentiu o mamilo ficar duro ao toque dele, mas mesmo assim sentiu-se pouco à vontade. Assemelhava-se à sensação de ser apalpada no metrô.

— Olha, Steve, eu gosto de você, mas está indo depressa de mais para o meu gosto.

Ele não respondeu, mas os seus dedos encontraram o mamilo e apertaram-no com força.

— Au! — exclamou ela. Isso dói. O que é que te deu? — perguntou. Empurrou-o com a mão direita. O semáforo ficou verde e desceram a rampa para a via rápida.

— Não sei como reagir — queixou-se ele. Primeiro, beija-me como uma ninfomaníaca, depois fica distante.

"E imaginei eu que este rapaz tinha maturidade!"

— Olha, uma garota beija-te porque tem vontade. Isso não te dá autorização de fazer o que quer com ela. E nunca deve magoá-la.

Iam avançando para sul.

— Algumas garotas gostam de ser magoadas — disse ele, pousando a

mão no joelho dela.

Ela afastou a mão.

— O que é que queria mostrar-me? — perguntou, tentando distraí-lo.

— Isto — respondeu ele, pegando-lhe na mão. Um momento depois, ela sentiu o pênis dele, ereto e quente.

— Deus do céu! Retirou a mão. Caramba, enganara-se bem a respeito dele. Fique quieto, Steve, e pára de se comportar como um maldito adolescente!

Algo lhe desferiu um golpe forte na cara.

Gritou e guinou para o lado. Ouviu-se uma buzina quando o Mercedes foi para a faixa do lado, metendo-se à frente de um caminhão. Esforçando-se por ignorar a dor, ela conseguiu controlar o carro.

Apercebeu-se, com espanto, de que ele a tinha esmurrado.

Nunca ninguém o fizera.

— Filho da puta! — gritou ela.

— Agora bate-me uma punheta — disse ele. Senão, dou-te uma tarefa.

— Vai-te foder! — gritou ela.

Pelo canto do olho, viu que ele se preparava para lhe dar outro soco.

Sem pensar, apertou os freios.

Ele foi atirado para frente e o soco não a atingiu. A cabeça dele bateu no pára-brisas. Ouviu-se o ruído de pneus a chiar quando uma limusine branca guinou para evitar colidir com o Mercedes.

Quando ele recuperou o equilíbrio, ela largou o freio. O carro avançou. "Se parasse na faixa da esquerda da via rápida, ele ficaria tão assustado que lhe imploraria que avançasse", pensou Jeannie. Voltou a apertar os freios e ele foi de novo empurrado para frente.

Desta vez recuperou mais depressa. O carro parou. Os outros carros e caminhões contornaram-no, buzinando. Jeannie ficou apavorada: a qualquer momento, outro veículo podia chocar com a traseira do Mercedes. Mas o seu plano não funcionou: ele parecia não ter medo de nada. Meteu-lhe a mão debaixo da saia, puxou as meias finas e rasgou-as. Tentou afastá-lo, mas ele encontrava-se praticamente em cima dela. Com certeza não estava pensando

violá-la ali no meio da via rápida. Desesperada, ela abriu a porta, mas não conseguiu sair porque tinha o cinto posto. Tentou desapertá-lo, mas não foi capaz por causa de Steve.

À sua esquerda havia uma outra rampa de acesso, com carros entrando diretamente na faixa da esquerda a noventa quilômetros à hora. Não haveria um único condutor capaz de parar para ajudar uma mulher que estava a ser atacada?

Enquanto tentava afastá-lo, o pé largou o freio e o carro avançou. "Talvez devesse mantê-lo desequilibrado", pensou. Controlava o carro, essa era a sua única vantagem. Desesperada, pisou fundo no acelerador.

O carro arrancou de repente. Ouviu os pneus de um ônibus que por pouco não lhe acertou no pára-choques. Steve foi catapultado para o banco e distraiu-se durante momentos, mas pouco depois as mãos dele já estavam de novo sobre ela, tirando-lhe os seios do soutien e mexendo-lhe na calcinha enquanto ela conduzia. Jeannie estava em pânico. Ele parecia não se importar de provocar um acidente que os matasse. O que raio poderia fazer para o deter?

Guinou o carro com força para a esquerda, atirando-o contra a porta do passageiro. Quase colidiu com um carro do lixo, e durante um instante que pareceu eterno olhou para o rosto petrificado do condutor, um homem de idade com um bigode grisalho; depois virou o volante na outra direção e o Mercedes fugiu ao perigo.

Steve tornou a agarrá-la. Jeannie travou a fundo, depois acelerou de novo, mas ele ria-se enquanto era atirado de um lado para o outro, como se estivesse na montanha-russa; depois voltou a atacá-la.

Ela bateu-lhe com o cotovelo e o punho direitos, mas não podia impulsionar os socos ao volante e conseguiu apenas distrai-lo durante mais alguns segundos.

Quanto mais tempo duraria aquilo? Não haveria carros-patrulha na cidade?

Por sobre o ombro dele viu que estava a passar por uma rampa de saída. Alguns metros atrás vinha um velho Cadillac azul-celeste. No último momento, virou o volante. Os pneus chiaram, o Mercedes ficou assente em duas rodas e Steve caiu em cima dela. O Cadillac azul guinou para se desviar,

ouviu-se um coro de buzinas, e então ouviu o som de chapa a bater e de vidros a partirem-se. As outras duas rodas do carro voltaram a bater no alcatrão com grande estrondo. Já estava na rampa. O carro ziguezagueou, ameaçando bater no parapeito de cimento que ladeava a estrada, mas ela conseguiu controlá-lo.

Acelerou ao longo da rampa de saída. Assim que o carro estabilizou, Steve meteu as mãos no meio das suas pernas e tentou enfiar os dedos dentro da calcinha. Ela contorceu-se, tentando detê-lo. Olhou para o rosto dele. Steve sorria, de olhos muito abertos, ofegante e excitado. Estava a divertir-se. Aquilo era uma loucura.

Não havia carros nem à frente nem atrás. A rampa terminava num semáforo que estava verde. À esquerda havia um cemitério. Viu uma placa a indicar Civic Center Boulevard e virou para aí, esperando ver a Câmara Municipal com uma multidão nos passeios. Para seu horror, a rua era um deserto com prédios abandonados e praças de cimento. À frente, um semáforo ficou vermelho. Se parasse, estava perdida.

Steve meteu-lhe a mão dentro da calcinha.

— Pára o carro! — ordenou.

Como ela, percebera que se a violasse ali provavelmente ninguém iria interferir.

Agora estava a magoá-la, beliscando-a e tentando enfiar os dedos dentro dela, mas pior do que a dor era o medo do que estava para acontecer. Jeannie acelerou em direção ao semáforo vermelho.

Surgiu uma ambulância da esquerda. Ela travou a fundo e guinou para não chocar, pensando: "Se tiver agora um acidente, pelo menos alguém poderá ajudar-me!"

De súbito, Steve afastou as mãos do seu corpo. Ela sentiu um abençoado momento de alívio. Depois ele agarrou no câmbio e colocou-a em ponto morto. O carro perdeu a força. Ela voltou a meter a mudança e acelerou, ultrapassando a ambulância.

"Durante quanto mais tempo irá isto durar?", interrogou-se. Tinha de ir para uma zona com pessoas antes que o carro parasse ou chocasse com alguma coisa, mas Filadélfia transformara-se numa paisagem lunar.

Ele agarrou no volante e tentou virar o carro para a guia. Jeannie voltou

a pô-lo a direito. As rodas de trás chiaram e a ambulância apitou.

Ele tentou de novo. Desta vez foi mais esperto. Meteu o carro em ponto morto com a mão esquerda e agarrou no volante com a direita. O carro abrandou e subiu o passeio.

Jeannie tirou as mãos do volante, pousou-as no peito de Steve e empurrou-o. Ele ficou surpreendido com a força dela e foi catapultado para trás. Jeannie engatou a mudança e acelerou. O carro avançou, disparado, mas ela soube que não poderia lutar contra ele durante muito mais tempo. A qualquer momento ele poderia conseguir parar o carro e ficariam ali encurralados. Steve recuperou o equilíbrio enquanto ela virara à esquerda. Agarrou no volante com as duas mãos e ela pensou: "Isto é o fim, não posso fazer mais nada". Então o carro acabou de dar a curva e a paisagem mudou abruptamente.

Estavam numa rua movimentada, num hospital com pessoas à porta, uma praça de táxis e uma roulotte a vender comida chinesa.

— Boa! — gritou Jeannie, triunfante.

Pisou no freio. Steve tentou virar o volante e ela puxou-o para o outro lado. Aos ziguezagues, o carro parou no meio da estrada. Uma dezena de taxistas que se encontravam junto da roulotte virou-se para observar a cena.

Steve abriu a porta, saiu e desatou a correr.

— Graças a Deus! — murmurou Jeannie. Pouco depois, ele desapareceu.

Jeannie não se mexeu, ofegante. Ele fora-se embora. O pesadelo chegara ao fim.

Um dos taxistas aproximou-se e espreitou para dentro do carro pela janela do passageiro. À pressa, Jeannie ajeitou a roupa.

— A senhora está bem? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondeu ela, sem fôlego.

— O que raio foi aquilo? Ela abanou a cabeça.

— Quem me dera saber!

Steve encontrava-se sentado num muro baixo junto à casa de Jeannie, à espera dela. Estava calor, mas ele saboreava a sombra de um enorme bordo. Ela vivia num velho bairro operário com pequenas vivendas. Alguns adolescentes de uma escola próxima dirigiam-se a casa, rindo, discutindo e comendo doces. Ainda não há muito ele fizera a mesma coisa: havia oito ou nove anos.

Agora, porém, estava preocupado e desesperado. Naquela tarde, o seu advogado falara com a sargento Delaware, da Unidade de Crimes de natureza Sexual. Ela dissera-lhe quais haviam sido os resultados do teste ao DNA. O DNA dos vestígios de esperma encontrados na vagina de Lisa Hoxton eram exatamente iguais aos do DNA do sangue de Steve.

Ele ficou arrasado. Estivera certo de que o teste ao DNA poria termo à sua agonia.

Apercebeu-se de que o advogado já não acreditava na sua inocência. Os pais sim, mas estavam perplexos: sabiam o suficiente para perceber que o teste do DNA era bastante fiável.

Nos momentos de maior desânimo, ele perguntava a si próprio se teria dupla personalidade. Talvez houvesse outro Steve que se apoderava dele, violava mulheres e lhe devolvia o seu corpo mais tarde. Houvera um momento na sua luta com Tip Hendricks de que não conseguia recordar-se. E estivera quase a enfiar os dedos pelo cérebro de Porky Butcher acima. Seria o seu alter ego que fazia aquelas coisas? Não acreditava nisso. Tinha de haver outra explicação.

O raio de esperança era o mistério que o rodeava a ele e a Dennis Pinker. Dennis tinha o mesmo DNA de Steve. Ali havia algo de errado. E a única pessoa que podia esclarecer tudo era Jeannie Ferrami.

Os meninos desapareceram nas suas casas e o Sol escondeu-se atrás dos prédios do outro lado da rua. Por volta das seis da tarde, o Mercedes vermelho estacionou a cerca de cinquenta metros. Jeannie saiu. A princípio não viu Steve. Abriu o porta-bagagens e tirou de lá um enorme saco de lixo preto. Depois trancou o carro e avançou pelo passeio na direção dele. Estava vestida com formalidade, com um fato de saia e casaco preto, mas parecia

desalinhada e havia um cansaço no seu andar que tocou o coração de Steve. Interrogou-se sobre o que teria acontecido para ela ter aquele ar tão derrotado. Todavia, continuava deslumbrante, e ele observou-a cheio de desejo.

Quando ela se aproximou ele levantou-se, a sorrir, e avançou para ela.

Jeannie fitou-o e reconheceu-o. Ficou horrorizada.

Abriu a boca e gritou.

Ele parou.

— Jeannie, o que foi? — perguntou, perplexo.

— Afaste-se de mim! — gritou. Não me toque! Vou já chamar a Polícia!

Atônito, Steve levantou as mãos num gesto defensivo.

— Claro, claro, tudo o que quiser. Não te toco, está bem? O que raio te deu?

Apareceu um vizinho na porta de entrada da casa de Jeannie. "Devia ser o ocupante do apartamento do rés-do-chão", pensou Steve. Era um negro idoso e vestia uma camisa quadriculada e uma gravata.

— Está tudo bem, Jeannie? — perguntou ele. Pareceu-me ouvir alguém gritar.

— Fui eu, Senhor Oliver — respondeu ela com voz trêmula. Este idiota atacou-me esta tarde em Filadélfia.

— Ataquei-te? — repetiu Steve com ar incrédulo. Eu não faria uma coisa dessas!

— Seu patife, fizeste-o apenas há duas horas.

Steve ficou furioso. Estava farto de ser acusado de brutalidade.

— Vai-te foder, há anos que não vou a Filadélfia!

O Senhor Oliver interveio.

— Este jovem esteve sentado no muro durante duas horas, Jeannie. Não foi a Filadélfia esta tarde.

Jeannie parecia indignada e pronta a acusar o simpático vizinho de mentir.

Steve reparou que ela não trazia meias finas; as pernas nuas não combinavam com uma roupa tão formal. Um dos lados do seu rosto estava ligeiramente inchado e vermelho. A sua fúria evaporou-se. Alguém a atacara. Sentiu vontade de a abraçar e de a consolar. Isso tornava o medo que ela sentia dele ainda mais perturbador.

Ele magoou-te disse. O bandido!

O rosto dela alterou-se. A expressão de terror desapareceu.

— Ele chegou aqui há duas horas? — perguntou ela ao vizinho. O homem encolheu os ombros.

— Uma hora e quarenta, talvez cinquenta.

— Tem certeza?

Jeannie, se ele estava em Filadélfia há duas horas deve ter vindo para aqui num Concorde.

Ela olhou para Steve.

— Deve ter sido o Dennis.

Ele avançou para Jeannie, que não recuou. Steve tocou no rosto inchado dela com a ponta dos dedos.

— Pobre Jeannie.

— Pensei que era você — disse ela, com lágrimas nos olhos. Ele abraçou-a. Aos poucos, sentiu o corpo dela perder a rigidez e apoiar-se ao seu. Fez-lhe festas na cabeça e prendeu os dedos nas fortes madeixas onduladas do seu cabelo. Fechou os olhos, pensando no corpo magro e forte dela. "Aposto que o Dennis também tem umas nódoas negras", pensou. "Espero que sim". Mister Oliver pigarreou.

— Os meninos querem um café? — Jeannie afastou-se de Steve.

— Não, obrigada. Só quero ver-me livre desta roupa.

O seu rosto estava tenso, mas isso tornava-a ainda mais encantadora. "Estou a apaixonar-me por esta mulher", pensou Steve. "Não quero apenas dormir com ela, embora também o deseje. Quero que ela seja a minha melhor amiga. Quero ver televisão com ela, ir ao supermercado com ela e dar-lhe xarope com uma colher quando estiver constipada. Quero vê-la a escovar os dentes, a vestir as calças de jeans e a barrar as torradas. Quero que ela me

pergunte se o batom cor de laranja lhe fica bem, se tem de comprar lâminas de barbear e a que horas chego a casa".

Perguntou a si próprio se teria coragem de lhe contar isso.

Ela atravessou o alpendre e chegou à porta. Steve hesitou. Queria segui-la, mas precisava ser convidado.

Ela virou-se.

— Anda — disse.

Ele seguiu-a escadas acima e entrou na sala atrás dela. Jeannie largou o saco de plástico sobre o tapete. Foi à kitchenette, descalçou-se e depois, para espanto de Steve, colocou os sapatos no caixote do lixo.

— Nunca mais volto a calçar estes malditos sapatos! — exclamou, irritada. Tirou o casaco e fez o mesmo. Depois, enquanto Steve a observava com ar descrente, desabotoou a blusa e pô-la também no caixote.

Tinha um soutien simples de algodão preto. "Não me digam que ela o vai tirar à minha frente", pensou Steve. Mas ela desapertou-o e atirou-o para o caixote. Tinha pequenos seios firmes com grandes mamilos castanhos. Num dos ombros havia uma pequena marca vermelha, devido à alça apertada. Steve ficou com a garganta seca.

Jeannie abriu o fecho da saia e deixou-a escorregar até ao chão. Usava calcinha preta de algodão. Steve olhou-a boquiaberto. O corpo dela era perfeito: ombros fortes, seios firmes, nada de barriga e pernas longas e esculpturais. Jeannie tirou a calcinha, juntou-as à saia e meteu tudo no caixote. O seu pêlo púbico era uma massa densa de caracóis negros.

Olhou com uma expressão ausente para Steve, quase como se não soubesse o que ele ali estava a fazer.

— Tenho de tomar uma ducha — disse, então.

Nua, passou por ele. Steve olhou, faminto, para as suas costas, absorvendo os pormenores das suas omoplatas, da sua cintura fina, das curvas das suas ancas, dos músculos das pernas. Era tão bonita que até fazia doer.

Jeannie saiu da sala. Pouco depois, Steve ouviu a água a correr.

— Jesus! exclamou ele. Sentou-se no sofá preto. O que significaria aquilo? Seria uma espécie de teste? O que estaria ela tentando dizer-lhe?

Ele sorriu. Que corpo maravilhoso, tão elegante, forte e bem proporcionado. Independentemente do que viesse a acontecer, nunca se esqueceria dele. A ducha foi bastante prolongada. Steve apercebeu-se de que, devido à agitação, não lhe contara as novidades. Por fim, a água parou. Um minuto depois, ela surgiu com um enorme roupão rosa-vivo e o cabelo escorrendo. Sentou-se no sofá ao lado dele e perguntou:

— Terei sonhado ou despi-me à tua frente?

— Não sonhou — respondeu ele. Jogou a roupa no lixo.

— Meu Deus, não sei o que me deu.

— Não tem de se desculpar. Fico satisfeito por confiar tanto em mim. Não sabe o que isso significa.

— Deve pensar que estou ficando maluca.

— Não, mas parece-me que deve estar em choque depois do que te aconteceu na Filadélfia.

— Talvez seja isso. Só me lembro de sentir que tinha de me livrar da roupa que trazia vestida quando aquilo aconteceu.

— Talvez seja altura de abrires aquela garrafa de vodca que tem no frigorífico.

Ela abanou a cabeça.

— Do que eu preciso agora é de chá de jasmim.

— Eu faço-o. Levantou-se e contornou o balcão da cozinha. Por que é que anda com um saco do lixo atrás?

— Fui despedida. Meteram todas as minhas coisas nesse saco e trancaram a porta do meu gabinete.

— O quê? — perguntou ele, incrédulo. A que propósito?

— Saiu hoje um artigo no New York Times dizendo que a minha utilização das bases de dados devassa a vida privada das pessoas. Mas acho que o Berrington Jones se serviu disso como desculpa para se ver livre de mim.

Ele fervia de indignação. Queria protestar, saltar em defesa dela, salvá-la da perseguição. — Podem ver-se livres de você assim sem mais nem menos?

— Não, amanhã vai haver uma audiência perante o conselho disciplinar

do senado da universidade.

— Estamos ambos a ter uma péssima semana. Sentia-se prestes a falar-lhe do teste do DNA quando ela pegou no auscultador.

— Preciso saber o número da Penitenciária de Greenwood. Fica perto de Richmond, na Virgínia. Enquanto Steve enchia a chaleira, ela anotou um número e fez nova chamada. Posso falar com o diretor Temoigne? Fala a doutora Ferrami. Sim, eu espero. Obrigada... Boa noite, senhor diretor, como está? Bem, obrigada. Pode achar idiota a minha pergunta, mas o Dennis Pinker ainda está preso?... Tem a certeza? Viu-o com os seus próprios olhos?... Obrigada. E felicidades para si também. Adeus. Olhou para Steve. O Dennis ainda está preso. O diretor falou com ele há uma hora.

Steve colocou uma colher de chá de jasmim no bule e pegou em duas canecas.

— Jeannie, os policiais já têm o resultado do teste do DNA. Ela não se mexeu.

— E?...

— O DNA na vagina da Lisa é igual ao do meu sangue.

— Está pensando o mesmo que eu? — perguntou ela.

— Parece que alguém parecido comigo e com o meu DNA violou a Lisa Hoxton no domingo. O mesmo tipo atacou-te hoje em Filadélfia. E não foi o Dennis Pinker.

Olharam-se nos olhos, incrédulos.

— Vocês são três... disse Jeannie.

— Deus do Céu! — exclamou ele. Sentia-se desesperar. Mas isso é ainda menos provável. Os policiais nunca hão-de acreditar em ti. Como é que uma coisa dessas podia acontecer?

— Espera! disse ela, muito excitada. Não sabe o que eu descobri esta tarde, antes de encontrar o teu sócia. Sei qual é a explicação.

— Deus permita que seja verdade. Ela parecia preocupada.

— Steve, vais ter uma grande surpresa.

— Não me interessa, quero é perceber.

Ela enfiou a mão no saco do lixo preto e exibiu a pasta.

Olha para isto. Tirou de lá uma brochura brilhante aberta na primeira página. Estendeu-a a Steve e ele leu o primeiro parágrafo.

"A Clínica Aventine foi fundada em 1972 pela Genético, Inc., como centro pioneiro para a investigação e desenvolvimento da fertilização humana in vitro, a criação daquilo a que os jornais chamam "bebê de proveta".

— Acha que eu e o Dennis somos bebês de proveta? — perguntou Steve.

— Sim.

Ele sentiu uma forte náusea.

— Que estranho! Mas de que forma é que isso explica tudo?

— Os gêmeos univitelinos podiam ter sido concebidos em laboratório e depois implantados no útero de várias mulheres.

A náusea de Steve aumentou ainda mais.

— Mas o óvulo e o espermatozóide são dos meus pais... ou dos Pinker?

— Não sei.

— Então os Pinker podem ser os meus verdadeiros pais. Meu Deus!

— Há outra possibilidade.

Steve percebeu pela preocupação espelhada no rosto de Jeannie que ela receava que aquilo também o fosse chocar. A sua mente deu um salto em frente e ele adivinhou o que ela tinha para lhe dizer.

— Talvez o espermatozóide e o óvulo não tenham sido dos meus pais nem dos Pinker. Posso ser filho de desconhecidos.

Ela não respondeu, mas o seu ar solene indicou a Steve que acertara.

Sentiu-se desorientado. Era como um daqueles sonhos em que de repente começamos a cair.

— É difícil de engolir — comentou ele. A chaleira elétrica desligou-se automaticamente. Para estar ocupado, Steve deitou a água fervendo no bule. Nunca fui muito parecido com os meus pais. Sou parecido com os Pinker?

— Não.

— Então os meus pais são dois desconhecidos.

— Steve, nada disto invalida o fato de os teus pais te terem amado e educado e de serem capazes de dar a vida por você.

Com mão trêmula, ele encheu de chá as duas canecas. Entregou uma a Jeannie e sentou-se a seu lado no sofá.

— E como é que isso explica o terceiro gêmeo?

— Se havia gêmeos no tubo de ensaio, podia haver trigêmeos. O processo é o mesmo: um dos embriões volta a dividir-se. Acontece na natureza, por isso pode acontecer em laboratório.

Steve continuava meio tonto, mas agora começava a sentir outra coisa: alívio. A história que Jeannie lhe contara era estranha, mas pelo menos oferecia uma explicação racional para o motivo que o levava a ser acusado de dois crimes brutais.

— Os meus pais sabem disso?

— Creio que não. A tua mãe e a Charlotte Pinker disseram-me que tinham ido à clínica para um tratamento hormonal. Naquela altura não se fazia a fertilização in vitro. A Genético devia já ter desenvolvido bastante a técnica. E creio que a experimentaram sem dizer às pessoas aquilo que estavam fazendo.

— Não admira que a Genético esteja com medo — comentou Steve. Agora percebo por que anda o Berrington tão desesperado para te desacreditar.

— Pois é. O que eles fizeram foi realmente pouco ético. Faz com que a devassa da vida privada pareça uma ninharia.

— Pouco ético é favor! E podia arruinar a Genético. Jeannie animou-se.

— Isso explicaria muita coisa. Mas arruiná-los como?

— É um delito de natureza civil. O ano passado estudei isso na faculdade. No seu íntimo pensava: "Por que raio estou eu a falar-lhe de delitos? Quero é dizer-lhe que a amo!" Se a Genético oferecia um tratamento hormonal a uma mulher e depois a engravidava com o feto de outra pessoa sem lhe dizer, estava quebrando o seu compromisso e cometendo um delito.

— Mas isso aconteceu há tanto tempo! Não há um prazo de prescrição do procedimento criminal?

— Sim, mas começa na altura da descoberta do delito.

— Ainda não percebi como é que a Genético pode ficar arruinada.

— Este caso é ideal para exigir uma indenização. Incisa a vítima pelo custo de educar o filho de outra pessoa e punem-se as pessoas que o fizeram. Assim, tem-se a certeza de que outros ficarão demasiado assustados para tentar fazer o mesmo.

— De que quantia está falando?

— A Genético abusou do corpo de uma mulher para os seus fins secretos... Tenho a certeza de que qualquer bom advogado pediria cem milhões de dólares.

— Segundo aquele artigo que saiu ontem no Wall Street Journal, a empresa vale cento e oitenta milhões.

— Então ficaria arruinada.

— O caso pode levar anos a ir a tribunal.

— Mas não está vendo? Só a ameaça iria dar cabo do negócio!

— Como?

— Porque a possibilidade de a Genético ter de pagar uma fortuna por danos causados iria reduzir o valor das ações. A venda da empresa seria adiada até a Landsmann poder avaliar a Genético.

— Uau! Então não são apenas as reputações que estão em risco. Também podem perder todo o dinheiro que possuem.

— Exatamente. Steve voltou a pensar nos seus problemas. Nada disto me ajuda disse ele, de novo cabisbaixo. Preciso de conseguir provar a teoria do terceiro gêmeo. A única forma é conseguir encontrá-lo. De súbito, ocorreu-lhe algo. Será que podíamos usar o teu programa? Percebes o que quero dizer?

— Claro.

Ele ficou mais animado.

— Se uma busca me emparelhou com o Dennis, outra poderá emparelhar-me com o terceiro, ou ao Denis com o terceiro, ou aos três.

— Sim. Ela não parecia muito entusiasmada.

— Consegue fazê-lo?

— Depois desta publicidade negativa, não vai ser fácil arranjar alguém que me deixe utilizar uma base de dados.

— Raios!

— Mas há uma possibilidade. Já fiz uma busca no arquivo de impressões digitais do FBI.

Steve voltou a animar-se.

— Com certeza que o Dennis lá deve constar. Se já tiraram as impressões do terceiro, o programa deve tê-lo apanhado! Isso é ótimo!

— Mas os resultados estão num disquete no meu gabinete.

— Oh!, não! E não pode lá entrar!

— Pois é.

— Raios, eu arrombo a porta, vamos já lá, de que estamos à espera?

— Podíamos acabar na prisão. E talvez haja uma maneira mais fácil.

— Com esforço, Steve acalmou-se.

— Tens razão. Deve haver outra forma de conseguir aquele disquete.

Jeannie pegou no telefone.

— Pedi à Lisa Hoxton para tentar entrar no meu gabinete. Vamos ver se ela conseguiu. Discou o número. Olá, Lisa, como estás? Eu? Não muito bem. Escuta, vai achar isto incrível. Resumiu o que tinha descoberto. Sei que é difícil de acreditar, mas posso provar tudo se tiver acesso à disquete... Não conseguiste entrar no meu gabinete? Merda. A sua expressão toldou-se. Bom, obrigada por ter tentado. Sei que se arriscou. Fico-te muito grata. Adeus. Desligou. A Lisa tentou persuadir um segurança a deixá-la entrar. Por pouco o conseguiu, mas ele foi confirmar com o superior e quase o despediram.

— O que vamos fazer agora?

— Se eu amanhã conseguir ter o meu emprego de volta na audiência, posso entrar à vontade no meu gabinete.

— Quem é o teu advogado?

— Não tenho advogado, nunca precisei de nenhum.

— Pode apostar que a faculdade tem o advogado mais caro da cidade.

— Merda! Eu não tenho dinheiro para pagar a nenhum. Steve custou a dizer o que lhe tinha ocorrido.

— Bem... eu sou advogado... Ela olhou-o com ar de dúvida.

— Frequentei um ano de Direito, mas nas aulas práticas de advocacia tive a melhor nota da turma. Estava encantado com a ideia de a defender contra a poderosa Universidade Jones Falis. Mas pensaria Jeannie que ele era demasiado novo e que teria pouca experiência? Tentou ler-lhe o pensamento, mas falhou. Ela continuava a fitá-lo. Ele contemplou aqueles olhos escuros. "Acho que seria capaz", pensou.

Então, ela inclinou-se e beijou-o ao de leve nos lábios.

— Raios, Steve, você é incrível!

O beijo foi muito rápido, mas eletrizante. Ele sentiu-se nas nuvens. Não sabia ao certo o que ela quisera dizer com incrível, mas devia ser bom.

Teria de justificar a confiança que ela depositava nele. Começou a preocupar-se com a audiência.

— Faz alguma ideia de quais são as regras do conselho disciplinar, do que se vai passar exatamente na audiência?

Ela pegou na pasta e entregou-lhe um dossiê de cartão.

Steve analisou o conteúdo. As regras eram uma mistura de tradição universitária e gíria legal moderna. Os crimes que podiam levar os professores a ser despedidos incluíam a blasfêmia e a sodomia, mas aquele que parecia mais relevante no caso de Jeannie era tradicional: sujeitar a universidade a difamação e má reputação.

— O conselho disciplinar não tinha a última palavra: limitava-se a fazer uma recomendação ao senado, o corpo dirigente da universidade. Era bom saber isso. Se Jeannie perdesse, o senado faria a vez do tribunal de recurso.

— Tem uma cópia do teu contrato? — perguntou Steve.

— Claro. Jeannie dirigiu-se a uma pequena secretária a um canto e abriu uma gaveta. Aqui está.

Steve leu-o rapidamente. No parágrafo doze, ela concordava em obedecer às decisões do senado. Isso iria quase impedi-la de contestar a decisão final.

Regressou às regras do conselho disciplinar.

— Diz aqui que tem de notificar previamente o presidente se desejar fazer-se representar por um advogado ou por outra pessoa.

— Vou já ligar ao Jack Budgen — disse Jeannie. São oito horas, ele deve estar em casa. Pegou no telefone.

— Espera. Vamos primeiro pensar na conversa.

— Tem toda a razão. Está sendo bastante racional, e eu não. Steve ficou satisfeito. O primeiro conselho que lhe dera como advogado fora bom.

— Este homem tem o teu futuro nas mãos. Como é ele?

— É o bibliotecário principal e meu adversário no tênis.

— É o tipo com quem estava jogando no domingo?

— Sim. É mais um administrador do que um acadêmico. Tem uma boa táctica de jogo, mas acho que nunca possuiu o instinto assassino para singrar a sério no tênis.

— Bom, então tem uma relação algo competitiva contigo.

— Creio que sim.

— Que impressão queremos causar-lhe? Juntou as pontas dos dedos das duas mãos. Primeiro: queremos parecer fortes e confiantes no êxito. Está ansiosa pela audiência. É inocente, está grata por ter a possibilidade de prová-lo e acha que a comissão vai ver a verdade dos fatos sob a orientação sensata de Budgen.

— Sim.

— Segundo: é o "pobre diabo". Uma garota fraca e indefesa...

— Está brincando? Ele sorriu.

— Risca isso. É uma jovem professora e luta contra o Berrington e contra o Obell, dois indivíduos astutos, habituados a fazer o que querem em Jones Falis. Bolas, não tem dinheiro para pagar a um verdadeiro advogado. O Budgen é judeu?

— Não sei. Talvez.

— Espero que sim. É mais fácil as minorias revoltarem-se contra o sistema. Terceiro: tem de vir a público o motivo que leva o Berrington a

perseguir-te desta maneira. É uma história chocante, mas tem de ser contada.

— Ganho alguma coisa em contá-la?

— Os outros ficam pensando que o Berrington tem algo a esconder.

— Ótimo. Mais alguma coisa?

— Acho que não.

Jeannie discou o número e entregou-lhe o telefone.

Steve pegou nele com algum nervosismo. Era o primeiro telefonema que fazia como advogado de alguém. "Queira Deus que eu não estrague tudo".

Enquanto ouvia o sinal de chamada, tentou recordar-se da forma como Jack Budgen jogava tênis. É claro que Steve estivera concentrado em Jeannie, mas lembrava-se de um homem careca, em boa forma física, com um jogo ritmado e astucioso. Budgen derrotara Jeannie, embora ela fosse mais jovem e mais forte. Steve esperou não subestimá-lo.

O telefone foi atendido por uma voz calma e culta.

— Sim?

— Professor Budgen, chamo-me Steve Logan. Houve uma breve pausa.

— Conheço-o, Senhor Logan?

— Não, professor. Quero que saiba, na sua qualidade de presidente do conselho disciplinar da Universidade Jones Falis, que amanhã irei acompanhar a doutora Ferrami. Ela está ansiosa pela audiência e por esclarecer o mal-entendido.

O tom de voz de Budgen era frio.

— O senhor é advogado?

Steve ficou ofegante, como se tivesse corrido, e esforçou-se por manter a calma.

— Sou estudante de Direito. A doutora Ferrami não tem dinheiro para pagar a um advogado. No entanto, vou fazer o meu melhor para ajudá-la a apresentar o seu caso com clareza e, se eu me portar mal, espero que tenha piedade de mim. Fez uma pausa, dando a Budgen a oportunidade de fazer um comentário simpático ou emitir um ligeiro grunhido, mas seguiu-se apenas um silêncio frio. Steve prosseguiu: Posso saber quem vai representar a universidade?

— Ouvi dizer que contrataram o Henry Quinn, da Harvey Horrocks Quinn.

Steve ficou abismado. Era uma das firmas mais antigas de Washington. Tentou parecer descontraído.

— Uma firma conservadora bastante respeitável — observou com uma ligeira gargalhada.

— Ai, sim?

O encanto de Steve não estava a funcionar com aquele homem. Era altura de se mostrar duro.

— Tenho ainda de referir outra coisa. Devemos revelar o motivo que levou Berrington Jones a atuar desta forma contra a doutora Ferrami. Não aceitamos o cancelamento da audiência, sob nenhuma condição. Isso não eliminaria as dúvidas quanto à sua conduta. Receio que a verdade tenha de ser dita.

— Não ouvi falar de nenhuma proposta para cancelar a audiência.

— É claro que não. Steve continuou com a sua bravata.

— Mas, se ouvir, saiba desde já que a doutora Ferrami não aceitará. Decidiu acabar com a conversa antes de se enterrar ainda mais. Professor, obrigado pela sua cortesia. Até amanhã.

— Adeus. Steve desligou.

— Mas que iceberg! — Jeannie ficou intrigada.

— Ele não costuma ser assim. Talvez estivesse sendo formal. Steve tinha a certeza de que Budgen já formara uma opinião em relação a Jeannie, e que ela era hostil, mas não lho disse.

— Seja como for, já lhe dissemos o que queríamos. E descobri que a faculdade contratou o Henry Quinn.

— Ele é bom?

Era uma lenda. Steve sentiu-se gelar ao imaginar que iria enfrentá-lo. Mas não quis deprimir Jeannie.

— Já foi muito bom, mas parece-me que está perdendo qualidades.

Ela acreditou.

— O que fazemos agora?

Steve olhou para ela. O roupão cor-de-rosa abrira-se à frente e ele conseguia ver um seio aninhado no tecido macio.

— Devíamos pensar nas perguntas que te vão fazer amanhã na audiência — respondeu ele, pesaroso. Temos muito que trabalhar esta noite.

Jane Edelsborough era muito melhor nua do que vestida. Encontrava-se deitada num lençol rosa-claro, iluminada pela luz de uma vela perfumada. A sua pele clara e macia era mais bonita do que as cores barrentas que costumava usar. As roupas largas que preferia ocultavam-lhe o corpo: era uma espécie de amazona, com um peito grande e ancas largas. Era pesada, mas isso ficava-lhe bem.

Deitada na cama, sorriu languidamente a Berrington, enquanto ele vestia os boxer shorts azuis.

— Uau, foi melhor do que eu estava à espera.

Berrington era da mesma opinião, embora não fosse suficientemente grosseiro para dizê-lo. Jane sabia coisas que ele tinha normalmente de ensinar às mulheres mais novas que levava para a cama. Perguntou a si próprio onde teria ela aprendido a ser tão boa na cama. Jane já fora casada: o marido, um fumante, morrera havia dez anos com um cancro no pulmão. Deviam ter tido uma excelente vida sexual.

Berrington gostara tanto que não tivera de recorrer à sua fantasia habitual, na qual acabava de fazer amor com uma beldade famosa, Cindy Crawford, ou Bridget Fonda, ou a princesa Diana, e que ela estava deitada ao seu lado, a murmurar-lhe ao ouvido: "Obrigada, Berry, foi a melhor experiência da minha vida, é fantástico, obrigada".

— Sinto-me tão culpada! — disse Jane. Já há muito que não fazia uma coisa tão perversa.

— Perversa? — perguntou ele, apertando os cadarços. Não vejo porquê. É livre, branca e maior de idade, como costumávamos dizer. Reparou na careta dela. A frase "livre, branca e maior de idade" era agora politicamente incorreta. Seja como for, é livre apressou-se ele a acrescentar.

— Oh, não foi a transa que foi perversa — retorquiu ela languidamente. É que eu sei que só veio para a cama comigo porque eu faço parte do conselho disciplinar.

Ele imobilizou-se enquanto apertava a gravata às riscas.

— Querias que eu pensasse que me encontrou por acaso na cafeteria e

ficou fascinado com o meu magnetismo sexual. Dirigiu-lhe um sorriso pesaroso. Eu não tenho magnetismo sexual, Berry, muito menos para uma pessoa tão superficial como você. Precisava ter um motivo ulterior e demorei cinco segundos a descobrir qual era ele.

Berrington sentiu-se um idiota. Não sabia o que dizer.

— Mas você tem bastante magnetismo sexual. Imenso. É charmoso, tem um corpo bonito, veste-se e cheira bem. Acima de tudo, qualquer pessoa percebe que gosta mesmo de mulheres. Sabes manipulá-las e explorá-las, mas também as amas. É perfeito para uma noite, e agradeço-te.

Com estas palavras, Jane tapou-se com o lençol, virou-se para o lado e fechou os olhos. Berrington acabou de se vestir o mais depressa que pôde. Antes de sair, sentou-se na beira da cama. Ela abriu os olhos.

— Amanhã vai apoiar-me? — perguntou ele. Jane sentou-se e beijou-o com ternura.

— Tenho de ouvir as duas versões antes de tomar uma decisão.

Ele rilhou os dentes.

— Isto é muito importante para mim, mais do que possa imaginar.

Ela assentiu, mas a sua resposta foi implacável.

— Creio que para a Jeanie Ferrami também é muito importante. Berrington apertou o seio esquerdo dela, que era macio e pesado.

— Mas quem é mais importante para você... a Jeanie ou eu'?

— Eu sei muito bem o que é ser uma jovem professora numa universidade dominada por homens. Nunca hei-de esquecer-me disso.

'Merda' Ele afastou a mão.

— Podia passar aqui a noite, sabe? Assim recapitulávamos tudo de manhã.

Ele levantou-se.

— Tenho muito em que pensar.

Jane fechou os olhos.

— É pena.

Berrington foi-se embora.

Tinha o carro estacionado em frente à casa dela, junto ao seu Jaguar. "Este Jaguar devia ter sido um aviso", pensou; "um sinal de que as coisas não são bem aquilo que parecem". Fora usado, mas gostara. Interrogou-se sobre se as mulheres sentiriam o mesmo depois de ele as seduzir.

Enquanto seguia para casa de carro, perguntou a si próprio como iria correr a audiência do dia seguinte. Tinha os quatro homens do conselho do seu lado, mas não conseguira obter de Jane a promessa de apoio. Poderia fazer mais alguma coisa? Com tão pouca antecedência, parecia que não.

Quando chegou a casa, tinha uma mensagem de Jim Proust na secretária eletrônica. "Espero que não sejam mais más notícias", pensou. Sentou-se à secretária e apertou o número da casa de Jim.

— Fala o Berry.

— O FBI já fez merda — disse Jim sem preâmbulos. Berrington sentiu-se ainda mais desanimado.

— Conta-me lá.

— Mandaram-nos cancelar o programa de busca, mas a ordem não chegou a tempo.

— Raios!

— Os resultados foram-lhe enviados por E-mail. Ele sentiu-se receoso.

— Quem estava na lista?

— Não sabemos. O FBI não fica com cópias. Aquilo era insuportável.

— Temos de saber!

— Talvez você consiga descobrir. A lista pode estar no gabinete dela.

— Jeannie já não tem acesso ao gabinete. Berrington sentiu um raio de esperança. Talvez ela não tenha visto o E-mail — disse, animado.

— Pode fazer isso?

— Claro. Berrington olhou para o seu Rolex de ouro. Vou já para a faculdade.

— Ligue-me assim que souber alguma coisa.

— Podes crer.

Meteu-se no carro e dirigiu-se à Universidade Jones Falis. O complexo

estava às escuras e deserto. Estacionou junto ao "Manicômio" e entrou. Sentia-se pouco à vontade por ir uma segunda vez ao gabinete de Jeannie, mas que se lixasse, havia demasiado em jogo para se poder preocupar com a sua dignidade.

Ligou o computador e foi ver o que se encontrava na caixa do correio eletrônica. Havia ali qualquer coisa. "Por favor, meu Deus, permite que seja a lista do FBI". Para sua desilusão, era outra mensagem do amigo da Universidade do Minnesota:

"Recebeste ontem o meu E-mail? Amanhã vou estar em Baltimore e gostaria bastante de voltar a ver-te, nem que fosse por alguns minutos. Por favor, telefona-me. Beijos, Will".

Jeannie não recebera o E-mail do dia anterior porque Berrington o apagara. Também não iria receber aquele. Mas onde estava a lista do FBI? Ela devia tê-la copiado na véspera, antes de o segurança lhe ter barrado a entrada no gabinete.

Onde poderia estar? Berrington procurou no disco rígido arquivos com as palavras "FBI", "F.B.I." e "Federal Bureau of Investigation". Não encontrou nada. Procurou na caixa de disquetes que havia na gaveta, mas eram apenas os back-ups dos arquivos que havia no computador.

— Esta mulher até tem uma cópia da maldita lista de compras — murmurou ele.

Usou o telefone de Jeannie para voltar a ligar a Jim.

— Nada — disse ele abruptamente.

— Temos de saber quem é que está na lista! — gritou Jim.

— O que quer que eu faça, Jim? Que a rapte e a torture? — perguntou Berrington com sarcasmo.

— Ela deve ter a lista, não é?

— Não está no computador, por isso deve tê-la copiado para um disquete.

— E, se não está aí no gabinete, deve estar em casa.

— Parece lógico. Berrington percebeu onde ele queria chegar. Pode mandar... Teve certa relutância em dizer ao telefone "...o FBI revistar a casa dela". Pode mandar alguém revistar aquilo?

— Acho que sim. O David Creane falhou, por isso acho que ainda me deve um favor. Vou telefonar-lhe.

— Amanhã de manhã é uma boa altura. A audiência começa às dez e vai demorar algumas horas.

— Percebi. Vou tratar disso. Mas... e se ela a tiver na mala de mão? O que fazemos nesse caso?

— Não sei. Boa noite, Jim.

— Boa noite.

Depois de desligar, Berrington ficou ali ainda algum tempo, observando o pequeno gabinete animado pelas cores fortes e ousadas de Jeannie. Se as coisas corressem mal no dia seguinte, ela poderia estar de regresso à sua secretária à hora de almoço, com a lista do FBI, prosseguindo a sua investigação, determinada em destruir três bons homens.

"Isso não pode acontecer", pensou ele, desesperado. "Não pode acontecer".

SEXTA-FEIRA

38

Jeannie acordou na sua pequena sala branca. Estava deitada no sofá preto, nos braços de Steve, tendo apenas vestido um roupão rosa-vivo.

"Como é que vim aqui parar?"

Tinham passado metade da noite a ensaiar a audiência que teria lugar naquele dia. Jeannie sentiu o coração apertado: o seu destino iria ser decidido nessa manhã.

"Mas por que é que estou no colo dele?"

Por volta das três horas, tinha bocejado e fechado os olhos por um momento.

"E depois...?"

Devia ter adormecido.

A certa altura, ele fora ao quarto e tirara da cama a colcha de riscas azuis e vermelhas e cobrira-a, pois ela estava tapada.

Steve, porém, não podia ser responsável pela posição dela, com a cabeça no colo dele e o braço à volta da sua cintura. Ela própria devia ter-se posto naquela posição durante o sono. Era um bocado embaraçoso: tinha o rosto perto da braguilha dele. Perguntou a si própria o que pensaria Steve dela. O seu comportamento fora um pouco exagerado. Primeiro, despira-se na sua frente; depois, adormecera em cima dele: comportara-se como se estivesse à frente de um amante de longa data.

"Bem, tenho uma desculpa para o meu comportamento estranho: tive uma semana estranha".

Fora maltratada pelo guarda McHenty, roubada pelo pai, acusada pelo New York Times, ameaçada com uma faca por Dennis Pinker, despedida pela faculdade e atacada no carro. Sentia-se ferida.

O rosto latejava ligeiramente no local onde fora agredida na véspera, mas as suas feridas não eram apenas físicas. O ataque também atingira a sua

psique. Quando se recordou do confronto no carro, a raiva voltou e teve vontade de apertar a garganta do homem. Mesmo quando não pensava no assunto, sentia certa tristeza, como se a sua vida agora tivesse menos valor por causa do ataque.

Era espantoso conseguir confiar num homem; era surpreendente que conseguisse adormecer no sofá com um homem que era exatamente igual aos seus agressores. Mas agora tinha ainda mais certezas a respeito de Steve. Nenhum dos outros poderia ter passado a noite assim, sozinho com uma garota, sem a violar.

Franziu o sobrolho. Steve fizera qualquer coisa durante a noite, qualquer coisa de que se recordava vagamente. Sim: lembrava-se de umas mãos fortes a acariciarem-lhe ritmadamente o cabelo, durante muito tempo, enquanto ela dormitava, tão confortavelmente como um gato a quem estivessem a fazer festas.

Sorriu, mexeu-se e ele falou de imediato:

— Está acordada?

Jeannie bocejou e espreguiçou-se.

— Desculpa ter dormido em cima de ti. Está bem?

— A circulação sanguínea da minha perna esquerda foi interrompida por volta das cinco da manhã, mas quando me habituei, fiquei bem.

Ela endireitou-se para poder vê-lo melhor. Tinha a roupa amarrotada, o cabelo desganhado e uma ligeira barba, mas apresentava um aspecto suficientemente bom para poder ser comido.

— Conseguiu dormir?

Ele abanou a cabeça.

— Diverti-me muito em te ver dormir.

— Não me diga que ronco!

— Não ronco. Só baba um pouco, mais nada. Apontou para uma mancha nas calças.

— Oh!, desculpa! Levantou-se. Viu no relógio azul que eram oito e meia. Não temos muito tempo. A audiência começa às dez.

— Vai tomar uma ducha enquanto eu faço o café — disse Steve com

generosidade.

Ela fitou-o. Aquele rapaz não existia.

— Você veio de algum mundo encantado? Ele riu-se.

— Segundo a tua teoria, vim de um tubo de ensaio. Depois tornou a ficar sério. Que se lixe, quem é que sabe?

A boa disposição dela desapareceu com a dele. Foi ao quarto, largou o roupão no chão e entrou na ducha. Enquanto lavava a cabeça, recordou-se do quanto se esforçara durante os últimos dez anos: a candidatura às bolsas, o treino de tênis intensivo combinado com as longas horas de estudo, o orientador rabugento da sua tese de doutoramento. Trabalhara como um robô para chegar onde chegara, porque queria ser cientista e ajudar a raça humana a compreender-se melhor. E agora Berrington Jones estava prestes a destruir tudo isso.

A ducha fê-la sentir-se melhor. Enquanto enxugava o cabelo em uma toalha, o telefone tocou. Atendeu na extensão da mesa de cabeceira.

— Sim?

— Jeannie, é a Patty.

— Olá, mana, como vai isso?

— O pai apareceu aqui em casa. Jeannie sentou-se na cama.

— Como é que ele está?

— Tenso, mas de boa saúde.

— Ele veio ter comigo primeiro — disse Jeannie. Chegou na segunda-feira. Na terça ficou um bocado chateado porque não lhe fiz o jantar. Na quarta foi-se embora e levou o meu computador, a minha televisão e a minha aparelhagem. Já deve ter gasto ou perdido no jogo aquilo que conseguiu com a venda das coisas.

Patty soltou uma imprecação.

— Oh!, Jeannie, isso é horrível!

— É, não é? Acho melhor esconder tudo o que tiver de valor.

— Roubar a própria família! Oh!, meu Deus, se o Zip sabe, expulsa-o já!

— Patty, tenho problemas ainda piores. Hoje posso vir a ser despedida.

— Por quê?

— Não tenho tempo para te explicar agora, mas ligo-te mais tarde.

— Okay.

— Tem falado com a mãe?

— Todos os dias.

— Ainda bem, assim sinto-me melhor. Falei com ela uma vez. Depois voltei a ligar, mas estava a almoçando.

— As pessoas que atendem ao telefone não são nada prestativas. Temos de tirar a mãe dali o mais depressa possível.

"Vai lá ficar muito mais tempo se eu for despedida hoje".

— Falo contigo mais tarde.

— Boa sorte!

Jeannie desligou. Reparou que em cima da mesa de cabeceira se encontrava uma caneca de café fumegante. Abanou a cabeça, incrédula. Era apenas uma chávena de café, mas o que a espantava era o fato de Steve saber aquilo de que ela precisava. Para ele, era natural apoiar os outros. E não queria nada em troca. Nas anteriores experiências que Jeannie tivera, nas raras ocasiões em que um homem pusera as necessidades de uma mulher à frente das suas, ele esperava que ela agisse como uma gueixa durante o mês seguinte para provar a sua gratidão.

Steve era diferente. "Se eu soubesse que havia homens assim, já tinha encomendado um há muito tempo".

Na sua vida de adulta, Jeannie fizera tudo sozinha. O pai nunca estivera presente para a apoiar. A mãe sempre fora forte, mas no fim a sua força tornara-se um problema quase tão grande como a fraqueza do pai. A mãe tinha planos para Jeannie e não estava disposta a abdicar deles. Queria que Jeannie fosse cabeleireira. Até lhe arranjava trabalho, duas semanas antes do seu décimo sexto aniversário, lavando cabeças e varrendo o chão no Salão Alexis, em Adams-Morgan. O desejo que a filha tinha de ser cientista era para ela incompreensível.

— Podia ser uma cabeleireira de primeira antes de as outras garotas

acabarem a faculdade! — exclamara ela.

Nunca compreendera por que motivo Jeannie se revoltara tanto e se recusava sequer a ir ver o salão.

Porém, naquele dia não estava sozinha. Tinha Steve a apoiá-la. Não lhe interessava que ele não tivesse habilitações suficientes: um advogado vigilante de Washington não era necessariamente a melhor escolha para impressionar cinco professores. O importante era a sua presença lá.

Vestiu o roupão e chamou-o.

— Quer tomar uma ducha?

— Claro. Ele apareceu no quarto. Quem me dera ter uma camisa lavada!

— Não tenho camisas de homem... Espera lá, por acaso tenho. Recordou-se da Ralph Lauren branca que tinham emprestado a Lisa depois do incêndio. Pertencia a alguém do departamento de matemática. Jeannie mandara-a à lavanderia e agora a camisa encontrava-se no armário, embrulhada em papel celofane. Entregou-a a Steve.

— E é o meu tamanho — comentou ele. Perfeito.

— Não me pergunte de onde ela veio, é uma história muito comprida — disse ela. Acho que também tenho para aí uma gravata. Abriu uma gaveta e tirou de lá uma gravata azul de seda que às vezes usava com uma camisa branca, para ficar com um ar masculino, mas elegante. Aqui.

— Obrigado. Ele foi para o pequeno banheiro. Jeannie sentiu-se desapontada. Estivera ansiosa por vê-lo despir a camisa. "Homens", pensou. "Os patifes exibem-se sem ninguém lhes pedir, os borrachos são tímidos como freiras".

— Emprresta-me a tua gilete? — pediu ele do banheiro.

— Claro, fique à vontade. "Memorando: faz amor com este tipo antes que ele se transforme numa espécie de irmão".

Procurou o seu melhor traje preto e recordou-se de que o tinha atirado no lixo.

— Idiota — murmurou. Provavelmente poderia ainda tirá-lo de lá, mas devia estar cheio de nódoas e amarrotado. Tinha um casaco relativamente comprido, mas azul-elétrico: podia levá-lo com uma camiseta branca e calças pretas. Era um bocado vistoso, mas teria de servir.

Sentou-se em frente ao espelho e pintou-se. Steve saiu da banheiro com um ar muito formal, devido à camisa e à gravata.

— Tem bolo de canela no congelador — disse ela. Pode descongelá-lo no microondas se tiveres fome.

— Ótimo. Quer alguma coisa?

— Estou demasiado tensa para poder comer. Mas era capaz de beber outro café.

Ele trouxe-lhe uma caneca quando ela terminou de se pintar. Bebeu-a rapidamente e vestiu-se. Quando foi até à sala, Steve estava sentado no balcão da kitchenette.

— Encontrou os bolinhos?

— Claro.

— O que fez com eles?

— Disse que não tinha fome, por isso comi-os.

— Aos quatro?

— Hum... por acaso havia duas embalagens.

— Comeu oito bolos de canela? Ele ficou atrapalhado.

— Às vezes tenho muita fome. Ela riu-se.

— Vamos embora.

Quando se virou, ele agarrou-lhe no braço.

— Só um minuto.

— O que é?

— Jeannie, é muito engraçado sermos amigos e gosto muito da tua companhia, mas tem de compreender que não é isto que quero.

— Eu sei.

— Estou apaixonando-me por você.

Jeannie olhou-o bem nos olhos. Steve estava sendo sincero.

— Eu também comecei a gostar de você — disse ela num tom ligeiro.

— Desejo fazer amor contigo, e desejo-o tanto que até dói.

"Era capaz de passar o dia a ouvir isto", pensou ela.

— Olha disse, se foder como come, sou toda tua.

O rosto dele toldou-se e ela percebeu que tinha sido inconveniente.

— Desculpa, não quis brincar com isso. Steve encolheu os ombros.

Jeannie pegou-lhe na mão.

— Escuta. Primeiro, vamos tratar de me salvar. Depois, vamos salvar-te. Em seguida, vamos divertir-nos.

Ele apertou-lhe a mão.

— Okay.

Saíram.

— Vamos juntos — sugeriu Jeannie. Depois vem comigo. Entraram no Mercedes. O rádio fez-se ouvir quando ela ligou o motor. Enquanto avançavam pelo trânsito da Rua 41, ouviram o apresentador do noticiário falar na Genético e ela levantou o volume.

— Espera-se que o senador Jim Proust, antigo diretor da CIA, confirme hoje se será candidato às eleições presidenciais pelos republicanos no próximo ano. As suas promessas eleitorais são: dez por cento de imposto de renda, pagos pela abolição da Previdência Social. O financiamento da campanha não será problema, dizem os comentadores, uma vez que o senador está prestes a receber sessenta milhões de dólares pela venda da sua empresa de investigação médica, a Genético. Quanto ao desporto, os Philadelphia Rams...

Jeannie desligou o rádio.

— O que acha disto?

Steve abanou a cabeça, abalado.

— A parada é cada vez mais alta. Se revelarmos a verdadeira história da Genético e a venda for cancelada, o Jim Proust não poderá pagar a campanha eleitoral. E ele é perigoso: um espião, ex-CIA, que é contra o controle das licenças de porte de arma, e não só. Meteste-te no caminho de pessoas perigosas, Jeannie.

Ela rilhou os dentes.

— Então vale ainda mais a pena lutar contra eles. Eu fui criada com o

dinheiro da Previdência Social, Steve. Se o Proust vier a ser eleito presidente, as garotas como eu serão sempre cabeleireiras.

39

Havia uma pequena manifestação à porta de Hillside Hall, o edifício administrativo da Universidade Jones Falis. Trinta ou quarenta alunos, na sua maior parte mulheres, aglomeravam-se em frente aos degraus. Era um protesto calmo e disciplinado. Quando se aproximou, Steve leu um cartaz:

Readmitam Jean Ferrami já!

Steve achou aquilo um bom presságio.

— Eles estão te apoiando — disse ele a Jeannie.

Ela prestou-lhes mais atenção, e uma expressão de alegria surgiu-lhe no rosto.

— Pois estão. Meu Deus, afinal parece que alguém gosta de mim.

Noutro cartaz lia-se:

Não podem fazer isto a JF.

Ouviram-se vivas quando alguém avistou Jeannie. Ela aproximou-se sorrindo. Steve seguiu-a, orgulhoso. Não era um professor qualquer que tinha o apoio espontâneo dos alunos. Ela apertou a mão aos rapazes e beijou as garotas. Steve reparou que uma bela loura o fitava.

Jeannie abraçou uma mulher mais velha.

— Sophie! exclamou. O que posso dizer?

— Boa sorte lá dentro — respondeu a mulher.

Jeannie afastou-se da multidão, radiante, e dirigiram-se ao edifício.

— Bom, eles acham que não devia perder o emprego — comentou Steve.

— Nem sabe o que isto significa para mim — disse ela. Aquela mulher mais velha é a Sophie Chapple, uma professora do departamento de psicologia. Julguei que ela me odiava. Não posso crer que está ali a apoiando-me.

— Quem era a garota bonita na frente? — Jeannie lançou-lhe um olhar curioso.

— Não a reconhece?

— Tenho certeza de que nunca a vi antes, mas ela não tirou os olhos de mim. Depois adivinhou. Oh!, meu Deus, deve ser a vítima.

— Lisa Hoxton.

— Não admira que me tenha observado fixamente. Não conseguiu impedir-se de olhar para trás. Era uma garota bonita, com um ar alegre, pequena e roliça. O seu sócia atacara-a, atirara-a para o chão e violara-a. Sentiu um nó no estômago. Ela era apenas uma garota comum, e agora tinha uma recordação horrível, que iria persegui-la durante o resto da vida.

O edifício administrativo era uma velha mansão. Jeannie conduziu-o pelo átrio de mármore e através de uma porta sinalizada como "Velha Sala de Jantar" até um aposento escuro de teto alto, estreitas janelas góticas e móveis de carvalho de pernas grossas. Em frente a uma lareira de pedra encontrava-se uma mesa comprida.

Quatro homens e uma mulher de meia idade estavam sentados a um dos lados da mesa. Steve reconheceu o careca no meio: fora o adversário de Jeannie no tênis. Jack Budgen. "Então aquele era o conselho", pensou. "O grupo que tinha nas mãos o destino de Jeannie". Respirou fundo.

Inclinando-se sobre a mesa, apertou a mão de Jack Budgen.

— Bom dia, Dr. Budgen — saudou. Sou o Steve Logan. Falamos ontem ao telefone.

Foi dominado por um estranho instinto e deu consigo a transmitir uma confiança descontraída, que era precisamente o oposto daquilo que sentia. Apertou a mão de cada um dos membros do conselho e eles disseram-lhe os seus nomes.

Havia mais dois homens à mesa, na extremidade. O mais baixo, de casaco e colete azuis, era Berrington Jones, que Steve conhecera na última segunda-feira. O indivíduo magro, louro e de jaquetão cinzento devia ser Henry Quinn. Steve apertou a mão a ambos.

Quinn olhou-o altivamente.

— Quais são as suas habilitações, meu jovem? — perguntou. Steve dirigiu-lhe um sorriso amigável e respondeu numa voz tão baixa que mais ninguém conseguiu ouvir.

— Vá-se foder, Henry.

Quinn encolheu-se como se tivesse sido agredido, e Steve pensou: "Foi a última vez que o estupor me tratou com condescendência." Puxou uma cadeira para Jeannie e sentaram-se.

— Bem, talvez devêssemos começar — disse Jack. Isto vai ser bastante informal. Creio que todos receberam uma cópia da rubrica, por isso sabem as regras. A queixa foi apresentada pelo professor Berrington Jones, que sugere que a doutora Ferrami seja despedida porque trouxe publicidade negativa à universidade.

Enquanto Budgen falava, Steve observou os membros do conselho, procurando ansiosamente sinais de compreensão. Não ficou tranquilo. Só a mulher, Jane Edelsborough, olhava para Jeannie; os outros não a fitavam. "Quatro contra, um a favor", pensou ele. Não era bom.

— O Senhor Berrington é representado pelo Senhor Quinn — disse Jack.

Quinn levantou-se e abriu a pasta. Steve reparou que os seus dedos estavam amarelos, manchados de nicotina. Pegou no molho de fotocópias ampliadas do artigo do New York Times a respeito de Jeannie e entregou uma a cada um dos presentes. O resultado foi a mesa ficar coberta de folhas de papel onde se podia ler "Ética de investigação genética: dúvidas, medos e uma contenda". Era um forte lembrete da confusão que Jeannie causara. Steve desejou ter trazido papéis para distribuir, de forma a poder tapar os de Quinn.

Aquele movimento inicial de Quinn, simples e eficaz, intimidou Steve. Como poderia ele competir com um homem que tinha provavelmente trinta anos de experiência em tribunais? "Não posso vencê-lo", pensou ele, em pânico.

Quinn começou a falar. A sua voz era seca e precisa, sem o mínimo vestígio do sotaque local. Falava com lentidão e de forma pedante. Steve esperou que isso resultasse mal com aquele júri de intelectuais, que não precisavam que lhes explicassem as coisas em palavras monossilábicas. Quinn resumiu a história do conselho disciplinar e explicou a sua posição no governo da universidade. Definiu "publicidade negativa" e apresentou uma cópia do contrato de trabalho de Jeannie. Steve começou a sentir-se melhor à medida que Quinn ia falando.

Por fim, ele terminou o preâmbulo e começou a interrogar Berrington. Perguntou-lhe quando ouvira pela primeira vez falar do programa de busca de Jeannie.

— Na segunda-feira passada à tarde — respondeu Berrington. Contou a conversa que tivera com Jeannie. A sua história coincidia com o que Jeannie contara a Steve. Assim que percebi exatamente qual era a técnica dela, disse-lhe que, em minha opinião, o que estava a fazer era ilegal.

— O quê? — explodiu Jeannie.

Quinn ignorou-a e interrogou Berrington.

— E qual foi a reação dela?

Ficou muito irritada...

— Seu grande mentiroso! — exclamou Jeannie. Berrington corou com aquela acusação.

Jack Budgen interveio.

— Por favor, nada de interrupções.

Steve manteve-se atento ao conselho disciplinar. Todos tinham olhado para Jeannie: não o puderam evitar. Colocou a mão sobre o braço dela, como que para a conter.

— Ele está mentindo descaradamente! — protestou ela.

— E o que esperava? — perguntou Steve em voz baixa. Está fazendo o jogo dele.

— Desculpe — sussurrou ela.

— Não faz mal — disse-lhe ele ao ouvido. Continua assim. Eles viram que a tua ira era genuína.

— Ela mostrou-se petulante — prosseguiu Berrington, tal como agora. Disse-me que podia fazer o que quisesse, porque tinha um contrato.

Um dos homens do conselho, Tenniel Biddenham, franziu o sobrolho, obviamente desagradado com o fato de um professor assistente argumentar com um professor mais velho com base no contrato. Berrington era esperto, percebeu Steve. Sabia aceitar um ponto negativo e virá-lo a seu favor.

— E o que fez o senhor? — perguntou Quinn a Berrington.

— Bem, apercebi-me de que talvez estivesse errado. Não sou advogado, por isso decidi pedir a opinião de um especialista. Se os meus receios se confirmassem, poderia provar-lho. Mas, se o que ela estivesse a fazer fosse inofensivo, poderia esquecer o assunto sem uma confrontação.

— E pediu a opinião de alguém?

— Fui surpreendido pelos acontecimentos. Antes de poder falar com um advogado, o New York Times tomou conta do caso.

— Tretas! — murmurou Jeannie.

— Tens certeza? — perguntou Steve.

— Absoluta. Ele tomou nota.

— Conte-nos, por favor, o que aconteceu na quarta-feira — pediu Quinn a Berrington.

— Os meus receios tornaram-se realidade. O presidente da universidade, Maurice Obell, convocou-me para uma reunião no seu gabinete e pediu-me que lhe explicasse por que motivo estava recebendo telefonemas agressivos da imprensa sobre a investigação efetuada no meu departamento. Redigi um comunicado para a imprensa e chamei a doutora Ferrami.

— Deus do céu! — exclamou Jeannie, baixinho.

— Ela recusou-se a falar sobre o comunicado à imprensa — prosseguiu Berrington. Tornou de novo a irritar-se, insistiu que podia fazer o que quisesse, e saiu disparada.

Steve olhou para Jeannie com ar interrogador.

— É uma boa mentira — respondeu ela, baixinho. Apresentaram-me o comunicado já redigido.

Steve assentiu, mas decidiu não voltar a referir aquilo quando interrogasse Berrington. O conselho era certamente de opinião que Jeannie não devia ter saído disparada.

A jornalista disse-nos que tinha um prazo até às doze horas desse dia prosseguiu Berrington calmamente. O Dr. Obell achou que a universidade era obrigada a tomar uma medida de força, e devo dizer que concordo cem por cento com ele.

— E o comunicado teve o efeito desejado?

— Não. Foi um fiasco. Mas só porque a doutora Ferrami estragou tudo. Disse à jornalista que tencionava ignorar-nos e que nada podíamos fazer.

— Alguém fora da universidade comentou o assunto?

— Comentaram, sim, senhor.

Algo na forma como Berrington respondera deixou Steve de sobreaviso, e ele tomou nota.

— Recebi um telefonema de Preston Barck, o presidente da Genético, um dos mais importantes doadores da universidade, que custeia especialmente o programa de investigação de gêmeos — prosseguiu Berrington. Ele mostrou-se preocupado com a forma como o seu dinheiro estava a ser gasto. O artigo fazia crer que as autoridades da universidade eram impotentes. Preston disse-me: "Quem diabo é que dirige essa maldita universidade?" Foi muito constrangedor.

— Qual foi a sua principal preocupação? O embaraço de ter sido derrotado por um dos professores mais jovens?

— Com certeza que não. O principal problema eram os danos que poderiam ser causados à Jones Falis pelo trabalho da doutora Ferrami.

"Boa jogada", pensou Steve. No seu íntimo, todos os membros do conselho detestariam ser desafiados por um professor assistente, e Berrington cativara-os. Mas Quinn esforçara-se por dar ênfase aos danos provocados à universidade, para que todos pudessem sentir que ao despedir Jeannie estavam protegendo a Jones Falis, não apenas a castigar uma subordinada desobediente.

— Uma universidade deve ser sensível a assuntos de privacidade — disse Berrington. Os doadores dão-nos dinheiro, e os alunos competem por um lugar aqui, porque esta é uma das universidades mais conceituadas do país. A sugestão de que somos descuidados em relação aos direitos civis é bastante prejudicial.

Fora uma afirmação eloquente, que todo o conselho disciplinar aprovaria. Steve assentiu, demonstrando que era da mesma opinião, esperando que os outros reparassem e concluíssem que não era aquilo que estava em causa.

— Então quantas opções tinha nessa altura? — perguntou Quinn.

— Só uma. Tínhamos de provar que não éramos a favor da devassa da privacidade feita por investigadores universitários. Também precisávamos de demonstrar que tínhamos autoridade suficiente para aplicar as nossas próprias regras. A forma de fazer isso era despedindo a doutora Ferrami. Não havia alternativa.

— Obrigado, professor — disse Quinn, sentando-se.

Steve sentia-se pessimista. Quinn mostrara-se tão hábil como ele esperara. Berrington fora terrivelmente plausível. Mostrara a imagem de um ser humano razoável e preocupado em fazer o seu melhor para lidar com uma subordinada temperamental e descuidada. E era mais credível ainda por ter um toque de realidade: Jeannie era mesmo temperamental.

No entanto, não era verdade. Isso era apenas o que Steve tinha a seu favor. Jeannie estava com a razão. Restava-lhe apenas prová-lo.

— Tem alguma pergunta, Senhor Logan? — interrogou Jack Budgen.

— Com certeza — respondeu Steve. Fez uma pausa, para organizar as ideias.

Aquilo era a sua fantasia. Não estava num tribunal, nem sequer era um verdadeiro advogado, mas defendia um pobre diabo da injustiça de uma instituição poderosa. As probabilidades estavam contra si, mas a verdade encontrava-se do seu lado. Fora com aquilo que sonhara.

Levantou-se e fitou Berrington. Se a teoria de Jeannie estivesse certa, o homem tinha de sentir-se mal naquela situação. Era como o Dr. Frankenstein estar a ser interrogado pelo seu monstro. Steve queria insistir nesse aspecto, fazer vacilar Berrington, antes de lançar as perguntas importantes.

— O senhor conhece-me, não conhece, professor? — perguntou Steve.

Berrington pareceu amedrontado.

— Ah... Creio que o conheci na segunda-feira, sim.

— E é tudo o que sabe a meu respeito?

— Eu... Não estou entendendo-o.

— Fui submetido a vários testes no seu laboratório, por isso tem muita informação a meu respeito.

— Estou vendo o que quer dizer, sim.

Berrington parecia bastante desconcertado.

Steve colocou-se atrás da cadeira de Jeannie, para que todos olhassem para ela. Era mais difícil fazer um mau juízo de alguém que enfrentava os seus olhares com uma expressão franca e destemida.

— Professor, permita-me começar pela sua primeira afirmação a respeito de pedir a opinião de um advogado depois da sua conversa com a doutora Ferrami na segunda-feira.

— Sim.

— O senhor não falou com um advogado.

— Não, fui surpreendido pelos acontecimentos.

— Não marcou uma reunião com nenhum advogado.

— Não houve tempo...

— Nos dois dias entre a sua conversa com a doutora Ferrami e a sua conversa com o Dr. Obell sobre o New York Times nem sequer pediu à sua secretária que lhe marcasse uma reunião com um advogado?

— Não.

— Nem fez perguntas ou falou com algum dos seus colegas para pedir o nome de alguém indicado?

— Não.

— Na verdade, não consegue provar a sua afirmação. Berrington esboçou um sorriso confiante.

— No entanto, tenho uma reputação de pessoa honesta.

— A doutora Ferrami recorda-se perfeitamente da vossa conversa.

— Ainda bem.

— Ela disse que o senhor não falou em problemas legais nem em devassa da privacidade. A sua única preocupação foi saber se o programa funcionava.

— Talvez ela se tenha esquecido.

— Ou talvez o senhor esteja fazendo confusão. Steve sentiu que ganhara aquele round e mudou de tática. A jornalista do New York Times, Senhorita Freelander, disse como tomara conhecimento do trabalho da doutora

Ferrami?

— Se o disse, o Dr. Obell nunca mo comunicou.

— Então o senhor não perguntou.

— Não.

— Nem lhe ocorreu interrogar-se sobre como teria ela sabido?

— Creio que deduzi que os jornalistas têm as suas fontes.

— Uma vez que a doutora Ferrami não publicou nada sobre este projeto, a fonte deve ter sido uma pessoa.

Berrington hesitou e olhou para Quinn a pedir ajuda. Este levantou-se.

— Senhor disse, dirigindo-se a Jack Budgen, a testemunha não deve fazer especulações.

Budgen assentiu.

— Mas isto é uma audiência informal — interveio Steve. Não temos de submeter-nos aos métodos rígidos de um tribunal.

Jane Edelsborough falou pela primeira vez.

— As perguntas parecem-me interessantes e relevantes, Jack.

Berrington lançou-lhe um olhar furioso, e ela encolheu os ombros, a pedir desculpa. Foram gestos que indicaram certa intimidade, e Steve perguntou a si próprio qual seria a relação dos dois.

Budgen aguardou, talvez na esperança de que outro membro do conselho manifestasse uma opinião contrária, para que ele pudesse tomar uma decisão, mas mais ninguém falou.

— Está bem disse, depois de uma pausa. Continue, Senhor Logan.

Steve mal podia crer que vencera a primeira disputa. Os professores não gostavam que um advogado espertinho lhes dissesse o que podia ou não ser perguntado. A sua garganta estava seca devido à tensão. Deitou alguma água num copo com mãos trêmulas.

Bebeu um gole e depois voltou-se para Berrington.

— A Senhorita Freelander sabia mais do que apenas a natureza geral do trabalho da doutora Ferrami, não sabia?

— Sim.

— Sabia exatamente como a doutora Ferrami procurava gêmeos criados separadamente graças a buscas efetuada em bases de dados. É uma técnica nova, desenvolvida por ela, de que só o senhor e alguns outros colegas do departamento de psicologia tinham conhecimento.

— Se assim o diz...

— Parece que a informação veio do interior do departamento, não é verdade?

— Talvez...

— Que motivo teria um colega para criar má publicidade à doutora Ferrami e ao seu trabalho?

— Não faço ideia.

— Mas parece ter sido o ato de um rival mal intencionado, talvez ciumento... não acha?

— Talvez.

Steve anuiu, satisfeito. Sentiu que começava a ganhar certo ritmo. Começou a pensar que talvez pudesse ganhar, apesar de tudo.

"Não tenhas tantas certezas, disse a si próprio. "Ganhar pontos não é o mesmo que vencer o caso".

— Vamos então à segunda declaração que fez. Quando o Senhor Quinn lhe perguntou se alguém fora da universidade comentara a história do jornal, o senhor respondeu: "Comentaram, sim, senhor". Deseja manter essa afirmação?

— Sim.

— Exatamente quantos telefonemas recebeu de doadores, para além do de Preston Barek?

— Bem, falei com Herb Abrahams... Steve viu que ele estava a fugir à pergunta.

— Desculpe interrompê-lo, professor. Berrington ficou admirado, mas calou-se. Foi o Senhor Abrahams quem lhe telefonou, ou vice-versa?

— Hum... acho que fui eu que telefonei ao Herb.

— Já falamos disso daqui a pouco. Primeiro, diga-nos quantos doadores importantes lhe telefonaram para expressar a sua preocupação sobre as afirmações do New York Times.

Berrington pareceu aturdido.

— Não sei bem quem é que me ligou para falar especificamente disso.

— Quantos telefonemas recebeu de potenciais alunos?

— Nenhum.

— Alguém lhe ligou para falar sobre o artigo?

— Acho que não.

— Recebeu alguma correspondência sobre o assunto?

— Ainda não.

— Então, não parece que o artigo tenha causado muita confusão, afinal...

— Não creio que possa chegar a essa conclusão.

Era uma resposta fraca, e Steve fez uma pausa, para que todos a assimilassem. Berrington parecia atrapalhado. A comissão estava alerta e seguia atentamente a evolução do caso. Steve olhou para Jeannie. O seu rosto irradiava esperança.

— Vamos falar do telefonema que recebeu — prosseguiu, o telefonema de Preston Barck, o presidente da Genético. Pareceu-me que o apresentou apenas como um doador preocupado com a forma como o seu dinheiro estava sendo gasto, mas ele é mais do que isso, não é verdade? Quando é que o conheceu?

— Quando estive em Harvard, há quarenta anos.

— Deve ser um dos seus amigos mais antigos.

— Sim.

— E, depois, creio que ele e o senhor formaram a Genético.

— Sim.

— Então ele é também seu parceiro de negócios.

— Sim.

— A empresa está prestes a ser comprada pela Landsmann, um consórcio farmacêutico alemão.

— Sim.

— Sem dúvida que o Senhor Barck irá ganhar muito dinheiro com o negócio...

— Sem dúvida.

— Quanto?

— Creio que isso é confidencial.

Steve decidiu não o pressionar em relação à quantia. A relutância dele em revelá-la já era bastante elucidativa.

— Outro dos seus amigos está preparando-se para uma coisa em grande: o senador Proust. Segundo as notícias de hoje, ele vai servir-se do dinheiro que receber para financiar a sua campanha às eleições presidenciais.

— Esta manhã não vi os noticiários.

— Mas o Jim Proust é seu amigo, não é? O senhor já devia saber que ele tencionava candidatar-se.

— Creio que todos sabiam que ele andava a pensar no assunto.

— O senhor vai lucrar com o negócio?

— Sim.

Steve afastou-se de Jeannie e aproximou-se de Berrington, para que todos olhassem para ele.

— Então o senhor é um acionista, não um consultor.

— Não é de estranhar ser as duas coisas.

— Professor, quanto irá receber?

— Creio que isso é particular.

Desta vez, porém, Steve não ia deixá-lo escapar-se.

— Seja como for, a quantia que irá ser paga pela companhia é de cento e oitenta milhões de dólares, segundo o Wall Street Journal.

— Sim.

Steve repetiu o valor.

— Cento e oitenta milhões de dólares. Fez uma pausa, para que todos assimilassem bem. Era o tipo de dinheiro que os professores nunca viam, e ele desejava que os membros do conselho sentissem que Berrington não era um deles, mas uma pessoa bem diferente. O senhor é uma das três pessoas que vão partilhar cento e oitenta milhões de dólares.

Berrington assentiu.

— Então não admira que tenha ficado nervoso quando soube do artigo do New York Times. O seu amigo Preston vai vender a sua empresa, o seu amigo Jim vai candidatar-se a presidente e o senhor está prestes a fazer fortuna. Tem a certeza de que era na reputação da Jones Falis que estava a pensar quando despediu a doutora Ferrami? Ou seria nas suas outras preocupações? Sejamos francos, professor... O senhor entrou em pânico.

— Eu...

— Leu um artigo hostil, imaginou que o negócio iria ser cancelado e agiu à pressa. Deixou que o New York Times o assustasse.

— É preciso mais do que o New York Times para me assustar. Agi com rapidez, mas não à pressa.

— Não fez qualquer tentativa para descobrir a fonte de informação do jornal.

— Não.

— Quantos dias passou a investigar a verdade, ou a mentira, das alegações?

— Não demorou muito...

— Foram horas em vez de dias?

— Sim...

— Ou demorou apenas menos de uma hora até aprovar o comunicado à imprensa que dizia que o programa da doutora Ferrami fora cancelado?

— Tenho certeza de que demorou mais do que uma hora. Steve encolheu os ombros enfaticamente.

— Sejamos generosos e digamos que foram duas horas. Foi tempo suficiente? Virou-se e apontou para Jeannie, para que todos olhassem para ela. Depois de duas horas decidiu lançar borda fora todo um programa de

pesquisa de uma jovem cientista? A dor era visível no rosto de Jeannie. Steve sentiu imensa pena dela. Mas agora também tinha de aproveitar-se das suas emoções. Rodou a faca na ferida. Depois de duas horas sabia o suficiente para tomar uma decisão que destruiria o trabalho de vários anos? Que poria fim a uma carreira promissora? Suficiente para destruir a vida de uma mulher?

— Eu pedi-lhe que se defendesse — disse Berrington, indignado. Ela perdeu a cabeça e saiu do gabinete!

Steve hesitou. Depois decidiu correr um risco teatral.

— Ela saiu do gabinete! — disse, fingindo-se espantado. Saiu do gabinete! O senhor mostrou-lhe um comunicado para a imprensa anunciando o cancelamento do programa. Não investigou qual fora a fonte de informações do jornal, não avaliou a validade das alegações, não teve tempo para discutir o assunto, não fez rigorosamente nada, limitou-se a dizer a esta jovem cientista que a vida dela estava arruinada, e tudo o que ela fez foi sair do gabinete — Berrington abriu a boca para falar, mas Steve adiantou-se. Quando penso na injustiça, na ilegalidade, na pura idiotice daquilo que o senhor fez na quarta-feira de manhã, professor, não consigo imaginar como é que a doutora Ferrami conseguiu dominar-se e limitar-se a um protesto tão simples e eloquente. Regressou em silêncio à sua cadeira; depois virou-se para a comissão e disse: Não tenho mais perguntas a fazer.

Jeannie tinha os olhos baixos, mas apertou o braço dele. Steve inclinou-se e murmurou:

— Como é que está?

— Estou bem.

Ele deu-lhe uma palmadinha na mão. Queria dizer: "Acho que já ganhamos", mas isso seria tentar o destino.

Henry Quinn levantou-se. Mostrava-se imperturbável. Devia parecer mais preocupado depois de Steve ter transformado o seu cliente em carne para canhão. Mas sem dúvida fazia parte das suas capacidades permanecer indiferente, independentemente da forma como o seu caso estava a correr.

— Professor, se a universidade não tivesse interrompido a investigação da doutora Ferrami e não a tivesse despedido, isso faria alguma diferença no negócio da Genético com a Landsmann?

— Nenhuma — respondeu Berrington.

— Obrigado. Não tenho mais perguntas a fazer.

Aquilo fora bastante eficaz, pensou Steve com amargura. Quase deitava por terra as perguntas que fizera. Esforçou-se para que Jeannie não visse o desapontamento no seu rosto.

Era a vez dela, e Steve levantou-se e começou a fazer-lhe perguntas. Ela manteve-se calma e concisa enquanto explicava o funcionamento do seu programa de busca e a importância de encontrar gêmeos criados separadamente que fossem criminosos. Realçou as preocupações que tomara para garantir que as informações médicas das pessoas não fossem conhecidas antes de assinarem uma autorização.

Steve estava à espera que Quinn lhe fizesse perguntas e tentasse demonstrar que havia uma hipótese mínima de as informações confidenciais serem reveladas por acidente. Haviam ensaiado aquilo na véspera, Steve desempenhando o papel de advogado da acusação, mas, para sua surpresa, Quinn não fez quaisquer perguntas. Teria ele medo de que ela se defendesse bem? Ou estaria confiante, sabendo que o veredicto já fora decidido?

Quinn foi o primeiro a terminar, dirigindo-se ao conselho. Resumiu a maior parte do que fora dito por Berrington, sendo de novo mais moroso do que devia, na opinião de Steve. No entanto, o seu discurso de conclusão foi bastante curto.

— Estamos perante uma crise que nunca deveria ter acontecido — disse. As autoridades da universidade comportaram-se de forma bastante justa durante todo o processo. Foi a impetuosidade da doutora Ferrami e a sua intransigência que causaram todo o drama. É claro que ela tem um contrato, e esse contrato dirige as suas relações com a entidade patronal. Mas os professores catedráticos são, afinal de contas, necessários para supervisionar os professores assistentes. E os professores assistentes, se tiverem juízo, ouvem os conselhos sensatos daqueles que são mais velhos e possuem mais experiência do que eles. O desafio teimoso da doutora Ferrami transformou um problema numa crise, e a única solução para a crise é ela deixar a universidade. Sentou-se.

Chegara a altura do discurso de Steve. Ele ensaiara toda a noite. Levantou-se.

— Para que serve a Universidade Jones Falis?

Fez uma pausa, para criar certo efeito dramático.

— A resposta pode ser expressa numa palavra: conhecimento. Se quiséssemos uma definição abrangente para o papel da universidade na sociedade americana, poderíamos dizer que a sua função é "procurar" conhecimento e "espalhar" conhecimento.

Olhou para cada um dos membros do conselho, convidando-os a concordar. Jane Edelsborough assentiu com a cabeça. Os outros continuaram impassíveis.

— De vez em quando — prosseguiu ele, essa função é atacada. Há sempre pessoas que querem ocultar a verdade, por uma razão qualquer: motivos políticos, preconceitos religiosos... Olhou para Berrington.... ou benefícios econômicos. Creio que todos os presentes concordam que a independência intelectual da escola é crucial para a sua reputação. Essa independência tem de ser equilibrada com outras obrigações, obviamente, tal como a necessidade de respeitar os direitos cívicos dos cidadãos. No entanto, a defesa vigorosa do direito da universidade a procurar o conhecimento melhoraria a sua reputação junto dos intelectuais.

Fez um gesto a indicar a universidade.

— A Jones Falis é importante para todos. A reputação de um académico pode subir ou descer independentemente da instituição onde ele trabalha. Peço-vos que pensem no efeito que o vosso veredicto causará na reputação da Universidade Jones Falis como instituição académica livre, independente. Irá a universidade sucumbir perante um ataque intelectualmente banal de um jornal diário? Irá um programa de pesquisa científica ser cancelado devido a um negócio? Espero que não. Espero que o conselho aumente a reputação da universidade, mostrando que aquilo que aqui interessa é um valor muito simples: a verdade. Olhou para todos, deixando-os assimilar as suas palavras. Não conseguia perceber, pelas suas expressões, se o seu discurso os comovera ou não. Passado algum tempo, sentou-se.

— Obrigado — disse Jack Budgen. As pessoas exteriores ao conselho disciplinar importam-se de sair da sala enquanto deliberamos, por favor?

Steve segurou a porta para Jeannie passar e seguiu-a até ao vestíbulo. Saíram do edifício e foram pôr-se à sombra de uma árvore. Jeannie estava

pálida, devido à tensão.

— O que acha? — perguntou ela.

— Temos de ganhar — respondeu Steve. Temos a razão do nosso lado.

— E o que vou fazer se perdermos? Mudar-me para o Nebraska? Arranjar emprego como professora do ensino secundário? Tornar-me comissária de bordo como a Penny Watermeadow?

— Quem é a Penny Watermeadow?

Antes de ela poder responder-lhe, vislumbrou algo por cima do ombro dele que a fez hesitar. Steve virou-se e viu Henry Quinn, a fumar um cigarro.

— Você portou-se muito bem lá dentro disse Quinn. Espero que não ache que estou a ser condescendente quando digo que gostei de competir consigo.

Jeannie soltou uma ligeira imprecação e virou-se.

Steve conseguiu ser mais desprendido. Era suposto os advogados serem mesmo assim, simpáticos para os seus oponentes fora da sala do tribunal. Para além disso, um dia poderia necessitar de pedir emprego a Quinn.

— Obrigado — respondeu ele delicadamente.

— Argumentou muito bem — prosseguiu Quinn, surpreendendo Steve pela sua franqueza. Por outro lado, num caso como este, as pessoas defendem aquilo que lhes interessa e todos os membros do conselho disciplinar são professores académicos. Vai-lhes ser difícil apoiar um novato em desfavor de alguém do seu grupo, independentemente dos argumentos.

— Eles são todos intelectuais — retorquiu Steve. Devem pensar com racionalidade.

Quinn assentiu.

— Talvez tenha razão — disse. Dirigiu a Steve um olhar especulativo e acrescentou: Faz alguma ideia do verdadeiro motivo disto tudo?

— O que quer dizer? — perguntou Steve cautelosamente.

— É evidente que o Berrington está apavorado com qualquer coisa, e não é com a publicidade negativa. Pensei que você e a doutora Ferrami sabiam o motivo.

Creio que sabemos respondeu Steve, mas ainda não podemos prová-lo.

Continuem a tentar disse Quinn. Largou o cigarro e pisou-o. Deus nos livre que o Jim Proust chegue a presidente! Virou-se e afastou-se.

"E esta?!", pensou Steve. "Um liberal disfarçado".

Jack Budgen apareceu à entrada do edifício e chamou-os com um gesto. Steve pegou no braço de Jeannie e voltaram a entrar.

Observou os rostos dos membros do conselho. Jack Budgen fitou-o. Jane Edelsborough dirigiu-lhe um pequeno sorriso.

Aquilo era bom sinal. A esperança dele aumentou.

Sentaram-se todos.

Jack Budgen endireitou os seus papéis desnecessariamente.

— Agradecemos a ambas as partes o fato de esta audiência ter sido conduzida com dignidade. Fez uma pausa solene. A nossa decisão é unânime. Recomendamos ao senado desta universidade que dispense a doutora Jean Ferrami. Obrigado.

Jeannie escondeu a cabeça entre as mãos.

Quando por fim ficou sozinha. Jeannie atirou-se para cima da cama e chorou.

Chorou durante bastante tempo. Deu murros nas almofadas, gritou para as paredes e disse as palavras mais ordinárias que conhecia; depois enterrou o rosto na colcha e chorou mais um pouco. Os lençóis ficaram molhados com as lágrimas e manchados de preto devido ao rímel.

Passado algum tempo levantou-se, lavou o rosto e fez café.

— Isto não é o mesmo que ter um cancro — disse a si própria. Vá lá, anima-te. Mas era difícil. Não iria morrer, muito bem, mas perdera tudo aquilo para que vivera.

Recordou-se de quando tinha vinte e um anos. Formara-se e vencera o Torneio de Tênis Mayfair Lites no mesmo ano. Viu-se no court, erguendo a taça no tradicional gesto de triunfo. O mundo estivera a seus pés. Ao recordar-se, parecia-lhe que outra pessoa erguera esse troféu.

Sentou-se no sofá bebendo café. O pai, aquele patife, roubara-lhe a televisão, pelo que agora nem sequer podia assistir às telenovelas idiotas para se distrair. Ter-se-ia empanturrado de chocolates se os tivesse em casa. Pensou em beber, mas achou que ficaria ainda mais deprimida. Ir às compras? Provavelmente desataria a chorar no gabinete de provas e, fosse como fosse, estava ainda mais tensa do que antes.

Por volta das duas da tarde, o telefone tocou.

Jeannie ignorou-o.

No entanto, quem ligava foi persistente e ela acabou por se faltar de o ouvir tocar, por isso atendeu-o.

Era Steve. Depois da audiência, regressara a Washington para uma reunião com o seu advogado.

— Ainda estou no escritório dele — disse. Queremos que exijas legalmente à Jones Falis a recuperação da lista do FBI. A minha família paga as despesas. Acham que vale a pena, uma vez que podemos encontrar o terceiro gêmeo.

— Estou-me nas tintas para o terceiro gêmeo! — exclamou Jeannie.

Houve uma pausa.

— É importante para mim disse Steve.

Ela suspirou. "Com todos os meus problemas, ainda tenho de me preocupar com o Steve?" Depois dominou-se. "Ele preocupou-se comigo, não foi?" Sentiu-se envergonhada.

— Desculpe, Steve. Estou cheia de pena de mim própria. É claro que vou te ajudar. O que tenho a fazer?

— Nada. O advogado irá ao tribunal, desde que o autorize. Ela tornou a pensar.

— Não é um pouco perigoso? Quero dizer, presumo que a universidade irá ser notificada. Nessa altura, o Berrington vai saber onde está a lista. E apanha-a antes de lá chegarmos.

— Raios, tem razão! Deixa-me falar com ele. Momentos depois, ouviu-se uma outra voz ao telefone.

— Doutora Ferrami, fala Runciman Brewer, estamos agora os três em linha. Onde se encontra exatamente a lista?

— Na gaveta da minha secretária, num disquete com a indicação "COMPRAS.LST".

— Podemos pedir ao tribunal acesso ao seu gabinete, sem especificarmos aquilo de que andamos à procura.

— Então, acho que eles são capazes de apagar tudo do meu computador e dos disquetes.

— Não tenho uma ideia melhor.

— Do que precisamos é de um... assaltante — disse Steve.

— Oh!, meu Deus! — exclamou Jeannie.

— O que foi?

"O meu pai".

— O que se passa, doutora Ferrami? perguntou o advogado.

— Pode esperar algum tempo antes de ir a tribunal? — perguntou Jeannie.

— Sim. Fosse como fosse, provavelmente não poderíamos fazer nada antes de segunda-feira. Porquê?

— Acabei de ter uma ideia. Deixe-me ver o que consigo fazer. Se não der em nada, segunda-feira seguimos a via legal. Steve?

— Ainda aqui estou.

— Liga-me mais tarde.

— Pode crer. Jeannie desligou.

O pai conseguiria entrar no seu gabinete.

Agora encontrava-se em casa de Patty. Não tinha dinheiro, por isso não iria a lado nenhum. E estava em dívida para com ela. E como!

Se conseguisse encontrar o terceiro gêmeo, Steve ficaria ilibado. E se pudesse provar ao mundo o que Berrington e os seus amigos tinham feito nos anos 70, talvez conseguisse o seu emprego de volta.

Poderia pedir ao pai para fazer aquilo? Era ilegal. Ele poderia acabar na prisão, se as coisas dessem errado. É claro que ele correria sempre esse risco, mas desta vez a culpa seria de Jeannie.

Disse a si própria que ele não iria ser apanhado.

A campainha tocou. Levantou o auscultador do intercomunicador.

— Sim?

— Jeannie?

A voz era familiar.

— Sim, quem é?

Will Temple.

— Will. — O que raio estaria Will Temple a fazer ali?

— Mande-te dois e-mails, não os recebeu?

— Entra — disse ela, abrindo a porta da rua.

Ele subiu as escadas. Trazia calças castanhas e um pólo azul-escuro. Tinha o cabelo mais curto, e, embora continuasse a usar a barba de que ela tanto gostara, tinha-a agora aparada, em vez de a deixar crescer livremente. A herdeira obrigara-o a ter um ar mais arrumado.

Não podia permitir que ele a beijasse no rosto: Will magoara-a muito. Estendeu-lhe a mão.

— Mas que surpresa! — disse. Já há alguns dias que não tenho oportunidade de mexer no meu computador.

— Vim assistir a uma conferência em Washington — explicou ele. Aluguei um carro e vim até aqui.

— Quer café?

— Sim.

— Senta-te.

Fez mais café.

Ele olhou em volta.

— Tem um belo apartamento.

— Obrigada.

— É diferente.

— Está dizendo que é diferente do lugar onde morávamos? — A sala do apartamento de Mineápolis era um espaço grande e desarrumado, atulhado de sofás, rodas de bicicletas, raquetes de tênis e violas. Aquela sala parecia imaculada, em comparação. Acho que foi uma forma de reagir a toda aquela confusão.

— Na altura parecia gostar.

— E gostava. Mas as coisas mudam. Ele assentiu e mudou de assunto.

— Li a teu respeito no New York Times. Aquele artigo era uma porcaria.

— Mas para mim bastou. Fui despedida hoje.

— Não.

Deitou o café na caneca e sentou-se de frente para ele, contando-lhe como se passara a audiência.

— Esse Steve... — disse Will quando ela acabou. As coisas entre vocês são sérias?

— Não sei. Estou aberta a novas experiências.

— Não namoram?

— Não, mas ele quer, e gosto bastante dele. E você? Continua com a Georgina Timkerton Ross?

— Não. Will abanou a cabeça com uma expressão de pesar. Jeannie, vim aqui para te dizer que acabar com você foi o pior erro da minha vida.

Jeannie sentiu-se sensibilizada pela sua tristeza. Parte de si estava satisfeita por ele lamentar tê-la abandonado, mas não queria vê-lo sofrer.

— Foi a melhor coisa que já me aconteceu — disse Will. É forte, mas é boa. E inteligente: eu preciso de alguém inteligente. Estávamos bem um para o outro. Amávamo-nos.

— Na época fiquei muito magoada — retorquiu Jeannie. Mas consegui recuperar.

— Eu não sei.

Ela lançou-lhe um olhar de apreciação. Will era um homem alto, não tão bonito como Steve, mas atraente. Jeannie espicou a sua libido, tal como um médico toca numa ferida, mas não houve resposta; não restava qualquer vestígio do desejo avassalador que outrora sentira pelo corpo forte de Will.

Ele viera pedir-lhe que voltassem a viver juntos, percebeu ela. E sabia qual seria a sua resposta. Já não o queria. Chegara uma semana atrasado.

Seria melhor não o obrigar a humilhar-se, fazendo o pedido e vendo-o rejeitado. Levantou-se.

— Will, tenho de tratar de uns assuntos importantes e estou cheia de pressa. Quem me dera ter recebido os teus recados, assim podíamos estar juntos mais tempo.

Ele leu nas entrelinhas e ficou ainda mais triste.

— É pena disse. Levantou-se.

Ela estendeu-lhe a mão.

— Obrigada pela visita.

Ele puxou-a, a fim de a beijar. Jeannie ofereceu-lhe o rosto. Ele beijou-a suavemente, depois largou-a.

— Quem me dera que pudéssemos reescrever o nosso roteiro. Eu punha-lhe um final feliz.

— Adeus, Will.

— Adeus, Jeannie.

Viu-o descer as escadas e fechar a porta da rua. O telefone tocou.

— Sim?

— Ser despedida não foi a pior coisa que te aconteceu.

Era um homem, com a voz pouco distinta, como se falasse através de algo para a disfarçar.

— Quem fala? perguntou Jeannie.

— Pára de bisbilhotar em coisas que não te dizem respeito.

"Quem raio seria?"

— Que coisas?

— Aquele que conheceu na Filadélfia devia tê-la matado. Jeannie susteve a respiração. Sentia-se muito assustada.

A voz prosseguiu.

— Ele entusiasmou-se e estragou tudo. Mas poderia visitar-te outra vez.

— Oh!, meu Deus — sussurrou Jeannie.

— Já foi avisada.

Ouviu-se um clique. O homem tinha desligado.

Jeannie pousou o auscultador e ficou a olhar para o telefone.

Nunca ninguém tinha ameaçado matá-la. Era horrível saber que outro ser humano queria pôr fim à sua vida. Sentiu-se paralisada. "O que deves fazer agora?"

Sentou-se no sofá, esforçando-se por ganhar coragem. Tinha vontade de desistir de tudo. Estava demasiado magoada e cansada para continuar a lutar contra aqueles poderosos inimigos na sombra. Eles eram demasiado fortes. Podiam despedi-la, atacá-la, revistar o seu gabinete, roubar-lhe o E-mail, pareciam capazes de tudo. Talvez pudessem mesmo matá-la.

Era tão injusto. Que direito tinham? Ela era uma boa cientista e haviam arruinado a sua carreira. Estavam dispostos a mandar Steve para a prisão por ter violado Lisa. Ameaçavam matá-la. Quem pensavam eles que eram? Não

iria permitir que aqueles imbecis arrogantes que julgavam poder manipular tudo para seu próprio benefício, prejudicando outros, estragassem a sua vida. Quanto mais pensava nisso, mais furiosa ficava. "Não vou deixá-los ganhar", pensou. "Tenho força para poder magoá-los. Devo ter, senão não se dariam ao trabalho de me avisar e ameaçar matar-me. Vou usar essa força. Não me importa o que me acontecer, desde que lhes estrague a vidinha. Sou inteligente, estou decidida e sou a Jeannie Ferrami, por isso tomem cuidado, seus estupores, pois aqui vou eu!"

41

O pai de Jeannie estava sentado no sofá da sala desarrumada de Patty, com uma chávena de café no colo, a assistir a uma série sobre hospitais e a comer uma fatia de bolo de cenoura.

Quando entrou e o viu, Jeannie explodiu.

— Como pode fazer aquilo? — gritou ela. Como foi capaz de roubar a tua filha?

Ele levantou-se de um pulo, entornando o café e deixando cair o bolo.

Patty apareceu atrás de Jeannie.

— Por favor, não faça nenhuma cena — pediu ela. O Zip deve estar chegando.

— Desculpe, Jeannie — disse o pai. Estou muito envergonhado.

Patty ajoelhou-se e começou a limpar o café e o bolo com um molho de lenços de papel. Na tela, um médico bastante atraente com a bata verde da sala de operações beijava uma mulher bonita.

— Sabe que não tenho dinheiro! — gritou Jeannie. Sabe que estou tentando juntar dinheiro para pagar um lar decente para a minha mãe... a sua mulher! E mesmo assim roubaste-me a merda da televisão!

— Não devia dizer palavrões...

— Meu Deus, dai-me coragem!

— Desculpe.

— Não entendo — disse Jeannie. Não sou capaz de entender.

— Deixa-o em paz, Jeannie — pediu Patty.

— Mas tenho de saber. Como pode fazer uma coisa daquelas?

— Está bem, vou dizer-te — afirmou o pai com um súbito acesso de força que a surpreendeu. Vou dizer-te por que o fiz. Porque perdi a coragem. Nos seus olhos surgiram algumas lágrimas. Roubei a minha própria filha porque sou demasiado velho e estou demasiado assustado para roubar outra pessoa. Agora já sabe a verdade.

Era tão patético que a ira de Jeannie se evaporou de imediato.

— Oh!, pai, desculpa — disse. Senta-te, eu vou buscar o aspirador.

Pegou na chávena entornada e levou-a para a cozinha. Regressou com o aspirador e retirou as migalhas de bolo. Patty acabou de limpar o café.

— Eu não as mereço, meninas — observou o pai, tornando a sentar-se.

— Vou buscar-te outro café — ofereceu-se Patty.

O médico da televisão disse: "Vamos fugir, só nós os dois, para um lugar bonito". E a jovem respondeu: "E a tua mulher?" O médico ficou carrancudo. Jeannie desligou a televisão e sentou-se ao lado do pai.

— O que quer dizer com isso de ter perdido a coragem? — perguntou, curiosa. O que aconteceu?

Ele suspirou.

— Quando saí da prisão, pus-me a vigiar um edifício em Georgetown. Era uma pequena empresa, uma sociedade de arquitetos que acabara de comprar novo equipamento: quinze ou vinte computadores e outras coisas, como impressoras e fax. A pessoa que lhes forneceu o equipamento contactou-me: iria comprar-me as coisas e tornar a vendê-las à empresa quando eles recebessem o dinheiro do seguro. Eu deveria ter ficado com dez mil dólares.

— Não quero que os meus filhos ouçam isto — disse Patty. Foi ver se eles não estavam no corredor e fechou a porta da sala.

— Então o que raio correu mal? — perguntou Jeannie.

— Fiz marcha atrás com a caminhonete até os fundos do edifício, desativei o alarme e abri a porta de serviço. Depois comecei a pensar no que aconteceria se aparecesse algum polícia. Dantes estava-me sempre nas tintas para isso, mas acho que já há dez anos que não fazia nada daquilo. Bom, fiquei tão assustado que comecei a tremer. Entrei, roubei um computador, levei-o para a caminhonete e fui-me embora. No dia seguinte, fui ter à tua casa.

— E roubou-me.

— Não era minha intenção, querida. Achei que poderia ajudar-me a voltar a endireitar-me e a arranjar um bom emprego. Depois, quando saíste, aquela velha sensação voltou a dominar-me. Estava para ali sentado, a olhar para a aparelhagem e a pensar que podia ganhar algumas centenas de dólares

por ela, e talvez mais algumas centenas pela televisão, e foi o que fiz. Depois, tive vontade de me matar, juro!

— Mas não se matou.

— Jeannie! — exclamou Patty.

— Bebi uns copos, fiz um jogo de pôquer e pela manhã estava de novo tenso.

— E foi então que veio ter com a Patty.

— Não te vou roubar, Patty. Não voltarei a roubar mais ninguém. A partir de agora, vou portar-me bem.

— Acho bem! — disse Patty.

— Tem de ser, não me resta alternativa.

— Mas ainda não — interveio Jeannie. Olharam ambos para ela.

— Jeannie, o que está dizendo? — perguntou Patty com nervosismo.

— Tem de fazer mais um trabalhinho — disse Jeannie ao pai. Para mim. Um assalto. Esta noite.

Estava a escurecer quando entraram no complexo da Jones Falis.

— É pena não termos um carro mais discreto — comentou o pai enquanto Jeannie dirigia o Mercedes para o estacionamento dos alunos. Um Ford Taurus seria bom, ou um Buick Regai. Vêem-se cinquenta por dia, ninguém se recorda deles.

Saiu do carro, levando uma pasta castanha de couro já bastante usada. Com a camisa axadrezada, as calças amarrotadas, o cabelo despenteado e os sapatos gastos, parecia exatamente um professor.

Jeannie sentia-se mal. Já há anos que sabia que o pai era ladrão, mas ela própria nunca fizera nada ilegal, exceto dirigir quase a cento e vinte. Agora estava prestes a forçar a entrada num edifício. Era como atravessar uma linha divisória importante. Não achava que estivesse a fazer nada de errado, mas, mesmo assim, a imagem que fazia de si própria estava um pouco abalada. Sempre se considerara uma cidadã cumpridora da lei. Os criminosos, incluindo o pai, sempre lhe parecera pertencerem a outra espécie. Agora ela tornava-se um deles.

A maior parte dos alunos e professores fora já para casa, mas ainda havia algumas pessoas por ali: professores trabalhando até mais tarde, alunos que iam a acontecimentos sociais, vigilantes trancando as portas e seguranças patrulhando. Jeannie esperava não encontrar ninguém conhecido.

Estava tensa como a corda de uma guitarra pronta a partir-se. Tinha mais receio pelo pai do que por ela própria. Se fossem apanhados, a situação seria para ela bastante humilhante, mas nada mais: os tribunais não mandavam ninguém para a prisão por ter arrombado a porta do seu gabinete e roubado uma disquete. Mas o pai, com o seu cadastro, ficaria preso vários anos. Seria um velho quando saísse.

Os candeeiros da rua e as luzes exteriores do edifício começavam a acender-se. Jeannie e o pai passaram pelo court de ténis, onde duas mulheres jogavam, iluminadas por projetores. Jeannie recordou-se da altura em que Steve metera conversa com ela depois do jogo no domingo. Dera-lhe automaticamente com os pés, pois ele parecera muito confiante e convencido. Como estivera errada na primeira avaliação que fizera dele!

Com a cabeça, acenou na direção do Edifício Ruth W. Acorn.

— É ali — disse. Todos lhe chamam "Manicômio".

— Não abrande — disse ele. Como é que se entra pela porta da frente?

— Com um cartão de plástico, idêntico ao do meu gabinete. Mas o meu cartão já não funciona. Posso conseguir arranjar um emprestado.

— Não é preciso. Detesto cúmplices. Como é que vamos até os fundos?

— Já te mostro. Um caminho atravessava o relvado até à extremidade mais afastada do "Manicômio", na direção do estacionamento dos visitantes. Jeannie seguiu por ele, depois desviou para um átrio pavimentado nas traseiras do edifício. O pai passou uma vista de olhos profissional pelo que o rodeava.

— Que porta é aquela? — perguntou, apontando.

— Creio que a porta de incêndio. Ele assentiu.

— Provavelmente tem uma barra à altura da cintura, daquelas que abrem a porta se as empurrarmos.

— Creio que sim. É por ali que vamos entrar?

— Sim.

Jeannie recordou-se de um letreiro no interior que dizia "Esta porta tem alarme".

— Vai disparar o alarme — disse.

— Não, não vou — respondeu o pai. Olhou em volta. Costuma vir aqui muita gente?

— Não. E muito menos à noite.

— Okay. Mãos à obra. Pousou a pasta no chão, abriu-a e tirou de lá uma pequena caixa plástica com um mostrador. Apertando num botão, percorreu com a caixa a ombreira da porta, olhando para o mostrador. A agulha oscilou no canto superior direito. Ele emitiu um grunhido de satisfação.

Colocou a caixa na pasta e tirou outro instrumento semelhante, mais um rolo de fita isolante. Colou o instrumento no canto superior direito da porta e ligou um interruptor. Ouviu-se um ligeiro zunido.

— Isto deve confundir o alarme — disse.

Pegou num arame comprido que outrora fora o cabide de uma lavanderia. Dobrou-o cuidadosamente, depois inseriu o gancho na ranhura da porta. Rodou-o durante alguns segundos, depois puxou.

A porta abriu-se.

O alarme não soou.

Pegou na pasta e entrou.

— Espera — disse Jeannie. Isto não é correto. Fecha a porta e vamos para casa.

— Então, anda lá, não fique assustada!

— Não posso te fazer uma coisa destas. Se for apanhado, fica na prisão até aos setenta.

— Jeannie, eu quero fazer isto. Sempre fui um péssimo pai. Esta é a minha oportunidade de te ajudar. É importante para mim. Anda, por favor.

Jeannie entrou. Ele fechou a porta.

— Agora, indica-me o caminho.

Ela subiu as escadas de incêndio até ao primeiro andar e percorreu rapidamente o corredor até ao seu gabinete. O pai seguiu-a. Jeannie apontou para a porta.

Ele tirou mais um instrumento eletrónico da pasta. Este tinha uma placa de metal do tamanho de um cartão de crédito ligado ao instrumento por fios. Inseriu a placa no leitor de cartões e ligou o instrumento.

— Isto experimenta todas as combinações possíveis.

Ela estava espantada com a facilidade com que ele entrara num edifício que tinha uma segurança tão avançada.

— Sabe uma coisa? — perguntou ele. Não estou assustado!

— Eu estou! — murmurou Jeannie.

— Não, a sério, recuperei a coragem, talvez porque está aqui comigo. Sorriu. Olha, podíamos formar uma equipe!

Ela abanou a cabeça.

— Nem pense nisso. Eu era incapaz de aguentar a tensão.

Lembrou-se de que Berrington podia ter ido até ali e levado o seu computador e os disquetes. Seria horrível ter corrido aquele risco para nada.

— Quanto tempo é que demoras? — perguntou, impaciente.

— Deve estar quase.

Pouco depois, a porta abriu-se suavemente.

— Não quer entrar? — perguntou ele, orgulhoso.

Jeannie entrou e acendeu a luz. O computador ainda estava em cima da secretária. Abriu a gaveta. Lá estava a caixa com os seus disquetes. Procurou freneticamente. A "COMPRAS.LST" estava ali. Pegou nela.

— Graças a Deus! — exclamou.

Agora que tinha o disquete na mão, sentia-se impaciente para saber qual era a informação nela contida. Embora quisesse sair rapidamente do "Manicômio", sentiu-se tentada a ver o arquivo ali, naquele momento. Em casa não tinha computador: o pai roubara-o. Para ler a disquete, teria de pedir um emprestado. Isso demoraria tempo e exigiria explicações.

Decidiu arriscar.

Ligou o computador e esperou que ele carregasse os programas.

— O que está fazendo? — perguntou o pai.

— Quero ver um arquivo.

— Não pode fazer isso em casa?

— Em casa não tenho computador, pai. Foi roubado. Ele não entendeu a ironia.

— Então despacha-te. Foi até à janela e olhou lá para fora. A tela iluminou-se e ela entrou no processador de texto. Enfiou a disquete na drive e ligou a impressora.

Os alarmes ligaram-se imediatamente.

Jeannie julgou que o seu coração tinha parado. O barulho era ensurdecedor.

— O que aconteceu? — gritou. O pai estava branco de medo.

Aquele maldito emissor deve ter falhado, ou talvez alguém o tenha tirado da porta! respondeu ele também aos gritos. Vamos embora, Jeannie,

corre!

Ela sentiu vontade de tirar o disquete do computador e desatar a correr, mas obrigou-se a pensar com calma. Se fosse apanhada agora e lhe tirassem a disquete, perderia tudo. Agarrou no braço do pai.

— Espera só mais uns segundos! Ele olhou pela janela.

— Raios, aquele tipo parece um segurança!

— Tenho de imprimir isto! Espera por mim! Ele estava a tremer.

— Não posso, Jeannie, não posso! Desculpe! Agarrou na pasta e desatou a correr.

Jeannie sentiu pena dele, mas não podia parar agora. Entrou na diretoria da drive A, carregou no arquivo do FBI e pôs em ação o print.

Nada aconteceu. A impressora ainda estava a aquecer. Soltou uma imprecação.

Foi até à janela. Dois seguranças estavam a entrar no edifício.

Ela fechou a porta do gabinete.

Olhou para a impressora laser.

— Despacha-te, despacha-te!

Por fim, emitiu um ruído e puxou uma folha do tabuleiro.

Ela tirou a disquete da drive e enfiou-a no bolso do casaco azul-elétrico.

A impressora regurgitou quatro folhas impressas e depois parou.

Com o coração a bater rapidamente, Jeannie pegou nas folhas e leu.

Havia trinta ou quarenta pares de nomes. A maior parte era homens, mas isso não admirava: quase todos os crimes eram cometidos por homens. Em alguns casos, o endereço era a da prisão. A lista era exatamente aquilo de que ela estava à espera. Mas agora queria algo especial. Procurou os nomes Steve Logan ou Dennis Pinker.

Ambos estavam lá.

E estavam ligados a um terceiro: Wayne Stattner.

— Sim! gritou Jeannie, exultante.

Havia um endereço de Nova Iorque e um número de telefone. Olhou

para o nome. Wayne Stattner. Fora aquele homem que violara Lisa ali mesmo no ginásio e a atacara em Filadélfia.

— Patife — murmurou vingativamente. Vamos apanhar-te! Contudo, primeiro tinha de fugir com a informação. Enfiou os papéis no bolso, apagou as luzes e abriu a porta.

Ouviu vozes no corredor, altas devido ao barulho do alarme. Era tarde de mais. Com cuidado, voltou a fechar a porta. Sentiu as pernas a fraquejarem e apoiou-se à porta, à escuta.

— Tenho a certeza de que havia por aqui uma luz acesa — gritou um homem. É melhor verificarmos todos os gabinetes respondeu outra voz.

Jeannie olhou em volta, para o seu gabinete minúsculo, fracamente iluminado pela luz dos candeeiros da rua. Não havia nenhum local onde pudesse esconder-se.

Abriu uma frincha da porta. Não conseguia ver nem ouvir nada. Espreitou para fora. Na extremidade do corredor havia luz proveniente de um gabinete que tinha a porta aberta. Esperou e ficou à espreita. Os guardas saíram, apagaram a luz, fecharam a porta e foram para o aposento seguinte, que era o laboratório. Levariam um ou dois minutos a revistá-lo. Poderia ela passar pela porta sem que a vissem e chegar às escadas?

Jeannie saiu para o corredor e fechou a porta com mão trêmula.

Avançou pelo corredor. Com enorme esforço, impediu-se de desatar a correr. Passou pela porta do laboratório. Não resistiu à tentação de olhar lá para dentro. Ambos os guardas estavam de costas. Um revistava um armário cheio de papéis e o outro olhava curioso para várias películas com o teste do DNA sobre uma caixa com luz. Não a viram.

Estava quase lá.

Avançou até ao fim do corredor e abriu a porta.

Quando estava quase a sair, uma voz gritou:

— Ei! Você! Pare!

Os seus nervos mandavam-na correr, mas ela controlou-se. Deixou a porta fechar-se, virou-se e sorriu.

Os dois guardas corriam pelo corredor na sua direção. Tinham os dois quase sessenta anos, e provavelmente eram polícias reformados.

A garganta de Jeannie estava seca e mal conseguia respirar.

— Boa noite — disse. Posso ajudar-vos em alguma coisa? O ruído do alarme disfarçou o tremor na sua voz.

— Disparou um alarme aqui no edifício — respondeu um deles. Era uma afirmação estúpida, mas ela decidiu ignorá-la.

— Açam que há algum intruso?

— Talvez. Viu ou ouviu alguma coisa estranha, professora?

Os guardas presumiam que ela era professora, isso era bom.

— Por acaso, acho que ouvi um vidro partindo-se. Parecia vir do piso de cima, embora não possa ter a certeza. Os dois guardas entreolharam-se.

— Vamos lá ver — disse um deles. O outro parecia menos sugestionável.

— Posso perguntar o que tem no bolso?

— Papéis.

— É evidente. Posso vê-los?

Jeannie não ia entregá-los a ninguém: eram demasiado valiosos. Improvisando, fingiu concordar e depois mudar de opinião.

— Pensando melhor, não, não pode. São particulares.

— Tenho de insistir. No nosso treino, disseram-nos que, num edifício destes, os papéis podem ser tão valiosos como qualquer outra coisa.

— Lamento, mas não vou permitir que leiam a minha correspondência pessoal só porque um alarme disparou.

— Nesse caso, pedimos-lhe que nos acompanhe ao nosso gabinete e que fale com o supervisor.

— Está bem — disse ela. Encontramo-nos lá fora. Recuou rapidamente pela porta e desceu as escadas.

Os guardas foram atrás dela.

— Espere!

Ela deixou-os apanharem-na no rés-do-chão. Um agarrou-a pelo braço enquanto o outro abria a porta. Saíram.

— Não precisa de me agarrar disse.

— Prefiro fazê-lo — respondeu ele. Ofegava devido ao esforço de ter descido as escadas correndo.

Jeannie já passara por aquilo. Agarrou no pulso da mão que a agarrava e apertou com força.

— Ai! — gritou o segurança, libertando-a. Jeannie desatou a correr.

— Sua cabra! Espera!

Foram atrás dela. Mas não tinham a mínima hipótese. Ela era vinte e cinco anos mais nova e estava em forma. O medo abandonou-a assim que se afastou dos dois homens. Correu como o vento, rindo-se. Eles perseguiram-na durante mais alguns metros, depois desistiram. Olhou para trás e viu-os dobrados, a ofegar.

Correu até o estacionamento.

O pai esperava-a ao lado do carro. Ela abriu as portas e entraram os dois. Arrancou do estacionamento com os faróis desligados.

— Desculpa, Jeannie — disse ele. Achei que mesmo que não o conseguisse fazer por mim o faria por ti. Mas não vale a pena. Já perdi o jeito. Nunca mais volto a roubar.

— Que boas notícias! — exclamou ela. E eu consegui o que queria.

— Gostaria de poder ser um bom pai para você. Acho que é tarde de mais para começar.

Jeannie saiu do complexo universitário e ligou os faróis.

— Não é tarde de mais, pai. A sério.

— Talvez. Pelo menos tentei ajudar-te, não foi?

— Tentou e conseguiu! Meteste-me lá dentro. Não o poderia ter feito sozinha.

— Sim, acho que tem razão.

Jeannie dirigiu bastante depressa. Estava ansiosa por ligar para o número de telefone das folhas. Se estivesse desatualizado, ela ficaria em uma confusão. E queria ouvir a voz de Wayne Stattner.

Assim que chegaram ao apartamento, pegou no telefone e discou o

número.

— Sim? respondeu uma voz de homem. Uma palavra não bastava.

— Posso falar o com Senhor Wayne Stattner, por favor?

— É o próprio. Quem fala?

Parecia mesmo a voz de Steve. "Filho da puta, por que me rasgaste as meias finas? Conteve a fúria e disse:

— Senhor Stattner, pertenço a uma companhia de estudos de mercado que o escolheu para receber uma oferta muito especial...

— Vai-te foder! — disse Wayne, desligando.

— É ele! — exclamou Jeannie para o pai. Até parece o Steve, só que o Steve é bem educado.

Resumira ao pai o que se tinha passado. Ele percebera a maior parte, embora achasse tudo muito estranho.

— O que vai fazer agora?

— Ligar à Polícia. Discou o número da Unidade de Crimes de Natureza Sexual e pediu para falar com a sargento Delaware.

O pai abanou a cabeça, perplexo.

— É difícil habituar-me a uma coisa dessas: colaborar com a Polícia. Espero que essa sargento seja diferente dos outros detetives que conheço.

— Creio que sim.

Não esperava apanhar Mish: já eram nove horas. Tencionava deixar-lhe um recado. Mas, felizmente, Mish ainda se encontrava no edifício.

— Estou despachando a papelada — explicou. O que se passa?

— O Steve Logan e o Dennis Pinker não são gêmeos.

— Mas pensei...

— São trigêmeos.

Houve uma longa pausa. Quando Mish voltou a falar, o seu tom era comedido.

— Como é que sabe?

— Lembra-se de lhe ter explicado de que forma encontrei o Steve e o

Dennis? Investigando uma base de dados à procura de registos semelhantes?

— Sim.

— Esta semana investiguei o programa de impressões digitais do FBI à procura de impressões digitais semelhantes. O programa deu-me o Steve, o Dennis e um terceiro homem.

— Têm as mesmas impressões digitais?

— Não são exatamente as mesmas. São parecidas. Mas acabei de ligar ao terceiro homem. A voz dele é como a do Steve. Aposto que é ele. Mish, tem de acreditar em mim.

— Tem algum endereço?

— Sim. Em Nova Iorque.

— Dê-ma.

— Há uma condição.

A voz de Mish tornou-se mais dura.

— Jeannie, está falando com a Polícia. Não põe condições, limita-se a responder às perguntas. Agora dê-me o endereço.

— Tenho de satisfazer a minha curiosidade. Quero vê-lo.

— Quer ir para a prisão? Já não falta muito, se não me der o endereço.

— Quero que o vejamos as duas. Amanhã. Houve uma pausa.

— Devia detê-la por ocultar um possível criminoso.

— Podíamos apanhar amanhã o primeiro avião para Nova Iorque.

— Está bem.

SÁBADO

43

Apanharam o voo das seis e quarenta da manhã para Nova Iorque.

Jeannie estava cheia de esperança. Aquilo poderia ser o fim do pesadelo para Steve. Ligara-lhe na noite anterior para o pôr ao corrente dos acontecimentos e ele ficara maravilhado. Também quisera ir com ela a Nova Iorque, mas Jeannie sabia que Mish não o iria autorizar. Prometera ligar-lhe logo que tivesse mais novidades.

Mish mantinha uma espécie de cepticismo tolerante. Tinha dificuldade em acreditar na história de Jeannie, mas precisava de verificar a sua veracidade.

As informações de que Jeannie dispunha não explicavam por que motivo as impressões digitais de Wayne Stattner constavam do arquivo do FBI, mas Mish investigara isso durante a noite e contou a história a Jeannie assim que levantaram voo do Aeroporto Internacional Baltimore-Washington. Há quatro anos, os pais de uma garota de catorze anos desaparecida de casa haviam-na encontrado no apartamento de Stattner em Nova Iorque. Tinham-no acusado de rapto. Ele negara, dizendo que a garota não havia sido coagida. A própria garota afirmara estar apaixonada por ele. Na altura, Wayne tinha apenas dezenove anos, pelo que o assunto não fora levado a tribunal.

A história sugeria que Stattner precisava dominar mulheres, mas Jeannie era de opinião que ela não se encaixava na psicologia de um violador. No entanto, Mish disse que não havia regras rígidas.

Jeannie não falou a Mish do homem que a atacara em Filadélfia. Sabia que a sargento não iria acreditar que ele não era Steve. Iria querer interrogar Steve, e o rapaz já tinha problemas que lhe bastassem. Por conseguinte, também nada disse a respeito do homem que lhe ligara na véspera e a ameaçara de morte. Não contara isso a ninguém, nem sequer a Steve: não queria preocupá-lo ainda mais.

Jeannie desejava conseguir gostar de Mish, mas havia sempre demasiada tensão entre as duas. Como polícia, Mish esperava que as pessoas fizessem o que ela lhes mandasse, e Jeannie detestava isso. Para tentar aproximar-se, perguntou-lhe como é que ela se tornara polícia.

— Antes era secretária e consegui emprego no FBI — respondeu ela. Estive lá durante dez anos. Comecei a achar que era capaz de fazer melhor as coisas do que o agente para quem trabalhava, por isso, concorri para a Polícia. Frequentei a academia, tornei-me policial de rua, depois me ofereci para trabalhar com a brigada anti-droga. Foi um bocado assustador, mas provei que era rija.

Durante um momento, Jeannie sentiu-se afastada da sua companheira. Fumara um pouco de erva de vez em quando e ressentia-se das pessoas que queriam mandá-la para a prisão por causa disso.

— Depois fui para a Unidade de Abusos Sexuais em Crianças — prosseguiu Mish. Não me aguentei lá muito tempo. Ninguém aguenta. É um trabalho importante, mas só temos força para ver parte do que acontece. Aquilo faz-nos enlouquecer. Por isso, acabei por ir parar à Unidade de Crimes de Natureza Sexual.

— Não me parece que tenha sido uma grande melhoria.

— Pelo menos, as vítimas são adultas. E, passados alguns anos, promoveram-me a sargento e puseram-me à frente da unidade.

— Acho que os detetives que investigam os casos de violação deviam ser mulheres — declarou Jeannie.

— Não sei se concordo. Jeannie ficou admirada.

— Não lhe parece que as vítimas falam mais facilmente com uma mulher?

— Talvez as vítimas mais velhas, mulheres com mais de setenta anos.

Jeannie estremeceu ao imaginar que uma frágil mulher de idade podia ser violada.

— Mas a maior parte das vítimas conta a sua história ao candeeiro de rua mais próximo — prosseguiu Mish.

— Os homens pensam sempre que as mulheres foram as provocadoras.

— Mas o relatório deve ser questionado a determinada altura para haver

um juízo de valores correto. E quanto a esse tipo de interrogatórios, há mulheres que são mais brutais que certos homens em relação a outras mulheres.

Jeannie não ficou muito convencida e perguntou a si própria se Mish não estaria apenas a defender os colegas perante alguém de fora.

Quando ficaram sem tema de conversa, Jeannie começou a sonhar acordada, meditando sobre o que o futuro lhe reservaria. Não conseguia habituar-se à ideia de que podia não continuar a ser cientista durante o resto da vida. No seu sonho do futuro, ela era uma mulher de idade, famosa, grisalha e rabugenta, mas conhecida mundialmente devido ao seu trabalho, e os estudantes ouviam constantemente as seguintes palavras: "Não entendíamos o comportamento criminal humano até à publicação do revolucionário livro de Jean Ferrami no ano dois mil". Mas agora isso nunca iria acontecer, precisava de uma nova fantasia. Chegaram a La Guardia alguns minutos depois das oito e apanharam um velho táxi amarelo para o centro da cidade. O veículo tinha os amortecedores avariados e saltou e chocalhou através de Queens, passando pelo Midtown Túnel até Manhattan. Jeannie ter-se-ia sentido desconfortável mesmo num Cadillac: estava prestes a ver o homem que a atacara no seu carro, e o seu estômago parecia um caldeirão cheio de ácido quente.

Wayne Stattner morava num edifício com águas-furtadas no centro da cidade, junto a Houston Street. Era uma manhã de sábado soalheira e já havia jovens na rua, a comprar pão, a beber capuccinos nos cafés e a ver as montras das galerias de arte.

Um detetive da Primeira Esquadra aguardava-as, estacionado em dupla fila à porta do edifício, num Ford Escort castanho com a porta de trás amolgada. Cumprimentou-as e apresentou-se, rabugento, como Herb Reitz. Jeannie calculou que acompanhar detetives de fora era uma tarefa desagradável.

— Agradecemos que nos tenha vindo ajudar num sábado — disse Mish, dirigindo-lhe um sorriso caloroso e sedutor.

Ele suavizou um pouco.

— Não há problema.

— Quando precisar de ajuda em Baltimore, quero que ligue diretamente

para mim.

— Com certeza.

Jeannie tinha vontade de dizer: "Por amor de Deus, vamos lá a despachar!"

Entraram no edifício e apanharam um elevador até ao último andar.

— Há um apartamento por andar — disse Herb. Este suspeito é abastado. O que é que ele fez?

— Violação — respondeu Mish.

O elevador parou. A porta abria-se diretamente para outra porta, pelo que não puderam sair até a do apartamento estar aberta. Mish tocou à campainha. Houve um longo silêncio. Herb manteve aberta a porta do elevador. Jeannie rezou para que Wayne não tivesse ido passar o fim-de-semana fora: seria incapaz de suportar o anticlímax. Mish tornou a tocar e não tirou o dedo do botão.

Por fim, ouviu-se uma voz lá dentro.

— Quem raio está aí?

Era ele. A voz fez Jeannie gelar de medo.

— Polícia — respondeu Herb. Agora abra a porta. O tom mudou.

— Por favor, levante a sua identificação até ao painel de vidro à sua frente.

Herb mostrou o crachá no painel.

— Okay, é só um minuto.

"E agora", pensou Jeannie. "Vou ver a cara dele". A porta foi aberta por um jovem desgrenhado, descalço e enrolado numa toalha preta desbotada.

Jeannie olhou para ele, sentindo-se desorientada. Era o sócia de Steve, só que tinha cabelo preto.

— Wayne Stattner? perguntou Herb.

— Sim.

"Deve tê-lo pintado", pensou. "Deve tê-lo pintado ontem, ou na quinta à noite".

— Sou o detetive Herb Reitz, da Primeira Esquadra.

— Tenho sempre muito prazer em colaborar com a Polícia, Herb — disse Wayne. Olhou para Mish e para Jeannie. Esta não viu nenhum brilho de reconhecimento nos seus olhos. Não querem entrar?

Entraram. O vestibulo sem janelas estava pintado de preto e tinha três portas vermelhas. A um canto encontrava-se um esqueleto humano semelhante aos utilizados nas aulas de Medicina, só que este estava amordaçado com um lenço vermelho e tinha algemas nos pulsos ossudos.

Wayne conduziu-os através de uma das portas vermelhas para um sótão com o teto bastante alto. Nas janelas havia cortinas de veludo preto e a sala estava iluminada por candeeiros baixos. Numa das paredes encontrava-se pendurada uma enorme bandeira nazista. Num bengaleiro havia uma coleção de chicotes, iluminados por um projetor. Em cima de um cavalete via-se um enorme quadro a óleo com a crucificação: olhando mais de perto, Jeannie viu que quem estava a ser crucificado não era Cristo, mas sim uma mulher voluptuosa de cabelo louro. Estremeceu de nojo.

Estava na casa de um sádico: era suficientemente óbvio.

Herb olhava em volta, perplexo.

— Como é que ganha a vida, Senhor Stattner?

— Sou proprietário de dois nightpubs aqui em Nova Iorque. É por isso que tenho tanto gosto em colaborar com a Polícia. Tenho de manter as mãos limpas, por causa dos negócios.

Herb estalou os dedos.

— Claro, Wayne Stattner! Já li a seu respeito na revista New York. "Os jovens milionários de Manhattan". Devia ter reconhecido o seu nome.

— Não querem sentar-se?

Jeannie dirigiu-se para uma cadeira, mas depois viu que era uma das elétricas, utilizadas nas execuções. Olhou para ela de relance pela segunda vez, fez uma careta e sentou-se noutro lado.

— Esta é a sargento Michelle Delaware, da Polícia de Baltimore disse Herb.

— Baltimore? — repetiu Wayne, admirado. Jeannie observava o seu rosto à procura de vestígios de medo, mas ele parecia ser um bom ator. Têm

crimes em Baltimore? — perguntou com sarcasmo.

— O seu cabelo é pintado, não é? — interveio Jeannie.

Mish lançou-lhe um olhar aborrecido: ela estava ali para observar, não para interrogar.

No entanto, Wayne não se importou com a pergunta.

— É muito perspicaz.

"Eu tinha razão", pensou Jeannie, exultante. "É ele". Olhou para as suas mãos e lembrou-se delas a rasgarem-lhe a roupa. "Estás feito, patife", pensou.

— Quando é que o pintou? — perguntou.

— Quando tinha quinze anos — respondeu Wayne.

"Mentiroso".

— O preto está na moda desde que me lembro.

"O teu cabelo estava louro na quinta-feira, quando enfiaste as tuas grandes mãos debaixo da minha saia, e no domingo, quando violaste a minha amiga Lisa no ginásio da Universidade Jones Falis".

Mas por que estaria ele mentindo? Saberia que tinham um suspeito louro?

— O que vem a ser isto? — perguntou ele. A cor do meu cabelo é alguma pista? Adoro mistérios.

— Não vamos demorar muito — interveio Mish, bruscamente. Precisamos saber onde se encontrava às oito horas de domingo passado.

Jeannie perguntou a si própria se ele teria algum álibi. Seria tão fácil afirmar que tinha estado jogando cartas com alguns delinquentes, depois pagar-lhes para ficarem de bico calado, ou dizer que estivera na cama com uma prostituta, que estaria disposta a cometer perjúrio por uma injeção de heroína...

No entanto, ele surpreendeu-a.

— Isso é fácil respondeu. Estive na Califórnia.

— Alguém pode comprovar isso? — Ele riu-se.

— Acho que cem milhões de pessoas.

Jeannie começava a ter um mau pressentimento. Ele não podia ter um verdadeiro álibi. Tinha de ser o violador.

— O que quer dizer? — perguntou Mish.

— Estive na cerimônia de entrega dos Emmys.

Jeannie lembrou-se de ver a cerimônia na televisão quando estava no quarto de Lisa no hospital. Como poderia Wayne ter estado na cerimônia? Mal podia ter chegado ao aeroporto no espaço de tempo que Jeannie demorara a chegar ao hospital.

— Não ganhei nada, é claro — acrescentou ele. Não estou nesse ramo de negócio. Mas a Salina Jones ganhou, e ela é uma velha amiga.

Olhou para o quadro a óleo e Jeannie apercebeu-se de que a mulher na cruz era parecida com a atriz que fazia o papel de Babe, a filha do rabugento Brian, na série cômica *Too Many Cooks*. Ela devia ter posado para ele.

— A Salina ganhou o prêmio de melhor atriz numa comédia, e eu beijei-a na cara quando ela desceu do palco com o troféu na mão. Foi um momento muito bonito, captado por todas as câmaras de televisão e transmitido para o mundo. Gravei tudo em vídeo. E saiu uma fotografia na *People* desta semana.

Apontou para uma revista que se encontrava na carpete.

Com o coração apertado, Jeannie pegou nela. Ali estava a fotografia de Wayne, deslumbrante num smoking, a beijar Salina enquanto esta agarrava no Emmy.

O cabelo dele estava preto.

Na legenda, lia-se: "O empresário nova-iorquino Wayne Stattner cumprimenta no domingo à noite em Hollywood a antiga paixão, Salina Jones, pelo seu Emmy em *Too Many Cooks*".

Era o melhor álibi que podia haver.

Como era aquilo possível?

— Bom, Senhor Stattner, não precisamos de lhe roubar mais tempo — disse Mish.

— O que é que pensavam que eu tinha feito?

— Andamos investigando uma violação que decorreu em Baltimore no domingo à noite.

— Não fui eu — retorquiu Wayne.

Mish olhou para o quadro e ele seguiu o olhar dela.

— As minhas vítimas são voluntárias — disse, dirigindo-lhe um olhar longo e sugestivo.

Ela corou e virou-se.

Jeannie estava desolada. Todas as suas esperanças tinham ido por água abaixo, mas o seu cérebro continuava a trabalhar; por isso, quando se levantou para sair, indagou:

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro — respondeu Wayne, sempre simpático.

— Tem irmãos?

— Sou filho único.

— Na altura em que nasceu o seu pai estava no exército, não é verdade?

— Sim, era instrutor de pilotos de helicópteros em Fort Bragg. Como é que adivinhou?

— Sabe se a sua mãe teve dificuldade em engravidar?

— Que perguntas mais estranhas para uma agente!

Mish interveio:

— A doutora Ferrami é uma cientista da Universidade Jones Falis. A investigação dela está relacionada com o caso em que estou trabalhando.

— A sua mãe falou em ter feito um tratamento de fertilidade? — perguntou Jeannie.

— A mim não disse nada.

— Importa-se que eu lhe pergunte?

— Ela já morreu.

— Lamento. E o seu pai?

Ele encolheu os ombros.

— A senhora podia telefonar-lhe.

— Gostaria bastante.

— Ele vive em Miami. Eu dou-lhe o número.

Jeannie estendeu-lhe uma caneta. Ele rabiscou um número numa página da People e rasgou um canto. Dirigiram-se para a porta.

— Obrigado pela sua colaboração, Senhor Stattner — disse Herb.

— Sempre às ordens.

Quando desciam no elevador, Jeannie perguntou, muito desconsolada:

— Acreditam no álibi dele?

— Vou verificá-lo — respondeu Mish. Mas parece sólido. Jeannie abanou a cabeça.

— Não posso acreditar que ele está inocente.

— Ele é bem culpado, querida... mas não da violação.

Steve esperava junto ao telefone. Encontrava-se sentado na grande cozinha da casa dos pais em Washington, vendo a mãe a fazer rolo de carne e à espera do telefonema de Jeannie. Wayne Stattner seria mesmo seu sócio? Perguntou a si próprio se Jeannie e o sargento Delaware o encontrariam na morada de Nova Iorque... e se Wayne confessaria ter violado Lisa Hoxton.

A mãe estava a picar cebolas. Ficara abalada e perplexa quando soubera o que lhe havia sido feito na Clínica Aventine em Dezembro de 1972. Não acreditara completamente, mas aceitara aquela explicação por agora, enquanto falavam com o advogado. Na noite anterior, Steve ficara acordado até tarde, conversando com os pais sobre a sua estranha história. Nessa altura, a mãe enfurecera-se: a ideia de haver médicos a fazer experiências com o corpo das doentes sem autorização bastava para a deixar possuída. Na sua coluna, falava muitas vezes do direito que as mulheres tinham a controlar os seus próprios corpos.

Surpreendentemente, o pai estivera mais calmo. Steve esperava que um homem tivesse uma reacção muito mais forte a toda aquela história de loucos. Mas o pai fora bastante racional, seguira a lógica de Jeannie, especulou sobre outras possíveis explicações para o fenómeno dos trigêmeos, concluindo que ela devia ter razão. No entanto, reagir com calma fazia parte do código do pai. Não significava que ele estava sentindo-se calmo. Naquele momento, encontrava-se lá fora no quintal, regando placidamente um canteiro de flores, mas no seu íntimo poderia estar fervendo.

A mãe começou a fritar as cebolas, e o cheiro fez crescer água na boca de Steve.

— Rolo de carne com purê de batata e ketchup — disse ele. Uma das melhores refeições do mundo.

Ela sorriu.

— Quando tinha cinco anos queria comer isto todos os dias.

— Eu lembro-me. Naquela pequena cozinha da Torre Hoover.

— Lembra-se disso?

— Não muito. Lembro-me de sairmos de lá e de como achei estranho

passarmos a morar numa vivenda em vez de num apartamento.

— Foi mais ou menos nessa altura que comecei a ganhar dinheiro com o meu primeiro livro: O Que Fazer Quando não Consegue Engravidar. Suspirou. Se vier a saber-se a verdade de como eu engravidei, o livro vai parecer um pouco idiota.

— Espero que as pessoas que o compraram não peçam o dinheiro de volta.

Ela pôs a carne picada numa frigideira com as cebolas e limpou as mãos.

— Pensei nisto durante toda a noite e sabe que mais? Ainda bem que fizeram aquilo comigo na Clínica Aventine.

— Por quê? Ontem à noite estava furiosa!

— E de certa forma ainda estou, por ter sido usada como um chimpanzé num laboratório. Mas apercebi-me de uma coisa muito simples: se não tivessem feito a experiência no meu corpo, eu nunca te teria tido. Nada mais importa para além disso.

— Não se importa que eu não seja mesmo teu?

Ela abraçou-o.

— É meu, Steve. Nada pode mudar isso. O telefone tocou e Steve atendeu.

— Sim?

— É a Jeannie.

— O que aconteceu? — perguntou Steve, sem fôlego. Ele estava lá?

— Sim, ele é teu sócia, só que pinta o cabelo de preto.

— Meu Deus... então somos mesmo três.

— Sim. A mãe do Wayne morreu, mas acabei de falar com o pai dele, na Florida, e o senhor confirmou-me que ela recebeu tratamento na Clínica Aventine.

Eram boas notícias, mas ela não parecia muito animada e Steve achou isso estranho.

— Não parece muito animada.

— Ele tem um álibi para domingo.

— Merda! — A esperança dele voltou a diminuir. Como é que pode ser? Que tipo de álibi?

— Um muito bom. Esteve na entrega dos Emmys em Los Angeles. Há fotografias.

— Ele está ligado ao cinema?

— Tem alguns nightclubs. É uma celebridade menor.

Steve podia perceber por que motivo ela estava tão desanimada. A sua descoberta de Wayne fora brilhante... mas não os fizera avançar nem mais um milímetro. Steve ficou perplexo.

— Então quem é que violou a Lisa?

— Lembra-se do que dizia o Sherlock Holmes? "Depois de eliminar o impossível, o que resta, independentemente de parecer muito improvável, deve ser a verdade". Ou se calhar era o Hercule Poirot.

O coração de Steve gelou. Ela não acreditava, com certeza, que fora ele que violara Lisa.

— Qual é a verdade?

— Há quatro gêmeos.

— Quatro gêmeos? Jeannie, isto está a transformar-se numa loucura.

— Não são quatro gêmeos. Não acredito que o embrião se dividiu em quatro por acidente. Foi deliberadamente, como parte da experiência.

— Isso é possível?

— Hoje em dia, é. Já ouviste falar em clonagem? Nos anos setenta, isso não passava de uma ideia muito vaga. Mas a Genético parece ter estado muito à frente das empresas restantes... talvez porque estava trabalhando em segredo e fazendo experiências em seres humanos.

— Está dizendo que sou um clone.

— Tem de ser. Lamento, Steve. Estou sempre a dar-te más notícias. Ainda bem que tem os pais que tem.

— Sim. Como é que ele é, o Wayne?

— Assustador. Tem um quadro que mostra a Salina Jones a ser crucificada nua. Estava ansiosa por sair do apartamento dele.

Steve ficou em silêncio. "Um dos meus clones é um assassino, o outro um sádico e o hipotético quarto um violador. Onde é que eu fico?"

— A noção dos clones também explica por que motivo vocês nasceram todos em dias diferentes. Os embriões ficaram no laboratório durante períodos distintos antes de serem implantados no útero das mulheres.

"Por que é que isto me aconteceu? Por que não posso ser como todo mundo?"

— Estão chamando para o voo. Tenho de ir.

— Quero ver-te. Vou ter contigo a Baltimore.

— Okay. Adeus. Steve desligou.

— Ouviu? — perguntou ele à mãe.

— Sim. Ele é parecido contigo, mas tem um álibi, por isso ela acha que vocês devem ser quatro e que são clones.

— Se somos clones, eu devo ser como eles.

— Não. É diferente porque é meu.

— Mas não sou. Viu um espasmo de dor no rosto da mãe, mas ele também se sentia magoado. Sou filho de dois desconhecidos escolhidos pelos cientistas da Genético. Esse é o meu passado.

— Deve ser diferente dos outros, porque se comporta de maneira diferente.

— Mas será que isso prova que a minha natureza é diferente da deles? Ou que apenas aprendi a escondê-la, como um animal domesticado? Tornou-me naquilo que sou? Ou terá sido a Genético?

— Não sei, meu filho — disse a mãe. Não sei.

Jeannie tomou uma ducha, lavou a cabeça e em seguida pintou os olhos com cuidado. Decidiu não usar batom nem blush. Vestiu uma camiseta bordeaux com decote em V e umas calças justas cinzentas, e nada de roupa interior nem sapatos. No nariz pôs o brinco preferido, uma pequena safira engastada em prata. Quando se olhou ao espelho, achou-se muito provocante.

— Vai à missa, minha menina? — perguntou ela em voz alta. Depois piscou o olho à sua imagem e foi para a sala.

O pai tornara a ir-se embora. Preferia estar em casa de Patty, com os três netos para o animarem. Patty fora buscá-lo quando Jeannie estava em Nova Iorque.

Nada tinha para fazer além de esperar por Steve. Tentou não pensar na grande desilusão daquele dia. Já bastara. Tinha fome: passara o dia a beber café. Interrogou-se sobre se devia comer naquele momento ou esperar que ele chegasse. Sorriu ao lembrar-se de que Steve comera oito bolos de canela ao café da manhã. Fora apenas na véspera? Parecia ter sido há uma semana.

De súbito, apercebeu-se de que não tinha comida na geladeira. Seria desagradável se ele viesse com fome e ela não tivesse nada para comer! Calçou à pressa um par de botas Doe Marten's e correu lá para fora. Entrou no carro e parou na loja de conveniência mais próxima, na esquina de Falis Road com a Rua 36. Comprou ovos, bacon, leite, um pão de sete cereais, alface, cerveja Dos Equis, sorvete Ben & Jerry de frutos tropicais e mais quatro embalagens de bolinhos de canela congelados.

Enquanto esperava junto à caixa, apercebeu-se de que Steve podia ter chegado enquanto ela estava fora. E talvez já se tivesse ido embora! Saiu da loja a correr com os braços cheios de compras e conduziu como uma louca, imaginando-o à espera, impaciente, junto à porta. Não estava lá ninguém nem havia vestígio de um Datsun velho. Jeannie entrou em casa e pôs a comida na geladeira. Tirou os ovos da embalagem de cartão e colocou-os no tabuleiro da geladeira, abriu a embalagem da cerveja, colocou café no filtro da máquina. Já não tinha mais nada para fazer.

Ocorreu-lhe que estava comportar-se de forma estranha. Nunca antes se preocupara se um homem estava com fome. A sua atitude normal, mesmo

com Will Temple, fora deixá-los preparar a sua comida se tivessem fome; se a geladeira estivesse vazia, eles que fossem comprar comida e, se a loja estivesse fechada, que fossem a um drive-through. Mas agora estava sofrendo um ataque de domesticidade. Steve afetava-a mais do que os outros homens, embora só o conhecesse há alguns dias...

A campainha tocou como uma explosão.

Jeannie levantou-se de um salto, com o coração batendo com força, e falou para o intercomunicador.

— Quem é?

— Jeannie? é o Steve.

Ela apertou o botão e abriu a porta da rua. Ficou imóvel durante algum tempo, sentindo-se uma idiota. Estava a agir como uma adolescente. Viu Steve subir as escadas. Trazia uma camiseta cinzenta e calças de jeans largas. O seu rosto revelava a dor e a desilusão das últimas vinte e quatro horas. Ela lançou os braços à volta dele e abraçou-o. O seu corpo forte estava tenso.

Conduziu-o para a sala de estar. Steve sentou-se no sofá e ela ligou a máquina do café. Sentia-se muito próxima dele. Não tinham feito as coisas habituais, saído, ido a restaurantes ou ao cinema. Em vez disso, haviam travado batalhas lado a lado, tentando resolver juntos quebra-cabeças, perseguidos por inimigos meio ocultos. Isso tornara-os amigos muito depressa.

— Quer café?

Ele abanou a cabeça.

— Prefiro ficar de mãos dadas.

Jeannie sentou-se ao lado de Steve no sofá e ele pegou-lhe na mão. Inclinou-se para ela. Ela virou o rosto para ele, e ele beijou-a nos lábios. Foi o primeiro beijo a sério que deram. Ela apertou a mão dele com força e abriu os lábios. O gosto da boca dele fê-la lembrar-se de fumo de madeira. Por momentos, a sua paixão diminuiu, pois não se lembrava de ter lavado os dentes; depois recordou-se de que o tinha feito e tornou a descontrair-se. Ele tocou nos seios dela através da lã macia da camisola, as suas mãos grandes surpreendentemente meigas. Ela fez o mesmo, esfregando a palma das mãos no peito dele.

As coisas ficaram rapidamente sérias.

Ele afastou-se, para olhar para ela. Fitou o seu rosto como se quisesse gravar as suas feições na memória. Com as pontas dos dedos, percorreu as sobrancelhas dela, as maçãs do rosto, a ponta do nariz e os lábios, tão suavemente como se tivesse medo de partir alguma coisa. Abanou um pouco a cabeça, como se não pudesse acreditar naquilo que estava vendo.

Jeannie viu um enorme desejo no seu olhar. Aquele homem desejava-a com todo o seu ser. Isso excitou-a. A sua paixão explodiu como um vento súbito do Sul, quente e tempestuoso. Sentiu as entranhas derreter como já não sentia há ano e meio. Desejou tudo ao mesmo tempo, o corpo dele em cima do dela, a língua dele na boca dela e as mãos dele em toda a parte.

Segurou na cabeça de Steve, puxou-a na sua direção e beijou-o de novo, desta vez com a boca completamente aberta. Inclinou-se para trás no sofá até ele ficar meio deitado em cima de si, esmagando-a com o seu peso. Acabou por afastá-lo, ofegante.

— Vamos para o quarto — disse.

Desembarçou-se dele e foi à frente para o quarto. Despiu a blusa e atirou-a para o chão. Ele entrou no quarto e fechou a porta com o calcanhar. Ao vê-la despida, tirou a camiseta com um movimento rápido.

"Eles fazem todos aquilo", pensou Jeannie; "todos fecham a porta com o calcanhar".

Steve descalçou-se, abriu o cinto e tirou as calças de jeans. O seu corpo era perfeito, ombros largos, um peito musculoso e uma cintura estreita. Usava shorts brancos justos.

"Mas qual deles é ele?"

Steve avançou na sua direção e ela recuou dois passos.

"O homem do telefone disse que poderia visitar-me outra vez".

Steve franziu o sobrolho.

O que é que se passa? De repente, ela sentiu medo.

— Não posso fazer isto — respondeu Jeannie. Ele respirou fundo.

— Uau! exclamou. Desviou o olhar. Uau! repetiu. Ela cruzou os braços sobre o peito, cobrindo os seios.

— Não sei quem é. Ele entendeu tudo.

— Oh!, meu Deus! Sentou-se na cama de costas para ela e os seus ombros largos inclinaram-se para a frente, numa atitude de desânimo. Mas podia estar representando. Pensa que eu sou o de Filadélfia.

— Julguei que aquele era o Steve.

— Mas por que fingiria ele que era eu?

— Isso não interessa.

— Limitar-se-ia a fazer as coisas para dar uma queca rápida — comentou ele. Os meus sócias têm maneiras muito peculiares de satisfazer os seus apetites, mas essa era diferente. Se quisesse violar-te, te apontava uma navalha, ou rasgava as meias finas, ou pegaria fogo a um edifício, não é verdade?

— Recebi um telefonema — disse Jeannie com voz trêmula. Anônimo. A voz disse: "Aquele que conhecestes em Filadélfia devia ter-te morto. Ele entusiasmou-se e estragou tudo. Mas poderia visitar-te outra vez". É por isso que tem de ir-te embora agora, Steve. Pegou na blusa e vestiu-a à pressa. Mas não se sentiu mais segura.

Havia compreensão no olhar dele.

— Pobre Jeannie — disse Steve. Aqueles patifes assustaram-te para valer. Lamento. Levantou-se e vestiu as calças jeans.

De súbito, Jeannie sentiu que estava enganada. O clone de Filadélfia, o violador, nunca se vestiria numa situação daquelas. Atirá-la-ia para a cama, arrancaria a sua roupa e tomá-la-ia pela força. Aquele homem era diferente. Era Steve. Sentiu um desejo quase irresistível de o abraçar e de fazer amor com ele.

— Steve... Ele sorriu.

— Sou eu.

Porém, qual seria o objetivo dele? Quando ganhasse a sua confiança e estivesse nu em cima dela, iria mudar e revelar a sua verdadeira natureza, a natureza que gostava de ver mulheres com medo e em pânico? Estremeceu de medo.

Não valia a pena. Evitou o olhar dele.

— É melhor ir embora — disse.

— Podia interrogar-me.

— Está bem. Onde é que eu vi o Steve pela primeira vez?

— No court de tênis.

Era a resposta certa. Mas tanto Steve como o violador estavam naquele dia na universidade.

— Pergunta-me outra coisa.

— Quantos bolos de canela comeu o Steve na sexta-feira de manhã?

Ele sorriu.

— Oito, lamentavelmente.

Ela abanou a cabeça, desesperada.

— Este local pode estar sob escuta. Revistaram o meu gabinete, viram o meu correio eletrónico e agora podem estar a ouvir a nossa conversa. Não adianta. Não conheço o Steve Logan assim tão bem, e aquilo que sei pode ser do conhecimento de outros.

— Acho que tem razão — disse ele, vestindo a camiseta. Sentou-se na cama e calçou os sapatos. Ela foi para a sala, pois não queria ficar no quarto a vê-lo vestir-se. Estaria cometendo um grande erro? Ou teria sido a sua jogada mais inteligente? Sentia uma enorme dor nas entranhas: desejava tanto fazer amor com Steve! Mas a possibilidade de vir a encontrar-se na cama com alguém parecido com Wayne Stattner fê-la tremer de medo.

Ele apareceu na sala, vestido. Jeannie olhou para os seus olhos, à procura de algo, algum sinal que lhe dissipasse as dúvidas, mas não o encontrou. "Não sei quem é, raios!"

Ele adivinhou-lhe os pensamentos.

— Não vale a pena. Confiança é confiança e, quando ela desaparece, desaparece mesmo. Deixou o seu ressentimento vir a cima. Mas que balde de água fria!

A ira dele assustou-a. Ela era forte, mas ele era ainda mais forte. Queria-o fora do apartamento, e depressa.

Ele pressentiu a urgência dela.

— Okay, vou-me já embora — disse. Foi até à porta. Sabe que ele não teria ido embora.

Ela assentiu.

Steve continuou a adivinhar-lhe os pensamentos.

— Mas não pode ter certeza até eu me ter ido mesmo embora. E se eu me for embora e voltar pouco depois, isso também não conta. Para saber que sou eu, tenho de me ir mesmo embora.

— Sim. Agora tinha a certeza de que aquele era Steve, mas as suas dúvidas regressariam se ele não partisse.

— Precisamos de um código secreto, para saber que sou eu.

— Okay.

— Vou inventar qualquer coisa.

— Okay.

— Adeus. Não vou tentar beijar-te. Desceu as escadas. Telefona-me! — gritou.

Ela não se mexeu até que ouviu bater a porta da rua.

Mordeu o lábio. Sentia vontade de chorar. Foi até à cozinha e encheu uma caneca com café. Levou-a aos lábios, mas ela escorregou-lhe das mãos e estilhaçou-se no chão.

— Foda-se! — exclamou.

As pernas de Jeannie fraquejaram e sentou-se no sofá. Correria um grande perigo. Agora sabia que o perigo fora imaginário, mas sentia-se grata por ele ter passado. O seu corpo estava inchado de desejo. Tocou nas calças entre as pernas: estavam úmidas.

— Em breve — murmurou. Em breve.

Imaginou como seria a vez seguinte em que estivesse com ele, como o abraçaria, o beijaria e pediria desculpa, e como ele lhe perdoaria; e, ao imaginar tudo isso, acariciou-se com as pontas dos dedos e, passado alguns momentos, foi percorrida por um espasmo de prazer.

Depois dormiu um pouco.

Foi a humilhação que afetou Berrington.

Já derrotara Jeannie Ferrami várias vezes, mas nunca conseguira sentir-se satisfeito com isso. Ela obrigara-o a agir como um vulgar ladrão. Sugerira secretamente uma história a um jornal, entrara no gabinete dela e vasculhara-lhe as gavetas, e agora vigiava a sua casa. Mas era impelido pelo medo. O seu mundo parecia começar a desmoronar-se. Estava desesperado.

Nunca imaginara que estaria fazendo aquilo algumas semanas antes do seu sexagésimo aniversário: sentado no carro, encostado no meio foi, vigiando a porta de outra pessoa como um reles detetive particular. O que pensaria a sua mãe? Ainda era viva, uma mulher elegante e bem vestida, com oitenta e quatro anos, que vivia numa pequena cidade do Maine, escrevendo cartas bem humoradas para o jornal local e decidida a manter o seu cargo de florista da igreja episcopal. Estremeceria de vergonha se soubesse aquilo a que o filho estava reduzido.

Que Deus não permitisse que ninguém conhecido o visse. Teve o cuidado de não olhar para os transeuntes. Infelizmente, o seu carro dava nas vistas. Considerava-o um carro discretamente elegante, mas não havia muitos Lincoln Town Cars estacionados naquela rua: os favoritos locais eram os pequenos japoneses e alguns bem conservados Pontiac Firebirds. Berrington não era o gênero de pessoa que também pudesse passar despercebido, com o seu distinto cabelo grisalho. Durante algum tempo, escondera-se atrás de um mapa, mas estava numa zona simpática e dois transeuntes haviam-lhe batido no vidro, perguntando se precisava de ajuda, pelo que acabara por fechar o mapa. Consolou-se ao pensar que as pessoas que viviam numa zona tão barata não podiam ser importantes.

Não fazia ideia do que Jeannie andava tramando. O FBI não conseguira encontrar a lista no apartamento dela. Berrington tinha de presumir o pior: a lista levava-a o outro clone. Se assim fosse, o fim não se encontrava longe. Berrington, Jim e Preston estavam quase sendo acusados publicamente, desgraçados e arruinados.

Fora Jim quem sugerira que Berrington devia vigiar a casa de Jeannie.

— Precisamos saber o que ela anda a tramar, quem entra e sai — dissera

Jim, e Berrington concordara com relutância. Tinha chegado cedo e nada acontecera até por volta do meio-dia, quando Jeannie fora deixada em casa por uma mulher de cor, que ele reconheceu. Era um dos detetives que investigava o caso da violação. Entrevistara-o na segunda-feira. Ele achara-a atraente. Conseguiu recordar-se do seu nome: sargento Delaware.

Ligou a Proust da cabina do McDonald's que ficava na esquina, e Proust prometera pedir ao seu amigo do FBI que descobrisse quem é que elas tinham ido visitar. Berrington imaginou o homem do FBI a dizer: "A sargento Delaware entrou hoje em contato com um suspeito que estamos a vigiar, por razões de segurança que não posso revelar, mas seria bastante útil sabermos exatamente o que ela fez nesta manhã e que caso anda a investigar".

Mais ou menos uma hora depois, Jeannie saíra à pressa, muito sexy, com uma blusa bordeaux. Berrington não seguira o carro: apesar do seu medo, não podia obrigar-se a fazer uma coisa tão pouco digna. Mas ela regressara minutos depois, com dois sacos de uma loja de conveniência. A seguir, chegara um dos clones, possivelmente Steve Logan.

Não ficara lá muito tempo. "Se eu estivesse no lugar dele, com a Jeannie vestida daquela maneira, teria ficado lá toda a noite e grande parte do domingo".

Olhou pela vigésima vez para o relógio do carro e decidiu voltar a ligar a Jim. Talvez ele já tivesse sabido novidades do FBI.

Berrington saiu do carro e foi até à esquina. O cheiro das batatas fritas fê-lo sentir fome, mas não gostava de comer hamburgueres que vinham em recipientes de plástico. Bebeu um café e foi até à cabina.

— Foram a Nova Iorque — disse-lhe Jim. Fora o que Berrington recebera.

— Wayne Stattner.

— Sim.

— Merda! E o que é que fizeram?

— Pediram-lhe que lhes dissesse o que tinha feito no domingo e coisas do gênero. Ele estava nos Emmys. A fotografia vinha na People. Fim da história.

— Há alguma indicação daquilo que a Jeannie tenciona fazer a seguir?

— Não. O que está a acontecer por essas bandas?

— Pouca coisa. Daqui vejo a porta dela. Fez umas compras, recebeu uma visita rápida do Steve Logan, mais nada. Talvez tenham ficado sem ideias.

— Ou talvez não. Só sabemos que o teu estratagema para a despedir não a fez calar-se.

— Está bem, Jim, não é preciso insistir no assunto. Espera... Ela vai a sair. Mudara de roupa: vestia calças de jeans brancas e uma blusa azul, que deixava ver os seus braços fortes.

— Segue-a — disse Jim.

— Uma ova. Ela vai entrar no carro.

— Berry, temos de saber para onde é que ela vai.

— Não sou um polícia, raios!

Uma criança que ia a caminho do banheiro com a mãe disse:

— Aquele homem gritou, mãezinha!

— Cala-te, querida. Berrington baixou a voz.

— Ela vai arrancar.

— Meta-se no carro!

— Vai-te foder, Jim.

— Segue-a! — Jim desligou. Berrington pousou o telefone.

O Mercedes vermelho de Jeannie passou pelo McDonald's e virou para sul em Falis Road.

Berrington correu para o seu carro.

Jeannie observou o pai de Steve. Charles tinha cabelo escuro e no seu rosto via-se a mancha de uma barba forte. A sua expressão era melancólica e os seus modos rigidamente precisos. Embora fosse sábado e tivesse estado tratando do jardim, vestia calças escuras bem engomadas e uma camisa de manga curta com colarinho. Não era nada parecido com Steve. A única coisa que este podia ter herdado do pai era o gosto por roupas conservadoras. A maior parte dos alunos de Jeannie usavam jeans rasgada e cabedal preto, mas Steve preferia calças de tecido e camisas.

Steve ainda não chegara a casa, e Charles calculou que ele tivesse passado pela biblioteca da faculdade para se pôr a par dos julgamentos de casos de violação. A mãe de Steve estava deitada. Charles preparou uma limonada e ele e Jeannie foram para o jardim da casa e sentaram-se.

Jeannie acordara com uma brilhante ideia. Descobrira uma maneira de encontrar o quarto clone. Mas precisaria da ajuda de Charles. E não sabia se ele estaria disposto a fazer o que ela iria pedir-lhe.

Charles entregou-lhe um copo alto e gelado, depois pegou num para si próprio e sentou-se.

— Posso tratá-la por Jeannie? — perguntou.

— Com certeza.

— E espero que me trate por Charles.

— Claro.

Beberam um gole da limonada.

— Jeannie... o que vem a ser tudo isto? — indagou. Ela pousou o copo.

— Creio que se trata de uma experiência — respondeu. O Berrington e o Proust estiveram no exército até montarem a Genético. Creio que a empresa serviu inicialmente para camuflar um projeto militar.

— Desde que cheguei a adulto que sou militar e estou disposto a acreditar em todas as loucuras que ouvir acerca do exército, mas que interesse poderiam eles ter nos problemas de fertilidade das mulheres?

— Pense no seguinte: o Steve e os seus sócias são altos, fortes, atléticos

e bem parecidos. São também muito inteligentes, embora a sua propensão para a violência os impeça de conseguir certas coisas. Mas o Steve e o Dennis têm QIs muito elevados e desconfio que os outros dois também: o Wayne já é milionário com vinte e dois anos e o quarto tem pelo menos sido suficientemente inteligente para evitar ser apanhado.

— E onde é que isso nos leva?

— Não sei. Será que o exército tentava criar um soldado perfeito? Era apenas uma mera especulação proferida com toda a casualidade, mas Charles ficou excitadíssimo.

— Oh!, meu Deus! — exclamou, e o seu rosto deixou transparecer uma compreensão chocada. Acho que me lembro de ter ouvido falar disso.

— O que quer dizer?

— Nos anos setenta, correu um boato no exército. Os Russos tinham um programa para criar pessoas. Estavam a fazer soldados perfeitos, atletas perfeitos, jogadores de ténis perfeitos, tudo. Alguns disseram que devíamos fazer o mesmo. Outros disseram que já estávamos a fazê-lo.

— Então é isso! — Jeannie achou que começava finalmente a compreender. Pegaram num casal louro saudável, agressivo e inteligente e fizeram-no doar o esperma e o óvulo para formarem o embrião. Mas estavam era interessados na possibilidade de duplicar o soldado perfeito depois de o terem criado. A parte crucial da experiência era a divisão múltipla do embrião e a sua implantação em mães de aluguel. E resultou. Franziu o sobrolho. O que será que aconteceu depois?

— A isso posso eu responder — disse Charles. Watergate. Todos esses loucos planos secretos foram cancelados logo a seguir.

— Mas a Genético tornou-se respeitável, tal como a Máfia. E como tinham realmente descoberto a forma de fazer bebês de proveta, a empresa era lucrativa. Os lucros financiaram a investigação da engenharia genética que andam fazendo desde então. Desconfio de que o meu próprio projeto fazia parte do grande esquema deles.

— E que esquema é esse?

— Uma raça de americanos perfeitos: inteligentes, agressivos e louros. Uma raça superior. Encolheu os ombros. É uma ideia antiga, mas agora é possível, graças à genética moderna.

— Então por que iriam eles vender a empresa? Não faz sentido.

— Talvez faça — retorquiu Jeannie, pensativa. Quando receberam a proposta da compra, talvez tivessem visto aí uma oportunidade de avançarem para outro plano. O dinheiro vai financiar a campanha presidencial de Proust. Se chegarem à Casa Branca, poderão fazer toda a pesquisa que quiserem... e colocar as suas ideias em prática.

Charles assentiu.

— Vem hoje no Washington Post um artigo sobre as ideias de Proust. Não me parece que gostasse de viver no mundo dele. Se formos todos agressivos, soldados obedientes, quem é que vai escrever os poemas, cantar os blues e participar nas manifestações antibélicas?

Jeannie ergueu as sobrancelhas. Aquelas ideias eram surpreendentes para um soldado de carreira.

— As coisas não são assim tão simples — respondeu ela. A variação humana tem um objetivo. Há uma razão para termos nascido diferentes dos nossos pais. A evolução é um processo de experiências e erros. Não podemos impedir as experiências falhadas da Natureza sem eliminar também os seus êxitos.

Charles suspirou.

— E tudo isso significa que não sou o pai do Steve.

— Não diga isso.

Ele abriu a carteira e tirou de lá uma fotografia.

— Tenho de confessar-lhe uma coisa, Jeannie. Nunca desconfiei desta história dos clones, mas já várias vezes olhei para o Steve e me perguntei se haveria nele algo de meu.

— Ainda não viu? — perguntou ela.

— Uma semelhança?

— Não uma semelhança física. Mas o Steve tem um enorme sentido do dever. Qualquer dos outros clones estar-se-ia nas tintas para o dever. Ele herdou isso de você!

Charles continuava triste.

— Há mal nele. Eu sei. Ela tocou-lhe no braço.

— Ouça-me. O Steve foi aquilo a que eu chamo "uma criança selvagem"... desobediente, impulsivo, destemido, cheio de energia. Não foi?

Charles esboçou um sorriso triste.

— É verdade.

— O mesmo se passou com o Dennis Pinker e com o Wayne Stattner. É quase impossível educar corretamente essas crianças. É por isso que o Dennis é um assassino e o Wayne um sádico. Mas o Steve não é como eles; e o senhor é a causa. Só os pais mais pacientes, compreensivos e dedicados podem transformar essas crianças em seres humanos normais. O Steve é normal.

— Espero que tenha razão. Charles abriu a carteira para lá voltar a colocar a fotografia.

Jeannie antecipou-se.

— Posso ver?

— Claro.

Jeannie estudou a fotografia. Fora tirada há pouco. Steve tinha vestida uma camisa azul quadriculada e usava o cabelo um pouco mais comprido. Sorria timidamente para a máquina.

— Não tenho nenhuma fotografia dele — disse Jeannie pesarosa, entregando-lha.

— Fique com essa.

— Não posso. O senhor guarda-a junto do coração.

— Tenho mil fotografias do Steve. Vou colocar outra na carteira.

— Obrigada, fico-lhe muito grata.

— Parece gostar muito dele.

— Amo-o, Charles.

— A sério?

Ela assentiu.

— Quando penso que ele pode ser preso por causa desta violação, apetece-me oferecer-me para ir ao lugar dele.

Charles sorriu.

— Também a mim.

— Isso é amor, não é?

— É verdade.

Jeannie sentiu-se um pouco envergonhada. Não tinha a intenção de dizer tudo aquilo ao pai de Steve. Ela própria não o soubera: tudo saíra simplesmente, e só então ela verificara que era verdade.

— O que é que o Steve sente por você?

Ela sorriu.

— Eu podia ser modesta...

— Não se incomode com isso.

— Está louco por mim.

— Isso não me admira. Não apenas por você ser bonita. Também é forte: isso é evidente. Ele precisa de alguém forte... especialmente com uma acusação destas a ameaçá-lo.

Jeannie avaliou-o com o olhar. Chegara a altura de lhe fazer a pergunta.

— O senhor podia fazer uma coisa, sabe?

— O quê?

Jeannie ensaiara o discurso durante a viagem até Washington.

— Se eu vasculhasse outra base de dados, podia encontrar o violador. Mas depois da publicidade no New York Times, nenhuma entidade do Governo ou companhia de seguros vai querer correr o risco de trabalhar comigo. A menos que...

— O quê?

Jeannie inclinou-se para a frente na cadeira.

— A Genético fez experiências com mulheres de soldados que lhes foram indicadas por hospitais militares. Por conseguinte, a maior parte dos clones, ou todos, devem ter nascido em hospitais militares.

Ele assentiu devagar.

— Os bebês devem ter tido fichas médicas militares, há vinte e dois

anos. Essas fichas ainda podem existir.

— Estou certo que sim. O exército nunca joga nada fora.

A esperança de Jeannie aumentou um pouco. Mas havia outro problema.

— Como foi há tanto tempo, devem ser fichas feitas em papel. Será que não foram transferidas para um computador?

— Com certeza. É a única forma de poder guardar tudo.

— Então é possível — disse Jeannie, ocultando a sua excitação. Charles ficou pensativo.

Jeannie fitou-o com intensidade.

— Charles, será que consegue que eu tenha acesso a elas?

— O que é que você precisa exatamente de fazer?

— Tenho de copiar o programa para o computador e depois deixá-lo ler todos os arquivos.

— Quanto tempo é que isso demora?

— Não há maneira de saber. Depende do tamanho da base de dados e da velocidade do computador.

— Isso irá interferir com a leitura normal de arquivos?

— Deve abrandá-la um pouco.

Ele franziu o sobrolho.

— Vai fazê-lo? — perguntou Jeannie, impaciente.

— Se formos apanhados, é o fim da minha carreira.

— Vai?

— Raios, sim!

Steve ficou encantado por ver Jeannie sentada no jardim bebendo limonada e falando muito séria com o seu pai, como se fossem velhos amigos. "É isto que quero", pensou; "quero a Jeannie na minha vida. Nessa altura poderia suportar tudo".

Atravessou o relvado vindo da garagem, sorrindo, e beijou-a ao de leve nos lábios.

— Vocês parecem dois conspiradores — disse.

Jeannie contou-lhe o que estavam a planear e Steve começou a sentir-se de novo esperançoso.

— Não entendo nada de computadores — disse Charles a Jeannie. Preciso que me ajude a copiar o programa.

— Eu vou com você.

— Aposto que não trouxe o seu passaporte.

— Lá isso é verdade.

— Não consigo colocá-la no centro de dados sem uma identificação.

— Podia ir buscá-lo a casa.

— Eu vou com você — disse Steve. O meu passaporte está lá em cima. Tenho certeza de que consigo copiar o programa.

Charles lançou a Jeannie um olhar interrogador. Ela assentiu.

— O processo é simples. Se surgir alguma dificuldade, pode ligar-me do centro de dados e eu explico-te as coisas pelo telefone.

— Okay.

O pai foi à cozinha e trouxe o telefone sem fio. Marcou um número.

— Don, fala o Charlie. Quem é que ganhou no golfe?... Sabia que era capaz. Mas para a semana vou vencer-te, não te esqueça. Escuta, preciso de um favor, uma coisa pouco comum. Necesito de verificar as fichas médicas do meu filho desde o... Sim, ele tem um problema raro, não corre risco de vida, mas a coisa é séria e pode ser que haja alguma pista naquelas primeiras

fichas. Consegue arranjar-me um passe de acesso ao centro de dados?

Houve uma longa pausa. Steve não foi capaz de ler o rosto do pai.

— Obrigado, Don — disse ele, por fim, fico-te muito grato. Steve deu um soco no ar.

— Sim! — exclamou.

O pai pousou um dedo sobre os lábios e continuou a falar ao telefone.

— O Steve vai comigo. Estaremos aí dentro de quinze ou vinte minutos, se não te fizer diferença... Mais uma vez, obrigado. Desligou.

Steve correu até ao quarto e regressou com o passaporte na mão. Jeannie tinha as disquetes numa pequena caixa de plástico. Entregou-as a Steve.

Enfia a "número um" na drive e as instruções começarão a aparecer na tela.

Ele olhou para o pai.

— Está pronto?

— Vamos.

— Boa sorte — disse Jeannie.

Entraram no Lincoln Mark VIU e dirigiram-se ao Pentágono. Deixaram o carro no maior estacionamento do mundo. No Midwest havia cidades menores do que o estacionamento do Pentágono. Subiram um lance de escadas para uma entrada no primeiro andar.

Quando tinha treze anos, Steve fizera uma visita guiada ao local com um jovem militar bastante alto de cabelo muito curto. O edifício consistia em cinco anéis concêntricos ligados por dez corredores como os raios de uma roda. Havia cinco pisos e nenhum elevador. Ele desorientara-se logo após os primeiros segundos. A coisa de que melhor se lembrava era que no meio do pátio principal havia um edifício chamado "Epicentro", que vendia cachorros-quentes.

O pai ia à frente. Passaram por uma barbearia que estava fechada, por um restaurante e por uma entrada do metropolitano e chegaram a um posto de segurança. Steve mostrou o seu passaporte e deram-lhe um cartão de visitante, que ele prendeu à camisa.

Naquele sábado à tarde havia ali poucas pessoas e os corredores

encontravam-se desertos. Viam-se apenas alguns trabalhadores, na sua maior parte fardados, e um ou dois carros utilizados para o transporte de objetos volumosos e de VIPs. Da última vez que estivera ali, Steve sentira-se protegido pelo poder monolítico do edifício. Agora sentia outra coisa. Em algum lugar naquele labirinto de anéis e corredores fora planeado um estratagema, o estratagema que o criara, e aos seus sócias. Aquele labirinto burocrático existia para ocultar a verdade que ele buscava e os homens e as mulheres com fardas do exército, da marinha e da força aérea eram agora os seus inimigos.

Seguiram por um corredor, subiram umas escadas e contornaram mais um anel até chegarem a outro posto de segurança. Neste demoraram-se mais. O nome completo e o endereço de Steve foram introduzidos num computador, e esperaram um ou dois minutos até ele ser autorizado a entrar. Pela primeira vez na vida, sentia que uma verificação de segurança lhe era destinada, que ele era quem eles procuravam. Sentiu-se culpado, embora nada tivesse feito de errado. Era uma sensação estranha. "Os criminosos deviam sentir-se sempre assim", pensou. "E os espiões, os contrabandistas e os maridos infiéis".

Prosseguiram, dobraram mais algumas esquinas e chegaram a duas portas de vidro. Para lá das portas via-se cerca de uma dezena de soldados em frente às telas de computador, a inserir dados ou a passar documentos por scanners. O guarda que estava à porta tornou a confirmar o passaporte de Steve, e depois deixou-os entrar.

A sala era acarpetada e estava mergulhada em silêncio. Não tinha janelas, a iluminação era fraca e o ar purificado. A operação estava sendo dirigida por um coronel, um homem grisalho com um bigode muito fino. Não conhecia o pai de Steve, mas estava à espera deles. Falou-lhes num tom ríspido, enquanto os encaminhava para o terminal que iriam utilizar: talvez considerasse a sua visita um aborrecimento.

— Precisamos ver as fichas médicas dos bebês nascidos em hospitais militares há cerca de vinte e dois anos.

— Esses registros não se encontram aqui.

Steve sentiu um aperto no coração. Seriam derrotados tão facilmente?

— Onde se encontram então?

— Em Saint-Louis.

— Não podemos ter acesso a eles daqui?

— Precisa de uma autorização. E não a tem.

— Não previ este problema, coronel — respondeu Charles, irritado. Quer que volte a telefonar ao general Krohner? Ele pode não gostar que o incomodemos de novo desnecessariamente num sábado à tarde, mas fá-lo-ei, se o senhor insistir.

O coronel tentou escolher entre uma infração mínima das regras ou correr o risco de irritar um general.

— Acho que não há problema. A linha não está sendo utilizada e precisamos testá-la este fim-de-semana.

— Obrigado.

O coronel chamou uma mulher com farda de tenente e apresentou-a como Caroline Gambol. Tinha cerca de cinquenta anos, peso a mais, um espartilho e os modos de uma diretora de escola. Charles repetiu o que havia dito ao coronel.

— Sabe que esses registros estão submetidos a segredo de Estado, coronel? — perguntou a tenente Gambol.

— Sim, e já obtivemos autorização.

Ela sentou-se no terminal e carregou no teclado. Pouco depois, disse:

— Que tipo de pesquisa deseja efetuar?

— Temos o nosso próprio programa de pesquisa.

— Muito bem. Terei todo o gosto em copiá-lo para o computador. Charles olhou para Steve. Este encolheu os ombros e entregou as disquetes à mulher.

Enquanto fazia a cópia, olhou para Steve com curiosidade.

— Quem é que fez este software?

— Um professor da Jones Falis.

— É muito bom — comentou ela. Nunca vi nada do gênero. Olhou para o coronel, que assistia a tudo sobre o seu ombro. E o senhor?

Ele abanou a cabeça.

— Também não.

— Já está copiado. Quer que comece a pesquisa?

— Com certeza.

A tenente Gambol carregou na tecla enter.

Um palpite fez Berrington seguir o Lincoln Mark VIII preto do coronel Logan quando ele saiu da casa de Georgetown. Não sabia se Jeannie ia no carro: conseguia apenas ver o coronel e Steve à frente, mas como o veículo era um coupé, ela podia muito bem ir atrás.

Estava satisfeito por ter algo que fazer. A combinação de inatividade e de ansiedade crescente era cansativa. Doía-lhe a cabeça e tinha as pernas rígidas. Desejou poder desistir de tudo e ir-se embora. Podia estar num bom restaurante a saborear uma boa garrafa de vinho, ou em casa, a ouvir um CD da Nona Sinfonia de Mahler ou a despir Pippa Harpenden. Mas depois pensou nas recompensas que a venda da empresa lhe traria. Primeiro, seria o dinheiro: a sua parte eram sessenta milhões de dólares. Depois, seria a possibilidade de obter poder político, com Jim Proust na Casa Branca e ele próprio como diretor nacional de saúde. Por fim, se o conseguisse, uma América nova e diferente para o século XXI, uma América igual à de antigamente, forte, corajosa e pura. Por isso, rilhou os dentes e continuou a vigilância.

Durante algum tempo, foi tarefa fácil seguir o carro de Logan através do trânsito lento de Washington. Guardou dois carros de distância, como vira nos filmes policiais. O Mark VIU era elegante, pensou ele. Talvez devesse trocar o seu Town Car. O sedan tinha presença, mas era de meia idade: o coupé era mais ousado. Interrogou-se sobre quanto receberia pelo seu carro. Depois, recordou-se de que na segunda-feira à noite seria um homem rico. Poderia comprar um Ferrari, se desejasse algo ousado.

Depois o Mark VIU passou um semáforo e virou numa esquina, o semáforo ficou vermelho, o carro à frente de Berrington parou e ele deixou de ver o carro de Logan. Praguejou e carregou na buzina. Estivera a divagar. Abanou a cabeça para afastar os outros pensamentos. O tédio da vigilância começava a tirar-lhe a concentração. Quando o semáforo tornou a ficar verde, fez a curva com os pneus a chiar e acelerou.

Pouco depois, viu o coupé preto parado num semáforo e respirou fundo.

Contornaram o Lincoln Memorial e depois atravessaram o rio Potomac pela Ponte Arlington. Estaria ele a ir para o aeroporto? Seguiram por

Washington Boulevard, e Berrington calculou que estivessem a dirigir-se ao Pentágono.

Seguiu-os no desvio para o enorme estacionamento do Pentágono. Arranjou lugar na fila seguinte, desligou o motor e observou. Steve e o pai saíram do carro e dirigiram-se ao edifício.

Foi até ao Mark VIU. Não havia ninguém lá dentro. Jeannie deveria ter ficado na casa de Georgetown. O que estariam Steve e o pai a tramar? E Jeannie?

Seguiu-os a uma distância de vinte ou trinta metros. Detestava aquilo. Temia ser visto. O que diria se eles o interrogassem? Seria insuportavelmente humilhante.

Felizmente, nenhum deles olhou para trás. Subiram um lance de escadas e entraram no edifício. Seguiu-os até terem passado pelo primeiro posto de controle.

Voltou para trás, procurou uma cabina e ligou a Jim Proust.

— Estou no Pentágono. Segui a Jeannie até à casa dos Logan, depois vim atrás do Steve Logan e do pai até aqui. Estou preocupado, Jim.

— O coronel trabalha no Pentágono, não é?

— Sim.

— Pode ser uma visita inocente.

— Mas por que viria ele ao local de trabalho num sábado à tarde?

— Talvez jogar uma partida de pôquer no gabinete do general, se bem me lembro dos meus dias no exército.

— Não se leva o filho para um jogo de pôquer, independentemente da idade dele.

— O que há no Pentágono que possa prejudicar-nos?

— Registros.

— Não — retorquiu Jim. O exército não tem registros daquilo que fizemos. Disso tenho a certeza.

— Temos de saber o que é que eles andam fazendo. É possível.

— Creio que sim. Se eu não tiver amigos no Pentágono, não os tenho

em mais lado nenhum. Vou fazer alguns telefonemas. Mantém-te em contato.

Berrington desligou e ficou a olhar para o telefone. A frustração era enlouquecedora. Tudo aquilo para que trabalhara corria perigo, e o que fazia ele? Seguia pessoas como um reles detetive particular. Mas não podia fazer mais nada. A ferver de impaciência, virou-se e regressou ao carro para esperar.

Steve esperava cheio de excitação. Se aquilo funcionasse, ficaria a saber quem violara Lisa Hoxton e teria a possibilidade de provar a sua inocência. Mas... e se as coisas corressem mal? A busca poderia não funcionar, ou a informação médica podia ter-se perdido ou sido apagada da base de dados. Os computadores estavam constantemente a dar mensagens idiotas: Não encontrado, ou Memória insuficiente, ou Erro geral.

O terminal emitiu o som de uma campainha. Steve olhou para a tela. A busca chegara ao fim. No visor encontrava-se uma lista de nomes e endereços por pares. O programa de Jeannie funcionara. Mas estariam os clones naquela lista?

Controlou a ansiedade. A sua primeira prioridade era fazer uma cópia da lista.

Encontrou uma caixa de disquetes numa gaveta e enfiou uma na drive. Copiou a lista para o disquete, tirou-a da drive e meteu-a no bolso das calças de jeans.

Só então começou a ler os nomes.

Não reconhecia nenhum. Percorreu a lista: esta parecia ter várias páginas. Seria mais fácil analisá-la em papel. Chamou a tenente Gambol.

— Posso imprimir isto?

— Claro respondeu ela. Utilize a impressora laser. Aproximou-se e explicou-lhe o que devia fazer.

Steve ficou junto da impressora, vendo avidamente as páginas a sair. Esperava ver o seu nome junto a outros três: Dennis Pinker, Wayne Stattner e o do homem que violara Lisa Hoxton. O pai espreitou por cima do seu ombro.

A primeira página tinha apenas pares, nenhum grupo de três ou quatro.

O nome Steve Logan apareceu a meio da segunda página. Charles viu-o ao mesmo tempo.

— Aí está — disse, escondendo a sua excitação.

No entanto, havia algo de estranho. Havia demasiados nomes agrupados.

Junto a Steve Logan, Dennis Pinker e Wayne Stattner estavam Henry Irwin King, Per Ericson, Murray Claud, Harvey John Jones e George Dassault. A animação de Steve transformou-se em perplexidade.

O pai franziu o sobrolho.

— Quem são eles?

Steve contou.

— Há oito nomes.

— Oito? — perguntou o pai. Oito? Então Steve percebeu.

— Foi aqueles que a Genético fez — disse. Oito.

— Oito clones! exclamou o pai, admirado. O que raio pensavam eles que estavam fazendo?

— Como é que o programa os terá detectado? — perguntou Steve. Olhou para a última folha de papel a sair da impressora. Ao fundo lia-se: "Característica comum: eletrocardiograma".

— É verdade, já me lembro disse o pai. Fizeram-te um eletrocardiograma quando tinha uma semana, e nunca percebi porquê.

— Todos fizemos. E os gêmeos verdadeiros têm corações semelhantes.

— Ainda me custa a crer — comentou o pai. Há oito rapazes no mundo iguaizinhos a você.

— Olha para estes endereços — notou Steve. É tudo de bases militares.

— A maior parte das pessoas já não se deve encontrar no mesmo endereço. O programa não sacou mais nenhuma informação?

— Não. É por isso que não devassa a vida privada de ninguém.

— Então como é que ela os procura?

— Eu perguntei-lhe isso. Na universidade, têm todas as listas telefônicas em CD-ROM. Se isso falhar, usam os registros das cartas de condução, agências de crédito e outras fontes.

— Que se lixe a privacidade — disse o pai. Vou sacar o histórico médico completo destas pessoas, para ver se obtemos alguma pista.

— Sabia-me bem um café — disse Steve. Há alguma máquina aqui perto?

— Não são permitidas bebidas no centro de dados. Os líquidos entornados não são benéficos para os computadores. Ali à esquina há uma área de lazer com uma máquina de café e outra de Coca-Cola.

— Eu já volto. Saiu do centro de dados, acenando para o guarda que se encontrava à porta. A área de lazer tinha algumas mesas, cadeiras e máquinas com refrigerantes e chocolates. Steve comeu dois Snickers, bebeu um café e depois regressou ao centro de dados.

Parou do lado de fora das portas de vidro. Havia mais pessoas lá dentro, incluindo um general e dois membros da Polícia Militar. O general estava a discutir com o pai e o coronel de bigode fino parecia falar ao mesmo tempo. A sua linguagem corporal deixou Steve apreensivo. Estava a acontecer qualquer coisa estranha. Entrou na sala e ficou à porta.

Ouviu o general dizer:

— Tenho as minhas ordens, coronel Logan, e o senhor está preso.

Steve sentiu-se gelar.

— Como teria aquilo acontecido? Não era apenas por terem apanhado o pai a bisbilhotar os registos médicos de algumas pessoas. Isso era um assunto sério, mas não dava prisão. Havia ali mais qualquer coisa. De alguma forma, a Genético engendrara tudo.

O que deveria ele fazer?

— Não têm esse direito! — exclamou o pai, muito irritado.

— Não me diga quais são os meus malditos direitos, coronel! — gritou o general.

Não valia a pena Steve juntar-se à discussão. Tinha a disquete com a lista de nomes no bolso das calças. O pai estava em perigo, mas sabia tomar conta de si próprio. Steve devia sair dali o mais rapidamente possível com a informação.

Virou-se e saiu pelas portas de vidro.

Andava rapidamente, fingindo que sabia para onde ia. Sentia-se um fugitivo. Tentou recordar-se do caminho percorrido para chegar ali. Dobrou algumas esquinas, até que viu um posto de segurança.

— Só um minuto, por favor! — exclamou o guarda. Steve parou e virou-se, com o coração aos pulos.

— Sim? — perguntou, tentando parecer uma pessoa muito ocupada, impaciente para regressar ao trabalho.

— Preciso registrar a sua saída no computador. Posso ver a sua identificação?

— Com certeza. Steve estendeu-lhe o passaporte.

O guarda olhou para a fotografia e depois escreveu o nome no teclado.

— Obrigado — disse, devolvendo-lhe o passaporte.

Steve avançou pelo corredor. Só mais um posto de segurança e estaria livre.

Lá atrás ouviu a voz de Caroline Gambol.

— Senhor Logan! Um momento, por favor!

Ele olhou por cima do ombro. Ela vinha a correr pelo corredor, muito corada e ofegante.

— Oh!, merda! — exclamou ele.

Dobrou a esquina e deu com umas escadas. Desceu-as até ao piso inferior. Tinha os nomes que o podiam ilibar da acusação de violação: não iria permitir que ninguém o impedisse de sair dali com a informação, nem sequer o exército americano.

Para sair do edifício, tinha de chegar ao anel E, o mais exterior. Correu por um corredor, passando pelo anel E seguindo na direção oposta, passou por ele um carro cheio de material de limpeza. Quando ia a meio do anel D tornou a ouvir a voz da tenente Gambol.

— Senhor Logan! Continuava a segui-lo. O general quer falar consigo!

Um homem com a farda da força aérea espreitou, curioso, de um gabinete. Felizmente, havia ali poucas pessoas naquela tarde de sábado. Steve encontrou outras escadas e subiu. Aquilo deveria deter a tenente atarracada.

No piso seguinte, correu até ao anel D, seguiu por ele dobrando duas esquinas e tornou a descer. Não havia sinal da tenente Gambol. "Despistara-a", pensou, aliviado.

Tinha certeza de se encontrar no piso da saída. Seguiu a direção dos ponteiros do relógio à volta do anel D até ao corredor seguinte. Parecia-lhe familiar: fora por ali que tinham entrado. Seguiu pelo corredor e chegou ao

posto de segurança. Estava quase livre.

Então viu a tenente Gambol.

Encontrava-se no posto de segurança com o guarda, corada e ofegante.

Steve soltou uma imprecação. Afinal, não a despistara. Ela chegara à saída antes dele.

Decidiu enfrentar a situação.

Aproximou-se do guarda e tirou o cartão de visitante.

— Pode continuar com isso — disse a tenente Gambol. O general gostaria de falar consigo.

Steve pousou o cartão no balcão. Ocultando o medo atrás de uma máscara de confiança, declarou:

— Lamento, mas não tenho tempo. Adeus, tenente, e obrigado pela sua colaboração.

— Tenho de insistir — disse ela. Steve fingiu estar impaciente.

— A senhora não está em posição de insistir — retorquiu. Eu sou um civil: não pode dar-me ordens. Não fiz nada de errado. Por isso, não pode prender-me. Como vê, não levo comigo propriedade militar. Rezou para que a disquete não fosse visível no bolso de trás. Seria ilegal tentar deter-me.

Ela falou para o guarda, um homem com cerca de trinta anos, que era quase dez centímetros mais baixo do que Steve.

— Não o deixe sair. Steve sorriu para o guarda.

— Se me tocar, soldado, será agressão. Terei uma boa justificação para lhe dar um soco, e pode crer que o farei.

A tenente Gambol olhou em volta à procura de reforços, mas as únicas pessoas à vista eram duas senhoras da limpeza e um eletricitista que arranjava uma lâmpada.

Steve caminhou para a entrada.

— Detenha-o! — gritou a tenente Gambol. Atrás de si, Steve ouviu o guarda gritar:

— Pare! Senão disparo!

Steve virou-se. O guarda sacara da pistola e apontava-a na sua direção.

As senhoras da limpeza e o eletricista observavam a cena, imóveis.

As mãos do guarda estavam tremendo enquanto apontava a arma a Steve.

Este sentiu os músculos fraquejarem quando olhou para o cano da arma. Com um esforço, conseguiu mover-se. Um guarda do Pentágono não iria disparar contra um civil desarmado, disso tinha ele a certeza.

— O senhor não vai disparar contra mim disse. Isso seria homicídio.

Virou-se e avançou para a porta.

Foi a caminhada mais longa da sua vida. A distância era de apenas trezentos ou quatrocentos metros, mas pareceu-lhe demorar anos. Sentia as costas molhadas da transpiração.

Quando pousou a mão na porta, ouviu-se um tiro.

Alguém gritou.

"Ele disparou sobre a minha cabeça", pensou Steve, mas não olhou para trás. Saiu pela porta e desceu correndo os degraus. Caíra a noite enquanto tinham estado lá dentro e o estacionamento encontrava-se iluminado por candeeiros. Ouviu um grito atrás dele, depois outro disparo. Chegou ao fim das escadas e saiu do passeio, metendo-se entre os arbustos.

Foi dar a uma estrada e continuou a correr. Chegou a uma zona de paragens de ônibus. Abrandou o passo. Numa das paragens acabara de deter-se um ônibus. Saíram dois soldados e entrou uma civil. Steve entrou atrás dela.

O ônibus arrancou.

Saiu do estacionamento e entrou na via rápida, deixando para trás o Pentágono.

51

Ao fim de algumas horas, Jeannie começara a gostar bastante de Lorraine Logan.

Era mais pesada do que parecia na fotografia que aparecia na sua coluna "Corações solitários" nos jornais. Sorria muito, fazendo aparecer rugas no rosto rechonchudo. Para se distraírem um pouco, Lorraine falara sobre problemas narrados nas cartas dos seus leitores: sogros dominadores, maridos violentos, namorados impotentes, patrões com mãos atrevidas, filhas drogadas. Fosse qual fosse o assunto, Lorraine conseguia sempre dizer algo que fazia Jeannie pensar: "É claro! Por que é que nunca vi as coisas por esse prisma?"

Estavam sentadas no jardim enquanto o dia ia arrefecendo e esperavam ansiosas pelo regresso de Steve e do pai. Jeannie falou a Lorraine da violação de Lisa.

— Enquanto puder, ela vai fingir que isso não aconteceu — disse Lorraine.

— Sim, é exatamente o que está fazendo.

— Essa fase pode durar seis meses, mas, mais cedo ou mais tarde, vai aperceber-se de que tem de deixar de negar aquilo que aconteceu e enfrentar a situação. Essa fase começa normalmente quando a mulher tenta de novo ter uma relação sexual normal e descobre que não sente o mesmo que dantes. É nessa altura que elas me escrevem.

— E o que lhes aconselha?

— Que consultem um psicólogo. Não há uma solução fácil. A violação afeta a alma de uma mulher, e a alma precisa de ser curada.

— O detetive recomendou o mesmo. Lorraine franziu as sobrancelhas.

— É um detetive inteligente. Jeannie sorriu.

— É uma detetive. Lorraine riu-se.

— E estamos nós sempre a condenar as observações sexistas dos homens! Por favor, não conte a ninguém o que acabei de dizer.

— Prometo.

Houve um breve silêncio.

— O Steve ama-a — disse Lorraine, pouco depois. Jeannie assentiu.

— Sim, também me parece.

— Uma mãe percebe essas coisas.

— Então ele já amou antes.

— Não perde uma, pois não? — Lorraine sorriu. Sim, é verdade. Mas só uma vez.

— Fale-me dela... se achar que ele não se importa.

— Okay. Chamava-se Fanny Gallaher. Tinha olhos verdes e cabelo ruivo-escuro ondulado. Era alegre e descuidada e era a única garota do colégio que não estava interessada no Steve. Ele andou atrás dela e ela resistiu-lhe durante meses. Mas ele acabou por ganhar e namoraram durante um ano.

— Acha que dormiram juntos?

— Sei que sim. Passaram aqui algumas noites. Não me parece correto obrigar os jovens a fazer essas coisas no estacionamento.

— E os pais dela?

— Falei com a mãe da Fanny. Ela era da mesma opinião.

— Eu perdi a minha virgindade num beco atrás de um clube de música punk quando tinha catorze anos. Foi uma experiência tão deprimente que só voltei a ter relações sexuais aos vinte e um anos. Quem me dera que a minha mãe tivesse sido como a senhora.

— Acho que não interessa se os pais são severos ou condescendentes, desde que não andem sempre mudando de opinião. Os jovens conseguem viver com mais ou menos regras se souberem quais elas são. É a tirania arbitrária que os confunde.

— Por que é que o Steve e a Fanny romperam?

— Steve teve um problema... Acho que deve ser ele a contar-lho.

— Está a referir-se à luta com Tip Hendricks? Lorraine ergueu as sobrancelhas.

— Ele contou-lhe?! Meu Deus, confia mesmo em você. Ouviram um

carro lá fora. Lorraine levantou-se e foi até um canto da casa espreitar para a rua.

— O Steve veio de táxi — disse ela, perplexa. Jeannie levantou-se.

— Como é que ele lhe parece?

Antes que Lorraine pudesse responder, Steve apareceu no jardim.

— O pai foi preso.

— Meu Deus! exclamou Jeannie. Porquê?

— Não sei bem. Creio que os tipos da Genético descobriram, ou adivinharam, aquilo que estávamos fazendo e mexeram uns pauzinhos. Mandaram dois tipos da Polícia Militar prendê-lo. Mas eu consegui fugir.

Lorraine olhou-o com desconfiança.

— Steve, estás escondendo alguma coisa.

— Um guarda disparou dois tiros. A mãe deu um grito.

— Acho que ele apontou para o ar. Seja como for, estou bem. A boca de Jeannie ficou seca. Sentiu-se horrorizada ao pensar que alguém disparara contra Steve. Ele podia ter morrido!

— Mas o programa funcionou. Steve tirou uma disquete do bolso das calças. Aqui está a lista. E espera só até saber o que ela contém.

Jeannie engoliu em seco.

— O quê?

— Não há quatro clones.

— Como?

— Há oito.

Jeannie ficou boquiaberta.

— Oito clones?

— Encontramos oito eletrocardiogramas idênticos.

A Genético dividira o embrião sete vezes e engravidara oito mulheres com os filhos de desconhecidos. A arrogância era inacreditável!

Porém, as suspeitas de Jeannie haviam sido confirmadas. Era aquilo que Berrington andava desesperado por ocultar. Quando aquelas notícias fossem

tornadas públicas, a Genético cairia em desgraça e Jeannie estaria vingada.

E a inocência de Steve seria provada.

— Conseguiu! — exclamou ela. Abraçou-o. Depois foi assaltada por uma dúvida. Mas qual dos oito é que violou a Lisa?

— É o que vamos ter de descobrir — respondeu Steve. E não vai ser fácil. Os endereços que temos são os dos pais na altura em que eles nasceram. Com certeza estão desatualizadas.

— Podemos tentar descobri-los. Isso é a especialidade da Lisa.

Jeannie levantou-se. É melhor regressar a Baltimore. Isto vai levar quase toda a noite.

— Eu vou com você.

— E o teu pai? Tem de tirá-lo das mãos da Polícia Militar.

— Temos de ficar aqui, Steve — disse Lorraine. Vou já ligar ao nosso advogado... Sei o número de casa dele. Mas você tem de contar-lhe o que aconteceu.

— Está bem — concordou ele, com relutância.

— É melhor ligar à Lisa antes de sair, para ela se ir preparando — disse Jeannie. O telefone encontrava-se sobre a mesa do pátio.

— Posso?

— Claro.

Discou o número de Lisa. O telefone tocou quatro vezes, depois a secretária eletrônica de chamadas foi ativada.

— Raios! — exclamou Jeannie ao ouvir a mensagem deixada por Lisa. Depois disse: Lisa, telefona-me. Vou sair agora de Washington e devo chegar em casa por volta das dez. Aconteceu uma coisa muito importante. Desligou.

— Acompanho-te até ao carro — disse Steve.

Ela despediu-se de Lorraine, que a abraçou com ternura. Lá fora, Steve entregou-lhe o disquete.

— Não o perca. Não temos mais nenhuma cópia, nem haverá oportunidade para arranjar outra.

Ela guardou-a na mala.

— Não se preocupe. Também é o meu futuro que está em jogo.

Beijou-o com força.

— Bolas! — exclamou Steve. Podemos repetir isto em breve?

— Sim. Mas, entretanto, não se meta em confusão. Não quero te perder. Tem cuidado.

Ele sorriu.

— Agrada-me te ver preocupada comigo. Quase vale a pena correr riscos.

Ela tornou a beijá-lo, desta vez com mais meiguice.

— Depois te telefono. Entrou no carro e partiu.

Dirigiu rapidamente e chegou a casa menos de uma hora depois.

Ficou desapontada ao verificar que não havia mensagens na sua secretária eletrônica. Imaginou que Lisa talvez estivesse dormindo ou em frente à televisão e não quisesse ir ver os recados. "Não entre em pânico, pensa". Saiu novamente de casa e dirigiu-se ao apartamento de Lisa, em Charles Village. Tocou à campainha, mas não houve resposta. Onde raio teria ido Lisa? Não tinha namorado que a levasse para passear num sábado à noite. "Por favor, meu Deus, faz com que ela não tenha ido ver a mãe a Pittsburgh".

Lisa vivia no 12-B. Jeannie tocou para o 12-A. Tornou a não haver resposta. Talvez as campainhas não funcionassem. Furiosa, experimentou a do 12-C.

Respondeu-lhe um homem rabugento.

— Quem é?

— Desculpe incomodá-lo, mas sou amiga de Lisa Hoxton, a sua vizinha do lado, e preciso entrar em contato com ela o mais rapidamente possível. Por acaso sabe onde ela está?

— Onde é que julga que nos encontramos, minha senhora? — retorquiu a voz. Nalguma aldeola do interior? Nem sei qual é o aspecto da minha vizinha. Clique.

— De onde é que o senhor é? De Nova Iorque? — perguntou ela, furiosa.

Regressou a casa, dirigindo como se estivesse numa corrida, e tornou a

deixar mensagem na secretária eletrônica de Lisa.

— Por favor, Lisa, telefona-me assim que chegar, não importa que horas forem. Vou estar à espera.

Não podia fazer mais nada. Sem Lisa, nem sequer podia entrar no "Manicômio".

Tomou uma ducha e embrulhou-se no roupão cor-de-rosa. Tinha fome e descongelou no microondas um bolinho de canela, mas ficou mal disposta após a primeira dentada, por isso, deitou-o fora e bebeu café com leite. Desejou ter uma televisão para se distrair.

Pegou na fotografia de Steve que Charles lhe dera. Tinha de arranjar-lhe uma moldura. Prendeu-a a porta da geladeira com um ímã.

Folheou os seus álbuns de fotografias. Sorriu ao ver o pai com um traje castanho de lapelas largas e calças à boca de sino, ao lado de um Thunderbird turquesa. Havia várias páginas de fotografias de Jeannie com o equipamento de tênis, erguendo, triunfante, várias taças de prata e medalhas. Havia uma da mãe a empurrar Patty num carrinho de bebê muito antigo, outra de Will Temple com chapéu à cowboy a fazer palhaçadas, provocando o riso de Jeannie...

O telefone tocou.

Levantou-se de um salto, atirando o álbum para o chão, e levantou o auscultador.

— Lisa?

— Olá, Jeannie, há alguma emergência?

Ela atirou-se para o sofá, fraca devido ao alívio.

— Graças a Deus! Liguei-te há imenso tempo. Onde é que foi?

— Ao cinema, com a Catherine e o Bill. Isso é crime?

— Desculpa, não tenho o direito de te fazer perguntas...

— Não faz mal, sou tua amiga. Pode irritar-se comigo. Um dia destes pago-te na mesma moeda.

Jeannie riu-se.

— Obrigada. Escuta, tenho aqui uma lista de cinco pessoas que podem ser sócias do Steve. Tentou não dar muita importância ao caso: era difícil

aceitar a verdade de uma só vez. Preciso que os descubras esta noite. Ajuda-me?

Houve uma pausa.

— Jeannie, quase me meti em sarilhos quando tentei entrar no teu gabinete. Podia ter sido despedida, e o segurança também. Quero ajudar-te, mas preciso deste emprego.

Jeannie sentiu um certo receio. "Não, não pode desapontar-me, não agora que estou tão perto".

— Por favor.

— Tenho medo.

O receio foi substituído por determinação. "Raios, não vou deixar-te escapar!"

DOMINGO

52

Chegou à universidade antes de Lisa. Estacionou no parque de visitantes, pois não desejava que o seu carro, que chamava demasiado a atenção, fosse visto à porta do "Manicômio"; depois, atravessou o complexo universitário escuro e deserto. Enquanto esperava, impaciente, à porta do edifício, desejou ter parado em algum lugar para comer qualquer coisa. Não comeria nada em todo o dia. Imaginou com água na boca um cheeseburger com batatas fritas, uma fatia de pizza com pepperoni, torta de maçã com sorvete de baunilha, ou até uma enorme salada "César" cheia de alho. Por fim, Lisa apareceu ao volante do seu Honda branco.

Saiu do carro e pegou nas mãos de Jeannie.

— Sinto-me envergonhada — disse. Não devia ter sido necessário lembrar-me que tem sido muito minha amiga.

— Mas eu compreendo a tua atitude — disse Jeannie.

— Desculpa. Jeannie abraçou-a.

Entraram e acenderam as luzes do laboratório. Jeannie pôs para funcionar a máquina do café, enquanto Lisa ligava o computador. Era esquisito estarem ali a meio da noite. As paredes brancas anti-sépticas, as luzes fortes e as máquinas silenciosas à volta faziam-na pensar numa morgue.

Calculou que mais cedo ou mais tarde receberiam a visita de um segurança. Depois do arrombamento de Jeannie e do pai, o "Manicômio" devia estar sob especial vigilância e as luzes seriam imediatamente vistas. Mas era normal os cientistas trabalharem durante a noite, e não devia haver problema, a menos que um dos seguranças reconhecesse Jeannie.

— Se um dos seguranças aparecer aqui, escondi-me dentro do armário — disse ela a Lisa. Só para o caso de o guarda saber que eu não devo estar aqui.

— Espero que consigamos perceber antecipadamente que o homem vem aí — disse Lisa com nervosismo.

Devíamos arranjar uma espécie de alarme. Jeannie estava ansiosa por começar a procurar os clones, mas conteve a sua impaciência: seria uma precaução razoável. Olhou em volta, pensativa, e o seu olhar caiu sobre um pequeno arranjo de flores na secretária de Lisa. Tem muito amor por aquela jarra de vidro?

Lisa encolheu os ombros.

— Comprei-a no K-mart. Posso arranjar outra.

Jeannie jogou fora as flores e entornou a água na bacia. Tirou da prateleira um exemplar do livro *Gêmeos Verdadeiros Criados Separadamente*, da autoria de Susan L. Farber. Foi até ao fundo do corredor, onde duas portas de mola davam para umas escadas. Puxou um pouco as portas para dentro e usou o livro para prendê-las, depois, equilibrou a jarra por cima das portas. Ninguém poderia entrar sem fazer cair a jarra, partindo-a.

— O que é que eu digo se me perguntarem por que motivo pus a jarra ali? — perguntou Lisa, observando-a.

— Que não querias que ninguém viesse bisbilhotar o teu trabalho — respondeu Jeannie.

Lisa assentiu, satisfeita.

— Deus sabe que tenho razões suficientes para ser paranóica. Mãos à obra — disse Jeannie.

Regressaram ao laboratório deixando a porta aberta, para terem certeza de que ouviriam o vidro a partir-se. Jeannie inseriu no computador de Lisa o seu precioso disquete e imprimiu os resultados do Pentágono. Eram os nomes de oito bebês cujos eletrocardiogramas eram tão semelhantes que pareciam provenientes da mesma pessoa. Oito pequenos corações batendo exatamente da mesma maneira. De alguma forma, Berrington conseguira que os hospitais militares fizessem aos bebês aquele exame. Sem dúvida, haviam sido enviadas cópias para a Clínica Aventine e aí haviam permanecido até terem sido destruídas na terça-feira anterior.

Mas Berrington esquecera-se, ou talvez nunca se tivesse apercebido, de que o exército guardaria os gráficos originais.

— Vamos começar pelo Henry King — sugeriu. O nome completo é Henry Irwin King.

Lisa tinha dois drives de CD-ROM na secretária, uma em cima da outra. Tirou da gaveta dois CDs e enfiou um em cada drive.

— Nestes dois discos encontram-se todos os telefones de lares dos Estados Unidos — disse ela. E dispomos de software que nos permite procurar nos dois discos ao mesmo tempo.

No monitor apareceu uma tela do Windows.

— Infelizmente, as pessoas nem sempre põem o nome completo na lista telefônica observou. Vamos ver quantos H. Kings existem nos Estados Unidos. Escreveu HKing e carregou na tecla "Contar". Passado algum tempo apareceu na tela uma janela com o número 1129. Jeannie sentiu-se desanimar.

— Vamos levar a noite inteira a ligar para esses números todos!

— Espera, talvez consigamos fazer melhor. Lisa escreveu Henry I. King OU Henry Irwin King e carregou no ícone "Recuperar", a imagem de um cão. Passado algum tempo apareceu no tela uma lista.

— Temos três Henry Irwin Kings e dezessete Henry I. Kings. Qual é o último endereço conhecido dele?

Jeannie consultou as folhas que imprimira.

— Fort Devens, Massachusetts.

— Okay, temos um Henry Irwin King em Amherst e quatro Henry I. Kings em Boston.

— Vamos telefonar-lhes.

— Sabe que é uma da manhã?

— Não posso esperar até amanhã.

— As pessoas não vão falar com você no meio da noite.

— Ai isso é que vão! — retorquiu Jeannie. Mas não era verdade. Sabia que teria problemas. Só que não estava preparada para esperar pela manhã seguinte. Aquilo era demasiado importante. Digo que sou da Polícia e ando à procura de um assassino.

— Isso deve ser ilegal.

— Dá-me o número de Amherst.

Lisa destacou a lista com o mouse e carregou em F2. Ouviu-se uma rápida série de bips oriundos do modem. Jeannie levantou o auscultador.

O telefone tocou sete vezes e depois foi atendido por uma voz sonolenta.

— Alô?

— Fala a detetive Susan Farber, da Polícia de Amherst — disse ela. Quase estava à espera de ouvir: "Uma ova"; o homem, porém, não respondeu. Ela prosseguiu: Lamentamos incomodá-lo a esta hora, mas trata-se de um assunto urgente. Estou falando com Henry Irwin King?

— Sim... O que aconteceu?

Parecia a voz de um homem de meia idade, mas Jeannie insistiu até ter a certeza.

— São só umas perguntas de rotina. Aquilo fora um erro.

— Rotina? — repetiu ele, mal humorado. A esta hora da noite?

Improvizando, Jeannie respondeu:

— Estamos investigando um crime bastante grave e precisamos eliminá-lo da lista dos suspeitos. Podia dizer-me a data e o local do seu nascimento?

— Nasci em Greenfield, Massachusetts, a 4 de Maio de 1945. Serve?

— Não tem um filho com o mesmo nome, pois não?

— Não, tenho três filhas. Posso ir dormir?

— Não precisamos incomodá-lo mais. Obrigada por ter colaborado com a Polícia. Muito boa noite. Desligou e dirigiu a Lisa um olhar triunfante. Está vendo? Ele falou comigo. Não gostou, mas falou.

Lisa riu-se.

— Doutora Ferrami, a senhora tem muito talento para enganar os outros!

Jeannie sorriu.

— Basta ter um pouco de atrevimento. Vamos ver os Henry I. Kings. Eu ligo aos dois primeiros e você aos dois últimos.

Apenas uma delas podia usar o computador para ligar automaticamente. Jeannie agarrou num bloco e numa esferográfica e anotou os dois números; depois, pegou no telefone e discou um deles. Atendeu uma voz de homem e ela continuou com o seu jogo.

— Fala a detetive Susan Farber, da Polícia de Boston...

— O que raio vem a ser isso de me ligar a esta hora da noite? — explodiu o homem. Sabe quem eu sou?

Presumo que seja Henry King...

— Então presuma também que perdeu o seu maldito emprego, sua estúpida! — exclamou ele. Susan quê?

— Preciso confirmar a data do seu nascimento, Senhor King...

— Passe-me já ao seu tenente.

— Senhor King...

— Faça o que lhe digo!

— Maldito gorila! — ripostou Jeannie, desligando. Sentiu-se um pouco trêmula. Espero não vir a ter muito mais conversas destas.

Lisa já desligara.

— O meu era jamaicano e tinha o sotaque a comprová-lo — disse. Calculo que o teu foi bastante mal educado.

— Muito, mesmo.

— Podíamos parar agora e continuar de manhã.

Jeannie, porém, não iria ser derrotada por um homem mal educado.

— Bolas, não! — exclamou. Ainda aguento mais uns insultos.

— Como queira.

— Ele parecia ter muito mais de vinte e dois anos. Por isso, é melhor esquecê-lo. Vamos experimentar os outros dois.

Tornou a marcar.

O seu terceiro Henry King ainda não se fora deitar: ouvia-se música de fundo e outras vozes.

— Alô, quem fala?

Parecia ter a idade certa, e Jeannie sentiu-se esperançosa. Tornou a fingir que era polícia, mas ele ficou desconfiado.

— Como é que sei que você é da Polícia?

Parecia mesmo a voz de Steve, e o coração de Jeannie quase parou. Podia ser um dos clones. Mas como poderia afastar a desconfiança dele?

— Prefere ligar-me aqui para a esquadra? — perguntou, destemida.

Houve uma pausa.

— Não, esqueça.

Jeannie tornou a respirar.

— Eu sou o Henry King. O que deseja?

— Posso confirmar a data e o local do seu nascimento?

— Nasci em Fort Devens exatamente há vinte e dois anos. Por acaso, hoje faço anos, ou melhor, fiz ontem, sábado.

Era ele! Jeannie já encontrara um clone. A seguir, precisava confirmar se estivera em Baltimore no domingo anterior. Tentou ocultar a excitação da voz.

— Pode dizer-me quando foi a última vez que saiu do Estado?

— Deixe-me ver, foi em Agosto, fui a Nova Iorque.

O instinto de Jeannie disse-lhe que o homem estava falando verdade, mas continuou a interrogá-lo.

— O que fez no último domingo?

— Estive trabalhando.

— O que é que faz?

— Sou estudante no Massachusetts Institute of Technology, mas aos domingos trabalho no Blue Note Café, em Cambridge.

Jeannie tomou nota.

— E foi lá que estive no último domingo?

— Sim. Atendi pelo menos umas cem pessoas.

— Obrigada, Senhor King. Se aquilo era verdade, não fora ele quem violara Lisa. Importa-se de dar-me o número de telefone de lá, para eu confirmar o seu álibi?

— Não me lembro do número, mas vem na lista. O que é que suspeita que eu fiz?

— Andamos a investigar um caso de fogo posto.

— Ainda bem que tenho um álibi.

Era enervante ouvir a voz de Steve e saber que estava a falar com um estranho. Desejou poder ver Henry King, para confirmar as semelhanças físicas. Com relutância, pôs fim à conversa.

— Mais uma vez, obrigada. Boa noite. Desligou e expirou, exausta, devido ao esforço que fizera para esconder a sua emoção. Uau!

Lisa estivera a ouvir.

— Encontraste-o?

— Sim, ele nasceu em Fort Devens e faz hoje vinte e dois anos. É o Henry King de que andamos à procura, isso é certo.

— Bom trabalho!

— Mas parece que tem um álibi. Diz que esteve a trabalhar num bar de Cambridge. Olhou para o bloco. O Blue Note.

— Vamos confirmar? O instinto de caça de Lisa fora despertado e ela estava ansiosa.

Jeannie assentiu.

— Já é tarde, mas creio que um bar ainda deve estar aberto, especialmente num sábado à noite. Consegues descobrir o número no teu CD-ROM?

— Só temos os números de telefone de casas particulares. Os de estabelecimentos comerciais encontram-se noutra conjunto de CD's.

Jeannie telefonou para as informações, tomou nota do número e depois marcou-o. O telefone foi atendido de imediato.

— Fala a detetive Susan Farber, da Polícia de Boston. Posso falar com o gerente?

— Fala o gerente. O que é que se passa? O homem tinha sotaque hispânico e parecia preocupado.

— Tem um empregado chamado Henry King?

— O Hank? Sim, o que é que ele fez agora?

Parecia que Henry King já tivera antes problemas com a Polícia.

— Talvez nada. Quando é que o viu pela última vez?

— Hoje, quero dizer, ontem, sábado. Fez o turno do dia.

— E antes disso?

— Deixe-me ver... foi no domingo passado, trabalhou das quatro à meia-noite.

— Estaria disposto a jurar isso, se for necessário?

— Claro, por que não? Se alguém morreu, a culpa não é do Hank.

— Obrigada pela sua colaboração.

— Não há problema. O gerente parecia ter ficado aliviado por ela não querer mais nada. "Se eu fosse uma verdadeira detetive", pensou Jeannie, "diria que este tipo tem a consciência pesada". Ligue-me quando for preciso. Desligou.

— O álibi confirma-se — disse Jeannie, desiludida.

— Não fiques triste animou-a Lisa. Fizemos um ótimo trabalho a eliminá-lo tão depressa, uma vez que o nome até é bastante comum. Vamos experimentar o Per Ericson. Não deve haver muitos.

A lista do Pentágono dizia que Per Ericson nascera em Fort Rucker, mas vinte e dois anos mais tarde não havia Per Ericsons no Alabama. Lisa experimentou PEricson para o caso de o nome se escrever com dois "ss", e, em seguida, escreveu P Ericson para incluir as grafias Ericson e Ericson, mas o computador não encontrou nada.

— Experimenta Filadélfia — sugeriu Jeannie. Foi aí que ele me atacou.

Havia três em Filadélfia. O primeiro chamava-se Peder, o segundo era a voz de um velho num secretária eletrônica de chamadas e o terceiro era uma mulher, Petra. Jeannie e Lisa começaram a investigar todos os P. Ericsons dos Estados Unidos, trinta e três nomes.

O segundo P. Ericson de Lisa era mal humorado e malcriado, e quando desligou o telefone ela estava pálida. No entanto, bebeu uma chávena de café e prosseguiu com determinação.

Cada telefonema era um pequeno drama. Jeannie teve de juntar toda a sua coragem para fingir que era polícia. Sentia uma grande agonia ao imaginar que a voz que atenderia do outro lado seria a voz que dissera:

"Agora bate-me uma punheta. Senão dou-te uma tarefa". Depois, havia o esforço necessário para manter a sua personificação de polícia perante o ceticismo ou a má educação das pessoas que atendiam ao telefone. E a maior parte dos telefonemas terminava em desilusão.

Quando Jeannie desligou o telefone após a sexta chamada infrutífera, ouviu Lisa dizer:

— Oh!, lamento muito. A nossa informação deve estar desatualizada. Por favor, desculpe esta intrusão, Senhora Ericson.

— Adeus. Desligou, com um ar abalado. É ele anunciou, com ar solene. Mas morreu no Inverno passado. Atendeu-me a mãe. Desatou a chorar quando perguntei por ele.

Jeannie perguntou a si própria como teria sido Per Ericson. Um psicopata, como Dennis, ou alguém como Steve?

— Como é que ele morreu?

— Parece que era campeão de esqui e partiu o pescoço ao tentar fazer qualquer coisa arriscada.

Um destemido, sem medo.

— Parece o nosso homem.

Não ocorrera a Jeannie que não pudessem estar os oito vivos. Agora apercebia-se de que devia ter havido mais de oito implantes. Mesmo nos tempos que corriam, e apesar de a técnica já estar bem estabelecida, muitos implantes não "pegavam". E também era provável que algumas mães tivessem abortado. A Genético devia ter feito experiências em quinze ou vinte mulheres, ou talvez mais.

— É difícil fazer estes telefonemas — comentou Lisa.

— Quer fazer um intervalo?

— Não. Lisa abanou a cabeça. Estamos nos saindo bem. Já eliminamos dois dos cinco e ainda não são três da manhã. Quem se segue?

— George Dassault.

Jeannie começara a acreditar que iriam encontrar o violador, mas não tiveram muita sorte com o nome seguinte. Havia apenas sete George Dassaults nos Estados Unidos, mas três não atenderam o telefone. Nenhum

tinha nada a ver com Baltimore ou Filadélfia: um vivia em Buffalo, outro em Sacramento e outro ainda em Houston. Mas isso nada provava. Não lhes restava outra coisa a fazer senão continuar. Lisa imprimiu a lista de números para poderem ligar mais tarde.

Houve outro impedimento.

— Acho que nada nos garante que o homem que procuramos está no CD-ROM disse Jeannie.

— É verdade. Ele pode nem ter telefone. Ou o nome pode não vir na lista.

— Ou pode aparecer com uma alcunha, Spike Dassault ou Flip Jones.

Lisa soltou uma gargalhada.

— Pode ter-se tornado um cantor rap e mudado o nome para Icey Creamo Creamy.

— Pode ser um lutador chamado Iron Billy.

— Pode escrever westerns sob o pseudônimo de Buck Remington.

— Ou livros pornográficos como Heidi Whiplash.

— Dick Swiftly.

— Henrietta Pussy.

As suas gargalhadas foram subitamente interrompidas pelo som de vidro a partir-se. Jeannie levantou-se de um pulo e correu para o armário. Fechou a porta e ficou imóvel no escuro.

— Quem é? — ouviu Lisa perguntar com nervosismo.

— O segurança — respondeu uma voz de homem. Foi a senhora que pôs o vidro aqui?

— Sim.

— Posso perguntar para quê?

— Para ninguém me aparecer de surpresa. Fico nervosa a trabalhar até tarde.

— Bem, eu não vou varrer os cacos. Não faço parte do pessoal da limpeza.

— Okay, deixe ficar tudo como está.

— Está sozinha?

— Sim.

— Vou dar uma olhadela por aí.

— Faça favor.

Jeannie agarrou no puxador com ambas as mãos. Se ele tentasse abri-lo, ela impedi-lo-ia.

— Que trabalho é que está a fazer? — perguntou ele, muito perto dali.

Lisa estava mais longe.

— Gostaria muito de conversar, mas não tenho tempo, estou muito ocupada.

"Se não estivesse ocupada, não estaria aqui no meio da noite, pois não? Por que não vai embora e a deixa em paz?"

— Okay, não há problema. A sua voz estava mesmo junto ao armário. O que é que há aqui?

Jeannie agarrou firmemente e puxou, pronta para resistir à pressão.

— É onde guardamos os cromossomos dos vírus radioativos — respondeu Lisa. Provavelmente, não há problema, pode espreitar, se não estiver trancado.

Jeannie reprimiu uma gargalhada histérica. Os cromossomos dos vírus radioativos não existiam.

— Acho que dispenso — disse o guarda. Jeannie estava prestes a soltar o puxador quando sentiu uma pressão súbita. Puxou com toda a sua força.

— Mas também está trancado.

Houve uma pausa. Quando voltou a falar, a sua voz já estava longe e Lisa descontraíu-se.

— Se se sentir sozinha, venha até ao nosso posto. Eu faço-lhe um café.

— Obrigada — agradeceu Lisa.

O nervosismo de Jeannie começou a desaparecer, mas, mesmo assim, aguardou um sinal. Passado alguns minutos, Lisa abriu a porta do armário.

— Ele já saiu do edifício. Regressaram aos telefones.

Murray Claud era outro nome fora do vulgar, e descobriram-no rapidamente. Foi Jeannie que fez o telefonema. Atendeu-a o Murray Claud mais velho, que a informou, numa voz cheia de amargura e de espanto, que o filho fora preso em Athens havia três anos, depois de uma rixa com navalhas num bar, e só seria provavelmente libertado em Janeiro.

— Aquele rapaz podia ter sido qualquer coisa — disse o senhor. Astronauta. Vencedor do Nobel. Estrela de cinema. Presidente dos Estados Unidos. Tem inteligência, encanto e beleza. E desperdiçou tudo. Tudo!

Ela compreendeu a dor daquele pai. Julgava-se responsável. Sentiu-se tentada a contar-lhe a verdade, mas não estava preparada e, para além disso, não havia tempo. Prometeu a si mesma que havia de voltar a ligar-lhe, um dia, para o consolar o melhor que pudesse. Depois desligou.

Deixaram Harvey Jones para o fim, pois sabiam que iria ser o mais difícil.

Jeannie ficou abismada ao verificar que havia quase um milhão de Jones na América e que H. era uma inicial comum. O seu nome do meio era John. Nascera no Hospital Walter Reed, em Washington, DC, pelo que Jeannie e Lisa começaram por ligar aos Harvey Jones, depois aos H. J. Jones e a seguir a todos os H. Jones da lista telefônica de Washington. Não descobriram nenhum que tivesse nascido há cerca de vinte e dois anos em Walter Reed e, pior ainda, acumularam uma vasta lista de "talvez": havia pessoas que não atendiam o telefone.

De novo Jeannie começou a duvidar de que aquilo fosse funcionar. Tinham três George Dassault por resolver e talvez vinte ou trinta H. Jones. A sua abordagem parecera impecável na teoria, mas se as pessoas não atendessem o telefone não podia fazer-lhes perguntas. Os seus olhos começavam a ficar lacrimejantes e estava nervosa devido ao excesso de café e à falta de sono.

Às quatro da manhã, ela e Lisa começaram com os Jones de Filadélfia.

Às quatro e meia, Jeannie encontrou-o.

A princípio julgou que iria ser outro "talvez". O telefone tocou quatro vezes, depois ouviu-se a pausa característica da secretária eletrônica. Mas a voz do secretária eletrônica era sinistramente familiar.

Telefonou para a casa de Harvey Jones dizia a mensagem, e os pêlos das costas de Jeannie eriçaram-se. Era o mesmo que estar ouvindo Steve: o tom da voz, a dicção e até o tipo de expressões eram iguais aos de Steve. De momento não posso atender. Por favor, deixe a mensagem a seguir ao sinal.

Jeannie desligou e confirmou endereço. Era um apartamento em Spruce Street, na Cidade Universitária, não muito longe da Clínica Aventine. Reparou que tinha as mãos tremendo. Sentia vontade de lhe apertar o pescoço.

— Encontrei-o — disse ela a Lisa.

— Oh!, meu Deus.

— É apenas a secretária eletrônica, mas é a voz dele. Mora em Filadélfia, perto do local onde fui atacada.

— Deixa-me ouvir. Lisa marcou o número. Ao escutar a mensagem, as suas faces rosadas empalideceram.

— É ele — disse. Desligou. Quase consigo ouvi-lo: "Tira essas lindas calcinhas", disse ele. Oh!, meu Deus!

Jeannie pegou no telefone e ligou para a esquadra.

Berrington Jones não dormiu no sábado à noite.

Ficou no estacionamento do Pentágono até à meia-noite, a vigiar o Lincoln Mark VIII preto do coronel Logan. Depois, ligou a Proust e ficou sabendo que Logan fora preso, mas que Steve fugira, provavelmente no metro ou num ônibus, uma vez que não levava o carro do pai.

— O que vieram eles fazer ao Pentágono? — perguntou ele a Jim.

— Estavam no centro de dados. Estou tentando descobrir o que é que andaram fazendo exatamente. Vê se localiza o rapaz, ou a Ferrami.

Berrington já não objetava a espiar pessoas. A situação era desesperada. Não havia tempo de manter a sua dignidade: se não conseguisse deter Jeannie, também não lhe restaria nenhuma dignidade.

Quando regressou à casa dos Logan tudo estava às escuras e o Mercedes vermelho de Jeannie desaparecera. Ficou ali à espera durante mais uma hora, mas não chegou ninguém. Calculando que ela regressara a casa, voltou para Baltimore e percorreu a rua dela, mas não viu ali o carro.

Já estava a amanhecer quando finalmente parou em Roland Park, junto à sua casa. Entrou e telefonou a Jim, mas ninguém atendeu em casa nem no gabinete. Berrington deitou-se vestido, fechou os olhos, mas, embora estivesse cansado, não conseguiu dormir, de tanta preocupação.

Às sete horas levantou-se e tornou a telefonar, mas voltou a não conseguir contatar Jim. Tomou uma ducha, fez a barba e vestiu umas calças de algodão pretas e uma pólo às riscas. Espremeu algumas laranjas e bebeu o sumo na cozinha. Olhou para a edição dominical do Sun, mas os cabeçalhos não tiveram qualquer significado para ele, como se estivessem escritos em finlandês.

Proust ligou-lhe às oito.

Passara metade da noite no Pentágono com um general amigo, interrogando os funcionários do centro de dados sob o pretexto de investigar uma fuga na segurança. O general, um amigo que Jim fizera nos dias da CIA, sabia apenas que Logan tentava tornar pública uma operação secreta dos anos 70 e que Jim desejava impedi-lo.

O coronel Logan, que ainda estava preso, não dizia nada, exceto: "Quero falar com um advogado". No entanto, os resultados da busca de Jeannie encontravam-se no computador que Steve utilizara, e Jim ficou sabendo o que eles tinham descoberto.

— Creio que devem ter mandado fazer eletrocardiogramas a todos os bebês disse Jim.

Berrington já se esquecera disso, mas agora tornou a recordar-se.

— Sim, mandamos.

— O Logan descobriu-os.

— A todos?

— Aos oito.

Eram as piores notícias possíveis. Os eletrocardiogramas, tais como os dos gêmeos univitelinos, eram tão parecidos como se tivessem sido feitos à mesma pessoa em dias diferentes. Steve e o pai, e provavelmente Jeannie, deviam agora saber que Steve era um de oito clones.

— Bolas! — exclamou Berrington. Guardamos este segredo durante vinte e dois anos e agora esta maldita garota descobriu tudo.

— Eu disse-te que devíamos tê-la feito desaparecer.

Jim conseguia ofender bem as pessoas quando estava sob pressão. Depois de uma noite sem dormir, Berrington não estava com paciência para o ouvir.

— Se disser "eu bem te avisei", arranco-te a cabeça, juro por Deus!

— Está bem, está bem!

— O Preston já sabe?

— Sim. Diz que estamos fritos, mas ele diz sempre a mesma coisa.

— Desta vez pode ter razão.

A voz de Jim lembrava a de quem fazia um discurso num desfile.

— Pode estar disposto a render-te, Berry, mas eu não — disse ele, irritado. Só temos de abafar isto até à conferência de imprensa amanhã de manhã. Se conseguirmos isso, o negócio será efetuado.

— E depois?

— Depois, teremos cento e oitenta milhões de dólares, e esse dinheiro compra muito silêncio.

Berrington queria acreditar nele.

— Já que é tão esperto, o que acha que devemos fazer agora?

— Precisamos descobrir aquilo que eles sabem. Ninguém tem certeza se o Steve Logan quando fugiu levava no bolso uma lista dos nomes e dos endereços. A tenente do centro de dados jura que não, mas a palavra dela não me chega. Os endereços que ele levou têm vinte e dois anos. Agora faça-te uma pergunta. Só com os nomes, acha que a Jeannie Ferrami consegue localizá-los?

— A resposta é sim — disse Berrington. Somos peritos. Temos constantemente de localizar os gêmeos verdadeiros. Se ela recebeu essa lista ontem à noite, a esta hora já deve tê-los encontrado.

— Calculei. Podemos confirmar isso?

— Creio que podemos telefonar-lhe e perguntar se tiveram notícias dela.

— Tem de ser discreto.

— Não me ofenda. Às vezes deve julgar que é o único tipo na América que tem cérebro! É claro que serei discreto. Já te ligo. Desligou o telefone com toda a força.

Os nomes dos clones e os seus números de telefone, escritos num código simples, estavam na sua agenda eletrônica. Tirou-a da gaveta e ligou-a.

Mantivera-se a par do seu paradeiro ao longo dos anos. Sentia-se mais um pai para eles do que Preston ou Jim. Nos primeiros tempos, escrevera de vez em quando cartas da Clínica Aventine pedindo informações, a pretexto da continuação do estudo dos tratamentos hormonais. Mais tarde, quando essa desculpa se tornou inverossímil, servira-se de uma série de subterfúgios, como fingir que era um agente imobiliário perguntando se a família pensava vender a casa ou se os pais estavam interessados em comprar um livro sobre as bolsas de estudo disponíveis para os filhos de antigos militares. Assistira, perturbado, à transformação de crianças inteligentes, mas desobedientes, em delinquentes destemidos e depois em adultos instáveis. Eram os produtos infelizes de uma experiência histórica. Nunca se arrependera da experiência, mas sentia-se culpado em relação aos rapazes. Chorara quando Per Ericson se matara fazendo saltos mortais numa estância de esqui em Vail.

Olhou para a lista enquanto tentava inventar um pretexto para o telefonema daquele dia. Depois, pegou no telefone e ligou ao pai de Murray Claud. O telefone tocou várias vezes, mas ninguém atendeu. Berrington calculou que era dia de ele visitar o filho na prisão.

A seguir, telefonou a George Dassault. Desta vez teve mais sorte. O telefone foi atendido por uma voz jovem familiar.

— Sim, quem fala?

— É da companhia dos telefones. Andamos investigando chamadas telefônicas fraudulentas. Recebeu algum telefonema estranho nas últimas vinte e quatro horas?

— Não, creio que não. Mas estive fora, por isso também não sei.

— Obrigado por nos ter ajudado. Bom dia.

Jeannie podia ter o nome de George e ainda não o ter contatado. Berrington não podia concluir nada. Em seguida, tentou Hank King, de Boston.

— Sim, quem fala?

— Era espantoso. Todos atendiam o telefone da mesma maneira rude. Não podia haver um gene responsável pelo atendimento do telefone, mas a pesquisa de gêmeos estava cheia daqueles fenômenos.

— Fala da companhia dos telefones — disse Berrington. Andamos a fazer um inquérito sobre chamadas fraudulentas e gostaríamos de saber se o senhor recebeu alguma chamada estranha nas últimas vinte e quatro horas.

A voz de Hank era arrastada.

— Bolas, estou com uma ressaca tão grande que não sei se consigo lembrar-me. Berrington revirou os olhos. Hank fizera anos na véspera, é verdade! Devia ter bebido ou tomado drogas, ou ambas as coisas. Não, espere aí! Houve uma coisa. Já me lembro. Foi a meio da noite. Ela disse que era da Polícia de Boston.

— Ela? Podia ter sido Jeannie, pensou Berrington, adivinhando más notícias.

— Sim, era uma mulher.

— Disse o nome? Isso poderia ajudar-nos a confirmar a sua veracidade.

— Claro que disse, mas não me lembro. Sarah, ou Caro! ou Margaret ou... Susan, era isso, detetive Susan Farber.

— Isso esclarecia tudo. Susan Farber era a autora do livro Gêmeos Verdadeiros Criados Separadamente, o único livro que fora escrito acerca do assunto. Jeannie usara o primeiro nome que lhe viera à cabeça. Isso significava que tinha a lista dos clones. Berrington estava consternadíssimo. Taciturno, continuou a fazer perguntas.

— E o que disse ela?

— Perguntou-me a data e o local de nascimento.

Isso confirmaria se estava a falar com o Henry King certo.

— Eu também achei aquilo, hum... um pouco estranho — continuou Hank. Era algum estratagema?

Berrington inventou uma resposta à pressa.

— Andava à procura de potenciais clientes para uma companhia de seguros. É ilegal, mas é prática comum. Lamentamos tê-lo incomodado, Senhor King, e agradecemos a sua colaboração.

— Claro.

Berrington desligou, sentindo-se completamente desolado. Jeannie tinha os nomes. Era apenas uma questão de tempo até os descobrir todos.

Berrington estava metido na maior confusão da sua vida.

Mish Delaware recusou terminantemente ir a Filadélfia entrevistar Harvey Jones.

— Já fizemos isso ontem, querida — disse ela quando Jeannie conseguiu finalmente contatá-la, às sete e meia da manhã. Hoje a minha neta faz um ano. Eu tenho vida própria, sabe?

— Mas a senhora sabe que eu tenho razão! — protestou Jeannie. Estava certa quanto ao Wayne Stattner... Ele era sócia do Steve.

— Excetuando o cabelo. E tinha um álibi.

— Mas o que pretende fazer?

— Vou ligar para a Polícia de Filadélfia, falo com alguém da Unidade de Crimes de Natureza Sexual e peço-lhes que vão fazer uma visita ao seu homem. Mando-lhes por fax um retrato falado. Eles verificam se o Harvey Jones é parecido com a imagem e perguntam-lhe o que fez no último domingo. Se as respostas forem Sim e Não, temos um suspeito.

Jeannie desligou o telefone, furiosa. Depois de tudo aquilo por que passara! Depois de ter permanecido toda a noite acordada à procura dos clones!

Com certeza não ia ficar sentada à espera que a Polícia fizesse alguma coisa. Decidiu ir a Filadélfia investigar Harvey. Não o abordaria nem falaria com ele, mas estacionaria à porta da sua casa e esperaria vê-lo sair. Se isso falhasse, falaria com os vizinhos, mostrar-lhes-ia a fotografia de Steve que Charles lhe dera. De alguma forma haveria de confirmar se ele era o sócia de Steve.

Chegou a Filadélfia por volta das dez e meia. Na cidade universitária viam-se famílias de cor muito bem vestidas junto às igrejas gospel e adolescentes ociosos fumando nos alpendres das casas velhas, mas os estudantes continuavam na cama, sendo a sua presença apenas traída por Toyotas velhos e velhos Chevrolets com adesivos referentes a equipes desportivas e estações de rádio locais.

O edifício de Harvey Jones era uma enorme casa vitoriana em ruínas, dividida em apartamentos. Jeannie arranjou lugar do outro lado da rua e

observou a porta da frente durante algum tempo.

Às onze horas entrou.

O edifício estava quase perdendo o ar de respeitabilidade. Na escadaria havia uma passadeira gasta e nos parapeitos das janelas viam-se flores plásticas cheias de pó em vasos baratos. Um aviso nas paredes, escrito na letra cursiva de uma mulher idosa, pedia aos inquilinos que fechassem as portas devagar, pusessem o lixo em sacos bem fechados e não deixassem as crianças brincar nos corredores.

"Ele mora aqui", pensou Jeannie, ficando com pele de galinha. "Onde estará agora?"

O apartamento de Harvey era o 5-B, que devia ficar no último andar. Jeannie bateu na primeira porta do térreo. Esta foi aberta por um homem de olhos vermelhos, com cabelo comprido e uma barba emaranhada. Ela mostrou-lhe a fotografia. Ele abanou a cabeça e bateu com a porta. Jeannie lembrou-se das palavras do vizinho de Lisa "Onde é que julga que nos encontramos, minha senhora? Nalguma aldeola do interior? Nem sei qual é o aspecto da minha vizinha".

Jeannie rilhou os dentes e subiu os quatro lances de escadas até ao último piso. Havia um cartão numa pequena moldura de metal presa à porta do 5-B que dizia apenas "Jones". A porta não tinha mais nada de especial.

Jeannie ficou imóvel, à escuta. Só conseguia ouvir o bater assustado do seu coração. Lá de dentro não vinha qualquer som. Provavelmente ele não estava em casa.

Bateu à porta do 5-A. Um momento mais tarde, esta foi aberta por um homem de idade, branco. Vestia um terno de riscas que já fora magnífico e o seu cabelo era tão ruivo que só podia ser pintado. Parecia simpático.

— Olá — cumprimentou.

— Olá. O seu vizinho está em casa?

— Não.

Jeannie ficou simultaneamente aliviada e desiludida. Tirou da bolsa a fotografia de Steve que Charles lhe dera.

— Ele é assim?

O vizinho tirou-lhe a fotografia da mão e observou-a.

— Sim, é ele.

"Eu tinha razão! Ganhei de novo! O meu programa funciona".

— É um bêbado, não é?

O vizinho era homossexual, calculou Jeannie. Um homossexual idoso bastante elegante. Sorriu.

— Lá isso é.

— Faz ideia onde é que ele foi esta manhã?

— Ele sai todos os domingos. Sai pelas dez e regressa depois de almoço.

— Saiu no domingo passado?

— Sim, minha menina, creio que sim.

"É mesmo ele, só pode ser".

— Sabe para onde é que ele vai?

— Não.

"Mas eu sei. Para Baltimore". O homem prosseguiu:

— Ele não é de muitas falas. Aliás, creio que não abre a boca. A menina é detetive?

— Não, embora me sinta uma detetive.

— O que fez ele?

Jeannie hesitou, depois pensou: "Por que não dizer a verdade?"

— Creio que é um violador — respondeu.

O homem não ficou admirado.

— Não me espanta. Ele é esquisito. Já vi garotas saírem daqui a chorar. Isso aconteceu duas vezes.

— Quem me dera poder espreitar lá para dentro. Poderia encontrar alguma coisa que o ligasse à violação.

O homem lançou-lhe um olhar matreiro.

— Eu tenho uma chave.

— Tem?

— Foi o anterior ocupante que me deu. Éramos amigos. Não a devolvi

quando ele se foi embora. E este tipo não trocou as fechaduras quando se mudou para cá. Deve achar que é demasiado grande e forte para ser assaltado.

— Importa-se de me deixar entrar?

Ele hesitou.

— Eu próprio tenho curiosidade em ver o interior. Mas... e se ele regressa enquanto lá estamos? O rapaz é grande... não me agradaria nada vê-lo zangado comigo.

Essa possibilidade também assustava Jeannie, mas a sua curiosidade era ainda maior.

— Eu corro o risco, se o senhor fizer o mesmo — disse.

— Espere aqui. Já volto.

O que iria Jeannie encontrar lá dentro? Um templo de sadismo como a casa de Wayne Stattner? Uma espelunca nojenta cheia de restos de comida e roupa suja? A limpeza excessiva de uma personalidade obscena?

O vizinho reapareceu.

— A propósito, chamo-me Maldwyn.

— Eu sou a Jeannie.

— Por acaso, o meu verdadeiro nome é Bert, mas é um nome tão vulgar, não acha? Sempre chamei a mim próprio Maldwyn.

Abriu a porta do 5-B e entrou.

Jeannie seguiu-o.

Era o apartamento típico de um estudante, um estúdio com kitchnette e um pequeno banheiro. Estava mobiliado com velharias: uma cômoda de pinho, uma mesa pintada, três cadeiras diferentes, um sofá velho e uma enorme televisão antiga. Já havia algum tempo que não era limpo e a cama estava por fazer. Era demasiado típico, infelizmente.

Jeannie fechou a porta atrás de si.

— Não toque em nada, limite-se a olhar — disse Maldwyn. Não quero que ele desconfie que estivemos aqui.

Jeannie interrogou-se sobre o que estaria à espera de encontrar. Um mapa do ginásio, com uma cruz sobre a casa das máquinas assinalando o

local da violação? Ele não levava a roupa íntima de Lisa como recordação. Talvez a tivesse seguido e fotografado semanas antes de atacar. Podia ter uma pequena coleção de objetos surrupiados: um batom, a conta de um restaurante, o invólucro de um chocolate, correio com o endereço dela.

Enquanto olhava em volta, começou a ver a personalidade de Harvey nos pequenos pormenores. Numa das paredes estava um pôster tirado de uma revista masculina exibindo uma mulher nua com pêlos púbicos rapados e uma argola nos lábios da vagina. Jeannie estremeceu.

Olhou para a estante dos livros. Viu um exemplar de ‘Os 120 Dias de Sodoma’ ou a ‘Escola de Libertinagem’, do Marquês de Sade, e vários vídeos pornográficos, como ‘Dor e Violento’. Havia também alguns livros sobre economia e comércio, Harvey parecia estar fazendo MBA*.

* Master in Business Administration: mestrado em administração comercial (N. do T.).

— Posso ver as roupas dele? — perguntou Jeannie. Não queria ofender Maldwyn.

— Claro, por que não?

Abriu as gavetas e os armários. As roupas de Harvey eram como as de Steve, um pouco conservadoras para a idade: calças de fazenda, pólos, blusões de tweed e camisas, sapatos de couro e mocassins. A geladeira continha apenas duas embalagens de seis cervejas e uma garrafa de leite: Harvey não comia em casa. Debaixo da cama estava um saco de desporto com uma raqueta de squash e uma toalha suja.

Jeannie ficou desiludida. Era ali que o monstro vivia, mas o local não era um palácio de perversão, apenas um espaço sujo com pornografia violenta.

— Terminei — disse ela a Maldwyn. Não sei bem do que é que andava à procura, mas, fosse o que fosse, não está aqui.

Foi então que viu.

Pendurado atrás da porta encontrava-se um boné vermelho.

Jeannie ficou mais animada. "Eu tinha razão, encontrei o patife, e aqui está a prova!" Aproximou-se. Na frente do boné estava impressa a branco a palavra "Segurança". Não resistiu à tentação de executar uma dança

triunfante pelo apartamento de Harvey Jones.

— Encontrou qualquer coisa, hein?

— O patife tinha aquele boné na cabeça quando violou a minha amiga. Vamos embora.

Saíram do apartamento e fecharam a porta.

Jeannie apertou a mão a Maldwyn.

— Não sei como agradecer-lhe. Isto é muito importante.

— O que vai fazer agora? — perguntou ele.

— Regressar a Baltimore e ligar à Polícia — respondeu.

Rumo a casa pela 1-95, Jeannie pensou em Harvey Jones. Por que iria ele a Baltimore aos domingos? Ver uma namorada? Talvez, mas a explicação mais provável era os seus pais morarem ali. Muitos estudantes levavam a roupa suja para casa aos fins-de-semana. Provavelmente ele estava naquele momento na cidade, comendo o assado da mãe ou assistindo a um jogo de futebol na televisão com o pai. Atacaria outra garota a caminho de casa?

Quantas famílias Jones viveriam em Baltimore? Mil? Ela conhecia um deles, é claro: o seu antigo patrão, o professor Berrington Jones...

"Oh!, meu Deus! Jones!"

Ficou tão chocada que teve de encostar-se ao acostamento da estrada.

"O Harvey Jones pode ser filho do Berrington".

De súbito, lembrou-se de um pequeno gesto que Harvey fizera na cafeteria de Filadélfia quando fora ter com ela. Alisara as sobrancelhas com a ponta do indicador. Na altura, ela reparara, porque sabia que já antes vira aquele gesto. Não sabia onde... e calculou que devesse ter sido em Steve ou em Dennis, pois os clones tinham gestos idênticos. Mas agora lembrava-se. "Foi o Berrington". Berrington alisava as sobrancelhas com a ponta do indicador. Havia algo naquele gesto que irritava Jeannie, algo incomodativamente presunçoso, ou talvez fútil. Não era um gesto que todos os clones tinham em comum, tal como fechar a porta com o calcanhar quando entravam nalgum lugar. Harvey aprendera-o com o pai, um gesto de presunção.

Provavelmente, Harvey estava naquele momento em casa de Berrington.

Preston Barck e Jim Proust chegaram a casa de Berrington por volta do meio-dia e encontravam-se sentados no escritório bebendo cerveja. Nenhum deles dormira muito, sentiam-se e pareciam exaustos. Marianne, a governanta, estava preparando o almoço de domingo e o aroma agradável dos seus cozidos pairava no ar. Mas nada conseguia animar os três sócios.

— A Jeannie falou com o Hank King e com a mãe do Per Ericson — disse Berrington, desanimado. Não consegui confirmar com os outros, mas ela descobre-os num instante.

— Sejam realistas — interveio Jim. O que pode ela fazer amanhã por esta hora?

Preston Barck era um suicida.

— Eu digo-te o que faria no lugar dela — começou ele. Gostaria de tornar público com grande alarido aquilo que descobri, pelo que tentaria pegar em dois ou três dos rapazes e levá-los a Nova Iorque para aparecerem no programa Good Morning America. A televisão adora gêmeos.

— Deus nos livre! — exclamou Berrington.

Um carro parou lá fora. Jim espreitou pela janela e anunciou:

— Um velho Datsun fora de uso.

— A primeira ideia do Jim começa a agradar-me. Fazê-los desaparecer a todos disse Preston.

— Não vou permitir mortes! — gritou Berrington.

— Não grite, Berry — disse Jim com uma suavidade surpreendente. Para te dizer a verdade, acho que exagerei um pouco quando falei em fazer desaparecer as pessoas. Talvez eu já houvesse tido o poder de mandar matar pessoas, mas agora já não tenho. Nos últimos dias pedi alguns favores a velhos amigos. E, embora eles tenham sido satisfeitos, percebi que há limites.

"Graças a Deus", pensou Berrington.

— Mas tenho outra ideia — continuou Jim. Os outros dois olharam para ele.

— Vamos falar muito discretamente com cada uma das oito famílias. Confessamos-lhes que foram cometidos erros na clínica nos seus primeiros tempos. Dizemos que ninguém foi prejudicado, mas que queremos evitar publicidade sensacionalista. Oferecemos a cada uma um milhão de dólares em compensação. Pagamo-los em dez anos, e diremos que os pagamentos serão interrompidos se eles falarem... com quem quer que seja: a imprensa, a Jeannie Ferrami, os cientistas, qualquer pessoa.

Berrington assentiu lentamente.

— Talvez funcione. Quem é que vai recusar um milhão de dólares?

— A Lorraine Logan — respondeu Preston. Ela quer provar a inocência do filho.

— É verdade. Ela não o faria nem por dez milhões.

— Todo mundo tem o seu preço — disse Jim, recuperando alguma da sua fanfarronice característica. Seja como for, ela não pode fazer muita coisa sem a ajuda de um ou dois dos outros.

Preston assentiu. Também Berrington começava a ter alguma esperança. Talvez houvesse alguma maneira de calar os Logan. Mas havia outro problema.

— E se a Jeannie tornar tudo público durante as próximas vinte e quatro horas? — perguntou. A Landsmann adiaria provavelmente o negócio enquanto investiga as acusações. E nessa altura não teríamos milhões de dólares para distribuir.

— Temos de saber quais são as intenções dela — disse Jim. O que é que ela já descobriu e o que pretende fazer.

— Não vejo como podemos conseguir isso — observou Berrington.

— Eu vejo — retorquiu Jim. Conhecemos uma pessoa que pode facilmente ganhar a confiança dela e saber exatamente o que lhe vai na cabeça.

Berrington ficou irritado.

— Já sei no que está pensando...

— Aqui vem ele — anunciou Jim.

Ouviram-se passos no vestíbulo e em seguida o filho de Berrington

apareceu.

— Olá, pai! — cumprimentou ele. Olá, tio Jim, tio Preston, como vão?

Berrington olhou-o com um misto de orgulho e pena. O rapaz estava lindo, com calças de bombazina azul-escura e uma camisa de algodão azul-celeste.

"Pelo menos, herdou o meu bom gosto pela roupa", pensou.

— Temos de falar, Harvey — disse. Jim levantou-se.

— Quer uma cerveja, rapaz?

— Claro — respondeu Harvey.

Jim tinha uma tendência irritante para incutir maus hábitos em Harvey.

— Esquece a cerveja — interveio Berrington. Jim, por que é que você e o Preston não vão até à sala e nos deixam conversar?

A sala era um espaço rigidamente formal, que Berrington nunca utilizava.

Preston e Jim saíram do escritório. Berrington levantou-se e abraçou Harvey.

— Te amo, filho — disse. Apesar de ser mau.

— Eu sou mau?

— O que fez àquela pobre garota no ginásio foi uma das piores coisas que um homem pode fazer.

Harvey encolheu os ombros.

"Oh!, meu Deus, não consegui incutir-lhe a noção de bem e de mal", pensou Berrington. Mas agora era demasiado tarde para arrependimentos.

— Sente-se e ouve-me durante uns minutos. Harvey sentou-se.

— A tua mãe e eu tentamos durante anos ter um filho, mas houve problemas começou. Na altura, o Preston trabalhava na fertilização in vitro. O espermatozóide e o óvulo são reunidos em laboratório e depois o embrião é implantado num ventre.

— Está a dizendo que sou um bebê de proveta?

— Isto é segredo. Nunca deve contar a ninguém. Nem sequer à tua mãe.

— Ela não sabe — perguntou Harvey, espantado.

— E há mais. O Preston pegou num embrião e dividiu-o, formando gêmeos.

— O tipo que foi preso pela violação?

— Dividiu-o mais do que uma vez.

Harvey assentiu. Todos tinham o mesmo raciocínio rápido.

— Quantas?

— Oito.

— Uau! E presumo que o esperma não tenha sido teu.

— Não.

— Então, de quem foi?

— De um tenente de Fort Bragg: alto, forte, em boa condição física, inteligente, agressivo e atraente.

— E a mãe?

— Uma datilógrafa civil de West Point, igualmente dotada. Um sorriso triste atravessou o rosto atraente do rapaz.

— Os meus verdadeiros pais.

Berrington fez uma careta.

— Não. Cresceu no ventre da tua mãe. Ela deu-te à luz, e acredita que doeu muito. Vimos-te dar os primeiros passos, tentar enfiar uma colher cheia de purê de batata na boca e balbuciar as primeiras palavras.

Observando o rosto do filho, Berrington não conseguiu perceber se ele acreditara ou não.

— Bolas, nós te amamos cada vez mais à medida que ia merecendo ser menos amado. Todos os anos recebíamos da escola os mesmos relatórios: "Ele é muito agressivo, ainda não aprendeu a partilhar, bate nas outras crianças, tem dificuldade nos esportes de equipe, perturba a aula, tem de aprender a respeitar o sexo oposto". De cada vez que era expulso de uma escola, implorávamos para conseguir colocá-lo noutra. Tentamos fazer as suas vontades, te batemos, retiramos privilégios. Levamos a três psicólogos. Desgraçou-nos a vida.

— Está dizendo que dei cabo do seu casamento?

— Não, filho, isso fui eu que fiz sozinho. Estou só tentando te dizer que te amamos faça o que fizer, tal como quaisquer outros pais.

Harvey continuava perturbado.

— Por que está me contando isso agora?

— O Steve Logan, um dos teus sócias, foi estudado no meu departamento. Tive um grande choque quando o vi, como pode imaginar. Depois a Polícia prendeu-o pela violação da Lisa Hoxton. Mas uma das professoras, a Jean Ferrami, ficou desconfiada. Resumindo, descobriu quem você era. Quer provar a inocência do Steve Logan. E provavelmente quer tornar pública a história dos clones e arruinar-me.

— Já estive com ela em Filadélfia.

Berrington ficou perplexo.

— Esteve com ela?

— O tio Jim telefonou-me e disse-me para a assustar.

— O filho da mãe! — explodiu Berrington, furioso. Vou arrancar-lhe aquela cabeça...

— Calma, pai, não aconteceu nada. Demos uma volta no carro dela. A garota é engraçada.

Berrington controlou-se com algum esforço.

— O teu tio Jim sempre foi muito irresponsável nas atitudes que toma contigo. Gosta da tua rebeldia, sem dúvida porque ele próprio é um idiota pomposo.

— Eu gosto dele.

— Vamos falar do que temos que fazer. Precisamos saber quais são as intenções da Jeannie Ferrami, especialmente durante as próximas vinte e quatro horas. Precisamos saber se ela possui provas que te liguem à Lisa Hoxton. Só nos lembramos de uma maneira de conseguir isso.

Harvey assentiu.

— Quer que fale com ela, fingindo ser o Steve Logan.

— Sim.

Ele sorriu.

— Parece divertido.

Berrington gemeu.

— Não faça nada idiota, por favor. Limite-se a falar com ela.

— Quer que trate já disso?

— Sim, por favor. Detesto ter de pedir-te uma coisa dessas, mas é para bem dos dois.

— Acalma-te, pai. O que é que podia acontecer de mal?

— Talvez eu me preocupe de mais. Acho que não há um grande perigo no fato de se ir ao apartamento de uma garota.

— E se o verdadeiro Steve estiver lá?

— Vê os carros na rua. Ele tem um Datsun igual ao teu. Isso foi outra das razões por que a Polícia julgou que ele era o criminoso.

— Não me diga!

— Vocês são como os gêmeos univitelinos, fazem as mesmas escolhas. Se o carro dele estiver lá, não entre. Liga-me, e arranharemos maneira de tirá-lo de lá.

— E se ele tiver ido a pé?

— O Steve mora em Washington.

— Okay. Harvey levantou-se. Qual é o endereço da garota?

— Ela mora em Hampden.

Berrington escreveu o endereço num cartão e entregou-lhe.

— Tem cuidado, está bem?

— Claro. Até à uma, Montezuma!

Berrington esboçou um sorriso forçado:

— Não demoro, comodoro.

Harvey percorreu várias vezes a rua de Jeannie à procura de um carro parecido com o seu. Havia vários antigos, mas nenhum Datsun claro cheio de ferrugem. Steve Logan não andava por ali.

Estacionou junto da casa dela e desligou o motor. Ficou sentado algum tempo, pensando. Precisaria de toda a sua concentração. Ficou satisfeito por não ter bebido a cerveja que o tio Jim lhe oferecera.

Sabia que ela o tomaria por Steve, pois já o fizera em Filadélfia. Eram ambos idênticos no aspecto. Mas o diálogo seria mais perigoso. Ela faria referência a diversas coisas que ele supostamente conhecia. Harvey teria de responder sem trair a sua ignorância. Precisava ter a confiança dela durante tempo suficiente para descobrir que provas possuía contra ele e o que pretendia fazer com elas. Seria muito fácil descair-se e trair-se.

Contudo, mesmo enquanto pensava sobriamente no grande desafio que era personificar Steve, mal conseguia conter a sua excitação ante a perspectiva de voltar a vê-la. Aquilo que fizera no carro fora a experiência sexual mais excitante que já tivera. Fora ainda melhor do que estar no banheiro das mulheres quando elas haviam entrado em pânico. Ficava excitado de cada vez que se lembrava de ter rasgado as roupas dela enquanto o carro ziguezagueava na auto-estrada.

Sabia que agora tinha de concentrar-se na sua tarefa. Não podia pensar no rosto dela desfigurado pelo medo e nas suas pernas fortes a contorcerem-se. Devia sacar-lhe a informação e ir-se embora. Mas durante toda a sua vida nunca fora capaz de fazer uma coisa ajuizada.

Jeannie ligou para a Polícia assim que chegou a casa. Sabia que Mish não estava lá, mas deixou recado, pedindo-lhe que lhe telefonasse com a máxima urgência.

— A senhora não deixou já hoje uma mensagem urgente? — perguntaram-lhe.

— Sim, mas esta é outra, igualmente importante.

— Farei o possível para lha comunicar com a maior brevidade — disse a voz com cepticismo.

Em seguida, ligou para casa de Steve, mas ninguém atendeu. Calculou que ele e a mãe deviam ter ido ao advogado, para tentar libertar Charles, e que lhe ligaria assim que pudesse.

Ficou desiludida: queria contar a alguém as boas notícias.

A excitação de ter entrado no apartamento de Harvey desaparecera e agora Jeannie sentia-se deprimida. Voltou a pensar nos perigos que a esperavam num futuro sem dinheiro, sem trabalho e sem maneira de ajudar a mãe.

Para se animar, foi preparar qualquer coisa para comer. Mexeu três ovos, grelhou o bacon que comprara na véspera para Steve e comeu-o com pão torrado e café. Quando estava guardando a louça na máquina tocaram à campainha.

Levantou o intercomunicador.

— Quem é?

— Jeannie? É o Steve.

— Sobe! — exclamou ela, contente.

Ele trazia uma camisa de algodão da cor dos seus olhos e estava deslumbrante. Jeannie beijou-o e abraçou-o com força, deixando-o sentir os seus seios contra o peito. A mão dele desceu até sua bunda e empurrou-a contra si. Ele tinha um cheiro diferente: pusera uma loção pós-barba com aroma de ervas. Também tinha um gosto diferente, como se tivesse acabado de beber chá.

Passado algum tempo, Jeannie afastou-se.

— É melhor avançarmos mais devagar — disse, ofegante. Queria saborear aquilo. Sente-se. Tenho tantas coisas para te contar!

Ele sentou-se no sofá e ela foi até á geladeira.

— Vinho, cerveja ou café?

— Pode ser vinho.

— Acha que ainda está bom?

O que raio queria ela dizer com aquilo: "Achas que ainda está bom?"

— Não sei — respondeu ele.

— Há quanto tempo é que a abrimos?

"Okay, partilharam uma garrafa de vinho, mas não a acabaram, por isso ela voltou a tapá-la, colocou-a na geladeira e agora não sabe se já azedou. Mas quer que seja eu a decidir".

— Deixa ver, em que dia é que foi?

— Na quarta, portanto, já há quatro dias.

Ele nem conseguia ver se era tinto ou branco. "Merda".

— Ora, enche um copo e já vemos.

— Boa ideia.

Deitou um pouco de vinho num copo e entregou-lhe. Ele provou-o.

— Ainda se bebe.

Ela inclinou-se sobre as costas do sofá.

— Deixa-me provar. Beijou os lábios dele. Abre a boca. Quero provar o vinho.

Ele sorriu e fez o que ela disse. Ela enfiou a ponta da língua na boca dele.

"Meu Deus, esta mulher é sexy!"

— Tem razão — disse Jeannie. Ainda se bebe. Rindo, acabou de encher o copo dele e outro para si.

Ele começava a divertir-se.

— Coloque uma música — sugeriu.

— Onde?

Ele não fazia ideia do que ela estava a falar. "Meu Deus, já meti a pata na poça". Olhou em volta: não havia aparelhagem. "Estúpido".

— O meu pai roubou-me a aparelhagem, lembra-se? — perguntou ela. Não posso pôr música. Espera lá, até posso. Foi ao outro aposento, provavelmente o quarto, e regressou com um rádio impermeável para pendurar no chuveiro. É uma coisa bem idiota, foi a minha mãe que me deu no Natal, antes de ter perdido o juízo.

"O pai roubou-lhe a aparelhagem... A mãe perdeu o juízo... Que raio de

família é a dela?”

— O som é péssimo, mas é tudo o que tenho. Ligou-o. Está sintonizado na 92Q.

— Vinte seguidas sem parar — disse ele automaticamente.

— Como é que sabes?

"Merda, o Steve não deve conhecer as estações de Baltimore".

Ouvi-a no rádio do carro quando vinha para cá.

— De que tipo de música gosta?

"Não faço ideia do que é que o Steve gosta, mas creio que você também não, por isso a verdade deve servir".

— Gosto de rap: Snoop Doggy Dog, Ice Cube, esse gênero.

— Puxa, faz-me sentir velha.

— Do que é que gosta?

— Ramones, Sex Pistols, Damned. Quero dizer, quando eu era menina, mesmo menina, o punk estava na moda, sabia? A minha mãe ouvia aquelas músicas melosas dos anos sessenta, que nunca significaram nada para mim, e depois, quando fiz onze anos, bang!, apareceram os Talking Heads. Lembra-se da Psycho Killer!

— Não!

— Okay, a tua mãe tinha razão, sou muito velha para você. Sentou-se ao lado dele. Pôs a mão no seu ombro e enfiou-a debaixo da camisola azul-celeste. Acariciou-lhe o peito, tocando nos mamilos com as pontas dos dedos. Aquilo sabia bem. Estou contente por ter vindo.

Ele também gostaria de tocar nos mamilos dela, mas tinha coisas mais importantes para fazer. Com uma enorme força de vontade, conteve-se.

— Precisamos falar a sério.

— Tem razão. Ela endireitou-se e bebeu um gole de vinho. Primeiro você. O teu pai ainda está preso?

"Meu Deus, o que é que vou responder?"

— Não, primeiro você — retorquiu ele. Disse que tinha muito para me contar.

— Okay. Primeiro, já sei quem violou a Lisa. Ele chama-se Harvey Jones e mora em Filadélfia.

"Deus do Céu!" Harvey esforçou-se por manter uma expressão impassível. "Ainda bem que vim aqui".

— Tem provas?

— Estive no apartamento dele. O vizinho deixou-me entrar com uma chave extra.

"O cabrão do maricas! Vou partir-lhe o pescoço".

— Encontrei o boné de basebol que ele tinha no domingo. Estava pendurado atrás da porta.

"Gaita, devia tê-lo deitado fora. Mas nunca pensei que alguém me descobrisse".

— Foi estupenda! — disse.

"O Steve ficaria encantado com estas notícias, pois assim livrava-se de ir preso".

— Já contou tudo à Polícia?

— Não, deixei recado à Mish, mas ela ainda não me telefonou.

"Aleluia! Ainda tenho uma hipótese!"

— Não se preocupe — continuou Jeannie. Ele não faz ideia de que já o caçamos. Mas ainda não ouviu a melhor. Quem mais conhecemos que se chame Jones?

"Devo responder: "Berrington"? O Steve pensaria nisso?"

— É um nome vulgar...

— O Berrington, é claro! Acho que o Harvey foi criado como filho do Berrington!

"Agora tenho de fingir espanto".

— Incrível! — exclamou.

"O que raio faço a seguir? Talvez o meu pai tenha alguma ideia. Tenho de contar-lhe isto. Preciso de uma desculpa para fazer um telefonema".

Ela abanou a cabeça.

— Ei, olha para as tuas unhas!

"Foda-se, o que foi agora?"

— O que é que têm?

— Cresceram tão depressa! Quando saíste da prisão estavam todas partidas. Agora estão estupendas!

— Eu sempre recuperei muito depressa.

Ela virou a mão dele para cima e lambeu-lhe a palma.

— Hoje estás muito excitada — comentou ele.

— Meu Deus, atirei-me para você muito depressa, não foi? Já outros homens lhe haviam dito aquilo. Steve estava um pouco reticente desde que entrara, e ela percebeu porquê. Já sei por que diz isso. Durante a semana passada estive sempre a dar-te para trás e agora tem a impressão de que quero comer-te ao jantar.

Ele assentiu.

— Sim, mais ou menos.

— Eu sou mesmo assim. Quando me decido por um homem, está decidido. Levantou-se. Okay, vou refrear os meus impulsos. Foi até à kitchenette e tirou uma frigideira do armário. Era tão pesada que tinha de lhe pegar com as duas mãos. Ontem comprei comida para você. Tem fome? A frigideira estava cheia de pó (ela não cozinhava muito) e limpou-a com um pano. Quer uns ovos?

— Nem por isso. Então, diz-me lá, foste uma punke.

Ela pousou a frigideira.

— Sim, durante algum tempo. Roupas rasgadas, cabelo verde.

— Drogas?

— Tomava speeds na escola sempre que tinha dinheiro.

— Em que partes do corpo fizeste piercing?

De repente, ela lembrou-se do pôster no quarto de Harvey Jones, da mulher rapada com a argola presa nos lábios da vagina, e estremeceu.

— Só no nariz — respondeu. Desisti do punk pelo ténis quando tinha quinze anos.

— Conheci uma garota que tinha uma argola no mamilo.

Jeannie sentiu uma pontada de ciúmes.

— Dormiu com ela?

— Claro.

— Patife!

— Pensava que eu ainda era virgem?

— Não me peça para ser racional!

Ele levantou as mãos num gesto defensivo.

— Okay, não peço!

— Ainda não me contou o que aconteceu ao teu pai.

— Por que não ligamos para minha casa e sabemos as novidades?

Se ela o ouvisse marcar o número com sete dígitos, saberia que ele estava a fazer uma chamada local, ao passo que o pai comentara que Steve Logan vivia em Washington, DC. Com o auscultador na mão, carregou no botão do descanso enquanto marcava três números, a fingir de indicativo; depois, largou-o e marcou o número de casa do pai.

Foi ele quem atendeu.

— Olá, mãe — disse Harvey. Encostou bem o auscultador à orelha, esperando que o pai não dissesse: "Quem fala? Deve ter-se enganado no número".

Mas o pai percebeu logo.

— Está com a Jeannie?

"Boa, pai".

— Sim. Liguei para saber se o pai já tinha saído da prisão.

— O coronel Logan continua preso, mas não está na prisão. Quem o tem é a Polícia Militar.

— É pena, pensei que ele já tinha sido libertado.

— Pode contar-me... alguma coisa? — perguntou o pai, hesitante. Harvey sentia-se tentado a olhar para Jeannie, a fim de saber se ela estava acreditando na sua representação, mas sabia que isso o faria parecer culpado,

portanto, obrigou-se a olhar para a parede.

— A Jeannie fez maravilhas, mãe. Descobriu o verdadeiro violador. Esforçou-se por parecer satisfeito. Chama-se Harvey Jones. Estamos só à espera que a Polícia lhe ligue.

— Meu Deus! Isso é horrível!

— Sim, não é fantástico?

"Não pareças tão irônico, estúpido!"

— Pelo menos já estamos avisados. Pode impedi-la de falar com a Polícia?

— Creio que vou ter de fazer isso.

— E quanto à Genético? Ela tenciona tornar público aquilo que descobriu a nosso respeito?

— Ainda não sei.

"Deixa-me desligar antes que me traia".

— Vê lá se descobre. Isso também é importante. "Muito bem!"

— Okay. Bem, espero que o pai saia em breve. Liga-me se souber de alguma coisa, está bem?

— É seguro?

— Pergunta pelo Steve. Riu-se, como se tivesse contado uma piada.

A Jeannie pode reconhecer a minha voz. Mas peço ao Preston para ligar.

— Exatamente.

— Okay.

— Adeus. Harvey desligou.

— Devia voltar a ligar para a esquadra — disse Jeannie. Talvez eles não tenham percebido que isto é urgente. Pegou no telefone.

Ele viu que tinha de matá-la.

— Primeiro, dá-me um beijo — disse.

Ela deslizou para os seus braços, encostada ao balcão da cozinha. Abriu a boca ao seu beijo. Ele acariciou-a.

— Que linda blusa — murmurou; depois agarrou no seio dela com a sua grande mão.

O mamilo ficou duro, mas Jeannie não se sentiu tão bem como esperava. Tentou descontraí-la e gozar o momento por que tanto ansiara. Ele enfiou-lhe as mãos debaixo da blusa e Jeannie arqueou ligeiramente as costas quando ele agarrou nos seus dois seios. Como sempre, sentiu-se um pouco atrapalhada, receando que ele ficasse desiludido. Todos os homens com quem dormira tinham adorado os seus seios, mas ela ainda estava convencida de que eram demasiado pequenos. Tal como os outros, Steve não pareceu desiludido. Levantou-lhe a blusa, baixou a cabeça até ao peito dela e começou a chupar-lhe os mamilos.

Ela olhou para ele. Da primeira vez que um rapaz lhe fizera aquilo ela achara um absurdo, um regresso à infância. Em breve começara a gostar e até gostava de fazer o mesmo a um homem. Contudo, naquele momento nada parecia funcionar. O corpo dela respondia, mas num recanto da sua mente mantinha-se uma certa dúvida que a impedia de se concentrar no prazer. Ficou aborrecida consigo própria. "Já ontem estraguei tudo por causa das paranóias! Hoje não vou fazer o mesmo".

Ele pressentiu a tensão dela. Endireitando-se, disse:

— Não está à vontade. Vamos sentar-nos no sofá. Certo de que ela concordaria, sentou-se. Jeannie seguiu-o. Ele alisou as sobrancelhas com a ponta do indicador e inclinou-se para ela.

Ela recuou.

— O que foi? — perguntou ele.

"Não! Não pode ser!"

— Você... fez aquilo com as sobrancelhas.

— Aquilo o quê?

Ela levantou-se de um pulo.

— Patife! — gritou. Como se atreveu!

— Que merda vem a ser esta? — perguntou ele, mas não conseguiu fingir: Jeannie percebia pela sua expressão que sabia exatamente o que estava a passar-se.

— Sai da minha casa! — gritou Jeannie. Ele tentou manter o jogo.

— Primeiro, atira-se para mim, depois se afasta!

— Eu sei quem você é, patife, é o Harvey! Ele desistiu de representar.

— Como é que soube?

— Tocou nas sobrançelas com a ponta do dedo, tal como o Berrington.

— E o que importa isso? — perguntou ele, levantando-se. Já que somos tão parecidos, podia fingir que eu era o Steve.

— Põe-te a andar!

Ele tocou na parte da frente das calças, mostrando-lhe a sua ereção.

Agora que chegamos até aqui, não me vou embora com os tomates cheios.

"Meu Deus, agora estou metida num grande confusão. Este homem é um animal".

— Afaste-se de mim!

Ele avançou na direção dela, sorrindo.

— Vou tirar essas calças justas e ver o que há por baixo. Jeannie lembrou-se de Mish ter dito que os violadores saboreavam o medo da vítima.

— Não tenho medo de você — disse ela, tentando manter a voz calma. Mas, se me tocar, juro que te mato.

Ele moveu-se muito depressa. De repente, agarrou-a, levantou-a e atirou-a para o chão. O telefone tocou.

— Socorro! Senhor Oliver! Socorro! — gritou ela.

Harvey agarrou no pano que estava no balcão da cozinha e enfiou-lhe na boca, magoando-lhe os lábios. Ela engasgou-se e começou a tossir. Harvey segurou-lhe os braços para que ela não pudesse tirar o pano da boca. Jeannie tentou tirá-lo com a língua, mas não conseguiu, pois era muito grande. Teria o Senhor Oliver ouvido o seu grito? Ele era velhote e costumava ter a televisão muito alta.

O telefone continuava a tocar.

Harvey agarrou na cintura das calças de jeans dela. Jeannie contorceu-se, afastando-se. Ele esbofeteou-a com tanta força que ela viu estrelas. Enquanto estava atordoada, despiu-lhe as calças e a calcinha.

— Uau, uma peluda! — exclamou ele.

Jeannie tirou o pano da boca e gritou:

— Socorro, socorro!

Harvey tapou-lhe a boca com a mão enorme, abafando os seus gritos, e deitou-se em cima dela, deixando-a sem fôlego. Os nós dos dedos magoaram as coxas dela enquanto tentava abrir o fecho das calças. Depois, começou a fazer força contra ela, tentando penetrá-la. Jeannie contorcia-se, desesperada, esforçando-se por tirá-lo de cima de si, mas ele era muito pesado.

O telefone continuava a tocar. Depois a campainha tocou também.

Harvey não parou.

Jeannie abriu a boca. Os dedos de Harvey escorregaram entre os seus dentes. Ela mordeu-o com toda a força, pensando que não se importava de partir os dentes nos ossos dele. A sua boca ficou cheia de sangue e ouviu-o gritar de dor enquanto tirava a mão.

A campainha voltou a tocar, bastante alto e com muita insistência.

Jeannie cuspiu o sangue de Harvey e tornou a gritar.

— Socorro! Socorro, socorro, socorro!

Lá em baixo ouviu-se um grande estrondo, depois outro, seguido do som de madeira a partir-se.

Harvey levantou-se, agarrado à mão ferida.

Jeannie rolou sobre si mesma, levantou-se e recuou três passos, afastando-se dele.

A porta abriu-se de rompante. Harvey virou-se, ficando de costas para Jeannie.

Steve entrou.

Steve e Harvey olharam um para o outro, perplexos, durante algum tempo.

Eram exatamente iguais. O que aconteceria se lutassem? Tinham a mesma altura, o mesmo peso, a mesma força e a mesma preparação física. Um duelo poderia durar para sempre.

Num impulso, Jeannie pegou na frigideira com ambas as mãos.

Imaginando que estava no court de tênis a lançar a bola com toda a força, deslocou o seu peso para o pé da frente, ganhou balanço e fez rodar a frigideira com toda a força.

Acertou na nuca de Harvey, mesmo no ponto fraco.

Ouviu-se um baque repelente. As pernas de Harvey ficaram moles. Ele caiu sobre os joelhos, balançando.

Como se tivesse corrido para a rede para acertar na bola, Jeannie levantou a frigideira bem alto e voltou a bater com ela na cabeça de Harvey com toda a força.

Os seus olhos reviraram-se e por fim ele ficou flácido e caiu no chão.

— Bolas, ainda bem que não bateu no gêmeo errado! — exclamou Steve.

Jeannie começou a tremer. Largou a frigideira e sentou-se num banco da cozinha. Steve abraçou-a.

— Acabou — disse ele.

— Não, não acabou retorquiou ela. Ainda agora começou.

O telefone continuava a tocar.

— Arrumaste o patife disse Steve. Quem é ele?

— É Harvey Jones — respondeu Jeannie. É filho do Berrington Jones. Steve ficou abismado.

— O Berrington criou um dos oito clones como se fosse seu filho? Bolas!

Jeannie olhou para o vulto inconsciente no chão.

— O que vamos fazer?

— Para começar, por que não atende ao telefone? Jeannie pegou nele automaticamente. Era Lisa.

— Quase me aconteceu — disse Jeannie sem qualquer preâmbulo.

— Oh!, não!

— O mesmo tipo.

— Não posso crer! Quer que vá até aí?

— Sim, gostaria muito.

Jeannie desligou. Doía-lhe o corpo por ter sido atirada para o chão, e também a boca, por causa do pano. Ainda sentia o gosto do sangue de Harvey. Encheu um copo de água, bochechou e cuspiu no lava-louça.

— Estamos em perigo, Steve disse. As pessoas que enfrentamos têm amigos poderosos.

— Eu sei.

— Podem tentar matar-nos.

— Não está dizendo-me nada de novo.

Aquela possibilidade quase impediu Jeannie de pensar. "Não posso ficar paralisada pelo medo", reagiu.

— Acha que se eu prometer que não digo nada eles me deixam em paz?

Steve pensou um pouco.

— Não, creio que não respondeu.

— Eu também não. Então, só me resta lutar.

Ouviram-se passos na escada e o Sr. Oliver espreitou lá para dentro.

— Que raio aconteceu aqui? — perguntou. Olhou para o inconsciente Harvey deitado no chão, para Steve e depois de novo para Harvey. Raios me partam!

Steve agarrou nas Levi's pretas de Jeannie e estendeu-lhas. Ela enfiou-as rapidamente, cobrindo a sua nudez. Se o Sr. Oliver reparara, teve tato suficiente para não dizer nada.

— Este deve ser o tipo de Filadélfia — disse, apontando para Harvey. Não admira que pensasse que ele era o seu namorado. Devem ser gêmeos!

— Vou amarrá-lo antes de ele acordar — interveio Steve. Tem alguma corda, Jeannie?

— Eu tenho cabo elétrico — respondeu o Sr. Oliver. Vou buscar a minha caixa de ferramentas. Saiu.

Jeannie abraçou Steve, muito grata. Sentia que tinha acordado de um pesadelo.

— Pensei que era você — disse. Foi tal como ontem, mas desta vez eu não estava sendo paranóica... Tinha razão.

— Dissemos que devíamos inventar um código, mas depois não chegamos a fazer nada.

— Vamos inventá-lo agora. Quando se aproximou de mim no court de tênis no domingo passado disse: "Eu também jogo um pouco de tênis."

— E você respondeu, muito modesta: "Se só joga um pouco de tênis, provavelmente joga pior do que eu".

— Fica esse o código. Se um de nós disser a primeira fala, o outro tem de dizer a segunda.

— Combinado.

O Sr. Oliver regressou com a caixa de ferramentas. Rolou Harvey e começou a atar as mãos dele à frente, unindo as palmas, mas deixando livres os dedos mindinhos.

— Por que não lhe ata as mãos atrás das costas? — perguntou Steve.

Sr. Oliver olhou-o com uma expressão envergonhada.

— Se me permite, desta forma ele pode segurar na pila quando tiver de ir mijar. Aprendi isto na Europa durante a guerra.

— Começou a atar os pés de Harvey. Este tipo não lhe vai causar mais problemas. Agora o que é que tenciona fazer com a porta da frente?

Jeannie olhou para Steve.

— Arrombei-a — respondeu ele.

— É melhor chamar um carpinteiro — disse Jeannie.

— Tenho alguma madeira no quintal interveio o Sr. Oliver. Podia tentar arranjá-la para esta noite podermos fechar a porta. Depois, amanhã mandávamos vir um especialista.

Jeannie sentiu-se profundamente grata.

— Obrigada, é muito amável da sua parte.

— Ora. Isto foi a coisa mais interessante que me aconteceu desde a Segunda Guerra Mundial.

— Eu ajudo-o — ofereceu-se Steve. O Sr. Oliver abanou a cabeça.

— Pelo que percebi, vocês têm muito que conversar. Se vão chamar a Polícia por causa deste tipo, por exemplo. Sem esperar por uma resposta, pegou na caixa de ferramentas e foi-se embora.

Jeannie ordenou as ideias.

— Amanhã, a Genético vai ser vendida por cento e oitenta milhões de dólares, e o Proust ficará apto a concorrer às presidenciais. Entretanto, eu não tenho trabalho e a minha reputação ficou de rastos. Nunca voltarei a trabalhar como cientista. Mas poderia inverter essa situação com tudo aquilo que sei.

— E o que pretende fazer?

— Bem... Podíamos mandar à imprensa um comunicado sobre as experiências.

— Não precisa de provas?

— Você e o Harvey servem de provas, e bem evidentes, por sinal. Especialmente se conseguíssemos fazer-vos aparecer juntos na televisão.

— Sim... no Sixty Minutes, ou qualquer coisa do gênero. A ideia agrada-me. Mas voltou a ficar triste. Não me parece que o Harvey colaborasse.

— Podem filmá-lo amarrado. Depois chamamos a Polícia e isso também pode aparecer na televisão.

Steve assentiu.

— O problema é que tem de agir antes de a Landsmann e a Genético fecharem negócio. Assim que eles tiverem o dinheiro, podem conseguir evitar qualquer publicidade negativa gerada por nós. Mas não estou vendo como é que vamos conseguir aparecer na televisão em tão poucas horas. E a conferência de imprensa deles é amanhã de manhã, segundo o Wall Street Journal.

— Talvez devêssemos organizar a nossa própria conferência de imprensa.

Steve estalou os dedos.

— Já sei! Entramos de rompante na conferência de imprensa deles.

— Exato! Então, talvez os tipos da Landsmann decidam não assinar a papelada e o negócio seja cancelado.

— E o Berrington não ganha todos aqueles milhões de dólares.

— E o Jim Proust não se candidata a presidente.

— Devemos estar malucos — disse Steve. Eles são das pessoas mais poderosas dos Estados Unidos e nós para aqui a falar em dar-lhes cabo da festa!

Lá de baixo veio o som de marteladas. Sr. Oliver começara a arranjar a porta.

— Eles odeiam pessoas de cor, sabes? — disse Jeannie. Toda esta treta sobre os genes bons e os americanos de segunda categoria é apenas fachada. Querem a supremacia branca e escondem-se atrás da ciência. Querem transformar o Senhor Oliver num cidadão de segunda categoria. Que vão para o diabo, não vou ficar de braços cruzados assistindo!

— Precisamos de um plano — observou Steve em tom prático.

— Okay. Primeiro, precisamos saber onde vai ter lugar a conferência de imprensa da Genético.

— Provavelmente num hotel de Baltimore.

— Ligamos para todos, se for preciso.

— Também devíamos alugar um quarto nesse hotel.

— Boa ideia. Depois, eu hei-de arranjar maneira de me enfiar na conferência de imprensa, levanto-me no meio e faço um discurso para a comunicação social ali presente.

— Eles te obrigam a se calar.

— Preciso ter um comunicado pronto a distribuir. Mas nessa altura entra você e o Harvey. Os gêmeos são muito fotogênicos, todas as câmaras se virarão para vocês.

Steve franziu o sobrolho.

— O que é que vai provar com a minha presença e a do Harvey?

— Como vocês são idênticos, causarão um impacto dramático, que fará com que os jornalistas comecem a fazer perguntas. Não devem demorar muito a verificar que vocês têm mães diferentes. Depois de saberem isso, terão conhecimento de que há um mistério que precisa ser desvendado, tal como eu. E sabe bem como eles investigam os candidatos presidenciais.

— Mesmo assim, acho que três seria melhor do que apenas dois — disse Steve. Acha que poderemos contar com a presença de um dos outros?

— Podíamos tentar. Podíamos convidá-los todos e esperar que pelo menos um aparecesse.

No chão, Harvey abriu os olhos e gemeu.

Jeannie quase se esquecera dele. Olhou para Harvey e esperou que a sua cabeça estivesse doendo. Depois, sentiu remorsos por ser tão vingativa.

— Depois das pancadas que lhe dei, acho que ele devia ir a um médico.

Harvey recuperou depressa.

— Desamarra-me, sua puta de merda! — exclamou ele.

— Esquece o médico — disse Jeannie.

— Desamarra-me agora, ou juro que te corto as mamas com uma navalha assim que estiver livre.

Jeannie enfiou-lhe o pano na boca.

— Cale-se, Harvey!

— Vai ser interessante tentar metê-lo no hotel amarrado — disse Steve.

Ouviram a voz de Lisa lá em baixo, a cumprimentar o Sr. Oliver. Momentos depois, ela entrou, vestindo calças de jeans e botas Doe Marten's. Olhou para Steve e para Harvey.

— Meu Deus, é verdade! — exclamou. Steve levantou-se.

— Eu sou aquele que você identificou lá na esquadra — disse. Mas foi ele que te atacou.

— O Harvey tentou fazer-me aquilo que te fez — explicou Jeannie. O Steve apareceu a tempo e arrombou a porta.

Lisa aproximou-se de Harvey. Olhou para ele durante um longo momento; depois, com uma expressão pensativa, levantou o pé e golpeou-o nas costelas com toda a força com a biqueira de aço da bota. Ele gemeu e contorceu-se de dor.

Ela repetiu a agressão.

— Bolas — disse, abanando a cabeça, soube mesmo bem. Jeannie pô-la rapidamente ao corrente dos acontecimentos.

— Aconteceu muita coisa enquanto eu estava dormindo — observou ela, espantada.

— Já está na universidade há um ano, Lisa — observou Steve. Admira-me que nunca tenha visto o filho do Berrington.

— Ele não confraterniza muito com os colegas — disse ela. Julga-se uma grande vedete. É até possível que ninguém da faculdade tenha visto o Harvey.

Jeannie delineou o plano para perturbar a conferência de imprensa.

— Estávamos dizendo que nos sentiríamos mais confiantes se um dos outros clones pudessem estar presentes.

— Bem, o Per Ericson morreu, o Dennis Pinker e o Murray Claud estão presos, mas ainda nos restam três possibilidades: o Henry King, de Boston, o Wayne Stattner, de Nova Iorque, e o George Dassault. Este pode viver em Buffalo, Sacramento ou Houston, não sabemos ao certo, mas podíamos tentar localizá-lo. Eu tomei nota de todos os números de telefone.

— Eu também — disse Jeannie.

— Acham que eles conseguiriam lá chegar a tempo? — perguntou

Steve.

— Podíamos ver na Internet que voos há para cá — sugeriu Lisa. Onde está o teu computador, Jeannie?

— Foi roubado.

— Tenho o meu portátil no carro. Vou buscá-lo. Enquanto ela ia lá fora, Jeannie afirmou:

— Vamos ter de dizer qualquer coisa muito convincente para persuadir os clones a virem até Baltimore assim em cima da hora.

— E vamos ter de lhes pagar as passagens. Não sei se o meu cartão de crédito ainda tem dinheiro.

— Eu tenho um American Express que a minha mãe me deu para situações de emergência. Sei que ela consideraria isto uma emergência.

— Que bela mãe — comentou Jeannie com inveja.

— É verdade.

Lisa apareceu e ligou o seu computador ao modem de Jeannie.

— Esperem aí — disse Jeannie. Vamos organizar-nos.

Jeannie escreveu o comunicado, Lisa acedeu à WorldSpan Travelshopper e verificou os voos e Steve pegou nas páginas amarelas e começou a ligar aos principais hotéis.

— Os senhores têm alguma conferência de imprensa agendada para amanhã para a Genético, Inc., ou para a Landsmann? — perguntava ele.

Depois de seis tentativas, ocorreu-lhe que talvez a conferência de imprensa não se realizasse num hotel. Podia ter lugar num restaurante, ou num local mais exótico, como a bordo de um barco; ou talvez houvesse espaço suficiente no edifício da Genético, a norte da cidade. Mas no sétimo telefonema teve sorte.

— Sim, é ao meio-dia, na Sala Regency — informou um recepcionista prestativo.

— Ótimo! — exclamou Steve. Jeannie interrogou-o com os olhos e ele sorriu, levantando o polegar. Seria possível reservar um quarto para esta noite?

— Vou passá-lo às reservas. Aguarde um momento, por favor. Steve reservou o quarto e pagou com o cartão de crédito.

— Há três voos da USAir que permitiriam ao Henry King chegar aqui a tempo — disse Lisa quando ele desligou. Partem às seis e vinte, às sete e quarenta e às nove e quarenta e cinco. Há lugares em todos.

— Reserva um lugar para as nove e quarenta e cinco — disse Jeannie.

Steve passou a Lisa o cartão de crédito e ela inseriu os dados no computador.

— Ainda não sei como hei-de convencê-lo a vir até aqui — comentou Jeannie.

— Disse que ele era estudante e trabalhava num bar? — perguntou Steve.

— Sim.

— Então precisa de dinheiro. Deixa-me experimentar uma coisa. Qual é o número dele?

Jeannie deu-lho.

— Chamam-lhe Hank — informou ela.

Steve marcou o número. Ninguém respondeu. Abanou a cabeça, desapontado.

— Não há ninguém em casa.

Jeannie ficou igualmente desiludida durante algum tempo, mas depois estalou os dedos.

— Talvez esteja trabalhando no tal bar. Deu o número a Steve e ele marcou-o.

O telefone foi atendido por um homem com sotaque hispânico.

— Fala do Blue Note.

— Posso falar com o Hank?

— Ele está trabalhando, sabia? — perguntou o homem, irritado.

Steve sorriu para Jeannie e, sem falar, mexeu os lábios, dizendo: "Ele está lá!"

— É muito importante, e não vou demorá-lo.

Um minuto mais tarde uma voz igual à de Steve fez-se ouvir do outro lado da linha.

— Sim, quem fala?

— Olá, Hank, aqui fala Steve Logan. Temos algo importante em comum.

— Está vendendo alguma coisa?

— A tua mãe e a minha fizeram um tratamento na Clínica Aventine antes de nós nascermos. Pode confirmar isso com ela.

— E então?

— Resumindo, vou processar a clínica em dez milhões de dólares e gostaria que te juntasses ao processo.

Houve uma pausa.

— Não sei se existe ou não, pá, mas, seja como for, não tenho dinheiro para instaurar um processo.

— Eu pagarei todos os custos legais. Não quero o teu dinheiro.

— Então por que está telefonando?

— Porque o meu caso ficará mais forte com a tua presença.

— É melhor escreveres-me a contar os pormenores...

— Aí é que está o problema. Preciso que esteja em Baltimore, no Hotel Stouffer, amanhã ao meio-dia. Vou organizar uma conferência de imprensa e preciso que apareça.

— Quem é que quer ir a Baltimore? Não é Honolulu. "Vá lá, idiota!"

— Tens uma reserva no voo da USAir que sai daí às nove e quarenta e cinco. O teu bilhete já está pago, como poderá verificar. Basta levantá-lo no aeroporto.

— Está dizendo que quer partilhar dez milhões de dólares comigo?

— Oh!, não! Vais receber os teus dez milhões.

— Por que está processando-os?

— Pela violação do contrato por fraude.

— Eu estudo Gestão. Não há um prazo de prescrição do procedimento criminal? Uma coisa que aconteceu há vinte e três anos...

— Há, sim, mas começa a partir da descoberta da fraude. E neste caso isso sucedeu a semana passada.

Ao fundo, uma voz espanholada gritou:

— Ei, Hank, tens cem clientes à espera!

— Começa a parecer mais convincente — disse Hank.

— Isso quer dizer que vem?

— Bolas, não! Quer dizer que vou pensar no assunto depois de largar o trabalho. Agora tenho de ir servir bebidas.

— Pode contatar-me no hotel... disse Steve, mas... tarde de mais: Hank já desligara.

Jeannie e Lisa fitavam-no. Ele encolheu os ombros.

— Não sei — disse, com ar frustrado. Não sei se o convenci ou não.

— Temos de esperar e ver se ele aparece — observou Lisa.

— O que faz o Wayne Stattner?

— É dono de algumas discotecas. Provavelmente já tem dez milhões de dólares.

— Então temos de aguçar a curiosidade dele. Tem o número?

— Não.

Steve ligou para o serviço de informações.

— Se ele é uma celebridade, o seu número pode não estar na lista.

— Talvez venha o número de um escritório. Foi atendido e disse o que pretendia. Momentos depois, tinha o número. Marcou-o e falou para uma secretária eletrônica. Olá, Wayne, daqui fala Steve Logan e já deve ter reparado que a minha voz é igual à tua. Isso é porque, quer acredite quer não, somos iguaizinhos. Tenho um metro e oitenta e cinco, peso oitenta e cinco quilos e sou igual a você, exceto na cor do cabelo. Provavelmente, temos outras coisas em comum: eu sou alérgico a nozes de macadâmia, não tenho unhas nos dedos pequenos dos pés, e quando estou pensando coço as costas da mão esquerda com os dedos da direita. Agora o mais emocionante: não somos gêmeos. Há muitos iguais a nós. Um deles cometeu um crime na Universidade Jones Falis no passado domingo... Foi por isso que ontem recebeu a visita da Polícia de Baltimore. E amanhã vamos encontrar-nos no Hotel Stouffer, em Baltimore, ao meio-dia. Isto é estranho, Wayne, mas juro que é verdade. Liga para o hotel e pergunta por mim ou pela doutora Jeannie Ferrami, ou aparece. Vai ser interessante. Desligou e olhou para Jeannie. O que é que achou?

Ela encolheu os ombros.

— Ele pode dar-se ao luxo de fazer o que bem lhe apetecer. Talvez fique intrigado. E, com a profissão dele, não deve ter coisas muito urgentes para fazer na segunda-feira de manhã. Por outro lado, não me parece que se meta num avião por causa de uma mensagem.

O telefone tocou e Steve levantou automaticamente o auscultador.

— Sim?

— Posso falar com o Steve? A voz era desconhecida.

— Fala o Steve.

— Daqui é o tio Preston. Vou passar ao teu pai.

Steve não tinha nenhum tio chamado Preston. Franzziu o sobrolho, perplexo. Momentos depois, surgiu outra voz.

— tem alguém com você? Ela está ouvindo?

De súbito, Steve percebeu. A perplexidade deu lugar ao choque. Não sabia o que devia fazer.

— Um momento. Tapou o bocal com a mão.

— Acho que é o Berrington Jones! — exclamou ele para Jeannie. E julga que sou o Harvey. O que raio devo fazer?

Jeannie levantou as mãos num gesto de espanto.

— Improvisa! — respondeu.

— Eh, obrigado! Steve encostou o telefone à orelha. Hum, sim, é o Steve.

— O que é que se passa? Já está aí há horas!

— Acho que sim...

— Já descobriu o que a Jeannie pretende fazer?

— Hum... sim, já.

— Então vem para cá contar-nos!

— Okay.

— Não está aí retido, pois não?

— Não.

— Calculo que lhe deste uma queca.

— Mais ou menos.

— Veste as malditas calças e vem para casa! Estamos numa grande confusão!

— Okay.

— Quando desligar, diz que foi uma pessoa que trabalha para o advogado dos teus pais a informar-te de que tem de ir para Washington o mais depressa possível. Vai ser a tua história e dá-te um bom motivo para se mexer.

— Okay, Okay. Estou aí logo que possa. Berrington desligou e Steve fez

o mesmo.

Os ombros dele inclinaram-se para a frente com alívio.

— Acho que o enganei.

— O que é que ele disse? — perguntou Jeannie.

— Foi muito interessante. Parece que o Harvey foi enviado para descobrir quais são as tuas intenções. Estão preocupados com aquilo que pode fazer, sabendo o que sabe.

— Quem é que o enviou?

— O Berrington e uma pessoa chamada tio Preston.

— Preston Barck, o presidente da Genético. Então, por que telefonaram?

— Sentiam-se impacientes. O Berrington cansou-se de esperar. Creio que ele e os amigos querem essa informação para arranjar forma de ripostar. Ele disse-me para fingir que tenho de ir já para Washington falar com o advogado e para ir ter com ele o mais depressa possível. Jeannie ficou preocupada.

— Isso é muito mau. Quando o Harvey não aparecer, o Berrington vai perceber que se passa qualquer coisa. Ficarão de sobreaviso. Não se sabe o que poderão fazer: mudar a conferência de imprensa para outro local, aumentar a segurança, para não podermos entrar, ou até cancelar tudo e assinar os papéis no gabinete do advogado.

Steve franziu o sobrolho, olhando para o chão. Tinha uma ideia, mas hesitava propô-la.

— O Harvey deve ir para casa — disse ele, por fim. Jeannie abanou a cabeça.

— Ele tem estado ali deitado a ouvir a conversa. Vai contar-lhes tudo.

— Não, se eu for no lugar dele. Jeannie e Lisa fitaram-no, abismadas.

Ele ainda não delineara nada e continuava a pensar em voz alta.

— Vou a casa do Berrington e finjo que sou o Harvey. Isso deixá-los-á tranquilos.

— Steve, é tão perigoso! Não sabe nada da vida deles. Nem sequer sabe onde fica o banheiro.

— Se o Harvey conseguiu te enganar, acho que consigo enganar o Berrington. Steve tentou parecer mais confiante do que aquilo que se sentia.

— O Harvey não me enganou. Descobri quem ele era.

— Mas te enganou durante algum tempo.

— Durante menos de uma hora. Você teria de lá ficar mais tempo.

— Nem por isso. O Harvey regressa normalmente a casa no domingo à noite, como sabemos. Estarei de volta à meia-noite.

— Mas o Berrington é o pai do Harvey. É impossível.

Ele sabia que ela tinha razão.

— Tem alguma ideia melhor?

Jeannie pensou durante bastante tempo, depois respondeu:

— Não.

Steve vestiu as calças azuis de bombazina de Harvey, a sua camisa azul-celeste, e meteu-se no Datsun de Harvey rumo a Roland Park. Já era de noite quando chegou a casa de Berrington. Estacionou atrás de um Lincoln Town Car cinzento-prateado e ficou sentado durante algum tempo, ganhando coragem.

Tinha de fazer tudo bem. Se fosse descoberto, era o fim de Jeannie. Mas nada possuía em que pudesse basear-se, nenhuma informação. Teria de estar atento a todas as sugestões, sensível às expectativas, descontraído com os erros. Desejou ser ator.

"Com que disposição está o Harvey?", interrogou-se. "Foi chamado de forma algo peremptória pelo pai. Talvez estivesse a divertir-se com a Jeannie. Creio que está de mau humor".

Suspirou. Não podia adiar o tão temido momento durante mais tempo. Saiu do carro e dirigiu-se à porta da frente.

Havia várias chaves no porta-chaves de Harvey. Olhou para a fechadura da porta de Berrington. Julgou ver a palavra Yale. Procurou uma chave Yale. Antes de a encontrar, Berrington abriu a porta.

— O que está fazendo aí espedado? — perguntou, irritado. Entra.

Steve entrou.

— Vai para o escritório — ordenou Berrington.

"Onde raio fica o escritório?" Steve reprimiu uma onda de pânico. A casa era uma vulgar casa de um só piso, construída nos anos 70. À sua esquerda, através de um arco, viu a sala de estar com móveis formais e vazia. Em frente havia um corredor com várias portas, que, calculou ele, davam para os quartos. À sua direita encontravam-se duas portas fechadas. Uma era provavelmente a do escritório... Mas qual?

— Vai para o escritório — repetiu Berrington, não fosse o rapaz não ter ouvido.

Steve escolheu uma porta ao acaso. Escolheu a errada. Era a do banheiro. Berrington olhou para ele, irritado.

Steve hesitou durante um momento, depois lembrou-se que devia estar de mau humor.

— Posso mijar primeiro, não posso? — ripostou. Sem esperar por uma resposta, entrou e fechou a porta.

Era o banheiro das visitas, apenas com o sanitário e o lavatório. Apoiou-se ao lavatório e olhou-se ao espelho.

— Você é maluco — disse ao seu reflexo. Puxou a descarga, lavou as mãos e saiu.

Ouviu vozes de homens no interior da casa. Abriu a porta ao lado da do banheiro: o escritório era ali. Entrou, fechou a porta e olhou em volta. Havia uma secretária, um arquivo de madeira, muitas prateleiras cheias de livros, uma televisão e alguns sofás. Na secretária encontrava-se a fotografia de uma mulher loura com cerca de quarenta anos, roupas de há vinte e um bebê ao colo. "A ex-mulher do Berrington? A minha "mãe"? Abriu as gavetas da secretária uma após a outra, espreitando lá para dentro, e em seguida inspecionou o arquivo. Na gaveta de baixo encontrava-se uma garrafa de uísque de malte Springbank e alguns copos de cristal, quase como se estivessem escondidos. Talvez fosse um capricho de Berrington. Quando fechou a gaveta, a porta abriu-se e Berrington entrou, seguido por dois homens. Steve reconheceu o senador Proust, cuja enorme cabeça careca e o grande nariz eram uma constante nos noticiários da televisão. Calculou que o homem de cabelo preto e ar calmo fosse o "tio" Preston Barck, o presidente da Genético.

Lembrou-se de se mostrar irritado.

— Não precisava de me ter arrastado para aqui com tanta pressa! Berrington adotou um tom conciliatório.

— Acabamos de jantar — disse. Quer comer alguma coisa? A Marianne pode trazer-te um tabuleiro.

O estômago de Steve estava todo embrulhado devido à tensão, mas com certeza que Harvey iria querer jantar, e Steve precisava parecer o mais natural possível, por isso, fingiu ficar mais calmo.

— Claro que como qualquer coisa! — exclamou.

— Marianne! — gritou Berrington. Passado algum tempo, uma bela garota negra, com ar nervoso, apareceu à porta. Traz o jantar do Harvey num

tabuleiro.

— É para já, monsieur — respondeu ela calmamente.

Steve viu-a afastar-se, reparando que passava pela sala de estar a caminho da cozinha. Talvez a sala de jantar ficasse também nessa direção, a menos que comessem na cozinha.

Proust inclinou-se para a frente.

— Então, meu rapaz, o que é que ficou sabendo? Steve inventara um plano de ação para Jeannie.

— Acho que podem desconstrair-se, pelo menos por agora — respondeu. A Jeannie Ferrami pretende processar a Universidade Jones Falis pela sua demissão sem justa causa. Acha que vai poder referir a existência dos clones durante o processo. Até essa altura não pretende tornar nada público. Na quarta-feira tem uma reunião com o advogado.

Os três homens ficaram aliviados.

— Um processo por demissão sem justa causa — comentou Proust. Isso vai levar pelo menos um ano. Temos muito tempo para planejar o que precisamos fazer.

"Enganei-vos, seus velhos patifes".

— E o caso da Lisa Hoxton? — perguntou Berrington.

— Ela sabe quem eu sou e acha que fui eu, mas não tem provas. Provavelmente irá acusar-me, mas creio que tudo será visto como uma tentativa desesperada de uma antiga empregada vingativa.

Berrington assentiu.

— Ainda bem, mas mesmo assim vai precisar de um advogado. Sabe o que iremos fazer? Vai dormir aqui esta noite... Também já é tarde para regressar a Filadélfia.

"Não quero passar a noite aqui!"

— Não sei...

— Vais conosco à conferência de imprensa de manhã e depois vamos falar com o Henry Quinn.

"É demasiado arriscado! Não entre em pânico, pensa."

— Se ficar aqui, saberei exatamente o que estes três patifes pretendem fazer. Isso vale o risco. Creio que não pode acontecer muita coisa enquanto eu estiver dormindo. Podia tentar telefonar à Jeannie, para ela ficar sabendo o que se passa".

Tomou a decisão numa fração de segundos.

— Okay — respondeu.

— Bem, temos estado para aqui a preocupar-nos desnecessariamente — disse Proust.

Barck não foi tão rápido a aceitar as boas notícias.

— A garota não se lembrou de tentar sabotar a venda da Genético? — perguntou ele, desconfiado.

— Ela é inteligente, mas não creio que tenha olho para o negócio — respondeu Steve.

— Que tal é ela na cama? — inquiriu Proust, piscando o olho.

— Impetuosa — respondeu Steve com um sorriso, e Proust fartou-se de rir.

Marianne regressou com um tabuleiro: frango cortado, salada com cebola, pão e uma Budweiser. Steve sorriu-lhe.

— Obrigado disse. Isto tem um ótimo aspecto.

Ela olhou-o, admirada, e Steve percebeu que Harvey não devia dizer "obrigado" muitas vezes. Pelo canto do olho, viu que Barck estava de sobrolho franzido.

"Cuidado, cuidado! Não estrague tudo agora, os tem onde queria, só precisa de aguentar mais uma hora até ir deitar-se".

Começou a comer.

— Lembra-se de quando eu te levei a almoçar ao Hotel Plaza em Nova Iorque... quando tinhas dez anos?

Steve estava prestes a dizer que sim quando viu a expressão intrigada de Berrington.

"Isto será um teste? O Barck está desconfiado?"

— Ao Plaza? — perguntou, de sobrolho franzido. Fosse como fosse, só

podia dar uma resposta. Eh!, pá, tio Preston, não me lembro.

— Talvez tenha sido o filho da minha irmã — disse Barck. "Livra!"

Berrington levantou-se.

— A cerveja fez-me sempre mijar como um cavalo — comentou. Saiu da sala.

— Preciso de um scotch — declarou Proust.

— Experimente a gaveta de baixo no arquivo — disse Steve. É aí que o pai costuma guardá-lo.

Proust levantou-se e abriu a gaveta.

— Boa, meu rapaz! — exclamou. Pegou na garrafa e em alguns copos.

— Conheço esse esconderijo desde os doze anos — continuou Steve. Foi quando comecei a surripiá-lo às escondidas.

Proust riu a bom rir. Steve olhou fugazmente para Barck. A desconfiança desaparecera do seu rosto, dando lugar a um sorriso.

O Sr. Oliver apareceu com uma enorme pistola que guardara desde a Segunda Guerra Mundial.

— Roubei-a a um prisioneiro alemão — explicou ele. Os soldados negros não tinham autorização para andar armados nesses tempos. Sentou-se no sofá de Jeannie, apontando a arma a Harvey.

Lisa estava ao telefone, tentando localizar George Dassault.

— Vou para o hotel fazer o reconhecimento — disse Jeannie. Enfiou alguma roupa na mala e seguiu para o Hotel Stouffer, perguntando a si própria como conseguiria meter Harvey no quarto sem atrair a atenção dos seguranças.

O Stouffer tinha uma garagem subterrânea: isso era bom. Deixou o carro ali e apanhou o elevador. Este parava na recepção, não seguia até aos quartos. Para isso era necessário apanhar outro elevador, mas os vários que ali existiam encontravam-se agrupados num corredor junto ao átrio de entrada, não sendo visíveis da recepção, e demoraria apenas alguns segundos a atravessar o corredor desde o elevador da garagem até ao que subia para os quartos. Teriam de levar Harvey ao colo, de arrastá-lo, ou ele cooperaria e seguiria pelo seu pé? Jeannie não sabia.

Foi buscar a chave à recepção, subiu até ao quarto, deixou aí a mala e em seguida regressou imediatamente ao seu apartamento.

— Consegui apanhar o George Dassault! — exclamou Lisa, muito excitada, quando ela entrou.

— Ótimo! Onde?

— Descobri a mãe dele em Buffalo e ela deu-me o número de telefone dele em Nova Iorque. É ator no teatro independente.

— Ele vem amanhã?

— Sim. "Faço qualquer coisa para ter publicidade", disse-me. Reservei-lhe um lugar no avião e disse que o ia buscar ao aeroporto.

— Isso é ótimo!

— Vamos ter três clones: vai parecer incrível na televisão.

— Isso se conseguirmos meter o Harvey no hotel. Jeannie virou-se para o Sr. Oliver. Podemos evitar o porteiro se entrarmos pela garagem. O elevador de lá só vai até ao rés-do-chão. Tem de sair dali e apanhar outro elevador para os quartos. Mas as portas ficam relativamente escondidas.

— Mesmo assim, vamos ter de mantê-lo em silêncio durante uns bons cinco ou dez minutos, enquanto eu o levo do carro para o quarto — disse o Sr. Oliver com ar cético. E se algum dos outros hóspedes o vê amarrado? Podem fazer perguntas, ou chamar os seguranças.

Jeannie olhou para Harvey, amarrado e amordaçado no chão. Ele observava-os e escutava a conversa.

— Já pensei no assunto e tenho algumas ideias — disse Jeannie. Pode voltar a amarrar-lhe os pés de forma que ele consiga andar, mas devagar?

— Claro.

Enquanto o Sr. Oliver fazia o que lhe fora pedido, Jeannie foi até ao quarto. Tirou do roupeiro um sarong que comprara para a praia, um enorme xale, um lenço e uma máscara de Nancy Reagan que lhe tinham dado numa festa e que ela se esquecera de jogar fora.

O Sr. Oliver estava levantando Harvey. Assim que ficou de pé, Harvey agrediu o Sr. Oliver com as mãos amarradas. Jeannie ficou sem fôlego e Lisa gritou, mas o Sr. Oliver parecia já esperar aquilo. Fugiu ao golpe com facilidade, depois agrediu Harvey no estômago com a coronha da pistola. Harvey gemeu e dobrou-se, e o Sr. Oliver tornou a bater-lhe com a coronha, mas desta vez na cabeça. Harvey caiu sobre os joelhos. Parecia mais dócil.

— Quero vesti-lo disse Jeannie.

— Faça favor — retorquiu o Sr. Oliver. Eu fico a ver e bato-lhe de vez em quando, para ele colaborar.

Nervosa, Jeannie enrolou o sarong à volta da cintura de Harvey e prendeu-o como se fosse uma saia. As suas mãos tremiam: detestava estar tão perto dele. A saia era comprida e tapava os tornozelos de Harvey, ocultando o cabo elétrico que o prendia. Pôs-lhe o xale sobre os ombros e apertou-o com um alfinete-de-ama ao cabo que lhe prendia as mãos, para dar a impressão de que ele repuxava os cantos do xale como uma velhota. Em seguida, enrolou o lenço e tapou-lhe a boca com ele, prendendo-o com um nó atrás do pescoço, para que o pano que ele tinha na boca não pudesse cair. Finalmente, pôs-lhe a

máscara da Nancy Reagan para esconder a mordaca.

— Foi a uma festa mascarado de Nancy Reagan e está bêbedo — disse ela.

— Muito bem concordou o Sr. Oliver. O telefone tocou. Jeannie atendeu.

— Sim?

— Fala Mish Delaware.

Jeannie tinha-se esquecido dela. Mas ainda há catorze ou quinze horas estivera desesperada por encontrá-la.

— Olá.

— Tinha razão. O culpado é o Harvey Jones.

— Como é que sabe?

— Os policiais de Filadélfia foram muito rápidos. Estiveram no apartamento do Harvey. É claro que ele não se encontrava lá, mas um vizinho abriu-lhes a porta. Encontraram o boné e perceberam que era o da descrição.

— Ótimo!

— Estou pronta a prendê-lo, mas não sei onde ele se encontra. Você sabe?

Jeannie olhou para Harvey, mascarado de Nancy Reagan com um metro e oitenta.

— Não faço ideia — respondeu. Mas posso dizer-lhe onde vai estar amanhã ao meio-dia.

— Diga lá.

— Na Sala Regency do Hotel Stouffer, numa conferência de imprensa.

— Obrigada.

— Mish, faz-me um favor?

— Qual?

— Não o prenda até a conferência de imprensa ter terminado. A presença dele é muito importante para mim.

Ela hesitou.

— Está bem — concordou, por fim.

— Obrigada. Fico-lhe devendo uma. Jeannie desligou. Muito bem, vamos metê-lo no carro.

— Vá à frente para abrir as portas. Eu levo-o.

Jeannie pegou nas chaves do carro e correu escadas abaixo até à rua. Já era noite, mas não havia nuvens para ocultar as estrelas e a luz fraca dos candeeiros também ajudava. Um jovem casal com calças jeans rasgadas seguia lentamente na direção oposta, de mãos dadas. Do outro lado da estrada, um homem com um chapéu de palha passeava com um labrador amarelo. Seriam capazes de ver claramente o que se estava a passar. Olhariam? Importar-se-iam?

Jeannie destrancou o carro e abriu a porta.

Harvey e o Sr. Oliver saíram de casa muito juntos, o Sr. Oliver empurrando o prisioneiro, Harvey aos tropeções. Lisa seguiu-os e fechou a porta de casa.

Por um instante, Jeannie achou aquela cena absurda. Foi acometida de um ataque de riso histérico. Mordeu o punho para o silenciar.

Harvey chegou junto do carro e o Sr. Oliver deu-lhe um último encontrão. Harvey atirou-se para o banco de trás.

O momento de hilaridade passou para Jeannie. Tornou a olhar para as pessoas que vira na rua. O homem do chapéu de palha observava o cão urinando no pneu de um Subaru. O jovem casal não se virara.

"Até agora, tudo bem".

— Eu sento-me atrás com ele — disse o Sr. Oliver.

— Okay.

Lisa sentou-se à frente e Jeannie ao volante.

A noite de domingo estava calma na Baixa da cidade. Entraram na garagem subterrânea do hotel e estacionaram o mais perto possível dos elevadores, para minimizar a distância em que teriam de arrastar Harvey. A garagem não estava vazia. Tiveram de esperar dentro do carro enquanto um casal muito bem vestido saía de um Lexus e subia no elevador. Só quando não havia ninguém à vista é que saíram do carro.

Jeannie tirou uma chave-inglesa do porta-bagagens, mostrou-a a Harvey e enfiou-a no bolso das calças de jeans. O Sr. Oliver levava a pistola do tempo da guerra enfiada nas calças, oculta pelas fraldas da camisa. Puxaram Harvey para fora do carro. Jeannie estava à espera que ele se tornasse violento, mas o rapaz caminhou pacificamente até ao elevador.

Este demorou bastante tempo a chegar.

Quando chegou, entraram e Jeannie carregou no botão do rés-do-chão.

Enquanto subiam, o Sr. Oliver tornou a socar Harvey no estômago.

Jeannie ficou chocada: não houvera qualquer provocação.

Harvey grunhiu e dobrou-se ao meio no preciso momento em que as portas se abriram. Dois homens que se encontravam ali à espera ficaram a olhar para Harvey. O Sr. Oliver conduziu-o a cambalear para fora do elevador, dizendo:

— Desculpem-me, cavalheiros, este jovem bebeu demais.

Os homens desviaram-se para os deixar passar.

O outro elevador estava no rés-do-chão. Enfiaram Harvey nele e Jeannie apertou o botão do oitavo andar. Suspirou de alívio quando as portas se fecharam.

Chegaram ao piso pretendido sem incidentes; Harvey começara a recuperar do soco dado pelo Sr. Oliver, mas já estavam quase chegando ao destino. Jeannie foi à frente até ao quarto. Quando lá chegaram, ficou abismada ao ver a porta aberta e na maçaneta pendurado um cartão a informar que o quarto estava sendo limpo. A empregada devia estar mudando a cama, ou qualquer coisa do gênero. Jeannie soltou um gemido.

De repente, Harvey começou a contorcer-se, emitindo ruídos de protesto e agitando as mãos amarradas. O Sr. Oliver tentou bater-lhe, mas ele conseguiu evitar os golpes e deu três passos pelo corredor.

Jeannie baixou-se à frente dele, agarrou com ambas as mãos no fio que lhe prendia os tornozelos e puxou. Harvey cambaleou. Jeannie tornou a puxar, desta vez sem obter qualquer resultado. "Bolas, ele é pesado". Harvey levantou as mãos para lhe bater. Jeannie puxou com toda a força. Os pés de Harvey voaram e ele caiu no chão com um estrondo.

— Meu Deus, o que é que se está passando? — perguntou uma voz

afetada. A empregada, uma mulher de cor com cerca de sessenta anos num uniforme imaculado, saíra do quarto.

Sr. Oliver ajoelhou-se junto à cabeça de Harvey e levantou-o pelos ombros.

— Este jovem esteve numa grande festa respondeu. Vomitou-me no capô da limusine.

"Já percebi, ele é o nosso motorista, para ver se engana a empregada".

— Numa grande festa? — perguntou a empregada. Mais parece que andou a lutar.

— Importa-se de levantar os pés dele, minha senhora? — perguntou o Sr. Oliver, dirigindo-se a Jeannie.

Esta fez o que lhe pediam.

Levantaram Harvey. Ele contorceu-se. O Sr. Oliver fingiu deixá-lo cair, mas pôs o joelho à frente, pelo que Harvey caiu em cima dele e ficou quieto.

— Tenha cuidado, olhe que o machuca! — avisou a empregada.

— Mais uma vez, minha senhora — disse o Sr. Oliver. Pegaram nele e transportaram-no até ao quarto. Deixaram-no cair na cama mais próxima da porta. A empregada seguiu-os.

— Espero que ele não vomite aqui dentro. Sr. Oliver sorriu-lhe.

— Ora, por que é que nunca a vi por estas bandas? Eu presto atenção especial às garotas bonitas, mas não me lembro de tê-la visto.

— Não seja malandro — disse a mulher, mas nos seus lábios havia um sorriso. Eu já não sou uma garota.

— Eu tenho setenta e um e a senhora não deve ter mais do que quarenta e cinco.

— Já fiz cinquenta e nove, sou demasiado velha para ouvir as suas patranhas.

Ele pegou-lhe suavemente no braço e conduziu-a para fora do quarto.

— Olhe, já estou quase livre destas pessoas. Quer ir dar uma volta na minha limusine?

— Com aquele vomitado todo? Nem pensar! — respondeu ela com uma

gargalhada.

— Eu podia limpá-la.

— O meu marido está à minha espera em casa, e, se o ouvisse a falar assim, não havia de ter só vomitado em cima do capô, "senhor Limusine".

— Oh!, oh! — exclamou o Sr. Oliver, levantando as mãos num gesto defensivo. Não quis ser indelicado. Fingindo medo, recuou até ao quarto e fechou a porta.

Jeannie deixou-se cair numa cadeira.

— Deus Todo-Poderoso, conseguimos! — exclamou.

Assim que acabou de comer, Steve levantou-se.

— Preciso ir descansar.

Queria refugiar-se o mais depressa possível no quarto de Harvey. Se estivesse sozinho, ninguém detectaria incongruências.

O grupo separou-se. Proust engoliu o resto do uísque e Berrington acompanhou os dois amigos até aos seus carros.

Steve viu ali uma oportunidade de ligar a Jeannie e dizer-lhe o que estava passando-se. Agarrou no telefone e ligou para o serviço de informações. Demoraram bastante tempo a atender. "Vá lá, vá lá!" Por fim, atenderam-no e ele pediu o número de telefone do hotel. Frenético, voltou a marcar e conseguiu, por fim, ligar para o hotel.

— Queria falar com a doutora Jean Ferrami, por favor — disse. Berrington regressou ao escritório no preciso momento em que Steve ouviu a voz dela.

— Sim?

— Olá, Linda, é o Harvey.

— É tu, Steve?

— Sim, decidi dormir na casa do meu pai. Já é tarde para fazer a viagem.

— Por amor de Deus, Steve, está bem?

— Tenho de tratar de umas coisas, mas não é nada de especial. Como foi o teu dia, querida?

— Conseguimos trazê-lo para o quarto. Não foi fácil, mas lá o fizemos. A Lisa contactou o George Dassault. Ele prometeu vir, por isso teremos pelo menos três.

— Ótimo. Bem, agora vou dormir. Espero conseguir ver-te amanhã, está bem, querida?

— Boa sorte.

— Para você também. Boa noite.

Berrington piscou-lhe o olho.

— Uma namorada?

— Mais ou menos.

Berrington tirou alguns comprimidos de um frasco, engoliu-os e empurrou-os com uísque. Vendo que Steve olhava para o frasco, explicou:

— É Dalmane. Depois de tudo isto, preciso de algo que me ajude a dormir.

— Boa noite, pai.

Berrington pousou um braço sobre os ombros de Steve.

— Boa noite, filho — disse. Não se preocupe, havemos de safar-nos de tudo isto.

"Ele gosta mesmo do seu reles filho", pensou Steve, e, por um momento, sentiu uma culpa irracional por estar a enganar um pai extremoso.

Depois percebeu que não sabia onde ficava o seu quarto.

Saiu do escritório e avançou um pouco pelo corredor que julgava ir dar aos quartos. Não fazia ideia de qual era a porta do quarto de Harvey. Ao olhar para trás, notou que Berrington não conseguia vê-lo do escritório. Abriu rapidamente a porta mais próxima, esforçando-se por não fazer barulho.

Dava para um banheiro completo, com ducha e banheira.

Fechou-a suavemente.

A seguir, estava um roupeiro cheio de toalhas e linhos.

Tentou a porta em frente. Dava para um enorme quarto com uma cama de casal e vários roupeiros. Pendurado numa maçaneta estava um terno às riscas dentro do invólucro plástico das lavanderias. Estava quase a fechar a porta quando ouviu a voz de Berrington mesmo atrás de si.

— Quer alguma coisa do meu quarto?

Steve assustou-se. Durante um momento, não conseguiu falar. "Que raio posso eu dizer?" Depois, as palavras saíram-lhe naturalmente.

— Não tenho roupa para dormir.

— Desde quando é que dormes com pijama? A voz de Berrington tanto podia denotar desconfiança como perplexidade: Steve não sabia dizer qual.

Improvizando, respondeu:

— Pensei que talvez tivesses uma camiseta grande.

— Nada que sirva nesses ombros largos, meu filho — retorquiu Berrington e, para alívio de Steve, soltou uma gargalhada.

Ele encolheu os ombros.

— Não faz mal. Afastou-se.

No fim do corredor havia duas portas, uma de cada lado: o quarto de Harvey e, provavelmente, o da empregada.

"Mas qual é qual?"

Steve avançou devagar, esperando que Berrington entrasse no seu quarto antes de ele ter de tomar uma decisão.

Quando chegou ao fim do corredor, olhou para trás.

Berrington observava-o.

— Boa noite, pai.

— Boa noite.

"Esquerda ou direita? Não sei. É melhor escolher ao acaso".

Steve abriu a porta à sua direita.

Um pólo nas costas de uma cadeira, um CD do Snoop Doggy Dog em cima da cama, vários exemplares da Playboy sobre a secretária.

"O quarto de um rapaz. Graças a Deus".

Entrou e fechou a porta com o calcanhar.

Em seguida encostou-se a ela, com as pernas a tremer devido ao alívio.

Passado pouco tempo, despiu-se e enfiou-se na cama, sentindo-se muito estranho na cama de Harvey, no quarto de Harvey e na casa do pai de Harvey. Apagou a luz e ficou escutando os sons daquela casa estranha. Ouviu passos durante algum tempo, portas a fecharem-se e torneiras a correrem, até que tudo ficou em silêncio.

Dormitou um pouco e acordou de repente. "Está mais alguém no

quarto".

Sentiu o aroma de um perfume floral à mistura com alho e especiarias, depois viu a silhueta do pequeno corpo de Marianne na janela.

Antes que pudesse falar, ela metera-se na cama com ele.

— Ei! — sussurrou ele.

— Vou chupar-te tal como gosta — disse ela, mas Steve pressentiu o medo na sua voz.

— Não — retorquiu ele, afastando-a quando ela se enfiou debaixo dos cobertores, em direção às suas virilhas. Estava nua.

— Por favor, não me machuque esta noite, por favor, Arvey — pediu ela. Tinha sotaque francês.

Steve adivinhou o que se passava. Marianne era imigrante e Harvey assustava-a tanto que ela não só fazia tudo o que ele queria como também previa as suas exigências. Como é que ele conseguia bater na garota com o pai no quarto ao lado? Ela não faria barulho? Depois Steve lembrou-se do comprimido para dormir. Berrington tinha o sono tão pesado que os gritos de Marianne não o acordavam.

— Não vou te machucar, Marianne — disse ele. Descontra-te. Ela começou a beijá-lo no rosto.

— Seja meigo, eu faço tudo o que quiser, mas não me machuque.

— Marianne — disse Steve muito sério, fique quieta. Ela imobilizou-se.

Steve pôs um braço sobre os ombros dela. A sua pele era macia e quente.

— Fica aqui deitada mais um pouco e acalme-se — disse, acariciando-lhe as costas. Nunca mais ninguém vai te machucar, prometo.

Ela estava tensa, à espera de pancadas, mas gradualmente descontraiu-se. Aproximou-se dele.

Steve teve uma ereção, não conseguiu evitar. Sabia que conseguiria facilmente fazer amor com ela. Ali deitado, abraçado àquele corpo pequeno e trêmulo, sentiu-se muito tentado a isso. Nunca ninguém saberia. Como seria agradável acariciá-la e excitá-la. Ela ficaria tão admirada e feliz por ser amada com ternura! Beijar-se-iam e tocar-se-iam toda a noite.

Steve suspirou. Mas era errado. Ela não era voluntária. Fora a insegurança e o medo que a tinham levado à sua cama, não o desejo. "Sim, Steve, pode fodê-la... e estará a explorar uma imigrante assustada, que acha que não tem alternativa. E isso seria desprezível. Você desprezaria um homem que fizesse uma coisa dessas".

— Sentes-te melhor agora? — perguntou.

— Sim...

— Então vai para a tua cama.

Ela tocou no rosto dele, depois beijou-o suavemente nos lábios. Ele manteve-os firmemente fechados, mas fez-lhe uma festa nos cabelos.

Marianne fitou-o na penumbra.

— Você não é ele, pois não? — perguntou.

— Não — respondeu Steve, não sou. Momentos depois, ela tinha-se ido embora. Ele continuava com a ereção.

"Por que não sou como ele? Por causa da forma como fui educado?

Raios, não!

Podia ter fodido com ela. Podia ter fingido que era o Harvey. Não sou como ele porque escolhi não o ser. Não foram os meus pais que tomaram essa decisão agora: fui eu. Obrigado pela vossa ajuda, pai e mãe, mas fui eu, não vocês, quem a mandou para o quarto dela.

O Berrington não me criou, nem vocês.

Fui eu.

SEGUNDA-FEIRA

62

Steve acordou sobressaltado.

"Onde estou?"

Alguém abanava o seu ombro, um homem de pijama às riscas. Sentiu-se momentaneamente desorientado, depois recordou-se de tudo.

— Vista-se bem para a conferência, por favor — pediu Berrington. No roupeiro está uma camisa que deixou aqui há algumas semanas. A Marianne lavou-a. Vai ao meu quarto e escolhe uma gravata. Saiu.

Berrington falava com o filho como se este fosse uma criança difícil e desobediente, refletiu Steve enquanto saía da cama. A frase subentendida "não discuta" estava ligada a cada ordem que dera. Mas os seus modos abruptos facilitavam as coisas a Steve. Podia limitar-se a responder por monossílabos, não denunciando a sua ignorância.

Eram oito da manhã. Em cuecas, foi pelo corredor até ao banheiro. Tomou uma ducha, depois fez a barba com uma gilete descartável que encontrou no armário. Mexia-se devagar, adiando o momento em que teria de arriscar-se numa conversa com Berrington.

Enrolou uma toalha à cintura e foi até ao quarto de Berrington, de acordo com as ordens recebidas. Berrington não estava ali. Steve abriu o roupeiro. As gravatas eram todas vistosas: riscas e bolinhas e lenços, tudo em seda brilhante, nada moderno. Escolheu uma gravata com riscas largas horizontais. Também precisava de roupa interior. Olhou para os boxer shorts de Berrington. Embora fosse muito mais alto do que ele, tinham a cintura do mesmo tamanho. Escolheu uns azuis.

Depois de vestido, preparou-se para mais umas horas de mentiras. Dali a pouco, tudo teria acabado. Tinha de afastar as suspeitas de Berrington até pouco depois do meio-dia, altura em que Jeannie interromperia a conferência de imprensa.

Respirou fundo e saiu.

Seguiu o aroma do bacon frito até à cozinha. Marianne encontrava-se junto ao fogão. Olhou para ele com os olhos muito abertos. Steve sentiu pânico: se Berrington reparasse na expressão dela, poderia perguntar-lhe o que se passava de estranho... e a pobre garota teria tanto medo que provavelmente lhe contaria. Mas Berrington estava vendo a CNN numa televisão pequena e não era do tipo de homem que se interessasse pelos criados.

Steve sentou-se e Marianne serviu-lhe café e suco. Ele dirigiu-lhe um pequeno sorriso para a acalmar.

Berrington levantou a mão a pedir silêncio (desnecessariamente, uma vez que Steve não tencionava fazer conversa) e o pivô do noticiário leu uma notícia sobre a venda da Genético.

— Michael Madigan, diretor executivo da Landsmann na América do Norte, disse ontem à noite que a fase preparatória fora encerrada de modo satisfatório e que o contrato de venda seria assinado em público numa conferência de imprensa que irá decorrer esta manhã em Baltimore. As ações da Landsmann subiram hoje cinquenta pfennigs na Bolsa de Valores de Frankfurt. Os resultados do terceiro trimestre da General Motors...

Alguém tocou à campainha e Berrington tirou o som à televisão. Espreitou pela janela da cozinha.

— Está lá fora um carro da Polícia — disse.

Steve teve um pressentimento terrível. Se Jeannie tivesse falado com Mish Delaware e lhe houvesse contado o que sabia sobre Harvey, a Polícia podia ter decidido prendê-lo. E Steve iria ter uma certa dificuldade em negar que era Harvey Jones, uma vez que tinha vestidas as roupas dele e estava sentado na cozinha do pai de Harvey a comer os pãezinhos feitos pela cozinheira do pai de Harvey.

Não queria voltar para a prisão.

Todavia, isso não seria o pior. Se fosse preso agora, não estaria presente na conferência de imprensa. Se nenhum dos outros clones aparecesse, Jeannie teria apenas Harvey. E um gêmeo não provava nada.

Berrington levantou-se e foi até à porta.

— E se estiverem à minha procura? — perguntou Steve. Marianne estava com cara de quem ia morrer.

— Digo-lhes que não está aqui — respondeu Berrington. Saiu da cozinha.

Steve não conseguiu ouvir a conversa. Permaneceu imóvel na cadeira, sem comer nem beber. Marianne parecia uma estátua junto ao fogão, com uma espátula na mão.

Por fim, Berrington voltou para dentro.

— Três dos nossos vizinhos foram assaltados ontem à noite disse. Creio que tivemos sorte.

Durante a noite, Jeannie e o Sr. Oliver haviam feito turnos, um vigiando Harvey enquanto o outro dormia, mas nenhum descansou muito. Só Harvey dormiu, ressonando atrás da mordaca.

Pela manhã, revezaram-se para ir ao banheiro. Jeannie vestiu a roupa que trouxera na mala, uma camisa branca e uma saia preta, para poder ser confundida com uma empregada.

Pediram o café da manhã no quarto. Não podiam deixar entrar o empregado, senão ele veria Harvey preso à cama, pelo que o Sr. Oliver assinou a fatura à porta.

A minha mulher ainda não se vestiu, eu levo o tabuleiro lá para dentro.

Deixou Harvey beber um copo de suco de laranja, segurando-o junto à boca dele, enquanto Jeannie ficava de pé, por trás, pronta a bater-lhe com a chave-inglesa se ele tentasse alguma coisa.

Jeannie aguardava ansiosa um telefonema de Steve. O que lhe teria acontecido? Passara a noite em casa de Berrington. A farsa ter-se-ia mantido?

Lisa chegou às nove horas com uma pilha de cópias do comunicado; depois, partiu para o aeroporto, a fim de ir buscar George Dassault e os outros clones que pudessem aparecer. Nenhum dos três telefonara.

Steve ligou às nove e meia.

— Tenho de ser rápido — disse ele. O Berrington está no banheiro. Correu tudo bem, vou com ele à conferência de imprensa.

— Ele não desconfia de nada?

— Não... embora tenha havido alguns momentos difíceis. Como está o meu sócio?

— Amarrado.

— Tenho de ir-me embora.

— Steve?

— Depressa!

— Te amo. Desligou. "Não devia ter dito aquilo, uma mulher tem de armar-se em difícil. Ora, que se lixe!"

Às dez horas foi em missão de reconhecimento até à Sala Regency. Ficava a um canto e tinha um pequeno átrio e uma porta para uma antessala. Já lá se encontrava alguém das relações públicas a pendurar o logotipo da Genético para que as câmaras o apanhassem.

Jeannie olhou rapidamente em volta e depois regressou ao quarto.

Lisa ligou do aeroporto.

— Más notícias — disse. O voo de Nova Iorque está atrasado.

— Meu Deus! — exclamou Jeannie. Há algum sinal dos outros, do Wayne ou do Hank?

— Não.

— Qual é o atraso do avião do George?

— Deve aterrar às onze e meia.

— Talvez ainda consiga chegar a tempo.

— Só se for rápida como o vento.

Às onze horas Berrington saiu do quarto vestindo o casaco. Trazia um terno cinzento-azulado às riscas com colete e uma camisa branca com botões de punho, antiquada mas eficaz.

— Vamos andando — disse.

Steve vestiu o blusão de tweed de Harvey. Servia-lhe na perfeição, é claro, e era bastante parecido com um que ele tinha.

Saíram. Levavam demasiada roupa para o tempo quente que se fazia sentir. Entraram no Lincoln prateado e ligaram o ar condicionado.

Berrington seguiu rapidamente para a parte Baixa para alívio de Steve, não falou muito durante a viagem. Estacionou na garagem do hotel.

— A Genético contratou uma empresa de relações públicas para organizar a conferência — disse ele enquanto subiam no elevador. O nosso departamento de publicidade nunca lidou com uma coisa de dimensões tão grandes.

Enquanto seguiam para a Sala Regency, uma mulher muito bem penteada com um traje preto interceptou os.

— Sou a Caren Beamish, da Total Communications — apresentou-se ela, muito alegre. Querem vir para a Sala VIP?

Encaminhou-os para uma pequena sala onde havia aperitivos e bebidas sobre uma mesa. Steve estava ligeiramente aborrecido, teria gostado de dar uma olhadela à sala de conferências. Mas talvez isso não fizesse diferença.

Desde que Berrington continuasse a acreditar que ele era Harvey até Jeannie aparecer, nada mais importava. Já havia cinco a seis pessoas na Sala VIP, incluindo Proust e Barck. Com Proust encontrava-se um jovem musculoso com um traje preto que tinha cara de guarda-costas. Berrington apresentou Steve a Michael Madigan, o diretor das operações da Landsmann na América do Norte. Berrington emborcou, nervoso, um copo de vinho branco.

Steve teria gostado de beber um Martini (tinha mais motivos do que Berrington para estar assustado), mas precisava manter a cabeça fria e não podia dar-se ao luxo de descontraír-se nem que fosse por um instante.

Olhou para o relógio que tirara do pulso de Harvey. Faltavam cinco para o meio dia.

"Só mais alguns minutos. E quando isto tudo acabar, tomo então um Martini."

Caren Beamish bateu palmas para chamar a atenção dos presentes.

— Estão prontos, meus senhores? Ouviram-se respostas murmuradas e viram-se acenos. Então devem tomar os vossos lugares, exceto o grupo que vai ficar sobre o estrado.

"Aqui está. Consegui. Acabou. Berrington virou-se para Steve e disse:

— Até à uma, Montezuma.

Ficou à espera.

— Claro — respondeu Steve.

Berrington sorriu.

— O que queres dizer com “claro”? Diz o resto.

Steve sentiu-se gelar. Não fazia ideia do que Berrington estava dizendo. Parecia ser uma espécie de senha. Era evidente que havia uma resposta, mas qual seria? Steve praguejou interiormente. A conferência de imprensa estava prestes a começar... Precisava manter a máscara apenas durante mais alguns segundos.

Berrington franziu o sobrolho, perplexo.

Steve sentiu o suor perlar-lhe a testa.

— Não pode ter-se esquecido — disse Berrington, e Steve viu a desconfiança aparecer nos seus olhos.

— É claro que não esqueci — respondeu Steve rapidamente... demasiado rapidamente, pois percebeu que se tinha comprometido.

O senador Proust estava prestando atenção à conversa.

— Então diz-me o resto — exigiu Berrington.

Steve viu-o olhar para o guarda-costas de Proust e o homem ficou tenso.

Desesperado, Steve disse:

— Até já, meu paxá.

Houve um momento de silêncio.

Depois Berrington soltou uma gargalhada.

— Essa é boa! — exclamou.

Steve descontraiu-se. O jogo devia ser esse: tinha de inventar-se uma resposta nova de cada vez. Agradeceu à sua boa estrela. Para ocultar o alívio, virou-se.

— Está na hora, meus senhores — avisou a empregada das relações públicas.

— Por aqui — disse Proust a Steve. Não vai querer sair para cima do estrado. Abriu uma porta e Steve avançou.

Viu-se em um banheiro. Virou-se.

— Não, isto é...

— O guarda-costas de Proust estava mesmo atrás de si. Antes que Steve percebesse o que estava acontecendo, o homem torcera-lhe o braço atrás das costas com toda a força.

— Se fizeres barulho, parto-te a merda dos braços!

Berrington entrou no banheiro atrás do guarda-costas. Jim Proust seguiu-o e fechou a porta.

O guarda-costas segurava o rapaz com firmeza. O sangue de Berrington estava a ferver.

— Seu patife! sussurrou. Qual deles é você? Calculo que o Steve Logan.

O rapaz tentou manter o jogo.

— Pai, o que está fazendo?

— Esquece, o jogo já terminou... Onde está o meu filho? O rapaz não respondeu.

Berry tentou acalmar-se.

— Este não é o Harvey — explicou ele. É um dos outros, provavelmente o Logan. Deve estar fingindo que é o Harvey desde ontem à noite. O verdadeiro Harvey deve encontrar-se fechado em algum lugar.

Jim empalideceu.

— Isso quer dizer que aquilo que ele nos contou a respeito das intenções da Jeannie Ferrami foi tudo mentira!

Berrington assentiu, muito sério.

— Provavelmente pretende organizar um protesto qualquer durante a conferência de imprensa.

— Merda! Não em frente das câmaras!

— Era isso que eu faria no lugar dela, e você também. Proust pensou durante algum tempo.

— Acha que o Madigan vai voltar com a palavra atrás?

Berrington abanou a cabeça.

— Não sei. Faria figura de parvo se cancelasse o negócio à última hora. Por outro lado, faria ainda maior figura de parvo se pagasse cento e oitenta milhões de dólares por uma empresa que está prestes a ser processada até ao

último tostão. Pode pender para os dois lados.

— Então temos de encontrar a Jeannie Ferrami e de impedi-la de fazer o que quer que seja!

— Ela pode ter-se hospedado no hotel. Berrington agarrou no telefone ao lado do sanitário. Fala o professor Jones, da conferência de imprensa da Genético na Sala Regency — disse ele no seu tom de voz mais autoritário. Estamos à espera da doutora Ferrami... Em que quarto é que ela está?

— Lamento, mas não estamos autorizados a dar o número dos quartos. Berrington estava prestes a explodir quando a telefonista acrescentou: Quer que transfira a chamada para o telefone dela?

— Sim, claro. Ouviu o sinal de chamada. Passado algum tempo, o telefone foi atendido por um homem, que pela voz parecia de idade. Improvisando, Berrington disse: A sua roupa está pronta, Senhor Blekinsop.

— Não mandei lavar nenhuma roupa.

— Oh!, queira desculpar... Em que quarto está o senhor? Susteve o fôlego.

— No 821.

— Eu queria ligar para o 812. As minhas desculpas.

— Não há problema.

Berrington desligou.

— Estão no 821 — disse, muito excitado. Aposto que o Harvey se encontra lá.

— A conferência de imprensa está prestes a começar — lembrou Proust.

— Se calhar é demasiado tarde. Berrington hesitou, dividido. Não queria atrasar a conferência nem um segundo, mas precisava estragar os planos de Jeannie. Passado algum tempo, virou-se para Jim. Por que não vai para o estrado com o Madigan e o Preston? Eu vou fazer o possível por encontrar o Harvey e parar a Jeannie Ferrami.

— Okay.

Berrington olhou para Steve.

— Sentir-me-ia melhor se pudesse levar o teu guarda-costas comigo, mas não podemos deixar o Steve solto.

— Não há problema — disse o guarda-costas. Posso algemá-lo a um cano.

— Ótimo. Faça isso.

Berrington e Proust regressaram à Sala VIP. Madigan olhou para eles com curiosidade.

— Há algum problema?

— Um pequeno problema de segurança, Mike — respondeu Proust. O Berrington vai tratar de tudo enquanto anunciamos a transação.

Madigan não parecia muito convencido.

— Segurança?

— Uma mulher que despedi a semana passada, Jean Ferrami, encontra-se no hotel — explicou Berrington. Talvez tente fazer qualquer malabarismo. Vou ver se a intercepto num corredor.

Aquilo bastou.

— Okay, vamos avançar.

Madigan, Barck e Proust seguiram para a sala de conferências. O guarda-costas saiu do banheiro. Berrington e ele apressaram-se para o corredor e apertaram no botão do elevador. Berrington estava apreensivo e preocupado. Não era um homem de ação, nunca fora. O tipo de combate a que estava habituado travava-se nos conselhos universitários. Esperava não se ver envolvido numa cena de pugilismo.

Subiram para o oitavo andar e correram até ao quarto 821. Berrington bateu à porta.

— Quem é? — perguntou uma voz de homem.

— Manutenção — respondeu Berrington.

— Está tudo bem, obrigado.

— Preciso verificar o seu banheiro, por favor.

— Volte mais tarde.

— Há um problema.

— Agora estou ocupado. Volte daqui a uma hora. Berrington olhou para

o guarda-costas.

— Consegue arrombar esta porta?

O homem pareceu ficar satisfeito. Depois olhou para trás de Berrington e hesitou. Seguindo o olhar dele, Berrington viu um casal de velhotes carregado de sacolas de compras a sair do elevador. Avançaram lentamente pelo corredor até ao 821. Berrington aguardou enquanto eles passavam. Pararam à porta do 830. O marido pousou as sacolas, procurou a chave, enfiou-a a custo na fechadura e abriu a porta. Por fim, o casal desapareceu no quarto.

O guarda-costas deu um pontapé na porta.

A ombreira estalou e dela saltaram algumas lascas, mas a porta manteve-se firme. Lá dentro ouviu-se o som de passos apressados.

Deu outro pontapé e a porta abriu-se.

Correu lá para dentro e Berrington seguiu-o.

Foram recebidos por um velhote negro que lhes apontava uma enorme pistola antiquada.

— Levantem as mãos, fechem a porta e deitem-se de barriga para baixo. Senão, mato os dois — disse o homem. Depois da forma como entraram, não há nenhum juiz em Baltimore que me condene pela vossa morte.

Berrington levantou as mãos.

De súbito, um vulto levantou-se disparado da cama. Berrington só teve tempo para ver que era Harvey, com os pulsos atados e uma espécie de mordaça sobre a boca. O velhote virou a arma na direção dele. Berrington ficou apavorado ao ver que o filho estava prestes a levar um tiro.

— Não! — gritou.

O velhote virou-se um pouco tarde de mais. Os braços de Harvey tiraram-lhe a pistola das mãos. O guarda-costas deu um salto e apanhou-a no carpete. Levantou-se e apontou-a ao velho.

Berrington voltou a respirar.

O velho levantou os braços devagar.

O guarda-costas pegou no telefone.

— Peça à segurança do hotel que venha ao quarto 821. Há aqui um

hóspede com uma arma.

Berrington olhou em volta. Não havia sinal de Jeannie.

Jeannie saiu do elevador, vestindo a camisa branca e a saia preta e levando um tabuleiro com chá que mandara vir. O seu coração batia como uma bateria. Caminhando num passo apressado, típico das empregadas, entrou na Sala Regency.

No pequeno vestíbulo encontravam-se duas mulheres sentadas a secretárias com listas de presenças. Um dos seguranças do hotel conversava com elas. Provavelmente, ninguém devia entrar sem convite, mas Jeannie apostava que não interrogariam uma empregada com um tabuleiro.

— Ei! chamou ele. Ela virou-se junto à porta.

— Lá dentro já há café e bebidas suficientes.

— Isto é chá de jasmim, um pedido especial.

— Para quem? Jeannie pensou depressa.

— Para o senador Proust. Rezou para que ele estivesse lá dentro.

— Okay, pode entrar.

Jeannie tornou a sorrir e entrou na sala de conferências.

Na outra extremidade encontravam-se três homens de terno completo, sentados a uma mesa sobre um estrado. À sua frente tinham uma pilha de documentos legais. Um dos homens fazia naquele momento um discurso formal. O público era constituído por cerca de quarenta pessoas com blocos de apontamentos, gravadores em miniatura e câmaras de televisão.

Jeannie avançou até à frente. Ao lado do estrado estava uma mulher de traje preto e óculos. Tinha ao peito um crachá onde se lia CAREN BEAMISH Total Communications. Era a empregada de relações públicas que Jeannie vira anteriormente pendurando o logotipo. Dirigiu a Jeannie um olhar curioso, mas não tentou detê-la, calculando, como Jeannie pretendia, que alguém mandara vir alguma coisa.

Os homens sobre o estrado tinham à frente cartões com os seus nomes. Jeannie reconheceu o senador Proust à direita. À esquerda encontrava-se Preston Barck. O do meio, o que estava a falar, era Michael Madigan.

— A Genético não é apenas uma excitante empresa de biotecnologia —

dizia ele num tom monótono.

Jeannie sorriu e pousou o tabuleiro à frente dele. O homem ficou ligeiramente admirado e interrompeu o discurso durante momentos. Jeannie virou-se para a plateia.

— Tenho algo de especial a anunciar — disse.

Steve estava sentado no chão do banheiro com a mão esquerda algemada a um cano do lavatório, sentindo-se furioso e desesperado. Berrington descobrira-lhe a careca poucos segundos antes de o tempo acabar. Agora andava à procura de Jeannie e talvez desse cabo dos planos dela se a encontrasse. Steve tinha de fugir para poder avisá-la.

O cano estava preso na extremidade superior ao ralo do lavatório. Fazia um S e depois desaparecia na parede. Contorcendo o corpo, Steve encostou o pé ao cano, ganhou balanço e deu um pontapé. A estrutura do lavatório tremeu. Deu outro pontapé. A argamassa em volta do cano no lugar onde ele entrava na parede começou a esfarelar-se. Steve deu vários pontapés. A argamassa caiu, mas o cano era forte.

Frustrado, Steve olhou para o local onde o cano se juntava ao lavatório. Talvez a junção fosse mais fraca. Agarrou no cano com ambas as mãos e abanou-o com força. Mais uma vez, tudo estremeceu, mas nada se partiu.

Olhou para a curva em S. Havia uma anilha em volta do cano, mesmo acima da curva. Os canalizadores desapertavam-na quando tinham de limpar a curva do cano, mas usavam uma ferramenta. Steve levantou a mão esquerda até à anilha, apertou-a com toda a força e tentou fazê-la rodar. Os seus dedos deslizaram e ele olhou para os nós doridos.

Deu umas pancadinhas no lado de baixo do lavatório. Era feito de um mármore artificial, bastante resistente. Voltou a olhar para o local onde o cano se ligava ao ralo. Se conseguisse parti-lo, talvez pudesse puxar o cano pelo buraco. Depois faria deslizar a algema e estaria livre.

Mudou de posição, ganhou balanço e começou de novo aos pontapés.

— Há vinte e três anos, a Genético levou a cabo experiências ilegais e irresponsáveis em oito mulheres americanas que de nada desconfiaram. A respiração de Jeannie estava a tornar-se ofegante, e ela esforçou-se por falar normalmente e projetar a voz. Todas as mulheres eram casadas com oficiais do exército. Procurou Steve entre o público, mas não o viu. Onde raio

estaria? Devia encontrar-se ali... Ele era a prova!

— Estamos numa reunião particular. Por favor, vá-se embora — disse Caren Beamish com voz trêmula.

Jeannie ignorou-a.

— As mulheres foram a uma clínica da Genético em Filadélfia para receber tratamentos hormonais por não conseguirem engravidar.

Deixou que a sua ira fosse visível.

— Sem a sua autorização, implantaram-lhes os embriões de estranhos.

Ouviu-se um burburinho proveniente dos jornalistas. Estavam interessados, tanto quanto Jeannie se apercebia.

Ela levantou a voz.

— Preston Barck, supostamente um cientista responsável, estava tão obcecado com o seu trabalho pioneiro na clonagem que dividiu oito vezes um embrião, produzindo oito embriões idênticos, e implantou-os no útero de oito mulheres.

Jeannie avistou Mish Delaware na última fila, observando-a com uma expressão algo divertida. Mas Berrington não estava na sala. Isto era surpreendente... e preocupante.

No estrado, Preston Barck levantou-se e falou.

— Minhas senhoras e meus senhores, peço desculpa por isto. Já sabíamos que poderia haver distúrbios.

Jeannie continuou.

Este escândalo foi mantido em segredo durante vinte e três anos. Os três culpados, Preston Barck, o senador Proust e o professor Berrington Jones, estavam preparados para fazer o que fosse necessário para encobrir tudo, e eu sei-o por experiência própria.

Caren Beamish falava ao telefone. Jeannie ouviu-a dizer:

— Chamem já a segurança!

Jeannie levava debaixo do tabuleiro algumas cópias do comunicado que tinha redigido e que Lisa fotocopiara.

Todos os pormenores estão aqui disse, começando a passá-los aos

jornalistas enquanto falava. Aqueles oito embriões estranhos cresceram, nasceram e sete deles estão hoje vivos. Irão reconhecê-los, porque são todos iguais.

Pela expressão dos jornalistas, sabia que os tinha onde queria. Uma olhadela ao estrado indicou-lhe que Proust estava furioso e que Preston Barck parecia que ia morrer.

Naquele momento, Sr. Oliver devia estar aparecendo com Harvey, para que todos pudessem ver que ele era igualzinho a Steve, e também a George Dassault. Mas não havia sinal de nenhum deles. "Não venham muito tarde!"

Jeannie continuou a falar.

— Qualquer pessoa pensaria que eles eram gêmeos univitelinos, e, aliás, têm o mesmo ADN, mas nasceram de oito mães diferentes. Eu estudo gêmeos, e o enigma dos gêmeos com mães diferentes foi o que primeiro me chamou a atenção nesta história vergonhosa.

A porta ao fundo da sala abriu-se. Jeannie olhou para cima, à espera de ver um dos clones. Mas era Berrington. Ofegante, como se tivesse vindo a correr, dirigiu-se à plateia:

— Minhas senhoras e meus senhores, esta senhora sofreu um esgotamento e foi há pouco despedida. Era investigadora num projeto custeado pela Genético e é natural que esteja ressentida com a empresa. A segurança do hotel acabou de prender um dos cúmplices dela noutro piso. Por favor, aguardem mais um pouco enquanto levam a senhora. Depois, a nossa conferência poderá prosseguir.

Jeannie ficou admirada e perplexa. Onde estariam o Sr. Oliver e Harvey? E o que acontecera a Steve? O seu discurso e o seu comunicado não tinham qualquer significado sem provas. Restavam-lhe apenas mais alguns segundos. Qualquer coisa correria mal. Berrington conseguira estragar-lhe os planos.

Um segurança fardado entrou na sala em grandes passadas e falou com Berrington.

Desesperada, Jeannie virou-se para Michael Madigan. Tinha no rosto uma expressão gelada, e Jeannie calculou que ele detestava interrupções na sua rotina bem planeada. Mesmo assim, tentou.

— Estou vendo que tem toda a documentação à sua frente, Senhor

Madigan — disse. Não acha que devia verificar toda esta história antes de assinar? Imagine que eu tenho razão... Imagine por quanto dinheiro aquelas mulheres o podem processar!

— Não costumo tomar decisões com base em afirmações de loucos — retorquiu Madigan suavemente.

Os jornalistas riram-se, e Berrington começou a ficar mais confiante. O segurança aproximou-se de Jeannie.

— Contava mostrar-vos dois ou três clones, para provar tudo o que acabei de dizer — declarou ela aos jornalistas. Mas... eles não apareceram.

Os jornalistas tornaram a rir-se e Jeannie percebeu de que se transformara em motivo de chacota. Acabara tudo, e ela perdera.

O segurança agarrou-a firmemente por um braço e puxou-a para a porta. Jeannie poderia ter resistido, mas não valia a pena.

Passou por Berrington e viu-o sorrir. Sentiu as lágrimas a quererem assomar-lhe aos olhos, mas engoliu-as e manteve a cabeça bem erguida. "Vão todos para o Inferno", pensou. "Um dia vão saber que eu tinha razão".

Atrás, ouviu Caren Beamish perguntar:

— Quer recomeçar a sua apresentação. Senhor Madigan? Quando Jeannie e o segurança chegaram à porta, esta abriu-se e Lisa entrou.

Jeannie ficou sem fôlego quando viu que atrás dela estava um dos clones.

Devia ser George Dassault. Sempre viera! Mas um... não chegava... Precisava de dois para provar o que dissera. Se ao menos Steve aparecesse, ou o Sr. Oliver com Harvey!

Depois, cega de alegria, viu entrar um segundo clone. Devia ser Henry King. Repeliu o segurança.

— Olhem! gritou. Olhem para aqui!

Enquanto falava, entrou um terceiro clone. O cabelo preto disse-lhe que se tratava de Wayne Stattner.

— Vejam! — gritou Jeannie. Aqui estão eles. São iguais!

Todas as máquinas fotográficas se desviaram do estrado e apontaram para os recém-chegados. Os flashes brilharam quando os fotógrafos

começaram a registrar o incidente.

— Eu bem vos disse! — exclamou Jeannie em tom triunfante. Agora perguntem-lhes quem são os pais deles. Não são trigêmeos... As mães deles nem se conhecem! Vá lá, perguntem-lhes!

Apercebeu-se de que estava muito excitada e fez um esforço para se acalmar, mas era difícil, pois sentia-se radiante. Vários jornalistas levantaram-se e aproximaram-se dos três clones, ansiosos por lhes fazerem perguntas. O guarda voltou a agarrar no braço de Jeannie, mas ela encontrava-se agora no centro da multidão e não podia mover-se.

Lá atrás, ouviu Berrington levantar a voz sobre o burburinho dos jornalistas.

— Senhoras e senhores, a vossa atenção, por favor! Começara num tom irritado, mas em breve se tornou petulante. Gostaríamos de continuar com a conferência de imprensa!

Não valia a pena. A matilha já farejara uma verdadeira história e perdera o interesse nos seus discursos.

Pelo canto do olho, Jeannie viu o senador Proust esgueirar-se discretamente da sala.

Um jovem apontou um microfone a Jeannie.

— Como é que descobriu estas experiências?

— Chamo-me Jean Ferrami e sou cientista na Universidade Jones Falis, no departamento de psicologia. Durante o meu trabalho deparei com este grupo de pessoas que parecia serem gêmeas mas que não tinham entre si qualquer relação. Investiguei. O senhor Berrington Jones tentou despedir-me para impedir que eu descobrisse a verdade. Apesar disso, descobri que os clones eram o resultado de uma experiência militar levada a cabo pela Genético. Olhou em volta.

Onde raio estaria Steve?

Steve deu outro pontapé e o cano soltou-se do lavatório com uma chuva de argamassa e mármore. Levantando o cano, afastou-o do lavatório e fez passar a algema por cima. Livre, levantou-se.

Enfiou a mão esquerda no bolso para esconder a algema que pendia do seu pulso; depois, saiu do banheiro.

A Sala VIP estava vazia.

Sem saber o que iria encontrar na sala de conferências, saiu para o corredor.

Junto à Sala VIP havia uma porta assinalada como "Sala Regency". Mais à frente no corredor, à espera do elevador, encontrava-se um dos seus sócias.

Quem seria? O homem esfregava os pulsos, como se estivessem doridos; tinha uma marca vermelha no rosto que parecia ter sido provocada por uma mordalha apertada. Era Harvey, que passara a noite amarrado.

Ele levantou os olhos e avistou Steve.

Olharam-se durante um longo momento. Era como se estivessem a olhar-se ao espelho. Steve tentou ver para além da aparência de Harvey, tentou ler-lhe o rosto e ver o seu coração, ver o cancro que o tornara mau. Mas não conseguiu. Viu apenas um homem como ele próprio, que seguira a mesma estrada e tomara um desvio diferente.

Afastou o olhar de Harvey e entrou na Sala Regency.

Ali havia um pandemônio. Jeannie e Lisa estavam no centro de uma multidão de cameramen. Ele viu um, dois, três clones junto delas. Abriu caminho até lá.

— Jeannie! — exclamou.

Jeannie olhou para ele com uma expressão neutra.

— É o Steve! — disse ele.

Mish Delaware estava ao lado dela.

— Se anda à procura do Harvey, ele está lá fora, à espera do elevador — disse ele à detetive.

— Consegue distingui-los? — perguntou Mish a Jeannie.

— Claro. Jeannie olhou para ele e disse: Eu também jogo um pouco de ténis.

Ele sorriu.

— Se só joga um pouco de ténis, provavelmente joga pior do que eu.

— Graças a Deus! — exclamou Jeannie. Lançou-se para Steve,

abraçando-o. Ele sorriu, baixou o rosto na direção do dela e beijaram-se.

As máquinas fotográficas viraram-se para eles, houve uma explosão de flashes, e foi essa fotografia que apareceu nas primeiras páginas de todos os jornais do mundo na manhã seguinte.

MÊS DE JUNHO SEGUINTE

63

Forest Lawns fazia lembrar um agradável hotel antiquado. Tinha papel de parede com flores, louça chinesa em estantes de vidro e algumas mesas com pernas retorcidas. Cheirava a pot-pourri, não a desinfetante, e os empregados tratavam a mãe de Jeannie por "Senhora Ferrami", não por "Maria" ou "querida". A mãe dispunha de uma pequena suíte, com uma salinha onde as visitas podiam sentar-se a beber chá.

— Este é o meu marido, mãe — disse Jeannie. Steve esboçou o seu melhor sorriso e apertou-lhe a mão.

— Que rapaz tão bem parecido — comentou a mãe. O que é que faz, Steve?

— Estudo Direito.

— Direito. É uma boa carreira.

Tinha momentos de lucidez à mistura com longos períodos de confusão.

— O pai foi ao nosso casamento — disse Jeannie.

— Como está ele?

— Bem. Já é muito velho para poder roubar as pessoas, por isso, decidi protegê-las. Abriu a sua empresa de segurança. Está saindo-se bem.

— Já não o vejo há vinte anos.

— Isso não é verdade, mãe. Ele vem visitar-te, mas tu esqueces-te. — Jeannie decidiu mudar de assunto. — Estás com bom aspecto. — A mãe trazia um vestido largo com riscas vermelhas. Fizera uma permanente e tinha as unhas bem tratadas. — Gostas de estar aqui? É melhor que o Bella Vista, não te parece?

A mãe fez um ar preocupado.

— Como é que vamos pagá-lo, Jeannie? Não temos dinheiro.

— Arranjei um emprego novo, mãe. Posso suportar a despesa.

— Que emprego é esse?

Jeannie sabia que ela não iria compreender, mas contou-lhe assim mesmo.

— Sou diretora da Genetics Research, que pertence a uma grande empresa chamada Landsmann. Michael Madigan oferecera-lhe o cargo, depois de alguém lhe ter explicado o funcionamento do programa de busca dela. O ordenado era três vezes superior ao que recebera na Jones Falis. Mais excitante ainda era o trabalho, que estava na vanguarda da investigação genética.

— Isso é bom — comentou a mãe. — Oh! Antes que me esqueça: veio uma fotografia tua no jornal. Guardei-a. — Remexeu na sua mala de mão e tirou de lá um recorte dobrado. Endireitou-o e estendeu-o a Jeannie.

Ela já o conhecia, mas observou-o como se estivesse a vê-lo pela primeira vez. Mostrava-a perante o inquérito que tivera lugar no Congresso a propósito das experiências da Clínica Aventine. A comissão ainda não publicara o seu relatório, mas não havia muitas dúvidas quanto ao seu conteúdo. O interrogatório de Jim Proust, emitido por todas as estações de televisão do país, fora uma humilhação pública sem precedentes. Proust vociferara, gritara e mentira, e a cada palavra a sua culpa tornava-se cada vez mais evidente. Quando terminou, demitiu-se do cargo de senador.

Berrington Jones não pudera demitir-se, mas fora afastado da Jones Falis pelo conselho disciplinar. Jeannie ouvira dizer que ele se mudara para a Califórnia, onde vivia de uma pequena pensão dada pela ex-mulher.

Preston Barck demitira-se do cargo de presidente da Genético, que fora vendida para pagar as indenizações às mães dos oito clones. Fora posta de parte uma pequena importância para ajudar cada um dos clones na sua vida conturbada.

Quanto a Harvey Jones, cumpria cinco anos de prisão por fogo posto e violação.

— Os jornais dizem que teve que testemunhar. Não esteve metida em confusões, pois não?

Jeannie trocou um sorriso com Steve.

— Durante uma semana, em Setembro, tive alguns problemas, mãe. Mas tudo acabou bem.

— Ótimo.

Jeannie levantou-se.

— Agora temos de ir embora. Estamos em lua-de-mel. Vamos apanhar o avião.

— Para onde vão?

— Para uma pequena estância nas Caraíbas. Dizem que é um dos lugares mais bonitos do planeta.

Steve apertou a mão da sogra e Jeannie beijou-a.

— Vê se descansa, querida — disse a mãe quando eles se dirigiam para a porta. — Bem o mereces.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Estou bastante grato às seguintes pessoas pela ajuda que me prestaram enquanto estava a preparar O Terceiro Gêmeo:

Na Polícia da cidade de Baltimore: tenentes Frederic Tabor e Larry Leeson, sargento Sue Young e detetives Alexis Russell, Aaron Stewart, Andrea Nolan e Leonard Douglas;

- Na Polícia do município de Baltimore: sargento David Moxley e detetive Karen Gentry;

- Delegada Cheryl Alston, juíza Barbara Baer Waxman e procurador-geral assistente Mark Cohen;

- Carole Kimmell, enfermeira no Hospital Mercy; professora Trish Vanzandt e colegas da Universidade Johns Hopkins e Miss Bonnie Ariano, diretora do Centro de Agressões Sexuais e Violência Doméstica;

- Na Universidade de Minnesota: professores Thomas Bouchard, Matthew McGue e David Lykken;

- No Pentágono: tenente-coronel Letwich e capitão Regenor;

- Em Fort Detrick, em Frederick, Maryland: Miss Eileen Mitchell, Sr. Chuck Dasey e coronel David Franz;

- Peter D. Martin, do Laboratório Forense da Polícia Metropolitana, Ruth e Norman Glick, peritos informáticos;

- Wade Chambers, Rob Cook e Alan Gold;

- E especialmente Dan Starer, da Research for Writers, Nova Iorque, que me colocou em contacto com a maior parte das pessoas acima referidas.

Também estou grato às minhas editoras Suzanne Baboneau, Marjorie Chapman e Ann Patty, aos amigos e à família, que leram alguns rascunhos do livro e fizeram comentários, incluindo Barbara Follett, Emanuele Follett, Katya Follett, Jann Turner, Kim Turner, John Evans, George Brennam e Ken Burrows, aos agentes Amy Berkower, Bob Bookman e, acima de tudo, ao meu mais antigo colaborador e acérrimo crítico, Al Zuckerman.

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Domingo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[Segunda-feira](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[Terça-feira](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[Quarta-feira](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[Quinta-feira](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[Sexta-feira](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[Sábado](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[Domingo](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

Segunda-feira

62

Mês De Junho Seguinte

63

Agradecimentos